A Canção do Sangue

Livro I da trilogia "A sombra do corvo"

ANTHONY RYAN

LeYa

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Ficha Técnica

Título original: Blood song: a Raven's Shadow Novel

Preparação de texto: Mariana Casetto
Revisão: Patricia Bernardo de Almeida
Capa: Judith Lagerman
Ilustrações de capa: Cliff Nielsen e Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ryan, Anthony
A canção do sangue / Anthony Ryan; tradução de Gabriel Oliva Brum. – São Paulo : LeYa, 2014.
(A Sombra do Corvo)
ISBN 9788544100806
Título original: Blood song: a Raven's Shadow Novel
1. Literatura escocesa 2. Ficção I. Título II. Brum, Gabriel Oliva
14-0569 CDD–891.63

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura escocesa - ficção

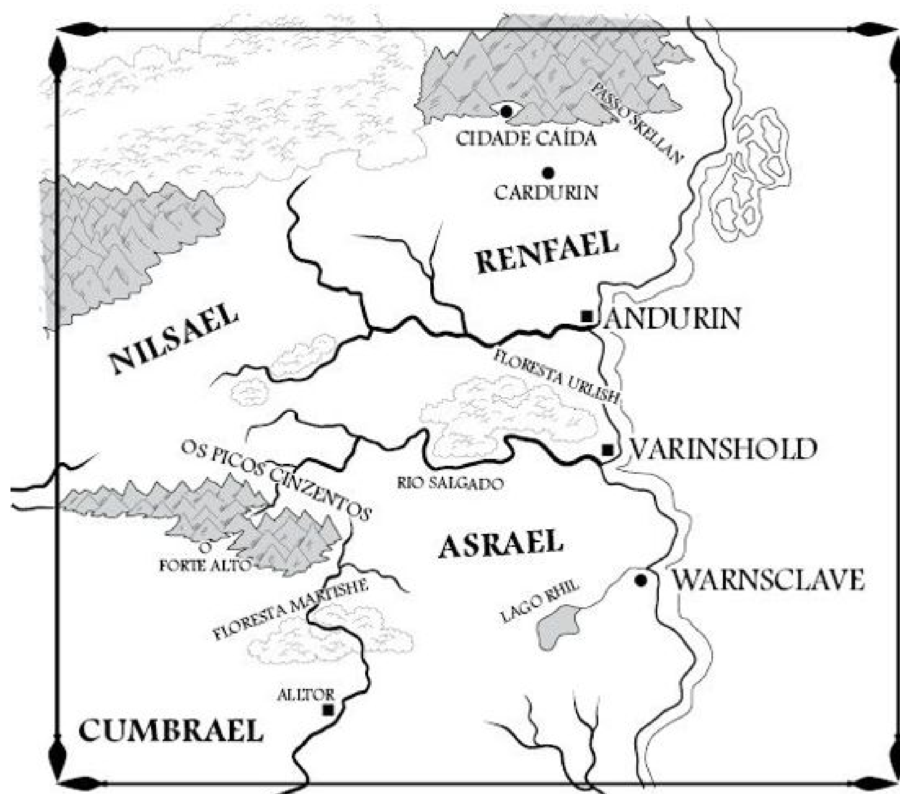
2014
Texto Editores Ltda.
[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo - SP
www.leya.com.br

Para meu pai, que nunca me deixou desistir.

PARTE I

A sombra do corvo
Cobre meu coração,
Cessa o jorro de minhas lágrimas.

— poema seordah, autor desconhecido.


CIDADE CAÍDA
PASSO SKELLAN
CARDURIN
RENFAEL
NILSAEL
ANDURIN
FLORESTA URLISH
VARINSHOLD
OS PICOS CINZENTOS
RIO SALGADO
ASRAEL
O FORTE ALTO
WARNSCLAVE
LAGO RHIL
FLORESTA MARTISHE
ALLTOR
CUMBRAEL

Relato de Verniers

Ele tinha muitos nomes. Embora ainda não tivesse chegado ao trigésimo ano, a História achou apropriado conferir-lhe títulos em abundância: Espada do Reino para o rei louco que o enviara para nos atormentar, o Jovem Falcão para os homens que o seguiam pelas provações da guerra, Lâmina Negra para seus inimigos cumbraelinos e, como eu descobriria muito mais tarde, Beral Shak Ur para as tribos enigmáticas da Grande Floresta do Norte — a Sombra do Corvo.

Porém, meu povo o conhecia por um único nome e era esse que me ecoava na mente sem parar na manhã em que o trouxeram até as docas: Matador do Esperança. Logo você morrerá e assistirei. Matador do Esperança.

Embora ele fosse mais alto que a maioria dos homens, fiquei surpreso ao descobrir que, contrariando as histórias que ouvi, não era um gigante, e, apesar de ter traços fortes, não podiam ser chamados de belos. O corpo era musculoso, mas sem a definição maciça descrita com tantos detalhes pelos contadores de histórias. O único aspecto de sua aparência que tinha respaldo das lendas eram os olhos: negros como azeviche e penetrantes como os de um falcão. Diziam que aqueles olhos podiam desnudar a alma de um homem, que nenhum segredo permanecia oculto sob seu olhar. Jamais acreditei nisso, mas ao vê-lo agora pude entender por que outros acreditavam.

O prisioneiro era acompanhado por um destacamento completo da Guarda Imperial, que cavalgava em uma escolta cerrada, de lanças a postos, olhos graves a

esquadrinhar a multidão de espectadores à procura de qualquer problema. A multidão, no entanto, estava em silêncio. Paravam para vê-lo passar, mas não havia gritos, nem insultos, ou objetos atirados. Lembrei que conheciam esse homem, pois durante algum tempo ele governara a cidade e comandara um exército estrangeiro do lado de dentro das muralhas, mas ainda assim eu não via ódio algum em seus rostos, nenhum desejo de vingança. Pareciam em sua maioria curiosos. Por que ele estava aqui? Por que estava vivo?

O destacamento parou no cais, o prisioneiro desmontou para ser conduzido até a embarcação à espera. Guardei minhas anotações e levantei do barril de especiarias onde descansava, acenando com a cabeça para o capitão.

— Honrado seja, senhor.

O capitão, um oficial veterano da Guarda, com uma cicatriz pálida que lhe descia pela mandíbula e pele de ébano do Império meridional, retribuiu o aceno com uma formalidade praticada.

— Lorde Verniers.

— Teve uma viagem sem incidentes?

O capitão deu de ombros.

— Algumas ameaças aqui e ali. Tive de quebrar algumas cabeças em Jesseria, os moradores queriam enforcar a carcaça do Matador do Esperança no coruchéu do templo.

A deslealdade me deixou indignado. O Édito do Imperador fora lido em todas as cidades pelas quais passaria o prisioneiro, o significado sendo claro: o Matador do Esperança não será ferido.

— O Imperador ficará sabendo — disse eu.

— Como queira, mas é algo de pouca importância. — Virou-se para o prisioneiro. — Lorde Verniers, apresento-lhe o prisioneiro imperial Vaelin Al Sorna.

Acenei com formalidade para o homem alto, o nome

um refrão constante na minha cabeça. Matador do Esperança, Matador do Esperança...

— Honrado seja, senhor — forcei a saudação a sair.

Os olhos negros encontraram os meus por um segundo, penetrantes, indagadores. Por um momento imaginei se as histórias mais extraordinárias seriam verdadeiras, se havia magia no olhar desse selvagem. Poderia mesmo desnudar a verdade da alma de um homem? Desde a guerra abundavam histórias acerca dos poderes misteriosos do Matador do Esperança. Podia falar com animais, comandar os Inomináveis e moldar o clima à sua vontade. Sua lâmina era temperada com o sangue de inimigos caídos e jamais quebraria em batalha. E, pior de tudo, ele e seu povo idolatravam os mortos, comungando com os espíritos de seus antepassados para conjurar toda sorte de perversidade. Pouco crédito eu dava a tais tolices, pois se a magia dos nortistas era tão poderosa, como conseguiram sofrer uma derrota tão esmagadora em nossas mãos?

— Meu senhor.

A voz de Vaelin Al Sorna era áspera e de sotaque carregado; aprendera o alpirano em uma masmorra, e os tons sem dúvida ficaram mais grossos por anos de urros elevados acima do choque das armas e de gritos dos caídos para se conseguir a vitória em cem batalhas, uma das quais me custara meu amigo mais íntimo e o futuro deste Império.

Virei-me para o capitão.

— Por que ele está a ferros? O Imperador ordenou que fosse tratado com respeito.

— As pessoas não queriam vê-lo cavalgar solto — explicou o capitão. — O prisioneiro sugeriu que o prendêssemos para evitar problemas. — Andou até Al Sorna e abriu os grilhões. O homenzarrão massageou os pulsos com as mãos cheias de cicatrizes.

— Meu senhor! — Um grito vindo da multidão. Virei e vi um homem corpulento de manto branco correndo em nossa direção, o rosto úmido pelo esforço não habitual. — Um momento, por favor!

O capitão moveu a mão para mais perto do sabre, mas Al Sorna não estava preocupado e sorria para o homem que se aproximava.

— Governador Aruan.

O homem corpulento parou e enxugou o suor do rosto com um lenço rendado. Na mão esquerda levava um pacote longo enrolado em tecido. Fez um aceno com a cabeça ao capitão e a mim, mas dirigiu-se ao prisioneiro.

— Meu senhor. Nunca pensei que tornaria a vê-lo. Está bem?

— Estou, Governador. E o senhor?

O homem corpulento estendeu a mão direita, o lenço rendado pendendo do polegar, anéis de joias em todos os dedos.

— Não mais Governador. Apenas um pobre mercador atualmente. O comércio não é mais o que já foi, mas fazemos o que podemos.

— Lorde Verniers. — Vaelin Al Sorna gesticulou na minha direção. — Este é Holus Nester Aruan, ex-governador da Cidade de Linesh.

— Honrado senhor — saudou-me Aruan com uma mesura curta.

— Honrado senhor — respondi formal. Então este era o homem de quem o Matador do Esperança capturara a cidade. O fracasso de Aruan em tirar a própria vida em desgraça fora muito comentado após a guerra, mas o Imperador (que os Deuses o preservem em sua sabedoria e misericórdia) concedera clemência à luz das circunstâncias extraordinárias da ocupação do Matador do Esperança. Porém, a clemência não se estendeu à permanência no cargo de Governador.

Aruan voltou-se a Al Sorna.

— Agrada-me encontrá-lo bem. Escrevi ao Imperador implorando misericórdia.

— Eu sei, sua carta foi lida em meu julgamento.

Eu sabia pelos registros do julgamento que a carta de Aruan, cuja composição colocava sua vida em risco, formara parte das evidências que descreviam atos de generosidade e misericórdia curiosamente incomuns da parte do Matador do Esperança durante a guerra. O Imperador ouvira paciente a tudo antes de decretar que o prisioneiro estava sendo julgado por seus crimes, não suas virtudes.

— Sua filha está bem? — perguntou o prisioneiro a Aruan.

— Muito bem, se casará neste verão. Um imprestável filho de armador, mas o que um pobre pai pode fazer? Graças ao senhor, ela pelo menos está viva para me partir o coração.

— Fico feliz. Sobre o casamento, não sobre seu coração partido. Não tenho presentes a oferecer, a não ser meus melhores votos.

— Na verdade, senhor, venho com um presente próprio.

Aruan ergueu o longo pacote embrulhado nas mãos, oferecendo-o ao Matador do Esperança com uma expressão de estranha seriedade.

— Ouvi dizer que logo o senhor precisará disso mais uma vez.

Houve uma clara hesitação nos modos do nortista antes de esticar os braços para receber o embrulho, desfazendo os nós com as mãos marcadas. O tecido removido revelou uma espada de fabricação desconhecida; a lâmina na bainha tinha mais ou menos um metro de comprimento e era reta, diferente dos sabres curvos preferidos pelos soldados alpiranos. Um único dente curvava-se ao redor do punho para formar

uma guarda e o único ornamento da arma era um pomo de aço simples. O punho e a bainha tinham muitos cortes e arranhões que indicavam anos de uso contínuo. Não era uma arma cerimonial e percebi com uma agitação repugnante que era a espada dele*. A espada que levara às nossas praias. A espada que o tornara o Matador do Esperança.*

— Você guardou isso? — perguntei horrorizado a Aruan.

O homem corpulento virou-se para mim com uma expressão gélida.

— A minha honra exigia nada menos que isso, meu senhor.

— Obrigado — disse Al Sorna, antes que mais indignações me saltassem dos lábios. Ergueu a espada e vi o Capitão da Guarda empertigar-se quando Al Sorna sacou a lâmina cerca de um centímetro da bainha e testou o fio com o polegar. — Ainda afiada.

— Foi bem cuidada. Oleada e afiada regularmente. Tenho também algo mais. — Aruan estendeu a mão. Na palma havia um rubi, uma pedra bem lapidada de peso mediano, sem dúvida uma das joias mais valiosas da coleção da família. Eu conhecia a história por trás da gratidão de Aruan, mas sua evidente estima pelo selvagem e a presença nauseante da espada ainda me incomodavam muito.

Al Sorna parecia não saber o que fazer e sacudia a cabeça.

— Governador, eu não posso...

Aproximei-me e falei em voz baixa.

— Ele o honra mais do que você merece, nortista. Sua recusa o insultará e você será desonrado.

Fitou-me de relance com aqueles olhos negros antes de sorrir para Aruan.

— Não posso recusar tamanha generosidade. — Pegou a pedra preciosa. — Eu a guardarei para sempre.

— Espero que não — respondeu Aruan com uma risada. — Um homem só pode guardar uma joia se não precisar vendê-la.

— Vocês aí! — A voz vinha de uma embarcação atracada não muito longe ao longo do cais, uma galé meldeneana de tamanho considerável, a quantidade de remos e a largura do casco indicando que era um cargueiro, e não uma das lendárias belonaves daquela gente. Um homem forte com uma longa barba negra, marcado como capitão pelo lenço vermelho na cabeça, acenava da proa. — Tragam a bordo o Matador do Esperança, seus cães alpiranos! — gritou ele com a costumeira cortesia meldeneana. — Se demorarem mais, vamos perder a maré.

— Nosso transporte para as Ilhas nos aguarda — disse eu ao prisioneiro, juntando minha bagagem. — É melhor evitarmos a ira de nosso capitão.

— Então é verdade — disse Aruan. — O senhor está indo para as Ilhas para lutar pela senhora? — Não me agradava o tom de sua voz, que soava de forma inquietante como reverência.

— É verdade. — Apertou ligeiro a mão de Aruan e acenou com a cabeça para o capitão de sua guarda antes de virar-se para mim. — Meu senhor. Vamos?

— Você pode ser um dos primeiros da fila para lamber os pés de seu Imperador, escrevinhador — disse o capitão do navio, batendo um dedo em meu peito —, mas este navio é meu reino. Ou dorme aqui, ou passa a viagem amarrado ao mastro principal.

Levara-nos a nossos alojamentos, uma seção com cortina no porão de carga, próximo à proa do navio. O porão fedia a água salgada e suja e ao odor misturado da carga, uma miscelânea nauseante de frutas, peixes secos e a miríade de especiarias pelas quais o Império

era famoso. Fiz o possível para não vomitar.

— Sou o Lorde Verniers Alishe Someren, Cronista Imperial, Primeiro dos Eruditos e servo honrado do Imperador — respondi, o lenço que me cobria a boca abafando um pouco as palavras. — Sou emissário dos Senhores Marinhos e acompanhante oficial do prisioneiro imperial. Você me tratará com respeito, pirata, ou trarei a bordo em um instante vinte soldados para açoitá-lo na frente de sua tripulação.

O capitão curvou-se para frente; seu hálito fedia mais do que o porão, por incrível que pareça.

— Então terei vinte e um corpos para alimentar as orcas quando deixarmos o porto, escrevinhador.

Al Sorna empurrou com o pé um dos sacos de dormir no chão e deu uma olhada rápida ao redor.

— Servirá. Precisaremos de água e comida.

Fiquei indignado.

— Está mesmo sugerindo que passemos a noite neste buraco de rato? É nojento.

— Deveria tentar dormir em uma masmorra. Lá também há ratos em abundância. — Virou-se para o capitão. — O barril d’água está na coberta de proa?

O capitão passou um dedo gordo pela barba, contemplando o homem alto, sem dúvida pensando se lhe zombavam e calculando se poderia matá-lo se precisasse. Eles têm um ditado na costa setentrional alpirana: dê as costas para uma serpente, mas nunca para um meldeneano.

— Então você é aquele que vai cruzar espadas com o Escudo? Estão oferecendo vinte para uma contra você em Ildera. Acha que devo arriscar uma moeda com você? O Escudo é a lâmina mais afiada das Ilhas, pode cortar uma mosca ao meio com um sabre.

— Tal fama é digna de respeito. — Vaelin Al Sorna sorriu. — O barril d’água?

— Está lá. Podem beber uma cabaça cada um por dia,

não mais. Minha tripulação não ficará com pouca água por causa de gente como vocês dois. Podem pegar comida na cozinha, se não for incômodo comer com uma escória como nós.

— Sem dúvida já comi com piores. Se precisar de mais um homem nos remos, estou à disposição.

— Já remou antes, é?

— Uma vez.

— Damos conta — grunhiu o capitão. Virou-se para ir, resmungando por sobre o ombro: — Vamos zarpar dentro de uma hora. Fiquem fora do caminho até sairmos do porto.

— Ilhéu selvagem! — exclamei, desembrulhando meus pertences, arrumando minhas penas e tinta. Conferi para ver se não havia ratos à espreita debaixo de meu saco de dormir antes de sentar-me para escrever uma carta ao Imperador. Tinha a intenção de informá-lo de todos os detalhes deste insulto. — Ele não poderá atracar em nenhum porto alpirano, acredite.

Vaelin Al Sorna sentou-se, encostando-se no casco.

— Fala minha língua? — perguntou ele, mudando para o idioma nortista.

— Eu estudo línguas — respondi da mesma forma. — Sei falar fluentemente as sete línguas principais do Império e me comunicar em outras cinco.

— Impressionante. Conhece a língua seordah?

Ergui os olhos do pergaminho.

— Seordah?

— Os seordah sil da Grande Floresta do Norte. Ouviu falar deles?

— Meu conhecimento dos selvagens nortistas está longe de ser abrangente. Até agora vi pouca razão para aumentá-lo.

— Para um homem instruído, você parece feliz com sua ignorância.

— Sinto que falo por minha nação inteira quando digo

que gostaria que tivéssemos permanecido ignorantes a seu respeito.

Inclinou a cabeça, estudando-me.

— É ódio que ouço em sua voz.

Ignorei-o, minha pena movia-se ligeira sobre o pergaminho, preparando a saudação formal das correspondências imperiais.

— Você o conhecia, não? — prosseguiu Vaelin Al Sorna.

Minha pena parou. Recusei-me a olhá-lo nos olhos.

— Conhecia o Esperança.

Coloquei a pena de lado e levantei. O fedor do porão e a proximidade desse selvagem de repente tornaram-se insuportáveis.

— Sim, eu o conhecia — respondi ríspido. — Conhecia-o como o melhor de nós. Conhecia-o como aquele que seria o maior Imperador que esta terra já viu. Mas não é essa a razão do meu ódio, nortista. Odeio-o porque eu conhecia o Esperança como meu amigo, e você o matou.

Afastei-me, subindo a escada para o convés principal, desejando pela primeira vez na vida que pudesse ser um guerreiro, que meus braços fossem musculosos e meu coração duro feito pedra, que eu pudesse empunhar uma espada e vingar-me. Mas tais coisas estavam além das minhas capacidades. Meu corpo era bem cuidado, mas não forte; minha mente era ligeira, mas não implacável. Eu não era um guerreiro. Assim, não haveria vingança para mim. Tudo o que eu podia fazer por meu amigo era testemunhar a morte de seu assassino e escrever o final formal de sua história para o prazer de meu Imperador e a verdade eterna de nossos arquivos.

Fiquei no convés por horas, apoiado no parapeito, observando as águas esverdeadas da costa setentrional alpirana escurecerem para o azul do Mar Erineano

interior enquanto o contramestre do navio batia o tambor para os remadores, e nossa jornada teve início. Assim que nos afastamos da costa, o capitão ordenou que a vela mestra fosse desfraldada e nossa velocidade aumentou, a proa pontuda da embarcação atravessava as ondas suaves, a figura de proa, um entalhe meldeneano tradicional da serpente alada, um de seus inúmeros deuses, mergulhava a cabeça de muitos dentes no meio da espuma. Os remadores mantiveram o ritmo por duas horas até o contramestre anunciar um intervalo, quando largaram os remos e marcharam para a refeição. O efetivo diurno permaneceu no convés, cuidando do cordame e realizando as tarefas intermináveis da vida a bordo de um navio. Alguns me lançaram um ou dois olhares como de costume, mas ninguém tentou conversar, uma graça pela qual fiquei grato.

Estávamos a muitas léguas do porto quando apareceram barbatanas negras cortando as ondas, anunciadas por um grito animado vindo do cesto da gávea.

— Orcas!

Não podia ver quantas eram, moviam-se rápido demais pelo mar, vez ou outra vindo à superfície para lançar uma nuvem de vapor antes de tornarem a mergulhar. Foi só quando se aproximaram que tive uma noção plena de suas proporções, com mais de seis metros do focinho à cauda. Eu já tinha visto golfinhos nos mares do sul, criaturas prateadas e brincalhonas que podiam aprender truques simples. Estas eram diferentes; o tamanho e as formas oscilantes e escuras que traçavam pela água pareciam agourentos, sombras ameaçadoras da crueldade indiferente da natureza. Meus colegas de bordo tinham uma opinião bem diferente, gritando saudações do cordame como se cumprimentassem velhos amigos. Até mesmo a

carranca habitual do capitão parecia ter se suavizado um pouco.

Uma das orcas emergiu de forma espetacular em meio à espuma, girando no ar antes cair de volta ao mar com um estrondo que sacudiu o navio. Os meldeneanos urraram sua aprovação. Oh, Seliesen, *pensei.* O poema que você teria escrito em homenagem a essa visão.

— Eles as consideram sagradas. — Virei-me e vi que o Matador do Esperança juntara-se a mim na amurada. — Dizem que quando um meldeneano morre no mar, as orcas levam seu espírito para o oceano infinito além da borda do mundo.

— Superstição — desdenhei.

— Seu povo tem Deuses, não?

— Meu povo, não eu. Deuses são um mito, uma história consoladora para crianças.

— Tais palavras o fariam bem-vindo em minha terra natal.

— Não estamos em sua terra natal, nortista. E jamais desejarei estar.

Outra orca veio à tona, erguendo-se três metros no ar antes de mergulhar de volta.

— É estranho — disse Al Sorna. — Quando nossos navios atravessaram esse mar, as orcas os ignoraram e aproximaram-se apenas dos meldeneanos. Talvez compartilhem da mesma crença.

— Talvez — disse eu. — Ou talvez apreciem a refeição gratuita. — Indiquei a proa com a cabeça, onde o capitão jogava salmões no mar, as orcas lançando-se sobre os peixes mais rápido do que eu podia acompanhar.

— Por que está aqui, Lorde Verniers? — perguntou Al Sorna. — Por que o Imperador o enviou? Não é um carcereiro.

— O Imperador teve a bondade de aceitar meu pedido

para testemunhar seu duelo vindouro. E para acompanhar a Senhora Emeren de volta para casa, é claro.

— Veio me ver morrer.

— Vim para escrever um relato desse evento para os Arquivos Imperiais. Sou um Cronista Imperial, afinal de contas.

— Assim me disseram. Gerish, meu carcereiro, era um grande admirador de sua história da guerra com meu povo e a considerava a maior obra da literatura alpirana. Ele sabia muito para um homem que passa a vida em uma masmorra. Sentava durante horas do lado de fora da minha cela e lia páginas e mais páginas, em particular as batalhas, ele gostava delas.

— A pesquisa cuidadosa é a chave para a arte do historiador.

— Então é uma pena que a tenha interpretado de forma errada.

Mais uma vez me vi desejando ter a força de um guerreiro.

— Errada?

— Muito.

— Entendo. Se puder vasculhar esse cérebro selvagem, talvez possa me dizer que seções estavam tão erradas.

— Oh, você acertou nas pequenas coisas, na maioria das vezes. Exceto por ter dito que comandei a Legião do Lobo. Na verdade, foi o Trigésimo Quinto Regimento de Infantaria, conhecido entre a Guarda do Reino como Lobos Corredores.

— Vou me certificar em apressar uma edição revisada assim que chegar à capital — disse eu com frieza.

Al Sorna fechou os olhos, recordando.

— "A invasão do litoral norte pelo Rei Janus foi apenas o primeiro passo no caminho de sua grande ambição, a anexação de todo o Império."

Era uma citação literal. Fiquei impressionado com sua memória, mas não diria isso nem morto.

— Uma simples afirmação dos fatos. Vocês vieram para roubar o Império. Janus foi louco por pensar que tal plano poderia ser bem-sucedido.

Al Sorna sacudiu a cabeça.

— Viemos pelos portos costeiros do norte. Janus queria as rotas comerciais no Erineano. E não era louco. Era velho e desesperado, mas não louco.

Fiquei surpreso com a evidente compaixão em sua voz; Janus foi o grande traidor, afinal de contas; era parte da lenda do Matador do Esperança.

— E como conhece tão bem a mente do homem?

— Ele me contou.

— Contou a você? — Gargalhei. — Escrevi milhares de cartas a cada embaixador e oficial real em que pude pensar. Os poucos que se dignaram a responder concordavam em uma coisa: Janus jamais segredou seus planos a ninguém, nem mesmo a sua família.

— E ainda assim você afirma que ele queria conquistar todo seu Império.

— Uma dedução razoável baseada nas evidências disponíveis.

— Razoável, talvez, mas errada. Janus tinha um coração de rei, firme e frio quando precisava ser. Mas não era ganancioso, tampouco sonhador. Sabia que o Reino jamais poderia reunir os homens e os fundos necessários para conquistar seu Império. Viemos pelos portos. Ele disse que era a única maneira de assegurarmos nosso futuro.

— Por que ele lhe confiaria essas informações?

— Tínhamos um... acordo. Contou-me muitas coisas que não contaria a nenhum outro. Algumas de suas ordens exigiam uma explicação antes que eu as obedecesse. Mas às vezes penso que ele apenas precisava conversar com alguém. Até mesmo reis

sentem-se sozinhos.

Senti uma sensação curiosa de sedução; o nortista sabia que eu ansiava pelas informações que podia me dar. Meu respeito por ele aumentou, assim como minha aversão. O homem estava me usando, queria que eu escrevesse a história que tinha para contar. Eu não fazia ideia do porquê. Sabia que era algo que tinha a ver com Janus e o duelo que travaria nas Ilhas. Talvez precisasse desabafar antes do fim, deixar um legado de verdade para que ficasse conhecido pela História como mais do que apenas o Matador do Esperança. Uma tentativa final de redimir tanto a própria alma quanto a de seu rei morto.

Deixei que o silêncio se prolongar, observando as orcas até que se empanturrassem de peixes frescos e partissem para o leste. Por fim, quando o sol começou a descer para o horizonte e as sombras alongaram-se, falei:

— Então me conte.

CAPÍTULO UM

A neblina adensava-se no solo na manhã em que o pai de Vaelin o levou até a Casa da Sexta Ordem. Cavalgava na frente, as mãos agarradas no cepilho da sela, aproveitando a ocasião. Eram raras as vezes em que seu pai o levava para cavalgar.

— Aonde vamos, meu senhor? — perguntara quando o pai o levara até o estábulo.

O homem alto nada disse, mas houve uma pausa muito breve antes que colocasse a sela em um dos cavalos. Acostumado com o fato de o pai não responder a maioria das perguntas, Vaelin não se incomodou.

Cavalgaram para longe da casa, o tropel das ferraduras ressoando nos paralelepípedos. Após algum tempo atravessaram o portão norte, onde os corpos pendiam de jaulas e empesteavam o ar com o fedor nauseabundo de decomposição. Aprendera a não perguntar o que aquelas pessoas haviam feito para merecerem tal punição. Era uma das poucas perguntas que seu pai estava sempre disposto a responder e as histórias que contava deixavam Vaelin suado e com lágrimas nos olhos à noite, choramingando ao ouvir qualquer barulho do lado de fora da janela, imaginando se ladrões, ou rebeldes, ou Negadores tocados pelas Trevas vinham lhe pegar.

As pedras logo deram lugar à relva além das muralhas, seu pai esporeava o cavalo encetando um trote, depois um galope, e Vaelin ria com entusiasmo. Sentiu uma vergonha momentânea por estar se divertindo. Sua mãe falecera há apenas dois meses e o

pesar do pai era uma nuvem negra que pairava sobre toda propriedade, deixando os criados temerosos e fazendo com que as visitas fossem raras. Porém, Vaelin tinha apenas dez anos e uma visão infantil da morte: sentia falta da mãe, mas seu falecimento era um mistério, o maior segredo do mundo adulto, e, apesar de chorar, não sabia o motivo, e ainda roubava doces da cozinheira e brincava com as espadas de madeira no pátio.

Galoparam por vários minutos até o pai puxar as rédeas, embora para Vaelin tenha sido muito pouco, queria galopar para sempre. Haviam parado diante de um imenso portão de ferro. As grades eram altas, maiores do que três homens nos ombros um do outro, cada uma encimada por uma ponta sinistra. No ponto mais alto do arco do portão havia uma figura feita de ferro, um guerreiro, de espada segurada diante do peito, apontada para baixo, o rosto uma caveira ressecada. As muralhas de cada lado eram quase tão altas quanto o portão. À esquerda, um sino de bronze pendia de uma viga de madeira.

O pai de Vaelin desmontou e o ergueu da sela.

— Que lugar é esse, meu senhor? — perguntou ele. A voz pareceu sair como um grito, embora tivesse sussurrado. O silêncio e o nevoeiro o deixavam apreensivo; não gostara do portão e da figura no alto. Sabia com uma certeza pueril que as órbitas vazias eram uma mentira, um truque. A figura os observava e aguardava.

Não houve resposta do pai. Caminhando até o sino, o homem sacou a adaga do cinto e tocou-o com o pomo. O barulho parecia um ultraje no silêncio. Vaelin cobriu os ouvidos com as mãos até que se dissipasse. Quando ergueu os olhos, o pai estava parado à sua frente.

— Vaelin — disse ele na voz grossa de guerreiro. — Lembra-se do lema que lhe ensinei? O credo de nossa

família.

— Sim, meu senhor.

— Diga.

— “A lealdade é nossa força.”

— Sim. A lealdade é nossa força. Lembre-se disso. Lembre-se de que é meu filho e que quero que fique aqui. Neste lugar você aprenderá muitas coisas, se tornará um irmão da Sexta Ordem. Mas será sempre meu filho, e honrará meus desejos.

Detrás do portão veio um ruído de cascalho sendo pisado e Vaelin assustou-se ao ver uma figura alta de manto atrás das grades. Estava esperando por eles. Tinha o rosto oculto pelo nevoeiro, mas Vaelin encolheu-se por perceber que estava sendo observado, avaliado. Olhou para seu pai, vendo um homem grande de traços fortes, barba grisalha e linhas fundas no rosto e na testa. Havia algo de novo em seu semblante, algo que Vaelin jamais vira antes e que não sabia nomear. Anos mais tarde veria a mesma coisa nas faces de milhares de homens e a teria como um velho amigo: medo. Percebeu que os olhos do pai eram singularmente escuros, muito mais escuros do que os da mãe. Era como se lembraria dele pelo resto da vida. Para outros, ele era o Senhor da Batalha, Primeira Espada do Reino, o herói de Beltrian, salvador do Rei e pai de um filho famoso. Para Vaelin, seria sempre um homem receoso que abandonara o filho no portão da Casa da Sexta Ordem.

Sentiu a mão grande do pai em suas costas.

— Agora vá, Vaelin. Vá até ele. Não o machucará.

Mentiroso!, pensou Vaelin com raiva, arrastando os pés no chão enquanto era empurrado até o portão. O rosto da figura de manto ficava mais nítido conforme se aproximavam, longo e estreito, com lábios finos e olhos azul-claros. Vaelin se viu olhando no fundo deles. O homem de rosto longo retribuiu o olhar, ignorando o

pai.

— Qual é seu nome, garoto? — A voz era suave, um suspiro em meio ao nevoeiro.

Vaelin jamais soube por que sua voz não vacilou.

— Vaelin, meu senhor. Vaelin Al Sorna.

Os lábios finos formaram um sorriso.

— Não sou um senhor, garoto. Sou Gainyl Arlyn, Aspecto da Sexta Ordem.

Vaelin lembrou-se das muitas lições de etiqueta da mãe.

— Minhas desculpas, Aspecto.

Ouviu um relincho às costas. Vaelin virou-se e viu o pai cavalgar para longe, o animal sendo rapidamente engolido pelo nevoeiro, o som de cascos batendo na terra macia, desaparecendo até só restar o silêncio.

— Ele não voltará, Vaelin — disse o homem de rosto longo, o Aspecto, que não mais sorria. — Sabe por que o trouxe aqui?

— Para aprender muitas coisas e ser um irmão da Sexta Ordem.

— Sim. Mas ninguém pode entrar sem ser de livre-vontade, seja ele homem ou garoto.

Um desejo súbito de correr, de escapar para dentro do nevoeiro. Fugiria. Encontraria um bando de foras da lei que o aceitariam, viveria na floresta, teria muitas aventuras e fingiria ser órfão... *A lealdade é nossa força.*

O olhar do Aspecto era impassível, mas Vaelin sabia que o homem podia ler cada pensamento seu. Ficou a imaginar mais tarde quantos garotos, levados até lá de arrasto ou enganados por seus pais traiçoeiros, conseguiram fugir e, caso tivessem conseguido, se eles se arrependiam.

A lealdade é nossa força.

— Quero entrar, por favor — disse ao Aspecto. Tinha lágrimas nos olhos, mas piscou para livrar-se delas. — Quero aprender muitas coisas.

O Aspecto estendeu os braços para destrancar o portão. Vaelin notou que as mãos do homem eram cheias de cicatrizes. Fez sinal para que Vaelin entrasse ao abrir o portão.

— Venha, pequeno Falcão. Agora você é nosso irmão.

Vaelin não demorou a perceber que a Casa da Sexta Ordem não era na verdade uma casa, mas sim uma fortaleza. Muralhas de granito erguiam-se como penhascos acima dele enquanto o Aspecto o conduzia ao portão principal. Figuras sombrias patrulhavam as ameias, de arcos nas mãos, fitando-o lá de cima com olhos vazios e nebulosos. A entrada tinha forma de arco, com uma grade erguida para lhes dar passagem. Os dois lanceiros de guarda, ambos alunos veteranos de dezessete anos, curvaram-se em reverência quando o Aspecto passou por eles. Mal notou a presença deles, conduzindo Vaelin pelo pátio, onde outros alunos varriam a palha dos paralelepípedos e o tinido de um martelo batendo em metal vinha da ferraria. Vaelin vira castelos antes; seus pais o levaram até o palácio do Rei certa vez, enfiado nas suas melhores roupas, e o tédio não o deixara ficar parado no lugar enquanto o Aspecto da Primeira Ordem seguia falando em um tom monótono sobre a grandeza do coração do Rei. Mas o palácio do Rei era um labirinto bem iluminado de estátuas e tapeçarias, mármore polido e soldados com peitorais em que era possível enxergar o próprio rosto. O palácio do Rei não fedia a esterco e fumaça nem tinha centenas de portas sombreadas, todas sem dúvida guardando segredos tenebrosos que um garoto não devia conhecer.

— Conte-me o que sabe sobre esta Orden, Vaelin — instruiu o Aspecto, levando-o na direção do torreão principal.

Vaelin recitou um trecho das lições da mãe:

— A Sexta Ordem empunha a espada da justiça e ataca os inimigos da Fé e do Reino.

— Muito bom. — O Aspecto parecia surpreso. — Ensinaram-lhe bem. Mas o que é que fazemos que as outras Ordens não fazem?

Vaelin tentou encontrar uma resposta, até que adentraram o torreão e viram dois garotos, com cerca de doze anos, lutando com espadas de madeira, o estalo simultâneo do freixo em uma troca rápida de estocadas, aparas e golpes cortantes. Os garotos se enfrentavam dentro de um círculo de giz branco; cada vez que a luta os levava para perto da borda do círculo o instrutor, um homem careca esquelético, golpeava-os com uma vara. Mal se retraíam ao receber os golpes, de tão concentrados que estavam no duelo. Um garoto errou uma estocada e foi golpeado na cabeça. Cambaleou para trás, o sangue escorria pela ferida, e desabou sobe a linha do círculo, recebendo outro golpe da vara do instrutor.

— Vocês lutam — disse Vaelin ao Aspecto, a violência e o sangue fazendo com que o coração batesse mais rápido no peito.

— Sim. — O Aspecto parou e olhou-o de cima. — Lutamos. Matamos. Tomamos de assalto muralhas de castelos desafiando flechas e fogo. Enfrentamos as investidas de cavalos e lanças. Abrimos caminho pelas barreiras de piques e dardos para reclamar o estandarte do inimigo. A Sexta Ordem luta, mas luta pelo quê?

— Pelo Reino.

O Aspecto agachou-se até que os rostos ficaram no mesmo nível.

— Sim, o Reino, mas o que é mais que o Reino?

— A Fé?

— Parece incerto, pequeno Falcão. Talvez não seja tão bem ensinado como pensei.

Atrás dele, o instrutor levantava o garoto caído em meio a uma enxurrada de insultos.

— Idiota desajeitado, relaxado, comedor de bosta! Volte para lá. Caia de novo e vou me certificar de que nunca mais levante.

— "A Fé é a soma de nossa história com nosso espírito" — recitou Vaelin. — "Quando adentramos o Além, nossa essência se une às almas dos Finados para que nos guiem nesta vida. Em troca, nós os honramos com fé."

O Aspecto ergueu uma sobrancelha.

— Conhece bem o catecismo.

— Sim, senhor. Minha mãe costumava me dar aulas.

O rosto do Aspecto assumiu uma expressão grave.

— Sua mãe... — Deteve-se. O semblante retornou à mesma máscara desprovida de emoções. — Sua mãe não deve ser mencionada novamente. Nem seu pai, ou qualquer outro membro de sua família. Sua única família agora é a Ordem. Você pertence à Ordem. Compreende?

O garoto com o corte na cabeça tornara a cair e estava sendo espancado pelo mestre, a vara subia e descia em golpes regulares, o rosto esquelético do homem não transparecia muita emoção. Vaelin vira a mesma expressão no rosto do pai quando açoitara um dos cães de caça.

Você pertence à Ordem. Para sua surpresa, o coração se acalmara e não sentiu a voz trêmula quando respondeu ao Aspecto.

— Compreendo.

O nome do mestre era Sollis. Tinha feições esguias e marcadas e os olhos de um bode: cinzentos, frios e arregalados. Deu uma olhada em Vaelin e perguntou:

— Sabe o que é carniça?

— Não, senhor.

Mestre Sollis aproximou-se, elevando-se acima do garoto. O coração de Vaelin ainda recusava-se a bater mais rápido. A imagem do mestre de rosto esquelético golpeando o garoto com a vara no piso do torreão havia substituído o medo por uma raiva crescente.

— É carne morta, garoto — disse Mestre Sollis. — É a carne deixada nos campos de batalha para ser comida por corvos e mastigada por ratos. É o que lhe espera, garoto. Carne morta.

Vaelin nada disse. Os olhos de bode de Sollis tentaram lhe penetrar, mas o garoto sabia que não viam ali medo algum. O mestre o deixava irritado, não amedrontado.

Havia outros dez garotos designados para o mesmo quarto, um sótão na torre norte. Tinham todos sua idade ou outras aproximadas, alguns fungavam isolados pelo abandono, outro sorriam sem parar pela novidade de se separarem dos pais. Sollis fez com que se enfileirassem, acertando com a vara um garoto musculoso que era lento demais.

— Mexa-se com vontade, cabeça de bosta.

Fitava um por vez, aproximando-se de alguns para insultá-los.

— Nome? — perguntou a um garoto louro e alto.

— Nortah Al Sendahl, senhor.

— É mestre, não senhor, sua mula. — Prosseguiu ao longo da fila. — Nome?

— Barkus Jeshua, mestre — respondeu o garoto musculoso que levara a varada.

— Vejo que ainda criam burros de carga em Nilsael.

E assim por diante, até insultar a todos. Por fim, afastou-se para fazer um curto discurso:

— Não há dúvida de que suas famílias os enviaram aqui por razões próprias — disse Sollis. — Queriam que vocês fossem heróis, queriam que vocês lhes honrassem o nome, queriam vangloriar-se sobre vocês

entre goles de cerveja ou vadiando pela cidade, ou talvez apenas quisessem se livrar de um pirralho chorão. Bem, esqueçam-nas. Se os quisessem, vocês não estariam aqui. Vocês agora são nossos, pertencem à Ordem. Aprenderão a lutar, matarão os inimigos do Reino e da Fé até o dia de sua morte. Nada mais importa. Nada mais lhes diz respeito. Vocês não têm família, não têm sonhos, não têm ambições além da Ordem.

Fez os garotos pegarem os sacos de algodão cru das camas, descer correndo os numerosos degraus da torre e atravessar o pátio até o estábulo, onde encheram os sacos com palha debaixo de varadas. Vaelin tinha certeza de que a vara acertou mais as suas costas do que as dos outros, e suspeitava que Sollis o empurrara na direção dos montes de palha mais velha e úmida. Depois que os sacos foram enchidos, o mestre os enxotou de volta à torre, onde os colocaram nas armações de madeira que serviriam de camas. Em seguida, mais uma corrida até as galerias sob o torreão. Sollis fez com que descessem em fila; as respirações pesadas ecoavam pelas paredes enquanto soltavam vapor pela boca no ar gelado. As galerias pareciam enormes arcadas de tijolos que sumiam na escuridão por todos os lados. O medo de Vaelin começou a ser reavivado ao olhar para as sombras, insondáveis e prenhes de ameaças.

— Olhos para frente! — A vara de Sollis deixou um vergão em seu braço e ele sufocou um grito de dor.

— Nova safra, Mestre Sollis? — perguntou uma voz animada. Um homem enorme saiu da escuridão, uma lamparina a óleo bruxuleando no punho imenso. Era o primeiro homem que Vaelin via que parecia mais largo do que alto. A cintura estava confinada em um manto volumoso, azul-escuro como o dos outros mestres, mas com uma rosa vermelha bordada no peito. O manto de

Mestre Sollis não tinha ornamento algum.

— Outro restolho de merda, Mestre Grealin — disse ele com um ar resignado ao homenzarrão.

O rosto carnudo de Grealin abriu-se em um sorriso breve.

— Sorte a deles ter sua orientação.

Houve um momento de silêncio e Vaelin sentiu a tensão entre os dois homens, achando curioso que Sollis tenha sido o primeiro a falar.

— Precisam de equipamento.

— É claro. — Grealin aproximou-se para examiná-los; dava a impressão de ter um passo leve, o que era estranho em um homem tão grande, parecendo deslizar sobre as lajes. — Pequenos guerreiros precisam estar armados para as batalhas vindouras. — O homem ainda sorria, mas Vaelin notou que os olhos não demonstravam contentamento algum ao observar os garotos. Pensou mais uma vez no pai, na postura que assumia quando iam até a feira dos comerciantes de cavalos e um dos criadores tentava fazê-lo se interessar por um cavalo de guerra. O pai andava em volta do animal, dizendo a Vaelin como identificar os sinais de um bom cavalo de guerra; a espessura dos músculos que indicavam se o animal seria forte em uma luta direta, mas lento demais na investida; como era necessário deixar que restasse algum temperamento nas melhores montarias após serem domadas. — Os olhos, Vaelin — dizia-lhe. — Procure um cavalo com uma centelha de fogo nos olhos.

Era isso que Mestre Grealin procurava agora? Fogo em seus olhos? Algo para determinar quem duraria, como se comportariam nas investidas ou nos combates corpo a corpo?

Grealin parou ao lado de um garoto delgado chamado Caenis, que suportara alguns dos piores insultos de Sollis. Grealin o olhou de cima com intensidade, fazendo

o garoto se mexer pouco à vontade sob o olhar inquisidor.
— Qual é seu nome, pequeno guerreiro? — perguntou Grealin.
Caenis teve de engolir antes que pudesse responder.
— Caenis Al Nysa, mestre.
— Al Nysa. — Grealin parecia pensativo. — Uma família nobre de certas posses, se me lembro bem. Terras no sul, aliada por casamento à Casa de Hurnish. Está bem longe de casa.
— Sim, mestre.
— Bem, não se preocupe. A Ordem será sua nova casa. — Deu três tapinhas no ombro de Caenis, que fizeram o garoto retrair-se um pouco. A vara de Sollis sem dúvida o deixara com medo até mesmo do toque mais gentil. Grealin percorreu a fila, fazendo várias perguntas aos garotos, tranquilizando-os; enquanto isso, Mestre Sollis batia a vara na bata, o *tac*, *tac*, *tac* da madeira no couro ecoando pelas galerias.
— Acho que já sei seu nome, pequeno guerreiro — disse Grealin, parado feito uma torre diante de Vaelin. — Al Sorna. Seu pai e eu lutamos juntos na guerra meldeneana. Um grande homem. Você se parece com ele.
Vaelin percebeu a armadilha e não hesitou.
— Não tenho família, mestre. Apenas a Ordem.
— Ah, mas a Ordem é uma família, pequeno guerreiro. — Grealin deu uma risada curta e seguiu em frente. — E Mestre Sollis e eu somos seus tios. — Isso fez com que risse ainda mais. Vaelin olhou de relance para Sollis, que agora fitava Grealin com ódio evidente.
— Sigam-me, homenzinhos galantes! — gritou Grealin, a lamparina erguida acima da cabeça ao adentrar as galerias. — Não se percam, os ratos não gostam de visitantes, e alguns deles são maiores do que vocês. — Gargalhou de novo. Ao lado de Vaelin, Caenis deixou

escapar um gemido, os olhos arregalados voltados para a escuridão insondável.

— Ignore-o — sussurrou Vaelin. — Não há ratos aqui embaixo. O lugar é limpo demais, não há nada para comerem. — Não tinha certeza absoluta de que era verdade, mas pareceu levemente encorajador.

— Feche essa boca, Sorna! — A vara de Sollis estalou acima de sua cabeça. — Continuem andando.

Seguiram a lamparina de Mestre Grealin em meio às trevas para o interior das galerias vazias, passos e a risada do homem gordo mesclando-se para formar um eco surreal interrompido pelo estalo ocasional da vara de Sollis. Os olhos de Caenis iam de um lado para o outro sem cessar, sem dúvida à procura de ratos gigantes. Pareceu que uma eternidade se passara antes que chegassem a uma sólida porta de carvalho na alvenaria bruta. Grealin mandou que esperassem enquanto soltava as chaves do cinto e destrancava a porta.

— Agora, homenzinhos — disse ele, abrindo a porta. — Vamos armá-los para as batalhas vindouras.

A sala do outro lado da porta parecia cavernosa. Inúmeros cavaletes de espadas, lanças, arcos, dardos e uma centena de outras armas reluziam à luz das tochas, e barris e mais barris estavam alinhados nas paredes junto a incontáveis sacos de farinha e grãos.

— Meu pequeno domínio — informou-lhes Grealin. — Sou o Mestre das Galerias e guardião do arsenal. Não há um grão de feijão ou ponta de flecha nesse depósito que eu não tenha contado duas vezes. Se precisarem de alguma coisa, sou eu quem lhes fornecerá. E responderão a mim se a perderem. — Vaelin percebeu que o sorriso desaparecera.

Fizeram fila do lado de fora do depósito enquanto Grealin pegava os fardos, dez sacos cinzentos de musselina cheios com vários itens.

— Estes são os presentes da Ordem, homenzinhos — contou-lhes Grealin animado, passando ao longo da fila para depositar um saco aos pés de cada garoto. — Encontrarão o seguinte em cada um dos sacos: uma espada de madeira de padrão asraelino, uma faca de caça de trinta centímetros de comprimento, um par de botas, dois pares de calças, duas camisas de algodão, um manto, uma presilha, uma bolsa, vazia, é claro, e um destes... — Mestre Grealin ergueu algo contra a lanterna que cintilou com a luz, girando devagar em uma corrente. Era um medalhão, um círculo de prata com uma figura que Vaelin reconheceu como o guerreiro com rosto de caveira situado acima do portão do lado de fora da Casa da Ordem. — Este é o símbolo de nossa Ordem — prosseguiu Mestre Grealin. — Representa Saltroth Al Jenrial, primeiro Aspecto da Ordem. Usem-no sempre, quando dormirem, quando se banharem, sempre. Estou certo de que Mestre Sollis tem muitas punições em mente para garotos que se esquecem de usar o medalhão.

Sollis continuou em silêncio; a vara que ainda batia na bota dizia tudo.

— Meu outro presente são apenas algumas palavras de conselho — continuou Mestre Grealin. — A vida na Ordem é dura e, não raro, curta. Muitos de vocês serão expulsos antes do teste final, talvez todos, e aqueles que ganharem o direito de permanecer conosco passarão o resto de suas vidas patrulhando fronteiras distantes, lutando guerras intermináveis contra selvagens, foras da lei ou hereges, no decorrer das quais é muito provável que vocês morram se tiverem sorte, ou sejam mutilados, se não tiverem. Os poucos que ainda estiverem vivos após quinze anos de serviço receberão suas próprias unidades para comandarem, ou voltarão aqui para ensinar aqueles que os substituirão. Essa é a vida que suas famílias lhes deram. Pode não

parecer, mas é uma honra. Apreciem-na, escutem seus mestres, aprendam o que temos para ensinar e sirvam sempre a Fé. Lembrem-se dessas palavras e viverão por muito tempo na Ordem. — Voltou a sorrir, estendendo as mãos gordas. — Isso é tudo o que tenho para lhes dizer, pequenos guerreiros. Saiam daqui agora. Sem dúvida os verei em breve, quando perderem seus preciosos presentes. — Gargalhou e desapareceu dentro do depósito, e o eco da gargalhada acompanhou os garotos enquanto a vara de Sollis os enxotou para fora das galerias.

O poste tinha quase dois metros de altura e era pintado de vermelho no topo, azul no meio e verde na base. Havia cerca de vinte deles, pontuando o campo de treinamento, testemunhas silenciosas do tormento dos garotos. Sollis os fez ficar de pé diante de um poste e acertar as cores com as espadas de madeiras conforme gritava os nomes.

— Verde! Vermelho! Verde! Azul! Vermelho! Azul! Vermelho! Verde! Verde...

O braço de Vaelin começou a doer depois dos primeiro minutos, mas continuou a golpear com a espada de madeira o mais forte que podia. Barkus abaixara o braço por um instante depois de alguns golpes e recebeu uma salva de varadas, tirando-lhe o sorriso habitual do rosto e deixando-lhe a testa ensanguentada.

— Vermelho! Vermelho! Azul! Verde! Vermelho! Azul! Azul...

Vaelin descobriu que os golpes causavam pontadas de dor em seu braço se não virasse a espada no último instante, deixando que a lâmina deslizasse em um corte pelo poste em vez chocar-se contra ele. Sollis parou atrás, fazendo com que as costas do garoto coçassem com a expectativa de uma varada. Mas Sollis apenas

observou por um momento e grunhiu antes de ir punir Nortah por atingir o azul em vez do vermelho.

— Abra os ouvidos, seu palhaço fresco! — Nortah levou um golpe no pescoço e conteve as lágrimas para continuar a luta contra o poste.

Sollis os manteve ali por horas, a vara um contraponto doloroso às pancadas secas das espadas contra os postes. Após algum tempo, fez com que trocassem de mão.

— Um irmão da Ordem luta com as duas mãos — disse a eles. — Perder um membro não é desculpa para covardia.

Depois de outra hora interminável, o mestre os mandou parar, fazendo-os entrar em fila enquanto trocava a vara por uma espada de madeira. Era de padrão asraelino, como a deles: uma lâmina reta com um palmo e meio de punho e pomo e um dente fino de metal que se curvava ao redor do punho para proteger os dedos de quem empunhava a arma. Vaelin conhecia espadas; seu pai tinha muitas penduradas acima da lareira na sala de jantar, uma tentação para suas mãos de garoto, embora jamais tenha ousado tocá-las. É claro, eram maiores do que esses brinquedos de madeiras, as lâminas com um metro ou mais de comprimento e gastas pelo uso, mantidas afiadas, mas com o gume irregular que era resultado do uso da pedra do ferreiro no conserto das lascas e mossas que uma espada acumulava no campo de batalha. Havia uma espada que sempre lhe chamava mais a atenção do que as outras, pendurada no alto da parede bem longe do seu alcance, a lâmina apontada para baixo na direção do seu nariz. Era simples, asraelina como a maioria das outras, e sem o trabalho elaborado de algumas, mas, ao contrário delas, a lâmina não fora restaurada — recebera polimento, mas cada lasca, arranhão e mossa foram deixados para desfigurar o aço. Vaelin não

ousava perguntar ao pai a respeito, então foi ter com a mãe, com temor não muito menor; sabia que ela odiava as espadas do pai. Encontrou-a na sala de estar, lendo como fazia com frequência. Eram os primeiros dias da doença e o rosto ficara tão emaciado que Vaelin não podia evitar fitá-lo. A mãe sorriu quando ele entrou, fez sinal para que se sentasse ao lado dela. Gostava de mostrar os livros ao filho, que ficava olhando as gravuras enquanto ela lhe contava histórias sobre a Fé e o Reino. Vaelin ouviu paciente o conto de Kerlis, o Ímpio, amaldiçoado com a morte eterna por negar a orientação dos Finados, até que a mãe fez uma pausa longa o suficiente para que perguntasse:

— Mãe, por que o pai não conserta a espada?

Ela parou no meio da página, sem olhá-lo. O silêncio arrastou-se e o garoto imaginou se a mãe adotaria a prática do pai de simplesmente ignorá-lo. Estava prestes a se desculpar e pedir permissão para se retirar quando ela disse:

— Foi a espada que seu pai ganhou quando alistou-se no exército do Rei. Lutou com ela por muitos anos durante o nascimento do Reino, e quando a guerra acabou o Rei fez dele uma Espada do Reino, que é a razão por você se chamar Vaelin Al Sorna, e não apenas Vaelin Sorna. As marcas na lâmina são a história de como seu pai veio a ser quem é. E é por isso que ele a mantém assim.

— Acorde, Sorna! — O berro de Sollis o trouxe de volta ao presente com um sobressalto. — Você pode ser o primeiro, cara de rato — Sollis disse a Caenis, fazendo sinal para que o garoto magro se posicionasse alguns metros à sua frente. — Vou atacar, você vai defender. Ficaremos aqui até que um de vocês apare um golpe.

Ele parecia um borrão, movendo-se rápido demais para ser acompanhado, a espada estendida em uma estocada que atingiu Caenis em cheio no peito antes

que pudesse erguer a espada, derrubando-o.

— Patético, Nysa — disse Sollis áspero. — Você aí, chamado Dentos, é o próximo.

Dentos era um garoto de rosto afilado, cabelos escorridos e um jeito desengonçado de andar. Falava em um dialeto renfaelino ocidental carregado que estava longe de agradar Sollis.

— Luta tão bem quanto fala — comentou o mestre depois que a lâmina de freixo de sua espada estalara nas costelas de Dentos, deixando o garoto sem ar no chão. — Jeshua, você é o próximo.

Barkus conseguiu esquivar-se da primeira estocada ligeira, mas o contragolpe não encontrou a espada do mestre e o garoto foi ao chão com um golpe rasteiro nas pernas.

Os dois garotos seguintes caíram depressa, assim como Nortah, embora tivesse quase conseguido aparar a estocada, que em nada impressionou Sollis.

— Tem que fazer melhor do que isso. — Virou-se para Vaelin. — Vamos acabar com isso, Sorna.

Vaelin posicionou-se diante de Sollis e aguardou. Sollis fitou-lhe nos olhos, um olhar frio que exigia atenção, os olhos pálidos *fixos* nos seus... Vaelin não pensou, apenas agiu, deu um passo para o lado e ergueu a espada, e a lâmina aparou o golpe de Sollis com um estalo seco.

Vaelin recuou, a espada a postos para outro golpe. Tentava ignorar o silêncio glacial dos outros, concentrando-se no próximo ataque provável de Mestre Sollis, um ataque sem dúvida alimentado pela fúria da humilhação. Mas o ataque não ocorreu. Mestre Sollis simplesmente guardou a espada de madeira e disse que juntassem as coisas e o seguissem até o salão de jantar. Vaelin observou-o com atenção quando atravessaram o campo de treinamento e entraram no pátio, à procura de alguma tensão repentina que indicasse outra varada,

mas o aspecto sisudo de Sollis não se alterou. Vaelin achava difícil de acreditar que o mestre engoliria o insulto e jurou não ser pego desprevenido quando chegasse a hora da punição inevitável.

A hora da refeição foi um tanto surpreendente. O salão estava cheio de garotos e do barulho de vozes entretidas com as zombarias e fofocas habituais da juventude. As mesas eram organizadas por idade, os mais jovens perto das portas, onde ficariam no caminho das correntes de ar mais fortes, e os mais velhos na ponta oposta, perto da mesa dos mestres. Parecia haver cerca de trinta mestres no total, a maioria homens silenciosos de olhar severo, muitos com cicatrizes, alguns exibiam queimaduras pálidas. Um homem, sentado na ponta da mesa comendo sossegado um prato de pão e queijo, parecia que tivera o couro cabeludo inteiro queimado. Somente Mestre Grealin parecia alegre, rindo abertamente, com um pernil na mão enorme. Os outros mestres pareciam ignorá-lo ou acenar com a cabeça educadamente ao ouvirem o que quer que fosse engraçado que o homem tinha para compartilhar.

Mestre Sollis os levou até a mesa mais perto da porta e mandou que sentassem. Já havia outro grupo de garotos com mais ou menos a mesma idade à mesa. Haviam chegado algumas semanas mais cedo e estavam treinando por mais tempo com outros mestres. Vaelin notou a superioridade escarnecedora de alguns, as cutucadas e sorrisos maliciosos, e não gostou do que viu.

— Podem conversar à vontade — disse-lhes Sollis. — Comam a comida, não a joguem uns nos outros. Vocês têm uma hora. — Curvou-se para sussurrar no ouvido de Vaelin. — Se brigar, não quebre ossos. — E com isso

partiu para se juntar aos outros mestres.

A mesa estava repleta de pratos com frango assado, tortas, frutas, pães, queijos e até mesmo bolos. O banquete contrastava com a austeridade que Vaelin encontrara até então. Havia visto tanta comida em um só lugar apenas uma vez, no palácio do Rei, e na época mal teve permissão para comer alguma coisa. Sentaram-se em silêncio por um momento, em parte espantados com a quantidade de comida na mesa, mas principalmente por simples embaraço; afinal, eram estranhos ali.

— Como você conseguiu?

Vaelin ergueu a cabeça e viu que Barkus, o robusto garoto nilsaelino, dirigia-se a ele por sobre uma montanha de doces entre os dois.

— O quê?

— Como você conseguiu aparar o golpe?

Os outros garotos o olhavam atentos, Nortah pressionava um guardanapo no lábio ensanguentado que Sollis lhe dera. Não sabia dizer se estavam com inveja ou ressentidos.

— Os olhos dele — disse Vaelin, pegando um jarro d’água e enchendo uma taça de latão comum ao lado do prato.

— O que tem os olhos dele? — perguntou Dentos, que pegara um pão e enfiava pedaços dele na boca, as migalhas caindo em profusão dos lábios ao falar. — Tá dizendo que foram as Trevas?

Nortah riu, assim como Barkus, mas o resto dos garotos pareceu sentir um arrepio com a sugestão, exceto Caenis, que estava concentrado em uma porção modesta de frango e batatas, aparentemente alheio à conversa.

Vaelin mexeu-se no assento, não gostando da atenção.

— Ele olha fixamente para você — explicou o garoto.

— Olha fixamente, você faz o mesmo, ficam com os olhares presos um no outro e Sollis ataca quando você ainda está pensando no que ele está planejando. Não o olhe nos olhos, olhe para os pés e a espada dele.

Barkus deu uma mordida em uma maçã e resmungou.

— Ele tem razão, sabe. Achei que o mestre estava tentando me hipnotizar.

— O que é hipnotizar? — perguntou Dentos.

— Parece magia, mas é só um truque — respondeu Barkus. — Na Feira de Verão do ano passado havia um homem que podia fazer as pessoas pensarem que eram porcos. Fazia com que cavoucassem a terra, grunhissem e rolassem na merda.

— Como?

— Não sei, algum tipo de truque. O homem sacudia alguma coisa na frente dos olhos das pessoas e falava com elas por algum tempo em voz baixa, então faziam qualquer coisa que mandasse.

— Acha que Mestre Sollis pode fazer algo assim? — perguntou Jennis, o garoto que Sollis dissera se parecer com um burro.

— Pela Fé, quem sabe? Ouvi dizer que os Mestres das Ordens conhecem muitas coisas das Trevas, especialmente na Sexta Ordem. — Barkus ergueu uma coxa de frango para apreciá-la antes de dar uma mordida grande. — Parece que conhecem bem a arte da culinária. Fazem a gente dormir sobre palha e nos espancam todas as horas do dia, mas querem nos alimentar bem.

— É — concordou Dentos. — Como o cachorro do meu tio Sim.

Fez-se um silêncio confuso.

— O cachorro do seu tio Sim? — indagou Nortah.

Dentos assentiu, ocupado em mastigar um bocado de torta.

— Rosnador. O melhor cão de luta dos condados do

oeste. Dez vitórias antes de ter a garganta arrancada no inverno passado. O tio Sim amava aquele cachorro. Tinha quatro filhos e três mulheres diferentes, vejam só, mas amava o cachorro mais do que qualquer um deles. Dava de comer pro Rosnador antes dos filhos. As melhores partes, vejam bem. Dava mingau pros filhos e filé pro cachorro. — Deu uma gargalhada enviesada. — Velho maldito.

Nortah continuou sem entender.

— O que tem a ver um plebeu renfaelino alimentar seu cão?

— Para que lutasse melhor — disse Vaelin. — Uma alimentação boa deixa os músculos mais fortes. É por isso que cavalos de guerra são alimentados com os melhores milhos e aveias, e não pastam. — Apontou com a cabeça para a comida na mesa. — Quanto melhor nos alimentarem, melhor lutaremos. — Olhou nos olhos de Nortah. — E acho que você não devia chamá-lo de plebeu. Somos todos plebeus aqui.

Nortah devolveu o olhar com frieza.

— Você não tem direito algum de liderar, Al Sorna. Pode ser o filho do Senhor da Batalha...

— Não sou filho de ninguém, e nem vocês. — Vaelin pegou um pão; o estômago reclamava. — Não mais.

Ficaram em silêncio, concentrando-se na refeição. Depois de algum tempo, uma briga teve início em uma das outras mesas, pratos e comida eram espalhados em meio a punhos e chutes. Alguns garotos entraram na briga de imediato, outros ficaram em volta dando gritos de encorajamento, a maioria simplesmente permaneceu nas mesas, alguns nem mesmo ergueram as cabeças. A briga continuou por alguns minutos até que um dos mestres, o homenzarrão com o couro cabeludo queimado, apareceu para dar fim à confusão, manejando uma vara pesada com uma eficácia inflexível. Os garotos que estiveram no meio da luta

foram examinados para ver se não tinham ferimentos sérios; limparam o sangue dos narizes e lábios e foram enviados de volta à mesa. Outro fora nocauteado e dois garotos foram encarregados de carregá-lo até a enfermaria. Logo o barulho das conversas retornou ao salão como se nada tivesse acontecido.

— Fico pensando em quantas batalhas vamos lutar — disse Barkus.

— Um monte — respondeu Dentos. — Ouviu o que o mestre gordo disse.

— Dizem que guerras no Reino são coisas do passado — disse Caenis. Foi a primeira vez que falara e parecia ter receio de dar uma opinião. — Talvez não haja batalhas para lutarmos.

— Sempre há outra guerra — disse Vaelin. Era algo que ouvira a mãe dizer; na verdade, ela gritara para o pai durante uma de suas discussões. Foi antes da última vez que seu pai se ausentou, antes que ela adoecesse. O Mensageiro do Rei chegara pela manhã com uma carta selada. Após lê-la, o pai começou a preparar as armas e ordenou que o cavalariço selasse a melhor montaria. A mãe de Vaelin chorara e foram discutir na sala de leitura, longe dos olhos do garoto. Não conseguiu ouvir as palavras do pai, que falava em voz baixa, apaziguador. A mãe não aceitaria nada daquilo.

— Não venha à minha cama quando retornar! — gritou ela. — Seu fedor de sangue me enoja.

O pai disse mais alguma coisa, ainda mantendo o mesmo tom conciliador.

— Você disse isso da última vez. E da vez anterior a ela — respondeu a mãe. — E dirá de novo. Sempre há outra guerra.

Em seguida ela começou a chorar mais uma vez e fez-se um silêncio na casa antes que o pai aparecesse, desse uns tapinhas na cabeça de Vaelin e saísse para montar no cavalo à espera. Quando o pai retornou

quatro longos meses depois, Vaelin notou que os pais dormiram em quartos separados.

Após a refeição era hora do serviço. Os pratos foram retirados e todos permaneceram sentados em silêncio enquanto o Aspecto recitava os artigos da Fé com uma voz clara e ressoante que preenchia o salão. Apesar de seu humor melancólico, Vaelin achou as palavras do Aspecto estranhamente edificantes, fazendo-o pensar na mãe e na força da crença dela, que nunca esmoreceu durante todo o período da doença. Pensou por um instante se teria sido mandado àquele lugar se a mãe ainda estivesse viva, e soube com absoluta certeza que ela jamais teria permitido.

Quando o Aspecto terminou a recitação, disse-lhes para que tivessem um momento de contemplação particular e dessem graças pelas bênçãos aos Finados. Vaelin enviou seu amor à mãe e pediu que lhe guiasse nas provações por vir, segurando as lágrimas ao fazê-lo.

A primeira regra da Ordem parecia ser que os garotos mais novos ficavam com as piores tarefas. Assim, após o serviço, Sollis os levou até o estábulo, onde passaram várias horas imundas limpando as baias. Depois tiveram de transportar o esterco até os montes de estrume nos jardins de Mestre Smentil. Era um homem muito alto que parecia não poder falar, mostrando-lhes o que tinha que ser feito com gestos frenéticos das mãos escuras de terra e grunhidos estranhos e guturais, cujo tom variado indicava se estavam fazendo algo certo ou não. Comunicava-se com Sollis de maneira diferente, usando gestos complexos com as mãos que o mestre parecia compreender na mesma hora. Os jardins eram grandes, abrangiam pelo menos dois acres de terra do lado de fora das muralhas, e eram compostos por longas fileiras de repolhos, nabos e outras hortaliças. O mestre

cultivava também um pequeno pomar, cercado por uma muralha de pedra. Como era o final do inverno, estava ocupado com a poda, e uma das tarefas dos garotos era recolher os galhos cortados para serem usados como lenha.

Foi quando levavam os cestos de lenha de volta ao torreão principal que Vaelin atreveu-se a fazer uma pergunta a Mestre Sollis.

— Por que Mestre Smentil não pode falar, mestre?

Estava preparado para uma varada, mas Sollis limitou a repreensão a um olhar sério. Marcharam em silêncio por alguns momentos antes de Sollis resmungar:

— Os lonaks cortaram-lhe a língua.

Vaelin não pôde evitar um estremecimento. Ouvira falar dos lonaks, todos ouviram. Pelo menos uma das espadas da coleção de seu pai fora usada em uma campanha contra os lonaks. Eram homens selvagens das montanhas do norte longínquo que adoravam saquear as fazendas e aldeias de Renfael, estuprando, roubando e matando com um prazer animalesco. Alguns os chamavam de lobisomens, pois diziam que neles cresciam pelos e dentes e que comiam a carne dos inimigos.

— Como é que ele ainda está vivo, mestre? — perguntou Dentos. — Meu tio Tam lutou com os lonaks e disse que eles nunca deixam um homem vivo depois que o pegam.

O olhar que Sollis lançou a Dentos foi mais penetrante que o recebido por Vaelin.

— Ele escapou. É um homem bravo e engenhoso e uma honra para a Ordem. Já falamos o bastante sobre isso. — Deu com a vara nas pernas de Nortah. — Levante os pés, Sendahl.

Depois das tarefas, praticaram mais com as espadas. Desta vez, Sollis executaria uma série de movimentos que eles teriam de copiar. Se algum deles errasse, faria

com que corressem ao redor do campo de treinamento. A princípio pareciam errar a cada tentativa e tiveram que correr muito, mas no fim acertavam mais do que erravam.

Sollis encerrou a sessão quando o céu começou a escurecer e retornaram ao salão de jantar para a refeição da noite, que consistia em pão e leite. Houve pouca conversa; estavam cansados demais. Barkus fez algumas piadas e Dentos contou uma história sobre outro de seus tios, mas não houve muito interesse. Após a refeição, Sollis os forçou a subir as escadas correndo até o quarto, então os colocou em fila, ofegantes e esgotados.

— Seu primeiro dia na Ordem está terminado — informou-lhes. — É uma regra da Ordem vocês poderem partir pela manhã, caso desejem. Daqui em diante só ficará mais difícil, então pensem com cuidado.

Deixou-os ali, ofegando à lua de velas, pensando na manhã.

— Acham que um dia vão nos dar ovos no café da manhã? — perguntou Dentos.

Mais tarde, enquanto se remexia na cama de palha, Vaelin percebeu que não conseguia dormir, apesar do cansaço. Barkus roncava, mas não era isso que o mantinha acordado. Tinha a cabeça cheia com a enormidade da mudança em sua vida no decorrer de um único dia. O pai o entregara, empurrara-o para esse lugar de surras e lições sobre a morte. Estava claro que era odiado pelo pai; era uma lembrança da esposa morta que era melhor ser mantida fora de vista. Bem, Vaelin também podia odiar; odiar era fácil. O ódio lhe daria forças, caso o amor de sua mãe não pudesse fazê-lo. *A lealdade é nossa força.* Bufou uma risada silenciosa de escárnio. *Deixe a lealdade ser sua força, pai. Meu ódio por você será a minha.*

Alguém chorava no escuro, derramando lágrimas

sobre um travesseiro de palha. Era Nortah? Dentos? Caenis? Não havia como saber. Os soluços eram um desconsolado contraponto profundamente solitário ao ritmo regular e pesado do ronco de Barkus. Vaelin também queria chorar, queria debulhar-se em lágrimas e sentir pena de si mesmo, mas as lágrimas não vinham. Ficou acordado na cama, inquieto, o coração a bater tão forte com ódio e fúria alternados que pensou que lhe saltaria do peito. O pânico fez com que batesse ainda mais rápido, deixando-o banhado de suor. Era terrível, insuportável, tinha que sair dali, fugir daquele lugar...

Vaelin.

Uma voz. Uma palavra falada na escuridão. Clara, real e verdadeira. O coração acelerado acalmou-se assim que se sentou, percorrendo o quarto sombrio com o olhar. Não sentia medo, pois conhecia a voz. A voz de sua mãe. O espírito dela viera até ele, viera para confortá-lo, para salvá-lo.

Ela não tornou a aparecer; manteve os ouvidos atentos por mais uma hora, mas nenhuma outra palavra foi dita. Porém, sabia que a tinha ouvido. Ela viera.

Deitou-se no palheiro desconfortável do colchão, sendo por fim vencido pelo cansaço. Os soluços haviam cessado e os roncos de Barkus pareciam mais suaves. Vaelin caiu em um sono tranquilo e sem sonhos.

CAPÍTULO DOIS

Vaelin já estava há um ano na Ordem quando matou um homem pela primeira vez. Um ano de lições rígidas dadas por mestres rígidos, um ano de uma rotina infindável e castigadora. Acordavam à quinta hora e começavam com a espada, horas golpeando os postes com as lâminas de madeira no campo de treinamento, tentando bloquear os ataques de Mestre Sollis e copiando os movimentos cada vez mais complicados que ele os ensinava. Vaelin continuava sendo o mais habilidoso em aparar os golpes de Sollis, mas o mestre com frequência encontrava uma brecha em sua defesa e mandava-o para o chão contundido e frustrado. Aprendera bem a lição de não se deixar ficar preso ao olhar do mestre, mas Sollis conhecia muitos outros truques.

Feldrian era dedicado inteiramente à prática da espada, mas Ildrian era o dia do arco, quando Mestre Checkrin, um nilsaelino musculoso de fala macia, botava-os a disparar flechas contra alvos com arcos menores que os de adultos.

— Ritmo, garoto, está tudo no ritmo — dizia o mestre. — Encaixem, estiquem, disparem... Encaixem, estiquem, disparem...

Vaelin achava o arco uma arte difícil de dominar. Não era fácil puxar a corda e mirar, o que deixava as pontas de seus dedos em carne viva e os braços doloridos pelo esforço. As flechas costumavam parar nas bordas do alvo ou errá-lo por completo. Começou a temer o dia em que teria de passar pelo Teste do Arco, quatro

flechas acertadas na mosca a uma distância de vinte passos no tempo que levava para um lenço cair no chão. Parecia uma tarefa impossível.

Dentos logo se mostrou o melhor arqueiro, com flechas que raramente não acertavam na mosca.

— Já fez isso antes, não é, garoto? — perguntou-lhe Mestre Checkrin.

— Sim, mestre. Meu tio Drelt me ensinou. Ele costumava caçar os veados do Senhor Feudal, até que cortaram fora seus dedos.

Para o aborrecimento de Vaelin, Nortah era o segundo melhor, as flechas acertando na mosca com uma regularidade irritante. A tensão entre os dois crescera desde a primeira refeição, não ajudada em nada pela arrogância do garoto louro. Escarnecia dos erros dos outros garotos, normalmente pelas costas, e vivia falando da própria família, embora nenhum outro garoto fizesse o mesmo. Nortah falava das terras da família, das muitas casas, dos dias que passara caçando e cavalgando com o pai, que ele dizia ser o Primeiro-Ministro do Rei. Fora o pai quem o ensinara a usar o arco, um arco longo de teixo como o usado pelos cumbraelinos, diferente do arco composto de chifre e freixo que usavam ali. Nortah achava o arco longo uma arma superior; e, de qualquer forma, assim também jurava seu pai. O pai de Nortah parecia ser um homem de muitas opiniões.

Oprian era o dia do bastão, ensinado por Mestre Haunlin, o homem queimado que Vaelin vira pela primeira vez no salão de jantar. Treinavam com bastões de madeira de cerca de um metro e vinte de comprimento, que mais tarde seriam substituídos pelas alabardas de um metro e meio usadas pela Ordem quando lutavam em massa. Haunlin era um homem alegre, que sorria com facilidade e gostava de canções. Era comum o mestre cantar ou entoar algo enquanto

praticavam, na maioria canções de soldados e algumas baladas de amor, cantadas com uma estranha precisão e clareza que lembravam Vaelin do menestrel que vira uma vez no palácio do Rei.

O garoto adaptou-se depressa ao bastão; gostava do modo como a arma zunia a cada golpe dado, da sensação dela nas mãos. Às vezes chegava a preferir o bastão à espada. Era mais fácil de manejar e mais sólido, de alguma forma. O apreço pelo bastão aumentou quando ficou claro que Nortah não tinha habilidade alguma com a arma; era comum ter o bastão arrancado das mãos pelo golpe de um oponente, e estava sempre chupando os dedos doloridos.

Kigrian era um dia que não tardaram a temer, pois significava serviço no estábulo, horas passadas juntando esterco com pás, desviando de cascos com ferraduras e dentes afiados, e, por fim, limpando uma miríade de arreios pendurados nas paredes. Mestre Rensial era o senhor do estábulo, e sua predileção pela vara fazia Mestre Sollis parecer contido.

— Eu disse para limpar, não para coçá-lo, preguiçoso! — gritou ele a Caenis, a vara deixando vergões vermelhos no pescoço do garoto enquanto tentava polir um estribo. Por mais severo que fosse com os garotos, Rensial era todo ternura com os cavalos; falava com eles aos sussurros e escovava-lhes os pelos com carinho. A antipatia de Vaelin pelo homem era mitigada pelo vazio que via em seus olhos. Mestre Rensial preferia cavalos a pessoas, as mãos se crispavam com frequência e era comum o homem parar no meio de um sermão e afastar-se resmungando. Os olhos diziam tudo: Mestre Rensial era louco.

Retrian era o favorito da maioria dos garotos, o dia em que Mestre Hutril ensinava-lhes como sobreviver em ambientes selvagens. Saíam em longas trilhas pelos bosques e colinas, aprendiam que plantas eram seguras

de se comer e quais poderiam ser usadas como veneno se espalhadas em pontas de flechas. Aprendiam a fazer fogueiras sem pederneira e a capturar coelhos e lebres. Ficavam deitados por horas em meio à vegetação, tentando permanecer escondidos enquanto Hutril ia em seu encalço, o que em geral durava poucos minutos. Vaelin por vezes era o penúltimo a ser encontrado; Caenis era quem permanecia oculto por mais tempo. De todos os garotos, até mesmo dos que cresceram em meio a florestas e campos, foi quem se mostrou o mais competente ao ar livre, em particular com o rastreamento. Às vezes passavam a noite na floresta e era sempre Caenis que aparecia com a primeira refeição.

Mestre Hutril era um dos poucos mestres que nunca usavam a vara, mas seus castigos podiam ser severos. Certa vez fez Nortah e Vaelin correrem sem calças no meio de urtigas por discutirem sobre a melhor maneira de preparar uma armadilha. Falava com uma confiança sóbria e era raro usar mais palavras do que o necessário, parecendo preferir a língua de sinais que alguns mestres usavam. Era similar à usada pelo Mestre sem língua, Smentil, quando se comunicava com Sollis, mas menos complexa, elaborada para ser usada quando inimigos ou presas estivessem por perto. Vaelin a aprendeu depressa, assim como Barkus, mas Caenis pareceu absorvê-la de imediato: os dedos finos criavam as formas intrincadas com uma precisão fantástica.

Apesar da aptidão, Mestre Hutril parecia estranhamente distante de Caenis, e seus elogios eram contidos, isto é, quando resolvia fazê-los. De vez em quando, durante uma das excursões de pernoite, Vaelin pegava Hutril olhando para Caenis do lado oposto do acampamento, com uma expressão indecifrável no rosto à luz da fogueira.

Heldrian era o dia mais difícil: horas de corrida em

volta do campo de treinamento com uma pedra pesada em cada mão; nados congelantes no rio; e lições árduas de combate desarmado com Mestre Intris, um homem corpulento, porém ligeiro, de nariz quebrado e sem vários dentes. Ensinava-lhes os segredos dos chutes e socos; como girar o punho no último instante; como primeiro erguer o joelho e então esticar a perna em um chute; como bloquear um golpe, derrubar um oponente ou arremessá-lo sobre o ombro. Poucos garotos gostavam do heldrian, pois ficavam machucados e exaustos demais para apreciar a refeição da noite. Barkus era o único que adorava, o corpo largo era mais adequado para absorver os castigos; parecia imune à dor e não agradava a ninguém ter de fazer dupla com ele para as lutas.

Eltrian devia ser um dia de descanso e serviços religiosos, mas para os garotos mais novos significava um turno de trabalho pesado e tedioso na lavanderia ou na cozinha. Quando tinham sorte, eram escolhidos para ajudar Mestre Smentil nos jardins, que pelo menos lhes propiciava a oportunidade de roubarem uma ou duas maçãs. Por ser o dia da Fé, à noite havia mais serviço e catecismo, uma boa hora de contemplação silenciosa, onde deviam permanecer sentados, de cabeças baixas, perdidos em seus próprios pensamentos ou sucumbindo à necessidade avassaladora de sono, que podia ser perigosa, pois se algum garoto fosse pego dormindo levava uma surra das mais severas e passava uma noite patrulhando as muralhas sem manto.

A parte favorita do dia para Vaelin era a hora antes de as luzes serem apagadas. Toda a disciplina evaporava em uma algazarra de zombarias e lutas simuladas. Dentos contava outra história sobre os tios; Barkus os fazia rir com uma piada ou uma imitação impressionante de um dos mestres; Caenis, geralmente dado ao silêncio, contava uma das milhares de histórias

antigas que conhecia, enquanto praticavam a língua de sinais ou golpes de espada. Vaelin acabava passando mais tempo com Caenis do que com os outros; a reticência e inteligência do garoto magro eram um eco tênue de sua mãe. De sua parte, Caenis parecia surpreso, porém gratificado pela companhia. Vaelin suspeitava que a vida do garoto antes da Ordem tivesse sido solitária, visto que Caenis não estava acostumado a ficar junto com outros garotos, embora nenhum dos dois falasse sobre suas antigas vidas, ao contrário de Nortah, que nunca foi capaz de abandonar esse hábito, apesar das reações irritadas dos outros e da surra ocasional dada pelos mestres. *Sua única família é a Ordem.* Vaelin agora via a verdade nas palavras do Aspecto. Estavam se tornando uma família, não tinham ninguém a não ser uns aos outros.

O primeiro teste ocorreu no mês de sunterin, quase um ano desde que Vaelin fora deixado no portão: o Teste da Corrida. Pouco lhes havia sido contado sobre as consequências, exceto que todos os anos esse teste causava mais expulsões do que qualquer outro. Foram conduzidos até o pátio junto com os outros garotos de idade similar, cerca de duzentos ao todo. Disseram-lhes para levarem o arco, uma aljava de flechas, a faca de caça, um cantil e nada mais.

O Aspecto deu início a uma breve recitação do Catecismo da Fé antes de informá-los sobre o que esperar:

— O Teste da Corrida é onde descobrimos quem dentre vocês está realmente apto a servir a Ordem. Tiveram o privilégio de um ano a serviço da Fé, mas na Sexta Ordem os privilégios devem ser merecidos. Serão levados de barco rio acima e deixados em pontos diferentes da margem. Vocês devem retornar até a

meia-noite de amanhã. Aqueles que não chegarem a tempo poderão ficar com suas armas e receberão três coroas de ouro.

O Aspecto acenou para os mestres com a cabeça e partiu. Vaelin sentia o medo e a incerteza à sua volta, mas não compartilhava das sensações. Passaria no teste; tinha de passar, não havia outro lugar para onde pudesse ir.

— Correndo até a margem do rio! — berrou Sollis. — Sem enrolação. Levante os pés, Sendahl. Isso aqui não é a porcaria de uma pista de dança.

Havia três barcaças no ancoradouro à beira do rio, embarcações grandes de fundo chato, cascos pintados de preto e velas vermelhas. Eram uma visão comum no estuário do Rio Corvien, transportando carvão ao longo da costa das minas ao sul para abastecer as inúmeras chaminés de Varinshold. Os barcaceiros formavam um grupo distinto, usavam lenços pretos no pescoço e uma argola de prata na orelha esquerda, eram beberrões e homens de briga notórios quando não estavam exercendo o ofício. Muitas mães asraelinas se valiam disso para advertir as filhas desobedientes: "Seja uma boa menina, ou o melhor marido que conseguirá será um barcaceiro".

Sollis trocou algumas palavras com o mestre da barcaça, um homem rijo que olhava desconfiado para o grupo silencioso de garotos, entregando-lhe um saco de moedas e gritou para que subissem a bordo e fossem para o meio do convés.

— E não toquem em nada, desmiolados!

— É a primeira vez que venho para o mar — comentou Dentos ao se sentarem nas tábuas duras do convés.

— Não é o mar — informou-lhe Nortah. — É o rio.

— Meu tio Jimnos foi para o mar — continuou Dentos, ignorando Nortah, como a maioria fazia. — Nunca voltou. Minha mãe diz que foi comido por uma baleia.

— O que é uma baleia? — perguntou Mikehl, um garoto renfaelino gordo que conseguira manter o excesso de peso apesar dos meses de exercícios pesados.

— É um animal grande que vive no mar — respondeu Caenis; costumava saber a resposta para a maioria das perguntas. Deu um cutucão em Dentos. — E ela não come gente. Seu tio provavelmente foi comido por um tubarão. Alguns ficam do tamanho de uma baleia.

— Como você sabe? — escarneceu Nortah, como costumava fazer sempre que Caenis dava uma opinião. — Já viu um?

— Sim.

Nortah corou e calou-se, raspando com a faca de caça uma lasca solta no convés.

— Quando, Caenis? — perguntou Vaelin ao amigo. — Quando você viu o tubarão?

Caenis deu um leve sorriso, coisa rara de fazer.

— Mais ou menos há um ano, no Erineano. Meu... me levaram para o mar uma vez. Há muitas criaturas que vivem no mar, focas, orcas e mais peixes do que se pode contar. E tubarões. Um deles se aproximou do nosso navio. Tinha mais de nove metros da cabeça à cauda. Um dos marinheiros disse que se alimentam de orcas e baleias, e de pessoas também, se tiverem o azar de estar na água quando um deles está por perto. Há histórias de tubarões que se jogaram contra navios para afundá-los e devorarem a tripulação.

Nortah bufou em menosprezo, mas os outros estavam claramente fascinados.

— Viu piratas? — perguntou Dentos interessado. — Dizem que o Erineano é cheio deles.

Caenis sacudiu a cabeça.

— Nenhum pirata. Eles não incomodam os navios do Reino desde a guerra.

— Que guerra? — perguntou Barkus.

— A Meldeneana, aquela da que Mestre Grealin fala o tempo todo. O Rei enviou uma frota para incendiar a maior cidade meldeneana. Todos os piratas no Erineano são meldeneanos, então aprenderam a nos deixar em paz.

— Não faria mais sentido incendiar a frota deles? — perguntou Barkus. — Desse jeito não haveria mais nenhum pirata.

— Podem sempre construir mais navios — disse Vaelin. — Incendiar uma cidade deixa uma lembrança que é passada de pai para filho. Garante que não se esquecerão de nós.

— Podiam simplesmente ter matado todos — sugeriu Nortah de mau humor. — Sem piratas, sem pirataria.

A vara de Mestre Sollis surgiu do nada, atingindo o garoto na mão e fazendo-o largar a faca, ainda cravada no convés.

— Eu disse para não tocarem em nada, Sendahl. — Voltou o olhar para Caenis. — Então é viajante, Nysa?

Caenis abaixou a cabeça.

— Só uma vez, mestre.

— É mesmo? Onde você foi nessa aventura?

— Até a Ilha de Wensel. Meu... hã, um dos passageiros tinha negócios lá.

Sollis grunhiu, abaixou-se para arrancar a faca de Nortah do convés e jogou-a para o garoto.

— Guarde-a, exibido. Logo vai precisar de uma lâmina afiada.

— O senhor estava lá, mestre? — perguntou Vaelin. Era o único que ousava perguntar algo a Sollis, arriscando-se a uma varada. Sollis podia ser severo ou informativo. Era impossível dizer qual até se fazer a pergunta. — O senhor estava lá quando a cidade meldeneana queimou?

Sollis virou-se para Vaelin, os olhos claros encontrando os seus. Havia uma pergunta neles, uma curiosidade.

Vaelin percebeu pela primeira vez que Sollis achava que ele sabia mais do sabia de fato; achava que seu pai lhe contara histórias de suas muitas batalhas, que havia um insulto oculto nas perguntas.

— Não — respondeu Sollis. — Eu estava na fronteira norte na época. Tenho certeza de que Mestre Grealin responderá qualquer pergunta que você tenha sobre aquela guerra. — Afastou-me para bater em outro garoto que deixara a mão chegar muito perto de um rolo de corda.

As barcaças partiram para o norte, seguindo o longo arco do rio e acabando com qualquer plano que Vaelin tinha de simplesmente seguir a margem do rio de volta à Casa da Ordem; a jornada era longa demais. Se quisesse voltar a tempo, teria de embrenhar-se na floresta. Observou a massa negra de árvores com cautela. Ainda que as lições com Mestre Hutril os tivessem familiarizado com a floresta, a ideia de uma jornada às cegas pela mata não era agradável. Sabia como era fácil para um garoto se perder entre as árvores e ficar andando em círculos por horas.

— Vá para o sul — sussurrou Caenis em seu ouvido. — Para longe da Estrela Polar. Vá para o sul até encontrar a margem do rio, e então siga-a até chegar ao cais. Depois terá de atravessar o rio a nado.

Vaelin olhou de relance para ele e viu que Caenis olhava despreocupado para o céu como se não tivesse falado. Vendo os rostos entediados dos companheiros, Vaelin teve certeza de que não tinham ouvido o conselho. Caenis o estava ajudando, mas não aos outros.

Começaram a liberar os garotos após três horas de viagem. Sem muita cerimônia, Sollis escolhia um garoto ao acaso e mandava-o pular na água e nadar até a

margem. Dentos foi o primeiro do grupo a partir.

— Vejo você de volta na Casa, Dentos — encorajou-o Vaelin.

Dentos, pela primeira vez calado, deu um sorriso tímido como resposta antes de colocar o arco no ombro e saltar sobre a amurada para o rio. Nadou depressa até a margem e parou para sacudir a água do rio, e então desapareceu no meio das árvores com um breve aceno. Barkus foi o próximo, balançando-se de modo teatral em cima da amurada antes de dar um salto mortal de costas no rio. Alguns garotos bateram palmas. Foi seguido por Mikehl, mas não sem algum receio.

— Não sei se consigo nadar tão longe, Mestre — balbuciou ele, fitando as águas escuras do rio.

— Então tente se afogar em silêncio — disse Sollis, empurrando-o para o rio. Mikehl caiu com um estrondo e pareceu ficar debaixo d'água por uma eternidade; foi com alívio que o viram emergir a pouca distância dali, cuspindo água e debatendo-se antes de recuperar a compostura e começar a nadar até a margem.

Caenis foi o próximo, aceitando o desejo de boa sorte de Vaelin com um aceno de cabeça antes de saltar sem uma palavra sobre a amurada. Nortah o seguiu logo depois. Controlando o medo evidente com certo esforço, disse a Sollis:

— Mestre, se eu não voltar, gostaria que meu pai soubesse...

— Você não tem pai, Sendahl. Caia na água.

Nortah engoliu uma resposta raivosa e subiu na amurada, mergulhando após um segundo de hesitação.

— Sorna, sua vez.

Vaelin ficou pensando se havia algum motivo para ser o último a ir e, assim, ter a distância mais longa a ser percorrida. Foi até a amurada, a corda do arco junto ao peito, deixando a correia da aljava retesada, para que não se soltasse na água. Colocou as mãos na amurada

e preparou-se para saltar.

— Não deve ajudar os outros, Sorna — disse-lhe Sollis. O mestre não dissera nada assim para os outros garotos. — Volte sozinho, deixe que eles se preocupem consigo mesmos.

Vaelin franziu o cenho.

— Mestre?

— Você me ouviu. O que quer que aconteça, é o destino deles, não o seu. — Indicou o rio com a cabeça. — Mexa-se.

Estava claro que ele não diria mais nada, então Vaelin firmou as mãos e saltou por cima da amurada, caindo de pé no rio, sendo envolvido de imediato pela frieza entorpecente da água. Lutou contra um pânico momentâneo quando a cabeça afundou, e então começou a bater os pés em direção à superfície. Emergindo, respirou fundo e saiu nadando até a margem, que de repente parecia muito mais distante. Quando enfim conseguiu pisar na margem de cascalhos, as barcaças haviam passado por ele e já iam rio acima. Pensou ter visto Mestre Sollis ainda na amurada, observando-o, mas não tinha certeza.

Soltou o arco do ombro e passou o indicador e o polegar pela corda para tirar a água. Mestre Checkrin dizia que uma corda de arco molhada era tão útil quanto um cão sem patas. Conferiu as flechas, certificando-se de que a água não tinha penetrado no lacre de couro revestido de cera que havia na aljava e de que a faca continuava no cinto. Sacudiu a água dos cabelos enquanto examinava as árvores, vendo apenas uma massa de sombras e folhagem. Sabia que estava voltado para o sul, mas logo sairia do caminho quando caísse a noite. Se fosse seguir o conselho de Caenis, teria de subir em uma ou duas árvores para encontrar a Estrela Polar, coisa que não era fácil de se tentar no escuro.

Apesar de grato por o teste acontecer no verão, Vaelin começava a sentir frio por causa das roupas molhadas. Mestre Hutril ensinara que o melhor modo de se secar sem uma fogueira era correr, pois o calor do corpo transformaria a água em vapor. Começou uma corrida cadenciada, tentando não disparar, ciente de que precisaria de energia nas horas por vir. Logo foi envolvido pela escuridão fria da floresta e se viu esquadrinhando as sombras por instinto, um hábito que adquirira durante as muitas horas de caça e se escondendo. Lembrou-se das palavras de Mestre Hutril: *Um inimigo inteligente procura a sombra e fica em silêncio.* Vaelin conteve um calafrio e continuou correndo.

Correu durante uma hora inteira, mantendo um passo constante e ignorando a dor crescente nas pernas. A água do rio foi rapidamente substituída por suor e a sensação de frio diminuiu. Conferia a direção com olhadas casuais para o sol e tentou lutar contra a sensação de que o tempo passava mais depressa do que deveria. A ideia de ser botado para fora dos portões com um punhado de moedas e nenhum lugar para ir era tanto aterradora quanto incompreensível. Teve uma visão breve e igualmente apavorante em que aparecia na porta do pai, agarrando de forma patética as moedas e implorando para que o deixasse entrar. Forçou a imagem para longe e continuou correndo.

Fez uma parada depois de percorrer cerca de oito quilômetros, sentando em um tronco para beber um gole do cantil e recuperar o fôlego. Pensou em como seus companheiros estariam se saindo. Corriam como ele ou andavam aos tropeços por entre as árvores? *Não deve ajudar os outros.* Foi um aviso ou uma ameaça? Certamente havia perigos na floresta, mas nada que representasse uma ameaça aos garotos da Ordem, endurecidos por meses de treinamento.

Ponderou por alguns instantes, sem encontrar respostas, antes de tampar o cantil e levantar-se, ainda esquadrinhando as sombras... Ficou paralisado.

O lobo estava sentado a nove curtos metros de distância, os olhos brilhantes observando o garoto com uma curiosidade silenciosa. Tinha o pelo cinzento e prateado, e era muito grande. Vaelin jamais esteve tão perto de um lobo antes; os únicos vislumbres que tivera foram de sombras que saltavam na neblina matutina, uma visão rara tão próximo da cidade. Ficou perplexo com o tamanho do animal, o poder evidente nos músculos por baixo do pelo. O lobo inclinou a cabeça enquanto Vaelin o encarava. Não estava com medo. Mestre Hutril lhes contara que histórias de lobos que roubavam bebês e atacavam pastores eram mitos. *O lobo o deixará em paz se você deixá-lo em paz*, dizia ele. Mas, ainda assim, o lobo era grande, e os olhos...

O animal permaneceu sentado, calado e imóvel, uma brisa suave a lhe eriçar o pelo, e Vaelin sentiu algo novo tocar seu coração de garoto.

— Você é bonito — disse ao lobo num sussurro.

No momento seguinte o lobo desaparecera, virando-se e saltando para a folhagem mais depressa do que Vaelin podia acompanhar. Mal fizera qualquer ruído.

Sentiu um sorriso raro se formar nos lábios e guardou a imagem do lobo na mente, sabendo que jamais a esqueceria.

A floresta era chamada de Urlish, um aglomerado de árvores de mais de trinta quilômetros de largura por cento e dez quilômetros de extensão, que ia das muralhas setentrionais de Varinshold até os contrafortes da fronteira renfaelina. Alguns diziam que o Rei amava essa floresta, que tinha lhe conquistado a alma de alguma maneira. Era proibido tirar uma árvore de Urlish

sem uma Ordem do Rei, e somente aquelas famílias que viviam dentro dos limites da floresta há três gerações tinham permissão para permanecer. Do parco conhecimento que tinha da história do Reino, Vaelin sabia que certa vez a guerra chegara até ali, uma grande batalha entre os renfaelinos e os asraelinos travada entre as árvores durante um dia e uma noite. Os asraelinos venceram e o Senhor de Renfael teve de se curvar ao Rei Janus, que é o motivo de seus herdeiros serem chamados agora de Senhores Feudais e terem de entregar ao Rei dinheiro e soldados sempre que os requisita. Era uma história que a mãe lhe contara quando sucumbira à sua insistência por mais informações a respeito das façanhas do pai. Fora aqui que ele ganhara a estima do Rei e fora elevado à Espada do Reino. A mãe fora vaga sobre os detalhes, dizendo apenas que o pai era um grande guerreiro e que fora muito valente.

Viu-se esquadrinhando o chão da floresta enquanto corria, procurando com os olhos o brilho de metal, na esperança de encontrar algum indício da batalha, uma ponta de flecha ou talvez uma adaga ou mesmo uma espada. Imaginou se Sollis o deixaria ficar com alguma coisa de recordação e, por achar improvável, começou a pensar nos melhores lugares para se esconder algo na Casa...

Snap!

Abaixou-se, rolou e parou agachado atrás do tronco de um carvalho, a flecha em pleno voo zunindo por entre as samambaias. O som de uma corda de arco era um aviso inconfundível para um garoto como ele. Fez um esforço para acalmar o coração palpitante e ficou à escuta de outros sinais.

Era um caçador? Talvez o tivesse confundido com um veado. Descartou a ideia na mesma hora. Vaelin não era veado algum e qualquer caçador veria a diferença.

Alguém tentara matá-lo. Percebeu que pegara o arco e preparara uma flecha por instinto. Apoiou as costas no tronco e esperou, escutando a floresta, deixando que a mata lhe dissesse quem vinha em seu encalço. *A Natureza tem voz própria*, dizia Hutril. *Aprenda a ouvi-la e você jamais ficará perdido, e homem algum conseguirá pegá-lo desprevenido.*

Concentrou-se na voz da floresta, no suspiro do vento, no farfalhar das folhas e no rangido dos galhos. Não havia pássaros cantando. Isso significava que um predador estava por perto. Podia ser um homem, podiam ser mais. Aguardou pelo estalo denunciador de uma pisada ou o arrastar de couro de bota no solo, mas não ouviu nada. Se o inimigo estava em movimento, sabia como encobrir os sons. Mas Vaelin tinha outros sentidos e a floresta podia lhe contar muitas coisas. Fechou os olhos e respirou devagar pelo nariz. *Não chupe o ar como um porco numa gamela*, preveniu-o Hutril certa vez. *Dê tempo ao seu nariz para identificar o cheiro. Seja paciente.*

Deixou o nariz fazer o trabalho, sentindo o perfume amalgamado de campânulas em flor, vegetação putrescente, excrementos de animais... e suor. Suor de homem. O vento vinha da esquerda, levando o odor. Era impossível dizer se o arqueiro estava à espera ou movendo-se.

Ouviu o mais tênue dos sons, pouco mais do que o roçar de um tecido, mas para Vaelin era um grito. Saiu depressa detrás do carvalho ainda agachado, puxando e disparando a flecha em um único movimento antes de voltar ligeiro para o abrigo, sendo recompensado por um grunhido breve de surpresa dolorida.

Hesitou por um segundo. *Ficar ou fugir?* A compulsão para correr era forte, o abraço sombrio da floresta um repentino e bem-vindo refúgio. Mas sabia que não podia. *A Ordem não foge*, dissera Sollis.

Deu uma espiada de trás do carvalho, levando um segundo para avistar a haste emplumada de sua flecha erguendo-se do tapete de samambaias a cerca de catorze metros dali. Preparou outra flecha e aproximou-se agachado, os olhos procurando sem cessar outros inimigos, os ouvidos atentos à voz da floresta, o nariz franzido.

O homem vestia calças e túnica verdes e sujas, tinha na mão um arco de freixo com uma seta de penas de corvo encaixada na corda, uma espada presa às costas, uma faca na bota e a flecha de Vaelin na garganta. Estava morto. Vaelin chegou mais perto e viu a poça de sangue que se espalhava do ferimento no pescoço, muito sangue. *Pegou a maior veia*, percebeu Vaelin. *E eu que pensava que era ruim de arco.*

Deu uma risada alta e aguda, então convulsionou e vomitou, caindo de quatro com ânsias incontroláveis.

Foram necessários alguns momentos antes que o choque e a náusea diminuíssem o suficiente para que pensasse com clareza. Este homem, este homem morto, tentara matá-lo. *Por quê?* Nunca o vira antes. Era um fora da lei? Algum salteador desabrigado que pensou ter encontrado no garoto sozinho uma vítima fácil?

Forçou-se a olhar mais uma vez o morto, notando a qualidade das botas e a costura das roupas. Hesitou antes de erguer a mão direita do morto, frouxa sobre a corda do arco. Era mão de um arqueiro: palmas ásperas e com calos nas pontas dos dois primeiros dedos. Esse homem ganhava a vida com o arco. Vaelin duvidava que qualquer fora da lei teria tanta experiência ou estaria tão bem vestido.

Ocorreu-lhe de súbito um pensamento nauseante: *Isso é parte do teste?*

Por um instante ficou quase convencido. Que melhor maneira de separar o joio do trigo? Plantar assassinos

na floresta e ver quem sobrevivia. *Pense em todas as moedas de ouro que vão economizar.* Porém, por alguma razão, não conseguia acreditar nisso. A Ordem era brutal, mas não assassina.

Então, por quê?

Ele sacudiu a cabeça. Era um mistério que não resolveria ficando ali. Onde havia um, podia haver mais. Voltaria para a Casa da Ordem e pediria orientação a Mestre Sollis... se sobrevivesse até lá. Levantou-se trêmulo, cuspindo o que restara na boca. Deu uma última olhada no morto, em dúvida se devia ficar com a espada ou a faca, mas concluiu que seria um erro. Por alguma razão, Vaelin suspeitava que seria necessário negar ter conhecimento da morte, o que fez com que considerasse retirar a flecha do pescoço do homem, mas não podia encarar a ideia de arrancar a seta da carne. Contentou-se então em cortar a extremidade emplumada com a faca de caça, já que as penas de gaivota eram um sinal claro de que o homem fora morto por um membro da Ordem. Resistiu a um novo acesso de náusea diante da sensação de algo sendo roído ao agarrar a flecha e do som úmido de sucção enquanto serrava a haste. Terminou o serviço depressa, mas pareceu levar uma eternidade.

Enfiou as penas no bolso e afastou-se do corpo, arrastando as botas no solo para apagar quaisquer rastros antes de se virar e continuar a corrida. As pernas pareciam feitas de chumbo e tropeçou várias vezes antes que o corpo se lembrasse das passadas suaves e longas que aprendera durante meses no campo de treinamento. As feições relaxadas e sem vida do morto vinham-lhe à mente sem cessar, mas o garoto afastava a imagem, reprimindo-a sem piedade. *Ele tentou me matar. Não vou lamentar por um homem que tentou assassinar um garoto.* Mas não conseguiu deixar de ouvir as palavras que a mãe certa vez gritara ao pai:

Seu fedor de sangue me enoja.

A noite pareceu cair num instante, provavelmente porque a temia. Começou a ver arqueiros em todas as sombras, e mais de uma vez saltou para se abrigar de assassinos que no fim nada mais eram do que arbustos ou cepos de árvores quando olhava com mais atenção. Descansara apenas uma vez desde que matara o assassino, para tomar um gole rápido de água atrás do tronco largo de uma faia, sem deixar de olhar para todos os lados à procura de inimigos. Sentia-se mais seguro correndo; um alvo em movimento era mais difícil de ser atingido. Contudo, essa vaga sensação de segurança evaporou quando desceu a escuridão; era como correr num vazio, onde cada passo trazia consigo a ameaça de uma queda dolorosa. Tropeçou duas vezes, estatelando-se em um emaranhado de armas e medo, antes de aceitar que teria de caminhar dali em diante.

A posição que Vaelin determinava pela Estrela Polar ao encontrar uma clareira ocasional ou ao subir no alto de uma árvore indicava que estava mantendo um curso constante em direção ao sul, mas não sabia dizer o quanto já havia corrido ou a distância que ainda teria que percorrer. Olhava em frente com desespero crescente, a todo momento esperando vislumbrar o brilho prateado do rio por entre as árvores. Foi quando parou para determinar mais uma vez sua posição que viu a fogueira. Uma mancha laranja bruxuleante na massa negro-azulada da floresta.

Continue correndo. Quase seguiu a ordem instintiva, virando-se e dando outro passo em direção ao sul, mas parou. Nenhum dos garotos da Ordem acenderia uma fogueira durante o teste; não tinham tempo para aquilo. Podia ser uma coincidência, apenas alguns dos Mateiros do Rei acampados para passar a noite. No entanto,

alguma coisa fez com que duvidasse daquilo, um murmúrio de anormalidade no fundo de sua mente. Era uma sensação estranha, quase musical.

Virou-se, soltando o arco e preparando uma flecha, antes de começar a avançar com cautela. Sabia que se arriscava, tanto ao investigar a fogueira quanto ao se permitir um atraso quando o prazo da volta para a Casa não devia estar longe. Mas precisava saber.

A mancha aos poucos foi se tornando uma fogueira, bruxuleando vermelha e dourada no negrume infinito. Parou, tornando a se abrir para a canção da floresta, vasculhando as ressonâncias noturnas até percebê-las: vozes. Masculinas. Adultas. Dois homens. Discutindo.

Esgueirou-se, usando o passo de caçador ensinado por Mestre Hutril, erguendo o pé a um milímetro do solo e deslizando-o para frente e para o lado antes de baixá-lo com cuidado, certificando-se de que não havia quaisquer galhos ou gravetos que pudessem lhe denunciar. As vozes tornavam-se mais nítidas conforme se aproximava do acampamento, confirmando suas suspeitas. Dois homens, envolvidos em uma discussão acalorada.

— ... não parou de sangrar! — um lamento penalizado, o dono ainda invisível. — Veja, está jorrando feito um porco cortado...

— Então pare de mexer nisso, cabeça de bosta! — disse um silvo irritado. Vaelin conseguia vê-lo, um homem forte sentado à direita da fogueira, a visão da espada em suas costas e do arco perto da mão dando-lhe um arrepio. *Coincidência nenhuma.* O homem tinha um saco aberto entre os pés e examinava o conteúdo enquanto lançava insultos cansados contra o companheiro.

— Miserável! — continuou o lamuriante, surdo à censura do companheiro. — Fazendo-se de morto, miserável sorrateiro.

— Avisaram que eles não eram fáceis — disse o homem forte. — Devia ter enfiado outra ponta de ferro nele para ter certeza, antes de chegar tão perto.

— Acertei ele bem no pescoço, não acertei? Era para ser suficiente. Já vi homens adultos caírem feito sacos de batata com um ferimento desses. Não esse merdinha. Queria que o tivéssemos deixado respirar um pouco mais...

— Seu animal nojento. — Havia um pouco de veneno nas palavras do homem forte. Estava cada vez mais preocupado com o conteúdo do saco e franzia a testa larga. — Sabe, ainda não tenho certeza de que é ele.

Vaelin, lutando para manter o coração calmo, voltou o olhar para o saco, notando como o que havia ali dentro era redondo e a mancha úmida e escura na metade de baixo. Foi tomado por um calafrio súbito e esmagador ao compreender, temendo que fosse desmaiar quando a floresta começou a girar à sua volta, e sufocou uma arfada de horror, já que o som sem dúvida seria um convite a uma morte rápida.

— Deixa eu ver — disse o lamuriante, ficando visível pela primeira vez. Era baixo, rijo, de traços salientes e uma barba falha no queixo ossudo. Segurava o braço esquerdo com o direito, uma atadura vazando sem parar por entre os dedos finos. — Deve ser ele. Tem que ser. — Soava desesperado. — Você ouviu o que o outro disse.

O outro? Vaelin esticou-se para ouvir mais, ainda nauseado, mas com o coração amparado por uma fúria crescente.

— Ele me dava arrepios, isso sim — respondeu o homem forte encolhendo os ombros. — Não confiaria nele nem se me dissesse que o céu é azul. — Apertou os olhos na direção do saco mais uma vez e enfiou a mão dentro, erguendo o conteúdo pelo cabelo, pingando, virando-o para examinar as feições frouxas e

distorcidas. Vaelin teria vomitado de novo se ainda tivesse algo no estômago. *Mikehl! Mataram Mikehl.*

— Pode ser ele — ponderou o homem forte. — A morte muda um rosto, sem dúvida. Só não vejo muita semelhança de família.

— Brak vai saber. Disse que já viu o garoto antes. — O lamuriento tornou a sair da luz da fogueira. — Aliás, cadê ele? Já devia estar aqui.

— É — concordou o homem forte, devolvendo o troféu para o saco. — Não acho que ele vai aparecer.

O lamuriento calou-se por um momento antes de resmungar:

— Merdinhas da Ordem.

Brak... Então ele tinha um nome. Vaelin imaginou se alguém usaria um medalhão de luto por Brak, se a viúva, ou a mãe, ou o irmão do homem daria graças por sua vida e pela bondade e sabedoria que deixara para trás. Contudo, como Brak era um assassino, um matador à espreita na mata para dar cabo de crianças, o garoto duvidava. Ninguém choraria por Brak... assim como ninguém choraria por esses dois. Apertou a mão sobre o arco, erguendo-o para mirar na garganta do homem forte. Mataria este e feriria o outro, bastaria uma flecha na perna ou na barriga, então o faria falar e depois também o mataria. *Por Mikehl.*

Algo rosnou na floresta, algo oculto, mortal.

Vaelin girou sobre os calcanhares, puxando a corda do arco — tarde demais; foi derrubado por uma massa de músculos e o arco escapou-lhe da mão. Tateou à procura da faca, ao mesmo tempo em que chutava por instinto, mas sem atingir nada. Ouviu gritos ao se levantar, gritos de dor e terror; algo úmido açoitou-lhe o rosto, fazendo os olhos arderem. Cambaleou, sentindo o gosto metálico do sangue, esfregando frenético os olhos, tentando focalizar com a visão turva o agora silencioso acampamento e vendo dois olhos amarelos

brilhando à luz da fogueira acima de um focinho manchado de sangue. Os olhos encontraram os seus, piscaram uma vez e o lobo desapareceu.

Pensamentos aleatórios passaram pela cabeça de Vaelin. *Ele me rastreou... Você é bonito... Me seguiu até aqui para matar esses homens... Lobo bonito... Mataram Mikehl... Nenhuma semelhança de família...*

PARE COM ISSO!

Forçou a disciplina contra o fluxo de pensamentos, respirando fundo, acalmando-se o suficiente para aproximar-se do acampamento. O homem forte estava de barriga para cima, as mãos tentando cobrir uma garganta que não se encontrava ali, o rosto paralisado de medo. O lamuriento havia conseguido correr por alguns passos antes de ser abatido. Tinha a cabeça virada num ângulo agudo em relação aos ombros. Pelo fedor que pairava no ar ao redor do homem, estava claro que no fim o medo o havia dominado. Não havia sinal do lobo, apenas o sussurro da vegetação sendo agitada ao vento.

Vaelin voltou-se com relutância para o saco que ainda se encontrava aos pés do homem forte. *O que posso fazer por Mikehl?*

— Mikehl está morto — disse Vaelin a Mestre Sollis, a água pingando-lhe do rosto. Começara a chover alguns quilômetros antes e o garoto já estava encharcado quando começou a subir a colina em direção ao portão, a exaustão e o choque dos eventos na floresta combinando para deixá-lo entorpecido e incapaz de mais do que as palavras mais básicas. — Assassinos na floresta.

Sollis estendeu os braços para firmar o garoto que balançava, as pernas subitamente fracas demais para mantê-lo de pé.

— Quantos?

— Três. Que eu vi. Mortos também. — Entregou a Sollis a extremidade emplumada que cortara de sua flecha.

Sollis pediu a Mestre Hutril que vigiasse o portão e levou Vaelin para dentro. Em vez de levá-lo ao dormitório dos garotos na torre norte, conduziu-o a seus próprios aposentos, um quarto pequeno no bastião da muralha sul. Acendeu um fogo e mandou Vaelin despir as roupas molhadas, entregando-lhe um cobertor para aquecer-se enquanto o fogo começava a lamber as toras na lareira.

— Agora — disse ele, entregando a Vaelin uma caneca de leite quente. — Conte-me o que aconteceu. Tudo o que conseguir lembrar. Não omita nada.

Então contou ao mestre sobre o lobo, o homem que matara, o lamuriento e o homem forte... e Mikehl.

— Onde estão?

— Mestre?

— Os... restos mortais de Mikehl.

— Enterrei. — Vaelin conteve um forte estremecimento e bebeu mais leite, a quentura queimando-o por dentro. — Raspei o solo com a minha faca. Não consegui pensar em outra coisa para fazer com o que sobrara.

Mestre Sollis assentiu e examinou as plumas que tinha na mão, os olhos pálidos imperscrutáveis. Vaelin olhou em volta do quarto, achando-o menos despojado do que esperava. Havia várias armas penduradas na parede: uma alabarda, uma lança longa com lâmina de ferro, algum tipo de porrete com cabeça de pedra, além de diversas adagas e facas de diferentes modelos. Havia vários livros nas prateleiras, a falta de poeira indicando que Mestre Sollis não os havia colocado ali como decoração. Na parede oposta estava pendurado algum tipo de tapeçaria feita com pelo de cabra, esticada em

uma armação de madeira, o couro adornado com uma mistura bizarra de figuras-palito e símbolos estranhos.

— Estandarte de guerra Lonak — disse Sollis. Vaelin desviou o olhar, sentindo-se como um espião. Para sua surpresa, Sollis prosseguiu. — Meninos Lonaks entram para um bando de guerra ainda bem novos. Cada bando tem seu próprio estandarte e cada membro faz um juramento de sangue para defendê-lo.

Vaelin enxugou uma gota d'água do nariz.

— O que significam os símbolos, Mestre?

— Eles listam as batalhas do bando, as cabeças que cortaram, as honrarias que receberam de sua Suma Sacerdotisa. Os Lonaks são apaixonados pela história. As crianças são castigadas se não conseguirem recitar a saga do próprio clã. Dizem que têm uma das maiores bibliotecas do mundo, embora nenhum estrangeiro a tenha visto. Amam suas histórias e sentam-se durante horas em volta das fogueiras dos acampamentos para escutar os xamãs. Gostam em particular de contos heroicos, histórias de bandos de guerra em desvantagem numérica que acabam vencendo contra todas as expectativas, bravos guerreiros solitários que se aventuram em busca de talismãs perdidos nas entranhas da terra... garotos que matam assassinos na floresta com a ajuda de um lobo.

Vaelin lançou-lhe um olhar sério.

— Não é história, mestre.

Sollis jogou outra lenha no fogo, espalhando fagulhas pela lareira. Empurrou as lenhas com um atiçador, sem olhar para Vaelin enquanto falava.

— Os Lonaks não têm uma palavra para segredo. Sabia disso? Para eles, tudo é importante, deve ser colocado no papel, registrado, contado vezes sem conta. A Ordem não tem uma crença semelhante. Lutamos batalhas que deixaram mais de cem corpos no solo e nenhuma palavra a respeito jamais foi registrada. A

Ordem luta, mas costuma fazê-lo nas sombras, sem glória ou recompensa. Não temos estandartes. — Jogou as plumas de Vaelin no fogo; as penas úmidas sibilaram nas chamas, encolheram e viraram cinzas. — Mikehl foi atacado por um urso, uma visão rara em Urlish, mas alguns ainda vagam pelas profundezas da floresta. Você encontrou os restos mortais e me informou. Amanhã Mestre Hutril os recolherá e entregaremos nosso irmão caído ao fogo e o agradeceremos pela dádiva de sua vida.

Vaelin não ficou chocado, nem surpreso. Era óbvio que havia mais coisas aqui do que ele poderia saber.

— Por que o senhor me advertiu para não ajudar os outros, mestre?

Sollis ficou a olhar o fogo por algum tempo e Vaelin chegara à conclusão de que não teria uma resposta, e então ela veio:

— Cortamos nossos laços sanguíneos quando nos entregamos à Ordem. Compreendemos isso, as pessoas de fora não. Às vezes a Ordem não é uma proteção contra as contendas que ocorrem para além de nossas muralhas. Não podemos protegê-lo sempre. Não era provável que os outros fossem caçados. — Ficou com o punho branco apertando o atiçador enquanto mexia no fogo, os músculos da face salientes com a fúria contida. — Eu estava errado. Mikehl pagou o preço do meu erro.

Meu pai, pensou Vaelin. *Queriam me matar para feri-lo. Quem quer que sejam, eles não o conhecem.*

— Mestre, e o lobo? Por que um lobo tentaria me ajudar?

Mestre Sollis deixou o atiçador de lado e esfregou o queixo pensativo.

— Isso é algo que não compreendo. Já estive em muitos lugares e vi muitas coisas, mas um lobo matar homens não é uma delas, ainda mais matar sem ser para se alimentar. — Ele sacudiu a cabeça. — Lobos não

fazem isso. Há algo mais em ação aqui. Algo em contato com as Trevas.

Os calafrios de Vaelin ficam mais intensos por um momento. *As Trevas.* Os criados da casa de seu pai usavam a expressão às vezes, em geral aos sussurros quando pensavam que ninguém mais podia ouvi-los. Era algo que as pessoas diziam quando aconteciam coisas que não deviam acontecer: crianças que nasciam com o sinal de sangue que lhes desfigurava os rostos, cadelas que pariam gatos e navios encontrados à deriva no mar sem tripulação. *Trevas.*

— Dois de seus irmãos voltaram antes de você — disse Sollis. — É melhor ir lhes contar sobre Mikehl.

Estava claro que a conversa terminara. Sollis não lhe diria mais nada. Era óbvio, e triste. Mestre Sollis era um homem de muitas histórias e muita sabedoria; sabia muito mais do que o jeito certo de segurar uma espada ou o ângulo correto para golpear com uma lâmina os olhos de um homem, mas Vaelin suspeitava que essas outras coisas não eram muito ouvidas. Queria ouvir mais sobre os lonaks e seus bandos de guerra e Suma Sacerdotisa, queria saber sobre as Trevas, mas os olhos de Sollis estavam fixos no fogo; o mestre estava perdido em pensamentos, tal como seu pai parecia ficar tantas vezes. Então se levantou e disse:

— Sim, mestre. — Bebeu o resto do leite morno e enrolou-se no cobertor, agarrando as roupas molhadas ao caminhar até a porta.

— Não conte a ninguém, Sorna. — Havia um tom de comando na voz de Sollis, o tom que usava antes de uma varada. — Não confie em ninguém. É um segredo que pode significar sua morte.

— Sim, mestre — repetiu Vaelin. Saiu para o corredor gelado e seguiu para a torre norte, encolhido e tremendo, o frio tão intenso que pensou se iria desmaiar antes de chegar à escada, mas o leite que

Mestre Sollis lhe dera o deixou com calor e sustento suficientes para abastecer a jornada.

Encontrou Dentos e Barkus no quarto ao atravessar cambaleante a porta; os dois garotos estavam jogados nas camas, a fadiga evidente nos rostos. Pareciam estranhamente animados com sua chegada e levantaram-se para cumprimentá-lo com tapinhas nas costas e piadas forçadas.

— Não consegue achar o caminho no escuro, hein? — riu Barkus. — Eu teria chegado antes desse aqui se não tivesse sigo pego pela corrente.

— Corrente? — perguntou Vaelin, confuso pela recepção calorosa.

— Atravessei cedo demais — explicou Barkus. — Perto dos estreitos. Achei que era meu fim, acredite. Fui levado para diante do portão, mas Dentos já estava lá.

Vaelin jogou as roupas na cama e andou até a lareira, banhando-se no calor.

— Você foi o primeiro, Dentos?

— Sim. Tinha certeza que seria Caenis, mas ainda não vimos ele.

Vaelin também ficou surpreso; as habilidades florestais de todos eles não chegavam nem perto das de Caenis. Porém, o garoto não tinha a força de Barkus e a rapidez de Dentos.

— Pelo menos ganhamos das outras companhias — disse Barkus, referindo-se aos garotos dos outros grupos. — Nenhum deles apareceu ainda. Miseráveis preguiçosos.

— É — concordou Dentos. — Passei por alguns no caminho. Perdidos feito um virgem num bordel.

Vaelin franziu o cenho.

— O que é um bordel?

Os outros dois trocaram olhares gaiatos e Barkus mudou de assunto.

— Roubamos algumas maçãs da cozinha. — Puxou os

lençóis para revelar os frutos do trabalho. — Tortas também. Faremos um banquete quando os outros chegarem. — Levou uma maçã à boca para uma boa mordida. Haviam todos se tornado ladrões entusiásticos; era um hábito universal: qualquer coisa do menor valor possível podia desaparecer depressa se não fosse bem escondida. A palha dos colchões há muito havia sido substituída por qualquer pedaço de tecido ou de couro macio em que pudessem colocar as mãos. A punição para roubo costumava ser severa, mas sem quaisquer sermões sobre imoralidade ou desonestidade, e não demoraram a perceber que não estavam sendo punidos por roubarem, mas por serem pegos. Barkus era o ladrão mais prolífico, em particular com relação à comida, seguido de perto por Mikehl, especializado em roupas... *Mikehl.*

Vaelin olhou para o fogo e mordeu o lábio, pensando em como formular a mentira. *É um algo ruim*, decidiu. *É difícil mentir para os amigos.*

— Mikehl está morto — disse ele por fim. Não pôde pensar em uma maneira mais suave de dizer aquilo e estremeceu com o silêncio repentino. — Ele... foi atacado por um urso. E-eu encontrei o que restou. — Ouviu às suas costas Barkus cuspir um pedaço de maçã. Dentos largou-se na cama. Vaelin rangeu os dentes e prosseguiu: — Mestre Hutril vai trazer o corpo amanhã para podermos entregá-lo ao fogo. — Uma lenha estalou da lareira. O frio já havia quase desaparecido e o calor começava a fazer a pele coçar. — Para podermos agradecer por sua vida.

Nada foi dito. Achou que Dentos podia estar chorando, mas não teve coragem de virar para se certificar. Afastou-se do fogo depois de algum tempo e foi para a cama, colocando as roupas para secar, soltando o arco e guardando a aljava.

A porta se abriu e Nortah entrou, ensopado da chuva,

mas triunfante.

— Quarto! — exultou ele. — Tinha certeza de que seria o último. — Vaelin não o vira animado antes; era desconcertante. Assim como a ignorância de Nortah com relação à tristeza evidente deles.

— Cheguei a me perder duas vezes. — Riu, largando o equipamento na cama. — Vi um lobo também. — Andou até a lareira e esticou as mãos para absorver o calor. — Fiquei com tanto medo que nem pude me mexer.

— Você viu um lobo? — perguntou Vaelin.

— Ah, sim. Desgraçado enorme. Mas acho que já havia comido. Tinha sangue no focinho.

— Que tipo de urso? — perguntou Dentos.

— O quê?

— Era negro ou pardo? Os pardos são maiores e piores. Os negros não se aproximam muito de gente.

— Não era um urso — disse Nortah, confuso. — Falei que era um lobo.

— Eu não sei — disse Vaelin a Dentos. — Não o vi.

— Então como sabe que era um urso?

— Mikehl foi atacado por um urso — informou Barkus a Nortah.

— Marcas de garras — respondeu Vaelin, percebendo que o engodo era mais difícil do que imaginara. — Ele estava... em pedaços.

— Pedaços! — exclamou Nortah enojado. — Mikehl estava em pedaços?!

— Porque meu tio disse que não se vê pardos na Urlish — continuou Dentos. — Só se vê eles no norte.

— Aposto que foi aquele lobo que vi — sussurrou Nortah em choque. — O lobo que vi comeu Mikehl. Teria me comido se não estivesse empanturrado.

— Lobos não comem pessoas — disse Dentos.

— Talvez estivesse raivoso. — Caiu na cama ainda em choque. — Quase fui comido por um lobo raivoso!

E assim continuou; os outros garotos foram chegando

um a um, cansados e molhados, mas aliviados por terem passado no teste, os sorrisos desaparecendo quando ouviam a notícia. Dentos e Nortah discutiram sobre lobos e ursos e Barkus dividiu os parcos espólios para serem comidos num silêncio estarrecido. Vaelin enrolou-se no cobertor e tentou esquecer a visão das feições frouxas e sem vida de Mikehl e a sensação da carne morta através do tecido do saco enquanto cavava uma cova rasa na terra...

Acordou tremendo de frio algumas horas mais tarde. Os últimos resquícios de um sonho sumiram-lhe da mente enquanto os olhos acostumavam-se ao escuro. Ficou grato por não se lembrar do sonho; as poucas imagens remanescentes indicavam que era melhor ser esquecido. Os outros garotos dormiam; Barkus roncava, suavemente desta vez; as lenhas na lareira estavam enegrecidas e em brasa. Saiu cambaleante da cama para reavivar o fogo, e a escuridão do quarto de súbito o assustou mais do que o negrume da floresta.

— Não há mais lenha, irmão.

Virou-se e encontrou Caenis sentado na cama. Ainda estava vestido, as roupas reluzindo com a umidade à luz tênue do luar que se infiltrava pelas folhas da janela. O rosto estava oculto nas sombras.

— Quando você entrou? — perguntou Vaelin, esfregando as mãos geladas. Não sabia que um corpo podia ficar tão frio.

— Não faz muito tempo. — A voz de Caenis era monótona e vaga, privada de emoção.

— Ouviu sobre Mikehl? — Vaelin começou a andar de um lado para o outro, na esperança de levar algum calor aos músculos.

— Sim — respondeu Caenis. — Nortah disse que foi um lobo. Dentos, que foi um urso.

Vaelin franziu o cenho, detectando uma nota de humor na voz do irmão. Deixou para lá. Todos reagiam

de maneiras diferentes. Jennis, o amigo mais próximo de Mikehl, chegara a rir quando lhe contaram, uma gargalhada estrondosa que não tinha fim; na verdade, gargalhara tanto que Barkus teve que lhe dar um tapa para que parasse.

— Um urso — disse Vaelin.

— É mesmo? — Vaelin tinha certeza de que Caenis não se movera, mas imaginou que inclinara a cabeça de um jeito inquisitivo. — Dentos disse que você o encontrou. Deve ter sido horrível.

O sangue de Mikehl era espesso, coagulava no saco, vazando pelo tecido para lhe manchar as mãos...

— Pensei que você estaria aqui quando eu chegasse. — Vaelin enrolou o cobertor com mais firmeza nos ombros. — Apostei com Barkus uma tarde no jardim que você chegaria antes de todo mundo.

— Oh, eu teria chegado. Mas fui distraído. Acabei topando com um mistério na floresta. Talvez você possa me ajudar a solucioná-lo. Diga-me, o que acha de um homem morto com uma flecha na garganta? Uma flecha sem a ponta emplumada.

Os calafrios de Vaelin ficaram quase incontroláveis; o corpo tremia tanto que o cobertor escorregou para o chão.

— Ouvi dizer que a floresta é repleta de foras da lei — balbuciou ele.

— De fato. Tão repleta que encontrei mais dois. Mas não mortos por flechas. Talvez tenham sido atacados por um urso, como Mikehl. Talvez até o mesmo urso.

— T-talvez. — *O que é isso?* Vaelin ergueu a mão, observando os dedos crispados. *Isso não é frio. Isso é mais...* Sentiu um impulso repentino quase irresistível de contar tudo a Caenis, desabafar, buscar consolo na confidência. Afinal, Caenis era seu amigo. Seu melhor amigo. Quem melhor para se contar? Com assassinos caçando-o, precisaria de um amigo para protegê-lo.

Iriam enfrentá-los juntos...

Não confie em ninguém... É um segredo que pode significar sua morte. As palavras de Sollis o fizeram se calar, fortalecendo sua determinação. Caenis era seu amigo, claro, mas não podia lhe contar a verdade. Era grande demais, importante demais para um segredo sussurrado entre garotos.

Percebeu que os calafrios diminuíam conforme sua determinação crescia. Não estava tão frio assim. O medo e o horror da noite na floresta deixaram-lhe uma marca, uma marca que poderia jamais desaparecer, mas Vaelin a confrontaria e superaria. Não havia outra escolha.

Juntou o cobertor do chão e voltou para a cama.

— A Urlish é realmente um lugar perigoso — disse ele. — É melhor tirar essas roupas, irmão. Mestre Sollis o deixará em carne viva se estiver resfriado demais para treinar amanhã.

Caenis continuava sentado em um silêncio imóvel, quando um suspiro lhe escapou dos lábios em um sibilar baixo. Em seguida, levantou-se para despir-se, arrumando as roupas com o capricho costumeiro, guardando com cuidado as armas antes de se deitar.

Vaelin estava deitado e pedia para que fosse levado pelo sono, com sonhos e tudo. Queria que essa noite acabasse, queria sentir o calor da luz da manhã secando todo o sangue e o medo que lhe enchiam a alma. *É essa a sina de um guerreiro?*, pensou consigo. *Uma vida vivida aos tremores nas sombras?*

A voz de Caenis era quase um sussurro, mas Vaelin o ouviu claramente.

— Estou feliz por você estar vivo, irmão. Feliz por você ter saído da floresta.

Camaradagem, percebeu. *Também é a sina de um guerreiro. Dividir sua vida com aqueles que morreriam por você.* Não fez o medo e a sensação nauseante nas

entranhas desaparecerem, mas diminuiu um pouco a tristeza que sentia.

— Também fico feliz por você ter saído, Caenis — sussurrou em resposta. — Desculpe não poder ajudar com o mistério. Você deveria falar com Mestre Sollis.

Jamais soube se Caenis dera uma risada ou um suspiro. Muitos anos depois ele pensaria em como poderia ter se poupado e a tantos outros de tanta dor se apenas tivesse ouvido com clareza, se tivesse sabido de uma forma ou de outra. Na ocasião, achou que foi um suspiro, e as palavras ditas em seguida uma simples constatação de um fato óbvio:

— Ah, acho que haverá mistérios em abundância em nosso futuro.

Ergueram a pira no campo de treinamento, cortando lenha da floresta e empilhando-a sob a orientação de Mestre Sollis. Foram liberados do treinamento no dia, mas o trabalho compensava pelo esforço. Vaelin ficou com os músculos doloridos após horas carregando o carroção com lenha recém-cortada para ser transportada até a Casa, mas resistiu à tentação de reclamar. Mikehl merecia no mínimo um dia de trabalho. Mestre Hutril retornou no início da tarde, conduzindo um pônei que carregava um fardo bem enrolado. Os garotos pararam de trabalhar quando o mestre passou por eles a caminho do portão, e ficaram olhando o corpo envolto em panos.

Isso acontecerá de novo, compreendeu Vaelin. *Mikehl é só o primeiro. Quem será o próximo? Dentos? Caenis? Eu?*

— Devíamos ter lhe perguntado — disse Nortah, depois que Mestre Hutril desapareceu pelo portão.

— Perguntado o quê? — disse Dentos.

— Se foi um lobo ou um ur... — Abaixou-se, evitando

por pouco a lenha que Barkus lhe jogara.

Os mestres colocaram o corpo na pira quando os garotos entraram no campo de treinamento no início da noite, mais de quatrocentos ao todo, posicionando-se em silêncio em suas companhias. Depois que Sollis e Hutril desceram, o Aspecto adiantou-se, levando na mão marcada e ossuda uma tocha flamejante erguida no alto. Postou-se ao lado da pira e percorreu com os olhos os alunos reunidos, o rosto tão inexpressivo como sempre.

— Viemos testemunhar o fim do receptáculo que carregou nosso irmão caído durante sua vida — disse ele, mais uma vez exibindo a habilidade espantosa de projetar seus tons sonolentos para que todos ouvissem.

— Viemos para agradecer seus feitos de bondade e coragem, e perdoar seus momentos de fraqueza. Ele era nosso irmão e tombou a serviço da Ordem, uma honra que é conferida a todos nós no final. Ele agora está com os Finados, e seu espírito se unirá a eles para nos guiar em nosso serviço para com a Fé. Pensem nele agora, ofereçam suas próprias graças e perdão, lembrem-se dele, agora e sempre.

Abaixou a tocha até a pira, encostando a chama nos gravetos de macieira que colocaram nas fendas entre as lenhas. Logo o fogo começou a aumentar, chamas e fumaça subindo, o doce odor de maçã perdido em meio ao fedor de carne queimada.

Ao observar as chamas, Vaelin tentou lembrar-se dos feitos de bondade e coragem de Mikehl, esperando encontrar uma lembrança de nobreza ou compaixão que pudesse levar consigo para toda a vida, mas lhe ocorreu apenas a vez em que Mikehl conspirara com Barkus para colocar pimenta em um dos bornais do estábulo. Mestre Rensial o colocara sobre o focinho de um garanhão recém-adquirido e escapou por pouco de ser escoiceado até a morte em meio a uma chuva de

ranho de cavalo. Aquilo era coragem? A punição sem dúvida fora severa, embora tanto Mikehl quanto Barkus tenham jurado que a surra valera a pena, e a mente confusa de Mestre Rensial logo se esqueceu do incidente no pântano nebuloso de sua memória.

Observou as chamas subirem e consumirem a carne e os ossos mutilados que haviam sido seu amigo e pensou: *Sinto muito, Mikehl. Sinto muito que você tenha morrido por minha causa. Sinto muito não poder estar lá para salvá-lo. Se eu puder, um dia encontrarei quem enviou aqueles homens à floresta e pagarão por sua vida. Vá com meus agradecimentos.*

Olhou ao redor e viu que a maioria dos outros garotos se afastara, tendo ido embora para a refeição da noite, mas seu grupo ainda estava ali, até mesmo Nortah, embora parecesse mais entediado do que triste. Jennis chorava baixinho, abraçando-se, as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto.

Caenis colocou uma mão no ombro de Vaelin.

— É melhor irmos comer. Nosso irmão se foi.

Vaelin assentiu.

— Eu estava pensando naquela vez no estábulo. Lembra? O bornal.

Caenis sorriu um pouco.

— Lembro. Fiquei com inveja por não ter pensado naquilo.

Caminharam de volta para o salão de jantar, Jennis arrastado por Barkus, ainda chorando, os outros trocando lembranças sobre Mikehl enquanto o fogo ardia às suas costas, levando embora o corpo do garoto. Pela manhã viram que os resquícios haviam sido removidos, deixando apenas um círculo de cinzas enegrecidas para marcar a grama. Nos meses e anos que viriam, até mesmo aquilo desapareceria.

CAPÍTULO TRÊS

Os dias iam e vinham. Os garotos treinavam, lutavam, aprendiam. O verão tornou-se outono, e então o inverno chegou com chuvas fortes e ventos cortantes que logo deram lugar às nevascas comuns em Asrael no mês de ollanasur. Depois da pira, o nome de Mikehl raramente era mencionado; jamais o esqueceram, mas não falavam sobre o garoto. Ele se fora. Ao verem a nova leva de recrutas atravessar o portão no início do inverno, tiveram a estranha sensação de deixarem de ser os mais novos. As piores tarefas de repente se tornaram o fardo de outros. Enquanto olhava os novatos, Vaelin se perguntou se já parecera tão jovem e sozinho. Não era mais uma criança, sabia disso; nenhum deles era. Estavam diferentes, mudados. Não eram como os outros garotos. E aquilo que o distinguia dos outros era mais profundo. Era um matador.

Desde a floresta o sono era inquieto, e com frequência acabava suando e tremendo no escuro por causa de sonhos nos quais o rosto flácido e sem vida de Mikehl aparecia para perguntar por que não o salvara. Às vezes era o lobo que aparecia, silencioso, fitando-o, lambendo o sangue do focinho, com uma pergunta nos olhos que Vaelin não conseguia adivinhar. Até mesmo os rostos dos assassinos, ensanguentados e rasgados, apareciam para cuspir acusações cheias de ódio que o arrancavam do sono com gritos de desafio:

— Assassinos! Corja! Espero que apodreçam!

— Vaelin? — Em geral era Caenis quem acordava; alguns dos outros também, mas costumava ser Caenis.

Vaelin mentia, dizia que era um sonho sobre a mãe, enfrentando a culpa de usar a memória dela para ocultar a verdade. Conversavam por um tempo, até Vaelin se sentir puxado pela fadiga de volta ao sono. Caenis mostrou-se uma mina de muitas histórias; sabia de cor todas sobre os Fiéis e muitas outras, em especial a história do Rei.

— O Rei Janus é um grande homem — disse ele. — Ergueu nosso Reino com a espada e a Fé. — Jamais se cansava de ouvir como Vaelin encontrara uma vez o Rei Janus, como o homem alto e ruivo colocara a mão na cabeça do garoto para mexer no cabelo e dizer “Espero que você tenha o braço de seu pai, garoto” com uma gargalhada estrondosa. Na verdade, Vaelin mal se lembrava do Rei; tinha apenas oito anos quando o pai o empurrou para frente na recepção no palácio. Mas lembrava-se da opulência do palácio e os trajes finos dos nobres ali reunidos. O Rei Janus tinha um filho e uma filha, um rapaz de aparência séria de uns dezessete anos e uma menina da idade de Vaelin, que o olhara de cara feia detrás do longo manto com barra de arminho do pai. O Rei não tinha rainha na época; ela morrera no verão anterior. Diziam que Janus tinha o coração partido e que jamais voltaria a se casar. Vaelin lembrava que a menina — sua mãe a chamava de princesa — ficara no lugar quando o Rei se afastara para cumprimentar outro convidado. Ela o olhou de cima a baixo com frieza. — Não vou me casar com você — escarneceu ela. — Você é sujo. — E com isso correu atrás do pai sem olhar para trás. O pai de Vaelin dera voz a uma de suas raras risadas, dizendo: — Não se preocupe, garoto. Eu não o amaldiçoaria com ela.

— Como ele era? — perguntou Caenis interessado. — Ele tinha quase dois metros como dizem?

Vaelin encolheu os ombros.

— Ele era alto. Não sei dizer o quanto. E tinha umas

marcas vermelhas estranhas no pescoço, como se tivesse sido queimado.

— Quando ele tinha sete anos, pegou a Mão Vermelha — disse Caenis, mudando para a voz de contar histórias. — Durante dez dias sofreu as agonias e suores de sangue que teriam matado um homem adulto, antes de a febre baixar e ficar forte de novo. Até mesmo a Mão Vermelha, que levara a morte a todas as famílias no país, não conseguiu levar Janus. Apesar de ser apenas uma criança, seu espírito era forte demais para ser destruído.

Vaelin supunha que Caenis sabia muitas histórias sobre seu pai — o tempo que passara na Ordem lhe mostrara o tamanho verdadeiro da fama do Senhor da Batalha —, mas nunca pediu para ouvir alguma. Para Caenis, o pai de Vaelin era uma lenda, um herói que ficou ao lado do Rei durante as Guerras de Unificação. Para Vaelin, era um cavaleiro que desapareceu no nevoeiro dois anos antes.

— Como se chamam os filhos do Rei? — perguntou Vaelin. Por alguma razão, seus pais nunca lhe contaram muito sobre a corte.

— O filho do Rei e herdeiro do trono é o Príncipe Malcius, dito ser um jovem estudioso e obediente. A filha é a Princesa Lyrna, que muitos acham que superará até mesmo a beleza da mãe.

Às vezes Vaelin ficava inquieto com a luz que brilhava nos olhos de Caenis quando o garoto falava sobre o Rei e sua família. Era a única ocasião em que a expressão pensativa desaparecia, como se não estivesse pensando em nada. Vaelin vira expressões similares nos rostos de pessoas quando agradeciam aos Finados, como se deixassem seus corpos por um instante, deixando apenas a Fé para trás.

Conforme o inverno avançava e a neve cobria a terra, começavam os preparativos para o Teste da Natureza. As trilhas com Mestre Hutril tornaram-se mais longas, as lições mais detalhadas e urgentes, fazia os garotos correrem na neve até ficarem doloridos e distribuía castigos severos por relaxamento e desatenção. Contudo, os garotos sabiam como era importante aprender tudo o que pudessem. A essa altura já estavam na Ordem há tempo suficiente para que os garotos mais velhos lhes dessem conselhos ocasionais, que em geral eram avisos lúridos sobre perigos futuros, dentre os quais o Teste da Natureza tinha lugar de destaque: *Pensavam que ele tinha desaparecido para sempre, mas encontram o corpo no ano seguinte, congelado e grudado a uma árvore... Tentou comer uma fruta de fogo e vomitou o fígado... Entrou em uma toca de gato selvagem e saiu de lá carregando as tripas nos braços...* As histórias sem dúvida eram exageradas, mas escondiam uma verdade essencial: garotos morriam em cada Teste da Natureza.

Quando chegou a hora, foram levados em grupos pequenos ao longo de um mês, para diminuir a chance de se encontrarem e se ajudarem na provação. Era um teste que cada garoto devia enfrentar sozinho. Havia uma viagem curta de barcaça rio acima, depois uma longa jornada de carroça por uma estrada sinuosa coberta de neve até a região montanhosa com poucas árvores além da Urlish. Mestre Hutril parava a carroça a cada dez quilômetros e levava um dos garotos para o meio das árvores, voltando algum depois para retomar as rédeas. Quando chegou a vez de Vaelin, o garoto foi levado ao longo de um pequeno córrego até uma ravina coberta.

— Está com sua pederneira? — perguntou Mestre Hutril.

— Sim, mestre.

— Barbante, corda de arco nova, cobertor extra?

— Sim, mestre.

Hutril balançou a cabeça, a respiração transformando-se em fumaça no ar gelado.

— O Aspecto me deu uma mensagem para entregar a você — disse ele após um momento. Vaelin achou estranho Hutril estar evitando seu olhar. — Ele disse que, como é provável que você seja perseguido sempre que deixar a proteção da Casa, pode voltar comigo e passará no teste.

Vaelin ficou sem palavras. O choque da oferta do Aspecto, somado ao fato de que era a primeira vez que algum dos mestres fazia menção ao que se passara na floresta, deixou-o atônito. Os testes não eram apenas tormentos arbitrários, elaborados ao longo dos anos por mestres sádicos. Eram parte da Ordem, estabelecidos por seu fundador quatrocentos anos antes e jamais modificados desde então. Eram mais do que um legado, eram uma profissão da Fé. Não pôde deixar de sentir que evitar o teste e ainda continuar na Ordem seria mais do que apenas desonestidade, para não dizer um desrespeito para com seus amigos — seria uma blasfêmia. Pensando mais um pouco, ocorreu-lhe outra coisa: *E se isso for outro teste? E se o Aspecto quer ver se evitarei uma provação que meus irmãos não podem evitar?* Porém, ao ver o olhar cauteloso de Mestre Hutril, percebeu algo que lhe dizia que a oferta era genuína: vergonha. Hutril considerava a oferta um insulto.

— Receio contradizer a opinião do Aspecto, mestre — disse Vaelin. — Mas acho improvável que um assassino vá se arriscar nestas colinas no inverno.

Hutril tornou a balançar a cabeça, soltando um suspiro de alívio, com um leve e raro sorriso nos lábios.

— Não vá para muito longe, escute a voz das colinas, siga apenas os rastros mais recentes. — Dito isso, colocou o arco no ombro e fez o caminho de volta até a

carroça.

Vaelin o viu partir, sentindo muita fome, apesar do café da manhã reforçado que haviam tomado aquela manhã. Ficou feliz por ter aproveitado a oportunidade para roubar um pouco de pão da cozinha antes de partirem.

Conforme as lições de Hutril, Vaelin começou de imediato a construir um abrigo. Encontrou um recesso conveniente entre duas rochas grandes para servir de paredes e foi recolher galhos para um telhado. Havia alguns galhos caídos ao redor que podia usar, mas logo teve que cortar mais coberturas das árvores circundantes. Emparedou um lado empilhando neve, moldando-a em blocos grossos, como fora ensinado. Terminado o trabalho, recompensou a si mesmo com um pão, forçando-se a não devorá-lo, apesar da fome, dando mordidas pequenas e mastigando bem antes de engolir.

Em seguida, teve que acender uma fogueira, arrumando algumas pedras pequenas em um círculo perto da entrada do abrigo, tirando a neve do centro e enchendo-o com gravetos e galhos pequenos que preparara ao arrancar as cascas úmidas pela neve, revelando a madeira seca por baixo. Algumas faíscas da pederneira e logo estava aquecendo as mãos em uma respeitável fogueira. *Comida, abrigo, calor*, Mestre Hutril sempre lhes dizia. *É o que mantém um homem vivo. Todo o resto é luxo.*

A primeira noite no abrigo foi insone, tomada por ventos uivantes e por um frio cortante, contra o qual o cobertor que Vaelin prendera na entrada fornecia pouca proteção. Resolveu elaborar uma cobertura mais resistente no dia seguinte, e passou horas tentando ouvir vozes no vento. Dizia-se que os ventos sopravam até o Além e que os Finados os usavam para enviar mensagens de volta aos Fiéis, alguns dos quais ficavam

horas nas encostas de colinas esforçando-se para ouvir palavras de sabedoria ou consolo de entes queridos perdidos. Vaelin jamais ouvira uma voz no vento e imaginava quem seria caso ouvisse. Talvez a mãe, embora ela não tenha lhe aparecido de novo desde a primeira noite na Ordem. Talvez Mikehl, ou os assassinos, vociferando seu ódio ao vento. Mas essa noite não havia vozes no vento, e ele caiu em um sono inquieto e gelado.

No dia seguinte, começou a juntar galhos finos para construir uma porta para o abrigo. O trabalho era longo e complicado, deixando os dedos já dormentes doloridos com o esforço. Passou o resto do dia caçando, uma flecha pronta na corda enquanto examinava a neve em busca de rastros. Achava que um veado passara pela ravina durante a noite, mas os rastros eram indistintos demais para serem seguidos com sucesso. Encontrou rastros recentes de cabra, mas levavam a uma elevação escarpada que Vaelin não esperava escalar antes do anoitecer. Acabou tendo que se contentar em abater dois corvos, que cometeram o erro de se empoleirar perto demais do abrigo, e preparar algumas armadilhas para quaisquer coelhos descuidados que sentissem vontade de se aventurar na neve.

Depenou os corvos e guardou as penas para usar no fogo, colocou as aves no espeto e as assou sobre a fogueira. A carne era seca e dura, e compreendeu por que corvos não eram considerados uma iguaria. Com o cair da noite, havia pouco a fazer além de se aconchegar perto do fogo até que apagasse, e então entrar no abrigo. A porta que fizera era mais útil do que o cobertor, mas ainda assim o frio parecia entrar nos ossos. O estômago reclamava, mas o vento uivava ainda mais alto, e continuava a não ouvir vozes.

Teve mais sorte de manhã, matando uma lebre da

neve. Ficou orgulhoso com o abate; a flecha acertou o animal enquanto corria para a toca. Dentro de uma hora a lebre já estava esfolada e limpa, e Vaelin sentiu um prazer imenso ao assá-la sobre o fogo, observando de olhos arregalados a gordura escorrer pela carne. *Deviam chamar de Teste da Fome*, pensou enquanto o estômago dava voz a outro ronco alto. Comeu metade da carne e guardou a outra metade em um buraco de árvore que escolhera como esconderijo. Ficava a uma boa distância do chão, tinha que subir para alcançá-lo, e a árvore era frágil demais para suportar o peso de um urso que farejasse o prêmio. Foi um verdadeiro esforço resistir ao desejo de devorar a carne toda de uma vez, mas sabia que, se o fizesse, poderia ter que encarar o dia seguinte sem uma refeição.

Passou o resto do dia caçando sem sucesso; as armadilhas continuaram vazias e Vaelin teve de se contentar em procurar raízes, cavando na neve. As raízes que encontrou não chegaram a saciá-lo e precisaram ser cozidas durante muito tempo para que ficassem comestíveis, mas bastaram para abrandar a fome. O único golpe de sorte foi encontrar uma raiz yallin, comestível, mas que tinha um sumo de fedor acentuado que seria útil para proteger o estoque de comida e o abrigo de lobos ou ursos que pudessem estar à espreita.

Vaelin voltava para o abrigo após outra caçada infrutífera quando começou a nevar com intensidade, e o vento logo transformou os flocos em uma nevasca. Conseguiu voltar antes que a neve ficasse densa demais para poder enxergar o caminho e calçou com firmeza a porta de galhos na entrada, aquecendo as mãos geladas na pele de lebre que escolhera para usar como cachecol. Não podia acender uma fogueira no meio de uma tempestade de neve e não teve escolha a não ser esperar que passasse, tremendo, mexendo as

mãos no meio do pelo para que não ficassem dormentes.

O vento estava mais alto do que nunca, ainda uivando, deixando suas vozes no Além... *O que foi isso?* Sentou-se, prendendo a respiração e ouvindo com atenção. Uma voz, uma voz no vento. Indistinta, lamentosa. Ficou imóvel e em silêncio, esperando que voltasse. O guincho do vento era ininterrupto e enfurecedor, cada mudança de tom parecia anunciar outro chamado da voz misteriosa. Vaelin aguardou, respirando devagar, mas nada surgiu.

Sacudiu a cabeça e tornou a deitar, aconchegando-se debaixo do cobertor, tentando encolher-se o máximo possível...

— ... maldito...

Sentou-se de súbito, totalmente desperto. Não restava dúvida. Havia uma voz no vento. Surgiu de novo, dessa vez mais rápida, o vento permitindo que apenas algumas palavras chegassem até ele.

— ... está me ouvindo? Maldito seja!... arrependo de nada! Eu... nada...

A voz era tênue, mas podia ouvir com clareza a raiva contida nela. Essa alma enviara uma mensagem de ódio através do vazio. Era para ele? Sentiu um pavor gélido agarrá-lo como um punho gigante. *Os assassinos, Brak e os outros dois.* Os tremores aumentaram, mas não devido ao frio.

— ... nada! — berrou a voz. — Nada... que fiz... coisa alguma! Está me ouvindo?

Vaelin achava que conhecia o medo, achava que a provação na floresta o deixara calejado, que de certa forma o tornara imune ao terror. Enganara-se. Alguns dos mestres falavam de homens que se mijavam quando eram dominados pelo medo. Jamais acreditara nisso, até agora.

— ... levarei meu ódio para o Além! Se amaldiçoou a

minha vida, amaldiçoará minha morte mil vezes...

Os tremores de Vaelin cessaram por um momento. *Morte? Que tipo de alma de Finado fala sobre morrer?* Ocorreu-lhe algo muito óbvio que o deixou constrangido, e ficou feliz por ninguém estar ali para vê-lo assim: *alguém está lá fora na tempestade enquanto estou sentado aqui encolhido de medo*.

Teve de cavar para sair do abrigo; a nevasca empilhara neve contra a porta a quase um metro de altura. Após alguns momentos de esforço, arrastou-se para fora e foi envolvido pela fúria da tempestade. O vento era como uma faca que lhe atravessava o manto como se fosse feito de papel, a neve lhe batia no rosto como pregos e não conseguia ver quase nada.

— Ei! — gritou ele, sentido as palavras desaparecerem na ventania assim que lhe saíram dos lábios. Respirou fundo, engolindo neve, e tentou de novo: — EI! QUEM ESTÁ AÍ?

Algo se moveu na nevasca, uma forma vaga na muralha branca. Sumiu antes que pudesse identificá-la. Respirando fundo mais uma vez, começou a avançar com dificuldade até onde achava ter visto a forma, içando as pernas dos montes de neve congelante. Tropeçou várias vezes antes de encontrá-las, duas figuras, encolhidas juntas, parcialmente cobertas pela neve, uma grande, uma pequena.

— Levantem! — gritou Vaelin, cutucando a figura maior. Ela gemeu, rolou, a neve caiu do rosto incrustado de gelo e dois olhos de um azul-claro fitavam daquela máscara congelada. Vaelin recuou um pouco. Jamais vira um olhar tão intenso. Nem mesmo o olhar de Mestre Sollis podia penetrar uma alma como este. Levou inconsciente a mão até o punho da faca debaixo do manto. — Se ficarem aqui, morrerão congelados em alguns minutos! — gritou. — Tenho um abrigo. — Acenou na direção de onde viera. — Conseguem andar?

Os olhos continuavam a fitá-lo, a face coberta de gelo imóvel. *Minha sorte não falha*, pensou Vaelin com pesar. *Somente eu poderia encontrar um louco no meio de uma tempestade de neve.*

— Eu consigo andar. — A voz do homem era um rosnado. Indicou com a cabeça a figura menor a seu lado. — Vou precisar de ajuda com esta aqui.

Vaelin avançou até a figura menor, colocando-a de pé, o que fez com que ela soltasse um gemido de dor. Ao levantar a figura, o capuz caiu para trás e revelou um rosto pálido e delicado e uma mecha de cabelo ruivo. A garota ficou de pé apenas por um instante antes de desmaiar em seus braços.

— Aqui — grunhiu o homem, pegando um dos braços da garota e passando-o em volta dos ombros. Vaelin pegou o outro braço e fizeram o caminho de volta com dificuldade até o abrigo. Pareceu levar eras; a tempestade continuava a ficar mais intensa e Vaelin sabia que, se parassem mesmo por um segundo, a morte viria em seguida. Chegando ao abrigo, Vaelin retirou a neve que voltara a se acumular na entrada e empurrou a garota para dentro primeiro, gesticulando para o que homem a seguisse. Ele sacudiu a cabeça. — Você primeiro, garoto.

Vaelin percebeu o tom inflexível no grunhido e soube que ficar ali para discutir seria inútil e possivelmente fatal. Arrastou-se para o abrigo, empurrando o corpo da garota mais para dentro conforme entrava, espremendo a ambos o melhor que pôde. O homem veio logo em seguida, o corpanzil deixando pouco espaço livre, obstruindo a porta de Vaelin.

Deitaram-se juntos, as respirações combinadas enchendo de fumaça o interior do abrigo. Os pulmões de Vaelin ardiam com o esforço de abrir caminho na neve e as mãos tremiam sem cessar. Enfiou-as no manto, esperando que isso evitasse queimaduras de

frio e que congelassem. Começou a ser tomado por um cansaço irresistível, anuviando-lhe a visão à medida que ficava inconsciente. Teve um último vislumbre do homem a seu lado, que observava a tempestade por uma fenda na porta. Antes que a exaustão o dominasse por completo, Vaelin ouviu o homem murmurar:

— Mais um pouco. Só mais um pouco.

Despertou com uma dor de cabeça lancinante; um fino raio de sol penetrou pelo teto e atingiu-lhe em cheio no olho, provocando um uivo de dor. A seu lado a garota mexeu-se enquanto dormia, uma das botas deixando uma marca na canela do garoto. O homem não se encontrava no abrigo e um aroma forte e apetitoso vinha da entrada. Vaelin decidiu que preferia ficar lá fora.

Encontrou o homem cozinhando bolos de aveia sobre a fogueira em uma frigideira de ferro, o cheiro provocando uma fome excruciante. Livre da máscara de gelo, as feições do homem eram esguias, mas com linhas fundas. A fúria que lhe turvava os olhos na tempestade desaparecera, substituída por uma afabilidade intensa que Vaelin achou desconcertante. O homem aparentava ter uns trinta e tantos anos, mas era difícil dizer com certeza; havia uma profundidade naquele rosto, uma seriedade naquele olhar que indicava uma vasta experiência. Vaelin não se aproximou, temendo que avançaria sobre os bolos se chegasse mais perto.

— Fui buscar nossas coisas — disse o homem, indicando com a cabeça duas mochilas cobertas de neve. — Tivemos que largá-las ontem à noite alguns quilômetros atrás. Peso demais. — Tirou os bolos do fogo e ofereceu a frigideira a Vaelin.

O garoto sacudiu a cabeça, mesmo com água na boca.

— Não posso.
— Garoto da Ordem, hein?
Vaelin assentiu, entorpecido pela fome.
— Por qual outra razão um garoto estaria vivendo aqui? — Sacudiu a cabeça. — Ainda assim, se não fosse por você, Sella e eu estaríamos debaixo da neve. — Levantou e aproximou-se com a mão estendida. — Obrigado, jovem senhor.
Vaelin apertou a mão, sentindo os calos duros que cobriam a palma. *Um guerreiro?* Vaelin olhou para o homem e duvidou que fosse o caso. Os mestres tinham todos um certo modo de se mover e falar que os distinguia. Esse homem era diferente. Tinha a força, mas não a aparência.
— Erlin Ilnis — apresentou-se o homem.
— Vaelin Al Sorna.
O homem ergueu uma sobrancelha.
— O nome da família do Senhor da Batalha.
— Sim, ouvi falar.
Erlin Ilnis assentiu e não deu prosseguimento ao assunto.
— Faltam quantos dias?
— Quatro. Se eu não morrer de fome antes.
— Então aceite as minhas desculpas por me intrometer em seu teste. Espero que não comprometa suas chances de passar.
— Desde que você não me ajude, não deve fazer diferença.
O homem agachou-se para fazer o desjejum, cortando os bolos em porções com uma faca de lâmina fina e levando-os à boca. Incapaz de suportar mais, Vaelin correu para recolher a carne de lebre do buraco da árvore. Teve de cavar em uma camada grossa de neve, mas logo estava de volta ao acampamento com a recompensa.
— Fazia muitos anos que eu não via uma tempestade

assim — comentou Erlin com calma quando Vaelin começou a assar a carne. — Costumava pensar que era um presságio quando o tempo ficava ruim. Parecia que sempre vinha uma guerra ou uma praga logo depois. Agora acho que significa apenas que o tempo ficou ruim.

Vaelin sentiu-se compelido a falar; fez com que não pensasse no ronco incessante do estômago.

— Praga? Fala da Mão Vermelha? Você não pode ser velho o bastante para tê-la visto.

O homem deu um leve sorriso.

— Eu... viajei muito. A praga chega a muitas terras, em muitas formas.

— Quantas? — insistiu Vaelin. — Quantas terras visitou?

Erlin coçou o queixo coberto por uma barba rala considerando a pergunta.

— Não sei dizer, para falar a verdade. Vi as glórias do Império Alpirano e as ruínas dos templos leandrenos. Andei pelos caminhos sombrios da Grande Floresta do Norte e vaguei pelas estepes intermináveis onde os eorhil sil caçam o grande alce. Vi inúmeras cidades, ilhas e montanhas. Mas sempre, onde quer que eu vá, sempre acabo numa tempestade.

— Você não é do Reino? — Vaelin estava intrigado. O sotaque do homem era estranho, tinha vogais chiadas, mas ainda era claramente asraelino.

— Ah, eu nasci aqui. Há uma aldeia a alguns quilômetros ao sul de Varinshold, tão pequena que nem tem um nome. Encontrará lá meus parentes.

— Por que partiu? Por que viajar para tantos lugares?

O homem encolheu os ombros.

— Tinha bastante tempo livre e não consegui pensar em outra coisa para fazer.

— Por que estava tão furioso?

Erlin voltou-se para o garoto de repente.

— O quê?

— Eu o ouvi. Pensei que era uma voz no vento, um dos Finados. Você estava furioso, dava para ouvir. Foi como encontrei vocês.

O rosto de Erlin assumiu uma expressão de tristeza profunda, quase assustadora. Tamanho era o pesar do homem que Vaelin pensou mais uma vez se não havia resgatado um louco.

— Quando enfrenta a morte, um homem diz coisas muito estúpidas — disse Erlin. — Quando fizerem de você um irmão pleno, tenho certeza de que ouvirá moribundos dizerem os absurdos mais ridículos.

A garota saiu do abrigo, piscando um pouco ofuscada pela luz do sol, com um xale em volta dos ombros. Vendo-a com clareza pela primeira vez, Vaelin achou difícil não encará-la. O rosto era uma oval pálida perfeita, emoldurada por cachos ruivos claros. Era mais velha que ele uns dois anos e uns cinco centímetros mais alta. Percebeu que fazia muito tempo que não via uma garota e sentiu um despreparo desconfortável para lidar com a situação.

— Sella — cumprimentou-a Erlin. — Tem mais bolos na minha mochila, se estiver com fome.

A garota deu um sorriso breve, olhando com cautela para Vaelin.

— Este é Vaelin Al Sorna — disse Erlin. — Um irmão noviço da Sexta Ordem. Devemos a ele nossa gratidão.

Ela ocultou bem, mas Vaelin a viu ficar tensa quando Erlin mencionou a Ordem. A garota virou-se para Vaelin e moveu as mãos em uma série de gestos complexos e ligeiros, com um sorriso vazio no rosto. *Muda*, compreendeu.

— Ela disse que tivemos sorte em encontrar uma alma tão corajosa nessa região erma — informou Erlin.

Na verdade, ela dissera: *Diga-lhe que eu agradeço e vamos embora.* Vaelin achou que seria melhor guardar

para si mesmo o fato de que conhecia a língua de sinais.

— Não há de quê — disse ele. A garota inclinou a cabeça e foi até as mochilas.

Vaelin começou a comer, enfiando depressa a comida na boca com dedos sujos e sem se importar com o fato de que Mestre Hutril teria ficado horrorizado com tal espetáculo. Erlin e Sella conversavam por meio de sinais enquanto ele comia. As formas que faziam eram hábeis e surgiam com uma fluência que o deixava envergonhado das próprias tentativas desajeitadas de imitar Mestre Smentil. Porém, apesar da fluência do diálogo, Vaelin notou os movimentos rápidos e nervosos das mãos da garota e as formas mais calmas e contidas feitas por Erlin.

Ele sabe quem somos?, perguntou ela ao homem.

Não, respondeu Erlin. *É uma criança. Corajosa e astuta, mas uma criança. Ensinam-lhes a lutar. A Ordem não lhes conta nada sobre outras crenças.*

Sella deu uma olhada rápida e cautelosa na direção de Vaelin. O garoto sorriu em resposta, lambendo a gordura dos dedos.

Ele nos matará se souber?, perguntou ela a Erlin.

Ele nos salvou, não se esqueça. Erlin parou e Vaelin teve a impressão de que o homem tentava não olhar em sua direção. *E ele é diferente*, disseram suas mãos. *Outros irmãos da Sexta Ordem não são como ele.*

Diferente como?

Há algo mais nele, mais emoções. Não consegue sentir?

Sella sacudiu a cabeça. *Sinto apenas perigo. É tudo o que tenho sentido há dias.* Parou por um momento, franzindo o cenho. *Ele tem o nome do Senhor da Batalha.*

Sim. Acho que é o filho dele. Ouvi dizer que ele o entregou à Ordem quando a esposa morreu.

Os movimentos da garota ficaram mais frenéticos e insistentes. *Temos que ir embora* agora!

Erlin forçou um sorriso na direção de Vaelin. *Acalme-se ou o deixará desconfiado.*

Vaelin levantou-se e foi até o córrego lavar a gordura das mãos. *Fugitivos*, pensou. *Mas do quê? E o que foi essa conversa sobre outras crenças?* Não pela primeira vez, Vaelin desejou que um dos mestres estivesse ali para guiá-lo. Sollis ou Hutril saberiam o que fazer. Ponderou se deveria tentar segurá-los ali de alguma forma. Dominá-los e amarrá-los. Não tinha certeza se conseguiria fazer isso. A garota não seria problema, mas Erlin era um adulto, e forte. E Vaelin suspeitava que o homem sabia como lutar mesmo que não fosse um guerreiro por profissão. Tudo o que podia fazer era continuar observando a conversa dos dois para descobrir mais.

Percebeu por acaso, o vento mudou de direção, trazendo-o até ele, tênue, mas inconfundível: suor de cavalo. *Deve estar perto, se consigo sentir o cheiro. Mais de um. Vindo pelo sul.*

Escalou depressa a face sul da ravina, esquadrinhando as colinas naquela direção. Avistou-os sem demora, um grupo escuro de cavaleiros, cerca de oitocentos metros para o sudeste. Cinco ou seis deles, mais três cães de caça. Haviam parado e era difícil ver o que estavam fazendo daquela distância, mas Vaelin supôs que estavam esperando que os cães farejassem um rastro.

Forçou-se a voltar devagar para o acampamento, e encontrou a garota cutucando mal-humorada o fogo com um graveto e Erlin reatando uma das correias em sua mochila.

— Logo seguiremos caminho — assegurou-lhe Erlin. — Já lhe incomodamos o suficiente.

— Vão para o norte? — perguntou Vaelin.

— Sim. Para o litoral renfaelino. Sella tem família lá.

— Você não faz parte da família dela?

— Sou apenas um amigo e companheiro de viagem.

Vaelin foi até o abrigo e pegou o arco, sentindo a tensão crescente da garota ao apertar a corda e pendurar a aljava no ombro.

— Preciso caçar.

— É claro. Gostaria de poder lhe dar um pouco da nossa comida.

— Não é permitido receber ajuda de outros durante este teste. Além do mais, tenho certeza de que vocês não podem abrir mão de um pouco que seja.

A garota moveu as mãos, irritada: *Verdade.*

— Acho que está na hora de partirmos — disse Erlin, aproximando-se com a mão estendida. — Mais uma vez, obrigado, jovem senhor. Não é comum encontrar uma alma tão generosa. Acredite, eu sei...

Vaelin moveu as mãos, produzindo sinais desajeitados comparados aos deles, mas o significado era claro o suficiente: *Cavaleiros ao sul. Com cães. Por quê?*

Sella levou a mão à boca, o rosto pálido quase branco de medo. A mão de Erlin aproximou-se da faca de lâmina curva enfiada no cinto.

— Não faça isso — disse Vaelin. — Apenas me diga por que estão fugindo. E quem os está perseguindo.

Erlin e a garota trocaram olhares nervosos. Sella remexia as mãos como se lutasse contra o impulso de se comunicar. Erlin agarrou-lhe a mão e Vaelin não sabia se estava tentando acalmá-la ou silenciá-la.

— Então eles ensinam os sinais a vocês — disse ele, com um tom neutro.

— Eles nos ensinam muitas coisas.

— Ensinam sobre os Negadores?

Vaelin franziu o cenho, lembrando-se de uma das raras explicações do pai. Fora a primeira vez que vira os portões da cidade e os corpos putrescentes nas jaulas que pendiam da muralha.

— Negadores são blasfemadores e hereges. Aqueles que negam a verdade da Fé.

— E você sabe o que acontece a Negadores, Vaelin?

— São mortos e pendurados nas muralhas da cidade em jaulas.

— São pendurados nas muralhas ainda vivos e são deixados para morrerem de fome. Têm as línguas cortadas, para que os gritos não incomodem os transeuntes. Isso é feito simplesmente porque seguem uma fé diferente.

— Não há Fé diferente.

— Sim, há, Vaelin! — O tom de Erlin era duro, implacável. — Eu lhe disse que viajei por todo o mundo. Há inúmeras crenças, inúmeros deuses. Há mais modos de reverenciar o divino do que estrelas no céu.

Vaelin sacudiu a cabeça, achando o argumento irrelevante.

— E é isso o que vocês são? Negadores?

— Não. Sigo a mesma Fé que você. — Erlin deu uma risada amargurada. — Afinal, não tenho muita escolha. Mas Sella tem um caminho diferente. Sua crença é diferente, mas tão verdadeira quanto a sua e a minha. Porém, se ela for capturada pelos homens que estão nos perseguindo, irão torturá-la e matá-la. Acha que isso é certo? Acha que todos os Negadores merecem tal destino?

Vaelin observou Sella. A garota tinha o rosto dominado pelo medo, os lábios trêmulos, mas os olhos permaneciam intocados pelo terror que sentia. Fixaram-se nos do garoto, sem piscar, magnéticos, questionadores, fazendo-o pensar em Mestre Sollis durante aquela primeira lição de esgrima.

— Não pode me enganar — disse a ela.

A garota respirou fundo, soltando as mãos com delicadeza das de Erlin, e sinalizou: *Não estou tentando enganá-lo. Estou procurando algo.*

— E o que seria?

Algo que não vi antes. Virou-se para Erlin. *Ele nos ajudará.*

Vaelin abriu a boca para retrucar, mas as palavras morreram-lhe nos lábios. Ela tinha razão: ele iria ajudá-los. Não havia complexidade a respeito da decisão. Ele sabia que era o certo a se fazer. Iria ajudá-los porque Erlin era honesto e corajoso e Sella era bonita e vira algo nele. Iria ajudá-los porque sabia que não mereciam morrer.

Foi até o abrigo e voltou com a raiz yallin.

— Aqui. — Jogou-a para Erlin. — Corte em duas e esfregue o sumo nos pés e nas mãos. Eles têm o rastro de quem?

Erlin cheirou a raiz em dúvida.

— O que é isso?

— Disfarçará seu cheiro. Qual de vocês eles estão seguindo?

Sella bateu no próprio peito. Vaelin notou o lenço de seda que a garota usava no pescoço. Apontou para ele, fazendo sinal para que ela lhe entregasse.

É de minha mãe, protestou ela.

— Então ela ficará feliz por isso lhe ter salvado a vida.

Após um instante de hesitação, Sella desamarrou o lenço e o entregou ao garoto. Vaelin amarrou-o no pulso.

— Isso é nojento! — reclamou Erlin, esfregando o sumo de yallin nas botas, o rosto contraído devido ao fedor pungente.

— Os cães também acham — disse Vaelin.

Depois que Sella passou o sumo nas próprias botas e mãos, Vaelin os levou para a parte mais densa da floresta adjacente. Havia uma depressão a algumas centenas de metros do acampamento, funda o suficiente para esconder duas pessoas, mas que não oferecia muita proteção contra olhos experientes. Vaelin

esperava que quem quer que os estivesse perseguindo não chegasse perto o bastante para vê-la. Assim que desceram para a depressão, o garoto pegou a raiz yallin com Sella e espalhou o que pôde espremer do sumo no solo e na vegetação ao redor.

— Fiquem aqui e em silêncio. Se ouvirem os cães, fiquem deitados e imóveis, não corram. Se eu não voltar dentro de uma hora, sigam para o sul por dois dias e então virem para o oeste, sigam a estrada do litoral para o norte e fiquem longe das cidades.

Quando ia partir, Sella estendeu-lhe a mão, parando-a perto da do garoto. Parecia ter receio de tocá-lo. Os olhos dela tornaram a encontrar os de Vaelin, sem questionamentos dessa vez, apenas brilhando de gratidão. O garoto lhe respondeu com um sorriso e partiu, disparando na direção dos perseguidores. A vegetação esparsa era um borrão à sua volta; o corpo lhe doía com o esforço. Ignorou as dores e continuou a correr, o lenço no pulso esvoaçando ao vento.

Foram necessários cinco minutos de corrida intensa até ouvir os cães, os ganidos distantes e agudos tornando-se latidos bruscos e ameaçadores conforme se aproximavam. Vaelin escolheu uma posição defensiva em cima de um tronco caído de bétula e tirou depressa o lenço do pulso, atando-o em volta do pescoço e enfiando-o dentro das roupas. Esperou, uma flecha encaixada na corda do arco, fazendo fumaça enquanto respirava fundo e tentava controlar o tremor dos membros.

Os cães lhe alcançaram mais rápido do que esperava, três formas escuras saindo da vegetação a quase vinte metros de distância, rosnando, dentes amarelos à mostra, levantando neve enquanto corriam em sua direção. Vaelin levou um choque momentâneo ao vê-los; eram de uma raça desconhecida. Maiores, mais rápidos e mais musculosos do que qualquer cão de caça

que já vira. Até mesmo os cães de caça renfaelinos do canil da Ordem pareciam filhotes em comparação. O pior eram os olhos, que o fitavam amarelos, cheios de um ódio que parecia fazê-los brilhar à medida que se aproximavam, a baba escorrendo de mandíbulas em meio aos rosnados.

A flecha atingiu o primeiro na garganta, fazendo-o rolar pela neve com um ganido lastimoso de surpresa. Tentou preparar outra flecha, mas o segundo cão alcançou-o antes que pudesse tirar a seta da aljava. O animal saltou, batendo-lhe no peito com garras afiadas, a cabeça inclinada para cravar os dentes brilhantes em seu pescoço. Vaelin rolou com a força do impacto, soltando o arco e sacando a faca do cinto com a mão direita para golpear para cima no momento em que bateu com as costas no chão, o ímpeto do cão ajudando a enfiar a lâmina no peito do animal, atravessando costelas e cartilagem para encontrar o coração, o sangue jorrando negro e espesso pela boca. Lutando contra a náusea, Vaelin colocou as botas embaixo do corpo que se crispava e o empurrou para longe, rolando e ficando de pé, a faca apontada para o terceiro cão, pronto para a investida.

Que não aconteceu.

O cão sentou-se, de orelhas e cabeça abaixadas quase até o chão, desviando os olhos. Ganindo, o animal ergueu o corpo musculoso e se aproximou mais, tornando a sentar, olhando Vaelin com uma expressão estranha e amedrontada, mas expectante.

— É melhor ser rico, garoto — disse uma voz rouca e muito irritada. — Você me deve por três cães.

Vaelin girou sobre os calcanhares, a faca a postos, e viu um homem esfarrapado e robusto sair do meio dos arbustos, o peito arfante indicando a dificuldade que teve ao correr atrás dos cães. Tinha uma espada de padrão asraelino atravessada nas costas e usava um

manto azul-escuro sujo.

— Dois cães — disse Vaelin.

O homem olhou furioso para o garoto e cuspiu no chão, levando a mão às costas e sacando a espada em um movimento experiente.

— Esses são cães de escravos volarianos, seu merdinha. O terceiro agora já não me serve para nada. — Aproximou-se, movendo os pés na neve em um movimento dançante familiar, a ponta da espada baixa, braço levemente dobrado.

O cão deu um rosnado baixo e ameaçador. Vaelin olhou-o de soslaio, esperando ver o animal avançando mais uma vez em sua direção, mas em vez disso os olhos amarelos cheios de ódio estavam fixos no homem com a espada, os lábios tremendo acima dos dentes à mostra.

— Viu só? — gritou o homem para Vaelin. — Viu o que fez? Quatro anos para treinar esses malditos jogados na sarjeta.

Então Vaelin teve uma sensação de reconhecimento que deveria ter lhe ocorrido assim que o homem apareceu. Ergueu a mão esquerda devagar, mostrando que estava vazia, e a enfiou na camisa para tirar dali o medalhão, erguendo-o para que o homem o visse.

— Minhas desculpas, irmão.

O rosto do homem foi tomado por uma confusão momentânea; Vaelin percebeu que ele não estava intrigado com a visão do medalhão, e sim que calculava se ainda lhe era permitido matá-lo apesar de pertencer à Ordem. A decisão acabou sendo feita por ele.

— Guarde a espada, Makril — disse uma voz penetrante e controlada. Vaelin virou-se no momento em que um cavalo e um cavaleiro emergiam das árvores. O homem de rosto afilado no cavalo acenou-lhe cordialmente com a cabeça enquanto guiava a montaria para mais perto. Era um cavalo asraelino cinzento das

terras do sul, uma raça de patas longas famosa mais pela resistência do que pela agressividade. O homem puxou as rédeas a poucos passos de distância, e olhou para Vaelin com o que poderia ter sido benevolência genuína. Vaelin notou a cor do manto, preto: a Quarta Ordem.

— Bom dia para você, pequeno irmão — cumprimentou o homem de rosto afilado.

Vaelin balançou a cabeça, guardando a faca.

— E para o senhor, mestre.

— Mestre? — O homem sorriu. — Acho que não. — Olhou para o cão remanescente, que agora lhe rosnava. — Receio que lhe fornecemos um companheiro inoportuno, pequeno irmão.

— Companheiro?

— Cães de escravos volarianos são uma raça incomum. Às vezes podem ser incrivelmente selvagens, mas têm um rígido código hierárquico. Você matou o líder da matilha deste animal e aquele que o teria substituído. Agora ele o vê como o líder da matilha. Ele é jovem demais para desafiá-lo, então lhe servirá com uma lealdade inabalável, por ora.

Vaelin olhou para o cão, vendo uma massa de músculos e dentes que rosnava e babava, com um padrão intrincado de cicatrizes no focinho e pelo emaranhado com uma mistura de terra e bosta.

— Não o quero — disse o garoto.

— Tarde demais para isso, idiota — resmungou Makril atrás dele.

— Oh, deixe de ser tão desagradável, Makril — disse o homem, repreendendo o outro. — Você perdeu alguns cães, arranjaremos mais alguns. — Abaixou-se para oferecer a mão a Vaelin. — Tendris Al Forne, irmão da Quarta Ordem e servidor do Conselho para Transgressões Heréticas.

— Vaelin Al Sorna. — Vaelin apertou-lhe a mão. —

Irmão noviço da Sexta Ordem, aguardando confirmação.

— Sim, é claro. — Tendris recostou-se na sela. — Teste da Natureza, não é?

— Sim, irmão.

— Com certeza não invejo os testes de sua Ordem. — Tendris ofereceu um sorriso solidário. — Lembra-se de seus testes, irmão? — perguntou a Makril.

— Somente nos meus pesadelos. — Makril circundava a clareira, olhos fixos no solo, agachando-se ocasionalmente para examinar mais de perto uma marca na neve. Vaelin vira Mestre Hutril fazer a mesma coisa, porém com mais graça. Hutril exalava uma aura de reflexão serena quando procurava rastros. Makril era um contraste nítido, em constante movimento, agitado, impaciente.

O som da neve sendo pisada por cascos anunciou a chegada de mais três irmãos da Quarta Ordem, todos montados como Tendris em cavalos asraelinos e com a aparência calejada de homens que passavam a maior parte da vida caçando algo. Cada um cumprimentou Vaelin com um aceno breve quando Tendris o apresentou, antes de partirem para vasculhar os arredores.

— Devem ter seguido o rastro até aqui — contou-lhes Tendris. — Os cães devem ter farejado algo além de uma provável refeição na pessoa de nosso jovem irmão aqui.

— Posso perguntar o que procuram, irmão? — indagou Vaelin.

— A ruína de nosso reino e de nossa Fé, Vaelin — respondeu Tendris com tristeza. — Os Infiéis. É uma tarefa que me foi confiada e aos irmãos com quem cavalgo. Perseguimos aqueles que negam a verdade da Fé. Pode ser uma surpresa para vocês que tal gente exista, mas acredite em mim, eles existem.

— Não há nada aqui — disse Makril. — Nenhum rastro,

nada para os cães farejarem. — Abriu caminho pela neve pesada e parou diante de Vaelin. — A não ser você, irmão.

Vaelin franziu o cenho.

— Por que seus cães seguiriam meu rastro?

— Encontrou alguém durante o teste? — perguntou Tendris. — Talvez um homem e uma garota?

— Erlin e Sella?

Makril e Tendris se olharam.

— Quando? — perguntou Makril.

— Duas noites atrás. — Vaelin ficou orgulhoso do apuro da mentira; sua competência com a desonestidade estava aumentando. — A neve caía forte e precisavam de abrigo. Ofereci-lhes o meu. — Olhou para Tendris. — Fiz mal, irmão?

— Bondade e generosidade nunca são ruins, Vaelin. — Tendris sorriu. Vaelin ficou perturbado pelo fato de que o sorriso parecia genuíno. — Eles ainda estão em seu acampamento?

— Não, partiram na manhã seguinte. Falaram pouco. A garota na verdade nem falou.

Makril bufou uma risada seca.

— Ela não pode falar, garoto.

— Ela me deu isto. — Vaelin tirou o lenço de seda de Sella debaixo da camisa. — O homem disse que era em agradecimento. Não vi mal algum em aceitar. Não serve para esquentar. Se estão perseguindo eles, talvez os cães tenham farejado isso.

Makril inclinou-se para perto, cheirou o lenço, narinas alargadas, os olhos fixos nos de Vaelin. *Ele não acredita em uma só palavra*, Vaelin percebeu.

— O homem lhe disse para onde estavam indo? — perguntou Tendris.

— Norte, para Renfael. Disse que a garota tinha família lá.

— Ele mentiu — disse Makril. — Ela não tem família

em lugar algum. — Ao lado de Vaelin, os rosnados do cão ficaram mais intensos. Makril recuou devagar, fazendo Vaelin imaginar que tipo de cão causaria medo no próprio dono.

— Vaelin, isto é muito importante — disse Tendris, inclinando-se para frente na sela, observando o garoto atentamente. — A garota tocou em você?

— Se tocou em mim, irmão?

— Sim. Mesmo o mais leve toque?

Vaelin lembrou-se da hesitação de Sella quando a garota estendeu a mão em sua direção, e percebeu que ela não chegara a lhe tocar, embora a intensidade do olhar de Sella quando encontrou algo nele tenha parecido quase como se tivesse sido tocado, tocado por dentro.

— Não. Não, ela não tocou.

Tendris endireitou-se na sela, balançando a cabeça com satisfação.

— Então você de fato foi afortunado.

— Afortunado?

— Ela é uma bruxa Negadora, garoto — disse Makril. O homem subira no tronco de bétula e mascava uma cana de açúcar que aparecera na mão calejada. — A garota pode enredar seu coração com um toque daquela mão delicada.

— O que nosso irmão quer dizer — explicou Tendris — é que essa garota tem um poder, uma habilidade que vem das Trevas. A heresia dos Infiéis às vezes se manifesta de maneiras estranhas.

— Ela tem um poder?

— É melhor não o incomodarmos com os detalhes. — Puxou as rédeas do cavalo, guiando-o até a borda da clareira, procurando por rastros. — Você disse que partiram ontem de manhã?

— Sim, irmão. — Vaelin tentou não olhar para Makril, sabendo que o robusto rastreador lhe observava com

intensa suspeita. — Em direção ao norte.

— Hmm... — Tendris olhou para Makril. — Ainda podemos rastreá-los sem os cães?

Makril encolheu os ombros.

— Talvez, mas não será fácil depois da tempestade da noite de ontem. — Deu outra mordida na cana e a jogou fora. — Vou fazer um reconhecimento ao norte das colinas. É melhor você levar os outros e procurar a oeste e leste. Podem ter tentado voltar para nos despistar. — Lançou um último olhar hostil para Vaelin antes de desaparecer em disparada em meio às árvores.

— É hora de eu seguir caminho, irmão — disse Tendris. — Estou certo de que tornarei a vê-lo quando tiver passado em todos os seus testes. Quem sabe, talvez haja um lugar na minha companhia para um jovem irmão de coração valente e perspicaz.

Vaelin olhou para os corpos dos dois cães, fios de sangue manchavam a manta branca da neve. *Teriam me matado. É para isso que são criados. Não apenas para rastrear. Se tivessem encontrado Sella e Erlin...*

— Quem sabe por qual caminho a Fé nos conduz, irmão — disse a Tendris, não conseguindo forçar mais do que um tom neutro na voz.

— De fato — assentiu Tendris, aceitando a sabedoria. — Bem, que a sorte o acompanhe.

Vaelin ficou tão surpreso que seu plano tivesse funcionado que deixou Tendris levar o cavalo até a borda da clareira antes de se lembrar de fazer uma pergunta vital.

— Irmão! O que faço com esse cão?

Tendris olhou sobre o ombro enquanto se afastava, esporeando a montaria a um meio-galope.

— Mate-o se você for esperto. Fique com ele se for corajoso. — O homem riu, erguendo a mão enquanto o cavalo encetava um galope, levantando a neve em uma

nuvem espessa que cintilou no sol invernal.

Vaelin olhou para o cão. O animal ergueu a cabeça para ele com olhos reverentes, a longa língua rosada pendendo da boca molhada pela baba. Notou mais uma vez as numerosas cicatrizes no focinho. Embora jovem, esse animal tivera uma vida difícil.

— Arranhão — disse ao cão. — Vou chamar você de Arranhão.

A carne de cachorro era dura e fibrosa, mas Vaelin deixara de ser exigente com a comida há muito tempo. Arranhão choramingou sem parar enquanto Vaelin fatiava uma das carcaças na clareira, cortando uma das coxas traseiras do cão maior. O animal manteve-se afastado de Vaelin quando o garoto retornou ao acampamento e cortou tiras da carne para assar na fogueira. Somente após a carne ter sido comida e Vaelin ter escondido o restante no buraco da árvore o cão arriscou-se a chegar mais perto, cheirando os pés de Vaelin para se reassegurar. Quaisquer que fossem os traços selvagens que os cães de escravos volarianos tivessem, parecia que o canibalismo não estava entre eles.

— Não sei o que vou lhe dar de comer se você não for comer sua própria espécie — ponderou Vaelin, acariciando sem jeito a cabeça de Arranhão. O cão sem dúvida não estava acostumado a ser acariciado e recuou desconfiado quando Vaelin tentou pela primeira vez.

Já estava no acampamento há mais de uma hora, cozinhando, atiçando o fogo, limpando a neve do abrigo e resistindo à tentação de ir ver se Erlin e Sella ainda estavam escondidos na depressão. Tinha uma sensação de algo errado desde que Tendris fora embora, uma suspeita de que o homem aceitara sua explicação com

muita facilidade. Podia estar errado, é claro. Tendris lhe pareceu o tipo de irmão cuja Fé era absoluta e inabalável. Assim, a ideia de um colega irmão mentir, ainda mais mentir para proteger uma Negadora, simplesmente não lhe ocorreria. Por outro lado, poderia um homem que passou a vida inteira vasculhando o Reino à procura de hereges permanecer tão livre de cinismo?

Sem respostas a essas perguntas, Vaelin não podia arriscar ir ver como estavam os fugitivos. Não havia nenhum aviso no vento, nenhuma mudança na canção da natureza que indicasse alguma emboscada, mas ainda assim permaneceu no acampamento, comendo carne de cachorro e pensando no que fazer com o presente.

Arranhão parecia ser um animal estranhamente alegre, considerando que fora criado para caçar e matar pessoas. Corria pelo acampamento, brincando com gravetos ou ossos que escavara da neve, trazendo-os para Vaelin, que logo descobriu que era uma tarefa inútil e cansativa tentar arrancá-los do cão. Não tinha a menor ideia se permitiriam que ficasse com o cão quando voltasse para a Ordem. Era improvável que Mestre Chekril, que cuidava do canil, fosse querer uma fera daquelas perto de seus adoráveis cães de caça. O mais provável era que enfiassem uma adaga na garganta do animal assim que o garoto aparecesse nos portões.

Saíram para caçar à tarde, Vaelin esperando outra busca infrutífera, mas não tardou para que Arranhão encontrasse um rastro. Deu um latido breve e saiu correndo, saltando pela neve, Vaelin seguindo com dificuldade em seu encalço. Não demorou para descobrir a origem do rastro: a carcaça congelada de um pequeno veado que sem dúvida fora pego na tempestade da noite anterior. Curiosamente, não havia

sido tocado. Arranhão estava sentado ao lado do corpo, olhando desconfiado para Vaelin enquanto o garoto se aproximava. Vaelin estripou a carcaça e jogou as entranhas para Arranhão, cuja reação extática o surpreendeu. O cão latiu contente, engolindo a carne em um frenesi de dentes e mordidas. Vaelin arrastou o veado de volta para o acampamento, pensando na estranha mudança de sua situação. Fora da quase inanição a uma abundância de comida em menos de um dia, mais comida de fato do que poderia comer antes que Mestre Hutril retornasse para levá-lo de volta à Casa da Ordem.

A escuridão caiu depressa, uma noite enluarada e sem nuvens transformando a neve em ondulações de um cinza azulado e expondo um vasto panorama de estrelas no alto. Se Caenis estivesse ali, poderia ter dito o nome de todas as constelações, mas Vaelin conseguia distinguir apenas algumas das mais óbvias: a Espada, o Gamo, a Donzela. Caenis lhe contara uma lenda que dizia que as primeiras almas dos Finados lançaram do Além as estrelas ao céu como um presente às gerações vindouras, criando formas para guiar os vivos pelo caminho da vida. Muitos afirmavam serem capazes de ler a mensagem escrita no céu; a maioria dessas pessoas parecia se reunir em mercados e feiras, oferecendo orientação por um punhado de cobre.

Vaelin pensava no significado de a Espada apontar para o sul quando a sensação de algo errado tornou-se uma certeza nítida. Arranhão ficou tenso e ergueu um pouco a cabeça. Não havia cheiro, som ou aviso algum, mas algo não estava certo.

Vaelin virou-se, olhando por sobre o ombro para a folhagem imóvel às suas costas. *Tão silencioso*, ponderou, um pouco espantado. *Nenhum assassino pode ser tão habilidoso assim.*

— Se estiver com fome, irmão — disse ele —, tenho

carne de sobra. — Virou-se para a fogueira, colocando algumas lenhas para manter as chamas altas. Após um breve intervalo, ouviu um barulho de botas na neve quando Makril passou por ele e foi se agachar à sua frente, estendendo as mãos para o fogo. Não olhou para Vaelin, mas olhou furioso para Arranhão.

— Devia ter matado essa coisa maldita — resmungou ele.

Vaelin foi até o abrigo para pegar uma porção de carne.

— Veado. — Jogou-a para Makril.

O homem cravou a faca na carne e empilhou algumas pedras para mantê-la acima do fogo antes de desenrolar um saco de dormir no chão para se sentar.

— Uma bela noite, irmão — disse Vaelin.

Makril grunhiu, tirando as botas para massagear os pés. O cheiro foi suficiente para fazer Arranhão levantar e afastar-se.

— Lamento que o Irmão Tendris não tenha considerado a minha palavra digna de confiança — continuou Vaelin.

— Ele acreditou em você. — Makril tirou algo do meio dos dedos do pé e jogou no fogo, onde estalou e sibilou. — Ele é um verdadeiro homem da Fé. Enquanto sou um desgraçado desconfiado nascido na sarjeta. É por isso que ele me mantém ao seu lado. Não me entenda mal, Tendris é um homem de muitas habilidades, o melhor cavaleiro que já vi, e consegue extrair informações de um Negador mais rápido do que você assoaria o nariz. Mas em certos aspectos ele é inocente. Confia nos Fiéis. Para ele, todos os Fiéis têm a mesma crença, a crença dele.

— Mas não a sua?

Makril colocou as botas perto do fogo para secarem.

— Eu caço. Rastros, sinais, um cheiro no vento, o jorro de sangue ao se matar a caça. Essa é a minha Fé. Qual

é a sua, garoto?

Vaelin encolheu os ombros. Desconfiava de uma armadilha na franqueza de Makril, conduzindo-o a uma confissão que era melhor ser mantida em segredo.

— Sigo a Fé — respondeu Vaelin, forçando uma convicção nas palavras. — Sou um irmão da Sexta Ordem.

— A Ordem tem muitos irmãos, todos diferentes, que encontram o próprio caminho na Fé. Não ache que a Ordem é repleta de homens virtuosos que passam cada momento livre curvando-se para os Finados. Somos soldados, garoto. A vida de soldado é árdua, com poucos prazeres e muitas dores.

— O Aspecto diz que há uma diferença entre um soldado e um guerreiro. Um soldado luta por soldo ou lealdade. Nós lutamos pela Fé. A guerra é nosso modo de honrarmos os Finados.

O rosto de Makril ficou sombrio, uma máscara peluda e marcada na luz amarela, os olhos distantes, focados em lembranças infelizes.

— Guerra? A guerra é sangue e merda e homens enlouquecidos de dor que gritam pelas mães enquanto sangram até a morte. Não há honra nisso, garoto. — Seus olhos encontraram os de Vaelin. — Você verá, pobre desgraçado. Verá tudo isso.

Vaelin ficou pouco à vontade de repente e colocou outra lenha no fogo.

— Por que vocês estavam perseguindo aquela garota?

— Ela é uma Negadora. Uma Negadora das mais sórdidas, pois tem o poder de enredar os corações de homens virtuosos. — Makril deu uma risada irônica. — Então acho que eu estaria seguro se a encontrasse.

— Esse poder é o quê, exatamente?

Makril provou a carne com os dedos e começou a comer, dando pequenas mordidas, mastigando bem antes de engolir. Era um ato costumeiro e inconsciente

de um homem que não saboreava a comida, mas que a usava apenas como combustível.

— É uma história sinistra, garoto — disse ele, entre mordidas. — Pode lhe causar pesadelos.

— Já tenho alguns desses.

Makril ergueu uma sobrancelha grossa, mas não comentou. Em vez disso, terminou de comer e tirou um pequeno cantil de couro da mochila.

— Amigo de Irmão — explicou ele, tomando um gole. — Conhaque cumbraelino misturado com flor rubra. Mantém o fogo na barriga de um homem quando está caminhando numa muralha na fronteira norte, esperando que lonaks selvagens lhe cortem a garganta. — Ofereceu o cantil a Vaelin, que sacudiu a cabeça. Bebidas alcoólicas não eram proibidas na Ordem, mas não eram vistas com bons olhos pelos mestres mais Fiéis. Alguns diziam que qualquer coisa que entorpecesse os sentidos era uma barreira para a Fé, e quanto menos um homem se lembrasse de sua vida, menos tinha para levar consigo para o Além. Era óbvio que o Irmão Makril não compartilhava dessa opinião.

— Então você quer saber sobre a bruxa. — Relaxou, encostando-se contra uma rocha, tomando goles intermitentes do cantil. — Bem, o que dizem é que foi presa por ordem do Conselho após relatos de práticas Infiéis. Alegações costumam ser um monte de baboseiras; pessoas que afirmam ter ouvido vozes do Além que não vêm dos Finados, que curam os enfermos, conversam com os animais e assim por diante. Na maioria das vezes são apenas camponeses assustados que culpam uns aos outros por seus infortúnios, mas de vez em quando aparece alguém como ela.

“Houve problemas na aldeia dela. Ela e o pai eram forasteiros, de Renfael. Eram reservados, o homem ganhava a vida como escriba. Um proprietário de terras local queria que ele forjasse algumas escrituras, algo

relacionado a uma disputa pela herança de alguma pastagem. O escriba se recusou e acabou com um machado nas costas alguns dias depois. O proprietário era primo do magistrado local, então nada foi feito. Dois dias mais tarde, ele entrou na taverna local, confessou o crime e cortou a própria garganta de orelha a orelha."

— E culparam a garota por isso?

— Parece que foram vistos juntos horas antes naquele dia, o que é estranho, pois diziam que se odiavam mesmo antes de o desgraçado matar o pai dela. Disseram que a garota tocou o homem, um tapinha no braço. O fato de ela ser muda e uma forasteira também não ajudou. Tampouco o fato de ela ser um pouco bonita demais e um pouco inteligente demais. Sempre disseram que havia algo de estranho nela, que a garota não era *normal*. Mas sempre dizem isso.

— Então vocês a prenderam?

— Oh, não. Tendris e eu só perseguimos aqueles que fogem. A casa dela foi revistada por irmãos da Segunda Ordem, e encontraram evidências de atividade Negadora. Livros proibidos, imagens de deuses, ervas e velas, as coisas de costume. Descobriu-se que ela e o pai eram seguidores do sol e da lua, uma seita menor. São bastante inofensivos, principalmente porque não tentam converter outros a sua heresia, mas um Negador é um Negador. Ela foi levada para a Fortaleza Negra. Escapou na noite seguinte.

— Ela escapou da Fortaleza Negra? — Vaelin não tinha certeza se Makril estava caçoando dele. A Fortaleza Negra era uma fortificação vasta e horrenda no centro da capital, as pedras manchadas pela fuligem das fundições ao redor, famosa como um lugar para onde pessoas eram levadas e de onde não saíam, a não ser para trilhar o caminho até a forca. Se um homem desaparecia e os vizinhos ficassem sabendo que fora levado para a Fortaleza Negra, deixavam de perguntar

quando ele voltaria — na verdade, sequer o mencionavam. E ninguém jamais escapou.

— Como isso é possível? — perguntou Vaelin?

Makril tomou um longo gole antes de continuar.

— Já ouviu falar do Irmão Shasta?

Vaelin lembrou-se de algumas das histórias mais lúgubres de batalhas contadas pelos garotos mais velhos.

— Shasta, o Machado?

— O próprio. Uma lenda na Ordem, um grande brutamontes, de braços como troncos de árvores e punhos como pernis; dizem que matou mais de cem homens antes de ser enviado para a Fortaleza Negra. Sem dúvida era um herói... e o mais estúpido que já conheci. Também causava um belo estrago, especialmente quando bebia. Ele era o carcereiro da garota.

— Ouvi dizer que ele era um grande guerreiro que prestou muitos serviços à Ordem — disse Vaelin.

Makril bufou.

— A Fortaleza Negra é onde a Ordem coloca suas relíquias, garoto. Os que sobrevivem os quinze anos e que são estúpidos ou loucos demais para serem mestres ou comandantes são enviados para a Fortaleza Negra para passarem o resto de suas vidas presos como hereges, mesmo que não levem o menor jeito para a coisa. Já vi muitos Shastas, grandalhões brutos e medonhos sem nada nas cabeças além da próxima batalha ou caneco de cerveja. Geralmente não duram muito tempo para se tornarem um problema, mas se forem grandes e fortes o suficiente, eles permanecem, como um cheiro ruim. Shasta permaneceu tempo suficiente para ser mandado para a Fortaleza Negra, que a Fé nos ajude.

— Então — arriscou Vaelin com cautela — esse pateta deixou a cela dela aberta e a garota saiu andando de

lá?

Makril deu uma risada, um som desagradável.

— Não exatamente. Entregou a ela as chaves do portão dianteiro, tirou o machado da parede do seu quarto e começou a matar os outros irmãos que estavam de serviço. Deu cabo de dez homens antes que um arqueiro lhe enfiasse flechas suficientes para retardá-lo. Mesmo assim, Shasta matou mais dois antes de o estriparem. O estranho foi que ele morreu com um sorriso no rosto, e antes de morrer disse algo: “Ela me tocou”.

Vaelin percebeu que passava os dedos pelo tecido delicado do lenço de Sella.

— Ela o tocou? — perguntou ele, cachos ruivos e feições delicadas assomando-se em sua mente.

Makril tomou outro gole do cantil.

— É o que dizem. Não conheciam a natureza da relação da garota com as Trevas. Se ela lhe tocar, você se torna dela para sempre.

Vaelin estava fazendo o que podia para se lembrar de cada momento que esteve com Sella. *Eu a empurrei para dentro do abrigo... cheguei a tocar nela? Não, ela estava bem vestida... Mas ela estendeu a mão na minha direção... Eu a senti, na minha mente. Foi assim que ela me tocou? É por isso que a ajudei?* Teve vontade de pedir mais informações a Makril, mas sabia que seria uma insensatez. O rastreador já estava desconfiado o suficiente. Bêbado como estava, não seria prudente questioná-lo ainda mais.

— Tendris e eu estamos atrás dela desde então — continuou Makril. — Já faz quatro semanas. Isso é o mais perto que chegamos. É aquele desgraçado que está com ela. Juro que vou fazê-lo gritar feito um porco por muito tempo antes de matá-lo. — Gargalhou e bebeu um pouco mais.

Vaelin percebeu que levava aos poucos a mão para

mais perto da faca. A aversão pelo Irmão Makril ficava cada vez maior; lembrava-o demais dos assassinos da floresta. E quem poderia dizer a que conclusões teria chegado?

— Ele me contou que se chamava Erlin — disse ele.

— Erlin, Rellis, Hetril... ele tem uma centena de nomes.

— Então quem é ele realmente?

Makril deu de ombros.

— Quem sabe? Ele ajuda Negadores. Ajuda-os a se esconderem, ajuda-os a fugir. Ele lhe contou sobre suas viagens? Do Império Alpirano aos templos leandrenos.

Vaelin apertava com força o punho da faca.

— Ele me contou.

— Ficou impressionado, hein? — Makril arrotou, um ruído longo de gás sendo liberado. — Eu viajei, sabia? E como viajei. Ilhas Meldeneanas, Cumbrael, Renfael. Matei muitos fora da lei, rebeldes, hereges por toda essa terra, ah, matei. Homens, mulheres, crianças...

Vaelin já tinha metade da faca para fora da bainha. *Ele está bêbado; não será muito difícil.*

— Uma vez, eu e Tendris encontramos uma seita inteira, curvando-se diante de um de seus deuses em um celeiro na Martishe. Tendris ficou furioso. É melhor não discutir com ele quando fica assim. Ordenou que trancássemos as portas e cobríssemos o lugar com óleo de lamparina, então bateu uma pederneira... Não imaginava que crianças podiam gritar tão alto.

A faca estava quase fora da bainha quando Vaelin viu algo que o fez parar: gotas prateadas brilhavam na barba de Makril. O homem estava chorando.

— Gritaram por tanto tempo. — Levou o cantil à boca, mas estava vazio. — Merda! — Resmungando, levantou-se com dificuldade e cambaleou para o meio da escuridão, e um pouco depois era possível ouvir o som distinto de urina atingindo a neve.

Vaelin sabia que, se ia mesmo fazer aquilo, agora era o momento. *Cortar a garganta do desgraçado enquanto mija.* Um fim apropriado para um homem tão desprezível. *Quantas outras crianças ele matará se eu deixá-lo viver?* Mas as lágrimas eram perturbadoras; as lágrimas diziam que Makril era um homem que odiava o que fizera. E ele era um irmão da Ordem. Parecia errado matar um homem de cujo destino poderia partilhar no futuro. Foi então tomado por uma convicção repentina, intensa e implacável. *Lutarei, mas não cometerei assassinato. Matarei homens que me enfrentem em batalha, mas não levantarei a espada contra inocentes. Não matarei crianças.*

— Hutril ainda está lá? — perguntou Makril com uma voz arrastada, retornando com passos vacilantes para desabar no saco de dormir. — Ainda está ensinando vocês merdinhas a rastrear?

— Ele ainda está lá. Somos gratos a ele por sua sabedoria.

— Foda-se a sabedoria dele. Era para ser meu trabalho, sabia? O Comandante Lilden disse que eu era o melhor rastreador da Ordem. Disse que quando se tornasse Aspecto me levaria de volta à Casa para ser mestre da natureza. Então enfiaram um sabre meldeneano na barriga do desgraçado e Arlyn foi escolhido. Nunca gostou de mim, aquele hipócrita de merda. Escolheu Hutril, lendário caçador silencioso da Floresta Martishe. Enviou-me para caçar hereges com Tendris. — Makril afundou no saco de dormir, os olhos semicerrados, a voz transformando-se em um sussurro. — Não pedi nada disso. Eu só queria aprender a rastrear... como meu pai sabia... eu só queria rastrear...

Vaelin observou-o desmaiar e colocou mais lenha no fogo. Arranhão esgueirou-se de volta ao acampamento e deitou-se ao lado do garoto após algumas olhadas desconfiadas para Makril. Vaelin coçou as orelhas do

ção, relutando em ir dormir, ciente de que teria sonhos repletos de celeiros em chamas e crianças aos gritos. Embora o ímpeto de matar Makril tenha desaparecido, o garoto ainda não se sentia confortável em dividir um acampamento com o homem.

Passou outra hora observando as estrelas com Arranhão a seu lado. Makril dormia em silêncio do outro lado da fogueira em um sono embriagado. Era estranho o rastreador fazer tão pouco barulho, nem um ronco ou um grunhido; até mesmo a respiração era suave. Vaelin imaginou se essa era uma habilidade que podia ser aprendida, ou se era um instinto que todos os irmãos adquiriam após anos de serviço; sem dúvida a capacidade de dormir em silêncio podia prolongar a vida de um homem. Voltou para o abrigo quando o cansaço começou a lhe pesar as pálpebras, acomodando-se debaixo do cobertor com Arranhão entre ele e a entrada. Chegara à conclusão de que Makril não viera lhe matar, mas era melhor se prevenir, e parecia muito improvável que o homem tentaria um ataque se tivesse que passar pelo cão.

Vaelin aconchegou-se ao animal, esquentando-se e feliz por ter ficado com ele. Havia coisas piores para um garoto do que ter um cão de escravos como amigo...

Pela manhã, Makril havia partido. Vaelin procurou com afinco, mas não encontrou sinal algum de que o rastreador estivera por perto. Como esperado, a depressão onde escondera Sella e Erlin estava vazia. Tirou do pescoço o lenço de Sella, examinando os detalhes intrincados costurados na seda, fios de ouro que descreviam vários símbolos. Alguns eram facilmente reconhecíveis, como uma lua crescente, o sol, um pássaro; outros eram desconhecidos. Provavelmente ícones das crenças Negadoras da

garota. Sendo assim, deveria livrar-se dele. Qualquer mestre que o descobrisse aplicaria uma punição severa, talvez mais do que uma surra. Mas era um objeto tão bem feito, tão ricamente bordado que os fios de ouro reluziam como novos. Sabia que Sella ficaria arrasada com a perda do lenço; afinal, fora de sua mãe.

Suspirando, enfiou o lenço na manga e fez uma prece silenciosa aos Finados para que conduzissem em segurança a dupla para onde quer que estivessem indo. Voltou para o acampamento, perdido em pensamentos. Vaelin tinha que decidir o que contar a Mestre Hutril e precisava de tempo para considerar suas mentiras com cuidado. Arranhão correu na frente, mordendo a neve alegremente.

A viagem de volta com Mestre Hutril foi silenciosa. Vaelin era o único garoto na carroça. Perguntou sobre os outros e recebeu apenas um grunhido como resposta:

— Ano ruim, a tempestade.

Vaelin estremeceu, reprimindo pensamentos apavorados sobre os companheiros, e subiu na carroça. Hutril partiu, com Arranhão correndo atrás nos sulcos fundos deixados na neve. Hutril ouvira a história de Vaelin em silêncio, olhando impassível para Arranhão enquanto Vaelin seguia aos tropeços com o relato parcialmente inventado. No geral, ateve-se à mesma história que contara a Tendris, mas deixara de mencionar a visita de Makril na noite anterior. A única reação de Hutril ocorreu quando Vaelin mencionou o nome do rastreador: uma sobrancelha erguida. Fora isso o mestre nada disse, deixando que o silêncio se prolongasse quando Vaelin terminou de falar.

— Hã, sugiro levar o cão de volta para a Casa, mestre — disse Vaelin. — Mestre Chekril pode ter algum uso para ele.

— O Aspecto decidirá isso — disse Hutril. — Suba.

A princípio, o Aspecto parecia ter ainda menos o que dizer que Mestre Hutril, sentado atrás de sua grande mesa de carvalho, observando calado Vaelin por trás das mãos com as pontas dos dedos unidas enquanto o garoto repetia a história, esperando sinceramente lembrar-se direito dela. A presença de Mestre Sollis, sentado no canto, pouco ajudava a diminuir seu desconforto. Vaelin estivera apenas uma vez antes nos aposentos do Aspecto, para entregar um pergaminho, e notou que as pilhas de livros e papéis que tomavam conta do lugar haviam aumentado desde então. Devia haver centenas de livros acumulados ali, pilhas que iam do chão ao teto, com inúmeros pergaminhos e rolos de documentos amarrados com fita ocupando o que restava de espaço. Era uma coleção que fazia a biblioteca de sua mãe parecer insignificante em comparação.

Vaelin ficara surpreso com a falta de interesse em Arranhão. Os mestres pareciam preocupados, considerando o fato de serem homens difíceis de se impressionar, na melhor das hipóteses. Sollis o encontrara no pátio quando desceu da carroça. Com um olhar breve de aversão indiferente para Arranhão, disse:

— Nysa e Dentos já voltaram, os outros são esperados para amanhã. Deixe o equipamento aqui e venha comigo até os aposentos do Aspecto. Ele quer vê-lo.

Vaelin supôs que o Aspecto queria uma explicação por ter retornado com um grande animal selvagem e repetiu a história quando ele pediu um relatório sobre seu teste.

— Você parece bem alimentado — observou o Aspecto. — Os garotos costumam voltar mais magros e mais fracos.

— Tive sorte, Aspecto. Arra... o cão ajudou ao farejar um veado morto numa tempestade. Achei que não

violaria as condições do teste, já que tínhamos permissão para usar quaisquer ferramentas que encontrássemos na natureza.

— Sim. — o Aspecto entrelaçou os longos dedos e os pousou na mesa. — Muito engenhoso. Uma pena você não ter podido ajudar o Irmão Tendris em sua busca. Ele é um dos servos mais valiosos da Fé.

Vaelin pensou nas crianças queimando e forçou-se a assentir com a cabeça.

— É verdade, Aspecto. Fiquei impressionado com a devoção dele.

Vaelin ouviu Sollis fazer um pequeno barulho às suas costas, mas não soube dizer se fora uma risada ou uma bufada de escárnio.

O Aspecto sorriu, uma visão estranha em um rosto tão magro, mas era um sorriso de pesar.

— Ocorreram... eventos além de nossas muralhas desde que seu teste teve início — disse ele. — Foi por isso que o chamei aqui. O Senhor da Batalha demitiu-se do serviço do Rei. Isso causou uma desarmonia no Reino. O Senhor da Batalha era popular com a gente comum. Assim sendo, e em reconhecimento ao serviço prestado, o Rei lhe concedeu uma graça. Sabe o que é isso?

— Uma dádiva, Aspecto.

— Sim, uma dádiva de rei. Qualquer coisa que o Rei tiver poder para dar. O Senhor da Batalha escolheu a sua graça e o Rei conta conosco para que seja realizada. Porém, a Ordem não recebe ordens do Rei. Defendemos o Reino, mas servimos a Fé, e a Fé está acima do Reino. Ainda assim, ele conta conosco, e não é fácil recusar um rei.

Vaelin mexeu-se pouco à vontade. O Aspecto parecia esperar algo dele, mas o garoto não tinha ideia do que poderia ser.

— Entendo, Aspecto — disse por fim, quando o

silêncio tornou-se insuportável.

O Aspecto trocou uma olhada rápida com Mestre Sollis.

— Compreende, Vaelin? Sabe o que isso significa?

Não sou mais o filho do Senhor da Batalha, pensou Vaelin. Não sabia ao certo como se sentir a respeito; na verdade, não tinha certeza se sentia qualquer coisa.

— Sou um irmão da Ordem, Aspecto — disse ele. — Os eventos que ocorrem do lado de fora dessas muralhas não me dizem respeito até que eu passe pelo Teste da Espada e seja enviado para defender a Fé.

— Sua presença aqui era um símbolo da devoção do Senhor da Batalha à Fé e ao Reino — explicou o Aspecto. — Contudo, ele não é mais Senhor da Batalha e deseja que seu filho lhe seja devolvido.

Vaelin admirou-se com a falta de alegria ou surpresa, nenhuma ansiedade ou frio na barriga. Sentia apenas perplexidade. *O Senhor da Batalha deseja que seu filho lhe seja devolvido.* Lembrou-se do som dos cascos na relva úmida desaparecendo no nevoeiro da manhã, da severidade das palavras do pai: *A lealdade é nossa força.*

Vaelin forçou-se a olhar nos olhos do Aspecto.

— O senhor me mandará embora, Aspecto?

— Não estamos falando dos meus desejos aqui. Tampouco os de Mestre Sollis, mas pode ter certeza de que ele os deixou claros. Não, essa decisão cabe a você, Vaelin. Como o Rei não pode nos ordenar, e é uma máxima estimada de nossa Ordem que aluno algum é forçado a partir a não ser que fracasse em um teste ou transgrida a Fé, o Rei lhe deu a escolha.

Vaelin reprimiu uma risada amargurada. *Escolha? Meu pai uma vez fez uma escolha. Agora também farei.*

— O Senhor da Batalha não tem filho — disse ele ao Aspecto. — E eu não tenho pai. Sou um irmão da Sexta Ordem. Meu lugar é aqui.

O Aspecto olhou para a mesa, de repente parecendo mais velho do que Vaelin já o havia visto. *Qual a idade dele?* Era difícil de dizer. Tinha os mesmos movimentos graciosos dos outros mestres, mas os traços longos eram esguios e calejados pela vida ao ar livre, o peso da experiência visível nos olhos. Havia também uma tristeza, um pesar enquanto ponderava as palavras de Vaelin.

— Aspecto — disse Mestre Sollis. — O garoto precisa descansar.

O Aspecto levantou a cabeça, encontrando o olhar de Vaelin com os olhos velhos e cansados.

— Se essa é sua última palavra.

— É sim, Aspecto.

O Aspecto sorriu; Vaelin não soube dizer se fora forçado.

— Meu coração alegra-se com isso, jovem irmão. Leve o cão para Mestre Chekril. Creio que ele se mostrará mais receptivo do que você espera.

— Obrigado, Aspecto.

— Obrigado, Vaelin. Pode se retirar.

— Um cão de escravos volarianos — disse Mestre Chekril espantado, quando Arranhão ergueu para ele a cabeça cheia de cicatrizes e a inclinou para o lado confuso. — Não vejo um há vinte anos ou mais.

Mestre Chekril era um homem de meia-idade rijo e animado, de movimentos mais bruscos e menos calculados do que os dos outros mestres, refletindo os cães que cuidava com grande dedicação. O manto que vestia era o mais sujo que Vaelin já vira, manchado de terra, feno e uma mistura de urina e excrementos de cães. Exalava um odor incomparável, mas parecia não se importar ou dar a menor atenção a qualquer ofensa que pudesse causar a outra pessoa.

— Você disse que matou os irmãos de matilha dele? — perguntou a Vaelin.

— Sim, Mestre. O Irmão Makril disse que ele me vê como líder da matilha.

— Ah, sim. Nisso ele tem razão. Cães são lobos, Vaelin. Vivem em matilhas, mas os instintos ficaram embotados; as matilhas de que fazem parte são temporárias, logo esquecem quem é líder e quem não é. Porém, cães de escravos são diferentes: resta o suficiente neles para manterem a ordem da matilha, mas são mais cruéis do que qualquer lobo, criados desse modo séculos atrás. Somente os filhotes mais terríveis eram cruzados; alguns dizem que havia um toque das Trevas em sua criação. Foram modificados de alguma forma, deixados mais do que um cão, mas menos do que um lobo, e diferentes de ambos. Quando você matou o líder da matilha, esse cão o adotou, viu-o como mais forte, um líder respeitável. Mas isso não acontece sempre. Você sem dúvida teve uma boa dose de sorte, rapaz.

Mestre Chekril tirou um pedaço de carne seca da algibeira do cinto e agachou-se para oferecê-lo a Arranhão, e Vaelin notou os movimentos hesitantes e cautelosos do homem. *Ele está com medo*, percebeu estarrecido. *Está com medo de Arranhão.*

Arranhão cheirou a carne desconfiado, olhando indeciso para Vaelin.

— Está vendo? — perguntou Chekril. — Não vai aceitar a carne de mim. Aqui. — Jogou o pedaço para Vaelin. — Tente você.

Vaelin ofereceu a carne para Arranhão, que a abocanhou e engoliu em um instante.

— Por que ele é chamado de cão de escravos, Mestre? — perguntou Vaelin.

— Os volarianos têm escravos, uma quantidade imensa deles. Quando um deles foge, trazem-no de

volta e cortam-lhe os dedos mínimos das mãos. Se tornar a fugir, mandam os cães de escravos atrás dele. Os animais não o trazem de volta, a não ser nas barrigas. Não é fácil para um cão matar um homem. Homens são mais fortes do que você pensa, e mais ardilosos do que qualquer raposa. Para um cão matar um homem, ele precisa ser forte e ligeiro, mas também ardiloso e cruel, muito cruel.

Arranhão deitou-se aos pés de Vaelin e apoiou a cabeça nas botas do garoto, batendo de leve o rabo no chão.

— Ele parece ser bastante amigável.

— Ele é, com você. Mas jamais se esqueça de que ele é um matador. É para isso que foi criado.

Mestre Chekril foi até os fundos do grande depósito de pedra que servia como seus canis e abriu uma baia.

— Vou colocá-lo aqui — disse sobre o ombro. — É melhor você levá-lo para dentro, ou ele não vai querer ficar.

Arranhão seguiu obediente Vaelin até a baia e entrou, andando em volta de um monte de palha antes de se deitar.

— Você também terá que alimentá-lo — disse Chekril. — Limpar a baia e tudo o mais. Duas vezes por dia.

— É claro, mestre.

— Ele precisará de muito exercício. Não pode misturá-lo com os outros cães, ou ele os matará.

— Cuidarei de tudo, mestre. — Vaelin entrou na baia e acariciou a cabeça de Arranhão, provocando um ataque de lambidas molhadas que derrubaram o garoto. Vaelin gargalhou e limpou a baba. — Eu não sabia se o senhor ficaria feliz em vê-lo, Mestre — disse ele a Chekril. — Pensei que o senhor poderia querer matá-lo.

— Matá-lo? De modo algum! Um ferreiro jogaria fora uma espada bem-feita? Esse cão dará início a uma nova linhagem. Fará muitos filhotes e com sorte serão tão

fortes quanto ele, porém mais fáceis de se lidar.

Vaelin ficou no canil por mais uma hora, alimentando Arranhão e certificando-se de que o cão ficaria confortável no novo ambiente. Quando chegou a hora de partir, os ganidos de Arranhão foram desoladores, mas Mestre Chekril lhe disse que tinha que fazer o cão se acostumar a ficar sozinho, de modo que Vaelin não olhou para trás quando fechou a porta da baia. Arranhão começou a uivar assim que perdeu o garoto de vista.

A noite estava serena, mas uma tensão palpável reinava no quarto. Os garotos trocavam histórias de privações e fome. Caenis, como Vaelin, aparentando estar mais bem alimentado do que quando partira, abrigara-se no tronco oco de um antigo carvalho apenas para acabar sendo atacado por uma coruja furiosa. Dentos, que nunca fora dos mais corpulentos, mas agora estava visivelmente descarnado, passara uma semana miserável lutando contra a inanição com raízes e alguns pássaros e esquilos que conseguiu capturar. Assim como os mestres, nenhum dos dois parecia muito impressionado com a história de Vaelin. Era como se provações causassem indiferença.

— O que é um cão de escravos? — perguntou Caenis apático.

— Uma fera volariana — murmurou Dentos. — Sujeitinhos desagradáveis. Não dá pra usá-los pra lutas, se voltam contra os treinadores. — Virou-se para Vaelin, com um interesse súbito no olhar. — Trouxe alguma comida de lá com você?

Passaram a noite em uma espécie de transe de exaustão, Caenis afiando sua faca de caça com uma pedra de amolar e Dentos mordiscando a carne de veado que Vaelin escondera no manto, pois sabiam que

era melhor comer aos poucos quando se está de estômago vazio; comer depressa apenas fazia a pessoa passar mal.

— Achei que nunca ia acabar — disse Dentos por fim. — Achei que ia mesmo morrer lá.

— Nenhum dos irmãos que partiram comigo voltaram — comentou Vaelin. — Mestre Hutril disse que foi a tempestade.

— Começo a entender por que há tão poucos irmãos na Ordem.

O dia seguinte provavelmente foi o menos massacrante pelo qual tiveram que passar até então. Vaelin esperava voltar à dura rotina, mas em vez disso Mestre Sollis passou a manhã dando uma lição sobre a língua de sinais; o garoto percebeu que a parca habilidade que tinha havia melhorado após o breve contato com os sinais ligeiros de Sella e Erlin, mas não tanto a ponto de conseguir acompanhar Caenis. A tarde foi dedicada à prática da espada. Mestre Sollis introduziu um novo exercício, no qual jogava frutas e legumes podres nos garotos com extrema rapidez enquanto tentavam desviar os projéteis pútridos com as espadas de madeira. Era fedido, mas divertido de uma forma estranha, mais como um jogo do que a maioria dos exercícios, que costumavam deixar os garotos com alguns hematomas ou um nariz sangrando.

Mais tarde fizeram a refeição noturna em um silêncio incômodo. O salão de jantar estava mais calmo do que de costume; os vários lugares vazios pareciam inibir as tentativas de se conversar. Foram recebidos pelos garotos mais velhos com alguns olhares solidários ou de satisfação melancólica, porém ninguém comentou as ausências. Era como o período após a morte de Mikehl, mas em maior escala. Alguns garotos já estavam perdidos e não voltariam, outros ainda eram esperados e a tensão criada pela preocupação com a possibilidade

de não aparecerem era palpável. Vaelin e os outros trocaram alguns comentários resmungados sobre federem feito adubo por causa do treino da tarde, mas havia pouco humor verdadeiro nas palavras. Esconderam algumas maçãs e pães nos mantos e voltaram para a torre.

Escureceu e ninguém havia retornado ainda. Vaelin começou a suspeitar que eram os únicos garotos que haviam sobrado no grupo. Sem mais Barkus para fazê-los rir, sem mais Nortah para entediá-los com outro axioma de seu pai. Era uma possibilidade verdadeiramente terrível.

Estavam deitando nas camas quando o som de passos na escada de pedra do lado de fora fez com que ficassem paralisados de expectativa.

— Duas maçãs como é Barkus — disse Dentos.

— Apostado — aceitou Caenis.

— Olá! — cumprimentou-os Nortah com vivacidade, indo largar o equipamento na cama. Estava mais magro do que Caenis e Vaelin, mas não era páreo para a magreza encovada de Dentos, e tinha os olhos vermelhos de esgotamento. Apesar de tudo, parecia animado, até mesmo triunfante.

— Barkus já voltou? — perguntou ele, despindo-se.

— Não — respondeu Caenis, sorrindo para Dentos, que ficou emburrado.

Vaelin notou algo novo em Nortah quando o garoto tirou a camisa: tinha no pescoço um colar feito do que pareciam ser contas longas.

— Encontrou isso? — perguntou ele, apontando para o colar.

Houve um lampejo de satisfação convencida no rosto de Nortah, uma expressão que era uma mistura de vitória e antecipação.

— Garras de urso — disse ele. Vaelin ficou admirado com o jeito casual do garoto e imaginou as horas de

ensaio que devem ter sido necessárias. Decidiu ficar em silêncio e forçar Nortah a contar a história por vontade própria, mas Dentos não deixou que isso acontecesse.

— Você encontrou um colar de garras de urso — disse ele. — E daí? Tirou de algum pobre coitado que foi pego pela tempestade, não é?

— Não, fiz com as garras de um urso que matei.

O garoto continuou a se despir, fingindo desinteresse na reação dos outros, mas Vaelin percebeu claramente como Nortah desfrutava o momento.

— Uma ova que matou um urso! — escarneceu Dentos.

Nortah deu de ombros.

— Acredite no que quiser, não faz diferença.

Ficaram em silêncio, Dentos e Caenis recusando-se a fazer a pergunta inevitável apesar da curiosidade óbvia. O momento arrastou-se e Vaelin resolveu que estava cansado demais para deixar a tensão continuar.

— Por favor, irmão — disse ele. — Conte-nos como matou um urso.

— Acertei uma flecha no olho dele. Tinha se interessado por um veado que eu havia matado. Eu não podia permitir tal coisa. Quem quer que diga que ursos dormem o inverno inteiro é um mentiroso.

— Mestre Hutril diz que eles só acordam quando são forçados a isso. Você deve ter encontrado um urso bem incomum, irmão.

Nortah olhou-o de um jeito estranho, com uma frieza superior, o que era usual, mas também como se soubesse de algo, o que não era.

— Devo dizer que estou surpreso por encontrá-lo aqui, irmão. Encontrei um caçador na mata, um sujeito bruto, sem dúvida, e creio que um bêbado. Ele tinha muitas notícias para contar sobre os eventos do mundo lá fora.

Vaelin nada disse. Resolvera não contar aos outros sobre a graça que o Rei concedera ao seu pai, mas

parecia que Nortah não lhe deixaria muita escolha.

— O Senhor da Batalha não está mais a serviço do Rei — disse Caenis. — Sim, ficamos sabendo.

— Alguns dizem que ele pediu ao Rei que lhe concedesse a graça de a Ordem lhe devolver o filho — interrompeu Dentos. — Mas como o Senhor da Batalha não tem filho, como ele poderia ser devolvido?

Eles sabiam, percebeu Vaelin. *Sabiam desde o dia em que cheguei aqui. É por isso que estiveram tão quietos. Estavam pensando quando eu partiria. Mestre Sollis deve ter lhes contado hoje que eu ficaria.* Ficou imaginando se seria realmente possível manter algo em segredo na Ordem.

— Talvez — Nortah estava dizendo — o filho do Senhor da Batalha, caso ele tivesse um, ficasse grato por uma oportunidade de escapar deste lugar para voltar ao conforto da família. É uma chance que o resto de nós jamais terá.

Reinava o silêncio. Dentos e Nortah encaravam-se intensamente e Caenis se remexia em um embaraço incômodo.

— Deve ter sido um belo disparo, irmão — disse Vaelin, por fim. — Acertar uma flecha no olho de um urso. Ele o atacou?

Nortah rangeu os dentes, controlando a raiva.

— Sim.

— Então merece ser aplaudido por não ter perdido a calma.

— Obrigado, irmão. Tem alguma história para contar?

— Encontrei um casal de hereges fugitivos, um deles com o poder de enredar as mentes dos homens, matei dois cães de caça volarianos e fiquei com um terceiro. Oh, e encontrei o Irmão Tendris e o Irmão Makril. Eles perseguem Negadores.

Nortah jogou a camisa na cama e permaneceu de pé com os braços musculosos na cintura e uma expressão

neutra no rosto franzido. O autocontrole do garoto era admirável, mal demonstrava o desapontamento que sentia, mas Vaelin o viu. Era para ser o momento de triunfo de Nortah; matara um urso e Vaelin estava de partida. Era para ter sido um dos momentos mais doces de sua jovem vida. Em vez disso, Vaelin recusara a chance de escapar, uma chance pela qual Nortah ansiava, e as aventuras do outro tornavam a de Nortah insignificante em comparação. Vaelin ficou espantado com o físico de Nortah ao observá-lo. Embora tivesse apenas treze anos, a forma do homem que viria a ser já estava evidente; músculos esculpidos e feições bonitas. Um filho para deixar orgulhoso seu pai, Ministro do Rei. Se tivesse vivido fora da Ordem, sua vida teria sido uma história de romance e aventura que se desenrolaria sob o olhar de admiração da corte. Porém, estava destinado a uma vida de guerras, miséria e privações a serviço da Fé. Uma vida que não escolhera.

— Tirou a pele dele? — perguntou Vaelin.

Nortah franziu o cenho irritado, sem compreender.

— O quê?

— O urso, você o esfolou?

— Não. A tempestade estava se formando e eu não tinha como arrastá-lo de volta ao abrigo, então cortei fora a pata para tirar as garras.

— Sábia decisão, irmão. E um feito impressionante.

— Não sei — disse Dentos. — Achei que aquele negócio com a coruja de Caenis também foi muito bom.

— Uma coruja? — disse Vaelin. — *Eu* voltei com um cão de escravos.

Implicaram-se por algum tempo, de bom humor; até mesmo Nortah tomou parte com observações mordazes sobre a magreza de Dentos. Eram mais uma vez uma família, mas ainda incompleta. Foram para a cama mais tarde do que de costume, nervosos por não darem as boas-vindas aos próximos a chegar, mas foram

dominados pelo cansaço. Vaelin teve um sono sem sonhos, e despertou com um grito de susto, as mãos procurando por instinto a faca de caça. Parou quando viu a forma corpulenta na cama ao lado.

— Barkus? — perguntou ele grogue.

Ouviu um grunhido baixo, a forma permanecia imóvel no escuro.

— Quando você entrou?

Não houve resposta. Barkus não se mexia, o silêncio era desconcertante. Vaelin sentou-se, lutando contra o desejo profundo de enfiar-se nos cobertores.

— Você está bem? — perguntou ele.

Mais silêncio, que se estendeu até Vaelin se perguntar se devia ir buscar Mestre Sollis, mas Barkus disse:

— Jennis está morto. — A total falta de emoção da voz era assustadora. Barkus era o tipo de garoto que sempre sentia algo, alegria ou raiva ou surpresa; estava sempre ali, evidente no rosto e na voz. Mas agora não havia nada, apenas o fato nu e cru. — Encontrei-o congelado em uma árvore. Não vestia o manto. Acho que ele quis que acontecesse. Não era o mesmo desde que Mikehl morreu.

Mikehl, Jennis... quantos mais? Restaria algum deles no final? *Eu devia estar bravo*, pensou. *Somos apenas garotos e esses testes nos matam.* Mas não havia raiva, apenas fadiga e tristeza. *Por que não consigo odiá-los? Por que não odeio a Ordem?*

— Vá dormir, Barkus — disse ao amigo. — De manhã daremos graças pela vida de nosso irmão.

Barkus estremeceu e abraçou-se com força.

— Tenho medo do que verei quando dormir.

— Eu também. Mas somos da Ordem e, portanto, da Fé. Os Finados não querem que soframos. Enviam sonhos para nos guiar, não para nos machucar.

— Eu estava faminto, Vaelin. — Lágrimas brilhavam nos olhos de Barkus. — Estava faminto e não pensei no

pobre Jennis morto ou em como íamos sentir falta dele, nem em qualquer coisa. Só revistei suas roupas à procura de comida. Não tinha nenhuma, então o amaldiçoei, amaldiçoei meu irmão morto.

Aturdido, Vaelin ficou observando Barkus chorar na escuridão. *O Teste da Natureza*, pensou. *Na verdade, mais um teste do coração e da alma. A fome nos testa de muitas formas.*

— Você não matou Jennis — disse ele por fim. — Não pode amaldiçoar uma alma que se juntou aos Finados. Mesmo que nosso irmão o ouvisse, ele compreenderia o peso do teste.

Foi necessária muita persuasão, mas Barkus foi se deitar uma hora depois, o cansaço era intenso demais àquela altura para ser negado. Vaelin tornou a deitar-se, ciente de que o sono não viria agora e que passaria o dia seguinte trocando os pés pelas mãos. *Mestre Sollis vai começar a nos dar varadas de novo amanhã*, percebeu. Ficou acordado pensando no teste e no amigo morto, e em Sella e Erlin, e em Makril chorando como Barkus chorara. Havia lugares para pensamentos assim na Ordem? Um pensamento repentino, alto e claro em sua mente, chocou-o: *Volte para seu pai e poderá pensar o que quiser.*

Remexeu-se na cama. De onde viera aquilo? *Voltar para meu pai?*

— Eu não tenho pai.

Não percebeu que tinha falado em voz alta até Barkus gemer, virando-se na cama. Do outro lado do quarto Caenis também fora incomodado, suspirou fundo e cobriu a cabeça com os cobertores.

Vaelin afundou ainda mais na cama em busca de conforto, forçando-se a dormir e agarrando-se ao pensamento: *Eu não tenho pai.*

CAPÍTULO QUATRO

A primavera começou a deixar mais verde o campo de treinamento coberto de neve enquanto praticavam sob a tutela de Mestre Sollis; as habilidades dos garotos aumentavam a cada dia, assim como os machucados. Um novo elemento fora introduzido no fim do mês de onasur: estudos para o Teste do Conhecimento, sob orientação de Mestre Grealin.

Eram levados todos os dias até os porões cavernosos, onde sentavam e ouviam os episódios da história da Ordem que o mestre contava. Grealin falava bem e era um contador de histórias nato, evocando imagens de grandes feitos, heroísmo e justiça que mantinha a maioria dos garotos em um silêncio arrebatador. Vaelin também gostava das histórias, mas perdeu um pouco o interesse porque todas eram relacionadas a feitos corajosos ou grandes batalhas e nunca falavam de Negadores sendo perseguidos pelo interior ou aprisionados na Fortaleza Negra. Ao final de cada lição, Grealin lhes fazia perguntas a respeito do que tinham ouvido. Os garotos que respondiam corretamente ganhavam doces, os que não sabiam responder recebiam uma sacudida triste de cabeça e um ou dois comentários de desapontamento. Mestre Grealin era o menos severo de todos os mestres; jamais dava varadas nos garotos, seus castigos eram palavras ou gestos, e jamais praguejava ou xingava, algo que todos os outros mestres faziam, até mesmo o mudo Mestre Smentil, cujas mãos podiam sinalizar xingamentos com uma precisão impressionante.

— Vaelin — disse Grealin, após contar a história do cerco do Castelo Baslen durante a primeira Guerra de Unificação. — Quem defendeu a ponte para que os irmãos pudessem fechar o portão às suas costas?

— O Irmão Nolnen, mestre.

— Correto, Vaelin. Pegue uma bala de cevada.

Vaelin notou que toda vez que Mestre Grealin lhes dava doces, o homem também comia um.

— Muito bem — disse ele, balançando a papada considerável enquanto passava a bala de cevada pelos dentes. — Qual era o nome do comandante das forças cumbraelinas? — Correu os olhos pelos garotos por um momento, à procura de uma vítima. — Dentos?

— Hã, Verlig, mestre.

— Ah, que pena. — Mestre Grealin ergueu um caramelo e sacudiu a cabeçorra com tristeza. — Sem prêmio para Dentos. Aliás, refresque minha memória, pequeno irmão: quantos prêmios você ganhou esta semana?

— Nenhum — murmurou Dentos.

— Desculpe, Dentos, como é?

— Nenhum, Mestre — disse Dentos mais alto, a voz ecoando nas cavernas.

— Nenhum. Sim. Nenhum. Se não me engano, você também não recebeu nenhum prêmio semana passada. Não é mesmo?

Dentos parecia que preferia estar sendo castigado pela vara de Mestre Sollis.

— Sim, mestre.

— Hmmm. — Grealin colocou um caramelo na boca, sacudindo o queixo duplo enquanto mastigava com vontade. — Uma pena. Esses caramelos são excelentes. Caenis, talvez você possa nos esclarecer.

— Verulin comandou as forças cumbraelinas no cerco do Castelo Baslen, mestre. — As respostas de Caenis eram sempre imediatas e corretas. Vaelin às vezes

suspeitava que o conhecimento do garoto sobre a história da Ordem era igual ou até mesmo superior ao de Mestre Grealin.

— Exatamente. Pegue uma noz confeitada.

— Desgraçado! — explodiu Dentos mais tarde no salão principal enquanto faziam a refeição da noite. — Gordo desgraçado, sabe-tudo. Quem se importa com o que algum sujeito fez duzentos anos atrás? O que isso tem a ver com seja lá o que for?

— As lições do passado nos guiam no presente — disse Caenis. — Nossa Fé é fortalecida pelo conhecimento daqueles que vieram antes de nós.

Dentos olhou-o furioso por sobre a mesa.

— Ah, vai se catar. Só porque o monte de banha te ama. “Sim, Mestre Grealin” — disse o garoto, em uma imitação bastante fiel dos tons suaves de Caenis —, “a batalha de Bostópolis durou dois dias e mil pobres coitados morreram nela. Vou pegar uma cana de açúcar e limpar a sua bunda também.”

Nortah deu uma gargalhada debochada ao lado de Dentos.

— Olhe essa boca, Dentos — avisou Caenis.

— Ou o quê? Vai me entediar até a morte com outra história sangrenta sobre o Rei e seus pirralhos...

Caenis era um borrão, saltando por cima da mesa em uma demonstração acrobática perfeita, as botas acertando o rosto de Dentos, o sangue jorrando quando a cabeça foi jogada para trás, e os dois rolaram para o chão. A briga foi curta, mas sangrenta; as habilidades dos garotos, conquistadas a duras penas, tornavam as brigas assuntos sérios que em geral costumavam evitar mesmo durante as discussões mais acaloradas, e Caenis já estava com um dente quebrado e um dedo deslocado quando separaram os dois. Dentos não estava muito melhor, com nariz quebrado e costelas bastante machucadas.

Os dois foram levados até Mestre Henthal, o curandeiro da Ordem, que cuidou deles enquanto os garotos encaravam-se emburrados de camas opostas.

— O que aconteceu? — perguntou Mestre Sollis a Vaelin enquanto esperavam do lado de fora.

— Um desentendimento entre irmãos, mestre — disse Nortah; era a resposta padrão em situações como essa.

— Não lhe perguntei nada, Sendahl — disse Sollis com rispidez. — Volte para o salão. Você também, Jeshua.

Barkus e Nortah partiram depressa após olharem intrigados para Vaelin. Não era comum os mestres se interessarem tanto em desentendimentos entre os garotos. Afinal, garotos eram garotos, e brigavam.

— E então? — disse Sollis quando os outros se foram.

Vaelin sentiu um impulso momentâneo de mentir, mas a fúria no olhar de Mestre Sollis dizia que era uma péssima ideia.

— É o teste, mestre. Caenis sem dúvida passará. O mesmo não pode ser dito de Dentos.

— E o que você fará a respeito?

— Eu, mestre?

— Nós todos temos diferentes papéis para desempenhar na Ordem. A maioria de nós luta, alguns perseguem hereges por todo o reino, outros se embrenham nas sombras para fazer seu trabalho em segredo, uns poucos ensinam e uma parcela ínfima lidera.

— O senhor... quer que eu lidere?

—Aspecto parece achar que esse é o seu papel, e é raro ele se enganar. — Olhou sobre o ombro para a sala de Mestre Henthal. — Liderança não é algo aprendido assistindo seus irmãos se engalfinharem. Tampouco é aprendida deixando que não passem nos testes. Cuide disso.

Virou-se e foi embora sem mais uma palavra. Vaelin encostou a cabeça na parede de pedra e suspirou

fundo. *Liderança. Já não tenho fardos suficientes?*

— Vocês estão ficando piores a cada ano — disse Mestre Henthal com um tom animado quando Vaelin entrou. — Em outros tempos, os garotos do terceiro ano só conseguiam contundir uns aos outros. É óbvio que estamos ensinando vocês bem demais.

— Somos gratos por sua sabedoria, mestre — assegurou-lhe Vaelin. — Posso falar com meus irmãos?

— Como queira. — Pressionou um pedaço de algodão contra o nariz de Dentos. — Segure isso até o sangramento parar. Não engula o sangue, continue cuspindo-o. E use uma tigela. Se deixar pingar no chão, desejará ter sido morto por seu irmão. — O homem os deixou sozinhos em um silêncio forçado.

— Como está o nariz? — perguntou Vaelin a Dentos.

O garoto só conseguia falar numa voz arranhada e úmida.

— Tá ‘ebado.

Vaelin virou-se para Caenis, que segurava a mão enfaixada.

— E você?

Caenis olhou para os dedos enfaixados.

— Mestre Henthal os colocou no lugar. Disse que vão doer por um tempo. Não vou poder segurar uma espada por uma semana. — Pigarreou e cuspiu uma bolota de sangue em uma tigela ao lado da cama. — Teve que arrancar o que sobrou do meu dente. Encheu de algodão e me deu flor rubra para a dor.

— Funciona?

Caenis retraiu-se um pouco.

— Não muito.

— Ótimo. Você merece.

O rosto de Caenis ficou vermelho de raiva.

— Você ouviu o que ele disse...

— Ouvi o que ele disse. Ouvi o que você disse antes. Sabe que ele está tendo dificuldade com isso, mas você

resolveu lhe dar um sermão. — Virou-se para Dentos. — E você já devia saber que não é bom provocá-lo. Temos oportunidades de sobra para nos machucarmos no campo de treinamento. Façam isso lá, se for preciso.

— El’ m’nche o ‘aco — balbuciou Dentos. — ‘endo sabi’ão o tempo todo.

— Então talvez você devesse aprender com ele. Ele tem o conhecimento de que você precisa. Quem melhor para responder algo? — Sentou-se ao lado de Dentos. — Você sabe que se não passar neste teste terá que ir embora. É isso o que você quer? Voltar para Nilsael e ajudar seu tio a enfrentar seus cães e contar a todos os bêbados na taverna como você quase entrou para a Sexta Ordem? Aposto que ficarão impressionados.

— Dão ‘nche, Baelin. — Dentos inclinou-se para deixar uma gota grande de sangue pingar do nariz na tigela a seus pés.

— Vocês sabem que eu não precisava ficar aqui — disse Vaelin. — Sabem por que fiquei?

— Você odeia seu pai — disse Caenis, esquecendo a convenção usual.

Vaelin, sem saber que seus sentimentos eram tão óbvios, engoliu uma resposta brusca.

— Eu não podia simplesmente partir. Não podia sair e viver fora da Ordem, sempre esperando para um dia ouvir o que acontecera ao resto de vocês, pensando que se talvez eu estivesse lá, não teria acontecido. Perdemos Mikehl, perdemos Jennis. Não podemos perder mais ninguém. — Levantou-se e foi até a porta. — Não somos mais garotos. Não posso obrigá-los a fazer coisa alguma. Depende de vocês.

— Desculpe — disse Caenis, detendo-o. — Sobre o que eu disse sobre seu pai.

— Eu não tenho pai — Vaelin fez questão de lembrá-lo.

Caenis riu, o sangue grosso escorrendo ligeiro pelo lábio.

— Não, nem eu. — Virou-se e jogou o lenço ensanguentado para Dentos. — E quanto a você, irmão? Tem um pai?

Dentos deu uma gargalhada longa, o rosto tomado por manchas escarlates.

— Não reconheceria o homem nem se me desse um quilo de ouro!

Riram juntos por um longo tempo. A dor diminuiu e foi esquecida. Riram e nada falaram sobre o quanto aquilo doía.

Resolveram que eles mesmos ensinariam Dentos. O garoto continuava a aprender quase nada com Mestre Grealin, então toda noite, após os treinamentos, contavam a história do passado da Ordem e faziam-no repeti-la diversas vezes até sabê-la de cor. Era um trabalho tedioso e cansativo, realizado após horas de exercícios, quando tudo o que queriam era dormir, mas se dedicaram à tarefa com uma determinação inflexível. Como o mais instruído, boa parte da responsabilidade recaía sobre Caenis, que se mostrou um mentor diligente, ainda que impaciente. Seu temperamento que normalmente sereno era testado ao máximo pela recusa obstinada da memória de Dentos em armazenar mais do que uns poucos fatos por vez. Barkus, que tinha um conhecimento sólido, ainda que não tão extenso sobre a Ordem, costumava se ater às histórias mais engraçadas, como a lenda do Irmão Yelna que, privado de armas, fez um inimigo desmaiar com a notória natureza nociva de sua flatulência.

— Eles não vão perguntar sobre o irmão peidorreiro — disse Caenis enojado.

— Pode ser que perguntem — retorquiu Barkus. — Não deixa de ser história, não é?

O fato surpreendente foi Nortah mostrar-se o

professor mais capaz, com uma técnica direta, porém efetiva de contar histórias. Parecia ter uma habilidade fantástica para fazer Dentos se lembrar de mais coisas. Em vez de apenas contar a história e esperar que Dentos a repetisse palavra por palavra, Nortah interrompia o relato para fazer perguntas, encorajando Dentos a pensar sobre o significado da história. A inclinação usual para zombarias também foi posta de lado e ele ignorou várias oportunidades de rir da ignorância do pupilo. Vaelin em geral via muito o que criticar em Nortah, mas teve que admitir que o garoto estava tão determinado quanto o resto deles a garantir a continuidade do grupo. A vida na Ordem já era árdua o bastante; sem os amigos, ele poderia vir a achá-la insuportável. Embora seus métodos dessem frutos, a escolha que fazia das histórias era um tanto limitada; enquanto Barkus dava preferência ao riso e Caenis gostava de parábolas que ilustravam as virtudes da Fé, Nortah tinha uma predileção pela tragédia. Relatava as derrotas da Ordem com satisfação: a queda da cidadela de Ulnar; a morte do grande Lesander, considerado por muitos o maior guerreiro que já serviu a Ordem, maculado de forma fatal por seu amor proibido por uma mulher que traiu a seus inimigos. As histórias de Nortah pareciam infinitas; algumas eram novas para Vaelin, e vez ou outra pensava se o irmão louro não as estava apenas inventando.

Vaelin, por ter que cuidar de Arranhão no canil todas as noites, assumia a tarefa de testar o conhecimento adquirido por Dentos ao final de cada semana, fazendo-lhe perguntas com crescente rapidez. Em geral era frustrante. O conhecimento de Dentos aumentava, mas o garoto ia de encontro a anos de ignorância feliz com o esforço de algumas poucas semanas. Mesmo assim, ele conseguiu ganhar alguns prêmios de Mestre Grealin, que se limitou a erguer uma sobrancelha de surpresa.

Com o mês de prensur, o tempo restante reduziu-se a alguns dias e Mestre Grealin informou-lhes que as lições haviam terminado.

— O conhecimento é o que nos modela, pequenos irmãos — disse ele aos alunos, dessa vez sem um sorriso e com um tom de total seriedade. — É o que nos torna quem somos. O que sabemos afeta o que fazemos e cada decisão que tomamos. Pensem bastante nos próximos dias no que aprenderam aqui. Não somente nos nomes e nas datas: pensem nas razões, pensem no significado. Tudo o que lhes contei é a soma de nossa Ordem, o que ela significa, o que ela faz. O Teste do Conhecimento é o mais difícil que muitos de vocês farão. Nenhum outro teste expõe a alma de um garoto. — Tornou a sorrir, de maneira grave, e então retomou o humor habitual. — E agora, os últimos prêmios para meus pequenos guerreiros. — Pegou um saco grande de doces, passando pela fila e depositando alguns nas palmas viradas para cima. — Aproveitem, rapazinhos. A doçura é uma coisa rara na vida de um irmão. — Virou-se com um suspiro fundo e voltou com seu gingado lento para o depósito, fechando a porta ao passar.

— O que foi aquilo? — perguntou Nortah.

— O Irmão Grealin é um homem muito estranho — disse Caenis, dando de ombros. — Troco uma gota de mel por uma bala de goma.

Nortah bufou.

— Uma bala de goma vale pelo menos três gotas de mel...

Vaelin resistiu à tentação de negociar seus doces e os levou para o canil, onde Arranhão rolou e latiu com deleite quando o garoto jogou os doces para cima para que pegasse. O cão não deixou cair um sequer.

O teste teve início em uma manhã de feldrian, dois dias

antes do início do verão. Os garotos que passassem seriam recompensados não apenas com o direito de permanecerem na Ordem, mas também com uma permissão para irem à Feira de Verão em Varinshold, a primeira vez que deixariam os cuidados da Ordem desde o dia de sua admissão. Os que não passassem receberiam suas moedas de ouro e seriam mandados embora. Dessa vez os garotos mais velhos não tinham advertências terríveis ou zombarias para oferecer. Vaelin notou que mencionar o Teste do Conhecimento perto dos colegas provocava apenas olhares de desagrado e bofetadas. Ficou pensando o que os deixava tão bravos; afinal, eram só algumas perguntas.

— O único irmão a atravessar a Grande Floresta do Norte — interpelou Dentos enquanto iam para o salão de jantar.

— Lesander — respondeu Dentos com ar presunçoso. — Essa foi fácil demais.

— O terceiro Aspecto da Ordem?

Dentos parou, a testa franzida enquanto vasculhava a memória em busca da resposta.

— Carlist?

— Está perguntando ou dizendo?

— Dizendo.

— Ótimo. Está certo. — Vaelin lhe deu um tapa nas costas e continuaram a atravessar o pátio. — Dentos, meu irmão, acho que você vai passar no teste hoje.

Foram chamados para o teste à tarde e fizeram fila do lado de fora de uma sala na muralha sul. Mestre Sollis os advertiu com severidade para que se comportassem e disse a Barkus que ele era o primeiro. Barkus parecia que ia fazer uma piada, mas a seriedade no rosto de Sollis o deteve e fez apenas uma rápida mesura para os outros antes de entrar na sala. Sollis fechou a porta depois que o garoto entrou.

— Esperem aqui — ordenou ele. — Quando

terminarem, vão para o salão de jantar. — O mestre afastou-se e deixou-os olhando para a porta de carvalho da sala.

— Achei que seria ele que daria o teste — disse Dentos, com certa dificuldade.

— Não parece que será ele, não é? — disse Nortah. O garoto andou até a porta e inclinou-se para colocar o ouvido na madeira.

— Consegue ouvir algo? — sussurrou Dentos.

Nortah sacudiu a cabeça e endireitou-se.

— Apenas murmúrios. A porta é grossa demais. — Enfiou a mão no manto e tirou dali um alvo de pinho de cerca de trinta centímetros de lado, com várias marcas na superfície e um círculo de tinta preta de uns três centímetros no centro. — Alguém quer jogar facas?

Facas se tornara o jogo principal dos garotos nos últimos meses, uma simples competição de destreza onde se revezavam para arremessar as facas o mais próximo possível do centro do alvo. O vencedor ficava com todas as outras facas restantes no alvo. Havia variações do jogo básico, onde um alvo era apoiado em uma parede conveniente; às vezes era erguido por uma corda e amarrado a uma viga do teto e o objetivo era acertá-lo conforme balançava de um lado para o outro; em outros jogos o alvo era arremessado para o alto e vez ou outra ainda rodopiando. Facas de arremesso eram uma espécie de moeda paralela na Ordem; podiam ser trocadas por guloseimas ou favores, e a popularidade de um irmão invariavelmente aumentava caso conseguisse acumular uma grande quantidade delas. As armas em si eram artigos simples e baratos, lâminas triangulares de quinze centímetros com um cabo grosso e curto, um pouco maiores do que uma ponta de flecha. Mestre Grealin começara a distribuí-las no início do terceiro ano, dez para cada garoto, e o suprimento era renovado a cada seis meses. Não havia

instruções formais sobre como usá-las; os garotos simplesmente observavam os mais velhos e aprendiam conforme jogavam. Como era de se esperar, os melhores arqueiros acabam se mostrando os jogadores mais bem-sucedidos. Dentos e Nortah tinham a maior coleção de facas, seguidos de perto por Caenis. Vaelin ganhava apenas um jogo em dez, mas sabia que melhorava com consistência, ao contrário de Barkus, que parecia incapaz de vencer uma única partida, o que fazia com que protegesse suas facas com fervor, embora tivesse adquirido experiência em negociar por mais com os espólios de muitas expedições de saques.

— Coisas estúpidas de merda! — exclamou Dentos quando sua faca soltou faíscas na parede atrás do alvo. Era evidente que o nervosismo estava atrapalhando sua pontaria.

— Você está fora — informou-lhe Nortah. Se um jogador errasse o alvo, saía do jogo e perdia a faca.

Vaelin jogou em seguida, cravando a faca na borda externa do círculo, um arremesso melhor do que costumava conseguir. A faca de Caenis foi um pouco além, mas Nortah ganhou o jogo com uma lâmina que ficou a apenas um dedo do centro.

— Sou bom demais nisso — comentou ele, recolhendo as facas. — Eu devia parar de jogar. Não é justo com os outros.

— Vai se catar! — exclamou Dentos. — Derrotei você várias vezes.

— Só quando eu deixo — respondeu Nortah com calma. — Se eu não deixasse, você não iria querer jogar mais.

— Sei. — Dentos puxou uma faca do cinto e arremessou contra o alvo em um movimento preciso. Foi provavelmente o melhor arremesso que Vaelin já vira: a faca afundou em cheio no centro do alvo até o punho.

— Supere isso, riquinho — disse Dentos a Nortah.

Nortah ergueu uma sobrancelha.

— A sorte lhe sorri hoje, irmão.

— Sorte uma ova. Vai arremessar ou não?

Nortah encolheu os ombros, pegou uma faca e olhou atentamente para o alvo. Moveu o braço para trás devagar e então o jogou para frente tão depressa que a mão parecia um borrão, a faca um breve lampejo prateado no trajeto até o alvo. Ouviu-se um tinido alto de metal contra metal quando a lâmina ricocheteou no punho da faca de Dentos e caiu a alguns metros de distância.

— Ah, pois bem. — Nortah foi recolher a faca, cuja lâmina entortara na ponta. — Creio que é sua — disse ele, oferecendo-a a Dentos.

— Melhor ficarmos no empate. Você teria acertado o centro se a minha faca não estivesse no caminho.

— Mas ela estava, irmão. E não acertei. — Continuou a oferecer a faca, até que Dentos a aceitou.

— Não vou trocar essa — disse ele. — Será meu amuleto, para dar sorte, entendem? Como aquele lenço de seda que Vaelin acha que não notamos.

Vaelin bufou irritado.

— Não posso esconder nada de vocês?

Passaram o resto do tempo arremessando facas contra o alvo, que Vaelin lançava para o alto. Foi o melhor jogo de Caenis e já havia conseguido mais cinco facas quando Barkus apareceu.

— Achei que você ficaria lá para sempre — disse Dentos.

Barkus parecia abatido, respondendo apenas com um sorriso breve e discreto antes de se virar e afastar-se depressa.

— Merda — murmurou Dentos, a confiança recuperada ficando visivelmente abalada.

— Aguente firme, irmão. — Vaelin bateu-lhe no ombro.

— Logo estará terminado. — O tom escondia uma inquietação verdadeira. O comportamento de Barkus o preocupava, lembrando-o do silêncio mal-humorado dos garotos mais velhos quando se tocava no assunto do teste. As palavras de Mestre Grealin vieram-lhe à mente enquanto imaginava a razão desse teste inspirar tamanha reticência. *Nenhum outro teste expõe a alma de um garoto.*

Vaelin concentrou-se ao se aproximar da porta, enquanto lhe ocorriam centenas de perguntas possíveis. *Lembre-se*, disse enfático para si mesmo, *Carlist foi o terceiro Aspecto na história da Ordem, não o segundo. É um engano comum devido ao assassinato do Aspecto anterior apenas dois dias após assumir o cargo.* Respirou fundo, controlando a mão trêmula ao girar a maçaneta da pesada porta de bronze, e entrou.

A sala era pequena, um espaço despojado com um teto baixo arqueado e uma única janela estreita. Velas foram colocadas ao redor do cômodo, mas pouco faziam para diminuir a escuridão opressiva. Havia três pessoas sentadas atrás de uma mesa de carvalho, três pessoas que vestiam mantos de cores diferentes de seu próprio azul-escuro, três pessoas que não eram da Sexta Ordem. A agitação de Vaelin tornou a aumentar e o garoto não conseguiu evitar um sobressalto visível. *Que tipo de teste é esse?*

— Vaelin. — Um dos estranhos dirigiu-se a ele, uma mulher loura de manto cinzento. Tinha um sorriso cordial no rosto e indicou a cadeira vazia diante da mesa. — Sente-se, por favor.

Vaelin se recompôs e andou até a cadeira. Os três estranhos o observavam em silêncio, dando-lhe a chance de retribuir o escrutínio. O homem de manto verde era gordo e careca, com uma barba fina que delineava a mandíbula e a boca. Embora sua corpulência não se comparasse à de Mestre Grealin, o

homem não tinha nada da força inata do irmão, e o rosto rosado e carnudo brilhava de suor, a papada balançava enquanto mastigava. Havia uma tigela de cerejas junto a sua mão esquerda, e os lábios eram uma evidência rubra do consumo contínuo. Olhava Vaelin com uma mistura de curiosidade e desdém óbvio. Em comparação, o homem de manto preto chegava quase a ser emaciado de tão magro, embora também fosse careca. Tinha uma expressão mais perturbadora do que a do homem gordo: era a mesma máscara de devoção cega que o garoto vira no rosto do Irmão Tendris.

Porém, foi a mulher de cinza que mais lhe chamou a atenção. Parecia ter trinta e poucos anos; o rosto angular emoldurado por cabelos louros que lhe caíam nos ombros era gracioso e vagamente familiar. No entanto, o que lhe intrigava eram os olhos, que brilhavam com ternura e compaixão. Vaelin lembrou-se do rosto pálido de Sella e da bondade que vira nela quando a impediu que lhe tocasse. Mas Sella estava apavorada, ao passo que achava difícil imaginar que esta mulher pudesse vir a ficar tão vulnerável. Havia nela uma força. A mesma força que ele via no Aspecto e em Mestre Sollis. Achou difícil não encará-la.

— Vaelin — disse ela. — Sabe quem somos?

Vaelin achou que era inútil tentar adivinhar.

— Não, minha senhora.

O homem gordo grunhiu e colocou uma cereja na boca.

— Outro fedelho ignorante — disse ele, fazendo barulho ao mastigar. — Não ensinam nada a vocês, pequenos selvagens, além da arte de matar?

— Eles nos ensinam a defender os Fiéis e o Reino, senhor.

O homem gordo parou de mastigar, o desprezo substituído de súbito pela raiva.

— Veremos o que sabe sobre a Fé, jovem — disse ele

ríspido.

— Meu nome é Elera Al Mendah — disse a mulher loura. — Aspecto da Quinta Ordem. Estes são meus irmãos Aspectos, Dendrish Al Hendrahl da Terceira Ordem — gesticulou para o homem gordo de verde — e Corlin Al Sentis da Quarta Ordem. — O homem magro de preto assentiu com gravidade.

Vaelin ficou espantado por estar em companhia tão ilustre. Três Aspectos, todos na mesma sala, todos falando com ele. Sabia que devia se sentir honrado, mas em vez disso havia apenas uma incerteza atemorizante. O que três Aspectos de outras Ordens poderiam lhe perguntar sobre sua própria história?

— Você está pensando sobre todos os fatos aprendidos a duras penas a respeito da fascinante história da Sexta Ordem e seus inumeráveis banhos de sangue. — Dendrish Al Hendrahl, o homem gordo, cuspiu um caroço de cereja em um lenço finamente bordado. — Seus mestres o enganaram, garoto. Não temos perguntas sobre heróis mortos há muito tempo ou batalhas sobre as quais é melhor esquecer. Não é essa espécie de conhecimento que procuramos.

Elera Al Mendah voltou o sorriso para o colega Aspecto.

— Creio que devamos explicar melhor o teste, caro irmão.

Dendrish Al Hendrahl apertou um pouco os olhos, mas não respondeu, e pegou outra cereja.

— O Teste do Conhecimento — prosseguiu Elera, voltando-se para Vaelin — diferencia-se pelo fato de que todos os irmãos e irmãs em treinamento em cada uma das Ordens devem passar nele. Não é um teste de força, perícia ou memória. É um teste de conhecimento, de autoconhecimento. Para servir sua Ordem, você precisa ter mais do que habilidade com armas, assim como os que servem minha Ordem devem conhecer

mais do que as artes de cura. É a sua alma que faz de você quem você é, sua alma que guia seu serviço para com a Fé. Esse teste nos dirá, e a você, se você conhece a natureza de sua alma.

— E não se dê ao trabalho de mentir — instruiu Dendrish Al Hendrahl. — Não pode mentir aqui e será reprovado no teste se tentar.

A incerteza de Vaelin aumentou ainda mais. As mentiras que contava o mantinham seguro. Mentir tornara-se um ato de sobrevivência necessário. Erlin e Sella, o lobo na floresta e o assassino que matara. Todos eram segredos envoltos em mentiras.

— Eu compreendo, Aspecto — forçou-se a dizer Vaelin, controlando o pânico e assentindo com a cabeça.

— Não, não compreende, garoto. Você está se borrando. Quase posso sentir o cheiro.

O sorriso da Aspecto Elera vacilou um pouco, mas ela manteve a atenção em Vaelin.

— Está com medo, Vaelin?

— Esse é o teste, Aspecto?

— O teste começou no momento em que você entrou na sala. Responda, por favor.

Não pode mentir.

— Eu estou… preocupado. Não sei o que esperar. Não quero deixar a Ordem.

Dendrish Al Hendrahl bufou.

— Mais provável que esteja com medo de enfrentar o pai. Acha que ele ficará feliz em lhe ver?

— Eu não sei — respondeu Vaelin com honestidade.

— Seu pai queria que você lhe fosse devolvido — disse Elera. — Isso não mostra que ele se importa com você?

Vaelin se mexeu pouco à vontade. Evitara ou reprimira as lembranças de seu pai por tanto tempo que esse tipo de escrutínio era difícil de suportar.

— Não sei o que isso significa. Eu… mal o conhecia antes de vir para cá. Ele ausentava-se com frequência,

lutando as guerras do Rei, e quando estava em casa não tinha muito a me dizer.

— Então você o odeia? — perguntou Dendrish Al Hendrahl. — Posso compreender isso.

— Não o odeio. Não o conheço. Ele não é minha família. A minha família está aqui.

O homem magro, Corlin Al Sentis, falou pela primeira vez. Sua voz era rascante.

— Você matou um homem durante o Teste da Corrida — disse ele, os olhos ameaçadores grudados nos de Vaelin. — Teve prazer em fazer isso?

Vaelin ficou aturdido. *Eles sabem! O quanto mais eles sabem?*

— Aspectos trocam informações, garoto — disse Dendrish Al Hendrahl. — É como nossa Fé resiste. União de propósitos, união de confiança. Vem daí o nome de nosso Reino. Seria bom você se lembrar disso. E não se preocupe, seus segredos sórdidos estão seguros conosco. Responda a pergunta do Aspecto Corlin.

Vaelin respirou fundo, tentando acalmar as batidas rápidas no peito. Pensou no Teste da Corrida, o som da corda do arco que o salvara da flecha do assassino, a máscara frouxa e inanimada do rosto do homem, o estômago revirando-se enquanto serrava a extremidade emplumada com a faca...

— Não. Não, não tive prazer em matá-lo.

— Você se arrepende? — insistiu Corlin Al Sentis.

— O homem estava tentando me matar. Eu não tive escolha. Não posso me arrepender de estar vivo.

— Então é só com isso que você se importa? — perguntou Dendrish Al Hendrahl. — Permanecer vivo?

— Eu me importo com meus irmãos, com a Fé e com o Reino... — *Eu me importo com Sella, a bruxa Negadora, e com Erlin, que a ajudou a fugir. Mas não posso dizer que me importo muito com você, Aspecto.*

Vaelin ficou tenso, esperando uma repreensão ou

punição, mas os três Aspectos nada disseram e trocaram olhares indecifráveis. *Eles podem ouvir mentiras*, compreendeu. *Mas não pensamentos.* Podia ocultar coisas, não precisava mentir. O silêncio seria seu escudo.

Foi a vez da Aspecto Elera falar, e a pergunta foi ainda pior.

— Lembra-se de sua mãe?

O desconforto de Vaelin foi substituído de forma abrupta pela irritação.

— Deixamos nossos laços familiares para trás quando entramos nesta casa...

— Não seja impertinente, garoto! — disse ríspido o Aspecto Al Hendrahl. — Nós perguntamos, você responde. É assim que funciona.

Vaelin sentiu a mandíbula doer com o esforço de conter uma resposta atravessada.

— É claro que me lembro de minha mãe — disse ele por entre os dentes, lutando para controlar a raiva.

— Também me lembro dela — disse Elera. — Era uma boa mulher que sacrificou muito para se casar com seu pai e trazê-lo a este mundo. Tal como você, ela escolheu uma vida a serviço da Fé. Ela foi uma irmã da Quinta Ordem, muito respeitada por seus conhecimentos de cura; se tornaria uma mestra em nossa casa. Com o tempo, talvez até se tornasse Aspecto. Por ordem do Rei, ela viajou com o exército real enviado para lidar com a primeira revolta cumbraelina. Ela conheceu seu pai quando ele foi ferido após a Batalha das Relíquias. Enquanto cuidava dos ferimentos de seu pai, o amor foi crescendo entre os dois e ela deixou a Ordem para se casar. Sabia disso?

Vaelin, estarrecido, só conseguiu sacudir a cabeça. As lembranças da infância fora da Ordem haviam se tornado indistintas com o tempo e a supressão deliberada, mas recordava-se de ocasionais suspeitas

acerca das origens distintas dos pais; suas vozes eram diferentes; a falta de gramática e as vogais omitidas do pai contrastavam com a entonação precisa e regular da mãe. O pai não sabia muito sobre bons modos à mesa, ignorava com frequência a faca e o garfo ao lado do prato e pegava a comida com as mãos, demonstrando uma confusão genuína quando a mãe o repreendia com gentileza: “Querido, por favor. Isso não é uma caserna”. Mas jamais sonhou que ela também já servira a Fé.

— Se ainda estivesse viva — a voz da Aspecto Elera o trouxe de volta ao presente —, ela o deixaria entregar sua vida à Ordem?

A tentação de mentir era quase irresistível. Sabia o que a mãe teria dito, como ela teria se sentido ao vê-lo com este manto, as mãos e o rosto esfolados pelos treinos... como isso a teria magoado. Porém, colocar aquilo em palavras tornaria real a coisa. Não poderia mais escondê-la. Mas Vaelin sabia que era uma armadilha. *Querem que eu minta*, percebeu. *Querem que eu fracasse.*

— Não — respondeu ele. — Ela odiava guerras. — E então estava dito. Estava vivendo uma vida que a mãe jamais teria desejado. Estava desonrando sua memória.

— Ela lhe disse isso?

— Não, disse ao meu pai. Ela não queria que ele partisse para a guerra contra os meldeneanos. Dizia que o fedor de sangue a enojava. Ela não iria querer que eu levasse essa vida.

— Como você se sente com isso? — insistiu Elera.

Vaelin se viu falando sem pensar.

— Culpado.

— E ainda assim você ficou quando teve a oportunidade de partir.

— Senti que eu precisava estar aqui. Precisava ficar com meus irmãos. Precisava aprender o que a Ordem podia me ensinar.

— Por quê?

— Eu... acho que é isso que devo fazer. É o que a Fé exige de mim. Conheço a espada e o bastão como um ferreiro conhece o martelo e a bigorna. Tenho força, velocidade, astúcia e... — Hesitou, sabendo que tinha que forçar as palavras para fora, odiando-as mesmo assim. — Sei matar — disse ele, olhando-a nos olhos. — Sei matar sem hesitar. Eu estava destinado a ser um guerreiro.

Abateu-se um silêncio sobre a sala, rompido apenas pelo som baixo e úmido de Dendrish Al Hendrahl mastigando outra cereja. Vaelin olhou para um Aspecto de cada vez, perplexo pelo fato de que nenhum deles queria retribuir o olhar. A reação de Elera Al Mendah foi quase chocante; olhava para os dedos entrelaçados à sua frente, como se estivesse prestes a chorar.

Por fim, Dendrish Al Hendrahl rompeu o silêncio.

— Isso é tudo, garoto. Pode ir. Não fale com seus amigos ao sair.

Vaelin levantou-se incerto.

— O teste terminou, Aspecto?

— Sim. Você passou. Parabéns. Tenho certeza de que você honrará a Sexta Ordem. — O tom azedo deixava claro que não considerava isso um elogio.

Vaelin dirigiu-se até a porta, feliz por estar livre; a atmosfera na sala oprimia, o escrutínio dos Aspectos era difícil de ser suportado.

— Irmão Vaelin. — A voz áspera de Corlin Al Sentis o deteve antes que colocasse a mão na maçaneta.

Vaelin engoliu um suspiro exasperado e forçou-se a se virar. Corlin Al Sentis o contemplava com seu olhar fanático. Elera não levantou a cabeça e Dendrish Al Hendrahl lhe lançou um olhar rápido e desinteressado.

— Sim, Aspecto?

— Ela o tocou?

Vaelin sabia a quem ele se referia, é claro. Foi

ingenuidade de sua parte achar que poderia escapar sem enfrentar essa pergunta.

— O senhor se refere à Sella, Aspecto?

— Sim, Sella, a assassina, Negadora e estudiosa das Trevas. Você a ajudou e o traidor na mata, não é verdade?

— Só fiquei sabendo quem eram mais tarde, Aspecto. — A verdade, ocultando uma mentira. Sentiu que começava a suar e rezou para que não ficasse evidente no rosto. — Eram estranhos perdidos numa tempestade. O Catecismo da Caridade nos diz para tratar um estranho como um irmão.

Corlin Al Sentis ergueu devagar a cabeça, o olhar firme assumindo um viés perspicaz.

— Eu não sabia que o Catecismo da Caridade era ensinado aqui.

— Não é, Aspecto. Minha... mãe me ensinou todos os catecismos.

— Sim. Ela era uma senhora de considerável misericórdia. Você não respondeu a minha pergunta.

Não precisava mentir.

— Ela não me tocou, Aspecto.

— Conhece o poder do toque dela? O que isso faz às almas dos homens?

— O Irmão Makril me contou. De fato fui afortunado por escapar de tal destino.

— De fato. — O olhar do Aspecto suavizou-se, mas apenas levemente. — Você pode achar que esse teste foi duro, mas sabe que o que lhe aguarda será ainda pior. A vida em sua Ordem nunca é fácil. Muitos dos seus irmãos sucumbirão à loucura ou à mutilação antes de serem chamados pelos Finados. Está ciente disso?

Vaelin assentiu.

— Estou, Aspecto.

— Foi uma atitude honrada decidir ficar, quando podia ter partido com o caráter imaculado. Sua devoção à Fé

será lembrada.

Vaelin sentiu que essas palavras eram uma ameaça, por nenhuma razão aparente, uma ameaça que o Aspecto sequer sabia que estava fazendo. Porém, forçou-se a dizer:

— Obrigado, Aspecto.

Ao sair, fechou com cuidado a porta e apoiou as costas nela, respirando aliviado. Levou alguns segundos para notar os outros o observando. Pareciam preocupados, especialmente Dentos.

— Que a Fé me ajude — murmurou Dentos, visivelmente assustado com o semblante de Vaelin.

Vaelin empertigou-se, colocou no rosto um sorriso que sabia ser amarelo e afastou-se, tentando não correr.

Com exceção de Dentos, o Teste do Conhecimento deixou uma nuvem de depressão pairando sobre todos. Caenis estava quieto, Barkus monossilábico, Nortah truculento e Vaelin tão absorto nas lembranças da mãe que acabou passando o resto do dia em um torpor miserável, jogando sobras para Arranhão e recusando as tentativas de brincadeiras do cão, antes de juntar-se aos outros para um jogo de facas no campo de treinamento.

— Mas que grande bosta foi aquilo — disse Dentos, o único deles que mantivera algum resquício de bom humor, arremessando uma faca que foi se cravar no alvo que Barkus jogara para cima. Seu contentamento era mais irritante pelo fato de aparentemente ignorar o humor dos companheiros. — Não me perguntaram nada sobre a Ordem, só ficaram falando sobre a minha mãe e onde cresci. A dona Aspecto, Elera sei-lá-o-nome, perguntou se eu tinha saudade de casa. Saudade de casa? Como se eu quisesse voltar para aquele lugar de merda.

Soltou a faca do alvo que recolhera e o jogou para o alto para que Nortah fizesse o arremesso. A faca passou longe, tão longe na verdade que quase acertou a cabeça de Dentos.

— Cuidado!

— Pare de falar sobre o teste — disse Nortah com um tom ameaçador.

— Qual é o problema? — riu Dentos, realmente intrigado. — Digo, todos nós passamos, não? Ainda estamos todos aqui e vamos para a Feira de Verão.

Vaelin imaginou por que não lhe ocorrera antes que todos eles haviam passado no teste. *Porque a sensação não é de conquista*, percebeu.

— Só não queremos falar sobre o teste, Dentos — disse ele. — Não achamos tão fácil quanto você. É melhor não tocarmos no assunto.

No total, seis garotos de outros grupos não passaram no teste e tiveram que partir. Observaram eles irem embora na manhã seguinte, formas escuras amontoadas na neblina que atravessavam em silêncio o portão, levando nas mochilas os poucos bens que puderem manter. Podiam-se ouvir soluços ecoando pelo pátio. Era impossível dizer qual dos garotos estava chorando, se era um ou todos. O lamento pareceu continuar por um longo tempo, mesmo após os garotos terem desaparecido de vista.

— Eu com certeza não derramaria uma lágrima — disse Nortah. Estavam na muralha, enrolados nos mantos, esperando que o sol levasse a neblina para longe e o desjejum aparecesse no salão de jantar.

— Fico pensando para onde irão — disse Barkus. — Se é que têm *algum* lugar para ir.

— A Guarda do Reino — disse Nortah. — É repleta de rejeitados da Ordem. Deve ser por isso que nos odeiam tanto.

— Grande porcaria — grunhiu Dentos. — Sei para

onde eu iria. Direto para as docas. Arranjar um serviço em um dos grandes navios mercantes que vão para o oeste. Meu tio Fantis foi para o Extremo Ocidente de navio, voltou podre de rico. Sedas e remédios. O único homem rico na história de nossa aldeia. Não lhe serviu de nada: caiu morto um ano depois de voltar, por causa de uma doença que pegou de alguma prostituta em um porto qualquer.

— Ouvi dizer que a vida num navio não é vida — disse Barkus. — Comida ruim, chicotadas, trabalhar da manhã à noite. Como estar na Ordem, acho, exceto pela comida. Acho que eu iria para a mata para me tornar um fora da lei famoso. Teria meu próprio bando de saqueadores, mas não iríamos saquear ninguém. Só roubaríamos ouro e joias dos ricos. Os pobres não têm nada que valha a pena ser roubado.

— É evidente que você pensou muito sobre isso, irmão — comentou Nortah com frieza.

— Um homem precisa de um plano nesta vida. E você? Para onde iria?

Nortah virou-se para o portão, ainda envolto na neblina matutina, com uma saudade intensa que Vaelin jamais vira estampada no rosto.

— Para casa — disse ele em voz baixa. — Apenas iria para casa.

CAPÍTULO CINCO

Cerca de uma semana após o Teste do Conhecimento, Mestre Sollis levou-os a uma câmara cavernosa ao lado do pátio, tomada pelo calor e o cheiro de fumaça e metal. Mestre Jestin, o principal ferreiro da Ordem que raramente era visto, aguardava do lado de dentro. Era um homem grande que exalava força e confiança; estava com os braços musculosos cruzados sobre o peito, o corpo peludo marcado por diversas cicatrizes rosadas onde o metal derretido respingara da forja. Impressionado pela força evidente do homem, Vaelin ficou pensando se o ferreiro tinha sentido algo.

— Mestre Jestin forjará suas espadas — informou-lhes Sollis. — Serão orientados por ele e auxiliarão no forjamento durante as próximas duas semanas. Quando saírem da ferraria, cada um de vocês terá uma espada que portará pelo resto do tempo que passarem na Ordem. Lembrem-se que Mestre Jestin não partilha de minha natureza generosa e clemente. Obedeçam-lhe.

Sozinhos com o ferreiro, os garotos permaneceram em silêncio enquanto o homem os avaliava, os brilhantes olhos azuis examinando um por vez.

— Você. — Ele apontou um dedo grosso e enegrecido para Barkus, que estava olhando para uma pilha de alabardas recém-forjadas. — Você já esteve em uma ferraria antes.

Barkus hesitou.

— Meu p... eu cresci perto de uma ferraria em Nilsael, mestre.

Vaelin ergueu uma sobrancelha para Caenis. Visto que

Barkus seguia as regras à risca e pouco ou nada dizia sobre sua criação, foi uma surpresa descobrir que o pai do garoto havia sido um artífice. Garotos que tinham pais com ofícios não costumavam acabar na Ordem; um garoto com um futuro não tinha necessidade de buscar uma vida em outro lugar.

— Já viu uma espada ser forjada? — perguntou Mestre Jestin.

— Não, mestre. Facas, lâminas de arado, muitas ferraduras, um ou dois cata-ventos. — Ele riu um pouco. Mestre Jestin não.

— Um cata-vento é algo difícil de forjar — disse ele. — Nem todos os ferreiros sabem fazer um. Somente mestres ferreiros têm permissão para forjar tal objeto. É uma regra da guilda. Moldar o metal para interpretar a canção do vento é uma habilidade rara. Sabia disso?

Barkus desviou o olhar e Vaelin percebeu que o garoto fora repreendido, humilhado de alguma forma. Sabia que algo havia passado entre os dois, algo que o resto deles não podia compreender. Tinha a ver com aquele lugar e a arte ali praticada, mas sabia que Barkus não falaria a respeito. A seu próprio modo, o garoto tinha tantos segredos quanto todos os outros.

— Não, mestre — foi tudo o que disse.

— Este lugar — disse Mestre Jestin, esticando os braços para abarcar a ferraria. — Este lugar é da Ordem, mas me pertence. Sou Rei, Aspecto, Comandante, Senhor e Mestre deste lugar. Esse não é um lugar para jogos. Não é um lugar para zombarias. É um lugar para trabalho e aprendizado. A Ordem exige que vocês conheçam a arte de se trabalhar com metais. Para empunhar de fato uma arma com destreza, é necessário que se compreenda a natureza de sua criação, ser parte da arte que a fez existir. As espadas que farão aqui os manterão vivos e defenderão a Fé nos anos vindouros. Trabalhem bem e terão uma espada na

qual confiar, uma lâmina poderosa com um gume capaz de cortar armaduras de aço. Trabalhem mal e suas espadas quebrarão na primeira batalha e vocês morrerão.

Voltou-se mais uma vez para Barkus; parecia que tinha uma pergunta no olhar gélido.

— A Fé é a fonte de toda nossa força, mas nosso serviço para com a Ordem requer aço. O aço é o instrumento com o qual honramos a Fé. Nosso futuro é feito de aço e sangue. Compreendem?

Todos murmuram uma resposta positiva, mas Vaelin sabia que a pergunta só fora dirigida a Barkus.

O resto do dia foi dedicado a alimentar o forno com coque e empilhar na ferraria hastes de ferro que abarrotavam uma carroça no pátio. Mestre Jestin passou o tempo todo na bigorna, o martelo num ritmo constante e cantante de metal contra metal; de vez em quando o mestre erguia a cabeça para dar instruções em meio a um chafariz de faíscas. Vaelin achou o trabalho árduo e monótono. A garganta arranhava por causa da fumaça e os ouvidos zumbiam com as marteladas contínuas.

— Agora sei por que não lhe agradava uma vida em uma ferraria, Barkus — comentou Vaelin ao arrastarem-se cansados de volta ao quarto no fim do dia.

— Nem me diga — concordou Dentos, massageando o braço dolorido. — Prefiro passar um dia inteiro praticando arco e flecha.

Barkus nada disse e permaneceu em silêncio pelo resto da noite em meio aos resmungos cansados dos garotos. Vaelin sabia que Barkus mal os ouvira, a cabeça ainda cheia com as perguntas de Mestre Jestin: a que havia em suas palavras e a que havia em seus olhos.

Voltaram à ferraria no dia seguinte, tornando a empilhar e carregar, jogando sacos de coque na sala ampla que servia como depósito de combustível. Mestre Jestin pouco dizia, concentrado em inspecionar cada uma das hastes de ferro que haviam sido carregadas para dentro no dia anterior, erguendo cada uma contra a luz, passando os dedos ao longo delas e ora grunhindo de satisfação e colocando-as de volta na pilha, ora estalando a língua irritado e depositando-as em uma pilha pequena, porém crescente de refugos.

— O que ele está procurando? — perguntou Vaelin, gemendo com o esforço de carregar outro saco para o depósito. — Um pedaço de ferro é igual a qualquer outro, não?

— Impurezas — respondeu Barkus, olhando de relance para Mestre Jestin. — As hastes foram forjadas por outro ferreiro antes de chegarem aqui, muito provavelmente por mãos menos habilidosas do que as do nosso mestre. Ele está verificando se o ferreiro que as fez colocou ferro ruim em demasia na mistura.

— Como ele consegue saber?

— Principalmente pelo toque. As hastes são feitas de muitas camadas de ferro que foram marteladas juntas, depois torcidas e achatadas. O forjamento deixa um padrão no metal. Um bom ferreiro é capaz de distinguir hastes boas das ruins pelo padrão. Ouvi histórias sobre alguns que podem até mesmo sentir o cheiro da qualidade.

— Você conseguiria fazer? Digo, o negócio do toque, não sentir o cheiro.

Barkus riu, e Vaelin sentiu um toque de amargura no som.

— Nem em mil anos.

Mestre Sollis apareceu ao meio-dia e os mandou para o campo de treinamento para praticarem esgrima, dizendo que precisavam manter afiadas suas

habilidades. Os garotos estavam lentos devido ao trabalho duro na ferraria e o mestre usou a vara mais do que de costume, embora Vaelin achasse que não doesse tanto como antes. Considerou por um instante a possibilidade de Mestre Sollis estar suavizando os golpes, mas descartou a ideia de pronto. Não era Mestre Sollis que estava amolecendo, mas eles que estavam endurecendo. *Ele nos colocou em forma*, percebeu. *Ele é nosso ferreiro.*

— É hora de acender a forja — disse Mestre Jestin quando retornaram à ferraria após uma refeição vespertina feita às pressas. — Há apenas uma coisa para se lembrar sobre a forja. — Ergueu os braços e mostrou as numerosas cicatrizes que marcavam a carne musculosa. — Ela é quente.

Jestin fez com que esvaziassem vários sacos de coque no círculo de tijolos que formava a forja e então falou para Caenis acendê-la, uma tarefa que envolvia arrastar-se debaixo dela e colocar fogo na madeira de carvalho que ficava naquele vão. Vaelin teria se recusado, mas Caenis avançou sem hesitar, com um archote aceso na mão. Saiu de lá momentos depois, enegrecido, porém ileso.

— Parece bem acesa, mestre — informou o garoto.

Mestre Jestin o ignorou e agachou-se para inspecionar a labareda que aumentava.

— Você. — indicou Vaelin com a cabeça, sem chamá-lo pelo nome; aparentemente lembrar-se de nomes era uma distração sem sentido. — Para o fole. Você também — disse ele, apontando um dedo para Nortah. Disse a Barkus, Dentos e Caenis que permanecessem de pé e aguardassem instruções.

Mestre Jestin pegou seu martelo pesado e tirou uma das hastes de ferro da pilha ao lado da bigorna.

— A lâmina de uma espada de padrão asraelino é fabricada com três hastes — informou aos garotos. — Uma haste central grossa e duas mais finas para o gume. Esta — ergueu a haste que tinha na mão — é uma das hastes laterais. Ela precisa ser moldada antes de ser fundida com as outras. O gume é a parte da espada mais difícil de ser forjada. Deve ser fino, mas forte; deve cortar, mas também resistir ao golpe de outra lâmina. Observem o metal com atenção. — Mostrou a haste a cada um, a voz áspera e irregular estranhamente hipnótica. — Estão vendo os pontos pretos ali?

Vaelin olhou para a haste, notando os pequenos fragmentos pretos em meio ao cinza-escuro do ferro.

— Chamam de prata estelar porque brilha mais do que o céu quando é colocada no fogo — prosseguiu Jestin. — Mas não é prata, é um tipo de ferro, um ferro raro que vem da terra como todos os metais. Não há nada das Trevas nele. Porém, é o que torna as espadas da Ordem mais resistentes do que outras. Com isso, suas lâminas aguentarão golpes que despedaçariam outras e, se empunhadas com destreza, atravessarão armaduras. Este é o nosso segredo. Guardem-no bem.

Fez sinal para Vaelin e Nortah começarem a trabalhar no fole e ficou observando enquanto os esforços dos garotos eram recompensados com o aparecimento gradual de um brilho intenso laranja-avermelhado na massa de coque.

— Agora — disse ele, erguendo o martelo. — Prestem atenção e tentem aprender.

Vaelin e Nortah começaram a suar em bicas enquanto giravam a pesada manivela de madeira do fole, fazendo com que o calor na ferraria aumentasse com cada sopro de ar que entrava na forja. O ar parecia ficar pesado e era difícil respirar.

Vamos logo com isso, pela Fé, disse Vaelin para si

mesmo, os braços suados e doloridos enquanto Mestre Jestin aguardava... e aguardava.

Enfim satisfeito, o ferreiro agarrou a haste com uma tenaz de ferro e enfiou na forja, aguardando o brilho laranja-avermelhado tomar conta da superfície do metal antes de retirá-la e colocá-la na bigorna. O primeiro golpe foi leve, quase um tapa, que lançou uma pequena nuvem de faíscas. O mestre então se pôs a trabalhar com afinco, o martelo subindo e descendo com precisão ruidosa, faíscas jorrando a seu redor, o martelo vez ou outra um borrão devido à velocidade dos golpes. A princípio, a haste brilhante pareceu não mudar muito, embora fosse possível que estivesse um pouco mais longa quando Mestre Jestin tornou a enfiá-la na forja, fazendo sinais irritados a Vaelin e Nortah para que colocassem mais força no fole.

O processo continuou por o que parecia ser uma hora, mas só podiam ter se passado dez minutos; Mestre Jestin martelava a haste, tornava a colocá-la na forja e voltava a martelar. Vaelin acabou ansiando pelo alívio dolorido do campo de treinamento; o combate corpo a corpo no chão gelado era melhor do que aquilo. Quando Mestre Jestin fez sinal para que parassem, os dois garotos afastaram-se cambaleantes do fole e colocaram as cabeças para fora da ferraria, enchendo os pulmões com ar puro.

— O desgraçado está tentando nos matar — disse Nortah ofegante.

— Voltem aqui — rosnou Mestre Jestin, e os dois voltaram depressa para dentro. — Precisam se acostumar a trabalhar de verdade. Vejam. — Ergueu a haste. A forma arredondada original dera lugar a uma tira de metal triangular com cerca de um metro de comprimento. — Isto é um gume. Parece tosco agora, mas depois de fundido com os irmãos, ficará afiado e brilhante.

Dentos e Caenis assumiram o fole e Mestre Jestin começou a trabalhar na outra haste, e as batidas do martelo eram um contraponto ecoante à respiração sufocada dos garotos. Quando o segundo gume ficou pronto, Jestin começou a trabalhar na grossa haste central, com golpes cada vez mais pesados e rápidos, aumentando o comprimento da haste para que se igualasse aos gumes, e então temperando a lâmina para formar uma saliência ao longo do centro. Quando terminou, Caenis e Dentos estavam prestes a desabar, e Barkus fez companhia a Vaelin no fole. O ferreiro pegou um grampo para prender as três hastes pela base e preparou-se para fundi-las.

— A fundição é o teste de um fabricante de espadas — disse Jestin. — É a habilidade mais difícil de ser aprendida. Um golpe forte demais estragará a lâmina, fraco demais e as hastes não se fundirão. — Olhou para Vaelin e Barkus. — Girem com força, não deixem o fogo baixar. Sem enrolação.

Enquanto trabalhavam e Vaelin rezava para que aquilo acabasse logo, o garoto notou que Barkus não tirava os olhos de Mestre Jestin, os braços subindo e descendo sem parar, aparentemente alheio à dor: toda a sua atenção estava voltada para o que estava acontecendo na bigorna. No início, Vaelin se perguntou o que havia de tão interessante; era um homem batendo em um pedaço de metal com um martelo. Não viu espetáculo algum no feito, nenhum mistério. Porém, ao acompanhar o olhar de Barkus, viu-se cada vez mais absorto na visão da lâmina que tomava forma, das três hastes que se fundiam com a força do martelo. De vez em quando os pontos de prata estelar nas hastes do gume refulgiam quando Mestre Jestin tirava a lâmina da forja, brilhando com tamanha intensidade que Vaelin tinha que desviar o olhar. Acreditava no que o ferreiro dissera sobre a prata estelar ser apenas mais um metal,

mas ainda assim era inquietante.

— Você. — Mestre Jestin acenou para Nortah com a cabeça ao terminar de moldar a ponta. — Traga o balde aqui.

Nortah arrastou obediente o pesado balde de madeira para perto da bigorna; estava cheio quase até a boca e a água respingou-lhe nos pés ao colocá-lo no lugar. — É água salgada — disse Jestin. — Uma lâmina temperada numa salmoura sempre será mais resistente do que uma temperada em água doce. Para trás, vai ferver.

Agarrou com firmeza a espiga na base da lâmina e a mergulhou no balde, fazendo vapor levantar conforme a água esquentava e fervia. O ferreiro a manteve dentro do balde até a fervura diminuir, e então retirou a lâmina fumegante, erguendo-a para examiná-la. Estava preta, o metal manchado de fuligem, mas Mestre Jestin parecia satisfeito com o resultado. Os gumes estavam retos, e a ponta perfeitamente simétrica.

— O trabalho de verdade começa agora — disse ele. — Você. — Virou-se para Caenis. Já que você acendeu a forja, pode ficar com esta.

— Hã, obrigado, mestre — disse Caenis, pensando se era uma honra ou uma maldição.

Jestin levou a lâmina até o outro lado da ferraria, colocando-a em um banco ao lado de uma grande pedra de amolar movida a pedal.

— Uma lâmina recém-forjada não nasceu por completo — informou-lhes o mestre. — Ela precisa ser afiada, polida. — Mandou Caenis se posicionar na pedra de amolar e começar a girá-la com o pedal, demonstrando como manter um bom ritmo contando “um, dois... um, dois” antes de dizer ao garoto para que aumentasse a velocidade e segurasse a lâmina contra a pedra. O chafariz instantâneo de faíscas fez Caenis recuar alarmado, mas Jestin mandou que continuasse, guiando as mãos do garoto para ficarem no ângulo

correto e então lhe mostrando como mover a lâmina sobre a pedra para que ficasse afiada por toda sua extensão. — Assim mesmo — grunhiu ele passado algum tempo, quando Caenis sentiu-se confiante o bastante para mover a lâmina por conta própria. — Dez minutos para cada gume e depois me mostre o que conseguiu. O resto de vocês, de volta à forja. Você e você para o fole...

E assim trabalharam e suaram na forja, sete longos dias girando o fole, afiando gumes e polindo as lâminas até a fuligem desaparecer, fazendo-as reluzir como prata. Nenhum dos garotos escapou ileso. Vaelin ficou com uma cicatriz clara no dorso da mão, onde pingara uma gota de metal derretido; a dor e o cheiro da própria pele queimando o deixaram enjoado. Os outros sofreram ferimentos similares, sendo que Dentos foi o que se deu pior, atingido nos olhos por algumas faíscas num momento de descuido na pedra de amolar. As faíscas deixaram algumas cicatrizes enegrecidas ao redor do olho esquerdo, mas por sorte não teve a visão prejudicada.

Apesar da exaustão, do risco de ferimentos desfiguradores e do tédio do trabalho, Vaelin não pôde deixar de sentir certo fascínio pelo processo. Havia uma beleza naquilo: o surgimento gradual das lâminas debaixo do martelo de Mestre Jestin, a sensação do gume contra a pedra de amolar, o padrão que aparecia na lâmina quando a polia, espirais escuras no cinza-azulado do aço, como se as chamas da forja de alguma forma tivessem sido congeladas no metal.

— Surgem quando as hastes são fundidas — explicou Barkus. — Juntar tipos diferentes de metal deixa uma marca. Acho que a prata estelar deixa isso mais evidente nas lâminas da Ordem.

— Gostei — disse Vaelin, erguendo a lâmina parcialmente polida contra a luz. — É... interessante.

— É só metal. — Barkus suspirou, virando-se para a pedra, onde afiava um dos gumes da própria espada. — Aqueça, bata, molde. Não há mistério nisso.

Vaelin ficou observando o amigo trabalhar na roda, o modo como as mãos moviam-se com destreza, afiando o gume com perfeita precisão. Quando chegou a vez de Barkus, Mestre Jestin sequer se incomodou em mostrar ao garoto como afiar a lâmina: apenas entregou a ele e afastou-se. A habilidade de Barkus de algum modo era óbvia para ferreiro; pouco diziam, trocavam apenas alguns grunhidos ou resmungos de entendimento, como se trabalhassem juntos há muitos anos. Contudo, Barkus não mostrava qualquer alegria com o trabalho, nenhuma satisfação. Lidava com a tarefa sem dificuldade, demonstrando habilidades que deixavam todos os outros envergonhados, mas seu rosto permanecia uma máscara de resignação sempre que estavam na ferraria, animando-se apenas quando escapavam para o campo de treinamento ou para o salão de jantar.

O dia seguinte foi dedicado à colocação dos punhos. Eram quase idênticos e já estavam prontos; Mestre Jestin os colocou nas lâminas e os prendeu com três cravos de ferro martelados através da espiga, que se estendia para dentro do punho. Os garotos então foram colocados para trabalhar limando as cabeças dos cravos, de modo a ficarem nivelados com os punhos de carvalho.

— Terminaram seu serviço aqui — disse-lhes Jestin no fim do dia. — As espadas são suas. Usem-nas bem. — Foi o mais próximo que ele chegara de soar como os outros mestres. Virou-se para a forja sem mais uma palavra. Os garotos permaneceram no lugar, indecisos, erguendo as espadas e pensando se tinham que dizer algo em resposta.

— Hã, obrigado por sua sabedoria, mestre — disse

Caenis.

Jestin depositou uma ponta de lança inacabada na bigorna e começou a girar o fole.

— Nosso tempo aqui foi muito... — continuou Caenis, mas Vaelin o cutucou e fez sinal para a porta.

Estavam saindo quando Jestin falou mais vez.

— Barkus Jeshua.

Os garotos pararam e Barkus virou-se, com uma expressão de cautela no rosto.

— Mestre.

— Esta porta estará sempre aberta a você — disse Jestin sem se virar. — Viria a calhar ter alguma ajuda.

— Sinto muito, Mestre — disse Barkus, com um tom apático. — Receio que meu treinamento ocupa demais o tempo que tenho.

Jestin largou o fole e colocou a ponta de lança na forja.

— Estarei aqui, assim como a forja, quando você se cansar do sangue e da merda. Estaremos aqui.

Barkus não apareceu para a refeição da noite, algo que nenhum deles conseguia lembrar já ter acontecido antes. Vaelin encontrou-o na muralha após fazer sua visita noturna ao canil de Arranhão.

— Trouxe algumas sobras para você. — Vaelin entregou-lhe um saco com uma torta e algumas maçãs.

Barkus agradeceu com um aceno de cabeça, a atenção voltada para o rio, onde uma barcaça seguia viagem até Varinshold.

— Você quer saber — disse ele, passado algum tempo. Não havia na voz nada do humor ou da ironia costumeiros, mas Vaelin sentiu um arrepio ao detectar um leve traço de medo.

— Se quiser me contar — disse Vaelin. — Todos nós temos nossos segredos, irmão.

— Como o motivo de você ter guardado esse lenço. —

Barkus apontou para o lenço de Sella em volta do pescoço de Vaelin. O garoto enfiou o lenço dentro das roupas e deu um tapinha no ombro do amigo antes de se virar para ir embora.

— Aconteceu pela primeira vez quando eu tinha dez anos — disse Barkus.

Vaelin parou, esperando que o outro continuasse. À sua própria maneira, Barkus podia ser tão fechado quanto o resto deles; falaria ou não, e qualquer persuasão seria inútil.

— Meu pai havia me colocado para trabalhar na ferraria desde que eu era pequeno — continuou Barkus após um momento. — Eu adorava, adorava vê-lo moldar o metal, adorava o modo como o metal brilhava na forja. Alguns dizem que os modos do ferreiro são misteriosos. Para mim era tudo tão óbvio, tão fácil. Compreendia tudo. Meu pai mal teve que me ensinar alguma coisa. Eu simplesmente sabia o que fazer. Eu conseguia ver a forma que o metal assumiria antes do martelo baixar, conseguia dizer se uma lâmina de arado atravessaria o solo ou ficaria presa, ou se uma ferradura se soltaria de um casco depois de apenas alguns dias. Sabia que meu pai tinha orgulho. Não era de falar muito, não como eu, nisso puxei minha mãe, mas eu sabia que ele tinha orgulho. Queria deixá-lo ainda mais orgulhoso. Eu tinha formas na minha cabeça, formas de facas, espadas, machados, todas esperando para ser forjadas. Sabia exatamente como fazê-las, exatamente a mistura certa de metais a usar. Então, certa noite, entrei escondido na ferraria para fazer uma. Uma faca de caça, uma coisa pequena, pensei. Um presente de fim de inverno para meu pai.

Barkus calou-se, olhando ao longe enquanto a barcaça afastava-se ainda mais, as formas dos barcaceiros no convés indistintas e espectrais à luz tênue da lanterna de proa.

— Então você fez a faca — continuou Vaelin. — Mas seu pai ficou... zangado?

— Ah, ele não ficou zangado. — Barkus parecia amargurado. — Ficou com medo. A lâmina havia sido dobrada inúmeras vezes para ficar reforçada, o gume afiado o bastante para cortar seda ou perfurar armadura, tão polida que podia ser usada como espelho. — O leve sorriso que se formava em seus lábios desapareceu. — Ele a jogou no rio e me disse para jamais falar sobre isso com ninguém.

Vaelin ficou intrigado.

— Ele devia ter ficado orgulhoso. Uma faca assim feita pelo próprio filho. Por que isso o assustaria?

— Meu pai havia visto muita coisa na vida. Viajara com o exército do Senhor, servira em um navio mercante nos mares orientais, mas jamais vira uma faca forjada em uma ferraria quando a forja estava fria.

A perplexidade de Vaelin aumentou.

— Então como você...? — Algo no rosto de Barkus fez com que se detivesse.

— Os nilsaelinos são um grande povo de vários modos — prosseguiu Barkus. — Fortes, gentis, hospitaleiros. Mas temem as Trevas acima de qualquer coisa. Na minha aldeia, certa vez houve uma velha que podia curar com um toque, ou assim diziam. Era respeitada pelo serviço que prestava, mas sempre foi temida. Quando a Mão Vermelha surgiu, ela não pôde fazer nada para detê-la; dezenas morreram, cada família da aldeia perdeu alguém, mas a velha jamais foi afetada pela praga. Trancaram-na na própria casa e a incendiaram. As ruínas ainda estão lá. Ninguém teve coragem de construir em cima delas.

— Como você fez aquela faca, Barkus?

— Ainda não tenho certeza. Lembro-me de moldar o metal na bigorna, do martelo em minha mão. Lembro-me de colocar o punho, mas não consigo lembrar de

jeito algum de ter acendido a forja. Foi como se eu tivesse me perdido quando comecei a trabalhar, como se eu fosse apenas uma ferramenta, como o martelo... como se algo trabalhasse através de mim. — Sacudiu a cabeça, visivelmente perturbado pela lembrança. — Depois disso, meu pai não me deixou entrar na ferraria. Ele me levou até o velho Kalus, o criador de cavalos, e lhe disse que fizera o possível para me ensinar, mas que eu simplesmente não teria futuro como ferreiro. Pagava ao velho cinco moedas de cobre por mês para me ensinar a cuidar de cavalos.

— Ele estava tentando protegê-lo — disse Vaelin.

— Eu sei. Mas não foi o que pareceu quando eu era pequeno. Pareceu como... como se ele tivesse ficado apavorado pelo que eu tinha feito, preocupado que eu fosse lhe envergonhar de alguma forma. Cheguei até a pensar que ele podia estar com inveja. Então decidi mostrar para ele, mostrar o que eu realmente podia fazer. Esperei até que ele partisse para vender produtos na Feira de Verão e voltei para a ferraria. Não havia muito o que usar, só algumas ferraduras e pregos velhos. Meu pai levara a maior parte do estoque para vender na feira. Mas peguei o que ele deixara para trás e criei algo... algo especial.

— O que foi? — perguntou Vaelin, imaginando espadas poderosas e machados cintilantes.

— Um catassol.

Vaelin franziu o cenho. — Um o quê?

— Era como um cata-vento, só que em vez de apontar para a direção do vento, apontava para o sol. Quando ele estava no céu, sempre era possível saber qual era a hora do dia, mesmo quando o céu estava nublado. Quando o sol se punha, apontava para o solo e o acompanhava pela terra. Deixei o catassol bonito também, com chamas que saíam da haste e tudo mais.

Vaelin só podia imaginar o valor de tal item e o

rebuliço que causaria em uma aldeia que tinha pavor das Trevas.

— O que aconteceu com o catassol?

— Não sei. Acho que meu pai o derreteu. Quando ele voltou da feira, eu estava parado lá, mostrando o que tinha feito e me sentindo muito convencido. Ele me mandou fazer as malas. Minha mãe estava na casa da minha tia, então ele não teve que explicar para ela. Sabe-se lá o que ele contou para minha mãe quando ela voltou e viu que eu tinha ido embora. Passamos três dias na estrada, depois embarcamos em um navio para Varinshold e então viemos para cá. Meu pai falou com o Aspecto durante algum tempo e então me deixou no portão. Disse que se eu contasse a alguém o que podia fazer, certamente me matariam. Disse que eu estaria a salvo aqui. — Barkus deu uma risada curta. — Difícil acreditar que ele pensou que estava me fazendo um favor. Às vezes penso que ele se perdeu a caminho da Casa da Quinta Ordem.

Vaelin afastou a lembrança do tropel de cavalos e, recordando-se da história de Sella, disse:

— Ele tinha razão, Barkus. Você não deve contar a ninguém. Provavelmente não deveria ter me contado.

— Por que, vai me matar, é?

Vaelin sorriu com gravidade. — Bem, hoje não.

Permaneceram na muralha em um silêncio de camaradagem, observando a barcaça até ela fazer uma curva no rio e desaparecer.

— Acho que ele sabia — disse Barkus. — Mestre Jestin. Acho que ele podia sentir o que posso fazer.

— Como ele poderia saber de algo assim?

— Porque eu pude sentir a mesma coisa nele.

CAPÍTULO SEIS

O dia seguinte foi dedicado ao primeiro treino com as espadas novas. Vaelin teve a impressão de que metade da lição girou em torno do método correto de se prender a espada nas costas, para que pudesse ser sacada passando sobre o ombro.

— Mais apertado, Nysa. — Sollis puxou com força o cinto de Caenis, que soltou um grunhido. — Se essa coisa se soltar numa batalha, verá o que acontece. Não dá para matar um inimigo se você ficar tropeçando no próprio boldrié.

Passaram mais de uma hora aprendendo o modo correto de sacar a espada com um movimento suave e ligeiro. Era mais difícil do que Mestre Sollis fazia parecer. A tira de couro que mantinha a espada presa na bainha tinha que ser removida e a lâmina sacada sem prender em nada ou cortar quem a empunhava. As primeiras tentativas dos garotos foram tão desajeitadas que Sollis fez com que corressem duas voltas ao redor do campo a toda velocidade, atrapalhados pelo peso das espadas, com o qual não estavam acostumados.

— Mais rápido, Al Sorna! — gritou Sollis quando o garoto tropeçou. — Você também, Sendahl, levante os pés.

O mestre mandou tentarem mais uma vez.

— Façam direito. Quanto mais rápido tiverem a espada na mão pronta para ser usada, menor será a chance de algum desgraçado estripá-los.

Houve mais corridas e várias varadas antes que Sollis se convencesse de que estavam fazendo progresso. Por

alguma razão, Vaelin e Nortah estavam atraindo a maior parte da ira do mestre hoje; a vara descia sobre eles mais do que sobre os outros. Vaelin supôs que era punição por alguma infração esquecida. Sollis às vezes era assim, geralmente lembrando-se de más condutas passadas após um intervalo de semanas ou meses.

Quando a lição terminou, enfileirou os garotos para fazer um anúncio.

— Amanhã vocês serão soltos na Feira de Verão. Alguns dos garotos da cidade podem tentar lutar com vocês para provarem a si mesmos. Tentem não matar nenhum. Algumas das garotas locais também podem vê-los como um tipo diferente de desafio. Evitem-nas. Sendahl, Sorna, vocês ficarão aqui. Vou ensiná-los a não relaxar.

Vaelin, atingido em cheio pelo desapontamento e pela injustiça, só conseguiu ficar de boca aberta, chocado. Nortah, porém, era perfeitamente capaz de dar voz ao que sentia.

— Você só pode estar brincando! — gritou ele. — Os outros foram tão mal quanto nós. Por que temos que ficar?

Mais tarde, sentado na cama esfregando o queixo dolorido, sua raiva continuava intensa.

— Aquele desgraçado sempre me odiou mais do que vocês.

— Ele odeia todo mundo — disse Barkus. — Você e Vaelin só tiveram azar hoje.

— Não, é porque meu pai é o Primeiro-Ministro do Rei. Tenho certeza.

— Se seu pai é tão poderoso assim, como é que ele não pode tirá-lo da Ordem? — perguntou Dentos. — Você odeia ficar aqui.

— Como é que vou saber? — explodiu Nortah. — Não pedi para ser mandado para esse fosso. Não pedi para ficar congelado, quase ser morto mais de dez vezes,

espancado todo dia, viver nesse casebre com plebeus... — A voz foi morrendo quando se encolheu na cama e enfiou a cabeça no travesseiro. — Pensei que iam me deixar ir embora no Teste do Conhecimento — disse ele, mais para si mesmo do que para os outros, em voz baixa. — Quando viram meu coração. Mas aquela mulher maldita disse que eu estava onde a Fé precisava que eu estivesse. Até comecei a mentir sobre tudo, mas não me deixaram partir. Aquele porco Hendrahl disse que a Sexta Ordem se beneficiaria por ter alguém da minha estirpe entre os seus.

Nortah calou-se, ainda escondendo o rosto. Barkus fez que ia dar um tapinha no ombro do amigo, mas Vaelin o deteve sacudindo a cabeça. O garoto tirou um pequeno baú de carvalho debaixo da cama, o bem mais valioso que possuía depois do lenço de Sella, roubado da carroça de um mercador que fora deixada desprotegida perto do portão dianteiro. Abriu o baú e tirou de dentro uma algibeira de couro que continha todas as moedas que encontrara, ganhara ou roubara ao longo dos anos. Jogou-a para Caenis.

— Traga-me alguns caramelos. E um par novo de botas de couro macio, se encontrar algum que me sirva.

O dia amanheceu nevoento. Uma neblina azulada pairava sobre os campos vizinhos, à espera do sol de verão para dissipá-la. Vaelin e Nortah permaneceram em um silêncio infeliz durante a refeição da manhã, enquanto os outros tentaram não parecer muito ansiosos para irem à feira.

— Acha que vai ter ursos? — perguntou Dentos casualmente.

— Acho que sim — disse Caenis. — Sempre há ursos na Feira de Verão. Os bêbados lutam com eles a dinheiro. Há um monte de outras coisas também.

Quando eu fui, havia um mago do Império Alpirano que tocava uma flauta e fazia uma cobra dançar.

Vaelin fora levado à feira todos os anos antes que seu pai o entregasse à Ordem, e tinha lembranças vívidas de dançarinos, malabaristas, mascates, acrobatas e milhares de outras maravilhas em meio à massa de sons e cheiros. Não tinha percebido antes o quanto queria ver tudo aquilo mais uma vez, tocar algo de sua infância e ver se era igual ao turbilhão de cores e alegria de que se lembrava.

— O Rei estará lá — disse ele a Caenis, recordando de ter avistado de longe o pavilhão real, de onde Janus e sua família assistiam às muitas competições que eram realizadas no campo dos torneios. Havia corridas de cavalos, lutas livres, pugilismo, competições de arco, nos quais os vencedores recebiam uma fita vermelha da mão do Rei. Parecia pouca recompensa para tanto esforço, mas todos os vencedores pareciam bastante contentes.

— Talvez você chegue perto o bastante para ele usá-lo como capacho — disse Nortah. — Você gostaria disso, não é?

Caenis pareceu não se perturbar.

— Não é minha culpa você não poder ir, irmão — respondeu ele brandamente.

Nortah parecia que estava prestes a dar voz a outro insulto, mas apenas afastou o prato e levantou-se da mesa, saindo do salão a passos rápidos, o rosto uma máscara de raiva.

— Ele realmente não está lidando bem com isso — observou Barkus.

Após a refeição, Vaelin despediu-se deles no pátio, grato pelo esforço que faziam para manter uma fachada de relutância.

— Eu... — começou Caenis, com dificuldade — ficarei, se você quiser.

Vaelin ficou tocado pela oferta; sabia o quanto Caenis queria ver o Rei.

— Se você não for, como vou conseguir as minhas botas? — Apertou as mãos de cada um deles e acenou ao se afastarem em direção ao portão principal.

Vaelin foi ver Arranhão e, para sua surpresa, descobriu que o cão de escravos havia feito uma nova amiga, uma cadela asraelina quase tão alta quanto ele, mas bem menos musculosa.

— Ela entrou na baia dele algumas noites atrás — contou-lhe Mestre Chekril. — Sabe lá a Fé como. Fiquei surpreso por ele não a ter matado de imediato. Acho que ele queria companhia. Acho que vou deixá-los assim, e talvez teremos uma ninhada daqui a alguns meses.

Arranhão estava animado como de costume, dando pulos ao ver Vaelin; a cadela estava cautelosa, mas ficou tranquilizada com as boas-vindas de Arranhão. Vaelin jogou-lhes alguns restos de comida, notando que a cadela só comida depois que Arranhão terminava.

— Ela tem medo dele — comentou.

— Com razão — disse Mestre Chekril alegremente. — Mas não consegue ficar longe. Cadelas às vezes são assim: escolhem um parceiro e não o largam, não importa o que ele faça. Mulheres típicas, hein? — Ele riu. Vaelin, sem ter ideia do que o mestre queria dizer, riu por educação.

— Não vai para a feira, então? — continuou Chekril, afastando-se para jogar um pouco de comida para três terriers nilsaelinos que mantinha na outra ponta do canil. Eram animaizinhos enganosamente bonitos, de focinhos curtos e pontudos e grandes olhos castanhos, mas mordiam qualquer mão que chegasse muito perto. Mestre Chekril os mantinha para caçar lebres e coelhos, atividade na qual eram excelentes.

— Mestre Sollis achou que eu estava relaxando na

esgrima — explicou Vaelin.

Chekril estalou a língua em desaprovação.

— Você nunca será um irmão se não se esforçar. Claro, no meu tempo lhe davam chicotadas se relaxasse. Dez chicotadas pela primeira falta, mais dez para cada transgressão subsequente. Costumávamos perder dez ou doze irmãos por ano por causa das chicotadas. — Deu um suspiro repleto de nostalgia. — Mas é uma pena você perder a feira. Tem uns belos cães à venda lá. Eu também irei quando terminar aqui. Haverá muita gente, no entanto, com a execução e tudo mais. Aqui está, seus monstrinhos. — Jogou um pouco de carne da jaula dos terriers, provocando uma explosão de ganidos e rosnados enquanto lutavam pela comida. Mestre Chekril gargalhou com a cena.

— Execução, mestre? — perguntou Vaelin.

— O quê? Ah, o Rei vai enforcar o Primeiro-Ministro. Traição e corrupção, o de sempre. Por isso vai ter tanta gente. Todos do Reino odeiam o desgraçado. Impostos, você sabe.

Vaelin sentiu a boca secar e um frio no estômago. *O pai de Nortah. Vão matar o pai de Nortah. É por isso que Sollis nos manteve aqui. Fez com que eu também ficasse para não parecer suspeito... para que eu estivesse aqui quando a notícia chegasse.* Olhou com mais atenção para Mestre Chekril.

— Mestre Sollis veio aqui esta manhã? — perguntou.

Chekril não olhou para ele, ainda sorrindo para seus cães.

— Mestre Sollis é muito sábio. Você devia ter mais apreço por ele.

— *Eu* tenho que contar a ele? — perguntou Vaelin irritado.

Chekril nada disse, sacudindo um pouco de presunto por entre as barras da jaula e rindo cada vez que os terriers saltavam para tentar abocanhá-lo.

— Hã — Vaelin enrolou-se com as palavras, pigarreou e recuou na direção da porta. — Com sua licença, mestre.

Chekril acenou com a mão, sem se virar, rindo com afeição dos terriers brigões. — Monstrinhos.

Ao atravessar o pátio, Vaelin sentiu como se o peso da responsabilidade pudesse empurrá-lo para os paralelepípedos. De repente, passou a odiar Sollis e o Aspecto. *Liderança?* pensou ele com amargura. *Podem ficar com ela.*

Porém, havia um outro pensamento, uma suspeita crescente enquanto subia relutante a escada sinuosa até o quarto na torre: a imagem vívida do rosto de Nortah quando saiu do salão de jantar. Vaelin na hora vira apenas raiva, mas agora percebeu que havia algo mais, uma sensação de determinação, uma decisão...

Parou, finalmente compreendendo. *Oh, por favor, pela Fé, não!*

Subiu os últimos degraus correndo, entrando com ímpeto no quarto, o pânico fazendo-o gritar:

— NORTAH!

Vazio. *Talvez esteja no estábulo. Ele gosta dos cavalos...*

Então percebeu a janela aberta, a ausência de lençóis e cobertores nas camas. Colocou a cabeça para fora da janela e viu a corda cheia de nós feita com roupa de cama pendurada por uns seis metros, o que deixava outros quatro metros e meio até o telhado da portaria norte e outros três dali até o chão. Para Nortah, assim como para o resto deles, não era uma perspectiva muito trabalhosa. A neblina da manhã que ainda não se dissipara permitiria que o garoto escapasse debaixo dos narizes dos irmãos na muralha, cuja maioria estaria preocupada antevendo o café da manhã.

Por um breve momento Vaelin considerou encontrar Mestre Sollis ou o Aspecto, mas deixou a ideia de lado.

A punição de Nortah seria severa e o garoto já tinha pelo menos meia hora de dianteira. Além disso, Vaelin sequer sabia se Sollis ou o Aspecto estavam na Casa; podiam bem ter ido também para a feira. E havia outra possibilidade, ressoando alta e nítida em sua cabeça. *E se ele chegar lá primeiro? E se ele assistir?*

Vaelin pegou depressa um cantil e duas facas e amarrou a espada nas costas. Foi até a janela, agarrou a corda de Nortah e começou a descer. Como esperado, foi um trajeto fácil, e em pouco tempo já estava no chão. Com a neblina quase dissipada por completo, teria que tomar cuidado para não ser visto; encostou-se na muralha até que o irmão na ameia acima, um garoto entediado de uns dezessete anos, afastou-se, e então saiu em disparada em direção às árvores. A corrida teria sido curta no campo de treinamento, menos de duzentos metros até a floresta, mas pareceu um quilômetro ou mais com a muralha às costas, esperando ouvir a cada segundo um grito de alarme ou até mesmo o zunido de uma flecha. Poucos irmãos errariam daquela distância. Assim, foi com alívio que chegou às sombras frescas das árvores e diminuiu o passo, ainda continuando mais rápido do que seria prudente por causa do cansaço, mas não podia se dar ao luxo de perder tempo. Continuou em meio às árvores por uns oitocentos metros e então acabou alcançando a estrada.

Estava mais movimentada do que jamais a vira, apinhada de fazendeiros conduzindo carroças carregadas de produtos para serem vendidos na feira, de famílias que faziam a viagem anual para assistir as competições e os muitos espetáculos disponíveis — este ano a promessa de execução de um Primeiro-Ministro sem dúvida acrescentava um gosto especial à ocasião. Nenhum dos viajantes parecia assustado com a perspectiva. Vaelin via rostos alegres e risonhos por

todo lado; chegou a passar por uma carroça repleta do que pareciam ser lenhadores, a julgar pela quantidade de machados, que cantavam o evento iminente em versos estridentes:

Seu nome era Artis Sendahl
Bode velho e avarento sem igual
O Rei Janus as moedas contou
E o pescoço do sovina esticou.

— Não precisa correr, garoto da Ordem! — gritou um dos lenhadores quando Vaelin passou, balançando ao erguer uma garrafa de barro. — Não podem estrangular o desgraçado até chegarmos lá. Alguém tem que cortar a lenha para a fogueira. — Os outros lenhadores deram risadas ruidosas enquanto Vaelin corria, resistindo à tentação de ver quão bem um bêbado poderia cortar lenha com os dedos quebrados.

Ouviu, antes que pudesse ver, uma algazarra depois da colina seguinte, o som de milhares de vozes falando ao mesmo tempo. Quando era criança, pensara que era um monstro, e abraçara com medo a mãe.

— Calma, calma — dissera ela, afagando-lhe o cabelo, virando-lhe a cabeça levemente ao chegarem no topo da colina. — Veja, Vaelin. Veja todas essas pessoas.

Aos olhos infantis pareceu que todos os habitantes do Reino haviam comparecido à vasta planície diante das muralhas de Varinshold para desfrutarem das bênçãos do verão, uma multidão imensa que cobria vários acres. Agora ficou espantado em ver que a multidão era ainda maior do que se lembrava, ocupando toda a extensão da muralha oeste da cidade. Sobre todos pairava uma mistura de vapores e fumaça, tendas e marquises de cores vibrantes erguiam-se acima do mar de pessoas. Para um jovem que passara boa parte dos últimos quatro anos na fortaleza apertada da Casa da Ordem, a

sensação era quase opressora.

Como posso encontrá-lo aqui?, ponderou. Tornou a ouvir às suas costas a canção dos lenhadores bêbados à medida que a carroça se aproximava, ainda exultantes com a morte do Ministro do Rei. *Não procure por ele*, compreendeu. *Procure pelo patíbulo. Ele estará lá.*

Enfiar-se na multidão foi uma experiência estranha, um misto de alegria e agitação, envolvido por uma massa de corpos e odores desconhecidos que se movia. Havia mercadores por toda parte, seus gritos mal sendo ouvidos acima do barulho, vendendo toda espécie de coisas, de doces a louças. Aqui e ali um grupo de espectadores reunia-se em volta de jogadores e atores, malabaristas, acrobatas e mágicos, que recebiam vivas e aplausos ou vaias de escárnio. Vaelin tentava não se distrair, mas acabou parando diante das cenas mais espetaculares. Havia um homem musculoso que podia soprar fogo e um homem de pele escura com um manto de seda que tirava bugigangas dos ouvidos das pessoas ao redor. Vaelin permanecia por alguns segundos, até se lembrar de sua missão e seguir em frente envergonhado. Foi quando parou, espantado com a visão de uma acrobata seminua, que sentiu uma mão dentro de seu manto. Era ágil, quase imperceptível, e procurava algo. Agarrou o pulso do intruso com a mão esquerda e puxou o dono dele para frente, fazendo-o tropeçar em seu tornozelo esquerdo. O batedor de carteiras desabou no chão, gemendo com a dor do impacto. Era apenas um menino, pequeno, muito magro e vestido com farrapos. Olhou para Vaelin e rosnou, atacando com a mão livre e tentando desesperado se soltar.

— Rá, ladrão! — Um homem na multidão deu uma risada desagradável. — Devia saber que é não é bom

mexer com a Ordem.

Ao ouvir a Ordem ser mencionada, o menino redobrou os esforços para se libertar, arranhando e mordendo a mão de Vaelin.

— Mate-o, irmão — sugeriu outra pessoa que passava. — Um ladrão a menos na cidade é sempre uma coisa boa.

Vaelin ignorou a voz e ergueu do chão o batedor de carteiras; não foi difícil, já que o menino era pouco mais que pele e osso.

— Você precisa melhorar — disse Vaelin.

— Foda-se — cuspiu o menino, contorcendo-se freneticamente. — Você não é um irmão de verdade. É um daqueles garotos irmãos. Você não é melhor do que eu.

— Esse precisa levar uma surra — disse um homem, saindo da multidão para dar um murro na cabeça do menino.

— Vá embora — ordenou Vaelin. O homem, um sujeito gordo com uma barba longa banhada de cerveja e olhos desfocados de alguém que acabara de ficar bêbado, deu uma olhada em Vaelin e afastou-se depressa. Aos catorze anos, Vaelin já era mais alto do que a maioria dos homens, e o regime da Ordem o deixara tanto de ombros largos quanto esguio. Olhou então para os vários outros espectadores que pararam para assistir o pequeno drama. Todos seguiram em frente sem demora. *Não sou só eu*, conjecturou Vaelin. *Eles temem a Ordem.*

— Me solta, desgraçado — disse o menino, a voz tomada por doses iguais de medo e fúria. Cansara de lutar e pendia da mão de Vaelin, o rosto transformado numa máscara suja de raiva impotente. — Tenho amigos, sabia, pessoas que você não vai querer irritar...

— Também tenho amigos — disse Vaelin. — Estou procurando por um. Onde fica o patíbulo?

O menino franziu o cenho, confuso.

— Que é isso?

— O patíbulo é onde vão enforcar o Ministro do Rei. Onde fica?

A testa franzida do menino ergueu-se com interesse.

— Quanto vale?

Vaelin apertou-o mais.

— Um punho quebrado.

— Desgraçado miserável da Ordem — resmungou emburrado o menino. — Quebre meu punho, se quiser. Quebre a droga do meu braço. Que diferença faz?

Os olhos de Vaelin encontraram os do menino, vendo ali medo, raiva e algo mais, algo que o fez afrouxar o aperto: desafio. O menino tinha orgulho suficiente para não ser vítima do próprio medo. Vaelin notou como as roupas do menino eram de fato puídas e esfarrapadas e a lama que cobria os pés descalços. *Talvez orgulho seja tudo o que ele tem.*

— Vou colocá-lo no chão — disse ao menino. — Se você correr, vou pegá-lo. — Puxou o menino para mais perto até ficarem face a face. — Acredita em mim?

O menino encolheu-se um pouco e balançou a cabeça.

— Aham.

Vaelin colocou-o no chão e soltou o pulso. Viu o menino lutar contra o impulso instintivo de correr, esfregando o pulso e recuando um pouco.

— Qual o seu nome? — perguntou Vaelin.

— Frentis — respondeu cauteloso o menino. — Qual é o seu?

— Vaelin Al Sorna. — Houve um lampejo de reconhecimento no olhar do menino. Até mesmo ele, na parte mais baixa da hierarquia da cidade, ouvira falar do Senhor da Batalha. — Aqui. — Vaelin tirou uma faca de arremesso do bolso e jogou-a para o menino. — É tudo o que tenho para oferecer. Ganhará mais duas quando me mostrar o patíbulo.

O menino examinou a faca com curiosidade.

— Que é isso?

— Uma faca, para ser arremessada.

— Dá pra matar alguém com isso?

— Só depois de muito treino.

O menino tocou a ponta da faca, soltou um gritinho de dor e lambeu o sangue do dedo quando descobriu que a lâmina era mais afiada do que parecia.

— Me ensina — resmungou ele por trás dos dedos. — Me ensina como arremessar e eu mostro pra você o patíbulo.

— Depois — disse Vaelin. Vendo a desconfiança do menino, acrescentou: — Dou minha palavra.

A palavra da Ordem parecia ter certo peso com Frentis, cuja suspeita diminuiu, mas não sumiu por completo.

— Por aqui — disse ele, virando-se e indo para o meio da multidão. — Fique perto.

Vaelin seguiu o menino em meio à aglomeração, às vezes perdendo-o de vista no meio da multidão e tornando a encontrá-lo alguns passos adiante, parado impaciente e resmungando para que o acompanhasse.

— Então eles não ensinam vocês a seguir pessoas? — perguntou o menino ao passarem com dificuldade por entre um grupo particularmente denso de espectadores que assistiam à apresentação de um urso dançarino.

— Somos ensinados a lutar — respondeu Vaelin. — Eu... não estou acostumado com tanta gente. Fazia quatro anos que eu não vinha à cidade.

— Sujeito de sorte. Daria minha bola direita pra nunca mais ver esse chiqueiro.

— Nunca esteve em outro lugar?

Frentis lhe lançou um olhar que dizia que estava sendo muito estúpido.

— Ah, sim, tenho a minha própria barcaça, pode acreditar. Vou pra onde eu quiser.

Pareceu levar uma eternidade enquanto avançavam com dificuldade pela multidão, até que Frentis parou e apontou para uma estrutura de madeira que se erguia acima do aglomerado de gente a cerca de cem metros de distância.

— Lá está. É lá que vão esticar o pescoço do pobre coitado. Afinal, por que vão matar ele mesmo?

— Eu não sei — respondeu Vaelin com honestidade. Entregou ao menino as duas facas que prometera. — Apareça na Casa da Ordem eltrian à noite e lhe ensinarei como usá-las. Espere junto ao portão norte que eu lhe encontro.

Frentis assentiu, escondendo depressa as facas na roupa esfarrapada.

— Vai assistir, então? O enforcamento.

Vaelin afastou-se dele, correndo os olhos pela multidão.

— Espero que não.

Procurou por quinze minutos, examinando cada rosto, atento a qualquer sinal de Nortah, mas não encontrou nada. Não devia ficar surpreso; todos eles conheciam maneiras de evitar olhos curiosos, modos sutis de se tornar irreconhecível e apenas outro vulto na multidão. Vaelin parou perto de uma apresentação de marionetes, com uma sensação de pânico crescente na barriga. *Onde ele está?*

— Oh, abençoadas almas dos Finados — dizia o titereiro com um tom trágico simulado, movendo os fios com mãos experientes, colocando a marionete de madeira no palco em uma pose de desespero. — Sempre fui ímpio, mas até mesmo um miserável como eu não merece este destino.

Kerlis, o Ímpio. Vaelin conhecia a história, era uma das favoritas de sua mãe. Kerlis negou a Fé e foi amaldiçoado a viver para sempre até que os Finados permitissem que passasse para o Além. Dizia-se que ele

ainda vagava pela terra à procura de sua Fé, mas sem jamais encontrá-la.

— Você criou seu próprio destino, ímpio — entoou o titereiro, balançando o conjunto de cabeças de madeira que representavam os Finados. — Não o julgamos. Você julga a si mesmo. Encontre sua Fé e será bem-vindo...

Vaelin, distraído por um momento pela destreza do titereiro e pela qualidade evidente das marionetes, forçou-se a voltar para a multidão. *Olhe*, disse a si mesmo. *Concentre-se. Ele está aqui. Tem que estar.*

A procura foi interrompida quando um rosto em meio ao público atraiu sua atenção: um homem de trinta e tantos anos, com feições esguias e marcantes e um olhar triste. Um olhar familiar. *Erlin!* Vaelin encarou-o espantado. *Ele voltou para cá. Está louco?*

Erlin parecia completamente arrebatado pelo espetáculo de marionetes, como se via no olhar triste. Vaelin cogitou o que fazer. Falar com ele? Ignorá-lo?... Matá-lo? Pensamentos sombrios corriam-lhe na mente, incitados pelo pânico. *Eu o ajudei e a garota. Se o capturarem...* Foi a imagem do rosto da garota e da sensação do lenço dela em seu pescoço que fez com que recobrasse a sanidade. *Afaste-se*, decidiu. *É mais seguro se não o tiver visto...*

Naquele momento, Erlin levantou o olhar e encontrou o de Vaelin, arregalando os olhos alarmado ao reconhecê-lo. Voltou-se para o espetáculo de marionetes, o rosto em uma confusão indescritível de emoções, e então se virou e desapareceu na multidão. Vaelin foi tomado por um impulso de segui-lo, de descobrir se Sella estava bem, mas assim que deu um passo ouviu um grito às suas costas, seguido pelo som de lâminas se chocando. Era quase a cinquenta metros dali, perto do patíbulo.

Pessoas aglomeravam-se ao redor da cena do tumulto e Vaelin teve de abrir caminho à força, recebendo

gemidos de dor e insultos, uma vez que seu desespero deixara a gentileza de lado.

— O que ele está fazendo? — perguntou alguém na multidão.

— Tentando passar pelo cordão de isolamento — respondeu outra voz. — Muito estranho. Não é o que se esperaria de um irmão.

— Acha que vão enforcá-lo também?

Finalmente conseguiu sair do meio da turba e a cena à sua frente o fez parar de repente. Havia cinco deles, soldados da Vigésima Sétima Cavalaria, a julgar pelas penas negras nas túnicas, que eram a origem de seu nome informal: os Falcões Negros. Supostos favoritos do Rei devido aos serviços prestados durante as Guerras de Unificação, os Falcões Negros geralmente tinham o privilégio de policiar eventos ou cerimoniais públicos. Um deles, o maior, segurava Nortah pela garganta, prendendo-o com um braço musculoso em volta do pescoço do garoto enquanto dois de seus companheiros tentavam contê-lo. Um quarto homem encontrava-se um pouco afastado, com a espada erguida e pronto para desferir um golpe.

— Segurem bem o desgraçado, pela Fé! — gritou ele. Todos os homens tinham machucados ou cortes, sinais de que Nortah não fora capturado com facilidade. Um quinto homem estava ajoelhado por perto, com a mão sobre um ferimento ensanguentado no braço, o rosto descolorido pela dor e tenso de fúria. — Matem o maldito! — rosnou ele. — Ele me aleijou!

Vendo que o homem com a espada ergueu ainda mais o braço, Vaelin agiu sem pensar. A única faca restante deixou sua mão antes que percebesse que a tinha arremessado. Foi o melhor arremesso que já fizera: a lâmina atingiu o espadachim logo abaixo do punho. A espada caiu no chão no mesmo instante, o homem olhava boquiaberto para o pedaço reluzente de metal

que lhe empalava o membro.

Vaelin já se movia, a espada sibilando ao ser sacada da bainha que trazia às costas. Diante da investida de Vaelin, um dos homens que seguravam os braços de Nortah o soltou, tateando o cinto à procura da própria espada. Nortah percebeu a oportunidade e deu uma cotovelada no rosto do soldado, fazendo-o cambalear na direção da voadora de Vaelin. O soldado cambaleou mais alguns passos, o sangue escorrendo em profusão do nariz e da boca, antes de desabar no chão.

Nortah puxou uma faca de arremesso do cinto e golpeou para trás, cravando fundo a lâmina na coxa do homem que lhe apertava o pescoço, forçando-o a soltá-lo. Vaelin adiantou-se e derrubou-o ao atingi-lo na têmpora com o punho da espada. O Falcão Negro remanescente soltou Nortah e começou a recuar de espada sacada, apontando-a trêmulo para os dois garotos.

— Vocês... — gaguejou ele. — Vocês estão perturbando a paz do Rei. Estão pres...

Nortah moveu-se feito um raio, abaixando-se para desviar da espada e enfiando o punho no rosto do homem. Mais dois socos e o soldado foi ao chão.

— Falcões? — Nortah cuspiu no soldado inconsciente. — Parecem mais ovelhas. — Voltou-se para Vaelin com um desespero histérico brilhando nos olhos. — Obrigado, irmão. Venha. — Virou-se depressa para o outro lado. — Temos que resgatar o meu p...

O golpe de Vaelin atingiu-o abaixo da orelha, uma técnica que aprenderam após muitas aulas dolorosas com Mestre Intris. Deixava a vítima inconsciente, mas sem danos permanentes.

Vaelin ajoelhou ao lado do amigo, sentindo-lhe o pulso no pescoço.

— Desculpe, irmão — sussurrou ele antes de embainhar a espada e levantar Nortah, erguendo a

forma inerte sobre o ombro com dificuldade. Vaelin era maior do que Nortah, mas o peso do irmão ainda assim se mostrou um fardo considerável enquanto ia em direção ao cordão de isolamento e aos espectadores aturdidos. Ninguém disse uma só palavra quando ele fez sinal para que abrissem caminho.

— Pare aí! — A ordem gritada rompeu o silêncio e o choque da multidão deu lugar a um repentino murmurinho de incompreensão e espanto.

— Derrotaram cinco Falcões Negros, os dois sozinhos...

— Nunca vi algo assim...

— É traição bater em um soldado. Estava escrito no Édito do Rei...

— PARE! — Era a voz mais uma vez, atravessando o alarido. Olhando em volta, Vaelin avistou uma figura montada que esporeava seu cavalo em meio à aglomeração, por vezes golpeando à sua volta com uma chibata para poder avançar com mais velocidade. — Abram caminho! — ordenou. — Assuntos reais. Abram caminho!

Saindo da multidão, puxou as rédeas e Vaelin pôde vê-lo claramente. Um homem alto montado em um cavalo de guerra negro, um puro-sangue renfaelino. Trajava um uniforme cerimonial com uma pena negra na túnica e um elmo de penacho curto de oficial na cabeça. Sob a viseira, o rosto magro e barbeado do cavaleiro estava rígido de fúria. Uma solitária estrela de quatro pontas no peitoral indicava sua patente: Lorde Comandante da Guarda do Reino. Uma tropa de infantaria de Falcões Negros surgiu detrás do cavaleiro e espalhou-se, empurrando as pessoas para trás com o auxílio de alguns chutes e socos. Alguns socorreram os companheiros caídos, lançando olhares vingativos a Vaelin. O homem que tinha a faca de Vaelin cravada no pulso chorava de dor.

Não vendo para onde fugir, Vaelin colocou Nortah no

chão e afastou-se, tendo cuidado para manter-se entre o amigo e o homem no cavalo.

— O que é isso? — exigiu o comandante.

— Presto contas à Ordem — respondeu Vaelin.

— Prestará contas a mim, filhote da Ordem, ou irei pendurá-lo pelas tripas na árvore mais próxima.

Vaelin resistiu ao impulso de sacar a espada quando alguns dos Falcões Negros aproximaram-se. Sabia que não podia enfrentar todos, não sem matar alguns, o que dificilmente ajudaria Nortah.

— Posso saber seu nome, meu senhor? — perguntou ele, desesperadamente tentando ganhar tempo e esperando que a voz não soasse trêmula.

— Primeiro seu nome, fedelho.

— Vaelin Al Sorna. Irmão da Sexta Ordem, aguardando confirmação.

O nome percorreu a multidão como uma onda.

— Sorna...

— Filho do Senhor da Batalha...

— Eu devia saber, é o pai cuspido e escarrado...

O cavaleiro apertou os olhos ao ouvir o nome, mas manteve a expressão furiosa.

— Lakrhil Al Hestian — disse ele. — Lorde Comandante do Vigésimo Sétimo Regimento de Cavalaria e Espadas do Reino. — Incitou o cavalo para mais perto dos garotos e olhou para o corpo inerte de Nortah. — E ele?

— Irmão Nortah — disse Vaelin.

— Disseram-me que ele tentou resgatar o traidor. Pergunto-me por que um irmão da Ordem faria tal coisa.

Ele sabe, percebeu Vaelin. *Sabe quem é Nortah.*

— Não sei dizer, Lorde Comandante — respondeu Vaelin. — Vi meu irmão prestes a ser assassinado e impedi.

— Assassinado uma ova! — berrou um dos Falcões Negros, o rosto vermelho de raiva. — Ele estava resistindo a uma prisão legítima.

— Ele é da Ordem — disse Vaelin a Al Hestian. — Como eu. Prestamos contas à Ordem. Se o senhor crê que violamos alguma lei, deve levar a questão ao conhecimento de nosso Aspecto.

— Todos estão sujeitos à Lei do Rei, garoto — respondeu Al Hestian calmamente. — Irmãos, soldados e Senhores da Batalha. — Olhou com firmeza nos olhos de Vaelin. — E você e seu irmão prestarão contas a ela. — Fez sinal para que seus homens avançassem. — Mantenha as mãos longe de suas armas, garoto, ou prestará contas aos Finados.

Vaelin levou a mão às costas para agarrar o punho da espada quando os Falcões Negros avançaram. Talvez se ferisse alguns ele poderia causar uma confusão suficiente para correr para o meio da multidão com Nortah. Não haveria como retornar à Ordem depois disso; aqueles que enfrentavam a Guarda do Reino não poderiam ser bem-vindos. *Viver como um fora da lei*, ponderou Vaelin. *Não deve ser tão ruim assim.*

— Calma agora, rapaz — advertiu um dos Falcões Negros, um sargento veterano de rosto curtido pelo sol. Ele avançou devagar, com a espada abaixada e uma adaga na mão esquerda. Vendo o modo como o homem movia os pés e a postura equilibrada, Vaelin julgou que era o mais perigoso de seus oponentes. — Deixe a espada onde está — continuou o sargento. — Não há necessidade de se derramar mais sangue aqui. Deixe-nos levá-lo e tudo será esclarecido, de modo calmo e civilizado.

Pela fúria contida nos rostos dos outros Falcões Negros, Vaelin acreditava que o tratamento que ele e Nortah receberiam seria tudo, menos civilizado.

— Não desejo derramar sangue algum — disse ao sargento, desembainhando a espada. — Mas derramarei, se vocês me obrigarem.

— O tempo está passando, Sargento — disse Al

Hestian arrastando as palavras e inclinando-se para frente na sela. — Acabe com esta...

— Bem, mas que bela cena temos aqui! — ressoou uma voz vinda da multidão, que se espalhou em meio a gritos de protesto quando três figuras abriram caminho à força.

Vaelin sentiu um aperto no coração. Era Barkus, com Caenis e Dentos a seu lado. Barkus sorria para os Falcões, a imagem da afabilidade. Em comparação, Caenis e Dentos olhavam para os soldados com a agressão concentrada que haviam aprendido durante anos de treinamento árduo. Todos estavam de espada na mão.

— Realmente uma bela cena! — prosseguiu Barkus enquanto os três se colocavam ao lado de Vaelin. — Um bando de Falcões prontos para serem depenados.

— Saia daqui, garoto! — gritou Al Hestian para Barkus. — Isso não é da sua conta.

— Ouvimos o tumulto — disse Barkus a Vaelin, ignorando Al Hestian. Olhou para o corpo inerte de Nortah. — Ele saiu escondido, é?

— Sim. Vão executar o pai dele.

— Ficamos sabendo — disse Caenis. — Situação feia. Dizem que era um homem bom. Ainda assim, o Rei é justo e deve ter suas razões.

— Diga isso a Nortah — disse Dentos. — Pobre coitado. Eles que o deixaram assim?

— Não — disse Vaelin. — Não consegui pensar em outra forma de detê-lo.

— Mestre Sollis vai nos surrar por uma semana — gemeu Dentos.

Ficaram em silêncio, observando os Falcões Negros, que, por sua vez, os observavam, os rostos cheios de uma raiva malevolente, mas sem fazerem menção de avançar.

— Estão com medo — comentou Caenis.

— É bom mesmo — disse Barkus.

Vaelin arriscou uma olhada para Al Hestian. Homem que com certeza não estava acostumado a ser contrariado, o comandante tremia visivelmente de fúria.

— Você! — Apontou um dedo para um dos cavaleiros. — Encontre o Capitão Hintil. Diga-lhe para que traga sua companhia.

— Uma companhia inteira! — Barkus parecia animado com a perspectiva. — Muito nos honra, meu senhor!

Algumas pessoas na multidão riram, tornando a fúria de Al Hestian ainda mais palpável.

— Vocês todos serão esfolados por isso! — berrou ele, a voz quase um guincho. — Não pensem que o Rei lhes concederá uma morte rápida!

— Falando por meu pai de novo, Lorde Comandante?

Um jovem alto e ruivo surgiu da massa de espectadores. Trajava roupas modestas, mas de boa qualidade, e havia algo de estranho na maneira como as pessoas abriam-lhe caminho, cada cidadão desviando os olhos, de cabeça baixa, alguns se ajoelhando. Vaelin ficou espantado quando virou para trás e viu Caenis e os Falcões fazendo o mesmo.

— Ajoelhem-se, irmãos! — sibilou Caenis. — Reverenciem o príncipe.

Príncipe? Olhando de novo o homem alto, Vaelin lembrou-se do jovem sério que vira no palácio do Rei há tantos anos. Príncipe Malcius ficara quase tão alto e grande quanto o pai. Vaelin procurou soldados da Guarda Real, mas não viu nenhum acompanhando o príncipe. *Um príncipe que anda sozinho entre seu povo*, pensou ele, intrigado.

— Vaelin! — sussurrou Caenis insistente.

Quando foi se ajoelhar, o príncipe acenou com a mão.

— Não há necessidade, irmão. Por favor, levantem-se, todos vocês. — Sorriu para a multidão ajoelhada. — O chão está lamacento. E agora, meu senhor. — Virou-se

para Al Hestian. — Que espécie de tumulto é este?

— Uma traição ultrajante, Alteza — respondeu Al Hestian com vigor depois de uma mesura, o joelho esquerdo coberto de lama. — Esses garotos atacaram meus homens na tentativa de resgatar o prisioneiro.

— Seu maldito mentiroso! — explodiu Barkus. — Viemos ajudar nossos irmãos quando eles foram atacados... — O garoto calou-se quando o príncipe ergueu a mão. Malcius parou para examinar a cena, notando os Falcões Negros feridos e a forma desacordada de Nortah.

— Você, irmão — dirigiu-se a Vaelin. — É um traidor como afirma o Lorde Comandante? — Vaelin notou que os olhos do príncipe mal se desviavam de Nortah.

— Não sou traidor, Alteza — respondeu Vaelin, tentando manter a voz livre de qualquer traço de medo ou raiva. — Meus irmãos também não. Só estão aqui em minha defesa. Se há alguma responsabilidade a ser assumida pelo o que ocorreu aqui, então a assumirei sozinho.

— E seu irmão caído. — O Príncipe Malcius aproximou-se, encarando Nortah com uma intensidade estranha. — Ele também deve assumir alguma responsabilidade?

— As... ações dele foram motivadas pela dor — disse Vaelin, hesitante. — Ele prestará contas a nosso Aspecto.

— Ele está muito ferido?

— Um golpe na cabeça, Alteza. Ele deve acordar daqui a uma hora, mais ou menos.

O príncipe continuou a encarar Nortah por mais um momento antes de dar-lhe as costas, dizendo com calma:

— Quando ele acordar, diga-lhe que também me entristece.

Afastou-se e dirigiu-se a Al Hestian.

— Esse é um assunto muito sério, Lorde Comandante.

Muito sério.
— De fato, Alteza.
— Tão sério que uma resolução plena levará tanto tempo que atrasará a execução, algo que eu odiaria ter de explicar ao Rei. A menos que você queira fazer isso.
Os olhos de Al Hestian encontraram os do príncipe por um breve instante, brilhando com uma nítida inimizade mútua.
— Eu detestaria fazer o Rei perder tempo sem necessidade — disse ele por entre os dentes.
— Agradeço-lhe a consideração. — O Príncipe Malcius virou-se para os Falcões. — Levem estes homens feridos para o pavilhão real, onde serão tratados pelo médico do Rei. Lorde Comandante, chegou ao meu conhecimento que alguns bêbados desordeiros para os lados do portão oeste necessitam de sua atenção. Não se demore mais por minha causa.
Al Hestian curvou-se e tornou a montar, passando com o cavalo por Vaelin e os outros com a promessa de vingança estampada no rosto.
— Saiam da frente! — gritou ele, desferindo golpe com a chibata contra a multidão enquanto abria caminho à força.
— Leve seu irmão de volta à Ordem — disse o Príncipe Malcius a Vaelin. — Certifiquem-se de contar a seu Aspecto o que ocorreu aqui, antes que ele fique sabendo por outros lábios.
— Faremos isso, Alteza — garantiu-lhe Vaelin, fazendo a mesura mais longa que pôde.
Um rufo contínuo e monótono de tambor soava a cem metros dali e a multidão foi ficando em silêncio conforme o volume das batidas aumentava. Vaelin podia ver uma fileira de pontas de lanças que se erguiam acima do povo, movendo-se no ritmo do tambor, chegando cada vez mais perto da silhueta escura do patíbulo.

— Levem-no daqui! — ordenou o príncipe. — Desacordado ou não, ele não deveria estar aqui.

Enquanto seguiam por entre a multidão silenciosa, Vaelin e Caenis carregando Nortah, Dentos e Barkus abrindo caminho, as batidas cessaram. Fez-se um silêncio tão completo que Vaelin sentiu o peso da expectativa lhe empurrar contra a terra. Houve um ruído distante e então o povo explodiu em comemoração, milhares de punhos erguidos no alto em triunfo, cada rosto tomado por uma alegria maníaca.

Caenis passou enojado os olhos pela multidão que celebrava. Vaelin não conseguiu ouvir a palavra que o garoto pronunciou, mas o significado formado pelos lábios era claro o suficiente:

— Escória.

Nortah desapareceu aos cuidados dos mestres tão logo adentraram a Casa da Ordem. Era óbvio, pelos olhares cautelosos dos outros garotos e dos mestres, que notícias de sua aventura haviam chegado antes deles.

— Cuidaremos dele — disse Mestre Checkrin, aliviando os garotos do peso de Nortah, erguendo-o com facilidade nos braços musculosos. — Voltem para seu quarto. Só saiam de lá quando mandarem. Só falem com alguém quando mandarem.

Para garantir que as instruções fossem seguidas, Mestre Haunlin os acompanhou até a torre norte, a paixão usual do homem queimado por canções evidentemente contida devido às circunstâncias. Quando a porta bateu às suas costas, Vaelin teve certeza de que o mestre ficou esperando do lado de fora. *Somos prisioneiros agora?*, perguntou-se.

Largaram o equipamento no quarto e esperaram.

— Conseguiu comprar minhas botas? — perguntou Vaelin a Caenis.

— Não tive a oportunidade. Desculpe.

Vaelin encolheu os ombros. O silêncio se arrastou.

— Barkus quase trepou com uma prostituta atrás da barraca de cerveja — exclamou Dentos de repente. O garoto sempre achou o silêncio particularmente sufocante. — Era bem atrevida também. Tinha tetas que pareciam melões. Não é, irmão?

Barkus encarou irritado o irmão do outro lado do quarto.

— Cale a boca — disse ele, seco.

Mais silêncio.

— Você sabe que vão lhe dar suas moedas se for pego, não sabe? — disse Vaelin a Barkus. Ocasionalmente garotas de Varinshold e aldeias vizinhas apareciam no portão com barrigas grandes ou com crianças chorando a tiracolo. O irmão culpado era forçado a uma cerimônia de união feita às pressas conduzida pelo Aspecto e recebia suas moedas, além de duas adicionais: uma para a garota e uma para criança. Curiosamente, alguns garotos na verdade pareciam contentes em partir sob essas circunstâncias, embora outros declarassem inocência, mas um teste da verdade realizado pela Segunda Ordem logo resolvia a questão, de um jeito ou de outro.

— Eu não fiz porcaria nenhuma — balbuciou Barkus.

— Você enfiou a língua na garganta dela — disse Dentos rindo.

— Eu tinha tomado algumas cervejas. Além disso, era Caenis que estava recebendo toda a atenção.

Vaelin virou-se para Caenis, vendo um rubor subir devagar pelo rosto do amigo.

— É mesmo?

— Você não sabe da metade. Estavam se jogando sobre ele. “Ooh, ele não é bonito?”

Vaelin segurou o riso quando Caenis começou a corar furiosamente.

— Tenho certeza que ele resistiu feito homem.

— Não sei — ponderou Dentos. — Mais uns minutos e

aposto que teríamos uma tropa inteira de bastardinhos no portão daqui a nove meses. Por sorte um bêbado apareceu e começou a gritar sobre uma luta entre os Falcões e a Ordem.

A menção da luta fez com que voltassem a ficar em silêncio. Foi Barkus quem finalmente disse:

— Vocês não acham que vão matá-lo, acham?

O quarto estava ficando escuro quando a porta se abriu e Mestre Sollis entrou pisando firme, o rosto dominado por uma expressão furiosa.

— Sorna — disse ele por entre os dentes. — Venha comigo. O resto de vocês pode ir comer algo na cozinha, e depois vão dormir.

A vontade de perguntar sobre Nortah era esmagadora, mas o semblante intimidador de Sollis foi o suficiente para mantê-los calados. Vaelin seguiu o mestre escada abaixo e pelo pátio até a muralha oeste, o tempo todo atento a qualquer sinal de sua vara. Esperava que fosse levado aos aposentos do Aspecto, mas em vez disso seguiram para a enfermaria, onde encontraram Mestre Henthal cuidando de Nortah. O garoto estava deitado em uma cama, o rosto relaxado, os olhos semicerrados e baços. Vaelin conhecia o olhar; às vezes, garotos com ferimentos graves precisavam de remédios fortes, que aliviavam a dor, mas faziam com que perdessem o contato com o mundo.

— Flor rubra e flor de sombra — explicou Mestre Henthal quando Vaelin e Sollis entraram. — Ele estava colérico quando voltou a si. Acertou o Aspecto de jeito antes que conseguíssemos segurá-lo.

Vaelin aproximou-se da cama, o coração pesado ao ver o irmão. *Ele parece tão fraco...*

— Ele ficará bem, mestre? — perguntou.

— Já vi isso antes, o desvario e o fato de ficar se

debatendo. Geralmente ocorre com homens que viram batalhas demais. Logo ele dormirá. Quando acordar, estará abalado, mas recomposto.

Vaelin virou-se para Sollis.

— O Aspecto já anunciou a sentença, mestre?

Sollis olhou para Mestre Henthal, que assentiu e saiu da sala.

— Não haverá necessidade de sentença — respondeu Sollis.

— Nós ferimos os soldados do Rei...

— Sim. Se tivessem prestado mais atenção aos meus ensinamentos, poderiam tê-los matado.

— O Lorde Comandante...

— Não comanda aqui. Nortah desobedeceu uma instrução, motivo pelo qual deveria ser punido. Contudo, o Aspecto é da opinião de que a punição já foi aplicada. Quanto a você, sua desobediência foi em defesa de seu irmão. Não é necessária uma sentença.

Mestre Sollis dirigiu-se à outra ponta da cama e colocou a mão na testa de Nortah.

— A febre deve desaparecer quando o efeito da flor rubra passar. Mas ele a sentirá, sentirá a dor como se tivesse uma faca enfiada e torcida na barriga. Uma dor como essa pode tanto tornar um garoto um homem como um monstro. Sou da opinião de que a Ordem já viu monstros suficientes.

Então Vaelin compreendeu a raiva de Sollis. *Não é por nossa causa*, percebeu. *É por causa do que o Rei fez ao pai de Nortah, do que fez a Nortah. Somos suas espadas, ele nos colocou em forma. O Rei estragou uma de suas lâminas.*

— Meus irmãos e eu iremos guiá-lo — disse Vaelin. — A dor dele será nossa. Nós o ajudaremos a suportá-la.

— Certifiquem-se disso. — Sollis ergueu a cabeça, o olhar mais intenso do que de costume. — Quando um irmão se perde, há apenas um modo de se lidar com

ele, e irmão não deve matar irmão.

Nortah voltou a si pela manhã; seu gemido acordou Vaelin, que permanecera a seu lado durante a noite.

— O quê? — Nortah olhou ao redor com a visão embaçada. — O que é isso...? — Calou-se ao ver Vaelin, o brilho da lembrança retornando aos olhos quando colocou a mão no galo atrás da cabeça. — Você me acertou — disse ele. Vaelin observou a terrível compreensão voltar de súbito, deixando o rosto de Nortah lívido e fazendo-o afundar na cama com o peso de sua tristeza.

— Sinto muito, Nortah — disse Vaelin. Foi tudo em que conseguiu pensar para dizer.

— Por que você me deteve? — sussurrou Nortah em meio às lágrimas.

— Eles o teriam matado.

— Teriam me feito um favor.

— Não fale assim. Duvido que a alma de seu pai ficaria feliz no Além sabendo que você o seguiu até lá tão depressa.

Nortah chorou em silêncio durante algum tempo e Vaelin ficou observando-o, uma centena de condolências vazias morrendo-lhe nos lábios. *Não sei o que dizer*, percebeu. *Não há palavras para isso.*

— Você assistiu? — perguntou Nortah por fim. — Ele sofreu?

Vaelin pensou no ruído do alçapão e na exultação da multidão. *Que coisa terrível de se levar para o Além, saber que tantos se alegraram com sua morte.*

— Foi rápido.

— Dizem que ele roubou o Rei. Meu pai jamais faria isso. Ele estimava o Rei e o servia bem.

Vaelin agarrou-se ao único consolo que podia oferecer.

— O Príncipe Malcius pediu para eu lhe dizer que ele

também estava triste.

— Malcius? Ele estava lá?

— Ele nos ajudou, fez os Falcões nos deixarem ir. Acho que ele reconheceu você.

A expressão de Nortah suavizou-se um pouco, tornando-se distante.

— Cavalgávamos juntos quando eu era pequeno. Malcius era aluno de meu pai e vinha com frequência à nossa casa. Meu pai ensinou muitos filhos das casas nobres. Seu conhecimento das artes de estado e de diplomacia era famoso. — Nortah estendeu a mão para a toalha da mesa ao lado e enxugou as lágrimas do rosto. — Qual é a sentença do Aspecto?

— Ele acha que você já foi punido o bastante.

— Então não me foi concedida a misericórdia de ser mandado embora deste lugar.

— Nós dois fomos mandados para cá por ordens de nossos pais. Respeitei os desejos de meu pai ficando aqui, embora eu não saiba por que ele me entregou à Ordem. Seu pai também deve ter tido uma boa razão para mandá-lo para cá. Foi o desejo dele em vida e permanecerá o desejo dele agora que está com os Finados. Talvez você deva respeitá-lo.

— Então eu devo padecer aqui enquanto as terras de meu pai são confiscadas e minha família é deixada desamparada?

— Sua família ficará menos desamparada com você ao lado dela? Você tem alguma riqueza que a ajudará? Pense no tipo de vida que você teria fora da Ordem. Será o filho de um traidor, marcado para ser alvo de vingança pelos soldados do Rei. Sua família terá fardos suficientes sem você ao lado dela. A Ordem não é mais sua prisão, é sua proteção.

Nortah afundou de novo na cama, olhando para o teto com uma mistura de exaustão e pesar.

— Por favor, irmão, preciso ficar sozinho por um

tempo.

Vaelin levantou-se e caminhou até a porta.

— Lembre-se de que você não está sozinho nisso. Seus irmãos não permitirão que você seja vítima da tristeza.

Ficou encostado na porta do lado de fora, escutando os longos soluços cheios de dor de Nortah. *Tanta dor.* Ficou pensando se seu próprio pai tivesse estado no patíbulo se teria lutado com tanto afinco para salvá-lo. *Será que ao menos eu teria chorado?*

Naquela noite, Vaelin tirou Arranhão do canil e levou-o até o portão norte, onde jogou bola com o cão e esperou que o menino Frentis chegasse para sua lição de arremesso de facas. Arranhão parecia ficar cada vez mais forte e rápido com o passar dos dias. A ração para cães de Mestre Chekril, uma mistura de carne moída, tutano e polpa de frutas, encorpara ainda mais o animal e os constantes exercícios com Vaelin deixaram-lhe o físico esbelto e forte. Apesar da aparência feroz e tamanho intimidador, Arranhão continuava com o mesmo espírito feliz lambedor de rostos de um filhote enorme.

— Você não costuma levá-lo para a mata? — Era Caenis, saindo das sombras lançadas pela portaria. Vaelin ficou um pouco irritado consigo mesmo por não sentir a presença do irmão, mas Caenis tinha uma habilidade incomum para manter-se oculto e sentia uma satisfação perversa quando surgia do nada.

— Precisa fazer isso? — perguntou Vaelin.

— Estou praticando.

Arranhão voltou correndo com a bola na boca, largando-a aos pés de Vaelin e cumprimentou Caenis cheirando-lhe as botas. Caenis afagou a cabeça do cão sem muita convicção. Assim como os outros irmãos,

jamais perdera o medo básico do animal.

— Nortah ainda está dormindo? — perguntou Caenis.

Vaelin sacudiu a cabeça. Não queria falar sobre Nortah; as lágrimas do irmão deixaram-lhe um aperto no peito que estava demorando a desaparecer.

— Os próximos meses serão difíceis — prosseguiu Caenis com um suspiro.

— Não são sempre? — Vaelin jogou a bola na direção do rio, e Arranhão disparou atrás dela com um latido feliz. — Lamento que você não tenha conseguido ver o Rei.

— Não vi, mas vi o príncipe. Foi o suficiente. Que grande homem ele será.

Vaelin olhou de soslaio para Caenis, notando o brilho familiar no olho do garoto. Jamais ficara à vontade com a devoção cega do amigo pelo Rei.

— Ele... é um homem impressionante. Tenho certeza de que será um bom rei um dia.

— Sim, ele nos conduzirá à glória.

— Glória, irmão?

— É claro. O Rei tem ambições, deseja tornar o Reino ainda maior, talvez tão grande quanto o Império Alpirano. Haverá batalhas, Vaelin. Grandes e gloriosas batalhas, e nós vamos testemunhá-las, lutaremos nelas.

A guerra é sangue e merda... Não há honra nisso, foram as palavras de Makril. Vaelin sabia que elas nada significariam para Caenis. O garoto era instruído e geralmente de uma inteligência assustadora, mas também era um sonhador. Tinha uma biblioteca mental de milhares de histórias e parecia acreditar em todas. Heróis, vilões, princesas a serem resgatadas, monstros e espadas mágicas. Tudo isso vivia em sua cabeça, tão vital e real quanto suas próprias lembranças.

— Creio que temos noções diferentes de glória, irmão — disse Vaelin quando Arranhão voltou aos pulos com a bola na boca.

Esperaram por mais uma hora, mas o menino não apareceu.

— Provavelmente vendeu as facas — disse Caenis, depois que Vaelin lhe contou a história. — Deve ter enchido a cara de grogue em alguma sarjeta, ou perdido as facas em uma aposta. Provavelmente você nunca mais o verá.

Andaram até o estábulo, Vaelin jogando a bola para o alto para Arranhão pegar.

— Prefiro acreditar que ele gastou o dinheiro em sapatos — disse ele, lançando um olhar para o portão.

PARTE II

O que é o corpo?
O corpo é uma casca, o berço da alma.
O que é o corpo sem a alma?
Carne corrompida, nada mais.
Marque a passagem dos entes queridos
entregando suas cascas ao fogo.
O que é a morte?
A morte é apenas uma passagem para
o Além e a união com os Finados.
É início e fim. Tema-a e receba-a de bom grado.

— O Catecismo da Fé

RELATO DE VERNIERS

— Era o Rosa Sangrenta, não? — perguntei. — O Lorde Comandante na Feira de Verão.

— Al Hestian? Sim — respondeu o Matador do Esperança. — Embora não tenha recebido esse nome até a guerra.

Sublinhei a passagem que acabara de registrar, e vi que estava quase sem tinta.

— Um momento — disse eu, levantando-me para abrir meu baú e pegar outro vidro e mais pergaminhos. Eu já havia preenchido várias páginas e estava preocupado com a possibilidade de acabar com meu suprimento. Hesitei antes de abrir o baú, notando a espada odiosa dele encostada ali. Ao ver meu desconforto, ele pegou a arma e a colocou sobre os joelhos.

— Os lonaks têm uma superstição que imbui suas armas com as almas dos inimigos que matam — disse ele. — Dão nomes aos porretes de guerra e às facas, imaginando que são possuídos pelas Trevas. Meu povo não tem tais ilusões. Uma espada é só uma espada. É o homem que mata, não a lâmina.

Por que ele estava me contando isso? Queria que eu o odiasse ainda mais? Ao ver a mão forte e cheia de cicatrizes pousada sobre o punho da espada, lembrei-me de como Seliesen, após o Imperador tê-lo nomeado formalmente como Esperança, submeteu-se a meses de treinamento árduo com a Guarda Imperial, tornando-se proficiente, até mesmo habilidoso, com o sabre e a lança. "O Esperança deve ser um guerreiro", disse-me ele. "Os Deuses e o povo esperam isso." A Guarda

Imperial o acolhera como um dos seus e ele cavalgou com eles contra os volarianos no verão anterior a Janus enviar seus exércitos até nossas praias, sendo aclamado por sua coragem nos combates. De nada lhe serviu contra o Matador do Esperança. Eu sabia que chegaria o momento em que o nortista relataria o que acontecera naquele dia terrível, e, embora eu tenha ouvido muitos relatos sobre o evento, a perspectiva de ouvir do próprio Al Sorna era ao mesmo tempo terrível e irresistível.

Tornei a sentar e abri o tinteiro, molhei a pena e alisei uma folha nova de pergaminho no convés.

— As Trevas — disse eu. — O que é isso?

— Seu povo chama de magia, creio.

— Eles talvez chamem. Eu chamo de superstição. Você acredita em tais coisas?

Fez-se uma pausa momentânea e tive a impressão de que ele estava pensando com cuidado nas próximas palavras.

— Há muitas facetas desconhecidas deste mundo.

— Há histórias contadas sobre a guerra, histórias que atribuem uma grande e poderosa magia aos nortistas, e a você em particular. Alguns afirmam que foi com magia que você turvou as mentes de nossos soldados na Colina Sangrenta e que atravessou sem ser notado as muralhas de Linesh com feitiçaria.

A boca de Al Sorna crispou-se em um leve sorriso.

— Não houve magia na Colina Sangrenta, apenas homens tomados por uma fúria irracional lançando-se a uma morte certa. Quanto a Linesh, um esgoto fedendo à merda no porto dificilmente conta como feitiçaria. Além disso, qualquer oficial da Guarda do Reino que sequer sugerisse o uso das Trevas provavelmente acabaria enforcado por seus próprios homens na árvore mais próxima. Acredita-se que as Trevas sejam partes integrais daquelas formas de adoração que negam a Fé.

Fez outra pausa, olhando para a espada pousada no colo.

— Há uma história, caso queria ouvi-la. Uma história que contamos a nossas crianças para preveni-las contra os perigos das Trevas.

Ele olhou para mim e ergueu as sobrancelhas. Embora eu me considere um historiador e não um compilador de mitos e fábulas, tais histórias costumam relevar um pouco da verdade acerca de eventos, nem que seja apenas para ilustrar as ilusões que muitos tomam por explicações.

— Conte-me — disse eu, encolhendo os ombros.

Quando tornou a falar, sua voz adquirira um novo tom, grave, porém atraente: a voz de um contador de histórias.

— Aproxime-se e ouça bem a história do Bastardo da Bruxa. Não é uma história para os covardes ou aqueles de bexiga fraca. É a mais terrível e assustadora das histórias e, quando eu a terminar, pode maldizer meu nome por tê-la narrado.

“Nos confins mais sombrios da floresta mais sombria do antigo Renfael, muito antes da época do Reino, havia uma aldeia. E nessa aldeia morava uma bruxa, agradável aos olhos, mas com um coração mais escuro do que a noite mais escura. Doce e gentil era o rosto que exibia à aldeia, porém cruel e invejosa era a alma por trás dele. Pois essa mulher era movida pelo desejo, desejo pela carne, desejo pelo ouro e desejo pela morte. As Trevas a possuíram ainda jovem e a mulher entregou-se de bom grado à perversidade, negando a Fé e recebendo poder em troca, o poder para possuir homens, inflamar seus desejos e forçá-los a cometer atos terríveis em seu nome.

“O primeiro a ser enfeitiçado por ela foi o Feitor da aldeia, um homem bom e gentil, que enriquecera graças à parcimônia e ao trabalho duro, rico o bastante

para despertar a cobiça da bruxa. Todos os dias ela passava por seu local de trabalho, exibindo-se de maneira sutil, instigando no homem as chamas da paixão até se tornarem fogo vivo, queimando-lhe a razão, tornando-o vítima do plano sussurrado pelas Trevas à mulher: 'mate sua esposa e coloque-me no lugar dela'. E assim, numa noite fatídica, o homem salpicou o veneno conhecido como Flecha do Caçador na janta da esposa e, pela manhã, ela não mais respirava.

"Por ser uma mulher de meia-idade com um histórico de enfermidades, o falecimento da esposa do Feitor foi visto pela aldeia simplesmente como um ato natural. A bruxa, é claro, sabia a verdade, ocultando o prazer que sentia com lágrimas quando entregaram a pobre mulher assassinada ao fogo, o tempo todo chamando o Feitor com seu poder tenebroso: 'Cubra-me de presentes e serei sua'. E presentes ele lhe deu; um belo cavalo, joias e ouro e prata; mas a bruxa era astuta e recusava tudo, fazendo questão de alardear sua indignação com a indecência de um homem que forçava suas intenções sobre uma mulher tão jovem, e passado tão pouco tempo da morte da esposa. Como ela o atormentou, chamando-o e então rejeitando cada um de seus avanços. Não tardou para que a crueldade da bruxa fizesse o homem perder a razão e, tentando escapar do aprisionamento maligno dos desejos dela, ele fugiu para a floresta e enforcou-se no galho mais alto de um alto carvalho, deixando uma confissão escrita de seu ato cruel e apontando a bruxa como a causa de sua loucura.

"É claro que os aldeões não acreditaram. A mulher era tão doce, tão gentil. O Feitor obviamente enlouquecera devido à própria ilusão de amor por uma mulher mais nova. Entregaram-no ao fogo e fizeram o possível para esquecer esse episódio horrível. Contudo, a bruxa não

terminara, pois colocara o olho no ferreiro da aldeia, um sujeito grande e bonito, forte de braço e de coração; mas mesmo seu coração podia ser enredado pelas forças das Trevas em poder da bruxa.

"Ela resolvera viver afastada dos aldeões, para melhor praticar suas artes abomináveis longe de olhos curiosos. Assim como podia controlar o coração de um homem, essa bruxa também podia controlar o vento, e enquanto o ferreiro estava a queimar carvão na floresta, ela invocou um vendaval do norte, para arrancar a neve do alto das montanhas, forçando-o a buscar abrigo sob seu teto e lá, embora o ferreiro resistisse com todas as forças, a bruxa o forçou a se deitar com ela, uma união sombria e maligna, de onde nasceria seu terrível bastardo.

"Foi a vergonha que rompeu o feitiço da bruxa, a vergonha de um homem bom forçado a trair a esposa, vergonha que o deixou surdo às seduções da mulher na manhã seguinte, e surdo às ameaças que lhe foram gritadas enquanto corria de volta para a aldeia, onde, tolamente, não contou a ninguém o que acontecera.

"E a bruxa esperou. À medida que a semente sombria crescia em sua barriga, ela esperava. À medida que o inverno dava lugar à primavera e as plantações proliferavam, ela esperava. E então, quando as foices foram afiadas para a colheita e sua criação impura saiu-lhe do meio das pernas, ela agiu.

"Foi uma tempestade como nenhuma outra que já se vira ou se viu desde então, prenunciada por nuvens cinzentas que cobriram todo o céu de norte a sul, de leste a oeste, trazendo vento e chuva em terrível abundância. Por três semanas a chuva caiu e o vento soprou e os aldeões encolhiam-se miseráveis e aterrorizados, até que, quando por fim terminou, foram até os campos e encontraram todos os acres arruinados. A única coisa que colheriam aquele ano

seria a fome.

“Voltaram-se para a floresta, à procura de caça para encher-lhes as barrigas, mas os animais haviam sido afugentados por algum sussurro nefasto da bruxa. As crianças choravam de fome, os velhos adoeciam e, um a um, começaram a ir para o Além, e durante todo esse tempo a bruxa continuava em sua pequena cabana na floresta, pois ela e seu bastardo sempre tinham o que comer em abundância; animais descuidados podiam ser capturados com facilidade por alguém tão versado nas artes das Trevas.

“Foi a morte da querida mãe do ferreiro que finalmente fez com que o homem contasse a verdade. O ferreiro confessou aos aldeões reunidos, contando-lhes tudo sobre os feitos da bruxa e como ele fora enfeitiçado por ela para gerar o bastardo bem alimentado que ela carregava pela floresta, zombando de seus filhos famintos com sua risada alegre. Os aldeões votaram e nenhum discordou: a bruxa devia ser expulsa.

“A princípio ela tentou usar seus poderes para acalmá-los, dizendo mentiras sobre o ferreiro, acusando-o do mais terrível dos crimes: estupro. Porém, o poder da bruxa não surtiu efeito agora que os aldeões podiam ver a verdade, agora que podiam ouvir o veneno que dava o tom de cada mentira que contava, o brilho maligno no olhar revelando a perversidade oculta por trás do belo rosto. E assim, de tochas acesas, expulsaram-na, a cabana queimada pela fúria justificada dos aldeões enquanto a bruxa fugia para a floresta, apertando o filhote maldito contra o peito, toda a falsidade agora abandonada enquanto os amaldiçoava... e prometia vingança.

“E assim, enquanto os aldeões retornavam a seus lares e tentavam sobreviver da melhor forma possível ao inverno que chegava, a bruxa procurou um

esconderijo nas profundezas mais escuras da floresta, um lugar onde ninguém pisara antes, e começou a ensinar as artes das Trevas a sua cria.

"Anos se passaram, a aldeia enterrou seus mortos e recusou-se a morrer. Anos se passaram e a bruxa tornou-se apenas uma lembrança, e então uma história contada nas noites frias para assustar as crianças. As colheitas eram boas, as estações passavam e tudo parecia estar certo no mundo mais uma vez. Quão cegos estavam, quão desprotegidos diante da tempestade que se avizinhava. Pois a bruxa transformou seu bastardo em um monstro, que aparentava ser apenas um menino magricela e esfarrapado que vagava pela floresta, mas que na verdade era possuído por todas as Trevas de que ela foi capaz de dotá-lo, primeiro com o leite maculado do próprio seio, seguido pelos ensinamentos sussurrados no refúgio nauseabundo, e por fim com o próprio sangue. Pois ela se sacrificou, essa bruxa, essa mulher tomada pelo ódio; quando o bastardo cresceu o suficiente, ela cortou os pulsos com uma faca e o mandou beber. E ele bebeu, sôfrego, até a bruxa tornar-se apenas uma casca vazia, partindo para o nada que aguarda os Infiéis, mas com o consolo de saber que sua vingança era iminente.

"Ele começou com os animais, bichos de estimação na calada da noite, encontrados torturados até a morte pela manhã. Então novilhos ou porcos foram capturados, as cabeças decapitadas empaladas em estacas de cercas em cada canto da aldeia. Assustados e ignorando a natureza do perigo de que eram alvo, os aldeões ficaram de vigia, acenderam tochas, mantiveram armas à mão quando desceu a escuridão. De nada lhes serviu.

"Depois dos animais, ele foi atrás das crianças, os que ainda mal conseguiam andar e os bebês de berço;

pegava qualquer um que pudesse, e seu destino era horrendo. Enfurecidos e enlouquecidos, os aldeões vasculharam a floresta: caçadores procuraram rastros, cada esconderijo foi revistado, armadilhas foram preparadas para capturar esse monstro invisível. Nada encontraram, e assim, durante o outono até o inverno, as torturas e mortes noturnas continuaram. Então, quando o frio do inverno se fez sentir, o bastardo enfim se revelou, entrando a pé na aldeia ao meio-dia. A essa altura o medo dos aldeões era tamanho que nenhuma mão se ergueu contra ele, e eles imploraram. Imploraram por seus filhos e suas vidas, ofereceram tudo o que tinham para que ele os deixasse em paz.

"E o Bastardo da Bruxa gargalhou. Não era uma gargalhada que uma criança normal poderia dar, tampouco uma gargalhada que pudesse sair de alguma garganta humana. E com aquela gargalhada, souberam que estavam condenados.

"O bastardo invocou um raio e a aldeia ardeu em chamas. As pessoas fugiram para o rio, mas o bastardo o elevou com a chuva até que alagou as margens e levou os aldeões de arrasto. Contudo, sua vingança ainda não havia sido saciada e ele invocou uma rajada de vento do norte longínquo para encerrá-los em gelo. E quando o gelo se formou, o bastardo o atravessou até encontrar o rosto de seu pai, o ferreiro, congelado com terror para todo o sempre.

"Ninguém sabe o que aconteceu com o bastardo, embora alguns digam que nas noites mais frias, em um lugar onde se diz que outrora ficava a aldeia, é possível ouvir uma gargalhada ecoando na floresta, pois é o que se sucede com aqueles que se entregam completamente às Trevas: o abandono da vida lhes é negado e permanecem barrados do Além para sempre."

Al Sorna calou-se, com uma expressão pensativa ao olhar de novo para a espada no colo. Tive a sensação

de que ele atribuía alguma importância a essa história tétrica; algo na gravidade com que narrara a história indicava um significado que eu não conseguia discernir.

— Você acredita nessa história? — perguntei.

— Dizem que todos os mitos no fundo têm um cerne de verdade. Talvez com o tempo um sujeito instruído como você possa descobrir a verdade neste.

— Folclore não é a minha área. — Coloquei de lado o pergaminho no qual escrevera o conto do Bastardo da Bruxa. Muitos anos se passariam antes que eu tornasse a lê-lo, quando eu então tive boas razões para lamentar amargamente não ter seguido sua sugestão.

Peguei folhas novas e olhei para ele, aguardando.

Ele sorriu.

— Deixe-me contar-lhe como vim a encontrar o Rei Janus pela primeira vez.

CAPÍTULO UM

Começaram a cavalgar no final do mês de prensur. Os cavalos eram todos garanhões, com menos de dois anos de idade. Montarias jovens para cavaleiros jovens. Os pares foram formados sob a supervisão de Mestre Rensial, cujo comportamento mais extremo felizmente estava contido naquele dia, embora murmurasse constantemente para si mesmo enquanto levava cada um dos garotos a sua montaria.

— Sim, alto, sim — ponderou ele, examinando Barkus. — Precisa de força. — Puxou Barkus pela manga e o levou até o maior dos cavalos, um alazão robusto de pelo menos um metro e setenta de altura. — Escove o pelo, examine as ferraduras.

Caenis foi levado a um garanhão castanho-escuro que parecia ser veloz e Dentos até um tordilho forte. A montaria de Nortah era quase completamente negra, com uma mancha branca na testa.

— Ligeiro — murmurou Mestre Rensial. — Cavaleiro ligeiro, cavalo ligeiro. — Nortah encarou o cavalo em silêncio, sua reação à maioria das coisas desde que saíra da enfermaria. As constantes tentativas dos garotos de começar alguma conversa com ele eram recebidas com encolhidas de ombros ou por uma indiferença apática. O único momento em que Nortah parecia despertar era no campo de treinamento, onde demonstrava uma ferocidade recém-descoberta com a espada e a alabarda que deixava a todos contundidos ou cortados.

A montaria de Vaelin acabou sendo um alazão robusto

com diversas cicatrizes nos flancos.

— Domado — disse-lhe Mestre Rensial. — Não criado. Cavalo selvagem das terras do norte. Ainda é um pouco indócil, precisa de orientação.

O cavalo de Vaelin arreganhou os dentes e relinchou alto, e a chuva de saliva fez o garoto recuar. Não montara em um cavalo desde que deixara a casa do pai e a perspectiva lhe parecia estranhamente assustadora.

— Cuidem deles hoje, cavalguem-nos amanhã — Mestre Rensial estava dizendo. — Ganhem a confiança deles e eles os carregarão na guerra. Sem sua confiança, vocês morrerão. — Parou de falar e, vendo que os olhos do mestre adquiriam o aspecto desfocado que indicava outro ataque de divagações ou de violência, levaram depressa as montarias para o estábulo para serem cuidadas.

Começaram a cavalgar na manhã seguinte e fizeram pouco mais que isso durante as quatro semanas seguintes. Nortah, que cavalgara desde pequeno, era de longe o melhor cavaleiro, ganhando de todos em todas as corridas e percorrendo com relativa facilidade o percurso mais difícil que Mestre Rensial pôde elaborar. Somente Dentos podia competir com ele, parecendo ter nascido para isso ao subir na sela.

— Eu costumava ir para as corridas todos os meses no verão — explicou ele. — Minha mãe ganhava uma bolada apostando em mim. Dizia que podia correr até com um cavalo de carroça.

Caenis e Vaelin mostraram-se cavaleiros adequados, ainda que não fossem habilidosos, e Barkus aprendeu depressa a cavalgar, embora fosse óbvio que não gostava das lições.

— Meu traseiro parece que levou mil marteladas — gemeu ele certa noite, deitando na cama de bruços.

Os outros logo se afeiçoaram a seus cavalos, dando-lhes nomes e conhecendo melhor o temperamento de

cada um. Vaelin chamou o seu de Cuspe, visto que parecia ser tudo que o animal fazia quando ele tentava ganhar sua confiança. O cavalo era sempre genioso, com uma tendência a coices inesperados e cabeçadas súbitas e doloridas. As tentativas de agradá-lo com palitos de açúcar ou maçãs de nada serviram para amenizar a agressividade básica do animal. O único conforto naquela união era o fato de que Cuspe se comportava ainda pior com os outros. Quaisquer que fossem seus defeitos, o cavalo se mostrou rápido no galope e destemido nos treinamentos, geralmente tentando morder as outras montarias quando investiam uns contra os outros e nunca fugindo de um combate direto.

As lições de combate montado acabaram se mostrando tarefas exaustivas conforme tentavam derrubar uns aos outros das selas com lanças ou espadas. A habilidade de Nortah para cavalgar e o prazer recém-descoberto pelas lutas significavam muitos tombos das selas e uma quantidade considerável de ferimentos leves. Começaram a aprender também a difícil arte do arco montado, um elemento necessário do Teste do Cavalo, no qual teriam de passar em menos de um ano. Vaelin achava o arco uma disciplina difícil na melhor das hipóteses, mas tentar acertar uma flecha em um fardo de feno a vinte metros enquanto se contorcia na sela era quase impossível. Nortah, por outro lado, acertava no alvo na primeira tentativa e não errara desde então.

— Pode me ensinar? — perguntou-lhe Vaelin, aborrecido por outro treinamento desastroso. — As instruções de Mestre Rensial costumam ser difíceis de serem seguidas.

Nortah o encarou com a passividade vazia que passaram a esperar.

— Isso porque ele é um louco que só fala sandices —

respondeu o garoto.

— Ele sem dúvida é um homem perturbado — concordou Vaelin com um sorriso. Nortah nada disse. — Então, qualquer ajuda que você puder me dar...

Nortah deu de ombros.

— Se você quiser.

No final das contas, não havia truque algum, apenas prática. Todos os dias eles passavam uma hora ou mais após a refeição da noite com Vaelin errando o alvo de forma consistente e Nortah o orientando.

— Não se erga tanto na sela antes de disparar... Certifique-se de esticar a corda até o queixo... Solte apenas quando sentir que os cascos do cavalo não estão tocando o chão... Não mire tão baixo... — Levou cinco dias até que Vaelin conseguisse colocar uma flecha no fardo de feno e outros três até sua mira ficar precisa o suficiente para atingir o alvo quase todas as vezes.

— Obrigado, irmão — disse ele uma noite, enquanto levavam os cavalos de volta ao estábulo. — Duvido que eu teria conseguido sem sua ajuda.

Nortah lhe lançou um olhar enigmático.

— Eu tinha uma dívida com você, não?

— Somos irmãos. Dívidas não significam nada entre nós.

— Diga-me, você realmente acredita em todas as bobagens que fala? — Não havia veneno no tom de Nortah, apenas uma vaga curiosidade. — Chamamos um ao outro de irmãos, mas não temos o mesmo sangue. Somos apenas garotos forçados a ficar juntos por esta Ordem. Você nunca se pergunta como teria sido se tivéssemos nos encontrado do lado de fora? Teríamos sido amigos ou inimigos? Nossos pais eram inimigos, sabia disso?

Esperando que o silêncio encerrasse a conversa, Vaelin sacudiu a cabeça.

— Ah, sim. Quando eu era menor, descobri um lugar secreto na casa de meu pai onde eu podia escutar as reuniões em seu estúdio. Ele falava com frequência sobre seu pai, e não com gentileza. Dizia que era um plebeu oportunista mais burro que uma lâmina de machado. Dizia que Sorna devia ter sido mantido em um quarto trancado até que precisassem de seus serviços na guerra, e que não conseguia compreender por que o Rei dava ouvidos a tamanho tolo.

Pararam, de frente um para o outro. Os olhos de Nortah brilhavam com a familiar ânsia pelo combate. Sentindo a tensão, Cuspe jogou a cabeça para trás e relinchou ansioso.

— Está tentando me provocar, irmão — disse Vaelin, acariciando o pescoço de seu cavalo para acalmá-lo. — Mas se esquece de que não tenho pai, então suas palavras não significam nada. Por que ultimamente a única alegria que você demonstra é com combates? Por que anseia tanto por isso? Faz com que esqueça? Alivia sua dor?

Nortah puxou as rédeas de seu cavalo e continuou a andar na direção do estábulo.

— Não alivia nada. Mas me faz esquecer, pelo menos por um tempo.

Vaelin encetou um trote com Cuspe, emparelhando com Nortah.

— Então talvez uma corrida também o ajude a esquecer. — Disparou em um galope na direção do portão principal. Nortah naturalmente o venceu por uma boa margem, mas o fez com um sorriso no rosto.

Era o fim do mês de jenislasur, uma semana após o aniversário de quinze anos não comemorado de Vaelin, quando o garoto foi chamado aos aposentos do Aspecto.

— O que é agora? — perguntou Dentos. Estavam fazendo a refeição da manhã e o garoto cuspiu farelos de pão do outro lado da mesa quando falou. Bons modos à mesa eram uma lição complicada demais para Dentos. — Ele deve gostar de você. Volta e meia está nos aposentos dele.

— Vaelin é o favorito do Aspecto — disse Barkus, em um tom de falsa seriedade. — Todo mundo sabe disso. Ele mesmo será Aspecto um dia, pode apostar.

— Vão se catar, vocês dois — disse Vaelin, enfiando uma maçã na boca enquanto levantava da mesa. Não tinha ideia de por que fora chamado para ver o Aspecto; provavelmente era outra questão delicada envolvendo seu pai ou uma nova ameaça a sua vida. Com frequência se surpreendia como a passagem do tempo o tornara imune a tais temores. Os pesadelos haviam diminuído nos últimos meses e ele conseguia relembrar os eventos sombrios do Teste da Corrida com uma ponderação indiferente, embora o escrutínio impassível de nada adiantasse para acabar com o mistério.

Comera a maior parte da fruta quando chegou à porta do Aspecto, e guardou o caroço no manto antes de bater. Daria para Cuspe mais tarde, sem dúvida recebendo em troca uma chuva de baba.

— Entre, irmão. — A voz do Aspecto atravessou a porta.

O Aspecto estava de pé ao lado da janela estreita, que tinha vista para o rio, com um leve sorriso no rosto. O aceno respeitoso que Vaelin começou a fazer com a cabeça foi interrompido ao ver o outro ocupante da sala: um menino esquelético e esfarrapado, de pés descalços sujos de lama que balançavam da cadeira onde estava empoleirado de forma desconfortável.

— É ele! — exclamou Frentis, levantando de um pulo quando Vaelin entrou. — Esse é o irmão que me inspirou. É o filho do Senhor da Batalha, é sim.

— Ele não é filho de ninguém, menino — disse o Aspecto.

Vaelin praguejou em silêncio, fechando a porta. *Um episódio vergonhoso, dar facas para um moleque de rua. Não é o que se espera de um irmão...*

— Conhece este menino, irmão? — indagou o Aspecto.

Vaelin olhou para Frentis, notando a avidez debaixo da máscara de sujeira.

— Sim, Aspecto. Ele me auxiliou durante uma recente... dificuldade.

— Viu só? — disse Frentis com urgência para o Aspecto. — Eu te disse! Te disse que ele me conhecia.

— Esse menino pediu para ser admitido na Ordem — continuou o Aspecto. — Você se responsabilizará por ele?

Vaelin olhou atônito para Frentis.

— Você quer entrar para a Ordem?

— Sim! — exclamou Frentis, quase pulando de entusiasmo. — Quero entrar. Quero ser um irmão.

— Você está... — Vaelin engoliu a palavra “louco” e respirou fundo antes de se dirigir ao Aspecto. — Responsabilizar-me por ele, Aspecto?

— Esse menino não tem família, ninguém para falar por ele ou entregá-lo formalmente nas mãos da Ordem. Nossas regras exigem que todos os garotos que ingressem na Ordem sejam responsabilizados por alguém, seja por um dos pais ou, no caso de um órfão, uma pessoa de reconhecido bom caráter. O menino nomeou você.

Responsabilizado por alguém? Ninguém lhe contara isso.

— Alguém se responsabilizou por mim, Aspecto?

— É claro.

Meu pai falou com eles antes de me trazer aqui. Ele havia preparado tudo quantos dias ou semanas antes? Por quanto tempo soube antes de me contar?

— Diz pra ele que eu posso ser um irmão — disse Frentis. — Diz que eu ajudei você.

Vaelin respirou fundo e viu o desespero nos olhos de Frentis.

— Posso ter um momento a sós com esse menino, Aspecto?

— Está bem. Estarei no torreão principal.

Quando o Aspecto saiu, Frentis voltou a insistir.

— Você tem que contar pra ele. Dizer pra ele que eu posso ser um irmão...

— Você acha que isto é um jogo? — interrompeu Vaelin, que se aproximou do menino e agarrou os trapos que cobriam o peito de Frentis, puxando-o para perto. — O que quer aqui? Segurança, comida, abrigo? Você sabe o que é este lugar?

Frentis recuou com os olhos arregalados de medo, a voz agora baixa.

— É onde treinam os irmãos.

— Sim, eles nos treinam. Batem na gente, fazem com que lutemos uns com os outros todos os dias e aplicam testes que podem nos matar. Tenho quinze anos e mais cicatrizes no meu corpo do qualquer soldado veterano da Guarda do Reino. Havia dez garotos no grupo quando comecei, agora só há cinco. O que você está me pedindo? Que eu concorde com sua morte? — Soltou Frentis e virou-se para a porta. — Não farei isso. Volte para a cidade. Viverá por mais tempo.

— Se eu voltar lá, vou estar morto ao anoitecer! — gritou Frentis, a voz tomada pelo medo. Afundou na cadeira, soluçando infeliz. — Não tenho outro lugar pra ir. Se me mandar embora, vou morrer. Os garotos de Hunsil vão acabar comigo.

A mão de Vaelin demorou-se na maçaneta.

— Hunsil?

— É o líder dos bandos daquela parte da cidade. Todos os batedores de carteiras, prostitutas e assassinos

pagam a ele cinco moedas de cobre por mês. Não pude pagar mês passado, então levei uma surra dos seus garotos.

— E se não pagar este mês, ele o matará?

— É tarde demais pra isso. Não é mais pelo dinheiro. É pelo olho dele.

— O olho dele?

— Sim, o direito. Não tá mais lá.

Vaelin afastou-se da porta com um longo suspiro.

— As facas que eu lhe dei.

— É, não deu pra esperar você me ensinar. Pratiquei sozinho. Fiquei bom nisso também. Pensei em testar com Hunsil. Esperei do lado de fora da taverna dele até ele sair.

— Acertá-lo no olho foi um arremesso impressionante.

Frentis deu um sorriso tímido.

— Mirei na garganta.

— E ele sabe que foi você?

— Oh, sabe sim. O desgraçado sabe de tudo.

— Tenho algum dinheiro, não muito, mas meus irmãos ajudarão com mais um pouco. Poderíamos lhe arranjar um serviço a bordo de um navio mercante, como grumete. Você estaria mais seguro num navio do que jamais poderia estar aqui.

— Pensei nisso, não quero. Não gosto de navios. Fico enjoado só de atravessar o rio numa balsa. Além disso, ouvi dizer que os marinheiros fazem coisas com os grumetes.

— Tenho certeza de que eles o deixarão em paz se nós garantirmos.

— Mas eu quero ser um irmão. Vi o que você fez com aqueles Falcões. Você e aquele outro. Nunca vi nada igual. Quero poder fazer aquilo. Quero ser como você.

— Por quê?

— Porque faz você ser alguém, ter importância. Ainda estão falando sobre isso nas tavernas, sabia? Como o

filho do Senhor da Batalha humilhou os Falcões Negros. Você é quase tão famoso quanto o seu velho.

— E é isso o que você quer? Ser famoso?

Frentis estava inquieto. Era evidente que raramente lhe pediam a opinião sobre qualquer coisa, e o menino achava esse nível de interrogatório desconcertante.

— Não sei. Quero ser alguém, não só um ladrãozinho qualquer. Não posso fazer isso a minha vida toda.

— Tudo o que você provavelmente conseguirá aqui é uma morte precoce.

Frentis então não pareceu mais um menino, e sim alguém tão amadurecido e que sentia o peso da experiência que Vaelin quase se sentiu como uma criança diante de um velho.

— Isso é tudo que eu provavelmente sempre tive chance de conseguir.

Eu posso fazer isso? Vaelin perguntou a si mesmo. *Posso condená-lo a isso?* A resposta lhe veio em um piscar de olhos. *Pelo menos ele teve uma escolha. Ele escolheu vir aqui. E ao que eu o condenarei se mandá-lo embora?*

— O que você conhece sobre a Fé? — perguntou Vaelin.

— É o que as pessoas acreditam que acontece quando se morre.

— E o que acontece quando se morre?

— A pessoa se junta com os Finados e eles, assim, ajudam a gente.

Não é exatamente o Catecismo da Fé, mas foi bem sucinto.

— Acredita nisso?

Frentis encolheu os ombros.

— Acho que sim.

Vaelin inclinou para frente e olhou o menino nos olhos, encarando-o.

— Quando o Aspecto lhe perguntar, não ache, tenha

certeza. A Ordem luta pela Fé antes de lutar pelo Reino. — Empertigou-se. — Vamos atrás dele.

— Vai dizer pra ele deixar eu entrar?

Que a alma de minha mãe me perdoe.

— Sim.

— Ótimo! — Frentis levantou-se de um pulo e correu para a porta. — Obrigado...

— Jamais me agradeça por isso — disse Vaelin. — Jamais.

Frentis lhe lançou um olhar inquisitivo.

— Certo. Então, quando eu ganho uma espada?

A próxima leva de recrutas só chegaria dentro de três meses, então Frentis foi colocado para trabalhar. Levava recados, ajudava na cozinha ou no pomar e varria o estábulo. Deram-lhe uma cama no quarto da torre norte; o Aspecto achou que deixá-lo sozinho em um dos outros quartos seriam péssimas boas-vindas à Ordem.

— Este é Frentis — disse Vaelin, apresentando-o aos outros. — Um irmão noviço. Dormirá conosco até a virada do ano.

— Ele tem idade suficiente? — perguntou Barkus, olhando Frentis de cima a baixo. — É só trapo e osso.

— Vai se catar, gordão! — rosnou Frentis em resposta, recuando.

— Que encantador — comentou Nortah. — Nosso próprio moleque de rua.

— Por que ele vai dormir conosco? — quis saber Dentos.

— Porque o Aspecto ordenou, e porque tenho uma dívida com ele. Assim como você, irmão — disse ele a Nortah. — Se ele não tivesse me ajudado, você estaria pendurado em uma jaula numa muralha.

Nortah inclinou a cabeça, mas não tornou a falar.

— Ele é o que você deixou inconsciente — disse

Frentis. — O que apunhalou aquele Falcão Negro na perna. Foi um belo golpe aquele. Então podemos apunhalar gente da Guarda do Reino?

— Não! — Vaelin puxou-o até a cama dele, a antiga cama de Mikehl, que não fora usada desde sua morte. — Esta é sua. Vai pegar sua roupa de cama com o Mestre Grealin, nas galerias. Vou levá-lo lá depois.

— Vou ganhar uma espada dele?

Os outros riram.

— Oh, você vai ganhar uma espada, não se preocupe — disse Dentos. — A melhor lâmina que um freixo pode dar.

— Quero uma espada de verdade — insistiu Frentis, emburrado.

— Terá de merecer — disse Vaelin. — Como o resto de nós. Agora, quero lhe falar sobre roubos.

— Não vou roubar nada. Parei com isso, juro.

Mais risadas dos outros.

— Que belo irmão ele vai dar — disse Barkus.

— Roubar é... — Vaelin procurou as palavras certas — permitido aqui, mas há regras. Jamais se rouba de algum de nós e jamais se rouba dos mestres.

Frentis lhe lançou um olhar desconfiado.

— Esse é um dos testes?

Vaelin rangeu os dentes. Estava começando a compreender por que Mestre Sollis gostava tanto de sua vara.

— Não. Você pode roubar de outros da Ordem, desde que não sejam mestres e não sejam do seu grupo.

— O quê? E ninguém se importa?

— Oh, não, eles vão arrancar seu couro se você for pego, mas isso é por ser pego, não por roubar.

Um sorriso bem discreto apareceu nos lábios de Frentis.

— Só fui pego uma vez. Não vai acontecer de novo.

Se Vaelin esperava que Frentis se desiludisse com os rigores da vida na Ordem, se desapontaria. O menino corria para fazer qualquer tarefa que lhe era dada, movendo-se como um borrão pela Casa, observando com atenção durante os treinamentos e importunando-os para que lhe ensinassem o que sabiam. Em geral, tinham prazer em ensiná-lo, treinando-o em esgrima e em combate desarmado. Frentis precisava de pouca instrução no arremesso de facas, e em pouco tempo começou a rivalizar com Dentos e Nortah no jogo. Percebendo uma oportunidade, organizaram sem tardar um torneio de facas e obtiveram uma quantidade considerável de lâminas, que foram divididas igualmente.

— Por que não posso ficar com elas? — queixou-se Frentis enquanto contavam os ganhos.

— Porque você ainda não é um irmão de verdade — respondeu Dentos. — Quando for, vai poder ficar com todas que ganhar. Até lá, todos nós vamos receber uma parte, um pagamento por termos a bondade de ensiná-lo.

O mais surpreendente era a total falta de medo de Frentis em se tratando de Arranhão. Enquanto os outros garotos eram cautelosos, o menino era brincalhão, e fazia lutinhas com o animal sem a menor preocupação, dando risinhos quando o cão o jogava longe com facilidade. Vaelin ficara preocupado no início, mas percebeu que Arranhão era cauteloso à sua própria maneira: Frentis nunca era mordido ou arranhado.

— Para ele, o menino é um filhote — explicou Mestre Chekril. — Provavelmente acha que é um dos seus. Vê a si mesmo como um irmão mais velho.

Frentis também tinha a honra de ser o único garoto a jamais receber uma surra de Mestre Rensial. Por alguma razão, o mestre do estábulo jamais lhe erguia a mão e limitava-se a mandá-lo fazer as tarefas designadas e a

observar em silêncio até serem terminadas, com uma expressão ainda mais estranha do que de costume: uma mistura singular de perplexidade e pesar que fez com que Vaelin resolvesse manter Frentis longe do estábulo o máximo possível.

— Qual o problema de Mestre Rensial? — perguntou Frentis uma noite, enquanto Vaelin ensinava-lhe os fundamentos de se aparar com uma espada. — É ruim da cabeça?

— Sei pouco sobre ele — respondeu Vaelin. — Conhece os cavalos, sem dúvida. Quanto ao modo dele agir, é evidente que as dificuldades de uma vida na Ordem podem fazer coisas estranhas à cabeça de um homem.

— Acha que isso vai acontecer com você um dia?

Vaelin não respondeu, preferindo desferir um golpe por cima contra a cabeça de Frentis que o menino por pouco não conseguiu aparar com a espada de madeira.

— Preste atenção — disse Vaelin com rispidez. — Os mestres não serão tão clementes quanto eu.

Os meses com Frentis passaram depressa. A energia e o entusiasmo cego do menino faziam com que esquecessem suas agruras, e até mesmo Nortah parecia animado com o tempo que passava com Frentis, assumindo a tarefa de lhe mostrar como usar o arco. Tal como as aulas que dera a Dentos antes do Teste do Conhecimento, Vaelin mais uma vez notou a facilidade de Nortah para ensinar; enquanto os outros garotos por vezes deixavam óbvia a frustração que sentiam com Frentis, em particular Barkus, Nortah parecia ter paciência em abundância.

— Bom — disse ele, quando Frentis conseguiu mandar a flecha a menos de um metro do alvo. — Tente empurrar a vara ao mesmo tempo em que puxa a corda, e o arco vai se curvar com mais facilidade.

Foi graças a Nortah que Frentis pôde começar o

treinamento como o único garoto a acertar o alvo durante seu primeiro treino formal.

— Não posso ficar com vocês? — perguntara Frentis na véspera de se mudar para o quarto que dividiria com seu grupo.

— Você precisa ficar em um grupo — respondeu Vaelin. Eles estavam no canil, observando Arranhão, que estava de guarda sobre sua cadela prenha. Ninguém mais podia chegar perto da baia agora; a condição de sua parceira o tornara um protetor violento, e mesmo Mestre Chekril era capaz de provocar um ataque caso chegasse muito perto.

— Por quê? — perguntou Frentis, o lamento em sua voz um pouco diminuído, mas ainda perceptível.

— Porque não podemos ficar com você durante seu treinamento — disse Vaelin. — Você encontrará irmãos entre os garotos que vai conhecer amanhã. Juntos, vocês se ajudarão a enfrentar os testes. É como as coisas são feitas na Ordem.

— E se eles não gostarem de mim?

— Gostar e desgostar têm pouco significado aqui. O laço que nos une vai além da amizade. — Deu um cutucão em Frentis. — Não se preocupe. Você já sabe mais do que eles. Vão procurá-lo para que os guie, só não fique convencido por causa disso.

— Você e os outros ainda vão me ensinar?

Vaelin sacudiu a cabeça.

— Você estará sob os cuidados de Mestre Haunlin. Ele o ensinará agora. Não podemos interferir. Ele é um homem justo e econômico com a vara, desde que não o provoque. Obedeça-o.

— Ainda vou poder roubar para vocês?

Isso era algo que Vaelin não havia considerado. A habilidade natural de Frentis em adquirir itens de valor considerável faria muita falta. Estavam agora repletos de roupas extras, dinheiro, talismãs, facas e incontáveis

outros objetos que tornavam a vida na Ordem um pouco mais confortável. Fiel a sua palavra, o menino jamais fora pego, embora os outros garotos não demorassem a ligar a chegada de Frentis ao aumento de bens desaparecidos, o que levou a uma briga particularmente sangrenta no salão de jantar certa noite. Felizmente, tinham agora tanto a destreza quanto a força para se defenderem, mesmo dos garotos mais velhos, e o incidente não se repetiu, embora Mestre Sollis tenha dito a Vaelin para fazer com que Frentis sossegasse por um tempo.

— Você vai ter que roubar para seu próprio grupo agora — disse Vaelin, não sem lamentar. — Mas pode fazer trocas conosco.

— Achei que eu não poderia falar com vocês agora.

— Ainda podemos conversar. Vamos combinar de nos encontrar aqui nas vésperas de eltrian.

— Mestre Chekril vai me deixar ficar com um dos filhotes?

Vaelin olhou para Arranhão, notando a hostilidade cautelosa no olhar do cão e a tensão da postura, ciente que mesmo ele ganharia uma ou duas mordidas se tentasse entrar na baia.

— Acho que não é Mestre Chekril quem decide isso.

CAPÍTULO DOIS

O Teste da Luta ocorreu após o festival de fim do inverno, em meados do mês de weslin. As espadas foram trocadas por lâminas de madeira e os garotos foram divididos, junto com os cerca de cinquenta outros garotos da mesma idade, em dois contingentes iguais. No campo de treinamento, uma lança adornada com uma flâmula vermelha foi enfiada na terra dura de geada. Vaelin ficou surpreso ao ver os outros mestres parados na beira do campo, até mesmo Mestre Jestin, que raramente era visto fora da forja.

— A guerra é nossa incumbência sagrada — disse-lhes o Aspecto quando foram enfileirados diante dele. — É a razão para a existência da Ordem. Lutamos em defesa da Fé e do Reino. Hoje vocês lutarão uma batalha. Um contingente tentará capturar aquela flâmula, outro a defenderá. Os mestres observarão a batalha. Qualquer irmão que não mostrar coragem e habilidade suficientes em batalha terá de partir pela manhã. Lutem bem, lembrem-se de suas lições. Golpes mortais não são permitidos.

Enquanto o Aspecto deixava o campo, os dois contingentes se olharam com uma mistura de ansiedade e entusiasmo. Todos eles sabiam o que aquilo significava; com ou sem golpes mortais e espadas de madeira, este seria um dia sangrento.

Mestre Sollis adiantou-se e entregou ao contingente de Vaelin uma porção de faixas vermelhas e mandou que as amarrassem no braço esquerdo. Perto dali, Mestre Haunlin entregava faixas brancas aos inimigos

nominais dos vermelhos.

— Vocês vão atacar, os brancos vão defender — disse Sollis. — A batalha termina quando um de vocês colocar as mãos na lança.

Enquanto seus inimigos de faixas brancas marchavam para se posicionarem em uma espécie de fileira diante da lança, Vaelin viu o Aspecto cumprimentar três espectadores desconhecidos. Havia dois homens, um alto e grande, o outro esguio e rijo, com longos cabelos negros que ondulavam ao vento. A terceira figura era pequena, envolta em peles, e agarrava-se ao corpo do homem alto.

— Quem é aquele, mestre? — perguntou Vaelin quando Sollis entregou-lhe uma faixa, mas este claramente não era um dia para perguntas.

— Preocupe-se com o teste, garoto! — Sollis, irritado, deu-lhe uma bofetada no lado da cabeça. — A distração o matará hoje.

Depois que todos haviam amarrado as faixas nos braços, ficaram encarando os defensores a cerca de cem metros de distância. O número de garotos do contingente parecia ter aumentado, de algum modo.

— O que vamos fazer, Vaelin? — perguntou Dentos, olhando ansioso para ele.

Vaelin estava prestes a dar de ombros quando notou que todos o olhavam, aguardando, não só os garotos de seu grupo, mas todos eles. Nortah era a única exceção, jogando distraído a espada de madeira para o alto e tornando a pegá-la. Ele parecia entediado. Vaelin esforçou-se para formular um plano; haviam lhes ensinado combate, mas não táticas. Ouvira a respeito de manobras de flanqueamento e ataques frontais, mas não tinha realmente ideia de como funcionavam. A maioria das histórias de batalhas que conhecia dizia respeito a irmãos heroicos que se saíam vitoriosos devido a esforços individuais, e mesmo assim

geralmente estavam tentando atacar as muralhas de uma cidade ou defender uma ponte, não capturar uma lança. *A lança... Qual é o valor de uma lança?*

— Vaelin? — perguntou Caenis.

— Isso não é uma batalha de fato — disse Vaelin, pensando em voz alta.

— O quê?

Batalhas não terminam quando um homem coloca as mãos em uma lança; terminam quando um exército destrói o outro. Por isso que é chamado de Teste da Luta. Eles querem nos ver lutar, só isso. A lança não significa nada.

— Vamos direto para cima deles — disse ele, erguendo a voz, tentando soar confiante e decidido. — Vamos atacar com tudo o centro da fileira. Se a rompermos, a lança será nossa.

— Não é bem um estratagema sutil, irmão — observou Nortah.

— Quer liderar o ataque?

Nortah inclinou a cabeça, sorrindo.

— Nem em sonho. Tenho certeza que seu plano é bom.

— Alinhem-se — ordenou Vaelin. — Fiquem juntos. Barkus, você fica na frente comigo, e você, Nortah. Vocês dois também. — Escolheu dois dos garotos mais fortes que ele sabia que eram mais agressivos do que a maioria. — Caenis, Dentos, fiquem perto, mantenham eles afastados quando corrermos para a lança. O resto de vocês ouviu o que o Aspecto disse. Se não quiserem receber suas moedas pela manhã, vão para lá, escolham um oponente e o derrubem, e depois que fizerem isso encontrem outro.

A vibração o surpreendeu, um urro dissonante pontuado por uma pequena floresta de espadas de madeiras erguidas no alto. Vaelin juntou-se a eles, sacudindo a espada, gritando e sentindo-se ridículo.

Surpreendentemente, os garotos gritaram ainda mais alto, e alguns até começaram a gritar seu nome.

Vaelin os manteve gritando quando começaram a avançar, a princípio caminhando. Os quase duzentos metros até o inimigo pareceram encurtar em algumas piscadas de olhos.

— Vaelin! Vaelin!

Começou a apertar o passo, esperando poupar o máximo de energia possível para a luta.

— Vaelin! Vaelin!

Alguns dos garotos estavam quase berrando agora, Caenis entre eles. O passo começou a acelerar quando atravessaram mais da metade da distância até o inimigo. Aparentemente seu pequeno exército estava ansioso para atracar-se com os oponentes, e alguns deles começaram a correr.

— Esperem! — gritou Vaelin. — Fiquem juntos!

— Vaelin! Vaelin!

Olhou em volta, vendo rostos distorcidos pela fúria. *Medo*, compreendeu. *Escondem o medo com a fúria.* Ele não se sentia furioso. Na verdade, sua maior preocupação era não ganhar outra cicatriz. Havia removido há pouco os pontos da última, um corte fundo na coxa, conseguido com um tombo feio enquanto cavalgava.

— Vaelin! Vaelin!

Estavam todos correndo agora, a formação começava a se desfazer. Dentos, apesar das instruções, estava mais adiante, gritando com fervor ensandecido.

Ah, pelo amor da Fé! Vaelin saiu em disparada, apontando a espada para o meio da linha inimiga.

— Atacar! ATACAR...

Os dois grupos se encontraram com uma força esmagadora; Vaelin sentiu como se tivesse dado uma ombrada em uma árvore, embora tivesse conseguido derrubar dois defensores. A princípio, parecia que o

choque da investida abriria à força um caminho direto até a lança, quando cinco ou seis defensores foram ao chão diante do peso combinado, com Barkus pisoteando os corpos derrubados para correr até a flâmula. Contudo, os oponentes se recompuseram sem demora, e em pouco tempo ambos os lados estavam atacando com uma selvageria que ninguém vira até então. Vaelin se viu atacado por dois garotos ao mesmo tempo, ambos brandindo as espadas de freixo com uma ferocidade que fez com que esquecessem muitas das lições. Vaelin aparou um golpe, desviou de outro e revidou atingindo as pernas de um garoto, derrubando-o. O outro tentou uma estocada em Vaelin, mas esticou demais o braço, permitindo a Vaelin que lhe prendesse o braço da espada debaixo do seu e o fizesse cambalear para trás com uma cabeçada.

Ficava cada vez mais difícil acompanhar a série de acontecimentos à medida que a batalha prosseguia e o ar era tomado pela mistura cacofônica de madeira quebrando e gemidos de dor; o tempo parecia se fragmentar, o conflito tornando-se uma série de lutas confusas e machucados, no qual Vaelin tinha apenas os vislumbres mais vagos dos companheiros. Barkus brandia a espada a esmo, os golpes dados com as duas mãos atingindo com um baque terrível aqueles que cometiam o erro de chegar perto demais. Dentos, com a testa ensanguentada, perdera a espada e trocava socos com um garoto mais alto trinta centímetros ou mais, e parecia estar ganhando. Caenis pulou nas costas de um oponente e começou a estrangulá-lo com a espada, forçando-o para o chão antes que a bota de um dos defensores o acertasse na cabeça, fazendo-o desabar. Vaelin lutou para chegar até ele, abrindo caminho a golpes pelos garotos engalfinhados, e encontrou Caenis de costas no chão bloqueando desesperado os golpes do garoto que tentara estrangular. Vaelin chutou o

garoto na barriga e atingiu-o na têmpora com a espada, fazendo-o tombar no chão, onde permaneceu pelo resto da batalha.

— Aproveitando a glória da batalha, irmão? — perguntou a Caenis, curvando-se e estendendo a mão para ajudá-lo a levantar.

— Abaixe! — gritou Caenis.

Vaelin botou um joelho no chão e sentiu o deslocamento de ar de uma espada que lhe errou a cabeça por pouco. Girou nos calcanhares, esticando a perna para dar uma rasteira no atacante, acertando-lhe o nariz com a espada enquanto caía. Depois disso, os dois garotos lutaram juntos, de costas um para o outro, tropeçando em companheiros e inimigos desacordados ou feridos, até ficarem a poucos metros da lança. Um dos defensores, percebendo uma última oportunidade para demonstrar sua coragem, precipitou-se sobre eles, gritando e golpeando. Caenis bloqueou a primeira investida e Vaelin mandou-o ao chão com um golpe no ombro que o fez retrair-se com o som audível de osso sendo quebrado.

E então acabou; não havia mais inimigos, ninguém para enfrentar. Apenas garotos gemendo que tropeçavam e rolavam para o chão em meio aos irmãos imóveis e Nortah parado com a lança nas mãos, o sangue escorrendo de feridas na cabeça e no rosto. Sorriu quando Vaelin se aproximou, uma gota grossa e escarlate acumulando-se no corte que tinha no lábio.

— Foi um bom plano, irmão.

Vaelin o amparou quando o garoto se desequilibrou, sentindo-se mais cansado do que podia lembrar; os braços pareciam chumbo e, como consequência da violência, sentia-se enjoado. Percebeu que não fazia ideia de quanto tempo a batalha durara. Podia ter sido uma hora ou alguns minutos. Era como despertar de um pesadelo particularmente extenuante. Ficou aliviado ao

ver que Barkus e Dentos estavam entre os dez garotos que restavam de pé, embora Dentos só conseguisse permanecer ereto devido à mão grande de Barkus em seu pescoço.

— O que disse, irmão? — disse em voz alta para que os mestres ouvissem, inclinando-se como que para ouvir as palavras de Dentos, apesar de o garoto parecer não ter condições de falar no momento. — Sim! Uma bela luta, sem dúvida!

— O teste está terminado! — Mestre Sollis estava atravessando o campo. — Ajudem a levar os feridos para a enfermaria. Deixem os desacordados onde estão, os mestres cuidarão deles.

— Venha — disse Vaelin a Nortah. — Vamos dar um jeito de remendar você.

— Isso seria bom — disse Nortah. — Mas não tenho certeza se consigo caminhar. — Tornou a perder o equilíbrio e Vaelin teve de ampará-lo. Juntos, ele e Caenis o ajudaram a deixar o campo, ainda agarrado à lança. Barkus foi atrás, com Dentos pendurado nos braços, os pés sendo arrastados pela terra.

— Irmão Vaelin. — Era o Aspecto, parado ao lado dos três desconhecidos.

Vaelin parou, lutando para impedir que Nortah caísse.

— Aspecto.

— Nossos convidados pediram para conhecê-lo. — O Aspecto gesticulou para os três desconhecidos. Vaelin agora podia ver claramente a figura mais baixa, uma garota, enrolada em peles negras como as do homem alto, cujo braço agarrava. Ela tinha mais ou menos a sua idade, mas era pequena, de pele clara e cabelos negros... e muito bonita. A garota mal pareceu notá-lo, com os olhos fixos na figura semiconsciente de Nortah. Vaelin não tinha certeza se a expressão dela era de admiração ou medo.

— Irmão Vaelin, este é Vanos Al Myrna — disse o

Aspecto. O homem alto deu um passo à frente e estendeu a mão. Vaelin apertou-a desajeitado, quase deixando Nortah cair no chão. Caenis retesou-se ao ouvir o nome do homem alto, mas para Vaelin não significava muita coisa. Tinha uma vaga lembrança do pai mencionando o nome à mãe, pouco antes de ser apontado Senhor da Batalha, mas Vaelin não conseguia lembrar-se do que se tratava a discussão.

— Conheci seu pai — disse Vanos Al Myrna a Vaelin.

— Eu não tenho pai — respondeu Vaelin automaticamente.

— Mostre algum respeito a Lorde Vanos, Vaelin — disse o Aspecto, com um leve sorriso nos lábios. — Ele é um Espada do Reino e Senhor da Torre dos Confins do Norte. Ele nos honra com sua presença.

Vaelin viu a sombra de um sorriso passar pelos lábios de Vanos Al Myrna.

— Você lutou bem — disse ele.

Vaelin fez sinal com a cabeça para Nortah.

— Meu irmão lutou melhor, pegou a lança.

Al Myrna observou Nortah por um segundo e Vaelin percebeu que o homem também conhecera o pai dele.

— Este garoto luta sem medo. Nem sempre esse é um traço desejável em um soldado.

— Nenhum de nós sente medo a serviço da Fé, meu senhor. *Essa foi uma boa resposta*, julgou. *Queria que não fosse uma mentira.*

O Senhor da Torre virou-se e fez sinal para o homem esguio de cabelo comprido. Ele tinha tons similares aos da garota, pele branca e cabelo negro, mas o rosto era diferente, maçãs do rosto elevadas e um nariz aquilino.

— Este é meu amigo Hera Drakil, dos seordah sil.

Seordah. Vaelin jamais imaginou que veria um seordah com os próprios olhos. Era um povo verdadeiramente misterioso que, diziam, jamais deixava a proteção da Grande Floresta do Norte e que

evitava forasteiros. Eram os seordah sil que faziam da floresta um lugar de mistérios sombrios para o povo do Reino, que raramente arriscava-se a caminhar sob aquelas árvores. Abundavam histórias de viajantes infelizes que entraram na floresta e jamais retornaram.

Hera Drakil cumprimentou Vaelin com um aceno de cabeça e uma expressão indecifrável no rosto.

— E esta — Lorde Vanos empurrou a garota a seu lado um pouco para frente, provocando um sorriso pesaroso — é minha filha, Dahrena.

A garota voltou o sorriso para Vaelin, que se perguntou por que as palmas de suas mãos começaram a suar de repente.

— Irmão. Parece que você é o único ileso.

Vaelin percebeu que ela tinha razão; sentia dores por todo o corpo, que sem dúvida doeria muito mais pela manhã, mas não tinha um corte sequer.

— A sorte me sorri, minha senhora.

Dahrena tornou a olhar para Nortah, com uma expressão preocupada.

— Ele ficará bem?

— Ele está bem — disse Caenis, em um tom que Vaelin achou um pouco brusco.

Nortah levantou a cabeça e encarou a garota com um olhar turvo, franzindo o cenho, confuso.

— Você é lonak — disse ele, a cabeça girando na direção de Vaelin. — Estamos no norte?

— Calma, irmão. — Vaelin deu-lhe um tapinha no ombro e ficou aliviado quando a cabeça de Nortah voltou a pender para frente. — Meu irmão está desorientado — disse à garota. — Minhas desculpas.

— Pelo o quê? Eu sou lonak. — Virou-se para o Aspecto. — Tenho algumas habilidades de cura. Se eu puder ajudar de alguma forma...

— Temos um médico muito competente, minha senhora — respondeu o Aspecto. — Mas agradeço por

sua preocupação. Agora, devemos ir a meus aposentos e deixar que estes irmãos cuidem de seus companheiros.

Virou-se e seguiu na direção do torreão, seguido pelo Senhor da Torre, mas os outros se demoraram por um momento. Hera Drakil encarou-os longamente, os olhos indo de Dentos, jogado nos braços de Barkus, para o nariz ensanguentado de Caenis e o corpo mole de Nortah, a expressão enigmática transformando-se em uma de náusea evidente.

— *Il Lonakhim hearin mar durolin* — disse ele com tristeza, e afastou-se.

A garota, Dahrena, pareceu embaraçada pelas palavras e lhes deu um rápido olhar de despedida antes de se virar para seguir os dois homens.

— O que ele disse? — perguntou Vaelin, fazendo-a parar.

Ela hesitou e Vaelin imaginou se Dahrena alegaria não saber a língua seordah, mas o garoto sabia que ela havia compreendido as palavras.

— Ele disse, "os lonaks tratam melhor seus cães".

— E tratam?

A boca da garota se comprimiu um pouco e Vaelin a viu franzir o cenho irritada antes de lhe dar as costas.

— Suponho que sim.

Nortah tornou a erguer a cabeça e sorriu para Vaelin.

— Ela é bonita — disse antes de finalmente desmaiar.

— E como é que o Senhor da Torre dos Confins do Norte tem uma lonak como filha? — perguntou Vaelin a Caenis.

Estavam caminhando na muralha, no turno depois da meia-noite; uma das desvantagens de completar quatro anos na Ordem era ter que ficar de guarda regularmente. Com tantos garotos na enfermaria ou

feridos demais para ficarem de serviço — Barkus entre eles —, havia pouca gente na muralha aquela noite. Barkus esperara até estarem de volta no quarto antes de revelar um corte profundo que lhe atravessava as costas.

— Acho que alguém enfiou um prego na espada — gemeu ele.

Colocaram Nortah na cama e o limparam o melhor que puderam. Por sorte seus cortes não eram graves o bastante para precisarem de pontos, e os garotos decidiram que o melhor a se fazer era enfaixar sua cabeça e deixá-lo dormir até se recuperar. Dentos estava em pior estado, com o nariz aparentemente quebrado de novo, além de perder e recobrar alternadamente a consciência. Vaelin concluiu que era melhor que o garoto fosse para a enfermaria com Barkus, cujo ferimento estava além da capacidade deles de dar pontos. Dentos foi colocado em uma cama por um Mestre Henthal incomodado, e Barkus pôde ir embora após o corte receber os pontos e uma camada de óleo de corr, uma proteção nauseabunda, mas eficaz contra infecção. Deixaram-no de olho em Nortah para assumirem os postos na muralha.

— Vanos Al Myrna não é um homem fácil de se entender — disse Caenis. — Mas a deslealdade sempre foi algo difícil de ser compreendida.

— Deslealdade?

— Ele foi banido para os Confins do Norte há doze anos. Ninguém sabe ao certo por que, mas dizem que ele questionou a Palavra do Rei. Ele era Senhor da Batalha na época e o Rei Janus pode ser bondoso e justo, mas não podia tolerar deslealdade de alguém com posição tão elevada na corte.

— E, ainda assim, ele está aqui.

Caenis encolheu os ombros.

— O Rei é famoso por seu perdão. E tem havido

rumores de uma grande batalha no norte, para além da floresta e das planícies. Al Myrna supostamente derrotou um exército de bárbaros que cruzaram o gelo. Devo confessar que não acreditei muito nisso, mas talvez ele esteja aqui para fazer um relato da vitória ao Rei.

Ele foi Senhor da Batalha antes de meu pai, percebeu Vaelin. Lembrava-se agora, embora fosse muito novo na época. Seu pai voltara para casa e contara a sua mãe que seria Senhor da Batalha. Ela fora para o quarto e chorou.

— E a filha dele? — perguntou Vaelin, tentando desfazer-se da lembrança.

— Uma lonak abandonada, pelo que dizem. Ele a encontrou perdida na floresta. Aparentemente os seordah permitem que ele ande por lá.

— Devem tê-lo em alta estima.

Caenis desdenhou.

— A estima de selvagens tem pouco valor, irmão.

— O seordah que estava com Al Myrna parece ter pouco respeito por nossos métodos. Talvez para ele nós é que somos os selvagens.

— Você dá valor demais às palavras dele. A Ordem é da Fé e a Fé não pode ser julgada por alguém como ele. Mas confesso que estou curioso sobre o motivo que trouxe o Senhor da Torre aqui para ficar nos encarando.

— Não acho que seja por isso que ele tenha vindo. Suspeito que ele tivesse assuntos a tratar com o Aspecto.

Caenis lançou-lhe um olhar agudo.

— Assuntos? O que eles teriam para discutir?

— Você não pode estar completamente alheio às notícias do mundo do lado de fora dessas muralhas, Caenis. O Senhor da Batalha deixou seu posto, o Ministro do Rei foi executado. E agora o Senhor da Torre vem para o sul. Tudo isso deve significar algo.

— Este sempre foi um reino agitado. É por isso que ele é tão rico em histórias.

Histórias de guerra, pensou Vaelin.

— Talvez Al Myrna tenha outra razão para vir até aqui — prosseguiu Caenis. — Uma razão pessoal.

— Tal como...?

— Ele disse que o Senhor da Batalha e ele haviam sido companheiros. Talvez ele quisesse ver seu progresso.

Meu pai o enviou aqui para me ver?, pensou Vaelin consigo mesmo. *Por quê? Para ver se eu ainda estou vivo? Ver o quanto cresci? Para contar minhas cicatrizes?* Teve de reprimir a mágoa familiar que se acumulava em seu peito. *Por que odiar um estranho? Eu não tenho pai para odiar.*

CAPÍTULO TRÊS

Apenas dois garotos receberam suas moedas pela manhã, ambos tendo mostrado covardia ou uma falta crônica de habilidade durante a batalha. Para Vaelin parecia que o resultado não valera todo o sangue derramado e os ossos quebrados durante o teste, mas a Ordem jamais questionava seus rituais — eram da Fé, afinal de contas. Nortah recuperou-se depressa, assim como Dentos, embora Barkus fosse ter uma cicatriz grande nas costas pelo resto da vida.

O treinamento dos garotos tornava-se mais especializado à medida que o frio do inverno aumentava. Os golpes de espada de Mestre Sollis adquiriram uma complexidade intimidadora, e as lições com a alabarda começaram a enfatizar a disciplina da ordem-unida. Foram ensinados a marchar e fazer manobras em companhias, aprendendo os muitos comandos que transformavam um grupo de indivíduos em uma fileira de batalha disciplinada. Era uma habilidade difícil de ser aprendida e muitos garotos receberam varadas por não saberem distinguir direita de esquerda ou por marcharem fora do ritmo. Foram necessários vários meses de treinamento árduo para que sentissem que realmente sabiam o que estavam fazendo, e mais uns dois meses até os mestres parecerem satisfeitos com seus esforços. No decorrer de toda essa etapa os garotos precisaram dar continuidade às práticas de montaria, cuja maior parte tinha de ser realizada durante as horas de crepúsculo cada vez mais curtas. Encontraram sua própria pista de corrida, uma

trilha de mais de seis quilômetros ao longo da margem do rio e em volta da muralha externa, que abrangia solos irregulares e obstáculos suficientes para atender os padrões exigentes de Mestre Rensial. Foi durante uma dessas corridas ao anoitecer que Vaelin encontrou a menina.

Ele havia calculado mal o pulo sobre um tronco de bétula caído e Cuspe, com má vontade característica, empinara, derrubando-o da sela e fazendo-o cair dolorosamente na terra congelada. Vaelin ouviu os outros rindo ao afastarem-se a galope.

— Seu pangaré maldito! — gritou Vaelin, levantando-se e esfregando o traseiro dolorido. — Você só serve para virar sebo.

Cuspe arreganhou os dentes com desdém e raspou um casco no chão antes de sair trotando para mastigar sem muito sucesso alguns arbustos. Em um de seus momentos mais coerentes, Mestre Rensial os advertira quanto a atribuir sentimentos humanos a um animal que tinha um cérebro do tamanho de uma maçã. “Cavalos condoem-se apenas de outros cavalos”, disse-lhes o mestre. “Não nos compete conhecermos suas preocupações e desejos, assim como eles não podem saber o que se passa pela cabeça de um homem”. Ao ver Cuspe mostrando-lhe o traseiro, Vaelin pensou que, se aquilo era verdade, então seu cavalo tinha uma capacidade espantosa de projetar a qualidade humana da indiferença.

— Seu cavalo não gosta muito de você.

Seus olhos a encontraram rapidamente, as mãos moveram-se de forma involuntária até as armas. Ela tinha cerca de dez anos e estava enrolada em peles para se proteger do frio, o rosto pálido esticado para olhar o garoto com óbvia curiosidade. A menina saíra de trás de um carvalho grosso, as mãos enluvadas segurando um punhado de flores amarelas que Vaelin

reconheceu como invernálias. Cresciam nas matas ao redor e às vezes pessoas da cidade vinham colhê-las. Vaelin não compreendia o porquê, uma vez que Mestre Hutril dissera que elas não serviam como remédio ou alimento.

— Acho que ele preferia estar nas planícies — disse Vaelin, andando até o tronco de bétula caído e sentando para ajustar o boldrié.

Para sua surpresa, a menina se aproximou e sentou-se a seu lado.

— Meu nome é Alornis — disse ela. — O seu é Vaelin Al Sorna.

— Está correta. — Estava se acostumando a ser reconhecido desde a Feira de Verão, atraindo olhares e dedos apontados sempre que se aventurava perto da cidade.

— Mamãe disse que eu não devia falar com você — continuou Alornis.

— É mesmo? Por quê?

— Não sei. Acho que papai não iria gostar.

— Então talvez você não deva falar comigo.

— Oh, nem sempre faço o que me mandam. Sou uma menina má. Não faço coisas de garotas.

Vaelin se pegou sorrindo.

— E o que são essas coisas?

— Não costuro e não gosto de bonecas e faço coisas que não deveria fazer e desenho coisas que não deveria desenhar e faço coisas mais inteligentes do que os meninos e faço eles se sentirem estúpidos.

Vaelin estava prestes a rir, mas notou a seriedade no rosto da menina. Parecia que ela o examinava, os olhos percorrendo-lhe a face. Era algo que deveria lhe causar desconforto, mas acabou achando estranhamente cativante.

— Invernálias — disse ele, indicando as flores com a cabeça. — Você deveria colhê-las?

— Ah, sim. Vou desenhá-las e escrever o que são. Tenho um livro grande de flores que desenhei. Papai me ensinou os nomes. Ele sabe um monte sobre flores e plantas. Você sabe coisas sobre flores e plantas?

— Um pouco. Sei quais são venenosas, quais são úteis para cura ou para se comer.

Ela olhou com o cenho franzido para as flores que tinha nas luvas.

— Essas são de comer?

Vaelin sacudiu a cabeça.

— Não, nem de usar para cura. Na verdade, não servem para muita coisa.

— Elas são parte da beleza da natureza — disse a menina, uma pequena linha aparecendo na testa lisa. — Isso faz elas servirem para alguma coisa.

Vaelin riu dessa vez, não conseguindo evitar.

— É verdade. — Olhou ao redor, à procura de sinais dos pais da menina. — Você não está sozinha aqui, está?

— Mamãe está na floresta. Me escondi atrás daquele carvalho para poder vê-lo quando passasse. Foi muito engraçado quando você caiu.

Vaelin olhou para Cuspe, que virou ardilosamente a cabeça para o outro lado.

— Meu cavalo também achou.

— Qual o nome dele?

— Cuspe.

— Que nome feio.

— Ele também é, mas tenho um cão que é ainda mais feio.

— Ouvi falar do seu cão. É tão grande quanto um cavalo e você o domou depois de lutar com ele por um dia e uma noite durante o Teste da Natureza. Ouvi outras histórias também. Eu as escrevi, mas tenho que esconder o livro da mamãe e do papai. Ouvi que você derrotou dez homens sozinho e que foi escolhido para

ser o próximo Aspecto da Sexta Ordem.

Dez homens? Da última vez que ouvi, foram sete. Quando eu tiver trinta anos, serão cem.

— Foram quatro — informou-lhe Vaelin —, e eu não estava sozinho. E o próximo Aspecto não pode ser escolhido até a morte ou renúncia do Aspecto atual. E meu cão não é tão grande quanto um cavalo, nem lutei com ele um dia e uma noite. Se lutasse com ele por cinco minutos, eu perderia.

— Oh. — A menina parecia um pouco desapontada. — Vou ter que arrumar o meu livro.

— Desculpe.

Ela encolheu os ombros.

— Quando eu era pequena, mamãe disse que você moraria conosco e seria meu irmão, mas você não foi. Papai ficou muito triste.

A onda de perplexidade que atingiu Vaelin foi atordoante. Por um momento o mundo pareceu rodar à sua volta, o chão balançou, ameaçando derrubá-lo.

— O quê?

— ALORNIS! — Uma mulher vinha correndo na direção deles saída da floresta, uma mulher bonita de cabelos negros cacheados e um manto de lã simples. — Alornis, venha aqui!

A menina fez uma careta de desagrado.

— Agora ela vai me levar embora.

— Sinto muito, irmão — disse a mulher sem fôlego ao se aproximar, agarrando a mão da menina e puxando-a para perto. Apesar da agitação evidente da mulher, Vaelin notou a ternura com que tratava a menina, abraçando-a de maneira protetora. — Minha filha é muito curiosa. Espero que ela não o tenha importunado muito.

— O nome dela é Alornis? — perguntou-lhe Vaelin, a perplexidade dando lugar a um torpor gélido.

A mulher apertou os braços em volta da menina.

— Sim.
— E seu nome, senhora?
— Hilla. — Ela forçou um sorriso. — Hilla Justil.
Não significava nada para ele. *Não conheço essa mulher.* Viu algo na expressão dela, algo além de preocupação com a filha. *Reconhecimento. Ela conhece meu rosto.* Vaelin olhou para a menina, examinando-lhe o rosto com cuidado. *Bonita, como a mãe, mesmo maxilar, mesmo nariz... olhos diferentes. Olhos escuros.* A compreensão veio-lhe com a força de uma ventania glacial, desfazendo o torpor, substituindo-o por algo frio e firme.
— Quantos anos você tem, Alornis?
— Dez e oito meses — respondeu ela de pronto.
— Quase onze, então. Eu tinha onze quando meu pai me trouxe aqui. — Percebeu que a menina estava de mãos vazias e viu que ela derrubara as flores. — Sempre me perguntei por que ele fez isso. — Abaixou-se para juntar as invernálias, tendo cuidado para não quebrar os caules, adiantou-se e agachou-se diante de Alornis. — Não se esqueça delas. — Sorriu-lhe e ela retribuiu o sorriso. Vaelin tentou gravar na mente a imagem do rosto da menina.
— Irmão... — começou Hilla.
— É melhor vocês não se demorarem aqui. — Endireitou-se e aproximou-se de Cuspe, agarrando com firmeza as rédeas. O cavalo claramente notou o estado de espírito de Vaelin, pois permitiu que fosse montado sem complicações. — Essas matas podem ser traiçoeiras no inverno. É melhor procurarem flores em outro lugar no futuro.
Observou Hilla agarrada à filha e tentando dominar o medo.
— Obrigada, irmão — disse ela por fim. — Vamos procurar.
Vaelin permitiu-se uma última olhada em Alornis antes

de afastar-se a galope. Dessa vez o cavalo saltou sobre o tronco sem a menor hesitação e saíram a tropel pela floresta, deixando a garota e sua mãe para trás.

Sempre me perguntei por que ele fez isso. Agora eu sei.

Passaram-se os meses; o gelo do inverno deu lugar ao degelo da primavera e Vaelin não falava mais do que o necessário. Ele treinou, assistiu ao nascimento dos filhotes de Arranhão, escutou as histórias alegres de Frentis sobre a vida na Ordem, cavalgou seu cavalo irascível e não falou quase nada. Estava sempre lá, a frieza, o vazio entorpecente deixado pelo encontro com Alornis. O rosto da menina permanecia em sua mente, seu feitio, os olhos escuros. *Dez e oito meses...* Sua mãe morrera há quase cinco anos. *Dez e oito meses.*

Caenis tentava falar com ele, procurando fazê-lo se abrir com uma de suas histórias, a da Batalha da Floresta Urlish, onde os exércitos de Renfael e Asrael travaram um conflito sangrento durante um dia e uma noite. Foi antes de o Reino ser formado, quando Janus era um lorde e não um rei, quando os quatro Feudos do Reino eram divididos e lutavam entre si como gatos em um saco. Mas Janus os uniu, com a sabedoria de suas palavras e o fio de sua espada, e o poder de sua Fé. Foi isso que fez a Sexta Ordem entrar na batalha: a visão de um Reino governado por um rei que colocava a Fé antes de todas as outras coisas. Foi a investida da Sexta Ordem que rompeu as fileiras renfaelinas e obteve a vitória. Vaelin escutou a tudo sem comentar. Já ouvira a história antes.

— ... e quando levaram o renfaelino Lorde Theros à presença do Rei, ferido e acorrentado, berrou em desafio e exigiu ser morto em vez de ajoelhar-se diante de um fedelho arrivista. O Rei Janus surpreendeu a

todos ao rir. “Não preciso que se ajoelhe, irmão”, disse ele. “Tampouco preciso que morra. Você seria de pouca serventia a esse Reino morto”. E Lorde Theros respondeu...

— “Seu Reino é o sonho de um louco” — interrompeu Vaelin. — E o Rei tornou a rir e eles passaram um dia e uma noite discutindo, até que a discussão tornou-se troca de ideias e finalmente Lorde Theros compreendeu a sabedoria das ações do Rei. Desde então ele tem sido o vassalo mais leal ao Rei Janus.

Uma expressão de tristeza apareceu no rosto de Caenis.

— Eu já lhe contei essa história.

— Uma ou duas vezes. — Estavam perto do rio, observando Frentis e seu grupo de garotos brincarem com os filhotes de Arranhão. A cadela dera à luz a seis, quatro machos e duas fêmeas, inofensivas bolas de pelo molhado quando ela os lambera no chão do canil. Cresceram depressa e já tinham a metade do tamanho de um cão normal, embora pulassem e tropeçassem nas próprias patas como todos os filhotes. Frentis tivera permissão para dar nome a todos, mas suas escolhas se mostraram pouco criativas.

— Retalhador! — gritou o garoto para seu filhote favorito, o maior da ninhada, sacudindo um graveto. — Aqui, garoto!

— Qual o problema, irmão? — perguntou Caenis. — De onde vem esse silêncio?

Vaelin ficou olhando Frentis ser derrubado por Retalhador e dar risada enquanto o filhote lhe babava o rosto.

— Ele adora este lugar — comentou.

— A Ordem sem dúvida tem sido boa para ele — concordou Caenis. — Parece ter crescido mais de trinta centímetros desde que chegou e aprende depressa. Os mestres gostam dele, já que nunca precisam lhe dizer

duas vezes alguma coisa. Acho que ele ainda não levou uma varada sequer.

— Fico pensando em como era a vida dele para que consiga amar um lugar como este. — Virou-se para Caenis. — Ele escolheu estar aqui. Ao contrário do resto de nós. Ele escolheu isto. Não foi empurrado pelo portão por um pai que não o ama.

Caenis aproximou-me e abaixou a voz.

— Seu pai queria você de volta, Vaelin. Deve sempre se lembrar disso. Assim como Frentis, você escolheu ficar aqui.

Dez anos, oito meses... Quando eu era pequena, mamãe disse que você moraria conosco e seria meu irmão... mas você não foi...

— Por quê? Por que ele me queria de volta?

— Arrependimento? Culpa? Por que um homem faz alguma coisa?

— O Aspecto certa vez me disse que minha presença aqui era um símbolo da devoção de meu pai à Fé e ao Reino. Se ele entrou em conflito com o Rei, talvez me tirar daqui simbolizasse o contrário.

A expressão de Caenis ficou sombria.

— Você pensa muito mal dele, irmão. Embora nos ensinem a deixar nossas famílias para trás, é mau presságio um filho odiar o pai.

Dez anos, oito meses...

— É preciso conhecer um homem para odiá-lo.

CAPÍTULO QUATRO

A chegada do verão veio acompanhada da tradicional troca por uma semana de irmãos e irmãs de diferentes Ordens. Eles podiam escolher em que Ordem seriam colocados. Era costumeiro que garotos da Sexta Ordem trocassem de lugar com irmãos da Quarta, a Ordem com qual mais trabalhariam juntos após a confirmação. Porém, Vaelin optou pela Quinta.

— A Quinta? — Mestre Sollis franziu o cenho para o garoto. — A Ordem do Corpo. A Ordem da Cura. Você quer ir para lá?

— Sim, mestre.

— Que raios você acha que pode aprender lá? Aliás, o que você acha que pode oferecer? — Tocou com a vara no dorso da mão de Vaelin, marcada com cicatrizes dos treinamentos e de respingos de metal derretido da forja de Mestre Jestin. — Essas cicatrizes não foram feitas para serem curadas.

— Minhas razões só dizem respeito a mim mesmo, mestre. — Sabia que estava arriscando-se a levar uma varada, mas há muito a perspectiva não o assustava.

Mestre Sollis resmungou e seguiu adiante pela fileira.

— E quanto a você, Nysa? Quer juntar-se ao seu irmão para enxugar a testa dos doentes e fracos?

— Prefiro a Terceira Ordem, mestre.

Sollis encarou-o por um longo tempo.

— Escrevinhadores e colecionadores de livros. — Sacudiu a cabeça.

Barkus e Dentos escolheram a opção segura da Quarta Ordem, enquanto Nortah sentiu um prazer

evidente ao escolher a Segunda.

— A Ordem da Contemplação e Iluminação — disse Sollis, com um tom apático. — Você quer passar uma semana na Ordem da Contemplação e Iluminação?

— Tenho a impressão de que a minha alma se beneficiaria de um período de meditação sobre os grandes mistérios, mestre — respondeu Nortah, mostrando os dentes perfeitos em um sorriso franco. Pela primeira vez em meses Vaelin teve vontade de rir.

— O que você quer dizer é que deseja passar uma semana sentado sem fazer nada — disse Sollis.

— A meditação costuma ser realizada em posição sentada, mestre.

Vaelin riu, não conseguindo evitar. Três horas mais tarde, ao completar a quadragésima volta no campo de treinamento, ainda estava rindo.

— Irmão Vaelin? — O homem de manto cinzento no portão era velho, magro e careca, mas Vaelin se viu incomodado com os dentes do homem, brancos perolados e perfeitos, como os de Nortah, só que com um sorriso genuíno. O irmão idoso estava sozinho, passando um esfregão sobre uma mancha marrom-escuro no pátio de paralelepípedos.

— Vim me apresentar à Aspecto — respondeu Vaelin.

— Sim, fomos informados de sua vinda. — O irmão idoso ergueu a trava do portão e o abriu. — É raro um irmão da Sexta vir estudar conosco.

— Está sozinho, irmão? — perguntou Vaelin, atravessando o portão. — Suponho que em um lugar como este seja grande a necessidade de um guarda.

Ao contrário da Sexta, a Casa da Quinta Ordem situava-se dentro das muralhas da capital, uma grande construção cruciforme que se erguia dos cortiços do quadrante sul, as paredes caiadas um farol brilhante em

meio ao amontoado pardo de casas precárias junto à orla das docas. Vaelin nunca havia estado no quadrante sul, mas logo compreendeu por que a área raramente era frequentada por pessoas que tivessem algo que valesse a pena ser roubado. A intrincada rede de becos sombrios e ruas cheias de lixo criavam amplas oportunidades para emboscadas. Vaelin caminhou com cuidado por entre a imundície, não querendo aparecer na Quinta Ordem com as botas sujas, desviando de formas encolhidas que dormiam sob o efeito do álcool da noite anterior e ignorando os chamados ininteligíveis daqueles que haviam bebido demais ou não o bastante. Aqui e ali algumas prostitutas lhe lançavam olhares desinteressados e não tentaram atrair sua atenção; afinal, os garotos da Ordem não tinham dinheiro.

— Oh, jamais somos incomodados — respondeu-lhe o irmão idoso. Quando o homem fechou o portão, Vaelin notou que não havia fechadura. — Vigio esta casa há mais de dez anos e nunca tivemos problemas.

— Então por que você precisa vigiar o portão?

O irmão idoso olhou intrigado para o garoto.

— Esta é a Ordem da Cura, irmão. Pessoas vêm aqui em busca de ajuda. Alguém precisa recebê-las.

— Oh — disse Vaelin. — É claro.

— Ainda assim, tenho minha velha Bess. — O irmão idoso entrou na pequena construção de tijolos que servia de casa da guarda e voltou com um grande porrete de carvalho. — Por garantia. — Entregou-o a Vaelin, aparentemente esperando a opinião de um especialista.

— É... — Vaelin ergueu o porrete e o brandiu rapidamente antes de devolvê-lo — uma bela arma, irmão.

O velho pareceu satisfeito.

— Eu mesmo o fiz quando a Aspecto colocou-me para vigiar o portão. Minhas mãos ficaram duras demais para

colar ossos ou dar pontos, sabe? — Virou-se e andou depressa na direção da Casa. — Venha, venha, vou levá-lo até a Aspecto.

— Está aqui há muito tempo? — perguntou Vaelin, seguindo-o.

— Apenas uns cinco anos, sem contar o treinamento, é claro. Passei a maior parte do meu serviço nos portos do sul. Posso dizer que não há doença nesse mundo que um marinheiro não possa pegar.

Em vez de levá-lo à porta principal na frente da casa, o irmão idoso conduziu Vaelin até uma entrada lateral. Havia um corredor longo do lado de dentro, sem decoração e com um cheiro forte de algo ao mesmo tempo ácido e doce.

— Vinagre e lavanda — disse o velho, vendo Vaelin franzir o nariz. — Mantém o lugar livre de humores pestilentos.

Ele conduziu Vaelin por numerosos quartos, onde parecia haver pouca coisa além de camas vazias, até uma câmara circular coberta de azulejos brancos de porcelana do chão ao teto. No centro da câmara havia um jovem deitado em uma mesa, nu e contorcendo-se. Dois irmãos corpulentos com mantos cinzentos o seguravam enquanto a Aspecto Elera Al Mendah examinava o ferimento enfaixado de forma grosseira em seu estômago. Os gritos do homem eram sufocados pela tira de couro presa à sua boca. Ao redor da câmara estavam alinhadas fileiras de bancos ascendentes, onde uma plateia de irmãos e irmãs de mantos cinzentos e idades variadas assistiam ao espetáculo. Ouviu-se um ruído de movimento quando voltaram os olhares para Vaelin.

— Aspecto — disse o velho erguendo a voz, o eco dela incrivelmente alto na câmara. — Irmão Vaelin Al Sorna da Sexta Ordem.

A Aspecto Elera tirou os olhos do ferimento do

homem, o rosto sorridente adornado por um respingo de sangue fresco na testa.

— Vaelin, como você cresceu.

— Aspecto — disse Vaelin, com um aceno formal de cabeça. — Coloco-me a seu serviço.

Na mesa, o jovem arqueou as costas, um gemido de dor escapando da mordaça.

— Pode ver que estou ocupada com um caso urgente — disse Elera, pegando uma tesoura de uma mesa ao lado para cortar a bandagem que cobria o ferimento do rapaz. — Este homem foi esfaqueado na barriga nas primeiras horas da manhã. Aparentemente por causa de uma discussão pelas boas graças de uma moça. Devido à quantidade de cerveja e flor rubra que já tem no sangue, não podemos lhe dar mais, para não matá-lo. Assim, precisamos trabalhar enquanto sofre. — Ela largou a tesoura e estendeu a mão. Uma irmã jovem de manto cinzento colocou um instrumento de lâmina longa na palma dela. — Para piorar — continuou a Aspecto Elera —, há o fato de a ponta da lâmina ter quebrado dentro do estômago e precisar ser removida. — Ergueu a cabeça para a plateia nos bancos. — Alguém sabe me dizer por quê?

A maior parte da plateia ergueu uma mão e a Aspecto fez sinal com a cabeça para um homem grisalho na primeira fileira.

— Irmão Innis?

— Infecção, Aspecto — disse o homem. — A lâmina quebrada pode envenenar o ferimento e supurá-lo. Também pode se alojar perto de um vaso sanguíneo ou de um órgão.

— Muito bem, irmão. Logo, devemos examinar o ferimento. — Ela curvou-se sobre o rapaz e abriu os cantos do corte com a mão esquerda, aplicando a sonda com a direita. O grito do rapaz arrancou a mordaça de sua boca e ressoou pela câmara. Elera recuou um

pouco, olhando para os dois irmãos corpulentos que seguravam o rapaz na mesa. — Ele precisa ser segurado com firmeza, irmãos.

O rapaz começou a se debater freneticamente e conseguiu soltar um dos braços, batendo a cabeça na mesa e esperneando de tal forma que quase atingiu a Aspecto, que foi forçada a recuar alguns passos.

Vaelin foi até a mesa e colocou a mão sobre a boca do rapaz, forçando sua cabeça de volta para a mesa, e inclinou-se sobre ele, olhando-o nos olhos.

— A dor é uma chama — disse ele, prendendo o olhar do homem. O medo transparecia nos olhos do rapaz quando Vaelin chegou mais perto. — Concentre-se. A dor é uma chama em sua mente. Veja-a. Veja-a! — Vaelin sentia na palma o hálito quente do homem, que já não se debatia. — A chama vai minguando. Ela diminui, ainda queima, mas é pequena. Pode vê-la? — Vaelin aproximou-se ainda mais. — Pode vê-la?

O assentimento do rapaz foi quase imperceptível.

— Concentre-se nela — disse Vaelin. — Mantenha a chama pequena.

Vaelin manteve-o ali, falando com ele, com o olhar fixo em seus olhos enquanto a Aspecto Elera cuidava do ferimento. O rapaz choramingava e desviava os olhos, mas Vaelin fazia com que ele tornasse a se concentrar, até que se ouviu um estrépito de metal caindo em uma vasilha e a Aspecto Elera disse:

— Agulha e categute, Irmã Sherin, por favor.

— Mestre Sollis te ensinou bem.

Estavam nos aposentos da Aspecto Elera, uma sala mais abarrotada de livros e papéis do que a do Aspecto Arlyn. Mas enquanto a sala do Aspecto da Sexta Ordem tinha certa qualidade caótica, esta era organizada e meticulosamente limpa. As paredes eram adornadas

com diagramas e quadros que se sobrepunham, representações gráficas, quase obscenas, de corpos sem pele ou músculos. O olhar de Vaelin era constantemente atraído para a imagem na parede atrás da mesa de Elera: a representação de um homem com os membros esticados e aberto da virilha ao pescoço, as beiradas do ferimento arregaçadas, deixando à mostra os órgãos, cada um reproduzido com absoluta clareza.

— Aspecto? — disse Vaelin, desviando os olhos.

— A técnica de controle da dor que você usou — explicou a Aspecto. — Sollis sempre foi meu pupilo mais competente.

— Pupilo, Aspecto?

— Sim. Servimos juntos na fronteira setentrional, há muitos anos. Em dias calmos, eu ensinava técnicas de relaxamento e controle da dor aos irmãos da Sexta. Era um modo de passar o tempo. O Irmão Sollis sempre foi quem mais prestava atenção.

Eles se conheciam, serviram juntos. A simples ideia de os dois conversarem já parecia incrível, mas um Aspecto jamais mentiria.

— Sou grato pela sabedoria de Mestre Sollis, Aspecto. — Parecia ser a resposta mais segura.

Vaelin voltou a olhar para a imagem, e Elera olhou para ela por cima do ombro.

— Uma obra notável, não acha? Um presente do Mestre Benril Lenial da Terceira Ordem. Ele passou uma semana aqui desenhando os enfermos e os recém-falecidos. Disse que desejava pintar um quadro que capturasse o sofrimento da alma. Trabalho preparatório para seu afresco sobre a Mão Vermelha. É claro que ficamos felizes em lhe dar o devido acesso e, quando terminou, presenteou nossa Ordem com seus esboços. Uso-os para ensinar aos irmãos e irmãs noviços os segredos do corpo. As ilustrações em nossos livros mais antigos não têm a mesma clareza.

Virou-se de volta para Vaelin.

— Saiu-se bem esta manhã. Tenho a impressão de que os outros irmãos e irmãs aprenderam muito com seu exemplo. Não ficou incomodado ao ver o sangue? Não o deixou enjoado ou fez com que perdesse as forças?

Ela estava brincando?

— Estou acostumado a ver sangue, Aspecto.

A consternação transpareceu no olhar de Elera por um segundo antes que o sorriso costumeiro retornasse.

— Não sabe o quanto me alegra ver o quão forte você se tornou e que sua alma não carece de compaixão. Mas preciso saber: por que veio para cá?

Ele não podia mentir, não para ela.

— Pensei que a senhora pudesse ter respostas às minhas perguntas.

— E que perguntas seriam essas?

Não havia motivo para ser vago.

— Quando meu pai teve um bastardo? Por que fui enviado à Sexta Ordem? Por que assassinos tentaram me matar durante o Teste da Corrida?

A Aspecto fechou os olhos; tinha o rosto impassível, a respiração regular. Ela permaneceu assim por vários minutos e Vaelin ficou pensando se Elera tornaria a falar. Então viu: uma única lágrima escorrendo pela face da Aspecto. *Técnicas de controle da dor*, pensou.

Ela abriu os olhos, encarando o garoto.

— Receio não poder responder suas perguntas, Vaelin. Tenha certeza de que seu serviço aqui é bem-vindo. Creio que você aprenderá muito. Apresente-se à Irmã Sherin na ala oeste.

Irmã Sherin era a moça que auxiliara a Aspecto na sala azulejada. Vaelin encontrou-a enrolando bandagens em volta da cintura do homem ferido em uma sala do corredor da ala oeste. A pele do homem tinha um

aspecto enfermiço e acinzentado, e o suor cobria-lhe o corpo, mas a respiração parecia regular e ele parecia não estar sentindo dor.

— Ele vai viver? — perguntou Vaelin.

— Suponho que sim. — Irmã Sherin prendeu a bandagem com um grampo e lavou as mãos em uma bacia. — Embora o serviço nesta Ordem nos ensine que a morte não raro pode contradizer nossas expectativas. Junte-as. — Ela indicou com a cabeça uma pilha de roupas manchadas de sangue em um canto. — Precisam ser limpas. Ele precisará de algo para vestir quando for embora. A lavanderia fica na ala sul.

— Lavanderia?

— Sim. — Sherin o encarou com um sorriso discreto. Embora resistisse, Vaelin se viu prestando atenção às formas dela. Sherin era esbelta, tinha os cachos negros dos cabelos amarrados atrás, o rosto de uma beleza jovial, mas os olhos de algum modo evidenciavam uma experiência maior do que sua idade daria a entender. Os lábios da mulher formaram as palavras com precisão. — A lavanderia.

Vaelin estava desconcertado por ela e prestava atenção à curva das maçãs de seu rosto e ao formato dos lábios, ao brilho dos olhos, que tinham satisfação em confrontá-lo. O garoto recolheu ligeiro as roupas e saiu à procura da lavanderia. Ficou aliviado ao saber que não teria que lavar as roupas e, após a recepção fria da Irmã Sherin, ficou surpreso com a recepção que teve dos irmãos e irmãs na lavandeira repleta de vapor.

— Irmão Vaelin! — gritou um homem enorme semelhante a um urso, cujo peito peludo estava encharcado de suor. Sua mão pareceu um martelo nas costas de Vaelin. — Esperei dez anos para que um irmão da Sexta atravessasse nossas portas, e quando finalmente conseguimos um, é justamente seu filho mais famoso.

— Estou feliz por estar aqui, irmão — assegurou-lhe Vaelin. — Tenho que limpar essas roupas...

— Oh, bobagem. — O homem arrancou-lhe as roupas das mãos e as jogou em um das grandes banheiras de pedra, onde os lavadeiros estavam trabalhando. — Faremos isso. Venha conhecer os outros.

O homenzarrão revelou-se um mestre, não um irmão. Chamava-se Harin, e quando não estava de serviço na lavanderia, ensinava aos noviços os pormenores a respeito de ossos.

— Ossos, mestre?

— Sim, garoto. Ossos. Como funcionam, como se encaixam. Como consertá-los. Não sei quantos braços já coloquei no lugar. Está tudo no pulso. Vou ensiná-lo antes que vá embora, se não quebrar seu braço antes. — O mestre riu, o som preenchendo com facilidade a câmara cavernosa.

Os outros irmãos e irmãs aproximaram-se para cumprimentar Vaelin e o garoto se viu assaltado por diversos nomes e rostos, todos os quais mostravam um entusiasmo desconcertante com sua presença, assim como uma infinidade de perguntas.

— Diga-nos, irmão — disse um irmão, um homem magro chamado Curlis. — É verdade que suas espadas são feitas de prata estelar?

— Um mito, irmão — respondeu Vaelin, lembrando-se de não revelar o segredo de Mestre Jestin. — Nossas espadas são bem-feitas, mas são apenas de aço simples.

— Eles realmente fazem você viver na mata? — perguntou uma irmã jovem, uma garota rechonchuda chamada Henna.

— Apenas por dez dias. É um dos nossos testes.

— Eles o mandam embora se fracassar, não?

— Se conseguir viver para isso. — Era a Irmã Sherin, parada à porta, de braços cruzados. — É isso mesmo,

não é, irmão? Muitos de seus irmãos morrem nos testes? Garotos de até onze anos de idade.

— Uma vida árdua exige um treinamento árduo — respondeu Vaelin. — Nossos testes nos preparam para nosso papel na defesa da Fé e do Reino.

Sherin ergueu uma sobrancelha.

— Se Mestre Harin não precisa prolongar sua presença aqui, é preciso passar o esfregão na sala de aula.

E assim ele passou o esfregão na sala de aula. Também passou o esfregão em todas as salas da ala oeste. Quando terminou, Sherin lhe disse para ferver uma mistura de álcool puro com água e mergulhar nela os instrumentos que a Aspecto usara para tratar do ferimento do rapaz. Disse a Vaelin que isso erradicava as infecções. O resto do dia foi passado em tarefas similares: limpar, esfregar, raspar. Vaelin tinha mãos calejadas, mas logo começaram a ficar esfoladas pelo trabalho, a carne vermelha pelo sabão e a esfregação quando a Irmã Sherin finalmente lhe disse que podia ir comer.

— Quando vou aprender como curar? — perguntou ele. Ela estava na sala de aula, colocando uma variedade de instrumentos sobre um pano branco. Vaelin passara duas horas limpando-os e eles brilhavam intensamente à luz que vinha da janela no alto.

— Não vai — respondeu ela, sem levantar a cabeça. — Você vai trabalhar. Se eu achar que você não atrapalhará, vou deixar que assista quando eu tratar de alguém.

Diversas respostas passaram pela mente do garoto, algumas mordazes, outras inteligentes, mas todas sem dúvida o fariam parecer uma criança petulante.

— Como quiser, irmã. Precisará de mim a que horas?

— Começamos à quinta hora aqui. — Ela fungou visivelmente. — Antes de se apresentar para o trabalho, é preciso que você se lave muito bem, o que deverá

ajudar a diminuir seu aroma um tanto pungente. Não tomam banho na Sexta Ordem?

— Nadamos no rio a cada três dias. É muito frio, mesmo no verão.

Ela nada disse, e colocou um instrumento estranho no tecido: duas lâminas paralelas presas por um dispositivo de rosca.

— O que é isso? — perguntou Vaelin.

— Afastador torácico. Permite chegarmos ao coração.

— Ao coração?

— Às vezes os batimentos de um coração param e podem ser recomeçados com uma massagem suave.

Vaelin olhou para as mãos dela; os dedos delgados se moviam com precisão calculada.

— Você sabe fazer isso?

Sherin sacudiu a cabeça.

— Ainda tenho que aprender tais perícias. Porém, a Aspecto sabe. Ela sabe fazer a maior parte das coisas.

— Ela te ensinará um dia.

Sherin ergueu a cabeça e olhou para ele com uma expressão cautelosa.

— É melhor ir comer, irmão.

— Você não vai comer?

— Faço minhas refeições depois dos outros. Tenho mais trabalho para fazer aqui.

— Então vou ficar. Podemos comer juntos.

Ela mal parou de esfregar uma bacia de aço.

— Prefiro comer sozinha, obrigada.

Vaelin conteve um suspiro exasperado antes que lhe escapasse da boca.

— Como quiser.

Houve mais perguntas durante a refeição, mais daquela intensa curiosidade que quase fez com que Vaelin desejasse o desinteresse da Irmã Sherin. Os mestres da

Quinta Ordem comiam com seus alunos, de modo que Vaelin sentou-se com Mestre Harin no meio de um grupo de irmãos e irmãs noviços. Ficou surpreso com as diferentes idades dos noviços à mesa: o mais novo tinha pouco mais de catorze anos, enquanto o mais velho estava sem dúvida nos seus cinquenta anos.

— As pessoas costumam vir para nossa Ordem mais tarde — explicou Mestre Harin. — Só fui entrar com trinta e dois anos. Antes, fiz parte da Guarda do Reino, Trigésimo Regimento de Infantaria, os Javalis Sangrentos. Sem dúvida já ouviu falar deles.

— A fama deles é digna de respeito, mestre — mentiu Vaelin, jamais tendo ouvido falar de tal regimento. — A Irmã Sherin está aqui há quanto tempo?

— Desde criança. Trabalhava na cozinha. Não começou o treinamento até fazer catorze anos. É a idade mínima permitida para o ingresso de noviços. Não é como sua Ordem, hein?

— Apenas uma de muitas diferenças, mestre.

Harin riu abertamente e deu uma grande mordida em uma coxa de frango. A comida da Quinta Ordem era a mesma da Sexta, mas a quantidade era menor. Vaelin passou por um momento embaraçoso quando começou a devorar enormes porções com a rapidez habitual, atraindo olhares atônitos dos outros à mesa.

— Temos que comer depressa na Sexta — explicou. — Se esperar demais, a comida desaparece.

— Ouvi dizer que eles fazem vocês passarem fome como punição — disse a Irmã Henna, a garota rechonchuda que ele encontrara na lavanderia. Ela fazia mais perguntas do que os outros, e sempre que Vaelin erguia a cabeça, parecia que a garota o estava observando.

— Nossos mestres têm modos mais práticos de nos punir do que nos deixar sem comida, irmã — disse Vaelin.

— Quando eles fazem vocês lutarem até a morte? — perguntou Innis, o homem magro. A pergunta foi feita com uma curiosidade tão sincera que Vaelin não se sentiu ofendido.

— O Teste da Espada ocorre em nosso sétimo ano na Ordem. É o nosso último teste.

— Vocês têm que se enfrentar até a morte? — A Irmã Henna parecia chocada.

Vaelin sacudiu a cabeça.

— Enfrentaremos três criminosos condenados. Assassinos, fora da lei etc. Se nos derrotarem, serão considerados inocentes de seus crimes, visto que os Finados não os aceitarão no Além. Se nós os derrotarmos, seremos considerados dignos de portar uma espada a serviço da Ordem.

— Brutal, mas simples — comentou Mestre Harin antes de soltar um arroto alto e bater na barriga. — Os métodos da Sexta Ordem podem nos parecer severos, meus filhos, mas não se esqueçam de que eles ficam entre a nossa Fé e aqueles que querem destruí-la. Em épocas passadas, eles lutaram para nos manter a salvo. Se não fosse por eles, não estaríamos aqui para oferecer cuidados e cura aos Fiéis. Pensem bem nisso.

Os murmúrios dos que concordavam percorreram a mesa e, desta vez, a conversa voltou-se para outros assuntos. As preocupações da Quinta Ordem pareciam girar em torno principalmente de bandagens, ervas medicinais, várias formas de doenças e da sempre popular questão das infecções. Vaelin se perguntou se deveria ficar mais incomodado por ter que discutir o Teste da Espada, mas percebeu que o assunto o deixara apenas com uma vaga sensação de desconforto. Sabia que o teste aconteceria desde seus primeiros dias na Ordem, todos eles sabiam, era um evento anual, assistido por grande parte da população da cidade e, embora irmãos noviços da Ordem fossem proibidos de

comparecer, Vaelin ouvira muitas histórias de combates prolongados e irmãos desafortunados cujas habilidades não estavam à altura do teste final. Contudo, comparado com o que já haviam experimentado, o teste parecia pouco mais do que um dos muitos perigos vindouros. Talvez fosse esse o objetivo dos testes: torná-los imunes ao perigo, aceitar o medo como parte normal de suas vidas.

— Vocês têm testes? — perguntou a Mestre Harin.

— Não, garoto. Não há testes aqui. Irmãos e irmãs noviços permanecem na Casa da Ordem por cinco anos, onde são treinados em nossos métodos. Muitos partirão ou serão convidados a partir, mas aqueles que ficarem terão adquirido as perícias de cura e receberão tarefas de acordo com suas habilidades. Eu mesmo passei vinte anos na capital cumbraelina, cuidando das necessidades da pequena comunidade de Fiéis que há lá. Não é fácil, irmão, viver entre aqueles que negam a Fé.

— O Édito do Rei nos diz que os cumbraelinos são nossos irmãos no Reino, desde que mantenham suas crenças dentro de seu próprio Feudo.

— Bah! — disse Mestre Harin. — Cumbrael pode ter sido forçado a unir-se ao Reino pela espada do Rei, mas continua a tentar promover sua blasfêmia. Fui abordado muitas vezes por sacerdotes adoradores de deuses que tentavam me converter. Mesmo agora continuam a enviar esses sacerdotes para além de suas fronteiras para disseminar sua heresia entre os Fiéis. Temo que sua Ordem e a minha terão muito trabalho em Cumbrael nos anos por vir. — Sacudiu a cabeça, triste. — Uma pena. A guerra sempre foi algo terrível.

Vaelin ganhou uma cela na ala sul, com apenas uma cama e uma cadeira. Despiu-se depressa e deitou-se na cama, desfrutando da sensação incomum, porém luxuriante de ter roupas de cama limpas e novas.

Apesar do conforto, o sono demorou a vir; a conversa de Mestre Harin sobre Cumbrael o inquietava. *A guerra sempre foi algo terrível.* No entanto, havia algo nos olhos do mestre que parecia quase ansiar por uma guerra no Feudo herege.

A frieza da Irmã Sherin era outra coisa que o preocupava. Ela obviamente queria ter pouco contato com ele, o que o incomodava muito, e não tinha consideração alguma pela Sexta Ordem, o que não o incomodava nem um pouco. Decidiu tentar com maior afinco conquistar a confiança dela pela manhã. Faria tudo o que ela mandasse sem questionar ou reclamar; tinha a sensação de que Sherin não respeitaria outra coisa.

Entretanto, o que o manteve acordado por mais tempo foi a recusa da Aspecto Elera a responder suas perguntas. Estivera tão certo de que ela forneceria as respostas que tanto ansiava, que não lhe ocorrera a possibilidade de uma recusa. *Ela sabe*, pensou com convicção. *Por que não me conta?*

Adormeceu com as perguntas na cabeça, sem encontrar respostas nos sonhos.

Vaelin forçou-se a sair da cama assim que amanheceu, lavou-se bem na gamela que havia no pátio e apresentou-se para o serviço bem antes da quinta hora. Sherin já estava lá.

— Vá buscar bandagens no depósito — disse ela. — Logo as pessoas estarão nos portões à procura de tratamento. — Franziu o cenho quando o garoto passou ao lado dela. — Você está cheirando... melhor, pelo menos.

Vaelin pegou emprestado um truque de Nortah e forçou um sorriso.

— Obrigado, irmã.

O primeiro foi um velho com juntas rígidas e histórias intermináveis sobre seus dias de marinheiro. Irmã Sherin escutou educadamente as histórias enquanto passava um bálsamo e massageava-lhe as juntas, entregando ao homem um jarro da substância para levar para casa. O seguinte foi um jovem de mãos trêmulas e olhos injetados que reclamava de dores agudas na barriga. Irmã Sherin apalpou-lhe a barriga e a veia do pulso, fez algumas perguntas e disse-lhe que a Quinta Ordem não dava flor rubra a viciados.

— Vai se catar, vadia da Ordem! — gritou o jovem.

— Olhe essa boca — disse Vaelin, avançando para jogá-lo para fora, mas Sherin o deteve com um olhar sério. Ela permaneceu impassível enquanto o jovem a xingou ferozmente durante um minuto inteiro e olhou desconfiado para Vaelin antes de ir embora furioso, os xingamentos ecoando pelo corredor.

— Não preciso de um protetor — disse Sherin a Vaelin. — Suas *habilidades* não são necessárias aqui.

— Desculpe — disse ele, rangendo os dentes, sem conseguir reproduzir outro sorriso de Nortah.

Os que chegavam eram de todas as idades e tamanhos: homens e mulheres, mães com filhos, irmãs com irmãos, todos cortados, contundidos, com dor ou doentes. Sherin parecia saber a natureza de suas aflições por instinto, trabalhando sem pausa ou descanso, cuidando de todos com a mesma atenção. Vaelin observava, buscava bandagens ou remédios quando pedido, tentando aprender, mas acabou voltando sua atenção para Sherin, fascinado pelo modo como o rosto dela mudava quando trabalhava, a severidade e o cansaço desapareciam e davam lugar à compaixão e ao humor, enquanto gracejava e ria com seus pacientes, muitos dos quais era óbvio que ela conhecia bem. *É por isso que eles vêm*, percebeu. *Ela se importa.*

E, assim, Vaelin tentou ajudar da melhor forma que pôde, buscando, carregando, contendo os temerosos e apavorados, oferecendo desajeitadas palavras de consolo às esposas, ou irmãs, ou filhos que traziam os feridos para serem curados. A maioria precisava apenas de algum remédio ou de alguns pontos; alguns, os que Sherin conhecia tão bem, tinham doenças prolongadas e eram os que mais demoravam a ser tratados, visto que ela fazia várias perguntas e dava conselhos ou oferecia compaixão. Por duas vezes apareceram pessoas gravemente feridas. Primeiro foi um homem com a barriga esmagada, que ficara no caminho de uma carroça descontrolada. Irmã Sherin sentiu a veia em seu pescoço e começou a pressionar-lhe o esterno com as mãos.

— O coração dele parou de bater — explicou. Ela continuou a pressionar até o sangue começar a escorrer pela boca do homem. — Está morto. — Afastou-se da cama. — Busque uma mesa com rodas no depósito e leve-o para o necrotério. Fica na ala sul. E limpe o sangue do rosto dele. A família não gosta de ver isso.

Vaelin já estivera na presença da morte antes, mas a frieza de Sherin o pegou de surpresa.

— Isso é tudo? Não há mais nada que você possa fazer?

— Uma carroça de meia tonelada passou por cima da barriga dele, esmagando as entranhas e esmigalhando a espinha. Não há mais nada que eu possa fazer.

O segundo homem seriamente ferido foi trazido pela Guarda do Reino no final da tarde, um sujeito robusto com um virote de besta que lhe atravessara o ombro.

— Perdão, irmã — desculpou-se o sargento para Sherin, enquanto ele e dois guardas colocavam o homem na mesa. — Odeio fazê-la perder tempo com um sujeito desses, mas será um inferno se aparecermos com outro cadáver para o capitão. — Deu uma olhada

curiosa em Vaelin, notando o manto azul-escuro. — Você parece estar na Casa errada, irmão.

— O Irmão Vaelin está aqui para aprender a curar — informou Sherin, inclinando-se sobre o homem para examinar o ferimento. — Seis metros? — perguntou ela.

— Quase dez. — Um dos guardas fungou orgulhoso, erguendo a besta. — E ele estava correndo.

— Vaelin — murmurou o sargento, examinando Vaelin minuciosamente, olhando-o de cima a baixo. — Al Sorna, correto?

— É o meu nome.

Os três guardas riram; não era um som agradável, e Vaelin arrependeu-se na mesma hora de ter deixado a espada na cela naquela manhã.

— O irmão garoto que derrotou dez Falcões sozinho — disse o guarda mais novo. — Você é mais alto do que disseram.

— Não foram dez... — começou Vaelin.

— Queria estar lá para ver — interrompeu o sargento. — Não suporto aqueles malditos Falcões, andando por aí de nariz empinado. Mas ouvi dizer que estão planejando se vingar. É melhor se cuidar.

— Sempre me cuido.

— Irmão — interrompeu Sherin. — Preciso de categute, agulha, sonda, uma faca serrilhada, flor rubra e óleo de corr, o gel, não o sumo. Ah, e outra tigela de água.

Vaelin obedeceu, grato pela chance de escapar do escrutínio dos guardas. Foi até o depósito e encheu uma bandeja com os itens necessários, e ao voltar para a sala de tratamento encontrou-a em rebuliço. O homem robusto estava de pé, encurralado em um canto e com a mão enorme em volta do pescoço da Irmã Sherin. Um dos guardas estava caído e tinha uma faca cravada na coxa. Os outros dois haviam desembainhado as espadas e gritavam ameaças furiosas.

— Eu vou sair daqui! — berrou em resposta o homem robusto.

— Você não vai a lugar algum! — gritou o sargento em resposta. — Deixe-a ir e viverá.

— Se eu for preso, Caolho vai acabar comigo. Não se aproximem, ou vou quebrar o pescoço dessa vaca...

A faca serrilhada que Vaelin pegou no depósito era mais pesada do que aquelas com que estava acostumado, mas não foi difícil de arremessar. A garganta do homem estava exposta, mas um espasmo poderia fazê-lo quebrar o pescoço de Irmã Sherin. A lâmina afundou em seu antebraço e fez a mão se abrir por reflexo, o que permitiu que Sherin caísse no chão. Vaelin saltou sobre a cama, espalhando o conteúdo da bandeja pela sala, e derrubou o homem com alguns socos precisos nos centros nervosos do rosto e do peito.

— Não — arquejou Sherin do chão. — Não o mate.

Vaelin ficou vendo o homem escorregar para o chão com os olhos vidrados.

— Por que eu o mataria? — Ajudou Sherin a se levantar. — Está ferida?

Ela sacudiu a cabeça, afastando-se.

— Coloque-o de volta na cama — disse ao garoto, com a voz rouca. — Sargento, ajude-me a levar o seu colega para outra sala.

— Teria feito um favor a ele se o tivesse matado, irmão — resmungou o sargento enquanto ele e os outros guardas ajudavam a levantar o companheiro. — Amanhã é dia de forca.

Vaelin teve dificuldade para erguer o homem do chão, que parecia ser feito principalmente de músculo e pesava de acordo com o que aparentava. O criminoso gemeu de dor quando Vaelin o largou na cama e abriu os olhos, vacilante.

— A não ser que tenha outra faca escondida — disse-lhe Vaelin —, eu não me mexeria, se fosse você.

O olhar do homem estava repleto de ódio, mas ele nada disse.

— Então, quem é Caolho? — perguntou Vaelin. — Por que ele quer você morto?

— Devo dinheiro para ele — respondeu o homem; a dor dos ferimentos era visível no rosto coberto de suor.

Vaelin lembrou-se das histórias de Frentis sobre o tempo que passou nas ruas e da faca de arremesso caprichosa que fez com que o menino buscasse refúgio na Ordem.

— O seu tributo?

— Três moedas de ouro. Estou atrasado. Todo mundo tem que pagar. E Caolho tem ódio mortal dos que não pagam. — O homem tossiu, sujando o queixo com sangue. Vaelin encheu um copo de água e levou-lhe aos lábios.

— Tenho um amigo que uma vez me falou a respeito de um homem que perdeu um olho para a faca de arremesso de um menino — disse Vaelin.

O homem bebeu a água e a tosse passou.

— Frentis. Quem dera o moleque tivesse matado o desgraçado. Caolho disse que vai levar um ano para esfolá-lo vivo quando o encontrar.

Vaelin decidiu que teria que se encontrar com Caolho, mais cedo ou mais tarde. Olhou atentamente para o virote ainda cravado no ombro do homem.

— Por que a Guarda do Reino fez isso?

— Me pegaram saindo de um armazém com um saco de especiarias. Coisa boa, teria me rendido pelo menos seis moedas de ouro.

Ele vai morrer por causa de um saco de especiarias, percebeu Vaelin. *Por isso e por esfaquear um guarda e tentar estrangular a Irmã Sherin.*

— Qual o seu nome?

— Gallis. Me chamam de Gallis, o Escalador. Não tem uma parede que eu não consiga escalar. — Fez uma

careta ao erguer o braço, onde a faca serrilhada ainda estava enfiada. — Parece que não vou mais fazer isso. — Ele riu e convulsionou de dor. — Tem um pouco de flor rubra aí, irmão?

— Prepare uma tintura. — Irmã Sherin havia retornado, seguida pelo sargento. — Uma parte de flor rubra e três de água.

Vaelin parou para olhar o pescoço dela, que estava vermelho e com marcas do aperto de Gallis.

— Você devia ir cuidar desse pescoço.

Uma raiva momentânea passou pelos olhos da mulher, e Vaelin pôde ver que ela estava se segurando para não dar uma resposta mordaz. Não sabia dizer se a raiva dela era por ter sido provado que ela estava errada ou por ele lhe ter salvado a vida.

— Prepare a tintura, irmão, por favor — ordenou ela em tom rígido.

Sherin tratou de Gallis por mais de uma hora, administrando a flor rubra e então removendo o virote do ombro, ao cortar a haste ao meio e depois alargar o ferimento para retirar com cuidado a ponta serrilhada, enquanto Gallis mordia a mordaça de couro para abafar os gritos. Tratou em seguida da faca que ele tinha no braço; era mais difícil, por estar perto de vasos sanguíneos maiores, mas a lâmina foi removida após dez minutos de operação. Por fim, costurou os ferimentos depois de passar o gel de corr. A essa altura Gallis já havia desmaiado e estava visivelmente mais pálido.

— Ele perdeu muito sangue — informou Sherin ao sargento. — Ainda não pode ser movido.

— Não posso esperar demais, irmã — disse o sargento. — Ele tem que estar na frente do magistrado pela manhã.

— Não há chance de clemência? — perguntou Vaelin.

— Tenho um homem com uma perna esfaqueada aí ao

lado — respondeu o sargento. — E o maldito tentou matar a irmã.

— Não me recordo disso — disse Sherin, lavando as mãos. — E você, irmão?

Um saco de especiarias vale a vida de um homem?

— Também não.

Uma raiva intensa tomou conta do rosto do sargento.

— Esse homem é um ladrão conhecido, um bêbado e um viciado em flor rubra. Teria matado todos nós para fugir daqui.

— Irmão Vaelin — disse Sherin. — Quando é correto matar?

— Em defesa da vida — respondeu Vaelin de pronto. — Matar quando não se está defendendo uma vida é negar a Fé.

O sargento crispou o lábio, enojado.

— Gente da Ordem de coração mole — resmungou ele antes de sair da sala pisando firme.

— Sabe se eles vão enforcá-lo mesmo assim? — perguntou Vaelin.

Sherin tirou as mãos da água ensanguentada e o garoto lhe passou uma toalha. Olhou-o nos olhos pela primeira vez naquele dia, e falou com uma certeza que era quase assustadora.

— Ninguém vai morrer por minha causa.

Vaelin evitou a refeição da noite, ciente de que suas ações só teriam aumentado sua celebridade, e não seria capaz de encarar a torrente de perguntas e de admiração. De modo que foi se esconder na portaria com o Irmão Sellin, o porteiro idoso que o recebera na manhã anterior. O irmão idoso parecia feliz por ter companhia e evitou fazer perguntas ou mencionar os eventos do dia, e Vaelin ficou agradecido. Em vez disso, por insistência de Vaelin, Sellin contou histórias de seus

dias na Quinta Ordem, provando que um homem não precisava ser um guerreiro para ver muitas guerras.

— Ganhei esta no convés do *Rancor do Mar*. — Sellin mostrou uma cicatriz peculiar em forma de ferradura no lado de dentro do antebraço. — Eu estava dando pontos em um corte na barriga de um pirata meldeneano, quando então ele se levantou de repente e me mordeu, quase atingindo o osso. Foi logo depois que o Senhor da Batalha incendiou a cidade deles, então acho que tinha uma boa razão para estar bravo. Nossos marinheiros o jogaram no mar. — Ele estremeceu com a lembrança. — Implorei para que não o jogassem, mas os homens fazem coisas terríveis quando o sangue lhes ferve.

— Como você foi parar em uma belonave? — perguntou Vaelin.

— Oh, eu fui o médico pessoal do Lorde Almirante Merlish durante alguns anos. Ele gostava de mim desde que eu o curara de uma doença alguns anos antes. Era um capitão muito bom, amava o mar como a uma mãe, amava todos os marinheiros, tinha até mesmo respeito pelos meldeneanos, que, segundo ele, eram os melhores marinheiros do mundo. Ficou desolado quando o Senhor da Batalha queimou a cidade deles. Trocaram muitas farpas por causa disso, acredite.

— Eles discutiram? — Vaelin estava curioso. Irmão Sellin era uma das poucas pessoas que conhecera que não se referia ao Senhor da Batalha como seu pai; na verdade, Sellin parecia ignorar por completo o fato, embora Vaelin suspeitasse que o velho estivesse a serviço da Fé há tanto tempo que desassociar aqueles que a serviam de seus elos familiares era simplesmente uma segunda natureza.

— Ah, sim — continuou Sellin. — O Lorde Almirante Merlish o chamou de açougueiro, matador de inocentes, disse que ele envergonhou o Reino para sempre. Todos os que ouviram essas palavras pensaram que o Senhor

da Batalha sacaria a espada, mas tudo o que ele disse foi: “A lealdade é minha força, meu senhor”. — Sellin suspirou e tomou um gole de um frasco de couro que Vaelin suspeitava que continha uma mistura semelhante àquela que o Irmão Makril chamara de Amigo de Irmão. — Pobre Merlish. Permaneceu em sua cabine durante toda a viagem de volta e recusou-se a apresentar-se diante do Rei quando aportamos. Morreu pouco tempo depois, quando o coração parou em uma viagem ao Extremo Ocidente.

— Você viu? — perguntou Vaelin. — Viu a cidade queimar?

— Vi. — Irmão Sellin tomou um longo gole do frasco. — Pode apostar que vi. O céu ficou iluminado em um raio de quilômetros. Mas não era a visão que dava arrepios, e sim o som. Estávamos ancorados a quase um quilômetro da costa e mesmo assim era possível ouvir os gritos. Milhares de homens, mulheres e crianças, todos gritando em meio ao incêndio. — Estremeceu e tornou a beber.

— Perdoe-me, irmão. Eu não devia ter perguntado.

Sellin encolheu os ombros.

— É passado, irmão. Não podemos viver nele. Apenas aprender com ele. — Olhou para fora, percebendo a escuridão que se aproximava. — É melhor voltar, ou não vai conseguir comer esta noite.

Vaelin encontrou a Irmã Sherin no salão de jantar comendo sozinha, como era seu costume. Esperou ser repreendido ou mesmo mandado embora quando se sentou diante dela do outro lado da mesa, mas Sherin não fez qualquer comentário. Os funcionários da cozinha haviam colocado uma boa variedade de alimentos na mesa, mas ela parecia satisfeita com um prato pequeno de pão e frutas.

— Posso? — perguntou ele, indicando a travessa de comida.

Ela deu de ombros, de modo que Vaelin serviu-se de presunto e frango, engolindo a comida com voracidade, atraindo um olhar de óbvia aversão.

O garoto sorriu, sentindo certa satisfação com o desconforto dela.

— Estou com fome.

Havia uma leve insinuação de sorriso no rosto de Sherin quando ela desviou o olhar.

— Ninguém come sozinho na Sexta Ordem — disse Vaelin. — Todos nós temos nossos grupos. Vivemos juntos, comemos juntos, lutamos juntos. Não é à toa que nos chamamos de irmãos. As coisas parecem ser diferentes aqui.

— Meus irmãos e irmãs respeitam minha privacidade — disse ela.

— Por você ser especial? Você consegue fazer o que eles não conseguem.

Ela deu uma mordida em uma maçã e não respondeu.

— Como está o ladrão? — perguntou Vaelin.

— Bem o bastante. Foi transferido para o andar de cima. O sargento colocou dois homens de guarda na porta.

— Pretende falar em favor dele na audiência?

— É claro. Mas seria bom para a situação dele se você também falasse. Tenho a impressão de que sua palavra teria mais peso do que a minha.

Vaelin tomou um gole d’água depois de engolir um pedaço de presunto.

— O que faz você se importar tanto com alguém como ele, irmã?

Uma expressão endurecida apareceu no rosto de Sherin.

— O que faz você se importar tão pouco?

O silêncio reinou na mesa durante algum tempo. Finalmente Vaelin perguntou:

— Sabia que minha mãe treinou aqui? Ela era uma

irmã, como você. Saiu da Quinta Ordem para se casar com meu pai. Ela nunca me contou que havia servido aqui, nunca me contou sobre essa parte de sua vida. Vim aqui à procura de respostas. Queria saber quem ela era, quem eu era, quem meu pai era. Mas a Aspecto recusou-se a me contar qualquer coisa. Em vez disso, ela me colocou com você, o que acho que foi uma resposta por si só.

— Uma resposta a quê?

— Sobre quem minha mãe era, pelo menos. Talvez em parte sobre quem eu seja. Não sou como você, não sou um curandeiro. Eu teria matado aquele homem hoje se pudesse. Já matei antes. Você não consegue matar ninguém, e ela também não conseguia. Ela era esse tipo de pessoa.

— E seu pai?

Milhares de homens, mulheres e crianças, todos gritando em meio ao incêndio... A lealdade é minha força.

— Ele foi um homem que queimou uma cidade porque seu rei mandou. — Empurrou o prato para longe e levantou-se da mesa. — Falarei em favor de Gallis diante do magistrado. Vejo você na quinta hora.

Pela manhã, souberam que não seria necessário apresentarem-se na corte do magistrado: Gallis escapara durante a noite. Os guardas que entraram em seu quarto no andar superior encontraram-no vazio e a janela aberta. A parede do lado de fora tinha quase dez metros de altura e poucos lugares visíveis onde se segurar.

Vaelin colocou a cabeça para fora da janela e olhou para o pátio abaixo.

— Gallis, o Escalador — murmurou.

— Ele não devia ser capaz de andar com os ferimentos

que tinha. — Irmã Sherin aproximou-se para inspecionar a parede pelo lado de fora. Vaelin achou a proximidade dela inebriante e desconfortável, mas ela parecia indiferente. — Jamais saberei como ele conseguiu.

— Mestre Sollis diz que um homem não conhece sua verdadeira força até temer pela própria vida.

— O sargento disse que encontraria o homem nem que levasse toda a vida. — Sherin afastou-se, deixando Vaelin com uma mistura confusa de arrependimento e alívio. — Provavelmente fará isso. Isso ou o verei de novo, entrando de arrasto pelo portão com outro ferimento para ser curado.

— Se ele for esperto, vai embarcar em um navio e ao anoitecer já estará longe.

Sherin sacudiu a cabeça.

— As pessoas não vão embora deste lugar, irmão. Não importa o que lhes ameace, elas ficam e vivem suas vidas.

Vaelin virou-se para a janela. O quadrante sul estava despertando, o céu claro da manhã mal começava a ser manchado pela fumaça das chaminés que iria pairar sobre os telhados até o anoitecer; as sombras que desapareciam revelavam ruas sujas de lixo e excrementos, salpicadas aqui e acolá pelas formas encolhidas de bêbados, drogados ou sem-teto. Vaelin já conseguia ouvir gritos indistintos de conflito ou ódio e imaginou quantos mais atravessariam o portão hoje.

— Por quê? — perguntou. — Por que ficar em um lugar como este?

— Eu fiquei — respondeu Sherin. — Por que eles não ficariam?

— Você nasceu aqui?

Ela assentiu.

— Tive sorte de concluir meu treinamento em apenas dois anos. A Aspecto me ofereceu uma transferência para qualquer lugar do Reino. Escolhi ficar aqui.

A hesitação na voz dela lhe disse que provavelmente era a primeira pessoa a ouvi-la revelar tanto sobre o próprio passado.

— Porque este é seu... lar?

— Porque senti que era aqui que eu precisava estar. — Sherin andou até a porta. — Temos trabalho, irmão.

Os dias seguintes foram árduos, mas gratificantes, ainda mais por estar constantemente na presença da Irmã Sherin. A multidão de feridos e doentes que chegava lhe deu várias oportunidades para aprimorar suas parcas habilidades de cura à medida que Sherin lhe transmitia um pouco de seus conhecimentos, ensinando-lhe a melhor forma de dar pontos em um ferimento e a mistura de ervas mais eficaz para dores de estômago ou de cabeça. Entretanto, não tardou a tornar-se óbvio que as habilidades que Sherin possuía jamais seriam de Vaelin; ela tinha um instinto tão infalível para doenças que lhe lembrava de sua própria afinidade com a espada. Felizmente, Vaelin não teve mais necessidade de demonstrar suas habilidades, visto que o nível de agressividade entre os pacientes diminuiu de forma considerável desde o primeiro dia. Espalhou-se pelo quadrante sul a notícia de que havia ali um irmão da Sexta, e a maioria dos indivíduos mais suspeitos que apareciam para pedir tratamento mantinham as bocas fechadas e controlavam quaisquer impulsos violentos.

O único aspecto negativo de sua estada na Quinta era a constante atenção que recebia dos outros irmãos e irmãs. Ele continuou fazendo as refeições com Irmã Sherin mais tarde à noite e logo se viram acompanhados por um grupo de noviços ávidos pelas histórias de Vaelin sobre a vida na Sexta Ordem ou por uma nova versão do que chamavam de seu “resgate da

Irmã Sherin", uma história que parecia ter se tornado uma pequena lenda em poucos dias. Como sempre, a Irmã Henna era sua plateia mais atenta.

— Não ficou com medo, irmão? — perguntou ela, encarando-o com os largos olhos castanhos. — Quando o brutamontes estava para matar a Irmã Sherin? Não ficou assustado?

Ao lado dele, Sherin, que até então suportara a intrusão em seu horário de refeição com paciência estoica, deixou cair intencionalmente os talheres no prato com grande estrépito.

— Eu... fui treinado para controlar meu medo — respondeu Vaelin, percebendo no mesmo instante como aquilo soava de forma presunçosa. — Mas não tão bem quanto a Irmã Sherin — acrescentou depressa. — Ela permaneceu o tempo todo calma.

— Oh, ela nunca se incomoda com coisa alguma. — Henna agitou a mão com desdém. — Então, por que você não o matou?

— Irmã! — exclamou o Irmão Curlis.

Henna baixou a cabeça e seu rosto ficou vermelho.

— Perdão — murmurou ela.

— Não tem importância, irmã. — Vaelin deu uns tapinhas desajeitados na mão da garota, o que pareceu fazê-la corar ainda mais.

— O Irmão Vaelin e eu tivemos um longo dia — disse Sherin. — Gostaríamos de comer em paz.

Embora não fosse uma mestra, era evidente que suas palavras impunham respeito, pois a pequena plateia dispersou-se rapidamente de volta a seus aposentos.

— Eles a respeitam — comentou Vaelin.

Sherin deu de ombros.

— Talvez. Mas não gostam de mim aqui. A maioria dos meus irmãos e irmãs tem inveja e ressente-se de mim. A Aspecto me advertiu que poderia ser assim. — O tom indicava pouca preocupação; Sherin estava apenas

afirmando um fato.

— É possível que você esteja sendo severa demais com eles. Talvez se você se misturasse mais com eles…

— Não é por eles que estou aqui. A Quinta Ordem é o modo pelo qual posso ajudar as pessoas que precisam de ajuda.

— Não há lugar para amizade? Alguém em quem possa confiar, dividir um fardo?

Sherin o olhou com cautela.

— Você mesmo disse, irmão. As coisas são diferentes aqui.

— Bem, embora você talvez não a queira, espero que saiba que você tem a minha amizade.

Ela não disse nada e permaneceu parada, com os olhos fixos no prato meio vazio.

Será que era assim com minha mãe? Será que ficou tão isolada por causa de suas habilidades? Eles também se ressentiam dela? Vaelin achava difícil imaginar. Lembrava-se de uma mulher gentil, afetuosa e franca. Ela jamais poderia ter sido tão fechada para as emoções como Sherin. *Sherin foi moldada por o que quer que lhe tenha acontecido além dos portões*, compreendeu. *Lá fora, no quadrante sul. Minha mãe teve uma vida diferente.* Foi então que lhe ocorreu algo que jamais tinha cogitado. *Quem ela era antes de vir para cá? Qual era seu nome de família? Quem foram meus avós?*

Ficou preocupado de repente e levantou-se da mesa.

— Durma bem, irmã. Vejo você de manhã.

— Amanhã é seu último dia, não? — perguntou ela, erguendo a cabeça e olhando para ele. Seus olhos pareciam mais brilhantes do que o normal, quase como se lacrimosa, mas a ideia era absurda.

— É sim. Embora eu ainda tenha esperança de aprender mais antes de partir.

— Sim. — Ela desviou o olhar. — Sim, é claro. Durma bem.

— Você também, irmã.

O sono não vinha, sentado de pernas cruzadas e refletindo sobre o fato de que não sabia quase nada sobre o passado da mãe. Ela foi uma irmã da Quinta Ordem, casou-se com o seu pai, deu-lhe um filho e morreu. Era tudo o que Vaelin sabia. Aliás, sabia igualmente pouco sobre seu pai. Um soldado que foi elevado pelo Rei devido à bravura, que mais tarde tornou-se Senhor da Batalha, queimador de cidade, pai de um filho e de uma filha de mães diferentes. Mas quem ele havia sido antes? Vaelin não sabia onde o pai havia nascido, se o avô fora um soldado ou fazendeiro, ou nenhum dos dois.

Tantas perguntas que lhe agitavam a mente como uma tempestade. Fechou os olhos e tentou controlar a respiração como Mestre Sollis ensinara, uma habilidade sem dúvida aprendida com a Aspecto da Quinta Ordem, o que por sua vez levantava mais perguntas. *Foco*, disse a si mesmo. *Respire, devagar e no mesmo ritmo...*

Uma hora depois, quando as batidas do coração haviam ficado mais lentas e a mente se acalmava, Vaelin foi despertado por uma batida suave, porém insistente na porta. Vestiu uma camisa e foi até a porta, encontrando lá a Irmã Henna, que lhe sorria, tímida.

— Irmão — disse ela, a voz pouco mais que um sussurro. — Acordei você?

— Eu não estava dormindo. — *Ela não pode estar querendo outra história.* — Está tarde, irmã. Talvez possa esperar até amanhã de manhã, caso precise de algo comigo.

— Caso eu precise de algo? — O sorriso dela aumentou um pouco e, antes que pudesse detê-la, Henna passou por ele e entrou na cela. — Preciso do seu perdão, irmão, por minhas palavras impensadas

esta noite.

O coração acalmado de Vaelin começava a bater de forte mais uma vez.

— Não há nada para perdoar...

— Oh, mas há! — sussurrou ela com veemência, aproximando-se do garoto, fazendo-o recuar e forçando a porta a se fechar às suas costas. — Sou tão estúpida. Digo coisas muito idiotas. Coisas impensadas. — A garota aproximou-se ainda mais, encostando-se nele, e a sensação dos seios grandes contra seu peito causou-lhe um suor instantâneo e uma agitação inoportuna na virilha. — Diga que me perdoa — implorou ela, com um leve soluço na voz ao encostar a cabeça no peito de Vaelin. — Diga que não me odeia!

— Erm. — Vaelin revirou a mente com urgência atrás de uma resposta apropriada, mas a vida na Ordem não lhe preparara para coisas assim. — É claro que eu não odeio você. — Colocou gentilmente as mãos nos ombros da garota e a afastou, forçando um sorriso. — Não devia se preocupar com algo tão insignificante.

— Oh, mas me preocupo — disse ela, aflita. — A ideia de ofendê-lo, entre todas as pessoas. — Desviou o olhar, envergonhada. — É mais do que posso suportar.

— Você se preocupa demais com a minha opinião, irmã. — Vaelin levou a mão às costas à procura da maçaneta. — É melhor ir agora...

Henna estendeu a mão, tocando-lhe no peito, sentindo os músculos por baixo da camisa.

— Tão rígido — murmurou ela. — Tão forte.

— Irmã. — Colocou a mão sobre a dela. — Isso não é...

Ela então o beijou, aninhando-se a ele, tocando-lhe os lábios com os seus antes que o garoto soubesse o que havia acontecido. A sensação foi irresistível, e uma torrente de sentimentos com os quais não estava acostumado percorreu-lhe o corpo. *Isso é errado*, pensou, enquanto a língua da garota sondava por entre

seus lábios. *Preciso pará-la. Agora mesmo... Preciso interromper... A qualquer momento...*

O som que o salvou a princípio era indistinto, uma nota melancólica no vento que entrava pela janela e que quase passou despercebida enquanto estava ocupado com os lábios da Irmã Henna; mas algo no som, algo familiar, fez com que parasse e se afastasse.

— Irmão? — indagou Henna, o sussurro de seu hálito acariciando-lhe os lábios.

— Está ouvindo isso?

A garota franziu levemente o cenho.

— Não escuto nada. — Deu um risinho e tornou a encostar-se nele. — Só as batidas do meu coração e do seu...

O som ficou mais alto, um chamado inconfundível.

— Uivo de lobo — disse Vaelin.

— Um lobo na cidade? — Henna soltou outro risinho. — É só o vento, ou um cão...

— Cães não uivam assim. E não é o vento. É um lobo. Vi um lobo uma vez, na floresta. *Pouco antes de um assassino tentar me matar.*

Teria sido facilmente ignorado se ele não tivesse passado anos estudando os rostos dos oponentes no campo de treinamento, procurando pelos tiques e mudanças sutis nas expressões que eram sinais de um ataque. E Vaelin viu no rosto dela: um breve lampejo de decisão nos olhos da garota.

— Você não devia se preocupar com essas coisas — disse ela, erguendo a mão esquerda para acariciar o rosto de Vaelin. — Esqueça suas preocupações, irmão. Deixe-me ajudá-lo a esque...

A faca na mão direita saiu do manto num borrão e o aço brilhou quando descreveu um arco até o pescoço de Vaelin. Era um movimento praticado, executado com a rapidez e precisão de um especialista.

Vaelin girou e a faca lhe deixou um arranhão no

ombro; esticou o braço direito e golpeou Henna no peito com a mão aberta, jogando-a para trás e fazendo com que se chocasse contra a parede oposta. Ela recuperou-se depressa, um olhar de ódio felino no rosto, saltando, desferindo um chute giratório contra a cabeça de Vaelin e tentando esfaquear sua barriga com um golpe lateral. Ele desviou do chute e agarrou o pulso dela, girou e ouviu um estalo, controlando um espasmo de repulsa. *Ela não é uma garota, não é uma irmã, é um inimigo.*

Henna usou a mão livre, a palma esticada e os nós dos dedos estendidos mirando a base do nariz do garoto, um golpe que ele reconheceu das lições de Mestre Intris: um golpe letal. Vaelin moveu a cabeça, recebendo o golpe na testa, ignorou a dor e agarrou com força o pescoço da garota, forçando-a contra a parede. Ela se debateu, sibilando e arranhando-lhe o rosto. Forçou a cabeça dela para trás, pressionando os ossos do pescoço, erguendo-a do chão e apertando ainda mais para fazer a garota parar de resistir.

— Você é muito habilidosa, irmã — disse ele.

Um grunhido de dor e fúria escapou da garganta dela. Sentia a pele da garota quente em sua mão.

— Talvez possa me dizer onde aprendeu essas técnicas e por que teve vontade de praticá-las em mim.

Os olhos, que tinham um brilho intenso no meio da máscara escarlate que era o rosto de Henna, desceram até o rasgo na camisa do garoto e no corte superficial logo abaixo. Um sorriso cheio de malícia surgiu-lhe nos lábios.

— Está se... sentindo bem, irmão? — disse ela por entre os dentes, cuspindo. — Não há... mais tempo... para salvá-la agora.

Então Vaelin sentiu o calor subir para o peito, o suor que começava a escorrer por seu corpo, um leve embaçamento que surgia pelos cantos dos olhos. *Veneno! Veneno na lâmina.*

Inclinou-se até ficar com o rosto a poucos centímetros do dela, encarando o ódio que ela tinha nos olhos.

— Salvar quem?

O sorriso horrível tornou-se uma gargalhada grotesca.

— Outrora... eram... sete! — gritou ela, o ódio nos olhos brilhando como uma lanterna na escuridão.

Jogou a cabeça para trás de repente, abriu a boca com dificuldade e então a fechou com força, batendo os dentes. Ela começou a se contorcer, estremecendo incontrolavelmente e espumando pela boca. Vaelin a soltou e ela caiu no chão, estrebuchando e batendo os pés nos ladrilhos, até que ficou imóvel, os olhos arregalados e sem piscar, sem vida.

Vaelin a encarou, o suor acumulando na testa, o calor no peito transformando-se em fogo.

Veneno na lâmina... Não há mais tempo para salvá-la agora... Outrora eram sete... Não há mais tempo para salvá-la... Salvá-la... SALVÁ-LA!

A Aspecto!

Foi até a parede onde a espada estava encostada e arrancou da bainha, abriu a porta com dificuldade e saiu correndo pelo corredor até as escadas.

Veneno na lâmina... Quanto tempo ele ainda tinha? Afastou o pensamento. *O suficiente!*, decidiu furioso, subindo os degraus de três em três. *Tenho tempo suficiente.*

Os aposentos da Aspecto ficavam no andar superior. Chegou lá dentro de segundos, correndo pelo corredor, avistando a porta à frente, sem ver sinal de ameaça...

A lâmina foi um risco de luz nas sombras, uma meia-lua de aço, manejada com uma velocidade e destreza que deveriam ter lhe arrancado a cabeça dos ombros. Vaelin agachou-se e rolou, sentindo o deslocamento de ar quando a espada cortou o vazio acima do seu corpo; ficou de pé e assumiu uma posição de defesa com o mesmo movimento, a lâmina da espada chocando-se

contra a sua. Girou e colocou um joelho no chão, esticou ao máximo o braço da espada e sentiu o impacto quando sua lâmina encontrou carne, arrancando um grito de dor abafado e um breve jato de sangue nos ladrilhos. O atacante usava vestimentas de algodão negro, uma máscara no rosto e tinha fuligem espalhada na fronte e nas pálpebras. Lançou um olhar furioso para Vaelin enquanto apertava o corte profundo na coxa, não com raiva, mas surpreso.

Vaelin o matou com um talho no pescoço, deixou-o estrebuchando numa poça de sangue enquanto continuava correndo; o fogo no peito era agora uma dor infernal, tinha a visão embaçada e perdia o foco tentando fixar o olhar na porta da Aspecto, a poucos metros adiante. Cambaleou, chocando-se contra a parede, forçando-se a seguir em frente com um gemido raivoso de repreensão.

SALVÁ-LA!

Mais duas lâminas reluziram das trevas, outra figura vestida de preto, uma espada curta em cada mão, atacando em um frenesi de lâminas rodopiantes. Vaelin aparou os dois primeiros golpes, recuou para deixar os outros passarem a centímetros do rosto, avançou ao alcance da perna do homem e o matou com uma estocada no esterno, guiando a lâmina por baixo das costelas e encontrando o coração. O homem de preto convulsionou, vomitando sangue, então ficou mole, feito um boneco, sem vida, pendurado na lâmina de Vaelin como um trapo. O peso do corpo o puxou para baixo; a espada estava enterrada até o punho, tinha o braço coberto por uma camada espessa de sangue, que banhava o chão. O cheiro o teria feito se engasgar, se não fosse pela toxina que corria em suas veias.

Cansado... Escorregou para junto do cadáver, empurrado pelo peso de uma exaustão maior do que qualquer uma que já sentira. A dor no peito diminuía,

substituída por uma vontade irresistível de dormir. *Tão cansado...*

— Você não parece bem, irmão.

Era uma voz anônima, sem fonte ou dono, perdida em meio às sombras. *Um sonho? Um sonho antes da morte.*

— Vejo que ela o encontrou — continuou a voz. Ouviu a ponta de uma lâmina raspar de leve a pedra.

Não é sonho. Vaelin rangeu os dentes, apertando o punho da espada.

— Ela está morta! — gritou para as trevas.

— Tenho certeza que sim. — A voz era suave, destituída de sotaque e não lembrava nenhuma outra. Não era refinada ou grosseira. — Uma pena. Sempre gostei dela naquela forma. Ela era tão maravilhosamente cruel. Chegou a se deitar com ela? Acho que ela teria gostado disso.

Havia apenas a mais leve nota de tensão no tom, mas Vaelin sentiu que o dono da voz desconhecida estava prestes a agir.

Levantou-se, estremecendo com o esforço, e arrancou a espada do cadáver. *Esperou demais*, percebeu. *Devia ter me matado quando eu estava vulnerável. Está esperando que o veneno complete o serviço por ele?*

— Está com medo — gemeu Vaelin para as trevas. — Sabe que não pode me vencer.

Silêncio. Silêncio e sombras, rompido apenas pelo gotejar do sangue da espada no chão. *Não há tempo*, pensou, a visão oscilando, uma dormência terrível e glacial subindo-lhe pelos membros. *Não há tempo para esperar.*

— Outrora — disse ele, a voz rouca, fazendo-o gritar. — Outrora eram sete!

Ouviu-se um ruído de trancas e trincos, seguido pelo rangido de dobradiças quando a porta da Aspecto abriu-se às suas costas e o rosto gracioso e levemente aborrecido da mulher surgiu envolto em luz de vela.

— O *que* é todo esse barulho...

A faca saiu rodopiando da escuridão num arremesso preciso, e a ponta com certeza atingiria a Aspecto no olho.

O braço da espada de Vaelin parecia de chumbo quando brandiu a lâmina em um arco que se chocou com a faca, mandando-a de volta para as trevas. Não viu o assassino continuar o ataque; sentiu-o, estava *ciente* dele, mas não o viu. O contragolpe foi automático, inconsciente, imediato. Vaelin girou, as mãos no punho da espada, os últimos vestígios de força no golpe; não sentiu tocar o pescoço do homem, ouviu em vez de ver o jato de sangue que pintou o teto e as paredes quando o corpo sem cabeça avançou alguns passos antes de tombar. Tudo o que sentiu foi a necessidade inescapável e dominante de dormir.

Os ladrilhos do chão estavam frios contra sua face, o peito movia-se num ritmo sedado. Imaginou se sonharia com lobos...

— Vaelin! — Mãos fortes o agarravam, sacudiam-no, muitos pés pisoteavam o chão, uma confusão de vozes como um rio agitado. Gemeu incomodado.

— Vaelin! Acorde! — Algo duro lhe atingiu o rosto, fazendo-o se retrair. — Acorde! Não durma! Está me ouvindo?!

Mais vozes, misturadas num clamor que mal podia ser decifrado.

— Tragam a Irmã Sherin, agora!... Levem-no para a sala de aula... Deixe-os, estão mortos... Com o que ele foi infectado?... Parece um ferimento de faca, onde está a lâmina?

— Ela queria se desculpar — disse Vaelin, decidindo que devia ajudar. — Foi até o meu quarto... Teria me pegado, se não fosse pelo lobo...

— Vasculhem o quarto dele! — A voz de Sherin, mais estridente e desesperada do que jamais podia imaginar.

— Procurem por uma faca e não toquem de modo algum na lâmina.

Houve mais vozes, uma sensação vaga de ser carregado, o frio do chão substituído pela dureza de uma mesa de tratamento. Vaelin gemeu, a mente entorpecida compreendendo a dor que viria a seguir.

— Morta? — A voz da Aspecto. — Como assim, morta?

— Parece ser veneno — respondeu a voz retumbante de Mestre Harin. — Uma pílula escondida em um dos dentes. Há muito tempo que eu não via algo assim...

Vaelin decidiu abrir os olhos e viu apenas um emaranhado de sombras. Piscou e sua visão clareou por tempo suficiente para distinguir a Irmã Sherin, cujas narinas se dilataram quando cheirou a faca de Henna.

— Flecha do Caçador — disse ela. — Precisamos de raiz joffril.

— Isso pode matá-lo. — Vaelin sabia que devia ficar espantado com o temor na voz da Aspecto, mas lhe veio à mente uma pergunta que tinha que fazer.

— Ele morrerá se não a usarmos! — retorquiu Sherin, o rosto aflito, temeroso, mas determinado. — Ele é jovem e forte. Pode suportar.

Uma pausa, um suspiro de imensa frustração.

— Tragam a raiz e bastante flor rubra...

— Não! — interrompeu Sherin. — Não, a flor diminui o efeito. Nada de flor rubra.

— Pela Fé, irmã. — Vaelin pôde ver a forma gigantesca de Mestre Harin pela primeira vez. — Sabe o que essa coisa faz com um homem?

— Ela tem razão — disse a Aspecto, com voz firme.

— Aspecto? — perguntou Vaelin.

Ela se aproximou, tomou-lhe a mão e passou os dedos pela fronte do garoto.

— Vaelin, não se mexa, por favor. Precisamos lhe dar um remédio para que fique bem. Será doloroso... Você precisa ser forte.

— Aspecto. — Ele lutou para manter a visão estável, fixa nos olhos dela. — Por favor, qual era o nome de minha mãe?

Vardrian.

O nome ecoava em sua mente em meio a um tumulto de dor. *Vardrian.* O nome dela. O nome da família dela. Estava banhado em suor, o peito era uma fornalha, tinha os olhos anuviados pela escuridão, mas o nome dela o mantinha firme, uma âncora no mundo.

Irmã Sherin amarrara uma tira de couro em seu braço e injetara a tintura de raiz joffril diretamente na veia com uma agulha longa. A agonia foi quase instantânea. O quarto se fragmentou e desapareceu, as palavras calmantes da Aspecto foram emudecidas, o rosto aflito de Sherin era uma mancha pálida em meio às sombras que se adensavam.

Vardrian.

Era um efeito curioso da dor o fato de o tempo tornar-se infinito, onde cada instante de agonia era prolongado ao extremo. Vaelin sabia que estava com as costas arqueadas, a espinha retesada como um arco, e que mãos fortes o seguravam na mesa enquanto se debatia e gritava incoerências. Ele sabia, mas não sentia. Era algo distante, em algum lugar bem além da dor.

Ildera Vardrian. Sua mãe. Um nome simples, um nome sem nobreza ou notoriedade, um nome que viera dos campos ou das ruas. Ela era como seu pai, elevada pelo talento. Ela era especial. De repente, pôde ver o rosto dela claramente, a escuridão dissipando-se diante do brilho de seu sorriso, da compaixão em seus olhos. Ela era um farol em meio à dor, um foco para sua vontade, a vontade de viver.

Nunca soube quanto tempo demorou, quanto tempo levou para se exaurir. Contaram-lhe mais tarde que

feriu vários dos irmãos mais fortes da Quinta Ordem, que tentara até mesmo morder a Aspecto, que gritara as coisas mais hediondas, mas Vaelin não se lembrava de nada disso. Tudo o que sabia era o nome. *Ildera Vardrian.*

O nome o salvara.

CAPÍTULO CINCO

Não havia dor no sonho. Em seu sonho, uma luz dourada e suave entrava pela janela, e Irmã Sherin tinha um sorriso radiante no rosto quando o encarou.

— Você viveu — disse ela. — Eu sabia que viveria.

Um sonho... em um sonho é possível falar o que se sente.

— Você é linda — disse a Sherin.

O sorriso dela tornou-se uma risada.

— Está delirando, irmão. Tente dormir, você precisa descansar. Há alguns rapazes de aparência perigosa lá fora que ficariam muito bravos comigo se você não se recuperasse.

— Devíamos ir embora juntos — continuou ele alegremente, contente pela liberdade que o sonho proporcionava. — Devíamos fugir. Encontrar alguma parte sossegada do mundo onde você pudesse curar e eu pudesse aprender a ser outra coisa além de um assassino...

— Shhh! — Sherin colocou os dedos sobre os lábios do garoto, e não mais sorria. — Vaelin, por favor...

— Não senti nada quando matei aqueles homens. Nada. Isso não está certo...

— Você salvou a Aspecto. Não teve escolha.

O homem de preto apertou o ferimento na perna; quando a espada de Vaelin penetrou em seu pescoço, uma lamúria pueril escapou-lhe da garganta...

— Envergonhei minha mãe. Comparado a ela, não sou nada...

— Não. — Sherin acariciou-lhe a fronte, aproximou o

rosto do dele e tocou-lhe os lábios de leve com um beijo. — Você é um guardião, um guerreiro que luta em defesa dos desamparados. É forte e justo. Lembre-se sempre disso. E lembre-se sempre de que estarei aqui quando precisar de mim. Sempre que me chamar, minhas habilidades serão suas.

O sonho começou a desaparecer, a exaustão o arrastava para o esquecimento.

— Eu preferiria que fôssemos embora juntos...

Ele acordou com dor, não a agonia da raiz joffril, mas um misto de dor de músculos cansados e desidratação. Os lençóis tinham manchas marrom-avermelhadas de formas estranhas, e o corte no braço ainda doía por causa do veneno. As pálpebras começaram a pesar e Vaelin estava quase caindo nos braços de um sonho convidativo quando percebeu que não estava sozinho.

Mestre Sollis estava sentado no canto do quarto de braços cruzados e com a espada pousada nos joelhos. A vermelhidão dos olhos indicava que passara a noite em claro.

— Você demorou a despertar — disse ele.

— Desculpe, mestre — disse Vaelin, em voz baixa.

Mestre Sollis levantou-se e foi até a mesa ao lado da cama, onde pegou um jarro de barro grande e encheu um copo com água.

— Aqui. — Levou o copo aos lábios de Vaelin. — Goles pequenos, não tome depressa.

A água nunca tivera um gosto tão bom; inundou-lhe a boca, dando um fim à secura da garganta.

— Obrigado, mestre.

— A Irmã Sherin disse que você deve beber pelo menos um copo a cada hora. Ela deu instruções rígidas para seu cuidado.

Sherin... Devíamos ir embora juntos... Sentiu uma nova dor no peito e se pegou desejando jamais ter tido o sonho; acordar para descobrir que não havia sido real

era quase insuportável.

Abaixou os olhos para as manchas nos lençóis.

— Eles tiveram que me abrir? — Teve uma desagradável e vívida imagem mental do afastador torácico sendo enfiado em seu peito.

— Aparentemente a raiz joffril faz com que se transpire sangue. Parte de seu efeito purgativo benéfico, segundo o que me contaram. Sollis puxou a cadeira do canto do quarto e sentou-se ao lado da cama. — Preciso saber o que aconteceu aqui.

Então Vaelin lhe contou, sem omitir nada. Sollis escutou em silêncio, erguendo de leve uma sobrancelha ao ouvir sobre a visita de Irmã Henna ao quarto do garoto, e permaneceu impassível quando Vaelin mencionou o uivo do lobo que o salvara. A única reação do mestre foi ao ouvir as palavras que a garota dissera: *Outrora eram sete.* Foi uma mudança sutil nos olhos de Sollis, mas dizia muito. *Ele sabe*, concluiu Vaelin. *Sabe o que significa e aposto um saco de ouro como ele não vai me contar.* Sollis não demonstrou qualquer reação com o resto da história e fez apenas algumas perguntas.

— E como você avaliaria as habilidades desses assassinos?

— Sabiam manejar uma espada, mas pareciam desconhecer qualquer tática. Eu estava envenenado e fraco. Eles deviam ter me matado, atacado depressa. Mas me enfrentaram separadamente, ambas as vezes a partir de emboscadas.

Mestre Sollis permaneceu em silêncio, ponderando a informação. Vaelin sentia uma vontade desesperada de dormir, mas forçou-se a permanecer alerta. Irmãos noviços não dormiam na presença de um mestre.

— A Irmã Sherin vai voltar? — perguntou Vaelin, esperando que quebrar o silêncio o mantivesse acordado. — Eu... eu gostaria de saber por quanto

tempo ficarei preso a esta cama.

— Ela está tratando dos feridos. É provável que fique ocupada durante algum tempo. Os últimos dois dias foram conturbados na cidade.

Dois dias. Estivera sonhando e suando sangue por dois dias.

— Conturbados, mestre?

— Houve tumultos. Quando a notícia dos ataques se espalhou, começaram rumores sobre uma trama dos Negadores. Em pouco tempo, era de conhecimento geral que um exército oculto de cumbraelinos estava à espreita nos esgotos para matar a todos nós em nossas camas. — Sacudiu a cabeça, indignado. — Pessoas ignorantes acreditam em qualquer coisa se estiverem com medo suficiente.

Vaelin ficou intrigado.

— Ataques?

— Elera Al Mendah não foi a única dos Aspectos a ser atacada. Os Aspectos da Quarta e Segunda Ordens estão mortos. Os outros tiveram sorte em sobreviver. O Aspecto Al Hendrahl foi seriamente ferido; parece que a faca não era longa o bastante para alcançar seu coração com toda aquela gordura no caminho.

Os pensamentos de Vaelin rodopiavam. Dois Aspectos mortos. Parecia inacreditável. Lembrava-se bem do Aspecto Corlin Al Sentis de seu Teste do Conhecimento, o homem formal e de rosto sério que lhe fizera perguntas sobre os eventos na floresta. Era estranho pensar nele atacado por adagas e veneno. Essa linha de pensamento o levou até uma preocupação inevitável.

— E o Aspecto Arlyn?

— Está vivo e bem. Enviaram três homens atrás dele. Cavaram um túnel até as galerias, onde se depararam com Mestre Grealin. É sempre um erro subestimar um homem gordo em uma luta. — Foi o mais perto de um elogio que Sollis já fizera a respeito de Mestre Grealin.

— Ele está ferido?

— Teve apenas alguns machucados. Embora tenha lamentado muito não ter conseguido manter um deles vivo para dar algumas respostas.

— E meus irmãos?

— Estão todos bem. O Irmão Nortah conseguiu ser expulso da Segunda Ordem depois de apenas dois dias. Quanto aos outros, o Irmão Caenis distinguiu-se ao matar o assassino que esfaqueou o Aspecto Al Hendrahl e os outros parecem que estavam dormindo após terem acabado com um barril de cerveja quando o Aspecto Corlin foi assassinado. Metade dos irmãos noviços da Sexta Ordem à toa na Casa da Quarta Ordem e assassinos cortam a garganta do Aspecto e fogem antes que alguém note. Foram aplicadas punições severas.

Vaelin afundou no colchão, dominado de súbito pelo cansaço.

— Perdoe-me, mestre — disse ele. — Por não deixar um deles vivo. O veneno entorpeceu a minha mente de alguma forma... — Vaelin começou a perder a consciência e viu o rosto magro e inexpressivo de Mestre Sollis virar uma sombra.

Barkus praguejava, Dentos fazia piadas, Nortah ria e Caenis pouco dizia. Vaelin percebeu que sentira uma falta imensa de todos eles.

— É uma loucura sem tamanho — disse Barkus, franzindo a testa, perplexo. — Digo, o que está acontecendo?

— Obviamente há inimigos entre nós, irmão — disse Caenis. — Devemos ter cuidado.

— Mas por quê? Por que matar os Aspectos?

Vaelin estava cansado; o corte no braço escurecera até se tornar uma cicatriz azulada e a agonia causada pela raiz joffril havia se transformado em uma dor que

ainda permanecia nos braços. Recebeu diversas visitas durante a manhã; Mestre Harin elogiou-o com certo embaraço e forçou uma ou duas gargalhadas retumbantes. Vaelin podia ver que o homenzarrão estava feliz por ele ter sobrevivido e triste pela traição de Henna. Ela era uma espécie de favorita no grupo do mestre. O Irmão Sellin ficou por mais de uma hora, com as mãos nodosas agarradas ao porrete de madeira e falando de como teria usado a arma nos assassinos se tivesse tido a oportunidade. Vaelin teve uma visão breve de um irmão idoso caído em uma portaria com a garganta cortada, mas disse: — Foi sábio da parte deles não chegarem perto de você, irmão. — O velho pareceu bastante contente com o elogio e disse que voltaria no dia seguinte com um caldo curativo de sua própria receita. Houve outros visitantes, mas a ausência da Irmã Sherin foi perceptível, e Vaelin ficou preocupado com a possibilidade de ter murmurado algo embaraçoso enquanto dormia.

— Como está Frentis? — perguntou.

— Bravo — respondeu Nortah. — Ele não sabe o que fazer. Já tivemos que tirá-lo de três brigas. Implorou para o Aspecto deixar que viesse conosco, mas tudo o que conseguiu foi ganhar um dia no estábulo.

— Fique de olho nele quando voltar. Não gosto que ele fique por perto de Mestre Rensial sozinho. Diga-lhe que estou bem e que logo vou voltar. E diga para não se esquecer de visitar Arranhão todos os dias.

Nortah assentiu. Estava implícito que ele seria o líder enquanto Vaelin se recuperava.

— Disseram que você matou quatro deles — disse Nortah. — Impressionante.

— Três. Havia uma garota, que fingiu ser uma irmã aqui durante anos. Ela se matou quando não conseguiu me matar.

— Uma garota? — Um sorriso malicioso surgiu nos

lábios de Nortah quando olhou para a cicatriz no braço de Vaelin. — Quão perto você deixou que ela chegasse, irmão?

— Perto demais. — *Uma lição que não vou esquecer.*

— O Irmão Nillin estava na Quarta Ordem há doze anos — disse Caenis. — Era um de seus estudiosos mais respeitados, autor de três livros de linguística, dava aulas de idiomas para os irmãos noviços, e durante todo esse tempo estava esperando para matar o Aspecto Al Hendrahl.

— É graças a você que o gordo desgraçado ainda está entre nós — disse Nortah. — Aliás, como você adivinhou o que aconteceria?

— Não adivinhei. Eu tinha ido devolver um livro que o Aspecto havia me emprestado. Abri a porta com um chute quando o ouvi gritar. — Ele parou, sua expressão ficando ainda mais melancólica. — O Irmão Nillin lutou bem para um homem de quarenta e sete anos.

— O que você fez com ele? — perguntou Dentos.

— Eu não tinha uma arma comigo. Não vi motivo para carregar uma pela Quarta Ordem. Tive que usar as mãos.

— Não deve ter sido fácil — comentou Barkus. — Enfrentar desarmado um homem com uma faca.

— O homem era habilidoso, mas... — Caenis deu de ombros.

— Ele não era um de nós — concluiu Vaelin.

Caenis assentiu.

— O que levanta a questão de por que esperar até que as Ordens estivessem cheias de garotos da Sexta Ordem antes de executarem seu plano.

— Nada sobre esse negócio faz sentido — disse Nortah, bocejando. — Embora eu consiga compreender alguém querer o Aspecto da Segunda Ordem morto. Mais um minuto da ladainha entediante do velho tolo e eu mesmo o teria estrangulado.

— Foi por isso que você foi expulso? — perguntou Vaelin.

Dentos deu um risinho escarnecedor e o sorriso de Nortah desta vez pareceu ser sincero.

— Houve um mal-entendido com uma das irmãs. Aparentemente massagens de relaxamento têm certas limitações. Pelo menos é o que acho que ela disse antes de me dar um tapa e sair correndo.

Vaelin deixou que rissem por alguns segundos antes de interromper, erguendo a cabeça para olhar nos olhos de cada um.

— Não sei o que aconteceu aqui, irmãos. Compreendo tanto quanto vocês. O que sei é que vivemos em tempos perigosos, que só podemos confiar uns nos outros. Ouçam o que Mestre Sollis disser, obedeçam o Aspecto e, acima de tudo, protejam-se bem.

A porta se abriu e a Irmã Sherin entrou com uma bacia de água quente; era a primeira vez que Vaelin a via naquele dia.

— Saiam! — ordenou ela. — É hora do banho do Irmão Vaelin e vocês já estão aqui há bastante tempo.

— Um banho, é? — Nortah ergueu uma sobrancelha, inclinando-se na direção de Sherin enquanto ela colocava a bacia em uma mesa, e Vaelin percebeu que o garoto a olhava de cima a baixo. — Sei que você será *muito* meticulosa, irmã.

Sherin lançou o mesmo olhar cansado e desinteressado a Nortah que dava a bêbados galanteadores na sala de tratamento.

— Não tem que ir brincar com sua espada em algum lugar, irmão?

Nortah seguiu os outros para fora do quarto, com uma risada atravessada.

— Uma lição de boas maneiras não faria mal ao seu amigo — comentou Sherin, colocando a bacia na mesinha ao lado da cama. — Aquele comportamento é

inadequado para um irmão.

— Minha Ordem tem muitos irmãos diferentes, alguns mais inadequados do que outros.

Ela ergueu uma sobrancelha, mas nada disse, e mergulhou um pano na bacia e fez que ia puxar as cobertas.

— Já estou forte o bastante para me lavar, irmã — disse Vaelin a ela, segurando o cobertor com gentileza, mas firme.

Sherin o olhou intrigada.

— Acredite, irmão, você não tem nada que eu já não tenha visto antes. Quem você acha que lhe deu banho quando estava inconsciente?

Vaelin empurrou o pensamento constrangedor para o fundo da mente e continuou segurando as cobertas.

— Mesmo assim. Estou mais forte agora.

— Como quiser. — Ela largou o pano na bacia e afastou-se. — Já que você está muito mais forte, pode encontrar-se com a Aspecto hoje. Ela vinha pedindo para falar com você. Nos jardins ao meio-dia. Vou lhe ajudar, se você puder suportar minha ajuda, é claro.

Ela saiu do quarto sem olhar para trás. Levou um momento para Vaelin perceber que realmente ferira os sentimentos dela.

Os jardins da Quinta Ordem eram vastos, cobrindo vários acres de solo fértil onde irmãos e irmãs cuidavam das inúmeras variedades de ervas e plantas medicinais que desempenhavam um papel tão importante em seu trabalho. A maior parte dos jardins era composta de uma série de retângulos, um monótono tabuleiro verde e marrom, mas aqui e ali havia ilhas de cores, ramalhetes de diversos tipos de flores.

— Temos jardins em nossa Ordem — disse Vaelin a Sherin enquanto ela o ajudava a andar pelos caminhos

de cascalho entre os lotes. As pernas e o peito ainda doíam bastante e ele estava se apoiando no ombro dela mais do que gostaria, ciente de que a proximidade a deixava desconfortável. Sherin não dissera nada quando apareceu ao meio-dia para levá-lo até a Aspecto e fez o possível para evitar o olhar do garoto. — Não são como estes — continuou quando ela não respondeu. — Mestre Smentil cuida deles, geralmente sozinho. Ele só fala por meio de sinais, já que perdeu a língua para os lonaks... — Sua voz foi sumindo. Era óbvio que a Irmã Sherin não queria conversar.

Ela parou diante de uma série de canteiros de flores. Vaelin podia ver a figura esguia da Aspecto Elera movendo-se por entre as flores.

— A Aspecto o ajudará a voltar — disse Sherin, afastando-se para tirar o braço dele de seu ombro.

— Obrigado, irmã.

Ela balançou a cabeça e lhe deu as costas.

— Irmã — disse ele, estendendo a mão para tocá-la no pulso. — Um momento, por favor.

Ela afastou o pulso, evitando que ele a tocasse, mas esperou, com um olhar cauteloso.

— Eu não lhe agradeci — disse ele. — Por salvar a minha vida.

— É o meu papel, irmão.

— Quando eu estava... sendo curado, tive muitos sonhos estranhos. Acho que posso ter dito coisas, coisas que eu jamais diria. Se eu disse algo... ofensivo...

— Você não disse nada, irmão. — Ela ergueu o olhar, encontrando o de Vaelin, e forçou um leve sorriso. — Pelo menos nada ofensivo. — Ela cruzou os braços com força sobre o peito e o sorriso desapareceu. — Logo você vai embora, vai voltar para aquele lugar horrível, vai lutar em alguma guerra medonha. Nós... nós não vamos nos falar de novo, provavelmente nunca mais.

Vaelin aproximou-se involuntariamente, estendendo

as mãos para agarrar as dela.

— Vamos nos falar de novo. Eu prometo.

— Vaelin! — Era a Aspecto Elera, parada na extremidade do jardim de flores com uma pequena faca de podar na mão. Tinha um sorriso radiante no rosto. — Você está bem mais forte.

— Graças aos cuidados da Irmã Sherin, Aspecto.

— De fato. Os cuidados dela são preciosos, assim como seu tempo.

— Perdoe-me, Aspecto. — Sherin abaixou a cabeça. — Eu não devia me demorar...

— Não foi uma repreensão, irmã. Mas a cidade ainda passa por problemas. Receio que suas habilidades serão mais uma vez indispensáveis hoje.

Sherin assentiu e despediu-se de Vaelin com um olhar e um sorriso triste nos lábios antes de soltar as mãos do garoto e voltar para a Casa da Ordem. Vaelin a observou até perdê-la de vista.

— O que sabe sobre flores, Vaelin? — perguntou Elera Al Mendah, oferecendo-lhe o braço para se apoiar e levando-o para o jardim de flores.

— Mestre Hutril me ensinou a identificar as venenosas. Disse que são boas para triturar e passar nas pontas das flechas. — *E eu tenho uma irmã que gosta de invernálias.*

— Muito úteis, tenho certeza. Sabe o que são estas? — Ela parou ao lado de uma fileira curta de flores púrpura com estranhas inflorescências curvadas emolduradas por quatro pétalas longas.

— Nunca as vi, Aspecto.

— Orquídeas marlianas, do extremo sul do Império Alpirano. São híbridas, na verdade. Cruzei algumas de nossas orquídeas nativas para dar um pouco de robustez, já que nosso clima é mais frio do que aquele com o qual as marlianas estão acostumadas. É o que costuma ocorrer com as plantas: tire-as do solo onde

cresceram e elas murcharão e morrerão.

Vaelin teve a impressão de que havia uma lição ali, uma lição que ele não queria ouvir.

— Compreendo, Aspecto. — Ele supôs que essa era a resposta que Elera esperava.

— Sherin é especial — continuou a Aspecto. — Ela se importa, veja bem. Importa-se mais do que a maioria, até mesmo do que os irmãos e irmãs desta Ordem. Talvez seja daí que venha sua perícia. E é muito habilidosa, já me superou na maioria das coisas, mas não diga isso a ela. É certo que tamanha habilidade a deixará isolada. Não são muitos os que se dão ao trabalho de conhecê-la bem para perceberem o quanto ela é especial. Mas você se deu ao trabalho, como eu sabia que daria. Foi por isso que os coloquei juntos. Porém, eu não esperava que a ligação de vocês fosse tão forte.

— Acredito que a amizade não é proibida entre aqueles que servem a Fé.

A Aspecto Elera ergueu uma sobrancelha diante da impertinência, mas não o repreendeu.

— A amizade sempre deve ser estimada. Mas ela não pode inibir o papel que você e Sherin precisam desempenhar. Sherin é para esta Ordem o que você é para a sua.

— E o que somos?

— O futuro. É necessário que vocês dois entendam isso. Sua mãe não entendeu, ou recusou-se a entender. O amor pode fazer isso, pode cegá-lo para o caminho que a Fé lhe preparou. Quando ela foi embora daqui para se casar com seu pai, a Quinta Ordem perdeu uma futura Aspecto.

— Tenho certeza de que minha mãe conhecia o próprio coração.

Elera retraiu-se um pouco ao ouvir o tom de amargura na voz do garoto.

— Sim, ela conhecia. Eu não estava criticando, apenas demonstrando certa tristeza. Ela era minha amiga mais íntima, foi ela quem me ensinou quando cheguei aqui. Sem ela eu não seria nada.

Elera parou diante de um pequeno banco de madeira e disse para Vaelin se sentar. Ele ficou agradecido pelo descanso, pois sentia como se as pernas fossem ceder a qualquer momento.

— Aspecto, posso saber se descobriram algo a respeito dos homens que lhe atacaram?

Ela sacudiu a cabeça.

— Muito pouco. Os corpos foram examinados e nada de interesse foi encontrado, exceto o fato de que todos tinham pílulas de venenos escondidas nos dentes, como a Irmã Henna. Seus rostos eram desconhecidos de todos. A Guarda do Reino e a Quarta Ordem estão investigando. Suponho que no devido tempo encontrarão respostas.

Para uma mulher que acabara de escapar da morte, ela parecia bastante despreocupada com a identidade de seus atacantes.

— Não teme que outros possam tentar de novo?

Elera franziu o cenho, como se a ideia não tivesse lhe ocorrido antes.

— Se tiverem que vir, eles virão. Parece que não há muito o que eu possa fazer a respeito. A Fé nos diz para aceitarmos aquilo que não podemos mudar.

— A Irmã Henna estava aqui há muito tempo. A traição dela deve ser dolorosa.

— Traição? Duvido que ela fosse leal a este lugar, então como poderia traí-lo? Ela fez o que foi enviada para fazer. Devo dizer que estou impressionada com a dedicação dela, viver uma mentira durante todo esse tempo e jamais vacilar, jamais deixando a máscara cair.

— Ela disse algo antes de morrer. “Outrora eram sete”. Sabe o que significa?

Havia algo ali, uma espécie de reação, embora não a mesma que vira em Mestre Sollis; era mais como medo, mas desapareceu em um instante.

— Você está cheio de perguntas hoje, Vaelin. Parece ser algo recorrente em nossas conversas.

Outra que não me contará coisa alguma. — Perdoe-me, Aspecto.

Ela deixou de lado a preocupação dele com uma risada.

— Depois do que fez por mim, tenho a impressão de que lhe devo pelo menos uma resposta. Então, pergunte. Mas apenas uma pergunta, veja bem.

Apenas uma pergunta. Parecia quase cruel, como se ela estivesse brincando com ele. Vaelin queria respostas para cada uma das inúmeras perguntas que o atormentavam, mas, depois de pensar rapidamente, escolheu a que estava em primeiro plano em sua cabeça há meses.

— O que sabe sobre a minha irmã?

— Ah. — Ela parou por um momento, a tristeza evidente no rosto. — Sei que ela é uma menina muito inteligente. Sei que os pais dela a amam muito. Sei que ela nasceu há pouco mais de dez anos.

— Quando minha mãe ainda estava viva.

A Aspecto suspirou profundamente.

— Vaelin, não quero magoá-lo, mas você precisa entender que nem todo casamento é uma história feliz. Sua mãe e seu pai se amavam muito, mas também eram muito diferentes. Sua mãe odiava guerras, presenciou muitas durante seu serviço à Ordem, mas ela aceitou o papel de seu pai como Senhor da Batalha porque o amava e porque ele era um homem justo que tentava conter os piores excessos da Guarda do Reino. No entanto, quando estourou a terceira guerra meldeneana, ela descobriu que não conseguia mais suportar. Soube o que seu pai fora ordenado fazer e

implorou-lhe para que não fizesse. Mas tinha que obedecer a seu rei.

— A cidade. — *Homens, mulheres, crianças... gritando em meio às chamas.*

— Sim. Aquilo os assombrou e pôs um fim à sua relação. Ela se afastou dele. Ele começou a passar mais tempo longe de casa. Não sei como conheceu a mulher que lhe daria uma filha. Porém, quando sua mãe morreu e você foi colocado na Sexta Ordem, elas foram viver em sua casa. Seu pai pediu permissão para se casar e legitimar a menina, mas o Rei recusou o pedido. O Senhor da Batalha deve ser um exemplo, um modelo para o povo seguir. Pouco tempo depois, seu pai já não estava mais a serviço do Rei.

— Minha mãe sabia sobre a menina?

— Acho que não. A saúde dela começou a se agravar por volta da mesma época. Ela se preocupava com seu futuro. — Elera estendeu a mão para afastar o cabelo da testa de Vaelin. — Tinha muitas esperanças para você. Todo o bem que ela fez, todas as pessoas que curou... e ainda assim você foi a maior realização da vida dela.

— Então fico feliz por ela não ter vivido para ver o que me tornei.

O tapa foi lento para seus padrões, mas tão inesperado que Vaelin não conseguiu bloqueá-lo.

— Jamais diga isso! — A voz dela estava cheia de raiva, e Vaelin esfregou a face que ardia. — O que você se tornou? Um rapaz corajoso que salvou minha vida. Sem falar na da Irmã Sherin. Sei que o espírito de sua mãe orgulha-se de quem você é.

— Sou um matador. É tudo o que sei fazer.

— Você é um guerreiro a serviço da Fé. Não se esqueça disso. Pode não significar nada para você agora, mas com o tempo significará.

— Não é o que ela queria. Colocar-me naquele lugar para que meu pai pudesse levar sua vadia para a casa

dela...

— A decisão não foi dele.

— Outra ordem do Rei, então. Um símbolo de sua devoção...

— Foi o último desejo de sua mãe.

Ele sentiu como se tivesse sido esbofeteado de novo, mas com muito mais força. Ficou tonto, os pensamentos rodopiavam. *MENTIRAS! Ela está mentindo! Minha mãe jamais desejaria isso.*

— Vaelin?

Ele se levantou do banco, afastou-se cambaleando, sentindo a náusea e a confusão aumentarem, mas as pernas debilitadas só puderam carregá-lo por alguns passos antes que caísse e amassasse orquídeas preciosas e se visse cego pelas lágrimas.

— Vaelin. — Elera o segurou, aninhando-o contra o peito enquanto o garoto soluçava. — Sinto muito. Você tinha que saber.

— Por quê? — sussurrou ele contra o peito dela. — Por que ela faria isso?

— Porque ela foi corajosa o bastante para olhar dentro de seu coração e ver o homem que você estava destinado a ser. Ela rogou aos Finados para que você herdasse o dom dela, para que passasse sua vida como um curandeiro, mas à medida que você crescia, ela soube que eram as habilidades de seu pai que corriam em seu sangue. Como filho de seu pai, você teria uma vida bem diferente, uma vida de serviço, é verdade, mas serviço ao Rei, não à Fé. O Rei tinha planos para você, sabia disso? Com o tempo, você teria se tornado muito útil para ele. Sua mãe havia perdido o marido para os planos do Rei, e não perderia um filho. Conforme a saúde dela piorava, ela percebeu que não estaria por perto para protegê-lo, e seu pai sempre obedeceria a seu Rei. Ela conhecia bem o Aspecto Arlyn do tempo que passou nas guerras cumbraelinas e

pediu-lhe que o acolhesse. É claro que ele concordou, embora soubesse que aquilo significaria conflitos com a Coroa. Seu pai ficou irado quando ela lhe contou. A fúria dele foi terrível, mas sua mãe estava morrendo e, como último serviço a ela, fez com que ele prometesse que o entregaria à Ordem quando ela morresse. Foi o último ato de lealdade de seu pai para com ela.

A lealdade é nossa força... Lealdade a um rei... Lealdade a uma esposa traída...

A voz de Vaelin saiu como um sussurro, trazendo segredos à tona.

— Eu a ouvi uma vez, na minha primeira noite na Ordem, deitado na cama tremendo de medo. Ouvi-a dizer meu nome.

Elera o abraçou com mais força.

— Ela o amava tanto. Quando coloquei você nos braços de Ildera, ela ficou radiante.

Vaelin afastou-se, confuso.

Ela sorriu e lhe beijou a testa.

— Eu fiz seu parto, Vaelin Al Sorna, e que pedaço de carne berrante você era.

Perguntas. Tantas perguntas ainda. Porém, por alguma razão não se incomodava em não fazê-las. As respostas que Elera lhe dera eram suficientes por ora. Ela continuou a abraçá-lo por mais algum tempo enquanto as lágrimas diminuíam e então o ajudou a voltar para a Casa da Ordem. Vaelin partiu dois dias depois em meio a despedidas carinhosas dos irmãos e irmãs da Quinta Ordem. A Irmã Sherin não estava presente; a Aspecto Elera a enviara para a costa sul no dia anterior, onde novos tumultos fizeram com que muitas pessoas necessitassem de cura. Quase cinco anos se passariam antes que Vaelin tornasse a vê-la.

CAPÍTULO SEIS

Vaelin recuperou-se dentro de alguns dias sem sequelas prolongadas, exceto por uma tendência a tossir em manhãs frias e uma suspeita vitalícia de mulheres amorosas demais, algo que não preocupava um irmão da Sexta Ordem com qualquer regularidade. Seu retorno à Ordem foi recebido com indiferença calculada pelos mestres, em nítido contraste com as despedidas alegres que recebera dos irmãos e irmãs da Quinta Ordem. Seus irmãos, é claro, agiram de forma diferente e preocuparam-se com ele a níveis embaraçosos, confinando-o à cama por uma semana inteira e forçando-lhe comida goela abaixo sempre que podiam. Até mesmo Nortah participou, embora Vaelin tivesse detectado certo sadismo no modo como o garoto prendia os cobertores e levava a colher de sopa à sua boca. Frentis era o pior, e passava cada minuto livre no quarto da torre, velando Vaelin com ansiedade e ficando nervoso ao menor sinal de tosse ou enfermidade. O menino ganhou a primeira varada de Mestre Sollis por faltar ao treino com espadas porque ficara aflito com uma leve febre que Vaelin tivera durante a noite. O Aspecto acabou proibindo-o de entrar no quarto, sob pena de expulsão.

Quando Vaelin ficou forte o bastante para sair da cama sem ajuda, a primeira visita que fez foi ao canil, onde Arranhão o recebeu com uma alegria truculenta, derrubando-o e pintando seu rosto com a língua de lixa enquanto os filhotes cada vez maiores amontoavam-se ao redor, latindo de excitação.

— Sai de cima, seu monstrengo! — gemeu Vaelin, conseguindo tirar o cão pesado de cima do peito. Arranhão ganiu um pouco com a reprimenda, mas pousou a cabeça com carinho no peito de Vaelin. — Eu sei. — Vaelin lhe coçou as orelhas. — Também senti sua falta.

Quando visitou o estábulo, descobriu que Cuspe também tinha uma recepção à sua espera. Durou dois minutos inteiros e Mestre Rensial afirmou com segurança que foi o peido mais longo que já ouviu um cavalo dar.

— Pangaré maldito — murmurou Vaelin, oferecendo uma cenoura para o cavalo. — O Teste do Cavalo será em breve. Não vai me deixar na mão, hein?

Encontrou Caenis no treino de arco, disparando tantas flechas quanto possível no menor espaço de tempo, uma perícia crucial para o Teste do Arco. Aos olhos de Vaelin, Caenis sequer precisava praticar; as mãos pareciam um borrão ao disparar flecha atrás de flecha no alvo a trinta passos de distância. Vaelin melhorara com o arco de forma constante, mas sabia que jamais chegaria ao nível de habilidade que Caenis tinha com a arma, e mesmo ele era superado por Dentos e Nortah.

— Saiu um pouco da linha — comentou Vaelin, embora mal fosse possível notar a imprecisão. — As últimas foram mais para a esquerda.

— Sim — concordou Caenis. — Minha mira piora depois de umas quarenta flechas. — Tornou a puxar a corda do arco, os músculos definidos do braço se retesaram e ele mandou a flecha no meio do alvo. — Um pouco melhor.

— Queria lhe perguntar sobre o assassino que você matou.

A expressão de Caenis se anuviou.

— Já contei a história muitas vezes, para você, para outros e para os mestres. Assim como estou certo de

que você contou a sua muitas vezes.

— Ele disse algo? — insistiu Vaelin. — Antes que você o matasse.

— Sim, ele disse: “Afaste-se de mim, garoto, ou vou lhe estripar”. Não é digno de uma canção, é? Estou pensando se devo mudar isso quando eu escrever a história.

— Pretende escrever sobre isso?

— É claro. Um dia escreverei a história do nosso serviço à Fé. Tenho a impressão de que nossa Ordem tem sido negligente com o registro de sua história, infelizmente. Sabia que somos a única Ordem que não tem uma biblioteca? Espero começar uma nova tradição. — Disparou outra flecha, seguida rapidamente por mais duas. Vaelin notou que a mira dele havia piorado.

Matar um homem não é algo fácil de se lidar, ou de se falar, percebeu.

— Você gostava dele? Desse irmão Nillin?

— Era um homem interessante com muitas histórias, mas quando parei para pensar a respeito mais tarde percebi que ele tinha uma preferência pelas histórias mais antigas. São chamadas de Velhas Canções, de um tempo antes da Fé ser forte; sagas de sangue e guerras, e da prática das Trevas.

As Trevas... Um lobo na floresta, um lobo uivando do lado de fora da minha janela.

— Outrora eram sete. Sabe o que significa?

Caenis havia puxado de novo a corda do arco, mas relaxou aos poucos a tensão.

— Onde você ouviu isso?

— A Irmã Henna disse antes de se envenenar. O que significa, irmão? Sei que você sabe.

Caenis tirou a flecha do arco e guardou na aljava que tinha na cintura, largando com cuidado o arco em cima da mochila.

— É uma história. Como as Velhas Canções, mas diz respeito à Fé. Para falar a verdade, nunca acreditei nela. Raramente é contada e os arquivos das Ordens não a mencionam.

— Não mencionam o quê?

— Atualmente há seis Ordens que servem a Fé. Mas alguns dizem que outrora eram sete. Dizem que nos primeiros anos da Fé, quando as Ordens foram formadas pela primeira vez e os primeiros Aspectos escolhidos, havia uma Sétima Ordem. As Ordens foram formadas para servir cada um dos aspectos principais da Fé e, assim, a irmã ou irmão escolhido para liderar uma Ordem é chamado de Aspecto. Pelo que se afirma, a Sétima Ordem era a Ordem das Trevas, onde irmãos e irmãs mergulhavam nos mistérios em busca de conhecimento e poder para melhor servir a Fé. A prática das Trevas é tradicionalmente atribuída às crenças dos Negadores, mas, se formos acreditar nessa história, ela já fez parte da nossa Fé. Segundo a história, após cem anos ocorreu uma crise. A Sétima Ordem começou a ficar poderosa e a usar o conhecimento que tinha das Trevas para buscar o domínio sobre as Ordens, com a justificativa de que esse conhecimento os aproximava mais dos Finados e afirmando que podiam ouvir suas vozes e interpretar as orientações de forma mais clara do que as Ordens inferiores. Diziam que era um privilégio que lhes dava o direito de liderar, de ter uma supremacia na Fé. Tal coisa não podia ser tolerada, é claro: a Fé precisa que haja equilíbrio entre as Ordens, uma não pode estar acima das outras. De modo que houve uma guerra entre os Fiéis e a Sétima acabou destruída, mas não antes que muito sangue fosse derramado. Dizem que o caos causado por essa guerra foi tão grande que causou a divisão do Reino em quatro Feudos, que só voltaram a se unir no reino do nosso grande Rei Janus. Não se pode dizer se alguma parte

disso tudo é verdade ou não. Se for verdade, isso teria ocorrido há mais de seiscentos anos, e os poucos livros que perduraram através dos séculos nada mencionam sobre esses eventos.

— E, ainda assim, parece que você conhece bem a história.

— Você me conhece, irmão. — Caenis deu um leve sorriso. — Sempre gostei de histórias. Quanto mais fantásticas, melhor.

— Você acredita nela, não? — De repente, algo ocorreu a Vaelin, uma compreensão causada pelo sorriso de Caenis e pela presteza com que contou a história. — Você já sabia. Sabia que essa Sétima Ordem estava por trás disso.

— Eu suspeitava. Há histórias, pouco mais do que fábulas, que afirmam que a Sétima Ordem nunca foi verdadeiramente destruída e que prosperou em segredo, aguardando a hora para retornar e reivindicar a supremacia que tentou obter há tanto tempo.

— Vamos falar com Mestre Sollis e o Aspecto. Eles precisam saber disso.

— Eles já sabem, irmão. Contei-lhes tudo o que eu suspeitava assim que retornei à Ordem. Tive a impressão de que eu não estava lhes contando nada que já não soubessem.

Vaelin lembrou-se da reação de Mestre Sollis às palavras da Irmã Henna e da recusa da Aspecto Elera em discuti-las. *Eles sabem*, compreendeu. *Todos eles sabem. Um segredo mantido pelos Aspectos por séculos. Outrora eram sete. E a Sétima aguarda, planeja. Eles sabem.*

Seus membros começaram a doer com um calafrio súbito, embora o dia estivesse ensolarado.

— Obrigado por compartilhar seus conhecimentos comigo, irmão — disse ele, cruzando os braços e abraçando-se para se esquentar.

— Sempre farei isso, Vaelin — disse Caenis. — Você sabe que não há segredos entre nós.

O Teste do Cavalo ocorreu dois meses mais tarde, e consistiu de um percurso de um quilômetro e meio pela mata e terrenos acidentados, seguido de três flechas disparadas da sela no centro de três alvos. Nortah distinguiu-se no teste, estabelecendo um novo recorde no processo, o que não foi surpresa para ninguém. Os outros se saíram bem, até mesmo Barkus, que cavalgava pouco melhor do que Vaelin. Vaelin teve dificuldades desde o início, pois Cuspe estava rebelde como de costume e só encetava um galope após uma série de ameaças sinceras. Completaram o percurso com o pior tempo do dia e o arco e flecha montado foi meramente adequado, mas pelo menos Vaelin havia passado. Nenhum irmão fracassou no teste desta vez e a refeição da noite tornou-se uma celebração barulhenta, que teve até cerveja contrabandeada e guerra de comida. Foram punidos na manhã seguinte com um nado congelante no rio e cinco voltas no campo de treinamento a toda velocidade e nus. Nenhum achou que não havia valido a pena.

Nas semanas seguintes, ouviram-se mais histórias de tumultos e discórdia além das muralhas. Negadores, reais ou suspeitos, estavam sendo atacados por multidões enfurecidas. Centenas já haviam morrido e a Guarda do Reino estava sofrendo para manter a ordem. Finalmente, quando o verão tornou-se outono, o Reino acalmou-se. Contrário às expectativas de muitos, não ocorreram mais assassinatos e não havia exércitos ocultos de cumbraelinos sob as ruas — na verdade, o Feudo herege estava mais calmo do que jamais estivera em mais de uma década. O Verão de Fogo, como se tornou conhecido, deixou para trás apenas cadáveres,

pesar e cinzas.

Os dois candidatos a Aspectos foram conduzidos até a câmara: uma mulher de trinta e poucos anos e um homem de rosto afilado que Vaelin já vira antes. A mulher foi apresentada como Mestra Liesa Ilnien da Segunda Ordem, uma figura simples e serena com um manto pardo que encarou o olhar combinado dos presentes na câmara com tranquila aceitação. Tendris Al Forne da Quarta Ordem era um contraste, trajado de manto preto e encarando a plateia com uma intensidade que podia quase ser um desafio; o estranho bom humor que Vaelin vira nele três anos antes havia desaparecido, restando apenas o fanatismo. Olhou para os membros presentes apertando os olhos e deteve-se quando avistou Vaelin, oferecendo um leve aceno de cabeça.

Vaelin fora escolhido junto com Caenis para acompanhar o Aspecto Arlyn até o encontro, aparentemente como guardas, visto que havia uma escassez de irmãos confirmados na Casa da Ordem por terem sido requisitados devido às contínuas agitações no Reino. Contudo, Vaelin suspeitava que o Aspecto também queria que eles aprendessem algo sobre a maneiras como as diferentes Ordens governavam a Fé.

O Conclave se reuniu no salão de debates da Casa da Terceira Ordem, uma câmara cavernosa de tetos abobadados e bancos longos. Além dos Aspectos, muitos dos mestres mais antigos de cada Ordem também estavam presentes e tinham direito a opinar na discussão. Caenis e Vaelin, no entanto, não se iludiam quanto ao valor de suas próprias opiniões.

— Jamais sonhei que permitiriam que eu viesse aqui, irmão — sussurrou Caenis entusiasmado, quase tremendo de excitação ao sentarem-se atrás do Aspecto

Arlyn. — Estar presente na escolha de dois novos Aspectos. Sem dúvida é um privilégio.

Vaelin notou que o amigo trouxera uma boa quantidade de pergaminhos e um lápis de carvão.

— Já começou a *História do Irmão Caenis*?

— Na verdade, eu ia chamá-lo de *O Livro dos Cinco Irmãos*.

— São seis, contando com Frentis.

— Ah, ele vai ganhar uma ou duas páginas, não se preocupe.

O Aspecto Silla Colvis da Primeira Ordem estava presente com cerca de vinte de seus mestres de manto branco. Eram todos homens com sessenta anos ou mais, os rostos enrugados aparentemente perdidos em contemplação — isto, ou estavam dormindo. A Aspecto Elera estava acompanhada apenas por três irmãos e duas irmãs, e Vaelin ficou desapontado ao ver que Sherin não estava entre eles.

O encontro do Aspecto Dendrish Al Hendrahl com a morte havia deixado sua marca: sua pele agora tinha um tom cinza pálido que contrastava com o rosa porcino anterior e os olhos fundos no rosto gordo lembravam duas pedras enfiadas numa massa de pão. Trouxera mais mestres do que os outros Aspectos, mais de trinta, a maioria homens que compartilhavam uma característica singular de parecerem exalar o mesmo fedor. Houve apenas um breve sinal de reconhecimento quando ele avistou Caenis e nenhum cumprimento ao jovem que lhe salvara a vida. Na verdade, Vaelin percebeu um ressentimento no comportamento do Aspecto. *Ser salvo por um de nós deve doer quase tanto quanto o veneno*, concluiu.

— Estes dois colocavam-se diante de nós em busca de reconhecimento — disse o Aspecto Silla aos representantes das Ordens. — A Fé exige que nos reunamos para considerar os méritos de suas

indicações. Ouviremos as perguntas agora.

O Aspecto Al Hendrahl foi o primeiro a erguer a mão, fazendo sua pergunta a Liesa Ilnien.

— O lastimado Aspecto que você deseja substituir... — começou ele, antes de parar para tossir em um lenço bordado — serviu como Aspecto da Segunda Ordem por mais de vinte anos. Acha que pode oferecer o mesmo nível de experiência?

A mulher respondeu sem hesitar e as palavras deixaram-lhe os lábios em tons precisos e uniformes.

— Um Aspecto não precisa de experiência. Um Aspecto é um irmão ou uma irmã que melhor personifica os valores de sua Ordem.

— E você presume julgar-se a personificação dos valores de sua Ordem? — perguntou o Aspecto, corando um pouco, embora Vaelin tivesse a impressão de que a raiva do homem era um pouco forçada.

— Presumo julgar-me em todas as coisas — respondeu Liesa Ilnien. — A Fé nos ensina a sermos nossos próprios juízes, pois quem conhece melhor seu coração do que a própria pessoa?

— Mestra Liesa — disse a Aspecto Elera, antes que Al Hendrahl pudesse retorquir. — Já viajou muito por este Reino?

— Visitei todos os quatro Feudos e passei um ano em missão nos Confins do Norte, tentando levar a Fé às tribos de cavaleiros das grandes planícies.

— Uma nobre empreitada. Teve algum sucesso?

— Infelizmente, o povo dos cavalos tende a evitar forasteiros e a ser fiel a suas ilusões. Se eu tiver a bênção de ser elevada a Aspecto, espero enviar mais missões ao norte. A Fé é uma bênção que deve ser compartilhada para além de nossas fronteiras.

— Tal preocupação com o mundo exterior parece contradizer os valores da sua Ordem — disse o Aspecto Silla. — Ela sempre foi o bastião da contemplação e da

meditação, protegida das muitas tempestades de nossa terra. Esse trabalho não seria afetado se vocês passassem a se preocupar mais com as dificuldades do mundo físico?

— Para que seja possível contemplar, é necessário que *haja* algo a se contemplar. Uma vida sem experiência não oferece oportunidades para contemplação. Aqueles que não viveram não podem meditar acerca dos mistérios da vida.

Vaelin ficou impressionado com a lógica da mulher, mas podia perceber a agitação entre os mestres ali reunidos, e um murmurinho de conversas percorreu os bancos. A seu lado, Caenis estava ocupado, escrevendo.

O Aspecto Arlyn ergueu a mão e o murmúrio cessou de imediato.

— Mestra Liesa, por que acha que seu Aspecto foi morto?

A mestra abaixou a cabeça por um instante e uma tristeza momentânea passou-lhe pelo rosto.

— Há aqueles que desejam prejudicar nossa Fé — respondeu ela, erguendo a cabeça e olhando o Aspecto Arlyn nos olhos, o tom controlado vacilando levemente. — Quem são eles ou por que fariam isso é algo que não posso imaginar.

Ao seu lado, o Irmão Tendris Al Forne falou pela primeira vez.

— Se nossa irmã não pode imaginar quem nos atacaria, talvez eu possa.

— Você ainda não foi questionado — lembrou-lhe o Aspecto Silla.

— Mostre um pouco de respeito pela ocasião, rapaz — disse o Aspecto Al Hendrahl, ofegando um pouco. Vaelin notou que havia manchas de sangue no lenço do homem.

— Não estou sendo desrespeitoso — respondeu Al Forne. — Estou apenas dando voz a uma verdade, uma

verdade que alguns de nós parecem ter medo de falar.

— E que verdade é essa? — perguntou a Aspecto Elera.

Al Forne fez uma pausa para respirar fundo, como se procurasse reunir forças. Caenis aguardava ansioso com o lápis preparado sobre o pergaminho.

— Temos sido complacentes — disse Al Forne por fim. — Permitimos que nos tornássemos fracos. A Sexta Ordem antigamente lutava apenas contra os inimigos da Fé, mas agora vigia as fronteiras deste Reino sob ordens da Coroa, e seitas de Negadores reúnem-se em grande número livremente.

“A Quinta Ordem antigamente oferecia cura apenas àqueles que eram verdadeiros seguidores da Fé, mas agora abre os braços a todos, até mesmo aos Infiéis, de modo que ficam cada vez mais fortes e confiantes, pois sabem que podem tramar contra nós e ainda assim nós os curaremos.

“Minha própria Ordem antigamente mantinha registros de seitas e práticas dos Negadores que remontavam a séculos, mas a menos de três meses foram destruídos para dar ainda mais espaço aos registros da Coroa que agora somos ordenados a manter. Sei que o que digo pode enfurecer ou chocar muitos nesta câmara, mas acreditem, irmãos e irmãs: acabamos por ligar demais a Fé ao Reino e à Coroa. E é por isso que fomos atacados, porque nossos inimigos veem nossas fraquezas, mesmo que nós não as vejamos.”

O silêncio era palpável e foi rompido apenas pela fúria sufocada do Aspecto Al Hendrahl, que conseguiu perguntar, ofegante:

— Você vem diante de nós proferindo essa... essa heresia e ainda espera tornar-se Aspecto?

— Venho diante de você para falar a verdade, na esperança de que nossa Fé retorne ao caminho

verdadeiro. Quanto a sua aprovação, não necessito dela. Sou a escolha de minha Ordem. Minha eleição não teve oposição e nenhum outro mestre se apresentará perante vocês. Os artigos da Fé afirmam que vocês devem ser consultados antes que eu seja elevado, nada mais. Estou errado, Aspecto Silla?

O Aspecto idoso assentiu com firmeza, chocado ou ultrajado demais para falar.

— Então nos consultamos e agradeço a todos por sua atenção. Rogo que deem ouvidos às minhas palavras. Agora, devo retornar à minha Ordem, pois tenho muito a fazer. — Fez uma mesura e, dando meia-volta, retirou-se pisando firme.

O Conclave explodiu em fúria e os membros se levantaram, vociferando às costas de Al Forne, e “herege” e “traidor” eram as palavras mais altas entre os gritos. Al Forne não se virou e saiu da câmara sem diminuir o passo ou olhar para trás. O tumulto continuou com a mesma intensidade, gritos pedindo ação erguendo-se acima do clamor, alguns mestres implorando ao Aspecto Arlyn que prendesse Al Forne e o levasse à Fortaleza Negra. O Aspecto Arlyn, porém, permaneceu sentado em silêncio.

Vaelin percebeu que Caenis havia usado o suprimento de pergaminhos e procurava freneticamente por mais nos bolsos.

— Isso já aconteceu antes? — perguntou Vaelin, vendo que precisava gritar para ser ouvido.

— Nunca — respondeu Caenis. Encontrou um pedaço de pergaminho e começou a escrever de novo, preenchendo-o rapidamente. — Nunca na história da Fé.

CAPÍTULO SETE

Com o outono veio o Teste do Arco. Mais uma vez todos os irmãos noviços passaram. Como esperado, Caenis, Nortah e Dentos distinguiram-se, enquanto Barkus e Vaelin mostraram-se apenas adequados, pelo menos para os padrões da Ordem. Foram recompensados com a permissão de irem à Feira de Verão, adiada por dois meses devido aos tumultos.

Vaelin e Nortah optaram por não ir. Havia rumores de que os Falcões continuavam a guardar rancor, e parecia sem sentido provocar uma desforra no local em que foram humilhados. Além do mais, Nortah não queria participar de um evento que era sinônimo da execução de seu pai. Passaram o dia caçando na floresta com Arranhão, e o focinho do cão de escravos não demorou a levá-los até um veado. Nortah acertou uma flecha no pescoço do animal a uma distância de cinquenta passos. Em vez de carregarem a carcaça de volta para a cozinha, decidiram cortá-la ali mesmo e acampar para passar a noite. Era um entardecer agradável na floresta; as folhas do início do outono formavam um tapete de bronze esverdeado no chão da floresta, banhado pelos raios de sol que passavam por entre os galhos desfolhados.

— Não é um lugar ruim para se acampar — comentou Vaelin, cortando uma fatia da coxa do veado, que estava em um espeto sobre a fogueira.

— Lembra a minha casa — disse Nortah, jogando uma fatia de carne para Arranhão.

Vaelin escondeu sua surpresa. Desde a execução do

pai, Nortah raramente falava de sua vida antes da Ordem.

— Onde fica? Sua casa.

— No sul, trezentos acres de terra cercados pelo Rio Hebril. A casa do meu pai ficava às margens do Lago Rhil. Era um castelo quando ele era garoto, mas ele fez muitas mudanças. Tínhamos mais de sessenta quartos e um estábulo para quarenta cavalos. Saíamos com frequência para cavalgar na floresta quando ele não estava em Varinshold a serviço do Rei.

— Ele lhe contou o que fazia para o Rei?

— Muitas vezes. Queria que eu aprendesse. Disse que um dia eu serviria o Príncipe Malcius da mesma forma que ele servia o Rei Janus. Era o dever da nossa família ser os conselheiros mais próximos do Rei. — Deu uma risada curta e amarga.

— Alguma vez ele lhe contou sobre a guerra com os meldeneanos?

Nortah o olhou de soslaio.

— Quando seu pai incendiou a cidade deles, você quer dizer? Ele mencionou isso apenas uma vez. Disse que os meldeneanos não podiam nos odiar mais do que já odiavam. Além disso, receberam diversos avisos sobre o que aconteceria se não deixassem nossos navios e nosso litoral em paz. Meu pai era um homem bastante pragmático. Incendiar a cidade deles não parecia preocupá-lo muito.

— Ele não contou por que enviou você para cá, não é?

Nortah sacudiu a cabeça. Estava ficando tarde e o fogo reluzia nos olhos do garoto, o belo rosto melancólico nas sombras.

— Disse que eu era seu filho e que seu desejo era que eu entrasse para a Sexta Ordem. Lembro que ele havia discutido com minha mãe na noite anterior, o que foi estranho, pois nunca discutiam. Na verdade, mal se falavam. Ela não apareceu para o desjejum na manhã

seguinte e não deixaram que eu me despedisse quando a carroça veio me buscar. Nunca mais a vi.

Ficaram em silêncio, a linha de pensamento de Vaelin levando-o a perguntas que sentia que era melhor que não fossem feitas.

— Sei o que você está pensando — disse Nortah.

— Eu não estava pensando...

— Sim, estava. E tem razão. Meu pai me mandou para a Ordem porque você foi enviado para cá pelo *seu* pai. Eu lhe disse que eles eram rivais, mas não contei tudo. Meu pai odiava o Senhor da Batalha, detestava-o. Durante algum tempo, parecia que ele só conseguia falar sobre como sua posição era constantemente enfraquecida por um açougueiro nascido na sarjeta. Incomodava-o demais o fato de seu pai ser tão popular com o povo, uma coisa que meu pai jamais conseguiria ser. Não era um deles, era nobre de nascimento, mas seu pai era um plebeu, elevado à grandeza por seus próprios méritos. Foi um grande símbolo de devoção à Fé e ao Reino quando ele o enviou para cá, um sacrifício público que só podia ser igualado de um jeito.

— Sinto muito...

— Não se desculpe. Você é tão vítima de seu pai quanto eu sou do meu. Levei anos para compreender por que ele havia feito isso, até que um dia simplesmente me ocorreu a resposta. Ele me entregou para melhorar a própria posição na corte. — Nortah deu um sorriso enviesado. — Nosso caro Rei, ao que parece, fez pouco caso do gesto dele.

Não sou vítima de meu pai, pensou Vaelin. *Minha mãe me enviou para cá, para me proteger.* Não disse o que estava pensando, por suspeitar que Nortah não aceitaria com facilidade.

— Irônico, não acha? — perguntou Nortah após um momento. — Se não tivéssemos sido entregues para a Ordem, o mais provável é que nos tornássemos

inimigos, como nossos pais. E nossos filhos teriam sido inimigos, talvez até os filhos deles, e seria assim indefinidamente. Pelo menos desse jeito isso termina antes que possa começar.

— Você parece quase contente por estar na Ordem.

— Contente? Não, apenas estou aceitando os fatos. Esta é a minha vida agora. Quem pode dizer o que o futuro nos reserva?

Arranhão bocejou, os dentes brilhando à luz do fogo, e foi para o lado de Vaelin, aninhando-se antes de dormir. Vaelin acariciou o flanco do cão e deitou no saco de dormir, tentando discernir formas no vasto aglomerado de estrelas no céu e esperando que o sono chegasse.

— Eu... sinto que tenho uma dívida com você, irmão — disse Nortah.

— Uma dívida?

— Por minha vida.

Vaelin percebeu que Nortah estava tentando lhe agradecer da única maneira que poderia agradecer alguém. Não era a primeira vez que se pegava pensando que tipo de homem Nortah teria sido se não tivesse sido enviado para a Ordem pelo pai. Um futuro Primeiro-Ministro? Um Espada do Reino? Talvez até mesmo um Senhor da Batalha? Porém, duvidava que ele tivesse sido o tipo de homem que entrega o filho apenas para superar o rival.

— Não sei o que o futuro nos reserva — disse ele por fim ao irmão. — Mas suspeito que você terá muitas chances de pagar a dívida.

Era um curioso fato da vida na Ordem que quanto mais velhos eles ficavam, mais difícil o treinamento se tornava. Parecia que suas habilidades precisavam ser aprimoradas ainda mais, afiadas como a lâmina de uma espada. E, assim, à medida que o outono tornou-se

inverno, as práticas de esgrima foram dobradas, depois triplicadas, até parecer que aquilo era tudo o que faziam. Mestre Sollis tornou-se o único mestre deles; os outros agora eram figuras distantes ocupados com alunos mais novos. A espada tornou-se a vida deles. O motivo não era segredo. O Teste da Espada ocorreria no ano seguinte, quando enfrentariam três condenados, de espada em punho, e seria vencer ou morrer.

A prática de esgrima começava após a sétima hora e continuava pelo resto do dia, com um breve intervalo para alimentação e uma rápida recapitulação com o arco ou os cavalos. Pela manhã, Mestre Sollis lhes mostrava uma série de movimentos com a espada e executava uma dança ligeira de estocadas, aparas e golpes entre algumas batidas de coração antes de mandar que copiassem. Quem não conseguisse repetir com exatidão a série de movimentos era obrigado a dar uma volta a toda velocidade em volta do campo de treinamento. À tarde trocavam as espadas por réplicas de madeira e atacavam uns aos outros em pelejas que deixavam todos com uma coleção de machucados cada vez mais espetacular.

Vaelin sabia que era o melhor espadachim entre eles. Dentos era mestre no arco, Barkus no combate desarmado, Nortah o melhor cavaleiro e Caenis conhecia a natureza como um lobo, mas a espada era sua especialidade. Jamais conseguiu explicar o que sentia, a sensação de que a lâmina era parte dele, uma extensão de seu braço; a proximidade com a arma aumentava sua percepção em combate, sabia os movimentos do oponente antes que fossem feitos, aparava golpes que teriam derrubado outros, encontrava uma maneira de atravessar defesas que deveriam deixá-lo perplexo. Não tardou para que Mestre Sollis parasse de colocá-lo para enfrentar os outros garotos.

— Você lutará comigo de agora em diante — disse a Vaelin ao ficarem de frente um para o outro com as espadas de madeira a postos.
— É uma honra, mestre — disse Vaelin.
A espada de Sollis chocou-se contra o punho do garoto, fazendo com que a espada de madeira voasse longe. Vaelin tentou recuar, mas Sollis era rápido demais e a haste de freixo acertou-lhe o diafragma, forçando o ar para fora dos pulmões ao mesmo tempo em que desabava no chão.
— Vocês devem sempre respeitar um oponente — Sollis estava dizendo aos outros enquanto Vaelin lutava para não vomitar. — Mas não demais.

Com o inverno chegou o Teste da Natureza de Frentis, e eles se reuniram no pátio para se despedir dele com alguns conselhos.
— Fique longe de cavernas — disse Nortah.
— Mate e coma tudo o que puder encontrar — disse Caenis.
— Não perca a pederneira — aconselhou Dentos.
— Se houver uma tempestade, fique no abrigo e não escute o vento — disse Vaelin.
Somente Barkus não tinha nada a dizer. O fato de ter encontrado o corpo de Jennis durante seu próprio teste ainda era uma lembrança dolorosa, e limitou-se a despedir-se de Frentis com um tapinha no ombro do garoto.
— Mal vejo a hora de começar — disse Frentis animado, erguendo a mochila. — Cinco dias fora das muralhas. Sem treinamentos, sem varadas. Mal posso esperar.
— Cinco dias de frio e fome — lembrou-lhe Nortah.
Frentis encolheu os ombros.
— Já passei fome antes. Frio também. Acho que vou

me acostumar de novo com isso bem depressa.

Vaelin ficou espantado com o modo como Frentis ficara forte nos dois anos desde que entrara para a Ordem. Era agora quase tão alto quanto Caenis e os ombros pareciam ficar mais largos a cada dia. Além das mudanças do corpo, havia a de sua personalidade; as lamúrias que faziam parte de seu modo de falar quando era menor haviam desaparecido quase que por completo e ele encarava cada desafio com uma confiança cega nas próprias habilidades. Não foi surpresa ter se tornado o líder de seu grupo, embora geralmente reagisse a críticas com fúria instantânea e violência ocasional.

Viram Frentis subir na carroça com os outros garotos. Mestre Hutril sacudiu as rédeas e a carroça saiu pelo portão; Frentis acenou, com um sorriso largo no rosto.

— Ele vai conseguir — Caenis assegurou a Vaelin.

— Pode apostar que vai — disse Dentos. — Ele é do tipo que volta mais gordo do que quando parte.

Os dias passavam lentamente enquanto treinavam e cuidavam dos machucados, e a preocupação de Vaelin com Frentis aumentava com cada amanhecer. Quatro dias após a partida do garoto essa preocupação já lhe dominava os pensamentos, afetando o manejo da espada e deixando-o com machucados roxos que ele mal notava. Não conseguia deixar de sentir que havia algo *errado*. Já era uma sensação familiar a essa altura, uma sombra nos pensamentos na qual passara a confiar, só que agora era mais forte, incômoda, persistente, como uma melodia da qual não conseguisse se lembrar direito.

Quando o quinto dia se passou, Vaelin se viu parado perto dos portões, enrolado no manto enquanto vasculhava a escuridão à procura de algum sinal da

carroça que traria Frentis de volta à Casa da Ordem em segurança.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntou Nortah, de cara amarrada desta vez por causa do frio penetrante da noite de inverno. Os outros estavam no quarto da torre. O treinamento do dia havia sido difícil, mais difícil do que estavam acostumados, e tinham cortes que precisavam de cuidados antes da refeição da noite.

— Estou esperando por Frentis — respondeu Vaelin. — Vá para dentro se estiver com frio.

— Eu não disse que estava com frio — resmungou Nortah, mas ficou onde estava.

Finalmente, quando o céu invernal escureceu e revelou as estrelas, a carroça apareceu, guiada por Mestre Hutril até o portão e trazendo quatro garotos, três a menos do que haviam partido com o mestre cinco dias antes. Vaelin soube antes mesmo de as rodas baterem nas pedras do pátio que Frentis não estava entre eles.

— Onde está ele? — perguntou ao mestre quando este parou a carroça.

Mestre Hutril ignorou a indelicadeza e lançou um olhar neutro para Vaelin.

— Não estava lá — respondeu ele, descendo da carroça. — Preciso ver o Aspecto. Fique aqui. — Dito isso, saiu pisando firme em direção aos aposentos do Aspecto. Vaelin conseguiu esperar dez segundos antes de sair apressado em seu encalço.

Mestre Hutril deixou os aposentos do Aspecto após vários e longos minutos, passando por Vaelin sem olhar para o garoto e ignorando suas perguntas. A porta do Aspecto permanecia firmemente fechada e Vaelin adiantou-se para bater nela.

— Não! — Nortah segurou-o pelo pulso. — Está louco?

— Preciso saber.

— Você precisa esperar.

— Esperar pelo o quê? Pelo silêncio? Por nenhum sinal de que ele já esteve aqui? Como Mikehl e Jennis? Acender uma fogueira, dizer algumas palavras e é outro de nós que se vai, esquecido.

— O Teste da Natureza é árduo, irmão...

— Não para ele! Não era nada para ele...

— Você não tem como saber disso. Não sabe o que pode ter acontecido além das muralhas.

— Sei que ele nunca seria vencido pela fome e pelo frio. Ele era forte demais.

— Apesar de toda a força, era apenas um menino. Como nós, quando fomos enviados para o frio e para a escuridão para nos virarmos sozinhos.

Vaelin puxou o pulso para se soltar e passou as mãos pelos cabelos, frustrado.

— Não acho que ele já tenha sido um menino.

O som de botas batendo na pedra fez com que voltassem a atenção para o corredor e viram Mestre Sollis aproximando-se.

— O que vocês dois estão fazendo aqui? — perguntou ele, parando diante da porta do Aspecto.

— Esperando por notícias de nosso irmão, mestre — respondeu Vaelin no mesmo tom.

Sollis exibiu um breve espasmo de raiva antes de levar a mão à maçaneta.

— Então esperem. — E entrou.

Foram apenas uns cinco minutos, mas pareceram uma hora. A porta se abriu de repente e Mestre Sollis fez sinal com a cabeça, indicando que podiam entrar. Encontraram o Aspecto atrás da mesa, o rosto longo tão inexpressivo como sempre, mas havia algo de calculado no olhar que lançou a Vaelin, como se o que estava para ser divulgado tivesse mais importância do que ele podia imaginar.

— Irmão Vaelin — disse ele. — Sabe se o Irmão Frentis

tem inimigos fora dessas muralhas?

Inimigos... Vaelin sentiu um aperto no coração. *Ele o encontrou. Não pude protegê-lo.*

— Há um homem, Aspecto — respondeu ele, o tom tomado pelo pesar. — O líder da associação criminosa de Varinshold. Antes de se juntar a nós, o Irmão Frentis o atingiu no olho com uma faca. Ouvir dizer que ele ainda guarda rancor.

Mestre Sollis bufou exasperado e Nortah pela primeira vez parecia estar sem palavras.

— E não lhe ocorreu compartilhar essa informação comigo ou com Mestre Sollis? — perguntou o Aspecto.

Vaelin só conseguiu sacudir a cabeça em um silêncio aturdido.

— Seu idiota arrogante — disse Mestre Sollis, com precisão.

— Sim, mestre.

— O que está feito, está feito — disse o Aspecto. — Tem alguma ideia para onde esse homem de um olho só poderia levar nosso irmão?

Vaelin ergueu a cabeça no mesmo instante.

— Ele está vivo?

— Mestre Hutril encontrou um corpo, mas não era o do Irmão Frentis, embora esse sujeito infeliz tivesse uma das facas de caça da nossa Ordem cravada no peito. Havia sinais de luta e vários rastros de sangue, mas nada do Irmão Frentis.

De alguma forma eles sabiam que ele estava aqui. Como fui idiota em pensar que os capangas de Caolho não o encontrariam. Devem ter seguido a carroça e capturado ele vivo. Lembrou-se das palavras de Gallis, o Escalador: *Caolho disse que vai levar um ano para esfolá-lo vivo quando o encontrar.*

— Vou salvá-lo — disse ao Aspecto, a voz fria com a determinação. — Matarei aqueles que o capturaram e vou trazê-lo de volta para a Ordem. Vivo ou morto.

O Aspecto olhou rapidamente para Mestre Sollis.

— Do que precisa? — perguntou Sollis.

— De meio dia do lado de fora das marulhas, de meus irmãos e de meu cão.

Arranhão parecia saber o que esperavam dele: farejou a meia que encontraram debaixo da cama de Frentis e saiu em disparada com um latido breve. Vaelin o levara até a estrada que ia até o portão norte de Varinshold antes de lhe mostrar a meia, a alegria evidente do cão de escravos por estar fora dos limites da Casa da Ordem contida pelo humor sombrio dos outros. Correram atrás dele, esforçando-se para mantê-lo à vista enquanto o cão seguia a um passo acelerado por uma rota sinuosa que se afastava da estrada e ia na direção das margens do Rio Salgado. Vaelin encontrou-o andando de um lado para o outro em um ponto enlameado perto da água rasa, soltando um ganido ao apontar o focinho para algo que estava caído no rio. Vaelin sentiu um frio na barriga ao ver o corpo de bruços e coberto com um manto azul.

Pulou na água e logo seus irmãos se juntaram a ele para virar o corpo de barriga para cima.

— Quem é esse sujeito? — perguntou Dentos.

O morto era baixo, pouco mais alto do que Frentis, com um rosto bexigoso e um corte recente na bochecha.

— Perdeu sangue — observou Nortah, notando a palidez do homem e rasgando a camisa para revelar um ferimento de faca no baixo-ventre. — Talvez obra de nosso irmãozinho.

Vaelin tirou o manto de cima do corpo e o revistaram em busca de pistas sobre o paradeiro de Frentis, mas não encontraram nada além de algumas folhas de fumo encharcadas.

— Eram uns cinco cavalos — disse Caenis, agachando-se para examinar os rastros na lama na margem. — Ele caiu do cavalo quando vadearam, então pegaram tudo de valor e o deixaram para morrer.

— E eu que achava os foras da lei admiráveis — comentou Nortah.

— Irmão — disse Barkus, cutucando Vaelin e apontando para onde Arranhão estava ocupado farejando o capim na margem. Após um momento, o cão ergueu a cabeça e saiu correndo, seguindo o trajeto do rio enquanto os garotos iam atrás. Tornou a parar a algumas centenas de metros das muralhas da cidade, e ficou andando em volta de rastros paralelos e fundos abertos na terra.

— Rodas de carroça — disse Caenis. — O esconderam em uma carroça para conseguirem atravessar o portão.

Arranhão já havia disparado mais uma vez, seguindo em direção ao portão norte. Os guardas da cidade acenaram para eles quando passaram com expressões intrigadas nos rostos, mas nada disseram. A Ordem nunca era questionada. Não foi surpresa para Vaelin quando Arranhão logo os conduziu até o quadrante sul.

As ruas estavam quase desertas, exceto pelos bêbados e prostitutas usuais, e a maioria achou melhor encontrar outro lugar para ficar assim que viu cinco irmãos da Sexta Ordem correndo atrás de um cão enorme. Finalmente Arranhão parou e permaneceu imóvel e tenso, tal como fazia quando apontava para um rastro quando caçavam juntos. O focinho apontava diretamente para uma taverna situada em um beco sombrio. A placa acima da porta indicava que era o Javali Negro. Luzes de lamparinas brilhavam tênues através das janelas e podiam ouvir o barulho de conversas animadas induzidas pelo álcool.

Arranhão começou a rosnar, um ruído baixo, mas arrepiante.

Vaelin ajoelhou-se, acariciando a cabeça do cão.

— Fica — ordenou.

O cão ganiu quando eles avançaram em direção à estalagem, mas obedeceu.

— Qual é o plano? — perguntou Dentos quando pararam na porta.

— Pensei em perguntar para eles onde está Frentis — respondeu Vaelin. — Depois disso, imagino que vamos descobrir se fomos tão bem ensinados como pensamos que fomos.

O bom humor ruidoso dos presentes na estalagem desapareceu no instante em que viram os garotos. Um salão repleto de rostos sujos e envelhecidos prematuramente olhava para eles com uma mistura de medo e ódio palpável. O homem atrás do bar era grande, careca e evidentemente não estava nem um pouco feliz em vê-los.

— Boa noite, senhor! — cumprimentou Nortah, indo até o bar. — Que belo estabelecimento o senhor tem aqui.

— A Ordem não é bem-vinda aqui — disse o *barman*. Vaelin percebeu que o lábio superior do homem brilhava de suor. — Não tá certo vocês vir aqui. Não é seu lugar.

— Oh, não se aflija, meu bom homem. — Nortah deu um tapa no ombro do outro. — Não queremos problemas. Tudo o que queremos é nosso irmão. Aquele que enfiou uma faca no olho do seu chefe alguns anos atrás. Seja um bom camarada e nos diga onde ele está, e não mataremos você e nenhum de seus clientes.

Um ruído de fúria percorreu os presentes e o *barman* lambeu os lábios, a careca agora reluzindo de suor. Ele olhou para a direita por uma fração de segundo antes de voltar-se para Nortah.

— Sem irmãos aqui — disse ele.

Nortah deu um de seus melhores sorrisos.

— Oh, eu discordo. Sabia que um homem pode viver

por várias horas, com uma dor agonizante, é claro, depois de ter a barriga aberta?

Vaelin seguiu a linha do olhar breve do *barman* e viu pouca coisa além dos pés arrastados dos nervosos frequentadores e de um chão que estava empoeirado, exceto por um pedaço de um metro quadrado próximo à lareira. Ao avançar para olhar mais de perto, um homem levantou-se de uma mesa, um homem musculoso com os punhos largos e o nariz deformado comuns a um pugilista profissional.

— Onde acha que tá indo...

Vaelin acertou um soco na garganta do homem sem diminuir o passo e deixou-o sufocando no chão empoeirado. Ouviu-se uma cacofonia de cadeiras sendo arrastadas quando as outras pessoas se levantaram, um murmúrio raivoso aumentando entre os presentes. Vaelin agachou-se para examinar o pedaço sem poeira no assoalho, que acabou se revelando um alçapão. *Foi bem-feito*, avaliou ele, passando os dedos pelas junções.

— Não têm o direito de fazê isso! — o *barman* estava gritando quando Vaelin se empertigou. — Vir aqui acertá os cliente, fazê ameaça. Não tá certo.

Ouviu-se um rosnado de aprovação vindo dos frequentadores, a maioria já de pé e muitos segurando uma variedade de facas e porretes.

— Desgraçados da Ordem — gritou um deles, brandindo uma faca de lâmina larga. — Se metendo onde não devem. Precisam ser colocados nos seus lugares.

A espada de Nortah deixou a bainha feito um borrão e o homem com a faca ficou olhando para os dedos decepados enquanto a lâmina caía no chão.

— Não há necessidade de usar um linguajar desses, senhor — advertiu-o Nortah com severidade.

Os outros frequentadores afastaram-se um pouco e o

silêncio se estendeu, quebrado apenas pelo choro do homem da faca em razão da mão mutilada e pelos ruídos sufocados do pugilista que Vaelin socara. *Estão com medo*, concluiu Vaelin, examinando os rostos na multidão. *Mas não o suficiente para fugirem. A vantagem numérica lhes dá força.*

Levou os dedos à boca e deu um assobio agudo e alto. Ele esperava que Arranhão usasse a porta, mas o cão aparentemente não via a janela como um obstáculo. Estilhaços de vidro explodiram pela estalagem e a massa escura de músculos rosnadores aterrissou no meio do salão, tentando morder qualquer pessoa que tivesse a infelicidade de se encontrar por perto.

A estalagem ficou vazia em poucos segundos, com exceção dos dois homens feridos e do *barman*, que empunhava um porrete pesado e respirava rapidamente de medo.

— Por que ainda está aqui? — perguntou Dentos.

— Se eu fugir sem lutá, ele me mata — respondeu o homem.

— Caolho estará morto pela manhã — assegurou-lhe Vaelin. — Saia daqui.

O *barman* lançou-lhes um último olhar nervoso antes de largar o porrete e correr para a porta dos fundos.

— Barkus — chamou Vaelin. — Me ajude com isto.

Enfiaram as facas de caça nas frestas entre o assoalho e o alçapão e o abriram. O buraco dava para um porão pouco iluminado. Vaelin podia ver luz de fogo tremeluzindo no chão de pedra uns três metros abaixo. Recuou, sacou a espada e preparou-se para saltar. Arranhão, porém, farejara um novo rastro e não viu razão para esperar. Passou correndo por Vaelin e desapareceu no buraco. Depois de um ou dois segundos, a mistura de sons de espanto, dor e os rosnados retumbantes de Arranhão não deixava dúvida de que o cão encontrara alguns inimigos.

— Acham que ele vai nos deixar algum? — perguntou Barkus, fazendo uma careta.

Vaelin saltou no buraco, aterrissou e rolou no chão de pedra, parando de pé com a espada a postos. Seus irmãos o seguiram sem demora. O porão era largo, com pelo menos seis metros de lado a lado, com tochas nas paredes e um túnel que seguia pela direita. Havia dois corpos no chão, homens grandes com as gargantas dilaceradas. Arranhão estava sentado sobre um deles, lambendo o focinho ensanguentado. Ao avistar Vaelin, deu um latido e desapareceu pelo túnel.

— Ele ainda está no rastro. — Vaelin pegou uma tocha da parede e saiu correndo atrás do cão de escravos.

O túnel parecia não ter fim, embora na verdade só tivesse corrido atrás de Arranhão por alguns minutos até sair em uma câmara ampla e abobadada. Era evidentemente uma estrutura antiga, cuja alvenaria bem trabalhada arqueava-se para o alto por todos os lados até chegar a um teto elegante no alto. Uma plataforma de degraus ladrilhados levava a uma área plana e circular onde havia uma grande mesa de carvalho decorada com uma variedade de utensílios de ouro e prata. Havia seis homens sentados na mesa, com cartas de baralho nas mãos e moedas espalhadas entre eles. Olharam atônitos para Vaelin e Arranhão.

— Quem em nome da Fé é você? — perguntou um deles, um homem alto de rosto cadavérico. Vaelin notou a besta carregada na cadeira ao lado dele. Os outros cinco homens tinham ao alcance espadas ou machados.

— Onde está meu irmão? — perguntou Vaelin.

O homem que falara olhou de Vaelin para Arranhão, percebendo a mandíbula ensanguentada, e ficou visivelmente lívido quando Barkus e os outros surgiram do túnel atrás de Vaelin.

— Estão no lugar errado, irmão — disse o homem alto, e Vaelin admirou o esforço que ele fez para manter a

voz firme. — Caolho não gosta de... — Sua mão disparou na direção da besta. Arranhão era um borrão de músculos e dentes, saltando por cima da mesa e cravando os dentes na garganta do homem alto, enquanto a besta mandava um virote para o teto. Os outros cinco homens ficaram de pé e agarraram as armas, demonstrando medo, mas nenhum sinal de que fugiriam. Vaelin viu que era inútil continuar conversando.

O homem corpulento que ele atacou tentou uma esquiva para a esquerda e golpear com o machado por baixo da guarda de Vaelin, mas era lento demais, e a ponta da espada atingiu-lhe o pescoço antes que pudesse começar a girar o machado. Empalado na lâmina, seus olhos se esbugalharam e sangue escorreu-lhe pela boca. Vaelin removeu a espada e o homem tombou no chão, estrebuchando.

Virou-se e viu que seus irmãos já haviam despachado os outros quatro. Barkus, de rosto fechado, limpava a lâmina da espada no colete do homem que matara, e uma poça de sangue espesso se espalhava sobre os ladrilhos. Dentos ajoelhou-se para arrancar uma faca de arremesso do esterno de seu oponente; Vaelin achou que ele podia estar tentando conter as lágrimas. Nortah olhava o homem que matara, o sangue pingava da espada abaixada, o rosto uma máscara congelada. Somente Caenis parecia impassível, tirando o sangue da lâmina e chutando o corpo aos seus pés para ter certeza de que estava morto. Vaelin sabia que Caenis havia matado antes, mas achou a frieza do irmão inquietante. *Então não sou o único matador verdadeiro entre nós?*, ponderou.

Arranhão deu uma última torcida no pescoço do homem alto, quebrando a espinha com um estalo alto. O cão soltou o cadáver e trotou pela câmara, franzindo o focinho enquanto procurava o rastro de Frentis.

— É uma estrutura interessante — observou Caenis, aproximando-se de uma das colunas que iam até o teto abobadado e passando a mão pela superfície. — Bela, muito bela. Hoje em dia não se vê mais trabalhos assim na cidade. Este lugar é muito antigo.

— Achei que era parte dos esgotos — disse Dentos. Havia dado as costas para o homem que matara e estava de braços cruzados, tremendo como se sentisse frio.

— Ah, não — retorquiu Caenis. — Tenho certeza de que é outra coisa. Veja o motivo aqui. — Apontou para um entalhe estranho de pedra na superfície da coluna. — Um livro e uma pena. Um antigo emblema da Fé que representa a Terceira Ordem, um símbolo que há muito tempo não é usado. Esse lugar remonta aos primeiros anos da cidade, quando a Fé ainda era recente.

Vaelin estava prestando mais atenção em Arranhão, mas se viu atraído pelas palavras de Caenis. Olhando ao redor da câmara, percebeu que havia sete colunas que iam até o teto, cada uma com um emblema entalhado na base.

— Outrora eram sete — murmurou.

— É claro! — exclamou Caenis animado, percorrendo a câmara para examinar cada uma das colunas. — Sete colunas. Isso é uma prova, irmão. Outrora eram sete.

— Do que você está falando? — perguntou Nortah, o rosto recobrando um pouco da cor. Ao contrário de Dentos, ele parecia incapaz de desviar o olhar do corpo do inimigo morto, e a espada ainda estava ensanguentada.

— Sete colunas — retorquiu Caenis. — Sete Ordens. Este é um templo antigo da Fé. — Parou ao lado de uma coluna para examinar o emblema ali entalhado. — Uma cobra e um cálice. Aposto que este é o emblema da Sétima Ordem.

— Sétima Ordem? — Nortah finalmente tirou os olhos

do cadáver. — Não existe uma Sétima Ordem.

— Atualmente, não — explicou Caenis. — Mas outrora...

— Uma história para outro dia, irmão — disse Vaelin. Virou-se para Nortah. — Sua lâmina vai enferrujar se não a limpar.

Barkus estava examinando os objetos preciosos empilhados na mesa, passando as mãos pelo ouro e pela prata.

— Tem coisa boa aqui — disse ele, admirado. — Se eu soubesse, teria trazido um saco.

— Onde será que conseguiram isso tudo? — disse Dentos, erguendo um prato de prata ornamentado.

— Eles roubaram — disse Vaelin. — Peguem o que quiserem, desde que o peso não atrapalhe.

Arranhão deu um latido e o focinho apontava para uma parte sólida da parede à esquerda de Vaelin. Barkus aproximou-se para inspecionar a parede e bateu nos tijolos algumas vezes.

— É só uma parede.

Arranhão aproximou-se e farejou o pé da parede, raspando a argamassa com as patas.

— Talvez haja uma passagem oculta. — Caenis foi até lá e passou as mãos pelos cantos da parede. — Pode haver um trinco ou uma alavanca em algum lugar.

Vaelin arrancou o machado da mão flácida do homem que matara e golpeou a parede com força. Continuou a dar machadadas até que um buraco apareceu na superfície. Arranhão latiu de novo, mas Vaelin não precisava dos sentidos do cão para saber o que havia do outro lado, pois podia sentir o cheiro: adocicado, enjoativo, podre.

Ele e Caenis trocaram olhares e encontrou simpatia nos olhos do amigo.

Frentis... Quero ser um irmão... Quero ser como você.

Vaelin redobrou os esforços com o machado, e tijolos e

argamassa explodiam em uma nuvem de poeira vermelha e cinzenta. Os irmãos se juntaram a ele com as ferramentas que puderam encontrar, Barkus usando uma machadinha que tirou de um inimigo, Dentos uma perna de cadeira quebrada. Em pouco tempo, o buraco na parede ficou grande o bastante para que pudessem entrar.

A câmara do outro lado era longa e estreita, e as tochas nas paredes lançavam luz suficiente para iluminar uma cena saída de um pesadelo.

— Pela Fé! — exclamou Barkus, aturdido.

O cadáver pendia do teto, os tornozelos acorrentados e os braços presos com uma tira de couro passada em volta do peito. Era evidente que estava pendurado ali há vários dias, pois a pele acinzentada estava flácida e se soltando dos ossos. O ferimento aberto no pescoço mostrava como o homem havia morrido. Debaixo dele havia uma tigela, preta com sangue seco. Havia mais cinco corpos pendurados na câmara, cada um com a garganta cortada e com uma tigela embaixo. Balançavam levemente com a corrente de ar que entrava pela parede demolida. O fedor era insuportável. Arranhão franziu o focinho diante do cheiro pútrido que empesteava o ar e permaneceu perto da parede, o mais longe possível dos corpos. Dentos encontrou um canto onde vomitar. Vaelin lutou contra o desejo de imitá-lo e foi de corpo em corpo, forçando-se a conferir cada rosto e encontrando apenas estranhos.

— O que é isso? — perguntou Barkus com um espanto enojado. — Você disse que esse homem era só um fora da lei.

— Parece que ele é um fora da lei de ambição considerável — comentou Nortah.

— Isso não tem a ver com roubo — disse Caenis calmamente, examinando de perto um dos cadáveres pendurados. — Isso é... outra coisa. — Olhou para a

tigela enegrecida pelo sangue no chão. — Algo completamente diferente.

— O que faria...? — começou Nortah, mas Vaelin ergueu a mão para silenciá-lo.

— Escutem! — sussurrou.

Era um som tênue e singular, a voz de um homem, entoando algo. As palavras eram indistintas, estranhas. Vaelin seguiu o som até uma alcova, onde encontrou uma porta entreaberta. Com a espada abaixada, abriu a porta com a ponta da bota. Do outro lado havia outra câmara, escavada na rocha, banhada pela luz vermelha do fogo, e sombras escuras tremeluziam sobre uma cena que o fez reprimir um grito de assombro.

Frentis havia sido amarrado a uma estrutura de madeira diante de uma fogueira. Estava amordaçado e nu, o torso marcado por vários cortes que formavam um padrão estranho na pele, e o sangue escorria livremente pelo corpo. Os olhos estavam arregalados, repletos de agonia. Ao avistar Vaelin, arregalou-os ainda mais.

Ao lado de Frentis havia um homem com uma faca e o peito nu, a força evidente nos músculos salientes dos braços e nos traços rígidos e angulares do rosto, um rosto com um só olho. A órbita vazia fora preenchida por uma pedra negra e lisa, que refletiu um único ponto vermelho da luz do fogo quando se virou para Vaelin.

— Ah, e você deve ser o mentor — disse ele.

Vaelin jamais quisera realmente matar antes, jamais sentira uma sede de sangue verdadeira. Mas ela agora o dominava; era uma canção de fúria que lhe turvava a razão. Apertou o punho da espada e investiu...

Nunca soube o que aconteceu, nunca compreendeu realmente a paralisia que tomou conta de seus braços; sabia apenas que estava caído no chão, os pulmões subitamente sem ar e a espada lançada para longe. As mãos e os pés pareciam de gelo. Tentou ficar de pé, mas não havia onde se apoiar e se debateu como um

bêbado desorientado quando o homem caolho afastou-se de Frentis, sua faca um dente amarelo ensanguentado à luz do fogo.

—Ei! — gritou Barkus, atacando junto com os outros. — Hora de morrer, Caolho!

O homem ergueu a mão em um gesto quase indiferente e uma cortina de fogo surgiu diante dos irmãos de Vaelin, fazendo com que recuassem. A parede de fogo ia do chão ao teto, uma barreira contínua de chamas rodopiantes.

— Eu gosto de fogo — disse Caolho, virando o rosto angular para Vaelin. — O modo como ele dança é bem bonito, não acha?

Vaelin tentou enfiar a mão no manto para sacar a faca de caça, mas viu que tudo o que sua mão conseguia fazer era tremer de forma descontrolada.

— Você é forte — disse o homem. — Geralmente eles sequer conseguem se mover. — Lançou um olhar para Frentis, que ainda estava de olhos arregalados, o sangue escorrendo dos cortes e o corpo nu lutando com todas as forças contra as amarras.

— Você veio aqui por ele — continuou o homem. — É quem ele disse que viria para me matar. Al Sorna, adversário dos Falcões Negros, assassino, cria do Senhor da Batalha. Ouvi falar de você. Ouviu falar de mim? — Ele deu um sorriso melancólico.

Para sua surpresa, Vaelin descobriu que ainda conseguia cuspir. O cuspe atingiu uma das botas do homem.

O sorriso desapareceu.

— Vejo que ouviu. Mas o que será que ouviu? Que eu era um fora da lei? Um senhor de foras da lei? É verdade, claro, mas apenas em parte. Sem dúvida teve que matar vários dos meus empregados para chegar até aqui. Não se pergunta por que eles não fugiram? Por que tinham mais medo de mim do que de você?

Caolho agachou-se, o rosto perto do de Vaelin, e sussurrou:

— Você vem aqui com sua espada, seus irmãos e seu cão, e não tem a menor ideia da sua total insignificância.

Ele virou o rosto, exibindo a pedra negra na órbita.

— Eu o perdoaria por pensar nisso como uma maldição. Mas foi uma dádiva, uma dádiva maravilhosa pela qual devo agradecer ao seu jovem irmão. Ah, o poder que ele me deu, poder suficiente para que eu me elevasse acima da escória desta cidade. Tornei-me um rei de ladrões e saqueadores, tenho comido em pratos de prata e me fartado com as melhores prostitutas. Tenho tudo o que um homem pode querer, mas ainda assim há uma coisa que não consigo esquecer, uma coisa que perturba meu sono... — Levantou-se e avançou na direção de Frentis. — A dor de um filhote nascido na sarjeta me acertar o olho com uma faca.

Frentis se contorceu, o rosto amordaçado alterado pela fúria e o ódio. Vaelin podia ouvir as obscenidades abafadas que ele tentava cuspir através da mordaça.

— Ele se recusou a falar — disse Caolho a Vaelin por sobre o ombro. — Devia se orgulhar dele. Recusou-se a entregar os segredos da sua Ordem, mas, agora que você está aqui em pessoa, creio que minhas perguntas serão respondidas por completo. — Encostou a faca no peito de Frentis, empurrando a ponta meio centímetro para dentro da carne e fazendo um corte do peito até a caixa torácica. Frentis mordeu a mordaça e gritou.

Vaelin tentou apoiar-se nos braços, colocando os membros paralisados sob o peito e então tentou se levantar.

— Oh, não perca seu tempo — disse Caolho, voltando-se para Vaelin, a faca ensanguentada na mão. — Garanto que você está bem amarrado.

Vaelin rangeu os dentes e conseguiu levantar-se do

chão de pedra, o corpo inteiro tremendo pelo esforço.

— Realmente forte! — disse Caolho. — Mas não posso deixar que continue com isso.

Vaelin foi tomado mais uma vez pelo mesmo torpor congelante, que lhe inundava os braços e as pernas e espalhava-se pelo peito e pela virilha, forçando-o de volta ao chão, exausto.

— Sente meu poder? — O homem parou sobre ele. — No início me assustava. Até mesmo alguém como eu pode sentir o calafrio ao se olhar para um abismo, mas o medo desaparece. — Ergueu a faca manchada com o sangue de Frentis. — Agora tenho o segredo. O conhecimento para me tornar imune a todos os meus inimigos. — Levou um dedo à lâmina da faca, tirando dele uma gota de sangue e colocando na boca. — Quem imaginaria que seria tão simples? Ser um rei entre foras da lei exige o derramamento de muito sangue. Nos últimos anos me banhei nele enquanto buscava vítimas para saciar minha ira contra seu jovem irmão aqui. E enquanto me banhava, vi que meu poder crescia, de modo que agora nem mesmo alguém forte como você pode resistir à minha vontade. Disseram-me que seu destino estava em outro...

Caenis saltou através da parede de fogo, segurando a espada no alto com as duas mãos. Desferiu o golpe ao mesmo tempo em que os pés tocaram o chão, e a lâmina fendeu Caolho do ombro ao esterno. A expressão em seu rosto ao se ver empalado na espada era de completa perplexidade.

— Fogo sem calor — disse Caenis. — Não é fogo coisa alguma.

A paralisia de Vaelin desapareceu no momento em que o corpo do homem escorregou para o chão, e a parede de fogo sumiu num instante. Vaelin sentiu que mãos o erguiam; seus membros ainda tremiam com o resquício do torpor. Barkus e Nortah cortaram as

amarras de Frentis e tiraram-lhe a mordaça da boca. Uma vez livre, o garoto ficou fora de si, gritou xingamentos repletos de ódio para a forma inerte do homem caolho, pegou sua faca e a cravou repetidas vezes no cadáver.

— Seu maldito desgraçado! — berrou ele. — Achou que podia me cortar, seu monte de bosta!

Vaelin fez sinal para os outros se afastarem e deixarem Frentis abusar do corpo até tombar com o esforço, curvado sobre o cadáver, ensanguentado e exausto.

— Irmão — disse Vaelin, colocando seu manto nos ombros de Frentis. — Seus ferimentos precisam de cuidados.

CAPÍTULO OITO

— A Irmã Sherin ainda está no sul — disse o Irmão Sellin a Vaelin no portão da Quinta Ordem, lançando um olhar rápido para Frentis, pendurado ensanguentado e inconsciente entre Barkus e Nortah. — Mestre Harin assumiu as funções dela. Venham, irmãos. — Abriu o portão e fez sinal para que entrassem. — Levarei vocês até ele.

Mestre Harin passou uma hora dando pontos e tratando dos cortes no corpo de Frentis e mandou que saíssem da sala de tratamento quando os conselhos não solicitados e as perguntas constantes tornaram-se cansativos demais. Vaelin encontrou a Aspecto Elera esperando no corredor.

— Vejo que seu dia foi difícil, irmãos — disse ela. — Há comida esperando por vocês em nosso salão de jantar.

Comeram sem falar, sua conversa silenciada pela presença de tantos membros da Quinta Ordem. Os curandeiros olhavam para os intrusos de mantos azuis e rostos graves; alguns rostos familiares cumprimentaram Vaelin e receberam apenas um aceno curto de cabeça em resposta. Havia pilhas enormes de comida na mesa, mas Vaelin não estava com fome. Suas mãos ainda tremiam levemente devido ao que quer que Caolho lhe tivesse feito, e a visão de Frentis amarrado e sangrando ainda estava em primeiro plano na sua cabeça.

A Aspecto Elera juntou-se a eles uma hora mais tarde.

— Mestre Harin me disse que seu irmão vai se recuperar. Ele terá que ficar conosco por vários dias durante o processo de cura.

— Ele está acordado, Aspecto? — perguntou Vaelin.

— Mestre Harin lhe deu um remédio para dormir. Ele deve acordar pela manhã. Então poderão vê-lo.

— Obrigado, Aspecto. Posso pedir que nossa Ordem seja avisada? O Aspecto Arlyn está à espera de meu relatório.

Ela enviou o Irmão Sellin à Casa da Sexta Ordem e arranjou para eles um quarto na ala leste. Vaelin insistiu em ficar sentado ao lado de Frentis e Caenis lhe fez companhia, limpando as armas para passar o tempo; colocou a espada e as facas no chão e o metal reluzia à luz de vela enquanto passava um pano sobre cada lâmina com um cuidado meticuloso. Arranhão fora confinado em uma baia vazia no estábulo. Ignorou a comida que lhe foi dada e uivou sem parar, seu choro chegando aos ouvidos deles através das paredes.

Vaelin examinou a adaga longa que tirara de Frentis, a lâmina que Caolho usara para fazer o emanharado de cortes no corpo do garoto. Era de Caenis por direito, mas ele recusou-se a aceitá-la com uma expressão de repugnância. Vaelin decidiu ficar com ela por impulso; era uma arma de bela fabricação e de modelo desconhecido, a lâmina bem temperada e o punho elegantemente trabalhado com um pomo de prata. A guarda tinha uma inscrição em letras estranhas. Era claramente uma arma do outro lado do mar. Parecia que Caolho tinha um longo alcance.

— O fogo era uma ilusão — disse Vaelin. A voz soou indiferente aos seus ouvidos, lembrando-o do Irmão Makril e de suas histórias cansativas de incêndios e matanças.

Caenis tirou os olhos das armas e assentiu, as mãos ainda passando o pano pelas lâminas.

— As Trevas — disse Vaelin. — O sangue lhe dava poder. Os corpos eram usados para isso.

Caenis não olhou para ele, mas assentiu mais uma vez

e continuou a limpar as lâminas.

Vaelin sentiu o tremor voltar às mãos, sua raiva aumentando ao lembrar-se de sua impotência diante de Caolho. Uma impotência da qual Caenis não fora vítima. Caenis conseguiu saltar através de um fogo das Trevas e abater o homem que o invocara. *Você sabe muito mais do que me conta, irmão*, percebeu Vaelin. *Sempre foi assim.*

— Não há segredos entre nós — disse ele.

A mão de Caenis parou de repente enquanto passava o pano na espada. Seus olhos encontraram os de Vaelin e por uma fração de segundo houve algo ali, algo diferente da afeição ou do respeito que normalmente via nos olhos do amigo, algo quase ressentido.

A porta se abriu e Mestre Sollis entrou com a Aspecto Elera.

— Vocês dois deviam estar descansando — disse ele ríspido, aproximando-se da cama para ver como Frentis estava, percorrendo com os olhos as bandagens ensanguentadas que cobriam o peito e os braços do garoto. — Ele ficará com cicatrizes, Aspecto?

— Os cortes foram fundos. Mestre Harin é habilidoso, mas... — Ela estendeu as mãos. — Há limites para o que podemos fazer. Felizmente seus músculos estão intactos. Logo ele estará forte de novo.

— O homem que fez isso está morto? — perguntou Sollis a Vaelin.

— Sim, mestre. — Vaelin indicou Caenis. — Morto por um golpe do meu irmão.

Sollis olhou para Caenis.

— O homem era habilidoso?

— Suas habilidades não eram com armas, mestre. — Caenis lançou um olhar incerto para a Aspecto Elera.

— Fale sem receio — instruiu Sollis.

Ele contou a Mestre Sollis tudo o que ocorrera desde que partiram da Casa da Ordem, da Estalagem do Javali

Negro até o confronto com o homem caolho abaixo da cidade.

— O homem era versado nas Trevas, mestre. Conseguiu criar uma ilusão de fogo e manteve o Irmão Vaelin imóvel apenas com a própria vontade.

— Mas não você? — perguntou Sollis, erguendo uma sobrancelha.

— Não. Imagino que ele tenha ficado surpreso por eu conseguir perceber a ilusão.

— Certificaram-se de que ele realmente havia morrido?

— Ele está morto, mestre — assegurou-lhe Vaelin.

Mestre Sollis e a Aspecto Elera trocaram um olhar rápido.

— Soube que a Aspecto teve a bondade de lhes arranjar um quarto — disse Sollis, voltando-se para Frentis. — Ela ficaria ofendida se vocês não o usassem.

Percebendo que haviam sido dispensados, levantaram-se e andaram até a porta.

— Não contem a ninguém sobre isso — ordenou Mestre Sollis antes que saíssem. — E façam algo para calar a boca daquele cão maldito!

Pela manhã, Mestre Sollis os questionou sobre a rota para as câmaras de Caolho e o antigo templo da Fé que haviam encontrado. Vaelin ofereceu-se para guiá-lo, mas recebeu apenas uma recusa severa. Quando ficou satisfeito com as informações, Sollis mandou que voltassem para a Casa da Ordem.

— O Irmão Frentis... — começou Vaelin.

— Ele vai se recuperar do mesmo jeito com vocês no campo de treinamento, que é onde deveriam estar. Faltam apenas oito semanas para o Teste da Espada e nenhum de vocês está pronto ainda.

Arrastaram-se de volta à Casa da Ordem sem Mestre

Sollis, que lhes advertira mais uma vez para manterem aquilo em silêncio antes de partir para investigar o que os garotos haviam descoberto. Arranhão ganiu em protesto quando o levaram para longe da Casa da Quinta Ordem, e foi necessário muito convencimento da parte de Vaelin antes que os seguissem.

Para Vaelin, o quarto da torre parecia ter encolhido enquanto estiveram fora. Uma noite de medo e mistério fez com que o quarto parecesse minúsculo, um quarto de criança, embora fizesse muito tempo que não se sentia como uma criança. Guardou o equipamento e deitou-se na cama estreita, e ao fechar os olhos tornou a ver a parede de fogo de Caolho e o corpo torturado de Frentis. *Eu achava que havia aprendido tanto*, pensou. *Mas não sei de nada.*

Os garotos do grupo de Frentis apareceram para fazer perguntas, mas Vaelin seguiu as instruções de Mestre Sollis e lhes disse que o amigo havia sido atacado por um leão da montanha durante o Teste da Natureza. Estava se recuperando na Casa da Quinta Ordem e voltaria dentro de alguns dias. O próprio Sollis nada disse a respeito de suas investigações ao retornar para a Ordem e o Aspecto não solicitou a presença deles. O rapto de Frentis era outro não evento na história da Ordem. *A Ordem luta, mas costuma fazê-lo nas sombras.* Conforme envelhecia, Vaelin percebia o quão verdadeiras eram as palavras de Mestre Sollis.

Frentis não falou nada sobre o incidente quando retornou, e deu prosseguimento ao treinamento com um vigor perturbador, como se rejeitasse os danos que Caolho lhe causara ao ignorar a dor que seus esforços lhe custavam. Seu comportamento também mudara; já não sorria tanto, e se antes era bastante conversador, agora permanecia quase sempre em silêncio. Ficara

mais impaciente e os mestres tiveram que tirá-lo de arrasto de diversas brigas. Até mesmo os outros garotos de seu grupo pareciam tratá-lo com cautela. Apenas com Arranhão e Vaelin ele parecia recuperar algum vestígio de sua antiga personalidade, tomando parte com entusiasmo no treinamento dos filhotes agora crescidos. Contudo, mesmo nessas ocasiões ele continuava a não falar sobre o ocorrido, embora Vaelin às vezes o pegasse passando os dedos pelo padrão das cicatrizes entalhadas em sua pele, o rosto estranhamente pensativo, como se tentasse decifrar o que significavam.

— Elas doem? — perguntou Vaelin em uma noite de eltrian. Os filhotes estavam cansados de passar o dia farejando com Mestre Hutril e só conseguiam tentar abocanhar preguiçosamente as guloseimas que eles jogavam nas baias.

Frentis afastou depressa a mão da camisa.

— Um pouco. Cada vez menos com o passar das semanas. A Aspecto Elera me deu um bálsamo pra elas, ajuda um pouco.

— Foi minha culpa...

— Esqueça.

— Se eu tivesse contado para o Aspecto...

— Eu disse pra esquecer! — O rosto de Frentis estava tenso ao olhar para as baias. Retalhador, seu filhote favorito, percebeu o humor do garoto e aproximou-se para lhe lamber a mão, ganindo preocupado. — Ele está morto — disse Frentis, mais calmo. — E eu não. Então, esqueça. Não dá pra matar ele duas vezes.

Voltaram juntos para o torreão, enrolados nos mantos para se protegerem do frio, embora o inverno estivesse dando seus últimos sinais e as árvores ao redor começassem a adquirir depressa os tons verdejantes da primavera.

— O Teste da Espada é no mês que vem — disse

Frentis. — Preocupado?

— Por quê? Acha que eu devia estar?

— Já apostei minha coleção inteira de facas que você dá cabo dos três em menos de dois minutos. Eu estava falando do que acontece depois. Vão mandar você pra outro lugar, não é?

— Suponho que sim.

— Acha que vão deixar que a gente sirva juntos quando eu for confirmado? Eu gostaria disso.

— Eu também. Mas acho que não podemos escolher. Vai demorar até nos vermos de novo, isso é certo.

Demoraram-se no pátio, e Vaelin teve a impressão de que Frentis tinha mais a dizer.

— Eu... — começou ele, e então parou, remexendo-se constrangido. — Fico feliz por você ter falado por mim quando cheguei aqui — disse ele após um momento. — Fico feliz por estar na Ordem. Sinto como se eu estivesse destinado a estar aqui. Então você não deveria se sentir mal por algo que aconteça comigo, certo? Seja o que for que acontecer daqui em diante, você não precisa se sentir mal e não precisa vir correndo quando eu estiver em apuros.

— Você não viria correndo se eu estivesse em apuros?

— É diferente.

— Não, é exatamente a mesma coisa. — Ele deu um tapinha no ombro de Frentis. — Vá descansar, irmão.

Vaelin havia dado alguns passos quando Frentis disse algo para fazê-lo parar, a voz pouco mais que um sussurro.

— Aquele Que Aguarda nos destruirá.

Virou-se e viu Frentis curvado sobre o manto, os braços cruzados com força sobre o peito, o rosto apreensivo. Não olhou Vaelin nos olhos.

— O quê? — perguntou Vaelin.

— Ele me contou. — Frentis fez uma careta como se sentisse dor e Vaelin soube que ele estava se

recordando da tortura nas mãos de Caolho. — Ele ficou bravo quando não falei o que ele queria saber. Ficava me perguntando sobre os testes, sobre as perícias que nos ensinam aqui. Acho que pensava que nos ensinavam como praticar as artes das Trevas. Desgraçado idiota. Mas eu não ia contar nada pra ele. Aí ele me cortou mais, e então disse: "Aquele Que Aguarda destruirá sua preciosa Ordem, garoto".

Aquele Que Aguarda...

— Ele disse o que isso significava?

— Desmaiei quando ele começou a me cortar de novo. Eu mal tinha recobrado a consciência quando vocês apareceram.

— Contou ao Aspecto sobre isso?

Frentis sacudiu a cabeça.

— Não sei por quê. Apenas tive a impressão de que não devia contar para ninguém além de você.

Vaelin sentiu um arrepio que não tinha nada a ver com o frio cada vez mais intenso. Por um momento estava de volta à floresta durante o Teste da Corrida, escutando os homens que haviam matado Mikehl enquanto discutiam a identidade da vítima. *O outro... Você ouviu o que o outro disse. Ele me dava arrepios, isso sim.*

— Não conte a mais ninguém — disse Vaelin. — Caolho não lhe disse nada. — Viu Frentis estremecer sob o manto e forçou um sorriso. — O homem era um lunático. As palavras dele não significam nada. Mas é melhor mantermos isso entre nós. Contar para nossos irmãos só criaria boatos insensatos.

Frentis assentiu e afastou-se, ainda se abraçando debaixo do manto, os dedos sem dúvida percorrendo as cicatrizes. *Será que ele sonhará esta noite?* Vaelin pensou e sentiu uma pontada de culpa e pesar. *Por que Caolho não podia ter sido morto por mim?*

CAPÍTULO NOVE

A manhã do Teste da Espada trouxe uma chuva forte que transformou a terra em lama e pouco ajudou para animá-los. O teste foi realizado em uma arena no quadrante norte de Varinshold, uma estrutura antiga de granito bem trabalhado, desgastada pelo tempo e pelas intempéries. Era conhecida apenas como o Círculo e Vaelin jamais encontrou alguém que pudesse lhe dizer quando ou por que havia sido construída. Vendo-a de perto agora, percebeu que havia semelhanças com o templo das sete Ordens que eles haviam encontrado sob a cidade: o modo como as colunas de sustentação subiam em arco até os níveis superiores refletia a elegância da estrutura subterrânea. Vislumbrou aqui e ali ornamentos na construção, entalhes de complexidade esmaecida que lembravam os motivos mais bem preservados do templo. Chamou a atenção de Caenis para os entalhes enquanto Mestre Sollis os conduzia até a sombra sob as colunas, mas recebeu apenas um grunhido como resposta. Hoje até mesmo Caenis estava preocupado demais para deixar a curiosidade falar mais alto.

Vaelin podia ver o medo e a incerteza nos rostos dos irmãos, mas notou que não era capaz de refletir o mesmo. As emoções que fizeram Dentos vomitar o desjejum e deixavam Nortah lívido e calado simplesmente eram algo que ele não sentia. Não estava com medo e não compreendia o motivo. Hoje ele enfrentaria três homens em combate armado. Iria matá-los ou seria morto por eles. A perspectiva da morte

deveria tê-lo gelado até os ossos. Talvez fosse a própria simplicidade da situação que lhe privava do medo. Não havia perguntas aqui, mistérios ou segredos. Viveria ou morreria. Porém, apesar da incapacidade de temer a provação, algo ainda o incomodava, uma voz baixa e insistente no limiar de seus pensamentos, sussurrando palavras que ele não queria ouvir: *Talvez você não tema o teste porque gosta dele.*

Lembrou-se a contragosto do Teste do Conhecimento, da verdade terrível que os Aspectos arrancaram dele. *Sei matar. Sei matar sem hesitar. Eu estava destinado a ser um guerreiro.* As imagens dos homens que havia matado vieram-lhe de repente à mente: o arqueiro na floresta, os assassinos sem rosto na Casa da Quinta Ordem, o capanga de Caolho. É verdade que ele não hesitou em matar nenhum deles, mas realmente havia gostado de fazer isso?

— Vocês vão esperar aqui. — Mestre Sollis os levou até uma câmara afastada da entrada principal. As paredes eram grossas, mas conseguiam ouvir os gritos da multidão no Círculo. O Teste da Espada sempre foi um evento popular na cidade, mas apenas aqueles com dinheiro suficiente podiam comprar um ingresso, e tipicamente eram os cidadãos mais ricos do Reino que compareciam para assistir ao espetáculo de três dias, em geral apostando enormes quantias no resultado de cada combate. Os lucros do dia seriam doados à Quinta Ordem para o tratamento dos doentes. Vaelin não pôde deixar de sorrir diante da ironia.

— Qual é a graça? — perguntou Nortah.

Vaelin sacudiu a cabeça e sentou-se em um banco de pedra para esperar. Havia vinte irmãos hoje no grupo de Vaelin. Os cinquenta outros sobreviventes dos trezentos que começaram o treinamento juntos como meninos de dez ou onze anos haviam realizado seus testes nos dois dias anteriores. Até então dez haviam sido mortos e

outros oito foram tão aleijados que não podiam mais servir à Ordem. Muitos outros tinham cortes sérios que precisariam de semanas para serem curados. O desfile de irmãos feridos e chocados que passou pelos portões nos últimos dois dias acrescentara um peso considerável ao fardo de medo que a maioria deles carregava agora. De todos eles, apenas Vaelin e Barkus pareciam não se abalar.

— Cana de açúcar? — ofereceu a Vaelin, sentando-se ao lado dele.

— Obrigado, irmão. — A cana era fresca e a doçura tinha um toque de acidez, mas a sensação ainda era bem-vinda para desviar a atenção do humor taciturno dos outros.

— Quem será o primeiro? — disse Barkus após um momento. — Fico imaginando como eles escolhem.

— Eles fazem um sorteio — disse Mestre Sollis da entrada. — Nysa. Você é o primeiro. Vamos.

Caenis assentiu lentamente, o rosto inalterado, e levantou-se. Quando falou, mal se ouvia a voz.

— Irmãos... — começou ele, então parou, com a voz embargada. — Eu... — Balbuciou por um momento até Vaelin estender a mão e lhe agarrar o antebraço.

— Nós sabemos, Caenis. Nos vemos daqui a pouco. Todos vamos.

Os cinco se levantaram e deram as mãos. Dentos, Barkus, Nortah, Vaelin e Caenis. Vaelin lembrou-se de como haviam sido quando eram mais novos. Barkus musculoso e desajeitado. Caenis magro e receoso. Dentos falador e cheio de histórias. Nortah emburrado e ressentido. Agora via apenas sombras daqueles garotos nos jovens esguios e de rostos sérios à sua frente. Eram fortes. Eram matadores. Eram o que a Ordem os tornara. *Este é o fim de algo*, percebeu. *Vivendo ou morrendo, é aqui que as coisas vão mudar, para sempre.*

— Foi um longo caminho — disse Barkus. — Jamais pensei que chegaria tão longe. Não teria conseguido sem vocês.

— Eu não mudaria nada — disse Dentos. — Agradeço à Fé todos os dias por meu lugar na Ordem.

O rosto de Nortah estava tenso e a testa franzida como se lutasse para dominar seu medo. Vaelin achou que ele não ia falar, mas após um momento ele disse:

— Eu... espero que todos vocês consigam.

— Vamos conseguir. — Vaelin apertou as mãos de todos. — Sempre conseguimos. Lutem bem, irmãos.

— Nysa — chamou Mestre Sollis da porta. Parecia impaciente e Vaelin ficou surpreso por ele ter permitido que tivessem esse interlúdio. — Vamos.

Vaelin descobriu que esperar para saber se seus amigos estavam mortos era uma forma singular de agonia que fazia os efeitos da raiz joffril parecerem um gole de chá de limão. Um por um seus irmãos foram chamados por Mestre Sollis; havia um breve intervalo antes de a multidão começar a vibrar, e o volume dos gritos aumentava e diminuía conforme o resultado da luta. Depois de algum tempo viu que podia estimar o andamento de uma luta, se não pelo vencedor, pelo menos pela reação do público. Algumas terminaram depressa, em uma questão de segundos; a luta de Caenis, em particular, havia sido muito curta. Vaelin não conseguia decidir se isso era bom ou ruim. Outras foram mais longas; Barkus e Nortah tiveram combates prolongados de vários minutos.

Dentos foi o último a ser chamado antes de Vaelin. Ele forçou um sorriso, agarrou com força o punho da espada e seguiu Mestre Sollis para fora da câmara sem olhar para trás. A julgar pelo barulho da multidão, a luta foi agitada, com vivas ruidosos seguidos por um silêncio

apressado e depois uma explosão de aplausos, repetidos diversas vezes. Quando a última onda de barulho invadiu a câmara, Vaelin não sabia dizer se Dentos havia sobrevivido.

Boa sorte, irmão, pensou, agora sozinho na câmara. *Talvez logo eu me junte a você.* A mão doía de tanto apertar o punho da espada, os nós dos dedos estavam brancos sobre o couro. *Isso é medo agora?*, ponderou. *Ou apenas medo de palco?*

— Sorna. — Mestre Sollis estava na porta, seu olhar encontrando o de Vaelin com uma intensidade que ele não vira antes. — Está na hora.

O túnel que levava para a arena parecia longo, mais longo do que podia ter imaginado. O tempo lhe pregava peças enquanto caminhava ao longo do túnel, e o trajeto talvez tenha levado um minuto ou uma hora. O clamor da multidão aumentava sem cessar, até que se sentiu envolto pelo som ao pisar no chão arenoso da arena.

O público gritava das arquibancadas por todos os lados; eram ao todo no mínimo dez mil pessoas. Não conseguiu distinguir um rosto sequer na multidão: era simplesmente uma massa excitada que gesticulava. Ninguém parecia incomodado com a chuva, que ainda caía com força levada pelo vento. Havia sangue na areia, varrido para evitar que formasse poças e diluído pela chuva, mas ainda assim de um vermelho intenso contra o amarelo esverdeado do chão da arena. Três homens o aguardavam ali, cada um empunhando uma espada de padrão asraelino.

— Dois assassinos e um estuprador — disse Mestre Sollis. Vaelin supôs que era o barulho do público que parecia acrescentar um tremor à voz do mestre. — Eles merecem ser liquidados. Não tenha piedade. Preste atenção no alto, ele parece saber como segurar uma lâmina.

Os olhos de Vaelin encontraram o mais alto dos três, um homem corpulento de uns trinta e tantos anos com cabelo cortado rente e um equilíbrio natural em sua postura; pés alinhados com os ombros, espada baixa. *Treinado*, percebeu.

— Um soldado.

— Soldado ou curandeiro, ele ainda é um assassino. — Uma breve pausa. — Boa sorte, irmão.

— Obrigado, mestre.

Vaelin sacou a espada, entregou a bainha a Mestre Sollis e avançou para a arena. Os gritos da multidão foram redobrados, e aqui e ali ele conseguia entender uma ou duas palavras:

— Sorna!... Matador de Falcão!... Mate eles, garoto!

Ele parou a uns três metros dos três homens, olhando para cada um deles enquanto o barulho da multidão ia se tornando um silêncio de expectativa. *Dois assassinos e um estuprador.* Eles não pareciam criminosos. O da esquerda era simplesmente um homem assustado com barba por fazer, segurando a espada com uma mão trêmula enquanto a chuva o encharcava e dez mil pessoas aguardavam sua morte. *Estuprador*, decidiu Vaelin. O homem à direita era mais robusto e tinha menos medo, apoiando-se ora num pé, ora no outro, os olhos fixos nos de Vaelin com fúria enquanto girava a espada na mão direita e a lâmina espirrava a água da chuva. Ele disse algo, a água saltando-lhe dos lábios, um xingamento ou um desafio, as palavras perdidas em meio à chuva e ao vento. *Assassino.* O terceiro homem, o soldado, não demonstrava medo e não via necessidade de girar a espada ou de dar voz a sua agressividade. Simplesmente aguardava, o olhar firme, a mesma postura de espadachim que Vaelin conhecia tão bem. *Um matador, com certeza. Mas um assassino?*

O homem à direita atacou primeiro, como Vaelin esperava que fizesse, investindo com uma estocada

desviada com facilidade. Vaelin usou o impulso do bloqueio para girar a lâmina e desferir um talho no pescoço do homem. Porém, o homem robusto era rápido e esquivou-se para longe com apenas a face aberta. O homem à esquerda procurou tirar vantagem da distração e avançou correndo com um grito, erguendo a espada acima da cabeça e tentando acertar Vaelin no ombro. Vaelin virou-se e a lâmina errou o alvo por menos de dois centímetros, parando na areia com um baque surdo. A ponta da espada de Vaelin entrou abaixo do queixo do homem, abrindo caminho para cima, atravessando a língua e osso até encontrar o cérebro. Recolheu a lâmina depressa e recuou, sabendo que o soldado atacaria agora.

A estocada foi rápida e bem desferida, um golpe letal contra o peito. A lâmina de Vaelin chocou-se contra a ponta e forçou a espada para cima, deixando uma abertura para o peito do soldado. O contragolpe de Vaelin foi rápido, rápido o suficiente para ter atingido qualquer um de seus irmãos, mas o homem alto o aparou sem dificuldade aparente. Ele recuou e agachou-se um pouco, mantendo a espada perto do chão e sem tirar os olhos de Vaelin.

O homem robusto tentava manter a face cortada no lugar com uma mão, brandindo a espada freneticamente enquanto cambaleava, gritando xingamentos inaudíveis para Vaelin com lábios ensanguentados.

Vaelin fez uma finta na direção do homem alto, desferindo um golpe contra suas pernas para fazê-lo recuar, e então atacando o homem robusto com um movimento tão ligeiro que não podia haver defesa, rolando por baixo de um golpe defensivo desesperado e desferindo uma estocada fatal pelas costas. A ponta de sua espada atravessou o coração do homem e saiu pelo peito. Vaelin colocou o pé nas costas do moribundo e o

empurrou para longe da lâmina a tempo de abaixar-se e evitar outro golpe do homem alto. Imaginou ter visto uma gota de chuva ser cortada ao meio quando a lâmina passou.

Afastaram-se um do outro, andando em círculo com as espadas apontadas, encarando-se. O homem robusto levou alguns momentos para morrer, contorcendo-se na areia encharcada de chuva entre eles, praguejando até perder o fôlego e cair morto na arena.

Vaelin foi tomado de súbito pela mesma sensação de anormalidade que lhe ocorrera antes, na floresta, na Casa da Quinta Ordem quando a Irmã Henna tentou matá-lo, quando esperou que Frentis voltasse do Teste da Natureza. Havia algo nesse oponente restante, algo na força de seu olhar e no jeito como se posicionava, algo no seu ser que anunciava uma verdade terrível e evidente: *Esse homem não é criminoso. Esse homem não é assassino.* Não sabia dizer como tinha certeza daquilo. Mas era a sensação mais forte desse tipo que já experimentara e não tinha dúvidas quanto a sua autenticidade.

Parou, abaixando a ponta da espada ao se endireitar, as linhas de tensão do rosto se suavizando. Podia sentir a chuva pela primeira vez, batendo gelada contra sua pele. O homem alto franziu a testa confuso enquanto Vaelin deixava a postura de luta para se erguer, mantendo a espada ao lado do corpo, a chuva lavando o sangue da lâmina. Ele ergueu a mão esquerda, os dedos abertos em um sinal de paz.

— Quem é...

O homem alto atacou feito um raio, a espada reta feito uma flecha, mirando diretamente no coração de Vaelin. Foi um movimento mais rápido do que tudo que já vira Mestre Sollis executar e devia tê-lo matado. Contudo, conseguiu se virar a tempo de a ponta da espada furar apenas sua camisa e de o fio da lâmina lhe

deixar uma marca no peito.

A cabeça do homem alto estava apoiada no ombro de Vaelin, os olhos já não tinham mais a determinação firme, os lábios se abriram com um arquejo e a pele estava ficando pálida rapidamente.

— Quem é você? — perguntou Vaelin num sussurro.

O homem cambaleou para trás e a espada de Vaelin emitiu um repugnante som cortante ao ser arrancada do peito do outro. Ele caiu de joelhos lentamente, segurando-se na própria espada e apoiando o queixo no pomo. Vaelin viu os lábios dele se moveram e ajoelhou-se ao lado do homem para ouvir as palavras.

— Minha... esposa... — disse o homem alto. Parecia uma explicação. Seus olhos tornaram a encontrar os de Vaelin e por um momento havia algo ali. Uma desculpa? Um arrependimento?

Vaelin o segurou quando ele tombou e sentiu a vida deixar o corpo com um estremecimento. Ficou segurando o soldado morto enquanto a chuva caía com força e os gritos da multidão o banhavam com uma adulação sanguinária.

Vaelin jamais havia ficado bêbado. Achou uma sensação desagradável, parecida com a tontura logo após receber um golpe forte na cabeça durante os treinamentos, só que mais prolongada. Sentia o amargor da cerveja na boca, e o primeiro gole fez com que contorcesse o rosto, enojado.

— Você se acostuma — garantiu Barkus.

A taverna ficava perto da seção oeste da muralha da cidade e era frequentada principalmente por guardas de folga e comerciantes locais. A maioria parecia satisfeita em deixar os cinco irmãos em paz, embora Vaelin tenha recebido algumas felicitações.

— Melhor aposta que já fiz — disse um velho de rosto

animado, erguendo a caneca em saudação. — Ganhei uma bolada com você hoje, irmão. As chances eram de dez para uma quando parecia que você ia se dar mal...

— Cale a boca! — disse Nortah seco ao velho. Tinha o braço esquerdo em uma tipoia, o antebraço enrolado em bandagens, mas seu semblante era ameaçador o suficiente para fazer o velho ficar lívido e sentar sem dizer outra palavra.

Encontraram uma mesa vazia e Barkus trouxe as bebidas. Estava mancando por conta de um corte que recebera na barriga da perna e derramou uma boa quantidade de cerveja ao voltar do bar.

— Sujeito desajeitado — resmungou Dentos. — Deixe que eu pego as próximas. — Ele foi o único a sair ileso do teste, embora estivesse com um olhar assustado e piscasse pouco, como se temesse o que veria quando fechasse os olhos.

Caenis bebericou a cerveja, franzindo o cenho, intrigado.

— Do jeito que os homens desejam esse negócio, achei que teria um gosto melhor. — Tinha o maxilar marcado por uma linha de oito pontos. O irmão da Quinta Ordem que tratou do corte lhe garantiu que ele teria uma cicatriz pelo resto da vida.

— Bem — disse Nortah, erguendo sua caneca. — Estamos todos aqui.

— É. — Dentos ergueu a sua, batendo-a contra a de Nortah. — Um brinde a... estarmos aqui, acho.

Beberam e Vaelin forçou-se a engolir a cerveja, esvaziando a caneca.

— Devagar, irmão — advertiu Barkus.

Sentiu que eles trocavam olhares apreensivos do outro lado da mesa enquanto ele olhava para o fundo da caneca. Houve uma cena desagradável com Mestre Sollis no Círculo quando Vaelin exigiu saber a identidade do homem alto e recebeu apenas uma resposta seca:

— Um assassino.

— Ele não era assassino — insistiu Vaelin, a raiva crescente deixando de lado sua atitude respeitosa de costume. O rosto do homem alto no momento de sua morte ainda era uma lembrança vívida em sua mente. — Mestre, quem era aquele homem? Por que era necessário que eu o matasse?

— Todo ano a Guarda da Cidade nos fornece alguns condenados selecionados — respondeu Sollis, sua paciência quase no fim. — Escolhemos os mais fortes e mais habilidosos. Quem são não é da nossa conta. Tampouco é da sua, Sorna.

— Hoje é! — Vaelin aproximou-se um passo de Sollis, cada vez mais furioso.

— Vaelin — advertiu Caenis, colocando a mão no braço do irmão.

— Eu matei um homem inocente hoje! — gritou Vaelin para Sollis, desvencilhando-se de Caenis e avançando mais. — Para quê? Para lhe mostrar que eu podia matar? Você já sabia disso. Você o escolheu, não foi? Sabendo que ele era o mais habilidoso. Sabendo que seria eu que o enfrentaria.

— Um teste não é um teste se for fácil, irmão.

— FÁCIL? — Uma névoa vermelha estava lhe turvando a visão e ele levou a mão à espada.

— Vaelin! — Dentos e Nortah se colocaram entre eles, Barkus o puxou para trás e Caenis segurou firme a mão que estava sobre a espada.

— Tirem-no daqui! — ordenou Sollis enquanto empurravam Vaelin para a saída, que berrava incoerências, irado. — Aproveitem o resto da noite. Ajudem seu irmão a se acalmar.

Vaelin não tinha certeza se cerveja era a melhor maneira de se acalmar. A raiva não diminuíra; na verdade, o modo como o salão parecia girar por conta própria era extremamente inquietante.

— Meu tio Derv conseguia beber mais cerveja em uma sentada do que qualquer homem vivo — disse Dentos após a quarta caneca, a cabeça caindo para os lados. — Fagiam uma competichão a cada feira de verão. Vinha gente de muito longe pra desafiar ele. Ninguém nunca derrotou ele. Grande campeão de beber cerveja por chinco anos cheguidos. Teriam chido cheis che ele não tivesse bebido até morrê no inverno. — Parou para dar um arroto espalhafatoso. — Velho eshtúpido.

— Não devíamos estar gostando disso? — perguntou Caenis, agarrando a mesa com as duas mãos como se temesse que fosse cair.

— Eu estou bastante feliz — disse Barkus, sorrindo alegremente. Tinha a camisa molhada de cerveja e parecia alheio às cascatas que lhes desciam pelo queixo toda vez que tomava um gole.

— Dois irmãos... — Nortah estava dizendo. Ele vinha falando sobre seu teste há mais de uma hora. Pelo que Vaelin conseguiu entender, dois dos homens que ele matara eram irmãos, aparentemente foras da lei condenados. — Gêmeos... acho. Pareciam iguais, até fizeram o mesmo som quando morreram...

O estômago de Vaelin deu uma revirada desagradável e ele percebeu que estava prestes a vomitar.

— Vou lá fora — murmurou, levantando-se e caminhando até a porta com pernas que pareciam ter perdido a capacidade de andar em linha reta.

O ar da rua lhe gelou os pulmões e fez a náusea diminuir um pouco, mas ainda se viu obrigado a passar alguns minutos vomitando na sarjeta. Depois encostou as costas na parede da taverna e escorregou para o chão, a respiração transformando-se em fumaça no ar gelado. *Minha esposa*, dissera o homem alto. Talvez a estivesse chamando. Ou invocando uma última lembrança enquanto lutava para levar a imagem do rosto dela com ele para o Além.

— Um homem com tantos inimigos não devia ficar tão vulnerável.

O homem parado sobre ele era de altura mediana, mas corpulento, com um rosto esguio de linhas fundas e um olhar penetrante.

— Erlin — disse Vaelin, largando o punho da faca. — Você não mudou nada. — Olhou com a visão turva para a rua vazia. — Eu desmaiei? Você está aqui?

— Estou. — Erlin lhe estendeu a mão. — E acho que você já teve o bastante por uma noite.

Vaelin apertou-lhe a mão e levantou-se com dificuldade. Para sua surpresa, viu que estava pelo menos quinze centímetros mais alto do que Erlin. Quando se viram pela última vez, mal chegava aos ombros do homem.

— Imaginei que você seria alto — disse Erlin.

— Sella? — perguntou Vaelin.

— Da última vez que a vi, Sella estava bem. Sei que ela gostaria que eu lhe agradecesse pelo que fez por nós.

Lutarei, mas não cometerei assassinato. Sua infância resolveu voltar-lhe à mente, a promessa que fizera a si mesmo após salvá-los na floresta. *Matarei homens que me enfrentem em batalha, mas não levantarei a espada contra inocentes.* Parecia algo tão vazio agora, tão ingênuo. Lembrou-se da aversão que sentiu ao ouvir as histórias do Irmão Makril sobre Negadores assassinados e se perguntou se realmente havia alguma diferença entre eles agora.

— Ainda tenho o lenço dela — disse ele, tentando pensar em coisas mais confortáveis. — Pode levá-lo para ela? — Procurou o lenço de forma atabalhoada dentro da camisa.

— Não tenho certeza se poderia encontrá-la mesmo se quisesse. Além disso, acho que ela gostaria que você ficasse com ele. — Agarrou o cotovelo de Vaelin e o

levou para longe da taverna. — Ande um pouco comigo. Isso deve desanuviar sua cabeça. E há muito que eu gostaria de lhe contar.

Caminharam pelas ruas vazias do quadrante oeste, seguindo um caminho por entre as diversas oficinas que caracterizavam aquele distrito como o dos artesãos. Quando chegaram ao rio, Vaelin soube pela dor crescente atrás da cabeça e a firmeza progressiva das pernas que estava começando a ficar sóbrio. Pararam na passarela sobre o rio e admiraram o luar refletido nas agitadas águas escuras.

— Na primeira vez que vim aqui — disse Erlin —, o rio fedia tanto que não era possível se aproximar dele. Todos os dejetos da cidade vinham parar nele antes dos esgotos serem construídos. Agora a água é tão limpa que se pode bebê-la.

— Eu vi você — disse Vaelin. — Na Feira de Verão, há quatro anos. Você estava assistindo a um espetáculo de marionetes.

— Sim. Eu tinha assuntos para resolver lá. — Estava claro pelo tom que ele não entraria em detalhes sobre o tipo de assunto.

— Você se arrisca demais vindo aqui. É provável que o Irmão Makril ainda o esteja perseguindo em algum lugar. Ele não é homem de desistir de uma caçada.

— É verdade, tanto que me encontrou no inverno passado.

— Então como...

— É uma história muito longa. Em resumo, ele me encurralou na encosta de uma montanha em Renfael. Lutamos, eu perdi, ele me deixou ir.

— Ele deixou você ir?

— Sim. Eu mesmo fiquei bastante surpreso.

— Ele disse por quê?

— Ele não disse quase nada. Deixou-me amarrado a noite inteira enquanto permaneceu sentado ao lado da

fogueira e bebeu até ficar inconsciente. Depois de um tempo eu desmaiei pela surra que ele me dera. Quando acordei pela manhã, eu estava solto e ele havia desaparecido.

Vaelin lembrou-se das lágrimas brilhando nos olhos de Makril. *Talvez ele fosse um homem melhor do que pensei que fosse.*

— Vi você lutar hoje — disse Erlin.

Vaelin sentiu a dor na base do crânio aumentar.

— Você deve ser rico para ter conseguido comprar um ingresso.

— Na verdade, não. Há um caminho que leva ao Círculo que poucos conhecem, uma passagem abaixo das paredes que proporciona uma boa vista da arena.

O silêncio se estendeu entre eles. Vaelin não tinha vontade de discutir seu teste e estava cada vez mais preocupado com a sensação de que estava prestes a vomitar de novo.

— Você disse que tinha algo para me contar — disse ele, principalmente na esperança de que, se continuasse a conversar, não prestaria muita atenção na náusea crescente no estômago.

— Um dos homens que você matou tinha uma esposa.

— Eu sei. Ele me contou. — Olhou para Erlin, notando o escrutínio intenso nos olhos do homem. — Você o conhecia?

— Não muito bem. Eu conheci sua esposa. Ela me ajudou no passado. Considero-a uma amiga.

— Ela é uma Negadora?

— É como você a chamaria. Ela chama a si mesma de Questionadora.

— E o marido dela também fazia parte dessa... crença?

— Oh, não. O nome dele era Urlian Jurahl. Em outros tempos foi chamado de Irmão Urlian. Ele era como você, um irmão da Sexta Ordem, mas a abandonou para

ficar com Illiah, sua esposa.

Não é de admirar que lutasse tão bem.

— Achei que ele era soldado.

— Ele assumiu o ofício de construtor de barcos após deixar a Ordem e tornou-se bastante conceituado, tinha seu próprio estaleiro onde construía barcaças, que alguns dizem eram as melhores no rio.

Vaelin sacudiu a cabeça, triste. *Servi a Fé matando um construtor de barcos inocente.*

— O que ele estava fazendo na arena? Eu sei que ele não era assassino.

— Aconteceu durante os tumultos. Alguns moradores ficaram sabendo das crenças de Illiah, não sei bem como. Talvez o filho tenha falado durante alguma brincadeira. É normal as crianças confiarem demais nos outros. Vieram atrás dela, dez homens com uma corda. Urlian matou dois e feriu outros três, o resto fugiu, mas retornaram com a Guarda da Cidade. Urlian foi dominado e levado para a Fortaleza Negra, junto com a esposa.

— E o filho deles?

— O pai mandou que se escondesse quando a luta começou. Está seguro agora. Com amigos meus.

— Se Urlian estava defendendo a esposa, então não foi assassinato. O magistrado sem dúvida teria compreendido isso.

— Sem dúvida. Mas o magistrado tinha alguns amigos ricos de olho em uma oportunidade. Sabia que as chances a favor de você sobreviver ao teste mal eram dignas de uma aposta? As chances contra eram bem mais arriscadas. Com Urlian na arena, valeria a pena arriscar algum ouro contra você. Fizeram-lhe uma proposta: confessar o crime e ser escolhido para o teste, coisa fácil de ser arranjada, já que seus mestres logo notariam a habilidade dele. Assim que Urlian o tivesse matado, ele e a esposa estariam livres.

Vaelin percebeu que havia ficado completamente sóbrio; a náusea desaparecera diante compulsão fria e implacável.

— A esposa dele ainda está na Fortaleza Negra?

— Está. A essa altura já deve estar a par do destino do marido. Receio que a tristeza a faça cometer alguma loucura.

— Você sabe os nomes desse magistrado e de seus amigos ricos?

— O que faria se eu os desse a você?

Vaelin o encarou com um olhar frio.

— Mataria todos. É essa sua intenção, não? Me colocar no caminho da vingança. Bem, você a terá. Apenas me dê os nomes.

— Você me entendeu mal, Vaelin. Não desejo vingança. Seja como for, você não poderia matar todos eles. Homens ricos de famílias nobres têm muitos protetores, muitos guardas. Você pode matar um, mas não todos. E Illiah ainda estaria à espera de seu destino na Fortaleza Negra quando você fosse morto.

— Então por que me contar isso se não posso fazer nada para corrigir o erro?

— Você pode falar em nome dela. Sua palavra terá bastante valor. Se for até seu Aspecto e explicar...

— Ela é uma Negadora. Eles não vão ajudá-la a não ser que ela renuncie a sua heresia.

— Ela não fará isso. A alma dela está ligada a suas crenças de forma mais íntima do que você pode imaginar. Duvido que ela pudesse renunciar a elas mesmo que quisesse. Sei que seu Aspecto é um homem compassivo, Vaelin. Ele falará por ela.

— Mesmo que ele fale, a Fortaleza Negra não é mais guardada pela Sexta Ordem desde o último Conclave. Está sob o controle da Quarta. Conheci o Aspecto Tendris e ele não ajudará uma Negadora que não se arrependeu. — Vaelin voltou-se para o rio, a frustração

subindo-lhe no peito, enquanto o rosto pálido de Urlian chamava a esposa repetidas vezes em sua mente.

— Então não há nada que você possa fazer? — perguntou Erlin. Ele parecia resignado e Vaelin sabia que sua aparição havia sido um ato desesperado, realizada a um risco considerável.

— Você deposita muita confiança em mim vindo aqui — disse Vaelin. — Obrigado.

— Vivi o bastante para julgar o coração de um homem. — Afastou-se do rio e estendeu a mão para Vaelin. — Desculpe ter lhe sobrecarregado com esse fardo. Vou deixá-lo em paz agora.

— À medida que envelheço, estou descobrindo que a verdade jamais é um fardo. É uma dádiva. — Vaelin apertou a mão dele. — Diga-me os nomes.

— Não vou colocá-lo no caminho de sua própria morte.

— Não vai. Confie em mim. Pensei em algo que posso fazer.

CAPÍTULO DEZ

Escolheu o portão na muralha leste, supondo que seria o menos movimentado. Mesmo com o avançado da hora, o portão principal do palácio estaria bem guardado, com bocas demais para falarem como Vaelin Al Sorna apareceu exigindo uma audiência com o Rei.

— Caia fora, garoto — disse o sargento no portão, sem se incomodar em sair do abrigo da casa da guarda. — Vá para casa dormir.

Vaelin percebeu que devia estar cheirando feito uma cervejaria.

— Sou o Irmão Vaelin Al Sorna da Sexta Ordem — disse ele, forçando uma autoridade na voz como se tivesse todo o direito de estar ali. — Solicito uma audiência com o Rei Janus.

— Pela Fé! — O sargento suspirou exasperado. Ele saiu e encarou Vaelin com um olhar feroz. — Sabia que um homem pode ser chicoteado por apresentar um nome falso a um oficial da Guarda Real?

Um guarda mais jovem apareceu atrás do sargento e olhou para Vaelin com uma expressão de espanto desconcertante.

— Hã, Sargento...

— Mas está tarde, e estou de bom humor. — O sargento avançou até Vaelin com os punhos cerrados, o rosto grisalho tenso pela violência iminente. — Então vai ser só uma surra antes de eu mandar você embora.

— Sargento! — disse o homem mais jovem com urgência, segurando o superior pelo braço. — É ele.

O sargento olhou do homem mais jovem para Vaelin,

examinando-o de cima a baixo.

— Tem certeza?

— Eu estava de serviço no Círculo esta manhã, não? É ele mesmo.

O sargento abriu as mãos, mas não parecia mais feliz.

— O que você quer com o Rei?

— Meu assunto é apenas com ele. Ele me receberá se souber que estou aqui. E tenho certeza que ele não ficará nem um pouco contente se ouvir que fui mandado embora. *Uma mentira consumada*, congratulou-se. Na verdade, ele não tinha a menor certeza de que o Rei o receberia.

O sargento ponderou a situação. Suas cicatrizes indicavam uma vida inteira de serviço árduo e Vaelin compreendeu que ele não devia receber de bom grado qualquer intrusão no que sem dúvida era uma posição confortável na qual aguardar pela aposentadoria.

— Meus cumprimentos e desculpas ao capitão — disse o sargento ao guarda mais jovem. — Acorde-o e conte-lhe sobre nosso visitante.

Ficaram se olhando em um silêncio cauteloso depois que o guarda se retirou e abriu rapidamente uma porta menor no meio do imenso portão de carvalho e desapareceu do lado de dentro.

— Ouvi dizer que você matou cinco assassinos Negadores na noite do massacre dos Aspectos — resmungou o sargento após algum tempo.

— Foram cinquenta.

Uma eternidade pareceu se passar até a porta tornar a se abrir e o guarda reaparecer seguido por um jovem asseado, impecavelmente trajado com o uniforme de um capitão da Guarda Montada do Rei. Avaliou Vaelin com um olhar rápido antes de estender a mão.

— Irmão Vaelin — disse ele com um leve sotaque renfaelino. — Capitão Nirka Smolen, às suas ordens.

— Perdão por acordá-lo, capitão — disse Vaelin, um

pouco distraído pelo asseio do traje do homem. Tudo desde o brilho das botas até o modo preciso como o bigode estava aparado indicava uma notável atenção aos detalhes. Ele certamente não parecia ser um homem que acabara de acordar e se levantar da cama.

— Não se preocupe com isso. — O Capitão Smolen fez um sinal na direção da porta aberta. — Se puder me acompanhar.

As lembranças de infância de Vaelin sobre a opulência resplandecente não condiziam com o interior da ala leste do palácio. Após atravessarem um pátio pequeno, ele foi conduzido a um labirinto de corredores apinhado de uma variedade de baús empoeirados e quadros cobertos por panos.

— Esta ala é usada principalmente para armazenagem — explicou o Capitão Smolen, notando a expressão confusa de Vaelin. — O Rei recebe muitos presentes.

Seguiu o capitão por uma série de corredores e câmaras até chegarem a uma sala ampla de piso quadriculado e com vários quadros grandiosos nas paredes. As pinturas atraíram-lhe a atenção de imediato; cada uma tinha pelo menos dois metros de largura e retratava uma batalha. O cenário mudava em cada pintura, mas a mesma figura encontrava-se no centro de todas: um homem belo de cabelos ruivos montado em um cavalo de guerra branco e com uma espada erguida acima da cabeça. *O Rei Janus.* Embora a lembrança que Vaelin tinha do Rei fosse vaga, não se recordava de que o maxilar dele fosse tão quadrado ou os ombros tão largos.

— As seis batalhas que uniram o Reino — disse o Capitão Smolen. — Pintadas pelo Mestre Benril Lenial. Ele levou mais de três anos para terminá-las.

Vaelin lembrou-se dos desenhos de Mestre Benril nos aposentos da Aspecto Elera, os detalhes com que cada um havia sido elaborado, o modo como as vísceras

expostas pareciam saltar do pergaminho. Agora não via nada da mesma clareza. As cores eram brilhantes, mas não vibrantes; os guerreiros eram retratados de forma nítida, mas pareciam um tanto afetados, não como se estivessem lutando, simplesmente parados em determinada pose.

— Não é seu melhor trabalho, não é mesmo? — comentou o Capitão Smolen. — Ele recebeu ordens para pintá-las, veja bem. Suspeito que não gostasse muito do tema. Já viu o afresco dele na Grande Biblioteca em homenagem às vítimas da Mão Vermelha? É impressionante.

— Nunca vi a Grande Biblioteca — respondeu Vaelin, pensando que o Capitão Smolen provavelmente descobriria que tinha muito em comum com Caenis.

— Deveria, é uma honra para o Reino possuir tal obra. Preciso de suas armas.

Vaelin tirou o manto com as quatro facas de arremesso guardadas nas dobras, desafivelou a espada, soltou a faca de caça do cinto e retirou da bota a adaga de lâmina estreita.

— Bela arma. — O Capitão Smolen estava admirando a adaga. — Alpirana?

— Não sei, tirei de um homem morto.

— Elas ficarão à sua espera aqui. — Smolen colocou as armas em uma mesa próxima. — Ninguém tocará nelas. — Dito isso, aproximou-se da parede e empurrou algo, e uma parte da parede abriu-se para dentro revelando uma escadaria escura. — Siga a escadaria até o topo.

— Ele está lá? — perguntou Vaelin. Esperava ser levado a uma sala do trono ou a uma sala de audiências.

— Está, de fato. Melhor não deixá-lo esperando.

Vaelin agradeceu com um aceno de cabeça e pisou na escadaria. Lamparinas a óleo presas na parede

lançavam uma luz tênue nos degraus, e a escuridão aumentou quando Smolen fechou a porta às suas costas. Subiu a escadaria conforme instruído, e a batida das botas nos degraus de pedra ressoava alto no espaço confinado. A porta no topo estava entreaberta, delineada pela luz forte de uma lamparina da sala mais além. Ela rangeu quando Vaelin a empurrou, mas o homem sentado à mesa diante dele não levantou a cabeça. Estava curvado sobre um rolo de pergaminho, a pena indo de lado a lado e deixando uma escrita fina por onde passava. O homem era velho, na casa dos sessenta anos, mas ainda tinha ombros largos. O cabelo longo estava caído sobre o rosto; outrora ruivo, agora era grisalho, mas ainda havia alguns traços cor de cobre. Vestia uma camisa simples de linho branco, as mangas manchadas de tinta, e o único adorno era um anel de sinete no terceiro dedo da mão direita, um anel com o símbolo de um cavalo empinado.

— Alteza... — começou Vaelin, colocando um joelho no chão.

O Rei ergueu a mão esquerda, fazendo sinal para que se levantasse, e então apontou para uma cadeira. A pena não interrompeu sua trajetória no pergaminho. Vaelin andou até a cadeira e viu que havia pilhas de livros e pergaminhos nela. Hesitou, e então os recolheu com cuidado e os colocou no chão antes de se sentar.

Esperou.

O único som na sala era o da pena do Rei na superfície do pergaminho. Vaelin cogitou se deveria falar de novo, mas algo lhe disse que era melhor permanecer em silêncio. Optou por olhar em volta da sala. Pensara que a sala da Aspecto Elera era o espaço mais abarrotado de livros que já vira, mas nem se comparava à sala do Rei. Havia pilhas enormes de livros ao longo das paredes que quase chegavam ao teto. Dentre as pilhas havia caixas de pergaminhos, alguns rachados e secos

pela idade. A única decoração da sala era um grande mapa do Reino acima da lareira com a superfície parcialmente coberta por anotações curtas em uma letra fina. Curiosamente, algumas das anotações estavam escritas em tinta vermelha e outras em preta. Havia alguma espécie de lista em um dos cantos do mapa, onde cada item havia sido escrito em preto e riscado em vermelho. Era uma lista longa.

— Você tem o rosto do seu pai, mas o modo de sua mãe de olhar para as coisas.

Vaelin voltou o olhar para o Rei. Colocara a pena de lado e reclinara na cadeira. Os olhos verdes eram brilhantes e perspicazes no rosto marcado e envelhecido. Vaelin não conseguiu deixar de olhar para as cicatrizes vermelho-pálidas no pescoço do Rei, legado de seu encontro na infância com a Mão Vermelha.

— Alteza? — balbuciou.

— Seu pai era bom nas artes da guerra, mas devo dizer que na maioria das outras coisas ele era burro feito uma porta. Sua mãe, por outro lado, era boa em quase tudo. Você se parecia com ela há pouco, enquanto olhava meu mapa.

— Estou certo de que ela teria ficado encantada em saber que o senhor a tinha em alta estima, Alteza.

O Rei ergueu uma sobrancelha.

— Não me bajule, garoto. Tenho criados suficientes para isso. Além do mais, você não leva jeito para a coisa. Pelo menos nisso você é como seu pai.

Vaelin sentiu-se corar e engoliu um pedido de desculpas. *Ele está certo, não sou um cortesão.*

— Perdoe-me minha intromissão, Alteza. Vim para pedir sua ajuda.

— A maioria das pessoas que vem até mim quer isso. Se bem que geralmente com presentes caríssimos e rastejando diante de mim por várias horas. Vai se

rastejar diante de mim, jovem irmão? — A boca do Rei curvou-se em um sorriso enviesado.

— Não. — Vaelin percebeu que seu receio estava desaparecendo depressa diante de uma raiva fria. — Não, Alteza. Não vou.

— No entanto, vem aqui a essa hora e exige favores.

— Não exijo nada.

— Mas você quer algo. O que seria? Dinheiro? Duvido. Tinha pouca importância para seus pais, e imagino que tenha pouca importância para você. Talvez ajuda com uma proposta de casamento? Está de olho em alguma moça, mas o pai dela não quer um garoto pobre da Ordem como genro? — O Rei inclinou a cabeça, observando Vaelin atentamente. — Oh, não, dificilmente seria isso. Então o que pode ser?

— Justiça — disse Vaelin. — Justiça para um homem assassinado, justiça para sua família.

— Assassinado, é? Por quem?

— Por mim, Alteza. Hoje matei um homem no Teste da Espada. Ele era inocente, uma vítima de uma condenação falsa aplicada simplesmente para que me enfrentasse no teste.

O humor desapareceu do rosto do Rei, substituído por algo muito mais sério, mas indecifrável.

— Conte-me.

Vaelin contou tudo, a captura de Urlian, o aprisionamento de sua esposa na Fortaleza Negra, os nomes dos responsáveis: Jentil Al Hilsa, o magistrado que condenara Urlian, e Mandril Al Unsa e Haris Al Estian, os dois homens ricos que tentaram lucrar com sua morte.

— E como essas informações chegaram até você? — perguntou o Rei quando Vaelin terminou.

— Um homem veio até mim esta noite, um homem em quem confio. — Vaelin fez uma pausa, tomando coragem para o risco que sabia que tinha que correr. —

Um homem que conhece muito dos problemas que afligem os Negadores no Reino.

— Ah. Para um membro de uma Ordem, você escolhe amigos incomuns.

— A Fé nos ensina que a mente de um homem deve estar aberta à verdade, onde quer que a encontre.

— Parece que você também tem a habilidade com as palavras que sua mãe tinha. — O Rei pegou um pedaço novo de pergaminho de uma pilha na mesa, molhou a pena no tinteiro de tinta preta e escreveu uma passagem curta. Depois limpou a pena em uma das mangas da camisa, molhou a pena em um tinteiro de tinta vermelha e escreveu uma lista abaixo do texto preto. Completou o documento com uma assinatura elaborada, pegou uma vela e um bloco de cera de lacre e encostou a chama na cera até um pingo derretido cair no pé do pergaminho. Soprou suavemente a cera por um instante e então a pressionou com o anel de sinete.

— Toda vez que assino meu nome em um desses — disse ele, deixando a pena de lado — tenho que corrigir meu mapa. — Vaelin virou-se para o mapa na parede e olhou de novo para a lista de palavras pretas riscadas com vermelho. *Nomes*, compreendeu. *Nomes de homens que ele matou. O pai de Nortah deve estar ali em algum lugar.*

— Executarei esses homens — disse o Rei. — Com base no que você me contou. Não haverá julgamento. A Palavra do Rei está acima de todas as leis. Suas famílias me odiarão pelo que fiz, mas como pretendo confiscar suas propriedades e deixá-las sem dinheiro, isso não tem importância.

Vaelin olhou nos olhos do Rei, tentando decidir se aquilo era alguma espécie de blefe, mas não viu logro algum.

— Uma família não deveria ser punida pelos crimes de apenas um de seus membros.

— É assim que deve ser feito com os nobres. Se eu deixar a família de posse dos bens, cedo ou tarde ela os usará contra mim. Além do mais, conheço esses homens e suas famílias. Pessoas vis e gananciosas, de modo geral. A vida na sarjeta lhes será apropriada.

— O senhor dá valor demais à minha palavra, Alteza. Eu poderia estar mentindo...

— Não está. Um homem aprende a ouvir mentiras após trinta anos como rei.

A justiça de um rei é realmente dura, concluiu Vaelin. Conseguiria lidar com aquilo? Vendo a determinação na expressão do Rei, percebeu que não tinha escolha. O caminho já havia sido determinado assim que ele abriu a boca.

— E a esposa do homem?

— Bem, temos aí um problema. Ela é uma Negadora que não se arrependeu. O Aspecto Tendris sem dúvida tentará pendurá-la nas muralhas em uma jaula. Se ela não morrer antes, durante o interrogatório, é claro.

— Alteza, o senhor é o Rei deste Reino e o Campeão da Fé. Deve haver alguma influência...

— *Deve* haver? — A expressão do Rei era uma mistura de raiva e deleite. — Já fiz o que eu *devia* esta noite. — Apontou para a sentença de morte que havia escrito. — É o dever de um rei administrar a justiça onde puder. Matarei esses homens porque eles violaram as leis deste Reino e merecem essa punição. Quanto à esposa da vítima, os crimes delas não se enquadram na minha jurisdição. Portanto, não é uma questão do que eu devo fazer, mas do que eu posso fazer, se servir aos meus interesses. Assim, Vaelin Al Sorna, diga-me como salvar a vida dessa mulher servirá aos meus interesses. Você usou seu nome para chegar até aqui. Não tem mais nada a dizer?

Mãe, perdoe-me.

— Sei que Vossa Alteza tinha planos para mim, antes

que meu pai me enviasse para a Ordem. Se lhe agradar, eu me submeterei a esses planos se Vossa Alteza garantir a libertação da esposa de Urlian.

O Rei pegou uma garrafa de cristal que estava sobre a mesa e serviu uma medida de vinho tinto em uma taça.

— Cumbraelino, envelhecido dez anos. Uma das vantagens de ser rei é uma adega bem abastecida. — Ofereceu a garrafa a Vaelin. — Gostaria de um pouco?

A cabeça de Vaelin ainda doía por causa da bebedeira na taverna.

— Não, obrigado, Alteza.

— Seu pai também não bebia comigo. — O Rei bebericou lentamente o vinho. — Porém, ele nunca tentou barganhar comigo. Eu ordenava e ele obedecia.

— A lealdade é nossa força.

— Sim. Um belo lema, um dos meus melhores. Escolhi-o para ele, escolhi até mesmo o falcão como o brasão da sua família. Foi uma espécie de piada, na verdade. Seu pai odiava a falcoaria. Afinal, é um esporte para nobres. — Bebeu outro gole do vinho, limpando os lábios com a manga suja de tinta. — Sabe por que ele deixou de me servir?

— Ouvi dizer que houve um desentendimento entre vocês a respeito do desejo dele de se casar e legitimar minha irmã.

— Sabe sobre ela, é? Deve ter sido um choque. É verdade que recusei o pedido de seu pai de se casar e ele ficou irritado. Porém, acredito que ele na verdade tenha resolvido deixar de me servir quando tive que matar meu Primeiro-Ministro. Foram adversários durante anos, mas quando o roubo de Al Sendahl veio a público, foi seu pai quem falou por ele quando ninguém mais se prontificou. Ele tinha que morrer, é claro, embora tenha sido uma perda terrível. Poucos homens eram tão versados em finanças quanto Artis Al Sendahl.

— Servi com o filho dele desde que éramos pequenos,

Alteza. Ele jamais conseguiu aceitar que o pai tivesse roubado a Coroa.

— Oh, mas ele não era um ladrão de moedas, era um ladrão de poder. É uma coisa terrivelmente sedutora, Vaelin. Contudo, para exercê-lo bem é necessário odiá-lo tanto quanto amá-lo. Lorde Artis nunca compreendeu isso. Suas ações passaram a ser guiadas inteiramente pela ambição, colocando em risco a paz do Reino, de modo que tive de matá-lo.

— E confiscar os bens da família?

— É claro. Mas certifiquei-me de que a esposa e as filhas fossem bem cuidadas, pois senti que lhe devia isso. O Senhor da Torre Al Myrna teve a bondade de recebê-las e deu algum pedaço de terra para a mulher nos Confins do Norte, sob um nome falso, é claro. Não posso deixar que meus nobres pensem que tenho o coração mole.

— Meu irmão ficaria muito mais tranquilo se eu pudesse lhe contar isso.

— Estou certo que sim. Mas você não dirá nada.

O Rei largou a taça e se levantou, esfregando as pernas e gemendo pela rigidez delas, e foi até o mapa acima da lareira.

— O Reino Unificado — disse ele. — Quatro Feudos outrora divididos por guerras e ódio agora unidos em lealdade a mim. Exceto, é claro, que eles não são leais. Nilsael vendeu-se a mim porque estava cansado dos exércitos saquearem suas terras quase que anualmente. Renfael perdeu metade dos cavaleiros e Lorde Theros percebeu que, se continuasse a lutar comigo, logo perderia a outra metade. Cumbrael me odeia e teme na mesma medida, mas temem a Fé ainda mais, e permanecerão leais enquanto eu a mantiver longe de sua porta. Este é o Reino que derramei um mar de sangue para construir, e através de você eu teria impedido que se esfacelasse quando eu morresse.

“Tem razão, eu tinha muitos planos para você. O filho de um Senhor da Batalha e de uma antiga Mestra da Quinta Ordem, e ambos plebeus, ainda por cima. Seria por meio de você que eu uniria o povo à minha linhagem, não apenas em Asrael, mas em todos os Feudos. E quando eu tivesse conquistado o coração do povo, seus nobres poderiam convocá-los para a guerra, mas ninguém se apresentaria. De fato eu tinha planos para você, Jovem Falcão. — Passou os olhos pelo mapa e deu um longo suspiro de pesar. — No entanto, sua mãe tinha seus próprios planos. Quando ela convenceu o Aspecto Arlyn a aceitá-lo na Sexta Ordem, ela o tornou um irmão, ligado à Fé, não a mim.

— Alteza, se desejar que eu deixe a Ordem...

— É tarde demais pra isso. Estaria óbvio para todos que você teria deixado a Fé ao meu comando. Privar a Ordem de seu filho mais famoso dificilmente faria o povo me amar. Não, os planos que eu tinha para você foram abandonados há muito tempo.

Vaelin procurou algo que dizer, algum argumento para garantir o auxílio do Rei. A perspectiva de deixar a esposa de Urlian entregue à tortura e a uma execução lenta era insuportável. Planos mirabolantes surgiram-lhe na mente ao começar a entrar em pânico. Entraria escondido na Fortaleza Negra e a resgataria... seus irmãos o ajudariam, tinha certeza, embora isso provavelmente significasse a morte para todos eles...

— Eu não fui o primeiro, sabia? — disse o Rei em voz baixa. Vaelin notou que ele estava olhando para uma lista curta escrita no topo do mapa. — Houve cinco antes de mim. — O Rei bateu com o dedo em cinco nomes da lista. — Cinco Reis desde que Varin trouxe nosso povo a esta terra e expulsou os seordah para as florestas e os lonaks para as montanhas. E em quinhentos anos, nenhuma família governou o Reino por mais de uma geração.

— O Príncipe Malcius é um bom homem, Alteza.

— Meu açougueiro é um bom homem, garoto! — retorquiu o Rei com rispidez, subitamente irritado. — Assim como meu estribeiro e o homem que recolhe bosta no meu pátio. Meu filho é um bom homem, é verdade, mas é preciso mais do que bondade para ser rei. Quando ele subisse ao trono, você estaria ao seu lado para fazer o que ele não conseguisse. Agora, tudo o que posso fazer é tornar este Reino tão grande para que aqueles que o esfacelariam tenham medo de ser esmagados se ele ruir.

Voltou para a cadeira e sentou-se com dificuldade.

— Então elaborarei um novo plano. E você, Irmão Vaelin Al Sorna, servirá mais uma vez aos meus interesses. — Revirou uma pilha de papéis na mesa e retirou dali um maço de documentos selado com cera negra. — O Aspecto Tendris me mantém ocupado com seus conselhos leais e pedidos humildes de novas medidas para combater o flagelo dos Infiéis. Aqui — o Rei escolheu o documento no topo do maço —, ele sugere que a Guarda do Reino chicoteie qualquer súdito que não conseguir recitar o Catecismo da Fé quando ordenado.

— O Aspecto Tendris é zeloso em suas crenças, Alteza.

— O Aspecto Tendris é um fanático iludido. Mas é possível negociar mesmo com um fanático. — O Rei ergueu outro documento e começou a ler: — “Venho humildemente lembrar Vossa Alteza dos relatórios regulares de que os Infiéis estão se reunindo em números sem precedentes na Floresta Martishe. Fiquei sabendo por meio das mais fidedignas fontes que essas pessoas são adeptas da forma cumbraelina de adoração a deuses e por demais veementes em sua heresia. Estão bem armados e, segundo minhas fontes asseguram-me, decididos a resistir com extrema violência a qualquer tentativa de desalojamento.

Imploro a Vossa Alteza, com todo o respeito, que atenda meus pedidos para que se aja de forma decisiva nessa questão”.

O Rei jogou o pergaminho de lado.

— O que acha disso?

— O Aspecto deseja que Vossa Alteza envie a Guarda do Reino para a Martishe para expulsar os Negadores.

— De fato, como se meus soldados não tivessem nada melhor para fazer do que ficar perambulando durante meses pela floresta com arqueiros cumbraelinos à espreita atrás de cada árvore. Oh, não, a Guarda do Reino não chegará a menos de quinze quilômetros da Martishe. Mas você vai.

— Eu, Alteza?

— Sim. Convencerei o Aspecto Arlyn a enviar um pequeno contingente de irmãos para a Martishe, e você estará entre eles. Assim como um jovem chamado Linden Al Hestian. Conhece esse nome?

— Al Hestian. — Vaelin lembrou-se do homem furioso que abriu caminho à força por entre a multidão na Feira de Verão onde o pai de Nortah foi executado. — Uma vez encontrei um Lorde Comandante com esse nome.

— Lakrhil Al Hestian, Lorde Comandante do meu Vigésimo Sétimo Regimento de Cavalaria. Um oficial competente e um dos meus nobres mais ricos. Tal como meu finado Primeiro-Ministro, um homem de grande ambição, especialmente no que diz respeito ao filho. Seu filho mais velho, Linden.

Vaelin sentiu uma pontada de medo na barriga.

— O filho dele, Alteza?

— Um belo rapaz com muitas qualidades admiráveis, mas infelizmente humildade e inteligência não estão entre elas. O sujeito tem um círculo vasto de amigos. Na verdade, um grupo de admiradores e sicofantas. Nada atrai mais amigos do que riqueza e arrogância. Atualmente é o queridinho de minha estimada corte,

vencendo torneios, deitando-se com damas, lutando em duelos. Receio que seja uma história tediosamente familiar. Um jovem alcança grande fama e sucesso muito novo e começa a acreditar na sua própria lenda, e a indulgência de um pai ambicioso não ajuda em nada. Ele é de longe o jovem mais popular na corte, muito mais popular do que meu próprio filho, que nunca foi muito habilidoso. Todos os dias sou incomodado com pedidos para incumbir o Al Hestian mais novo de algo que o ajude a provar seu valor, que o coloque no caminho para a glória. E assim farei. Ele será nomeado Espada do Reino e receberá ordens de recrutar seu próprio regimento, que levará até a Martishe para expulsar os Negadores que atualmente a infestam. Infelizmente, prevejo que esta será uma campanha longa e árdua e que após — o Rei fez uma pausa para pensar — mais ou menos seis meses, encontrará tragicamente seu fim em uma emboscada dos Negadores.

Os olhos se encontraram e o estômago de Vaelin revirou-se em uma mistura de raiva e desespero. *Sou um tolo*, concluiu. *Um camundongo tentando barganhar com uma coruja.*

— A esposa de Urlian, Alteza? — disse ele por entre os dentes.

— Oh, imagino que o Aspecto Tendris ficará mais dócil quando eu lhe contar meus planos para uma cruzada na Martishe, ainda mais porque você fará parte dela. Ele gosta de você, sabia? Falarei pela mulher, direi a ele que estou convencido da redenção dela e, desde que ela não diga nada em contrário, será libertada até amanhã à noite.

— Preciso de garantias de que ela e o filho não ficarão desamparados. — Vaelin forçou-se a continuar olhando nos olhos do Rei. — Se farei parte da cruzada de Vossa Alteza.

— Tenho certeza que o Senhor da Torre Al Myrna terá lugar para mais um ou dois eLivross. A distinção entre Fiel e Negador tem pouca importância nos Confins do Norte. — O Rei voltou-se para a mesa, erguendo a pena e alisando um pergaminho em branco. — Receberá suas ordens nos próximos dias. — Começou a escrever de novo, e a pena seguiu seu caminho pela página.

Levou um momento para Vaelin perceber que havia sido dispensado. Levantou-se e sentiu-se um pouco tonto, mas não sabia dizer se era de raiva ou de tristeza.

— Agradeço pela audiência, Alteza. — Forçou as palavras para fora e dirigiu-se à porta.

— Lembre-se, Jovem Falcão — disse o Rei, sem tirar os olhos do pergaminho. — Isso não é tudo o que tenho planejado para você. É apenas o começo. Eu ordeno, você obedece. Essa é a barganha que fez comigo esta noite. — Ergueu a cabeça, mais uma vez encontrando os olhos de Vaelin. — Compreende?

— Compreendo perfeitamente, Alteza.

O Rei manteve o olhar fixo por mais um instante e então voltou a escrever, sem dizer nada quando Vaelin saiu.

O Capitão Smolen estava à espera quando ele surgiu de trás da parede.

— A visita está encerrada, irmão?

Vaelin assentiu e recolheu suas armas da mesa, reequipando-se rapidamente, tomado por um forte desejo de se afastar daquele lugar. Precisava de um tempo sozinho para pensar. A enormidade da barganha com o Rei o havia deixado atordoado. Vaelin seguiu Smolen no caminho de volta pelos inúmeros corredores alinhados com presentes esquecidos, repetindo mentalmente as últimas palavras do Rei. *Isso não é*

tudo o que tenho planejado para você. É apenas o começo.

— Peço desculpas por ter que deixá-lo aqui — disse Smolen na esquina do que Vaelin reconheceu como sendo o corredor que levava ao portão leste. — Tenho assuntos urgentes em outro lugar.

Vaelin olhou para a extremidade escura do corredor e então se virou para Smolen, notando um leve desconforto no rosto do homem.

— Assuntos urgentes, Capitão?

— Sim. — Smolen tossiu. — Muito urgentes. — Deu um passo para trás, acenou formalmente com a cabeça, deu meia-volta e voltou por onde tinham vindo.

Vaelin deu outra olhada para o corredor adiante e uma discreta sensação de algo errado fez seu coração bater mais rápido. *Emboscada*, decidiu. *O Rei tem criados desleais.* Cogitou ir atrás do capitão e forçá-lo a seguir adiante até dar com o que quer que estivesse à espera, mas lhe faltou vontade. Tinha sido uma noite muito longa. Além disso, podia sempre encontrá-lo mais tarde. Puxou uma faca de arremesso das dobras do manto e começou a atravessar o corredor.

Esperava que o ataque viesse do ponto mais escuro, perto do final do corredor, mas nada aconteceu. Nenhum homem de preto com espadas curvas saltou das trevas para desafiá-lo. Mas havia um leve odor no ar, sutil e doce, como flores em um dia quente...

— Ouvi dizer que você era bonito.

Girou na direção da voz, a faca já quase fora de sua mão antes que a avistasse. Uma garota, parada e parcialmente encoberta pelas sombras. Ele conseguiu mover a mão no último instante e errou o arremesso, fazendo a faca cravar na parede a menos de três centímetros da cabeça da garota. Ela olhou de relance para a lâmina antes de avançar para a luz. Vaelin havia visto mulheres bonitas antes e sempre pensou que a

Aspecto Elera provavelmente era a mulher mais bela que viria a conhecer, mas essa garota era diferente. Tudo nela, da pele imaculada de porcelana ao contorno suave do rosto e ao lustre vermelho-dourado do cabelo, indicava uma perfeição natural.

— Você não é — disse ela, aproximando-se, a cabeça inclinada enquanto o observava com os olhos verdes brilhantes. — Mas seu rosto é interessante. — Ergueu a mão, estendendo os dedos para acariciá-lo.

Vaelin deu um passo para trás antes que ela pudesse tocar-lhe o rosto. Colocou um joelho no chão e fez uma mesura.

— Alteza.

— Levante-se, por favor — disse a Princesa Lyrna Al Nieren. — Não podemos conversar direito se o seu rosto estiver sempre voltado para o chão.

Vaelin se levantou. Esperou e tentou não olhar fixamente para ela.

— Desculpe-me se o surpreendi — disse a princesa. — O Capitão Smolen teve a bondade de me informar sobre sua visita. Achei que devíamos conversar.

Vaelin nada disse. A sensação de algo errado não desaparecera. Havia alguma coisa de perigoso naquele encontro. Sabia que devia dar uma desculpa e partir, mas se viu incapaz de encontrar as palavras. Queria que ela conversasse com ele, queria estar perto dela. Era uma compulsão que provocou um ressentimento súbito e profundo.

— Eu pretendia assisti-lo lutar hoje — continuou a princesa. — Meu pai não permitiu, é claro. Fiquei sabendo que foi um combate muito excitante.

O sorriso dela era fascinante, executado com uma precisa afetação de sinceridade que nem Nortah conseguiria reproduzir. *Ela espera que eu fique lisonjeado*, compreendeu.

— Há algo que deseja de mim, Alteza? Assim como o

Capitão Smolen, eu tenho assuntos urgentes em outro lugar.

— Oh, não fique bravo com o capitão. Ele costuma ser tão correto com seus deveres. Receio que eu o esteja corrompendo terrivelmente. — Virou-se e andou até a parede, onde a faca de arremesso estava cravada, e soltou-a com dificuldade. — Gosto de bugigangas — disse ela, examinando a lâmina e passando os dedos delicados pelo metal. — Recebo de rapazes o tempo todo. Mas nenhum me deu uma arma ainda.

— Fique com ela — disse Vaelin. — Se me der licença, Alteza. — Fez uma mesura e virou-se para ir embora.

— Não dou — retorquiu ela, seca. — Não terminamos de conversar. Venha — fez sinal para Vaelin com a faca, afastando-se da parede. — Conversaremos sob as estrelas, você e eu. Será como se estivéssemos em uma canção.

Eu podia simplesmente ir embora, percebeu. *Ela não poderia me impedir... poderia?* Após contemplar brevemente a perspectiva de ter que enfrentar hordas de guardas chamados para evitar que partisse, Vaelin a seguiu pelo corredor. A princesa o levou até uma porta em uma alcova discreta, abriu-a e fez sinal para que entrasse. O jardim do outro lado era pequeno, mas mesmo sob o luar a beleza dos canteiros de flores era notável. Parecia haver uma variedade infinita de flores, muito mais do que havia no jardim da Aspecto Elera.

— Você precisa vê-lo durante o dia — disse a Princesa Lyrna, fechando a porta e passando por Vaelin, indo examinar uma roseira. — E estamos perto do fim do ano, então muitas das minhas queridas já estão se encolhendo com o frio.

Ela foi até um banco de pedra baixo no centro do jardim, o vestido deslizando graciosamente. Vaelin distraiu-se procurando nos canteiros algo vagamente familiar, e para sua surpresa acabou encontrando na

forma de botões amarelos debaixo de um bordo.

— Invernálias.

— Você conhece flores? — A princesa parecia surpresa. — Disseram-me que os irmãos da Sexta Ordem não conheciam nada além das artes da guerra.

— Aprendemos muitas coisas.

Ela sentou-se no banco e ergueu as mãos, abrangendo os canteiros com um gesto.

— Bem, gosta do meu jardim?

— É muito belo, Alteza.

— Quando eu era pequena, meu pai me perguntou o que eu queria de presente de fim de inverno. Crescer no palácio significava que eu jamais estava sozinha, havia sempre guardas, ou criadas, ou tutores, então eu disse que queria um lugar onde pudesse ficar sozinha. Ele me trouxe aqui. Na época era apenas um velho pátio vazio. Eu o transformei em um jardim. Ninguém mais tem permissão de vir aqui e jamais mostrei esse lugar a ninguém, até agora. — A princesa o fitava, avaliando como reagiria.

— Eu estou... honrado, Alteza.

— Fico feliz. Então, como eu o honrei com uma confidência, talvez em troca você me honre com uma. Que assunto você tinha a tratar com meu pai?

Vaelin ficou tentado a não dizer nada, mas sabia que não podia simplesmente ignorá-la. Várias mentiras lhe vieram à mente, mas ele tinha a sensação de que a princesa tinha o ouvido do pai para falsidades.

— Não acho que o Rei Janus gostaria que eu falasse sobre isso — respondeu após um momento.

— É mesmo? Então sou forçada a adivinhar. Diga-me se eu adivinho bem, por favor. Você descobriu que um dos homens que matou hoje foi forçado a lutar. Você veio aqui pedir justiça ao meu pai. Acertei?

— Vossa Alteza sabe muito.

— Sim. Mas, infelizmente, parece que nunca sei o

suficiente. Meu pai atendeu ao seu pedido?

— Ele teve a bondade de fazer valer a justiça.

— Oh. — Havia um leve tom de pena na voz dela. — Pobre Lorde Al Unsa. Sempre me fazia rir no baile da Noite dos Guardiões pelo jeito como tropeçava na pista de dança.

— Tenho certeza que as doces lembranças de Vossa Alteza serão um grande consolo para ele no patíbulo.

O sorriso dela desapareceu.

— Acha que sou fria? Talvez eu seja. Conheci muitos lordes ao longo dos anos. Homens sorridentes e amigáveis que me davam doces e presentes e diziam como eu era bonita, todos tentando cair nas graças de meu pai. Alguns ele mandou embora, outros permitiu que permanecessem em seu serviço, e outros ainda ele matou.

Vaelin percebeu que seu próprio pai devia ter estado entre os muitos lordes que ela conhecera e imaginou se a princesa teria despertado as mesmas incertezas nele.

— Meu pai lhe deu presentes?

— Tudo o que seu pai me deu foi um olhar sério. Embora não tão sério quanto o que sua mãe me deu. Imagino que o plano de meu pai para nós os deixasse pouco à vontade.

— Nós, Alteza?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Iríamos nos casar. Você não sabia?

Casar? Era absurdo, ridículo. Casar com uma princesa. Casar com *ela*. Lembrou-se da menina rude durante a visita que fez ao palácio quando era pequeno. *Não vou casar com você, você é sujo.* Era assim mesmo que o Rei pretendia uni-lo à sua linhagem?

— Não, eu também nunca gostei muito da ideia — disse a Princesa Lyrna, vendo no rosto de Vaelin o que ele estava pensando. — Mas agora consigo apreciar a elegância dela. Os desígnios de meu pai costumam

levar anos até seus propósitos serem revelados. Nesse caso, ele pretendia colocar você ao lado do meu irmão e aumentar minha reputação. Juntos guiaríamos meu irmão durante seu reinado.

— Talvez o irmão de Vossa Alteza não precise ser guiado.

A princesa ergueu o rosto perfeito para o céu, admirando o espetacular aglomerado de estrelas.

— O tempo dirá. Eu devia vir aqui à noite mais vezes. A vista é realmente adorável. — Virou-se para ele, o rosto agora sério. — Como é quando se tira uma vida?

O tom dela era de simples curiosidade. Ou ela não sabia que a pergunta poderia ser ofensiva, ou não se importava. Curiosamente, Vaelin não se sentiu ofendido. Era algo que ninguém havia lhe perguntado. Embora soubesse bem demais a resposta.

— É como se sua alma fosse maculada — respondeu.

— E ainda assim você continua fazendo isso.

— Até hoje sempre havia sido... necessário.

— E então você veio até meu pai buscando amenizar sua culpa. Que preço ele terá exigido? Suponho que você agora esteja a serviço dele. Um espião dentro da Sexta Ordem sem dúvida seria de grande valia.

Um espião? Quem dera fosse só isso.

— Vossa Alteza me trouxe aqui simplesmente para fazer perguntas para as quais já sabe as respostas?

Para surpresa de Vaelin, ela deu uma risada que parecia genuína.

— Como você é reanimador. Não me lisonjeia, não me canta canções e não cita sonetos. Você é peculiarmente sem encantos ou interesses. — Olhou para a faca de arremesso que tinha na mão. — E é o único homem que conheci que conseguiu me deixar com medo. Como sempre, a previdência de meu pai me espanta. — O olhar direto da princesa o deixava pouco à vontade e Vaelin teve que se esforçar a encará-la em silêncio.

— O que tenho a lhe dizer é simples — disse ela. — Deixe a Ordem, sirva meu pai na corte e na guerra, e no devido tempo você se tornará um Espada do Reino e poderemos levar a cabo o plano que ele elaborou para nós.

Vaelin procurou algum sinal de zombaria ou engodo no rosto da princesa, mas encontrou apenas uma séria intenção.

— Deseja que nos casemos, Alteza?

— Desejo honrar meu pai.

— Seu pai acredita que o plano que tinha para mim já foi abandonado. Deixar a Ordem não lhe serviria de nada agora. Se eu seguisse a ordem de Vossa Alteza, eu estaria agindo contra os desejos do Rei.

— Falarei com ele. Meu pai dá ouvidos aos meus conselhos sobre a maioria das coisas. Ele verá a sensatez do caminho que proponho. — Vaelin então notou o brilho nos olhos dela. A sensação de algo errado aumentou ao perceber que já o havia visto antes, nos olhos da Irmã Henna quando ela tentara matá-lo. Não era exatamente malícia, estava mais para interesse misturado com desejo. Porém, enquanto a Irmã Henna desejava sua morte, a princesa queria mais, e Vaelin duvidava que era a encantadora perspectiva de ser sua esposa.

— Vossa Alteza muito me honra — disse ele no tom mais formal que pôde. — Mas estou certo de que compreenderá que dei minha vida a serviço da Fé. Sou um irmão da Sexta Ordem e este encontro é impróprio. Eu ficaria muito grato se Vossa Alteza permitisse que eu me retirasse.

Ela abaixou os olhos com um sorriso enviesado.

— É claro, irmão. Perdoe minha indelicadeza em tomar seu tempo.

Vaelin fez uma mesura e virou-se para ir embora, chegando à porta antes que ela pudesse impedi-lo.

— Tenho muito que fazer, Vaelin. — Não havia humor ou afetação no tom; era inteiramente sério e sincero. *Sua voz verdadeira*, pensou.

Parou à porta e não se virou. Ficou esperando.

— O que eu tenho que fazer teria sido mais fácil com você ao meu lado, mas farei mesmo assim. E não tolerarei obstáculos. Acredite quando digo que odiaria que nos tornássemos inimigos.

Vaelin olhou novamente para ela.

— Obrigado por me mostrar seu jardim, Alteza.

Ela inclinou a cabeça e voltou a olhar o céu. Ele havia sido dispensado. A mulher mais bela que já vira, iluminada pelo luar. Era uma visão deslumbrante de fato, que ele desejava fervorosamente jamais tornar a ver.

PARTE III

Tenho o prazer de relatar o excelente progresso graças ao comando de Lorde Al Hestian nos últimos meses. Muitos Negadores pagaram o devido preço por sua heresia ou fugiram da floresta por temerem por suas vidas. O ânimo dos homens está alto; foram raras as vezes em que encontrei homens tão entusiasmados com a causa a que servem.

— Irmão Yallin Heltis, Quarta Ordem,
carta ao Aspecto Tendris Al Forne
durante a campanha da floresta Martishe,
arquivos da Quarta Ordem

RELATO DE VERNIERS

Ele ficara em silêncio enquanto minha pena continuava a percorrer febrilmente o pergaminho. Os dez pergaminhos que eu preenchera com sua história estavam espalhados ao meu redor. Lá fora a noite já havia caído e nossa única iluminação vinha de uma única lanterna que balançava de uma viga do convés acima de nossas cabeças. Meu punho doía das horas escrevendo e minhas costas latejavam por ter ficado tanto tempo curvado sobre o barril que eu escolhera para colocar meus papéis. Eu mal notava o incômodo.

— Bem? — perguntei.

Seu rosto estava sombrio à luz tênue da lanterna e com uma expressão distante. Tive que falar novamente para que ele despertasse do devaneio.

— Estou com sede — disse ele, estendendo a mão para o cantil que o capitão permitira que enchesse no barril de água. — Durante cinco anos não falei mais do que umas poucas palavras por dia. Minha garganta dói.

Larguei a pena e encostei minhas costas doloridas no casco.

— Você tornou a vê-la? — perguntei. — A princesa.

— Não. Suponho que ela não tivesse algum uso para mim, já que recusei seu plano. — Ele levou o cantil à boca e tomou um gole longo. — Contudo, a fama dela aumentou com o passar dos anos, a lenda de sua beleza e bondade espalhou-se aos quatro ventos. Ela era vista com frequência nas partes mais pobres da cidade e do Reino como um todo, fazendo doações aos necessitados, fornecendo fundos para novas escolas e

hospitais da Quinta Ordem. Muitos nobres a cortejaram, mas ela recusou todos. Havia rumores de que o Rei estava irritado com ela por não se casar com um marido convenientemente poderoso, mas a princesa desafiava a vontade do pai, embora lhe doesse muito fazer isso.

— Acha que ela ainda espera por você? — A tragédia daquela situação tocou minha alma de escritor. — Que ela cuida do coração partido com boas ações, ciente de que apenas isso receberá sua aprovação? Se bem que, pelo que ela sabe, você já está morto há cinco anos.

O olhar que ele me deu era de uma incredulidade jocosa. Após um momento, começou a rir. Al Sorna tinha uma risada grave e intensa. Uma risada que era alta e, nessa ocasião, muito longa.

— Um dia, meu senhor — disse ele, quando passou o acesso —, caso seus deuses o amaldiçoem, talvez o senhor venha a conhecer a Princesa Lyrna. Se isso acontecer, aceite meu conselho e corra o mais rápido que puder na direção oposta. Creio que ela acharia seu coração fácil demais de ser esmagado.

Jogou o cantil para mim. Bebi depressa, esperando que isso disfarçasse minha raiva. Tudo o que ele me contara sobre a princesa revelava uma mulher inteligente e responsável, uma mulher que desejava honrar o pai e servir seu povo. Eu tinha a impressão de que poderia ter muito o que discutir com uma mulher assim.

— A princesa não se casou porque um marido teria sido um obstáculo para ela — contou-me Vaelin Al Sorna. — Ela faz boas ações para cair nas graças dos plebeus. Ganhando os corações deles, ela ganha poder. Se ela tem um coração, o que o move é o poder, não a paixão.

Decidi em silêncio fazer minhas próprias pesquisas a respeito da vida da Princesa Lyrna. Quanto mais o nortista me contava, maior era a vontade de viajar para

sua terra natal. Embora eu suspeitasse que ele não apreciava muito a arte e o conhecimento evidentes da cultura que descrevia, eu ansiava por aquilo. Eu queria ler os livros da Grande Biblioteca e admirar os afrescos de Mestre Benril Lenial sobre a Mão Vermelha. Queria ver as antigas pedras do Círculo, onde Al Sorna derramara o sangue de três homens. Pensávamos na gente do Reino Unificado como nada mais que selvagens ignorantes e, na verdade, muitos de seus guerreiros haviam sido exatamente isso. Porém, agora eu compreendia que havia mais por trás da história deles do que simples barbarismo e sede por guerras. Em poucas horas eu havia aprendido mais sobre o reino dele do que em todos os anos de estudo para minha história da guerra. Al Sorna despertara algo em mim: o desejo de escrever outra história, maior e mais rica do que todas as minhas obras anteriores. Uma história do seu reino.

— O Rei manteve a promessa? — perguntei. — Fez valer a justiça e salvou a mulher da Fortaleza Negra?

— Os homens cujos nomes mencionei foram executados no dia seguinte. A mulher e o filho foram enviados para os Confins do Norte em menos de uma semana. — Ele fez uma pausa, o rosto tomado pela tristeza. — Fui vê-la antes que partisse. Erlin arranjou o encontro. Implorei para que me perdoasse. Ela cuspiu em mim e me chamou de assassino.

Peguei a pena e escrevi essas palavras, tomando a liberdade de mudar "cuspiu em mim" para "me amaldiçoou com todo o poder de seus deuses Negadores". Gosto de deixar as coisas mais vívidas sempre que possível.

— E sua parte da barganha? — continuei. — Fez o que o Rei havia ordenado? Matou Linden Al Hestian?

Ele olhou para as mãos apoiadas nos joelhos, dobrou os dedos, as veias e tendões claramente salientes em

meio às cicatrizes. Mãos de matador*, pensei, ciente de que elas poderiam me estrangular em poucos segundos.*

— Sim — respondeu ele. — Eu o matei.

CAPÍTULO UM

Um arco longo cumbraelino tinha mais de um metro e meio sem a corda e era feito do cerne de um teixo. Podia disparar uma flecha a mais de cento e cinquenta metros, quase duzentos e trinta em mãos habilidosas, e era capaz de perfurar uma armadura de perto. O que Vaelin tinha nas mãos era levemente mais grosso do que a maioria, e a lisura da vara era evidência de uso constante. O dono da arma tinha uma vista aguçada e havia feito a ponta de aço da flecha atravessar o peitoral de um certo Martil Al Jelnek, um nobre jovem e afável com gosto por poesia e uma inclinação um tanto cansativa de falar constantemente sobre sua noiva, que ele afirmava ser a donzela mais bela e doce de todo Asrael, se não do mundo. Infelizmente, ele não tornaria a vê-la. O nobre estava de olhos abertos, mas já não havia qualquer vestígio de vida neles. A boca estava manchada de sangue e vômito, sinais de uma morte dolorosa; arqueiros cumbraelinos costumavam passar uma mistura de raiz joffril e veneno de víbora nas pontas das flechas. O dono do arco jazia a alguns metros dali com uma flecha de Vaelin no braço e o pescoço quebrado pela queda da bétula onde se escondera.

— Nada — disse Barkus, arrastando-se pela neve, com Caenis e Dentos a seu lado. — Parece que só havia ele. — Chutou a cabeça do arqueiro morto, fazendo-a girar na espinha partida, antes de se ajoelhar para vasculhar o cadáver em busca de qualquer coisa de valor.

— Para onde foram todos os soldados? — perguntou

Dentos.

— Debandaram — respondeu Vaelin. — Provavelmente vamos encontrar a maioria deles no acampamento quando voltarmos.

— Covardes desgraçados. — Dentos olhou para Martil Al Jelnek. — Eles não gostavam dele? Eu até achava ele um sujeito decente. Para um nobre.

— Esses supostos soldados foram catados nas masmorras de Varinshold, irmão — explicou Caenis. — Eles não são leais a homem algum, a não ser a eles mesmos.

— Encontrou o cavalo dele? — perguntou Vaelin. Não lhe agradava a ideia de ter que carregar o nobre morto de volta para o acampamento.

— Nortah o está trazendo — disse Barkus, levantando-se e sacudindo as poucas moedas de cobre que encontrara no arqueiro. Jogou a aljava do cumbraelino para Vaelin. As flechas eram enegrecidas por cinzas e adornadas com penas de corvo. Seus inimigos gostavam de assinar os trabalhos. — Vai ficar com isso? — Barkus indicou o arco com a cabeça. — Eu posso conseguir dez moedas de pratas por ele quando voltarmos para a cidade.

Vaelin segurou firme a arma.

— Pensei em ver se conseguia dominar o arco.

— Boa sorte. Pelo que ouvi, esses homens treinam a vida inteira. O Senhor Feudal deles faz com que eles pratiquem todo dia. — Olhou para a quantidade ínfima de moedas de cobre que tinha na mão. — Mas parece que não gosta de pagar muito aos arqueiros.

— Essa gente luta pelo seu deus, não pelo seu senhor — disse Caenis. — Dinheiro não lhes interessa muito.

Tiraram a armadura de Al Jenek e colocaram-no no lombo do cavalo; Nortah deu um tapa na mão de Barkus quando este tentou mexer na bolsa do morto.

— Ele não vai precisar, vai?

— Já faz sete meses que saímos da Casa, pela Fé! — exclamou Nortah. — Você não precisa mais roubar.

Barkus deu de ombros.

— É um hábito.

Sete meses, pensou Vaelin enquanto voltavam para o acampamento. Sete meses caçando Negadores cumbraelinos na Floresta Martishe ajudados, por assim dizer, por Linden Al Hestian e seu regimento de infantaria recém-recrutado. Linden Al Hestian, que continuava visivelmente vivo um mês a mais do que o Rei havia ordenado. A cada dia que passava, Vaelin sentia o peso da barganha aumentar consideravelmente.

O ambiente não ajudava a melhorar seu humor. A Martishe não era a Urlish, era mais sombria e mais densa; as árvores ficavam tão perto umas das outras em alguns lugares que era praticamente impossível de se passar. Somava-se a isso o caráter irregular do solo, tomado de depressões e ravinas que serviam como lugares perfeitos para emboscadas e os forçaram a abandonar os cavalos. Andavam por toda parte com os arcos a postos e as flechas nas cordas. Apenas os nobres no contingente continuavam a cavalgar, tornando-se alvos fáceis para os arqueiros cumbraelinos que espreitavam nas árvores. Dos quinze nobres jovens que acompanharam Linden Al Hestian até a Martishe, quatro estavam mortos e outros três feridos tão gravemente que tinham de ser carregados. Os homens desses nobres haviam sofrido ainda mais; seiscentos haviam sido alistados ou recrutados à força no regimento, mas mais de um terço havia desaparecido, mortos ou perdidos entre as árvores, e alguns sem dúvida haviam desertado quando surgiu uma oportunidade. Encontravam com frequência homens que estavam desaparecidos há semanas, congelados na neve ou amarrados a uma árvore e torturados até a

morte. Prisioneiros não serviam de nada para os inimigos.

Apesar das baixas, o pequeno contingente da Ordem obtivera algumas vitórias. Um mês antes, Caenis os colocou no encalço de um grupo de mais de vinte cumbraelinos que se deslocava ao longo de um riacho: uma estratégia astuta, mas de pouca serventia se estavam no rastro de Caenis. Seguiram por horas até que os inimigos pararam para descansar, homens de rostos graves e peles de zibelina e marta, com os arcos longos às costas, não esperando encontrar problemas. A primeira saraivada matou metade e o resto deu meia-volta e fugiu pelo leito do riacho. Os irmãos desembainharam as espadas e os perseguiram; nenhum escapou e nenhum pediu misericórdia. Caenis tinha razão: os inimigos lutavam por seu próprio deus e demonstravam pouca relutância em morrer por ele.

Avistaram o acampamento alguns quilômetros depois; na verdade, era mais uma paliçada do que um acampamento. Quando chegaram ao lugar pela primeira vez, tentou-se montar um piquete de vigia, o que simplesmente deu aos inimigos uma oportunidade para praticar a pontaria durante a noite. Linden Al Hestian foi forçado a ordenar que derrubassem árvores para que pudessem erguer uma paliçada, um círculo sinistro de troncos pontiagudos situado em uma das poucas clareiras que podiam ser encontradas na Martishe. Vaelin e a maioria do contingente da Ordem odiavam a opressão úmida do lugar e passavam a maior parte do tempo na floresta, patrulhando em grupos pequenos, fazendo os próprios acampamentos, que mudavam de lugar todos os dias em um jogo mortal de gato e rato com os cumbraelinos, enquanto os soldados de Al Hestian permaneciam abrigados na paliçada. A surtida do infeliz Martil Al Jelnek fora a primeira em semanas, e mesmo assim os homens que ele conduziu

tiveram de ser ameaçados com chicotadas para que se colocassem em marcha. Na ocasião, bastou uma única flecha para que debandassem.

Um irmão robusto com sobrancelhas grossas cobertas de gelo e um olhar furioso aguardava no portão da paliçada. Ao seu lado havia um vira-lata com um pelo de manchas cinzentas e um olhar que se assemelhava ao do dono em ferocidade.

— Irmão Makril. — Vaelin o cumprimentou com uma mesura curta. Makril não gostava muito de formalidades, mas como comandante do contingente deles, ele merecia uma demonstração de respeito, especialmente diante dos soldados de Al Hestian, alguns dos quais estavam parados perto do portão, os olhos temerosos indo do cadáver de Al Jelnek para a muralha escura da floresta, como se uma flecha cumbraelina pudesse voar das sombras na direção deles a qualquer momento.

Vaelin conseguira esconder a surpresa quando o Aspecto o chamou até seus aposentos e encontrou Makril ali, olhando para o tecido vermelho em forma de diamante que tinha na mão, uma expressão perturbada nas feições rígidas.

— Creio que vocês dois já se conhecem — disse o Aspecto.

— Nós nos encontramos durante meu Teste da Natureza, Aspecto.

— O Irmão Makril foi designado comandante de nossa expedição à Floresta Martishe — informou o Aspecto. — Você obedecerá às ordens dele sem questionar.

Aparentemente poucos homens conheciam a Martishe tão bem quanto Makril, com exceção de Mestre Hutril, que não podia ser dispensado de seus serviços na Casa da Ordem. O contingente era composto de apenas trinta irmãos, a maioria homens experientes da fronteira setentrional que pareciam compartilhar da cautela de

Vaelin com relação a Makril, mas ele logo se mostrou um estrategista competente, ainda que com um estilo de liderança um tanto brusco.

— Uma porcaria de uma hora — grunhiu ele. — Vocês deviam seguir para o sul por dois dias.

— Os homens de Al Jelnek fugiram — disse Nortah. — Não parecia fazer muito sentido ficar por lá.

— Eu estava falando com você, linguarudo? — perguntou Makril. Sentira uma antipatia instantânea por todos eles, mas reservava a maior parte do mau humor para Nortah. O vira-lata, Carranca, deu um rosnado para indicar que concordava com o dono. Vaelin não tinha ideia onde o animal havia sido encontrado. Makril aparentemente desistira dos cães de escravos após a experiência com Arranhão e optou pelo maior e mais genioso cão de caça que conseguiu encontrar, independentemente da raça. Vários soldados exibiam cicatrizes como prova da aversão de Carranca por contato físico ou visual.

Nortah encarou Makril com uma antipatia recíproca. Vaelin estava sempre preocupado com o que aconteceria se os dois fossem deixados sozinhos.

— Achamos melhor retornar com o corpo, irmão — disse Vaelin. — Nós mesmos faremos a patrulha esta noite.

Makril voltou o olhar irritado para Vaelin.

— Alguns dos homens conseguiram voltar. Disseram que havia no mínimo cinquenta da corja lá fora. — Makril sempre se referia aos cumbraelinos como “corja”. — Quantos vocês pegaram?

Vaelin ergueu o arco longo.

— Um.

Makril franziu as sobrancelhas grossas.

— Um de cinquenta?

— Um de um, irmão.

Makril deu um longo suspiro.

— É melhor informarmos Sua Senhoria. Ele tem outra carta para escrever.

Lorde Linden Al Hestian era alto e belo, com um sorriso franco e grande senso de humor. Era corajoso nas batalhas e habilidoso com a espada e a lança. Ao contrário da descrição do Rei, mostrou-se também inteligente e a aparente arrogância era meramente a bravata de um jovem que conquistara muito em sua curta vida e não via muito motivo para esconder a satisfação consigo mesmo. Para seu desgosto, Vaelin se viu gostando do jovem nobre, embora tivesse de admitir que o homem era um péssimo líder, pois seu caráter simplesmente carecia da implacabilidade necessária. Havia ameaçado muitas vezes os homens com chicotadas, mas ainda não administrara qualquer punição, apesar da óbvia covardia, da bebedeira e de um acampamento que era uma desgraça para a classe militar.

— Irmãos! — Ele os cumprimentou com um sorriso largo ao se aproximarem da tenda, sorriso esse que desapareceu quando viu o corpo deitado sobre o cavalo. Era óbvio que nenhum dos homens que fugiram havia se dado ao trabalho de lhe contar as notícias.

— Minhas condolências, meu senhor — disse Vaelin. Ele sabia que os dois homens eram amigos desde a infância.

Linden Al Hestian aproximou-se do cadáver, o rosto tomado pela tristeza, e tocou com delicadeza os cabelos do amigo morto.

— Ele morreu lutando? — perguntou após um momento, a voz embargada pela emoção.

Vaelin viu Nortah abrir a boca para responder e interrompeu depressa. Nortah tinha uma tendência a ser cruel no que dizia respeito ao Lorde Al Hestian, dando voz a insultos e críticas pouco sutis sem hesitação.

— Ele foi muito corajoso, meu senhor.

Martil Al Jelnek chorara feito criança com a flecha cravada na barriga, e agarrara as mãos de Vaelin em espasmos breves e desesperados enquanto a vida deixava-lhe os olhos e o sangue jorrava da boca. Vaelin tinha certeza que o homem tentara dizer algo no fim, atrapalhando-se com uma torrente de balbucios sufocados pela bile. Talvez alguma mensagem para sua amada. Jamais saberiam.

— Corajoso — repetiu Al Hestian com um leve sorriso. — Sim, isso ele sempre foi.

— Seus homens fugiram — disse Nortah. — Uma flecha e fugiram. Esse seu regimento não passa de uma gentalha de escória criminosa.

— Já basta! — berrou o Irmão Makril.

O Sargento Krelnik aproximou-se e bateu continência para Al Hestian. Era um homem robusto de quase cinquenta anos, com um rosto cheio de cicatrizes e temido pelas tropas. Como ele era um dos poucos soldados experientes que se alistaram no regimento, tendo servido na Guarda do Reino desde os dezesseis anos, Al Hestian teve o discernimento de torná-lo Sargento-Chefe, responsável pela disciplina. Contudo, apesar de todo seu esforço, a descrição de Nortah era precisa: o regimento continuava uma gentalha.

— Darei ordens para que ergam uma pira, meu senhor — disse o Sargento Krelnik. — Vamos entregá-lo às chamas esta noite.

Al Hestian assentiu, afastando-se do corpo.

— Sim. Obrigado, sargento. E obrigado a vocês, irmãos, por trazê-lo de volta. — Ele voltou para a tenda. — Irmão Makril, Irmão Vaelin, posso falar com vocês?

A tenda de Al Hestian não tinha o luxo encontrado nos alojamentos dos outros nobres; o espaço disponível era ocupado por suas armas e armaduras, das quais fazia a manutenção e limpava pessoalmente. A maioria dos

outros nobres havia trazido um ou dois criados, mas Lorde Al Hestian aparentemente era capaz de cuidar-se sozinho.

— Por favor, irmãos. — Fez sinal para que se sentassem e foi até a mesinha portátil na qual tratava das numerosas tarefas administrativas que afligiam comandantes de regimentos. — Uma missiva real — disse ele, erguendo da mesa um envelope fechado. O coração de Vaelin começou a bater um pouco mais rápido ao ver o selo do Rei.

— "Para Lorde Linden Al Hestian, comandante do Trigésimo Quinto Regimento de Infantaria, de Sua Alteza Janus Al Neiren" — leu Al Hestian. — "Meu senhor, aceite, por favor, minhas congratulações por manter um regimento no campo por tão prolongado período. Comandantes inferiores sem dúvida teriam optado pelo caminho mais óbvio de encerrar os assuntos do Reino na Floresta Martishe com a maior rapidez. O senhor, entretanto, claramente tem em mente um estratagema mais sutil; tão sutil, na verdade, que não sou capaz de discernir-lhe a essência a essa distância. O senhor por certo se lembra da bondade do Aspecto Arlyn em fornecer um contingente da Sexta Ordem, irmãos para os quais o Aspecto anseia encontrar outros serviços. Chegou ao meu conhecimento de que o filho de meu antigo Senhor da Batalha está entre eles e estou certo de que ele herdou a apreciação do pai pela urgência em levar a cabo as ordens de seu Rei. Talvez o senhor deva discutir seus planos com esses irmãos, que podem estar suficientemente dispostos a oferecer-lhe alguns conselhos de bom grado".

Vaelin ficou horrorizado ao ver as próprias mãos tremendo e escondeu-as no manto, esperando que os outros pensassem que estivesse com frio.

— Então, irmãos — disse Al Hestian, encarando-os com uma expressão de desespero honesto. — Parece

que devo pedir seus conselhos.

— Eu aconselhei-o diversas vezes, meu senhor — disse Makril. — Chicoteie alguns homens, mande os mais preguiçosos e covardes portão afora sem armas e dê carta branca ao Sargento Krelnik nas questões de disciplina.

Al Hestian massageou as têmporas, a fadiga evidente na fronte.

— Tais medidas dificilmente ganhariam os corações dos homens, irmão.

— Danem-se os corações deles. É raro um comandante que seja amado por seus homens. A maioria lidera pelo medo. Faça com que o temam e eles o respeitarão. Então talvez eles comecem a matar alguns cumbraelinos.

— Pelo tom da carta de Sua Alteza, suspeito que devemos ter pouco mais de algumas semanas para concluir nossos assuntos aqui. E, apesar da suposição do Rei, confesso que não tenho estratagema algum para acabar com Flecha Negra e seu bando. Ainda que adotemos as medidas que você recomenda, levará mais tempo do que temos para sairmos vitoriosos desta floresta maldita.

Flecha Negra. Obtiveram o nome com o único prisioneiro que capturaram em sete meses, um arqueiro derrotado por Nortah. Ele viveu por tempo suficiente para xingá-los cheio de ódio, rogando a seu deus que aceitasse sua alma e implorando perdão por ter fracassado. O homem riu das perguntas que lhe foram feitas; havia poucas ameaças que podiam ser feitas a um moribundo. Vaelin acabou mandando os outros embora e sentou-se para oferecer o próprio cantil ao homem.

— Quer um gole?

Os olhos do homem brilhavam em desafio, mas a sede enlouquecedora que sentia enquanto se esvaía em

sangue fez com que engolisse uma recusa.

— Não lhe contarei nada.

— Eu sei. — Vaelin segurou o cantil enquanto o homem bebia. — Acha que seu deus o perdoará?

— A compaixão do Pai do Mundo é imensa. — O moribundo falava com raiva, cuspindo as palavras. — Ele sabe de minhas fraquezas e de minhas forças e me ama por elas.

Vaelin observou o homem agarrar a flecha no flanco e soltar um gemido.

— Por que vocês nos odeiam? — perguntou Vaelin. — Por que nos matam?

O gemido de dor do homem tornou-se uma risada rouca de amargura.

— Por que vocês *nos* matam, irmãos?

— Vocês vieram aqui desafiando o tratado. Seu senhor concordou que vocês não levariam a palavra de seu deus aos outros Feudos...

— As palavras *Dele* não podem ser limitadas por fronteiras, nem por servos de uma fé falsa. Flecha Negra nos trouxe aqui para defender aqueles que vocês matariam em defesa de sua heresia. Ele sabia que a paz entre nós era uma traição, uma blasfêmia vil... — O homem engasgou, tossindo descontrolado. Vaelin tentou tirar mais informações dele, mas o homem continuou falando apenas coisas desconexas sobre seu deus, e as palavras foram ficando cada vez menos coerentes à medida que definhava. Logo perdeu a consciência e parou de respirar dentro de alguns minutos. Por alguma razão, Vaelin desejou ter perguntado seu nome.

— E você, Irmão Vaelin? — A pergunta de Al Hestian o trouxe de volta ao presente com um sobressalto. — Nosso Rei parece ter fé em seu julgamento. Pode sugerir um método que encerre esta campanha?

Acabe com toda essa farsa maldita e vá para casa.

Não disse o que estava pensando. Al Hestian não podia deixar a floresta sem ser vitorioso, ou pelo menos com uma alegação de vitória. *E o Rei não deseja que ele deixe a floresta de forma alguma*, lembrou a si mesmo. *Você tem uma barganha a cumprir. Quem pode dizer que Sua Alteza não é capaz de desfazer o que já fez?*

— Seus homens são caçados pelos arqueiros de Flecha Negra sempre que deixam o acampamento — disse Vaelin. — Mas não meus irmãos e eu. Somos os caçadores nesta floresta e os cumbraelinos nos temem. Seus homens também precisam tornar-se caçadores, pelo menos aqueles que puderem aprender a agir como tais.

Makril bufou.

— Essa gente não consegue aprender a mijar em linha reta, o que dirá caçar.

— Deve haver alguns homens aqui que podem ser treinados. A Fé nos ensina que há valor até mesmo nos mais miseráveis. Sugiro selecionarmos alguns, uns trinta, mais ou menos. Nós os treinaremos, eles nos obedecerão. Organizaremos uma incursão, encontraremos um dos acampamentos de Flecha Negra e o destruiremos. Quando tiverem o primeiro sucesso contra os cumbraelinos, o resto dos homens ficará inspirado. — Fez uma pausa, criando coragem para o que tinha de fazer. — Os homens ficariam ainda mais inspirados se liderasse a incursão pessoalmente, meu senhor. Soldados respeitam um líder que corre os mesmos perigos que eles. *E muita coisa pode acontecer na confusão de uma incursão, uma flecha pode se perder...*

Al Hestian coçou o queixo que tinha uma barba por fazer.

— Concorda com esse plano, Irmão Makril?

Makril olhou de soslaio para Vaelin, as sobrancelhas pesadas franzidas com desconfiança. *Ele sabe que algo*

não está certo, percebeu Vaelin. *Pode sentir o cheiro, como um cão de caça que encontra um rastro estranho.*

— Vale a pena tentar — disse Makril após um momento. — Porém, encontrar o acampamento deles não será fácil. A corja cobre bem os próprios rastros.

— Os irmãos da Sexta são considerados os melhores rastreadores do Reino — disse Al Hestian. — Se o acampamento pode ser encontrado, eles o encontrarão, tenho certeza. — Deu um tapa no joelho, animado com a perspectiva de alguma resolução para seu dilema. — Obrigado, irmãos. Esse plano servirá muito bem. — Levantou-se, tirou uma pele de lobo do encosto da cadeira e a prendeu sobre os ombros. — Vamos tratar logo disso. Há muito a ser feito!

Nenhum dos soldados parecia ter um sobrenome. Eram conhecidos principalmente pelas alcunhas criminosas que tiveram no passado: Dedos Leves, Faca Vermelha, Mãos Ligeiras, e assim por diante. Escolheram os trinta recrutas pelo método simples de fazer o regimento inteiro correr em volta da paliçada e ficar com os que foram os últimos a cair. Os recrutas estavam dispostos em três fileiras de dez homens, fitando Makril com ódio enquanto ele explicava as regras que regeriam suas vidas dali em diante.

— Qualquer homem que for encontrado bêbado sem permissão será chicoteado. Os que forem encontrados bêbados mais de uma vez serão dispensados do regimento. Se qualquer idiota entre vocês estiver pensando que isso significa uma passagem de volta para casa, é melhor ficar sabendo que homens dispensados terão de sair da Martishe com os próprios pés e sem armas. — Makril parou por um momento para que compreendessem bem o significado daquelas palavras. Um homem andando sozinho pela Martishe

sem meios de se defender provavelmente acabaria amarrado a uma árvore e seria estripado em pouco tempo.

— Compreendam isto, sua corja miserável de ladrões — rosnou Makril. — Lorde Al Hestian deu permissão para a Sexta Ordem treiná-los como achar melhor. Vocês nos pertencessem agora.

— Não me alistei pra isso — resmungou amuado um homem de rosto pálido na fileira da frente. — Era pra gente tá a serviço do R...

O punho de Makril chocou-se contra o queixo do homem, derrubando-o no ato.

— Irmão Barkus! — berrou ele, passando por cima do soldado caído. — Dez chicotadas para este homem. Sem rum por uma semana. — Encarou os outros recrutas. — Mais alguém quer discutir os termos do serviço?

Caenis e Dentos entraram na floresta no dia seguinte com instruções de encontrar o acampamento dos cumbraelinos enquanto os homens eram treinados. A ameaça combinada de chicoteamento e morte provou ser um estímulo excelente para a disciplina e o esforço físico. Os recrutas apressavam-se para obedecer cada ordem, correndo por quilômetros pela neve, suportando lições dolorosas de esgrima ou combate desarmado, escutando em silêncio respeitoso enquanto Makril tentava ensiná-los as habilidades florestais básicas. Na verdade, pareciam respeitosos e amedrontados demais, e Vaelin sabia que soldados temerosos davam maus soldados.

— Não se preocupe — disse-lhe Makril. — Enquanto tiverem mais medo de nós do que da corja, eles se sairão bem.

Vaelin assumiu as lições de esgrima, enquanto Barkus

tornou-se uma figura a ser temida com sua abordagem do combate desarmado onde valia tudo. Nortah logo abandonou as tentativas de ensinar os homens a usarem o arco — nenhum deles tinha os músculos ou a perícia para aquilo — e concentrou-se na besta, uma arma que até mesmo o pateta mais desajeitado podia dominar em poucos dias. Ao final da primeira semana, a pequena companhia conseguia correr oito quilômetros sem reclamar, havia perdido o medo de dormir do lado de fora da paliçada e a maioria conseguia atingir um alvo a vinte passos com uma besta. Suas habilidades com a espada e de combate básico ainda estavam longe de serem boas, mas Vaelin tinha a impressão de que pelo menos haviam aprendido o suficiente para sobreviver a um encontro inicial com os homens de Flecha Negra.

Como sempre, a lenda de Vaelin o havia precedido e os homens o encaravam com uma mistura de reverência e medo. Vez ou outra eles trocavam uma ou duas palavras com Nortah e Barkus, mas mantinham um silêncio rígido na presença de Vaelin, como se uma palavra errada pudesse lhes custar a vida. O medo que sentiam era estimulado pelo mau humor de Vaelin, que o deixava impaciente e propenso a fazer uso de golpes dolorosos com a vara que usava nos treinos de esgrima. De vez em quando achava que soava como Mestre Sollis, o que não ajudava em nada a melhorar seu humor.

Al Hestian optara por treinar com os homens, correndo com eles e compartilhando dos machucados nos treinamentos. Ele mostrou-se um espadachim habilidoso e era alto e forte o suficiente para ao menos rivalizar com Barkus no combate desarmado. Durante todo esse tempo, esforçou-se para encorajar os homens, levantando os preguiçosos e arrastando-os durante as corridas, aplaudindo-lhes o lento progresso

com a espada. Vaelin notou o respeito crescente deles pelo jovem nobre; onde antes era tratado como "aquele idiota presunçoso" pelas costas, agora ele era simplesmente "Sua Senhoria". Os homens continuavam mal-humorados, não tinham afeição por Vaelin ou seus irmãos, mas Al Hestian havia se tornado uma figura digna da solidariedade deles. Observando-o treinar com alguns dos homens, Vaelin ficava ainda mais deprimido. *Matador.*

A voz começara a atormentá-lo no dia em que deram início aos treinos, um murmúrio suave e cúmplice no fundo da mente que lhe sussurrava verdades terríveis. *Assassino. Você não é melhor do que a corja que matou Mikehl. O Rei o transformou em uma criatura dele...*

— O que acha, irmão? — Al Hestian vinha em sua direção pela neve, o rosto vermelho do esforço, mas também radiante de otimismo. — Eles vão servir?

— Pelo menos mais dez dias, meu senhor — respondeu Vaelin. — Eles ainda têm muito o que aprender.

— Mas melhoraram muito, não acha? Pelo menos agora podemos chamá-los de soldados.

Estão mais para uma artimanha. Uma máscara para seu engodo, isca para sua armadilha.

— De fato, meu senhor.

— Uma pena que o Irmão Yallin não tenha vivido para ver isso, não é? — O Irmão Yallin havia sido a contribuição da Quarta Ordem para a expedição. Nominalmente responsável por relatar o progresso deles ao Aspecto Tendris, Yallin passara as primeiras semanas na floresta afirmando que não podia se aventurar do lado de fora da paliçada porque suas tentativas de ensinar o Catecismo da Devoção aos homens eram de suma importância. Infelizmente, ele logo sucumbiu a um surto virulento de disenteria e morreu pouco depois. Era justo dizer que sua falta não

era muito sentida.

— É estranho o Aspecto Tendris não ter enviado um substituto para o Irmão Yallin — comentou Vaelin.

Al Hestian encolheu os ombros.

— Talvez achasse que a jornada era perigosa demais.

— Talvez. Ou pode ser que desconheça a morte do Irmão Yallin. Seria até de se pensar que alguém está enviando relatórios regulares ao Aspecto Tendris com o nome do Irmão Yallin.

— Tal coisa seria impensável, irmão. — Al Hestian riu e afastou-se para gritar encorajamentos a um grupo de homens que lutava ali perto. *Por que você não podia ser detestável?*, pensou Vaelin consigo mesmo. *Por que não podia deixar minha tarefa mais fácil?* A resposta da voz foi imediata, implacável: *E assassinato deveria ser algo fácil?*

CAPÍTULO DOIS

— Cerca de setenta homens ao todo — disse Dentos, com um pedaço de carne salgada na boca. — A dezesseis quilômetros a oeste daqui. O lugar foi bem escolhido, com uma ravina a leste, rochas ao sul e uma encosta íngreme ao norte e a oeste. Difícil de serem pegos de surpresa.

Haviam retornado no décimo quarto dia de treinamento, e Caenis trazia um mapa esboçado que mostrava a disposição do acampamento dos cumbraelinos. Reuniram-se em volta da fogueira com Al Hestian e Makril para planejar o ataque.

— Setenta são muitos para esses sujeitos enfrentarem, irmão — Barkus advertiu Makril. — Mesmo com os nossos irmãos eles ainda vão ter a vantagem numérica.

— Cada irmão vale pelo menos três deles — retorquiu Makril. — Além do mais, um homem surpreendido geralmente é derrotado antes mesmo de conseguir desembainhar a espada. — Fez uma pausa para examinar o mapa de Caenis, passando um dedo grosso pela ravina que levava à extremidade leste do acampamento. — Como este lado é vigiado?

— Três homens durante o dia — respondeu Caenis. — Cinco à noite. Flecha Negra é um homem cauteloso, ao que parece, e sabe que o mais provável é que nós ataquemos quando estiver escuro. Há uma rota que leva para dentro. — Apontou para o aglomerado de rochas que cobriam o lado sul do acampamento. — Cheguei perto o suficiente para sentir o cheiro da

fumaça dos cachimbos deles. Mas é um caminho para apenas um homem. Mais seriam vistos.

— Cinco homens vigiando a melhor rota de entrada e apenas um homem para abrir a porta — ponderou Makril. — Isto é, se conseguir atravessar o acampamento sem ser visto.

— Guardamos algumas das roupas e armas deles — disse Vaelin. — No escuro, podem achar que eu sou um deles.

— Você quis dizer eu, irmão — disse Caenis.

— Cinco homens de uma vez...

— Como disse o Irmão Makril, homens surpreendidos são mais fáceis de se matar. Além disso, sou o único que conhece o caminho.

— Ele tem razão — disse Makril. — Conduzirei nossos irmãos pela ravina. Meu senhor — olhou para Al Hestian —, sugiro que leve sua companhia até a passagem sul, espere até ouvir o tumulto de nosso ataque e então avance acampamento adentro. Vamos atrair a maioria deles até nós, de modo que vocês devem conseguir atacá-los em seu ponto cego.

Al Hestian assentiu.

— Um bom plano, irmão.

— É melhor que eu vá com Lorde Al Hestian — disse Vaelin. — Os homens podem ficar menos inclinados a demorar para se lançarem ao ataque se um de nós estiver com eles.

Podia ver pelos olhos apertados de Makril que a suspeita ainda estava lá. *Ele sabe*, sussurrou a voz em sua mente. *Os outros jamais suspeitariam, mas ele sabe, sente o cheiro em você como se fosse sangue.*

— Seria melhor se Sendahl e Jeshua fossem com Sua Senhoria — disse Makril, ainda encarando Vaelin com os olhos apertados. — Sua espada será essencial quando invadirmos o acampamento.

— Eles têm mais medo de Vaelin do que de qualquer

um de nós — comentou Barkus. — É bem menos provável que fujam se Vaelin estiver com eles.

— E eu ficaria honrado de lutar ao lado do Irmão Vaelin! — exclamou Al Hestian animado. — Acredito que é uma ótima ideia.

Makril lentamente voltou os olhos para o mapa.

— Como quiser, meu senhor. — Apontou para a encosta ao norte do acampamento. — Se tudo der certo, eles vão fugir colina abaixo até o rio. O lugar perfeito para encurralá-los. Com a graça dos Finados, devemos pegar todos. — Ergueu a cabeça e sua expressão ficou feroz de repente. — Mesmo assim, será uma luta difícil e sangrenta. A corja não pede misericórdia e concederá nenhuma. Digam aos homens para se aproximarem e usarem as espadas. Não deem a eles uma chance de usarem os arcos. Certifiquem-se de que saibam que a derrota significará a morte de todos nós. Não há como recuar deste lugar. Mataremos todos eles ou eles com certeza nos matarão.

Enrolou o mapa e levantou-se.

— Cinco horas de sono, e então partimos. Marcharemos no escuro para que os batedores não nos vejam. Dezesseis quilômetros são uma longa distância para se percorrer na neve, então teremos que acelerar o passo. Qualquer homem que falar sem permissão ou sair de forma durante a marcha terá a garganta cortada. Sem ração de rum até que o fim da missão. — Jogou o mapa para Caenis. — Você vai na frente, irmão.

A marcha foi árdua, fazendo os homens esforçarem-se ao extremo, mas a promessa de morte para qualquer um exausto demais para continuar foi suficiente para que se mantivessem em movimento. A Ordem estava na frente da coluna, flechas prontas nos arcos, olhos perscrutando a escuridão atrás de qualquer sinal de

batedores cumbraelinos. Embora os homens de Flecha Negra às vezes aparecessem para atormentar o acampamento à noite com uma flecha incendiária disparada por sobre a paliçada, suas visitas diminuíram quando Caenis e Makril começaram a caçar após o pôr do sol, coletando quatro arcos no mesmo número de noites. Agora os cumbraelinos raramente se arriscavam a chegar perto durante a noite e a marcha não foi interrompida.

Foram necessárias oito horas penosas até chegarem à borda da clareira, onde uma pequena elevação conduzia ao monte de rochas atrás do qual os cumbraelinos haviam acampado. À direita podiam vislumbrar a sombra escura da ravina aonde Makril conduziria o contingente da Ordem. Houve poucas preliminares; Makril fez o sinal de boa sorte e guiou os dezoito irmãos através da clareira em uma vaga formação de escaramuça.

Precisa de algo? Vaelin sinalizou para Caenis.

Seu irmão sacudiu a cabeça e apertou o cordão de seu colete de pele de marta. Representava bem o papel nas vestimentas capturadas, e o disfarce foi completado trocando o arco composto por um longo e enfiando uma machadinha no cinto. Caenis optou por manter a espada presa às costas; os inimigos haviam capturado muitas lâminas asraelinas dos soldados de Al Hestian, de modo que era improvável que parecesse deslocada.

Boa sorte, irmão, sinalizou Vaelin, tocando o ombro do outro. Caenis deu um sorriso e partiu, vencendo a distância até as rochas em uma arrancada. *Ele ficará bem*, tranquilizou-se Vaelin. O tempo que estavam passando na Martishe fez com que apreciasse de um jeito novo as habilidades de Caenis: o garoto magro que tremia de medo com as lorotas de Mestre Grealin sobre ratos monstruosos agora era um guerreiro ágil e mortal que parecia não temer nada e matava sem hesitar.

Ouviu o som de neve sendo pisada quando Al Hestian agachou-se ao seu lado.

— Quanto tempo acha que falta, irmão? — sussurrou o nobre.

Vaelin lutou contra uma pontada de culpa ao ver o rosto determinado do jovem nobre. *Espera que ele não perceba que foi você*, disse seu vigia onipresente. *Espera que ele vá para o Além acreditando na mentira de que vocês eram amigos...*

— Mais ou menos uma hora, meu senhor — sussurrou ele em resposta. — Talvez menos.

— Pelo menos isso dará aos homens uma chance de descansarem. — Afastou-se para ver como estavam seus soldados, sussurrando palavras de confiança e encorajamento. Vaelin tentou não escutar e concentrou-se na silhueta vaga das rochas. O céu ainda estava escuro, mas exibia uma tonalidade azul que prenunciava a chegada da luz do dia. Makril optara por um ataque ao amanhecer, quando os guardas na entrada da ravina estariam cansados ao final do seu turno de vigia.

Vaelin controlou a respiração, contando cada segundo que se passava, avaliando o momento certo de dar início a seu plano, afastando qualquer pensamento que pudesse desviá-lo do curso. A mão doía de tanto apertar o arco. Quando teve certeza de que havia se passado meia hora, foi até Al Hestian e agachou-se para lhe sussurrar ao ouvido.

— Com certeza haverá guardas nas rochas — disse ele. — Meu irmão os deixará em paz para não darem o alarme. Ainda que não haja muitos deles para deter nosso ataque, seus arcos provavelmente diminuirão nossas fileiras. — Ergueu o arco. — Vou primeiro, agora, e quando o ataque começar, vou me certificar de que eles não nos incomodem.

Al Hestian levantou-se.

— Vou com você.

Vaelin o deteve com um aperto firme no braço.

— Precisa liderar os homens, meu senhor.

Al Hestian passou os olhos pelos rostos tensos e cansado de seus homens e assentiu relutante.

— É claro.

Vaelin forçou um sorriso.

— Faremos o desjejum na tenda de Flecha Negra. *Mentiroso!*

— Que a sorte o acompanhe, irmão.

Vaelin percebeu que não conseguia encarar Al Hestian; assentiu e saiu correndo em direção às rochas, cruzando o espaço no que pareceu ser poucas batidas do coração, abrigando-se entre os imensos rochedos que despontavam da neve como monstros adormecidos. Deu uma olhada rápida ao redor à procura de alguma sentinela, porém não avistou nada. Um leve odor de fumaça de madeira vinha do acampamento, mas nenhum som de qualquer alarme. Caenis ainda não havia enfrentado os guardas na ravina. Vaelin tirou da aljava uma flecha enrolada em tecido e removeu a cobertura, revelando uma seta enegrecida adornada com penas de corvo, uma flecha cumbraelina tirada do arqueiro que matara o pobre Lorde Al Jelnek, seu instrumento de assassinato. Uma única flecha tomaria a vida de Lorde Al Hestian ao liderar heroicamente seus homens em um ataque contra um acampamento inimigo. *Um belo fim, sem dúvida*, disse a voz. *Tenho certeza de que o pai dele ficará orgulhoso. Lembra-se de suas palavras? Lembra-se de seu voto? Lutarei, mas não cometerei assassinato...*

Me deixe em paz! Vaelin respondeu secamente. *Farei o que preciso fazer. Não há opção. Não posso violar um contrato com o Rei.*

Suas mãos tremiam quando colocou a flecha na corda, o coração disparado no peito. *Já chega!* Dobrou os

dedos, afastando o tremor. *Farei o que preciso fazer. Já matei antes. O que é mais uma morte?*

Ouviu às suas costas o choque distante de metal contra metal, seguido pelo som de cordas de arco e um clamor súbito de vozes alarmadas. Os sons da batalha logo ecoavam pela clareira e Vaelin viu a tropa de Al Hestian surgir das árvores e começar a investida. O jovem nobre era fácil de ser distinguido, pois se encontrava alguns passos à frente de seus homens, a espada longa erguida no alto, o manto esvoaçando. Vaelin podia ouvi-lo gritar para os homens, incitando-os a seguir em frente. Sentiu uma estranha satisfação ao ver que a companhia inteira havia seguido Al Hestian, já que esperava que muitos fugissem.

Respirou fundo, o ar gelado fez seus pulmões arderem; ergueu o arco e puxou a corda; as penas de corvo na seta acariciaram-lhe a face ao mirar no vulto de Al Hestian que se aproximava rapidamente. *É fácil cometer assassinato*, percebeu, percorrendo a corda com os dedos. *É como apagar uma vela.*

Algo rosnou na escuridão. Algo mudou de posição e raspou a neve. Algo fez os pelos de sua nuca se arrepiarem.

A sensação familiar de que havia alguma coisa errada foi acesa dentro dele como uma fogueira, o tremor retornando às mãos ao abaixar o arco e virar-se.

O lobo arreganhava os dentes em um rosnado, os olhos brilhantes na escuridão, os pelos eriçados como espigões de prata. Quando seus olhos se encontraram, o lobo parou de rosnar e ergueu-se da posição agressiva que assumira, encarando Vaelin com a mesma intensidade silenciosa de que ele se lembrava do Teste da Corrida, tantos anos antes.

O momento pareceu prolongar-se, Vaelin preso pelo olhar do animal, incapaz de se mover, um pensamento soando-lhe na mente: *O que estou fazendo? Não sou*

assassino!

O lobo piscou e virou-se, correndo para longe sobre a neve, um borrão de prata e gelo, e desapareceu em um instante.

Os gritos cada vez mais próximos dos homens de Al Hestian o tiraram de seus devaneios, e ao virar-se Vaelin viu que eles estavam quase nas rochas. Uma figura ergueu-se a menos de seis metros dali, trajada em peles de marta e com uma seta no arco longo apontada para o peito de Al Hestian. A flecha de Vaelin acertou o arqueiro na barriga. Em poucos segundos já estava sobre o homem, e a adaga de lâmina longa subiu e desceu para certificar-se de que o arqueiro estava morto.

— Obrigado, irmão! — gritou Al Hestian, seguindo adiante em direção ao acampamento. Vaelin correu atrás dele, jogando de lado o arco e desembainhando a espada.

O acampamento era um caos de morte e chamas. Os cumbraelinos podiam ser tão bons arqueiros quanto os irmãos da Ordem, mas não eram páreo no combate direto, e a neve já estava coberta de corpos por entre as tendas em chamas. Um cumbraelino ferido cambaleou do meio da fumaça, um braço ensanguentado e inútil pendurado e brandindo desvairado uma machadinha com o membro bom contra Al Hestian. O nobre esquivou-se do golpe com facilidade e abateu o homem com sua espada longa. Outro avançou contra Vaelin com os olhos arregalados de pânico e medo, mirando uma estocada com uma lança de lâmina longa contra seu peito. Vaelin agachou-se sob a arma, agarrou a haste abaixo da lâmina e puxou o homem contra sua espada. Um dos soldados de Al Hestian correu e cravou sua espada no peito do cumbraelino, dando um grito de fúria exultante que se mesclou com os brados dos outros homens que

seguiam Al Hestian, matando todos que encontravam.

Vaelin viu Al Hestian rumar para a fumaça e o seguiu, vendo-o matar dois homens rapidamente. Um terceiro saltou em suas costas, prendendo as pernas em volta do peito do nobre e erguendo uma adaga. A faca de arremesso de Vaelin atingiu o cumbraelino nas costas, Al Hestian desvencilhou-se dele enquanto o homem convulsionava de dor e abriu-lhe o peito com um talho da espada longa. Al Hestian ergueu a espada em um gesto silencioso de agradecimento e continuou correndo.

O derramamento de sangue seguia desenfreado à medida que a companhia seguia matando acampamento adentro, abatendo os poucos cumbraelinos que ainda conseguiam resistir ou apunhalando os que jaziam feridos no solo. Vaelin passou correndo por um cenário apavorante: um soldado ergueu a cabeça decepada de um cumbraelino para deixar o sangue lhe banhar o rosto; três homens revezavam-se enquanto cortavam um homem que estrebuchava no chão; homens rindo de um cumbraelino que tentava enfiar as entranhas de volta no buraco que tinha na barriga. Já havia visto homens embriagados antes, mas nunca de sangue. Após meses de medo e penúria, os soldados de Al Hestian estavam tirando toda a desforra que podiam de seus atormentadores.

Vaelin alcançou Al Hestian e encontrou o nobre parado e indeciso sobre a figura ajoelhada de um jovem cumbraelino, um garoto de no máximo quinze anos. O garoto estava de olhos fechados, os lábios moviam-se em uma prece murmurada. Suas armas estavam depostas ao lado do seu corpo e tinha as mãos entrelaçadas sobre o peito.

Vaelin parou, tomou fôlego e limpou o sangue da sua espada. Podia ouvir para os lados do rio o alarido de

armas e gritos de combate à medida que seus irmãos davam cabo dos últimos homens de Flecha Negra. O amanhecer avançava depressa agora, revelando o espetáculo horrendo do acampamento. Havia corpos espalhados por toda parte, alguns ainda se crispando e se retorcendo de dor, veios de sangue manchando a neve entre as tendas em chamas. Os homens de Al Hestian andavam pela destruição, pilhando os mortos e matando os feridos.

— O que vamos fazer com ele? — perguntou Al Hestian. Tinha o rosto coberto de suor e cinzas e uma expressão séria. Não havia sido afligido pela evidente sede de sangue de seus homens; a matança não lhe agradava. Vaelin ficou muito feliz por ter abandonado a barganha com o Rei.

Ele ficará furioso, disse seu vigia.

Vou me responsabilizar perante o Rei, respondeu. *Ele pode ficar com a minha vida, se quiser. Pelo menos não morrerei como assassino.*

Vaelin olhou para o garoto. Ele parecia alheio ao que era dito ou aos sons de morte à sua volta, concentrado em sua prece. Falava uma língua que Vaelin não conhecia, e a prece saía dos lábios em um tom suave, quase melodioso. Estava pedindo a seu deus que aceitasse sua alma ou o livrasse da morte iminente?

— Parece que temos nosso primeiro prisioneiro, meu senhor. — Empurrou o garoto com a bota. — Levante! E pare de se lamuriar.

O garoto o ignorou e continuou a prece com o rosto inalterado.

— Eu mandei levantar! — Vaelin abaixou-se para agarrar a roupa do garoto. Sentiu um deslocamento de ar junto ao pescoço quando algo passou raspando sua orelha e ouviu o baque surdo de uma flecha atingindo carne. Levantou a cabeça e viu Al Hestian olhando para a haste negra cravada em seu ombro, as sobrancelhas

erguidas em uma expressão de leve surpresa.

— Pela Fé — sussurrou ele e tombou na neve, os membros já se crispando à medida que o veneno misturava-se no sangue.

Vaelin girou sobre os calcanhares e notou a neve caindo de um aglomerado de árvores ali perto. Tomado de fúria, saiu em disparada atrás do arqueiro, a visão embaçada por uma névoa vermelha.

— Vocês aí! — berrou para um grupo de soldados. — Cuidem de Sua Senhoria, ele precisa de um curandeiro!

Correu a toda velocidade até as árvores com todos os sentidos atentos à canção da floresta, procurando, caçando. Ouviu uma pisada leve na neve à sua esquerda e correu para lá, sentindo o cheio de um suor de medo. Jamais prestara tanta atenção à canção da floresta, jamais estivera tão possuído pelo desejo de matar. A boca estava cheia de saliva e a mente focada apenas na necessidade de sangue. Nunca soube quanto tempo durou a perseguição; era um sonho de árvores borradas e cheiros vagos conforme seu alvo o levava cada vez mais para o fundo da floresta. Corria sem se cansar, imune a qualquer esforço. Estava ciente apenas da caçada e da presa.

A canção da floresta mudou quando ele entrou em uma pequena clareira. Não se ouvia ali o canto das aves que saudavam a alvorada, silenciado por uma presença indesejável. Vaelin parou, lutando para controlar o peito arfante, procurando com todos os sentidos, atento ao menor sinal. A clareira estava bem iluminada pelo sol nascente, cuja luz banhava uma pedra de formato estranho no centro. Algo sobre a pedra atraiu sua atenção, diminuindo a concentração na canção da floresta. A pedra tinha quase um metro e meio de altura, com uma base estreita que se erguia até um topo largo e achatado com uma forma semelhante à de um cogumelo, parcialmente tomada por trepadeiras.

Olhando com mais atenção, percebeu que não era uma formação natural, mas algo que havia sido esculpido a partir de um dos muitos blocos de granito que apinhavam a Martishe.

Se não estivesse com os sentidos tão alertas, o leve rangido da corda do arco teria passado despercebido. Abaixou-se e a flecha passou sobre sua cabeça como um raio negro. O arqueiro saltou dos arbustos, a machadinha erguida no alto, o grito de guerra agudo e selvagem. A espada de Vaelin cortou o punho do homem e a machadinha saiu rodopiando para longe junto com a mão que a segurava, e o golpe seguinte abriu a garganta do atacante, que cambaleou para trás em choque. O homem levou apenas alguns segundos para sangrar até a morte.

Vaelin curvou-se ao sentir o corpo despertar com o final da caçada, a dor da batalha e da perseguição penetrando-lhe nos membros, o pulso disparando nos ouvidos enquanto tentava recuperar o fôlego. Cambaleou até a pedra, onde se encostou e deslizou para o solo, querendo apenas dormir. O cadáver do arqueiro atraiu sua atenção. As linhas e o envelhecimento das feições relaxadas revelavam um homem de mais idade do que a maioria de seus inimigos. *Flecha Negra?*, Vaelin ponderou, mas se viu cansado demais para revistar o corpo atrás de alguma pista sobre a identidade do homem.

A canção da floresta retornou enquanto estava sentado ali, a cabeça caída sobre o peito, o canto dos pássaros mais alto agora. Um calor súbito nos membros fez com que despertasse, e ao olhar em volta notou que a luz do sol banhava toda a clareira. Curiosamente, o sol estava alto, e então compreendeu que devia ter se rendido ao sono. *Idiota!* Levantou-se para limpar a neve do manto... mas não havia nenhuma. Não havia neve no manto ou nas botas. Não havia neve no solo ou nas

árvores. Em vez disso, o solo estava coberto por um gramado viçoso e as árvores adornadas com inúmeras folhas. O ar havia perdido o frio cortante do inverno e acima da abóbada da floresta o céu era um azul intenso. *Verão... é verão!*

Vaelin olhou ansioso à sua volta. O corpo de Flecha Negra, se realmente era dele, havia desaparecido. A estrutura de pedra que atraíra sua atenção quando entrara na clareira agora se encontrava sem folhagem, revelando um pedestal entalhado de granito cinzento, o topo perfeitamente plano, salvo por uma mossa circular no centro. Ele aproximou-se, estendendo as mãos para passar os dedos pela superfície.

— É melhor não tocar nisso.

Vaelin girou sobre os calcanhares, apontando a espada na direção da voz. A mulher tinha altura mediana e vestia um manto rústico cujo aspecto lhe era completamente estranho. Os cabelos eram negros e longos, caíam sobre os ombros e emolduravam um rosto angular e pálido. Mas foram os olhos que lhe chamaram mais a atenção, ou antes o fato de que eles não eram normais. Tinham uma cor rosa leitosa e não tinham pupilas. Quando a mulher se aproximou, Vaelin notou que eram cobertos por veias, como dois orbes de mármore vermelho que o encaravam acima de um sorriso discreto. *Cega?* Mas como era possível? Ele sabia que a mulher o estava *vendo*, pois ela o vira tentar tocar na pedra. Algo nas feições dela reviveu uma memória de alguns anos antes, de um homem de rosto grave e nariz aquilino sacudindo tristemente a cabeça e falando em uma língua que Vaelin não compreendia.

— Seordah. Você é uma dos seordah sil.

O sorriso da mulher alargou-se um pouco.

— Sim. E você é Beral Shak Ur dos marelim sil. — Ela ergueu os braços, indicando a clareira. — E este é o lugar e a hora do nosso encontro.

— Meu... nome é Vaelin Al Sorna — disse ele, tropeçando nas palavras devido à perplexidade. — Sou um irmão da Sexta Ordem.

— É mesmo? E o que é isso?

Vaelin a fitou intrigado. Os seordah eram famosos por seu isolamento, mas então como ela podia saber sua língua e não conhecer a Ordem?

— Sou um guerreiro a serviço da Fé — explicou.

— Oh, ainda está fazendo isso. — Ela chegou mais perto, a testa franzida, a cabeça inclinada, olhos de mármore vermelho examinando-o por um momento sem piscar. — Ah, ainda tão jovem. Sempre imaginei que você seria mais velho quando nos encontrássemos. Ainda há tanto para você fazer, Beral Shak Ur. Gostaria de poder dizer que o caminho será fácil.

— Você fala por meio de enigmas, dona. — Olhou ao redor para o impossível dia de verão. — Isso é um sonho, um fantasma em minha mente.

— Não há sonhos neste lugar. — A mulher passou por ele e estendeu o braço até o pedestal de pedra, mantendo a mão acima da mossa no centro. — Aqui há apenas tempo e lembranças, aprisionados nesta pedra até que as eras os transformem em pó.

— Quem é você? — perguntou ele. — O que quer de mim? Por que me trouxe aqui?

— Você trouxe a si mesmo. — Ela removeu a mão e virou-se para Vaelin. — Quanto a quem eu sou, meu nome é Nersus Sil Nin e quero muitas coisas, nenhuma das quais você pode me dar.

Vaelin percebeu que ainda estava empunhando a espada e a embainhou, sentindo-se um pouco ridículo.

— Onde está o homem que matei?

— Você matou um homem aqui? — Ela fechou os olhos e havia um tom de tristeza em sua voz. — Quão fracos nos tornamos? Eu esperava estar errada, que minha visão tivesse me enganado. Mas se é possível que

sangue seja derramado aqui, então tudo aconteceu. — Tornou a abrir os olhos. — Meu povo está disperso, não? Escondem-se nas florestas enquanto vocês os perseguem até a extinção?

— Você não sabe de seu próprio povo?

— Conte-me. Por favor.

— Os seordah sil habitam a Grande Floresta do Norte. Meu povo não entra lá. Não perseguimos os seordah. Dizem que são muito temidos. Até mais do que os lonaks.

— Lonaks? Então eles sobreviveram à chegada da sua raça. Eu devia saber que a Suma Sacerdotisa encontraria uma maneira. — A mulher voltou a encará-lo com aquele olhar vazio; a impressão de estar sendo examinado tornava cada vez maior o sentimento de que havia algo errado. Porém, dessa vez era diferente: não tanto um aviso de perigo, mas sim uma sensação de desorientação, como se tivesse escalado um despenhadeiro e ficasse abismado com a visão do solo lá embaixo.

— Então — disse Nersus Sil Nin, com a cabeça inclinada. — Você consegue ouvir a canção do seu sangue.

— Meu sangue?

— A sensação que você acabou de experimentar. Já a sentiu antes, não?

— Várias vezes. Geralmente em momentos de perigo. Ela me... salvou no passado.

— Então você tem sorte de ser tão Dotado.

— Dotado? — Vaelin não gostou do tom que ela usou quando disse a palavra; havia uma gravidade nela que o deixou desconfortável. — É simplesmente um instinto de sobrevivência. Tenho certeza de que todos os homens o têm.

— Todos os homens o têm, mas nem todos podem ouvi-lo tão bem quanto você. E há mais na música da

canção do sangue do que simplesmente um aviso de perigo. Com o tempo você aprenderá bem a melodia.

Canção do sangue?

— Está dizendo que as Trevas me afetam de alguma forma?

A boca da mulher se crispou em um leve sorriso.

— As Trevas? Ah, sim, o nome que seu povo dá àquilo que eles temem e se recusam a compreender. A canção do sangue pode ser sombria, Beral Shak Ur, mas também pode brilhar intensamente.

Beral Shak Ur...

— Por que me chama assim? Tenho meu próprio nome.

— Homens como você tendem a colecionar nomes como troféus. Nem todos os nomes que você ganhará serão tão gentis.

— O que quer dizer?

— Meu povo acredita que o corvo é um arauto de mudanças. Quando a sombra do corvo passa por seu coração, sua vida muda, para melhor ou pior, não há como saber. Nossa palavra para corvo é Beral, e a palavra para sombra é Shak. E você, Vaelin Al Sorna, guerreiro a serviço da Fé, é a Sombra do Corvo.

A sensação, que ela chamava de canção do sangue, ainda estava ressoando dentro dele. Estava mais forte agora; a sensação não era desagradável, mas o deixou alerta.

— E o seu nome?

— Sou a Canção do Vento.

— Meu povo acredita que as vozes dos Finados podem ser carregadas do Além pelo vento.

— Então seu povo sabe mais do que eu imaginava.

— Isto — Vaelin apontou à sua volta para a clareira —, isto é o passado, não é?

— De certo modo. É minha lembrança deste lugar presa à pedra. Eu a prendi ali porque sabia que um dia

você apareceria e tocaria na pedra, e assim nos encontraríamos.

— Em que época estamos?

— Muitos e muitos verões antes do seu tempo. Esta terra pertence aos seordah sil e aos lonaks. Logo o seu povo, os marelim sil, os filhos do mar, chegarão às nossas praias e a tomarão de nós, e voltaremos para a floresta. Eu vi esses eventos. A canção do sangue é o seu dom, mas o meu é a visão que atravessa o tempo. Posso ver somente quando uso meu dom. É o preço que pago.

— Você está usando seu dom agora? Eu sou... — Ele procurou a palavra certa. — ... uma visão?

— De certo modo. Era necessário que nos encontrássemos. E agora nos encontramos. — Ela virou-se e começou a caminhar de volta para as árvores.

— Espere! — Vaelin estendeu o braço na direção dela, mas sua mão não agarrou nada e passou pelo manto da mulher como se fosse feita de névoa. Vaelin olhou para a mão, confuso.

— Essa lembrança é minha, não sua — disse Nersus Sil Nin sem parar. — Você não tem poder aqui.

— Por que era necessário nos encontrarmos? — A canção do sangue ficou mais alta, forçando-o a fazer as perguntas. — Qual era sua intenção me chamando aqui?

Nersus Sil Nin andou até a orla da clareira e virou-se, o rosto tomado por uma expressão sombria, mas não cruel.

— Você precisava saber seu nome.

— VAELIN!

Ele piscou e tudo desapareceu: o sol, o gramado viçoso sob as botas, Nersus Sil Nin e seus enigmas enlouquecedores. Sumiram. O ar parecia

surpreendentemente frio após o calor daquele dia de verão incontáveis anos atrás, e a brancura da neve fez com que protegesse os olhos com a mão.

— Vaelin? — Era Nortah, parado sobre ele, o rosto uma mistura de perplexidade e preocupação. — Está ferido?

Ele ainda estava encostado no pedestal mais uma vez coberto por trepadeiras.

— Eu... precisava descansar. — Aceitou a mão de Nortah e levantou-se. Ali perto, Barkus estava depenando o cadáver do arqueiro velho que Vaelin matara.

— Vocês me seguiram até aqui? — perguntou a Nortah.

— Não foi fácil sem Caenis. Você não deixa muito rastro.

— Caenis está ferido?

— Recebeu um corte no braço quando cuidou das sentinelas. Não é sério, mas vai ficar de cama por um tempo.

— E a batalha?

— Acabou. Contamos sessenta e cinco corpos cumbraelinos. O Irmão Sonril perdeu um olho e cinco dos homens de Al Hestian foram se juntar aos Finados. — Os olhos de Nortah exibiam a mesma expressão assombrada que os anuviara quando matou um homem pela primeira vez durante a busca por Frentis. Ao contrário de Caenis e dos outros, Nortah não parecia estar se acostumando a matar. Ele deu uma risada melancólica. — Uma vitória, irmão.

Vaelin lembrou-se do som da flecha que passou raspando sua orelha e acabou fincada em Linden Al Hestian. *Uma vitória... A sensação é como se fosse a pior das derrotas.*

— Ele agonizou por muito tempo?

Nortah franziu o cenho.

— Quem?

— Lorde Al Hestian. Ele sofreu?

— Ainda está sofrendo, pobre coitado. A flecha não o matou. O Irmão Makril não sabe se ele vai viver. Ele estava chamando por você.

Vaelin lutou contra um estremecimento de culpa. Procurando uma distração, foi até onde Barkus ocupava-se em tirar tudo o que o cadáver do arqueiro tinha de valor.

— Algo que diga quem ele era?

— Não muito. — Barkus enfiou depressa no bolso algumas moedas de prata e tirou um maço de papéis de uma pequena bolsa de couro presa ao ombro do homem. — Encontrei algumas cartas. Pode lhe dizer alguma coisa.

Nortah pegou os papéis e ergueu as sobrancelhas ao ler as primeiras linhas.

— O que é? — perguntou Vaelin.

Nortah dobrou os papéis com cuidado e os guardou.

— Algo endereçado ao Aspecto. Mas acho que essa nossa guerrinha pode estar prestes a se estender para além desta floresta.

Lorde Linden Al Hestian estava deitado em uma cama de pele de lobo, enchendo os pulmões de ar com inspirações longas e forçadas; a pele tinha um tom cinzento e ele estava encharcado de suor. O Irmão Makril havia extraído a flecha do ombro e tratado do ferimento com um cataplasma de ervas para remover o veneno, mas esse procedimento servia apenas para deixar o nobre confortável: não havia como salvá-lo. Forçaram-no a usar flor rubra apesar de seus protestos, o que aliviou a dor, mas ele ainda sofria à medida que o veneno percorria suas veias. Os homens haviam erguido uma tenda para Al Hestian; o fedor do interior fez Vaelin lembrar-se de como sofrera ao se recuperar da raiz

joffril.

— Meu senhor? — disse Vaelin, sentando-se ao lado dele.

— Irmão. — Havia a sombra de um sorriso nos lábios do jovem nobre. — Disseram que você foi atrás de Flecha Negra. Conseguiu pegá-lo?

— Ele... está com o seu deus agora — respondeu Vaelin, embora na verdade ainda não tivesse certeza de quem era aquele homem.

— Então podemos ir para casa, não? Acho que o Rei ficará satisfeito, não é mesmo?

Vaelin olhou nos olhos de Al Hestian e viu a dor e o medo que havia neles, a consciência de que ele não voltaria para casa, que logo deixaria este mundo.

— Ele ficará satisfeito.

Al Hestian recostou-se nas peles.

— Eles mataram o garoto. Mandei que o deixassem em paz, mas o fizeram em pedaços. Ele não deu um grito sequer.

— Os homens estavam furiosos. Eles o respeitam muito. Assim como eu.

— E pensar que meu pai me advertiu sobre você.

— Meu senhor?

— Meu pai e eu temos muitas diferenças, muitas discussões. Para falar a verdade, pai ou não, confesso que não gosto dele. Às vezes acho que ele me odeia por eu não ter as mesmas ambições que ele. E homens de ambição veem inimigos por toda parte, especialmente na corte, onde a intriga é corriqueira. Antes de partir, ele me avisou sobre rumores, histórias de uma mão oculta que tentava me prejudicar, embora não tenha me contado de quem era a mão. Mas me disse que eu devia ficar atento a você.

Rumores de uma mão oculta... Parece que a princesa esteve ocupada.

— Não consigo imaginar por que você tentaria me

fazer mal — continuou Al Hestian com dificuldade. — Você dirá a ele, não? Dirá que éramos amigos.

— O senhor dirá pessoalmente.

Al Hestian deu uma risada fraca.

— Não tente me animar, irmão. Há uma carta na minha tenda no acampamento. Eu a escrevi antes de partirmos. Eu ficaria grato se você cuidasse para que fosse entregue. É para... uma dama que conheço.

— Uma dama, meu senhor?

— Sim, a Princesa Lyrna. — Fez uma pausa, suspirando com tristeza. — Vir aqui seria o modo de finalmente ficar nas graças do Rei. Ele abençoaria nossa união.

Vaelin rangeu os dentes para evitar amaldiçoar sua própria estupidez. Soubera desde o momento em que encontrara Al Hestian que a descrição que o Rei fizera dele era na melhor das hipóteses fantasiosa. Vaelin estava incumbido de livrar a princesa de uma união inadequada.

— Deve ter sido difícil para a princesa vê-lo partir em direção ao perigo — disse ele.

— Ela é uma dama de grande fortitude. Disse que o amor precisa arriscar tudo ou perecer.

Tenho muito que fazer e não tolerarei obstáculos... Vaelin foi tomado por uma onda de ódio de si mesmo. *Princesa, matamos um homem muito bom.*

— Tenho um irmão mais novo, Alucius — Al Hestian estava dizendo. — Gostaria que ele ficasse com minha espada. Diga... diga-lhe que será melhor que a mantenha embainhada. Percebo que as guerras não são muito do meu agrado... — Fez uma pausa, o rosto enrijecendo-se ao ser acometido por um espasmo doloroso. — Lyrna... Não diga a ela que terminou ass... — Ele engasgou, convulsionando de dor, o sangue sujando-lhe o queixo. Vaelin estendeu a mão, mas só podia assistir impotente enquanto Al Hestian se contorcia em meio às peles. Incapaz de suportar mais,

saiu depressa da tenda e encontrou o Irmão Makril junto à fogueira de cantil na mão, tomando longos goles de Amigo de Irmão.

— Não há esperança? — suplicou Vaelin. — Nada que você possa fazer?

Makril mal olhou para ele.

— Ele recebeu toda a flor rubra que podíamos lhe dar. Se o movermos, ele morre. Um curandeiro da Quinta Ordem poderia facilitar sua partida, mas nem mesmo ele conseguiria evitá-la.

Vaelin contraiu-se quando ouviu um grito de dor vindo da tenda às suas costas.

— Aqui. — Makril ofereceu o cantil. — Fará você ouvir menos.

— Não podemos deixá-lo sofrendo assim.

Makril levantou os olhos, encontrando os dele. A desconfiança ainda estava lá, seu conhecimento instintivo da culpa de Vaelin. Após um momento ele desviou o olhar e começou a se levantar.

— Vou cuidar disso.

— Não. — Vaelin virou-se para a tenda. — Não... é meu dever.

— A jugular. É o modo mais rápido. Não acho que ele sequer vai sentir o corte.

Vaelin assentiu e voltou para a tenda arrastando as pernas. *Então o Rei me tornou um assassino no final das contas...*

Os olhos de Al Hestian estavam vidrados e desfocados quando Vaelin ajoelhou-se ao seu lado, voltando à vida somente ao ver de relance o brilho da lâmina da adaga. Houve um momento de medo, logo seguido por um suspiro, se de pesar ou de alívio Vaelin jamais saberia. Al Hestian encontrou os olhos de Vaelin e assentiu. Vaelin o segurou, aninhando a cabeça dele no braço e encostando a lâmina no pescoço.

Al Hestian falou, forçando as palavras em meio a um

novo espasmo de dor.

— Fico feliz... que tenha sido você... irmão.

CAPÍTULO TRÊS

— E essas cartas foram encontradas no corpo deste Flecha Negra?

As mãos do Aspecto estavam estendidas sobre as cartas à sua frente como duas aranhas pálidas, a concentração visível no rosto longo quando olhou para Vaelin e Makril. Vaelin supôs que deviam estar com uma aparência horrível, sujos e cansados da viagem de doze dias de volta da Martishe, mas o Aspecto parecia indiferente ao estado em que se encontravam. Após ouvir o relatório, ele pediu as cartas e passou rapidamente os olhos pelos dois irmãos.

— Acreditamos que o homem podia ser Flecha Negra, Aspecto — respondeu Vaelin. — Não há como saber com certeza.

— Sim. Talvez você não deva se apressar para desferir o golpe fatal da próxima vez, irmão.

— Eu fui descuidado. Minhas desculpas, Aspecto.

O Aspecto deixou de lado a admissão com um aceno de cabeça quase imperceptível.

— Vocês compreendem a importância dessas cartas?

— Sendahl as leu para nós — respondeu Makril.

— Alguém de fora da Ordem o ouviu?

— Demos uma ração dupla de rum aos homens de Al Hestian naquela noite. Duvido que tenham conseguido ouvir alguma coisa.

— Ótimo. Avisem seus irmãos: eles não devem discutir isso com ninguém, nem mesmo uns com os outros. — Ele juntou as cartas e as guardou em um baú de madeira sobre a mesa, fechou a tampa e o trancou com

um cadeado pesado. — Vocês devem estar cansados, irmãos. Agradeço em nome da Ordem o serviço que prestaram na Martishe. Irmão Makril, você está confirmado como Irmão Comandante. Viverá conosco aqui por enquanto. Mestre Sollis atualmente está comandando uma companhia na costa meridional: os contrabandistas locais estão resistindo de modo muito violento aos coletores de impostos do Rei. Você assumirá as lições dele. Estou certo de que se lembra o suficiente da espada para ensinar a usá-la.

— É claro, Aspecto.

— Irmão Vaelin, apresente-se no estábulo à oitava hora da manhã. Você me acompanhará ao palácio.

— Parabéns, irmão — disse Vaelin enquanto iam para o campo de treinamento, onde o regimento de Al Hestian estava acampado. Não havia casernas disponíveis para eles, de modo que o Aspecto dera permissão para que permanecessem na Casa da Ordem. Vaelin suspeitava que nada havia sido preparado para eles na cidade porque o Rei não esperava que retornassem.

Makril parou e o olhou atentamente sem dizer nada.

— Comandante e mestre — prosseguiu Vaelin, embaraçado pelo silêncio do rastreador. — Um feito impressionante.

Makril aproximou-se dele e as narinas se dilataram, inspirando o ar. Vaelin resistiu ao impulso de levar a mão à faca de caça.

— Nunca gostei do seu cheiro, irmão — disse Makril. — Há algo nele que não é natural. E agora você fede a culpa. Por quê? — Sem esperar por uma resposta, deu meia-volta e afastou-se, um vulto corpulento na penumbra. Deu um assobio curto e agudo e seu cão de caça surgiu das sombras para acompanhá-lo no caminho de volta ao torreão.

O quarto da torre que Vaelin dividira com os outros por tantos anos estava ocupado agora por um grupo novo de alunos, de modo que foram obrigados a acampar com o regimento. Encontrou seus irmãos ao redor da fogueira, deleitando Frentis com histórias do tempo que passaram na Martishe.

— ... atravessou dois homens de uma vez — Dentos estava dizendo. — Uma única flecha, juro. Nunca vi nada igual.

Vaelin sentou-se ao lado de Frentis. Arranhão, que estava encolhido aos pés de Frentis, levantou-se e foi até o dono, empurrando com o focinho sua mão, pedindo um afago. Vaelin coçou as orelhas dele, percebendo que sentira muita falta do cão de escravos, mas não se arrependia de tê-lo deixado para trás. O animal teria se divertido muito na Martishe, mas Vaelin achava que ele já havia provado sangue humano o suficiente.

— O Aspecto manda seus agradecimentos pelo nosso serviço — contou a eles, estendendo as mãos para o fogo. — As cartas que encontramos não devem ser discutidas.

— Que cartas? — perguntou Frentis. Barkus jogou nele uma coxa de frango pela metade.

— Ele disse para onde vamos agora? — perguntou Dentos, passando-lhe uma taça de vinho.

Vaelin sacudiu a cabeça.

— Vou acompanhá-lo ao palácio amanhã.

Nortah bufou e tomou um gole grande de vinho.

— Não é preciso das Trevas para ver o que o futuro nos reserva. — As palavras saíram altas e arrastadas, e seu queixo estava manchado de vermelho por causa da bebida que escorrera. — Para Cumbrael! — Levantou-se e ergueu a taça no alto. — Primeiro a floresta, agora o Feudo. Levaremos a Fé a todos os malditos Negadores. Quer gostem ou não!

— Nortah... — Caenis estendeu a mão para fazê-lo sentar, mas Nortah o afastou.

— Não é como se já tivéssemos massacrado cumbraelinos suficientes, não é? Eu mesmo só matei dez deles naquela floresta maldita. E você, irmão? — Inclinou-se para Caenis. — Aposto que consegue mais que isso, hein? Eu diria que pelo menos o dobro de mortes. — Ele se inclinou para Frentis. — Devia estar lá, meu garoto. Nos banhamos em mais sangue do que seu amigo Caolho jamais se banhou.

Frentis ficou de cara fechada e Vaelin lhe apertou o ombro quando ficou tenso.

— Tome outra taça, irmão — disse a Nortah. — Ajudará você a dormir.

— Dormir? — Nortah jogou-se no chão. — Não tenho dormido muito nos últimos tempos. — Ergueu a taça para que Caenis enchesse com mais vinho, olhando para o fogo com um ar melancólico.

Ficaram em um silêncio incômodo durante algum tempo, e Vaelin agradeceu a distração causada por um dos soldados em uma fogueira vizinha. O homem encontrou um bandolim em algum lugar, provavelmente saqueado do cadáver de um cumbraelino na floresta, e tocava com habilidade considerável uma música melodiosa, porém sombria, e o acampamento inteiro ficou em silêncio para ouvir. Logo havia um público ao seu redor e ele começou a cantar uma canção que Vaelin reconheceu como “O Lamento do Guerreiro”:

A canção do guerreiro é muito aplaudida
Cheia de fogo, mas logo esquecida
Guerreiros celebram o amigo caído
Batalhas perdidas e o sangue vertido...

Os homens aplaudiram entusiasmados quando ele terminou e pediram mais. Vaelin atravessou a pequena

plateia. O tocador era um homem de rosto magro de uns vinte anos. Vaelin o reconheceu como um dos trinta homens escolhidos que tomaram parte na batalha final na floresta, o corte costurado na testa era evidência de que havia participado de alguma luta. Vaelin tentou lembrar-se de seu nome, mas percebeu com vergonha que não se incomodara em aprender os nomes de nenhum dos homens que eles haviam treinado. Talvez, como o Rei, ele não esperasse que algum sobrevivesse.

— Você toca muito bem — disse ele.

O homem deu um sorriso nervoso. Os soldados jamais deixaram de sentir medo de Vaelin e poucos fizeram qualquer tentativa de falar com ele, sendo que a maioria tomava o cuidado de não o olhar nos olhos.

— Fui aprendiz de um menestrel, irmão — disse o homem. O sotaque era diferente dos companheiros, as palavras ditas com clareza, o tom quase refinado.

— Então por que você é um soldado?

O homem encolheu os ombros.

— Meu mestre tinha uma filha.

Os homens ali reunidos riram.

— Seja como for, acho que ele o ensinou bem — disse Vaelin. — Qual o seu nome?

— Janril, irmão. Janril Norin.

Vaelin avistou o Sargento Krelnik na multidão.

— Vinho para estes homens, Sargento. O Irmão Frentis o levará até Mestre Grealin nas galerias. Diga-lhe que cobrirei as despesas e certifique-se de que ele lhe dê o vinho de boa qualidade.

Um murmúrio de apreciação passou por entre os homens. Vaelin enfiou a mão na bolsa e colocou duas moedas de prata nas mãos de Janril.

— Continue tocando, Janril Norin. Algo animado. Algo apropriado para uma celebração.

Janril franziu o cenho.

— O que estamos celebrando, irmão?

Vaelin bateu-lhe no ombro.

— Estarmos vivos, homem! — Ele ergueu sua taça, virando-se para a plateia. — Vamos beber por estarmos vivos!

O Rei reuniu seu Conselho de Ministros em uma vasta câmara com piso de mármore polido e teto decorado com folhas de ouro e gesso moldado com padrões complexos, as paredes adornadas com belas pinturas e tapeçarias. Soldados da Guarda Real em uniformes impecáveis estavam posicionados em um amplo círculo ao redor da mesa longa e retangular onde o Conselho estava sentado. O próprio Rei Janus estava bem diferente do homem sujo de tinta com quem Vaelin fizera sua barganha, sentado no centro da mesa, um manto com barra de arminho nos ombros e um diadema de ouro na fronte. Os ministros estavam sentados de ambos os lados, dez homens vestidos em níveis variados de elegância, todos com o olhar fixo em Vaelin enquanto ele terminava seu relatório, com o Aspecto Arlyn a seu lado. Em uma mesa menor próxima, dois escribas registravam cada palavra falada. O Rei insistiu em um registro preciso de cada reunião e cada membro do Conselho precisava anunciar seu nome e posição antes de sentar-se.

— E o homem que portava essas cartas — disse o Rei. — Sua identidade permanece desconhecida?

— Não houve prisioneiros que pudessem informar seu nome, Alteza — respondeu Vaelin. — Os homens de Flecha Negra não são inclinados a se render.

— Lorde Al Molnar. — O Rei entregou as cartas a um homem corpulento à sua esquerda que anunciara seu nome e ofício como Lartek Al Molnar, Ministro da Fazenda. — Você conhece a letra do Senhor Feudal Mustor tão bem quanto eu. Vê alguma semelhança?

Lorde Al Molnar examinou as cartas com atenção durante alguns momentos.

— Infelizmente, Alteza, a letra nessas cartas parece tão similar à do Senhor Feudal que não consigo ver qualquer diferença entre elas. Além disso, há o modo como a carta foi escrita. Mesmo sem a assinatura, eu a reconheceria como obra de Lorde Mustor.

— Mas por quê? — perguntou o Lorde Almirante Al Junril, um homem grande e barbado à direita do Rei. — A Fé sabe como tenho pouco amor pelo Senhor Feudal de Cumbrael, mas o homem não é estúpido. Por que assinaria o próprio nome em cartas de livre-trânsito para um fanático determinado a fragmentar nosso Reino?

— Irmão Vaelin — disse Lorde Al Molnar. — Você enfrentou esses hereges por vários meses. Diria que estavam bem alimentados?

— Eles não pareciam debilitados pela fome, meu senhor.

— E diria que as armas deles eram de boa qualidade?

— Eles usavam arcos excelentes e aço temperado, embora algumas de suas armas fossem tomadas de nossos soldados mortos.

— Então, bem equipados e alimentados, e isso no meio do inverno, quando a caça é escassa na Martishe. Reconheço, Alteza, que esse Flecha Negra deve ter tido um apoio considerável.

— E agora sabemos de onde — disse um terceiro ministro, Kelden Al Telnar, Ministro de Obras Reais e, depois do Rei, o homem com trajes mais refinados na mesa. — O Senhor Feudal Mustor condenou a si mesmo. Durante muito tempo adverti que seu cumprimento da paz era apenas uma fachada para uma futura traição. Não nos esqueçamos de que os cumbraelinos foram forçados a fazer parte deste Reino somente após a mais sangrenta das derrotas. Jamais deixaram de nos odiar,

ou nossa amada Fé. Agora os Finados guiaram o bravo Irmão Vaelin até a verdade. Alteza, imploro para que aja...

O Rei ergueu a mão, silenciando o homem.

— Lorde Al Genril. — Virou-se para um homem de barba grisalha sentado à sua direita. — Você é meu Lorde de Justiça e Juiz Supremo de minhas cortes, e talvez a cabeça mais sábia neste Conselho. Esses documentos são evidência suficiente para um julgamento ou simplesmente para uma investigação?

O Lorde de Justiça cofiou a barba grisalha, pensativo.

— Se considerarmos isso apenas uma questão legal, Alteza, eu diria que há perguntas a serem feitas sobre as cartas e que quaisquer acusações dependeriam das respostas. Se um homem aparecesse diante de mim acusado de traição baseado apenas nesta evidência, eu não poderia mandá-lo para a forca.

Lorde Al Telnar começou a falar de novo, mas o Rei fez sinal para que se calasse.

— Que perguntas, meu senhor?

Lorde Al Genril pegou as cartas e passou brevemente os olhos por elas.

— Vejo que essas cartas concedem livre-trânsito pelas fronteiras de Cumbrael e ordenam que qualquer soldado ou oficial do Feudo preste qualquer assistência que o portador possa precisar. E, de fato, caso a assinatura e o selo sejam genuínos, elas foram assinadas pelo próprio Senhor Feudal. Porém, não estão endereçadas a qualquer indivíduo. Na verdade, não sabemos sequer o nome do homem que as portava quando morreu. Se foram escritas pelo Senhor Feudal, ele pretendia que fossem usadas por Flecha Negra? Ou talvez foram roubadas e usadas com um propósito diferente?

— Pois bem — disse Lorde Al Molnar. — Devemos interrogar o Senhor Feudal?

O Juiz Supremo levou vários segundos para responder, e Vaelin pôde ver pela tensão em seu rosto que ele tinha consciência da grave importância de suas palavras.

— Sim, creio que o interrogatório é justificável.

A porta da câmara foi aberta de repente e o Capitão Smolen entrou, ficando em posição de sentido diante do rei e batendo continência com firmeza.

— Encontrou-o? — perguntou o Rei.

— Encontrei, Alteza.

— Bordel ou palácio de flor rubra?

O único sinal de desconforto do Capitão Smolen foi piscar duas vezes.

— O primeiro, Alteza.

— Ele está em condições de falar?

— Ele fez um esforço para ficar sóbrio, Alteza.

O Rei suspirou e esfregou a testa, cansado.

— Está bem. Traga-o.

O Capitão Smolen bateu continência e saiu da sala, retornando alguns segundos depois com um homem trajando roupas caras, mas sujas. Ele andava com o passo preciso de quem teme tropeçar a qualquer momento, a vermelhidão dos olhos e a palidez do rosto por barbear sinais de horas de intemperança. Parecia ter uns quarenta e tantos anos, mas Vaelin supôs que fosse mais jovem: um homem envelhecido pelos excessos. Ele parou ao lado do Aspecto Arlyn, cumprimentou-o com um aceno casual da cabeça e então fez uma mesura extravagante, porém trôpega, para o Rei.

— Alteza. Como sempre fico honrado por ter sido chamado. — Vaelin notou o sotaque do homem: cumbraelino.

O Rei voltou-se para os escribas.

— Que os registros mostrem que Sua Senhoria, Lorde Sentes Mustor, herdeiro do Feudo de Cumbrael e

representante designado dos interesses cumbraelinos na corte do Rei Janus, está presente. — Olhou com firmeza para o cumbraelino. — Lorde Mustor. Como está esta manhã?

Lorde Al Telnar abafou um riso.

— Muito bem, Alteza — respondeu Lorde Mustor. — Sua cidade sempre foi muito gentil comigo.

— Fico feliz. O senhor conhece o Aspecto Arlyn, é claro. Este jovem é o Irmão Vaelin Al Sorna, que retornou há pouco da Floresta Martishe.

O olhar de Lorde Mustor ao se virar para Vaelin foi cauteloso, acenando em uma saudação formal, mas o tom continuou animado, ainda que forçado.

— Ah, a lâmina que me ganhou dez moedas de ouro no Teste da Espada. Prazer em conhecê-lo, jovem senhor.

Vaelin acenou com a cabeça, mas não disse nada. Menções ao Teste da Espada costumavam deixá-lo amuado.

— O Irmão Vaelin nos trouxe alguns documentos. — O Rei pegou as cartas com Lorde Al Genril. — Documentos que levantam questões. Creio que sua opinião a respeito do conteúdo deles seria valiosa para compreendermos seu propósito. Vaelin notou a hesitação momentânea de Lorde Mustor antes de o homem adiantar-se para pegar os documentos da mão do Rei.

— Essas são cartas de livre-trânsito — disse ele, após passar os olhos pelas páginas.

— E elas estão assinadas por seu pai, não? — perguntou o Rei.

— Esse... parece ser o caso, Alteza.

— Então talvez possa explicar como o Irmão Vaelin veio a encontrá-las no corpo de um herege cumbraelino na Floresta Martishe.

Lorde Mustor olhou para Vaelin, os olhos vermelhos

subitamente temerosos, e depois tornou a olhar para o Rei.

— Alteza, meu pai jamais colocaria documentos dessa importância nas mãos de um rebelde. Só posso imaginar que foram roubados de alguma forma. Ou talvez forjados...

— Talvez seu pai possa dar uma explicação mais detalhada.

— E-eu não tenho dúvida de que ele poderia, Alteza. Se pudesse ter a bondade de escrever-lhe...

— Não tenho. Ele virá aqui.

Lorde Mustor deu um passo involuntário para trás, o medo agora evidente em seu rosto. Vaelin viu que a situação diminuía o homem: ele estava sendo testado e respondia de forma insatisfatória.

— Alteza... — gaguejou ele. — Meu pai... Isso não está certo...

O Rei soltou um suspiro longo e exasperado.

— Lorde Mustor, lutei duas guerras contra seu avô e eu o considerava um inimigo de coragem e astúcia notáveis. Nunca gostei dele, mas eu o respeitava muito e tenho a impressão de que ele ficaria grato por não estar mais aqui para ver seu neto tagarelar feito o bêbado libertino que é quando seu Feudo encontra-se à beira da guerra.

O Rei ergueu a mão para chamar o Capitão Smolen.

— Lorde Mustor será nosso hóspede no palácio até segunda ordem — informou-lhe o Rei. — Faça o favor de escoltá-lo aos aposentos apropriados e certifique-se de que não seja incomodado por visitantes indesejados.

— O senhor sabe que meu pai não virá para cá — afirmou Lorde Mustor, seco. — Ele não será interrogado. Aprisione-me aqui se for preciso, mas isso não fará diferença. Um homem não coloca seu filho favorito nas mãos de seu inimigo.

O Rei hesitou, estreitando os olhos ao observar o lorde

cumbraelino. *Ele o pegou de surpresa*, percebeu Vaelin. *Não achava que ele tinha coragem para falar com franqueza.*

— Veremos o que seu pai fará — disse o Rei. — Ele acenou para o Capitão Smolen e Lorde Mustor foi conduzido para fora da sala, seguido por dois guardas.

O Rei voltou-se para um dos escribas.

— Escreva uma carta para o Senhor Feudal de Cumbrael ordenando sua presença aqui dentro de três semanas. — Empurrou a cadeira para trás e levantou-se. — Esta reunião está encerrada. Aspecto Arlyn, Irmão Vaelin, por favor, acompanhem-me aos meus aposentos.

Tudo nos aposentos do Rei passava uma sensação impressionante de ordem, do ângulo dos tapetes finos no piso de ladrilhos de mármore aos documentos na grande mesa de carvalho. Não se assemelhava em nada à sala oculta e apertada de livros e pergaminhos para onde Vaelin havia sido levado oito meses antes. *Aquela sala é onde ele trabalha*, compreendeu. *Aqui é onde ele quer que as pessoas pensem que ele trabalha.*

— Por favor, irmãos, sentem-se. — O Rei indicou duas cadeiras e sentou-se atrás da mesa. — Posso mandar trazer algo para beber, se desejarem.

— Estamos bem assim, Alteza — respondeu o Aspecto Arlyn em um tom neutro. Ele permaneceu de pé, obrigando Vaelin a fazer o mesmo.

O Rei manteve os olhos no Aspecto por um momento antes de se virar para Vaelin, seus lábios abrindo-se em um sorriso por debaixo da barba.

— Note o tom, garoto. Não é respeitoso, mas tampouco é desafiador. É bom aprendê-lo. Suspeito que seu Aspecto esteja bravo comigo. Por que será, eu me pergunto?

Vaelin olhou para o Aspecto, que permaneceu impassível e não respondeu.

— Bem? — insistiu o Rei. — Diga-me, irmão. O que pode ter causado a raiva do seu Aspecto?

— Não posso falar por meu Aspecto, Alteza. O Aspecto fala por mim.

O Rei bufou e bateu com a palma da mão na mesa.

— Ouviu, Arlyn? O tom da mãe dele. Claro como um sino. Não acha assustador às vezes?

O tom do Aspecto Arlyn continuou igual.

— Não, Alteza.

— Não. — O Rei sacudiu a cabeça e riu, pegando uma garrafa de vinho na mesa. — Não, suponho que não ache. — Encheu uma taça para si mesmo e recostou-se na cadeira. — Seu Aspecto está bravo porque acredita que coloquei o Reino no caminho para a guerra — disse ele a Vaelin. — Ele acredita, com certa razão, aliás, que o Senhor Feudal de Cumbrael de bom grado deixará que eu arranque a cabeça de seu filho bêbado dos ombros antes de colocar um pé para fora de suas próprias fronteiras. Isso por sua vez me forçará a enviar a Guarda do Reino até o Feudo para arrancá-lo de lá. Haverá batalhas e banhos de sangue, vilas e cidades serão incendiadas, muitos morrerão. Apesar de sua vocação como guerreiro e, portanto, como causador de morte em suas mais variadas formas, o Aspecto acredita que essa é uma ação lastimável. Ainda assim, ele não me dirá isso. Esse sempre foi o seu jeito.

O silêncio reinou enquanto os dois homens se encaravam e Vaelin teve uma súbita revelação: *Eles se odeiam. O Rei e o Aspecto da Sexta Ordem não se suportam.*

— Diga-me, irmão — prosseguiu o Rei, dirigindo-se a Vaelin, mas mantendo os olhos no Aspecto. — O que acha que o Senhor Feudal fará quando souber que aprisionei seu filho e ordenei que se apresentasse?

— Não conheço o homem, Alteza...

— Ele não é um sujeito complicado, Vaelin. Deduza. Imagino que você tenha o suficiente da inteligência de sua mãe para isso.

Vaelin se viu sentindo aversão pelo modo como a língua do Rei movia-se quando mencionava sua mãe, mas se forçou a responder.

— Ele ficará... irritado. Verá sua ação como uma ameaça. Ficará em guarda, reunindo suas forças e vigiando as fronteiras.

— Ótimo. O que mais ele fará?

— Parece que ele tem duas escolhas: obedecer a sua ordem ou ignorá-la e encarar a guerra.

— Errado, ele tem uma terceira escolha. Ele pode atacar. Com todo o seu poderio. Acha que ele fará isso?

— Não creio que Cumbrael tenha força para enfrentar a Guarda do Reino, Alteza.

— E tem razão. Cumbrael não tem um exército de fato, fora algumas centenas de guardas leais ao Senhor Feudal. O que ele tem são milhares de arqueiros plebeus com os quais pode contar em caso de necessidade. Uma força formidável. Tendo cavalgado em meio a uma ou duas chuvas de flechas na minha época, sei do que estou falando. Mas o Feudo não tem cavalaria, nem infantaria pesada. Na verdade, não tem a menor chance de atacar Asrael ou de medir forças com a Guarda do Reino em campo aberto. O Senhor Feudal de Cumbrael está longe de ser um personagem admirável, mas tem o bastante da inteligência do pai para não desprezar um lembrete sobre o tamanho de sua fraqueza.

O Rei tornou a sorrir, tirando os olhos do Aspecto e gesticulando de forma conciliatória.

— Oh, não se preocupe, Arlyn. Em mais ou menos duas semanas, o Senhor Feudal enviará seu mensageiro com uma desculpa com a devida adulação por não

comparecer em pessoa e uma explicação plausível, ainda que não muito convincente, para as cartas, provavelmente presa a um baú cheio de ouro. Serei convencido por meu sábio filho amante da paz a revogar minha ordem e libertar o bêbado. Depois disso, duvido que o Senhor Feudal entregará outras cartas de livre-trânsito a fanáticos Negadores. E, o que é mais importante, ele se lembrará do seu lugar neste Reino.

— Devo supor, Alteza — disse o Aspecto —, que o senhor está convencido de que o Senhor Feudal é o autor das cartas?

— Convencido? Não. Mas parece provável. O homem pode não ser fanático como os tolos que o Irmão Vaelin liquidou na Martishe, mas ele tem uma inclinação pelo seu deus. Provavelmente está preocupado com seu lugar nos Campos Eternos agora que já passou dos cinquenta anos. Seja como for, se ele escreveu ou não as cartas não faz muita diferença. O problema está no simples fato de existirem. Uma vez que se tornaram conhecidas, eu tinha pouca escolha a não ser agir. Pelo menos dessa forma o Senhor Feudal sentirá que tem uma dívida com meu filho quando ele subir ao trono.

O Rei bebeu depressa o resto do vinho e levantou-se da mesa.

— Chega de política. Tenho outros assuntos a tratar com vocês, irmãos. Venham. — Fez sinal para que o seguissem até uma sala adjacente não menos decorada, mas no lugar de quadros ou tapeçarias as paredes eram adornadas com espadas, uma centena ou mais de lâminas reluzentes. Algumas eram de padrão asraelino, mas havia muitas outras de estilos que Vaelin jamais vira. Grandes espadas largas de duas mãos e quase dois metros de comprimento. Sabres curvados quase em um semicírculo, semelhantes a foices. Longas rapieiras sem fio e com guardas abauladas. Espadas com lâminas feitas de ouro ou prata, apesar do fato de

tais metais serem moles demais para serem usados na fabricação de armas úteis.

— Bonitas, não acham? — comentou o Rei. — Venho colecionando-as há anos. Algumas foram presentes, outras espólios de guerra, e outras ainda eu comprei simplesmente porque gostei da aparência. De vez em quando dou uma de presente — virou-se para Vaelin, sorrindo mais uma vez — a um rapaz como você, irmão.

Vaelin sentiu um súbito reaparecimento da inquietação que o dominara durante seu primeiro encontro com o Rei. A perturbadora compreensão de que ele era uma peça pequena de um propósito maior e oculto. A sensação de algo errado, o que Nersus Sil Nin chamara de canção do sangue, soava baixa no fundo de sua mente. *Se ele me der uma espada...*

— Sou um irmão noviço da Sexta Ordem, Alteza — disse ele, tentando manter o tom neutro do Aspecto. — Honrarias reais não são para alguém como eu.

— Honrarias reais são precisamente para alguém como você, Jovem Falcão — retorquiu o Rei. — Infelizmente, com frequência sou obrigado a concedê-las aos que não as merecem. Hoje será uma mudança bem-vinda. — O Rei abarcou com um gesto à coleção de espadas que os rodeava. — Escolha.

Vaelin virou-se para o Aspecto em busca de orientação.

Os olhos do Aspecto Arlyn estreitaram-se levemente, mas sua expressão continuou inalterada. Ele permaneceu em silêncio por um momento e, quando falou, o tom era o mesmo de antes, sem deferência ou desafio.

— O Rei o honra, irmão. Dessa forma, ele honra a Ordem. Você aceitará.

— Mas isso é correto, Aspecto? Um homem pode ser um irmão e um Espada do Reino?

— Já aconteceu antes. Há muitos anos. — O Aspecto

tirou os olhos do Rei e encarou Vaelin de forma mais branda, mas não havia espaço para discussão em sua voz. — Você aceitará a honraria do Rei, Irmão Vaelin.

Eu não a quero!, pensou com raiva. *É pagamento, pagamento por um assassinato. Esse velho maquinador quer me prender ainda mais a ele.*

Porém, Vaelin não conseguia ver escapatória. O Aspecto lhe dera uma ordem. O Rei lhe concedera uma honraria. Tinha que aceitar a espada.

Engolindo um suspiro de frustração, Vaelin passou os olhos pelas paredes, indo de uma lâmina a outra. Brincou com a ideia de escolher uma das lâminas de ouro: poderia sempre vendê-la depois, mas concluiu que uma arma com alguma utilidade prática seria a escolha mais sábia. Não via muito sentido em pegar uma espada asraelina, pois dificilmente poderia ser melhor do que sua própria lâmina de prata estelar, e as armas mais exóticas pareciam ser de difícil manejo. Seus olhos finalmente caíram sobre uma espada curta de lâmina larga com uma guarda simples de bronze e punho de madeira. Vaelin a tirou da parede e experimentou fazer alguns movimentos, achando-a bem balanceada com um peso confortável. O gume era afiado, o aço brilhante e imaculado.

— Volariana — disse o Rei. — Não muito bonita, mas é uma arma resistente, útil no calor da batalha quando não é mais possível erguer um braço. Uma boa escolha. — Estendeu a mão e Vaelin lhe entregou a espada. — Normalmente haveria uma cerimônia, com vários juramentos e ajoelhação, mas acho que podemos deixar isso de lado. Vaelin Al Sorna, eu o nomeio Espada do Reino. Compromete-se a empregar sua espada a serviço do Reino Unificado?

— Sim, Alteza.

— Então use-a bem. — O Rei devolveu-lhe a espada. — Agora, como Espada do Reino, preciso encontrar uma

patente para você. Eu o nomeio comandante do Trigésimo Quinto Regimento de Infantaria. Visto que o Aspecto teve a bondade de permitir que a Casa da Ordem fosse usada para acomodar meu regimento, creio que é apropriado que a Ordem continue a comandá-lo. Você treinará os soldados e os comandará na guerra, quando a hora chegar.

Vaelin olhou para o Aspecto à espera de alguma reação, mas a única coisa que viu foi a mesma falta rígida de expressão.

— Perdoe-me, Alteza, mas se o regimento deve ficar sob o controle da Ordem, então o Irmão Makril parece ser a melhor escolha...

— O famoso caçador de Negadores? Oh, acho que não. Eu não poderia lhe dar uma espada, poderia? Somente alguém enobrecido pela Coroa pode comandar um regimento da Guarda do Reino. Em quanto tempo acha que eles estarão prontos?

— Nossas baixas na Martishe foram pesadas, Alteza. Os homens estão cansados e não são pagos há semanas.

— É mesmo? — O Rei olhou para o Aspecto com as sobrancelhas erguidas.

— A Ordem cobrirá as despesas — disse o Aspecto. — Só seria correto se o regimento fosse comandado por nós.

— Muito generoso, Arlyn. Quanto às baixas, pode pegar quantos quiser das masmorras, além de quaisquer homens que puder recrutar das ruas. Imagino que não serão poucos os garotos que tentarão servir em um regimento comandado pelo famoso Irmão Vaelin. — Ele deu uma risada pesarosa. — A guerra é sempre uma aventura para aqueles que nunca a testemunharam.

CAPÍTULO QUATRO

— Sem estupradores, assassinos ou viciados em flor rubra. — O Sargento Krelnik entregou ao carcereiro-chefe a ordem do Rei com a menor das mesuras. — Nada de fracos também. Temos que fazer esses sujeitos virarem soldados.

— A vida em uma masmorra não faz muito bem à saúde de um homem — retorquiu o carcereiro-chefe, conferindo o selo na ordem do Rei e lendo rapidamente o conteúdo. — Mas sempre nos esforçamos para fazer o melhor para Sua Alteza, ainda mais por ter enviado o guerreiro mais famoso do Reino. — Ele deu um sorriso para Vaelin com intenção de que fosse insinuante ou irônico, mas era difícil saber qual dos depois debaixo da sujeira. A princípio Vaelin confundira o carcereiro-chefe com um prisioneiro devido ao estado da roupa que o homem vestia e da sujeira que lhe cobria a carne, mas a largura do abdome e o imenso molho de chaves pendurado no cinto indicavam seu cargo.

As Masmorras Reais eram um conjunto de fortes antigos e interligados próximo do porto que teriam caído em desuso com a construção das muralhas da cidade dois séculos antes. Contudo, uma sucessão de governantes achou que as galerias cavernosas eram um lugar ideal para aprisionar os elementos criminosos da cidade. Aparentemente era impossível saber o número exato de prisioneiros.

— Eles morrem com tanta frequência que eu perco a conta — explicou o carcereiro-chefe. — Os maiores e mais cruéis duram mais tempo, podem lutar pela

comida, entende?

Vaelin olhou para a escuridão além da grossa grade de ferro presa sobre a entrada das galerias, resistindo ao impulso de esconder o rosto no manto para se proteger do fedor insuportável.

— Você entrega muitos à Guarda do Reino? — perguntou.

— Depende da agitação da época. Durante a guerra meldeneana, o lugar quase ficou vazio. — As chaves do carcereiro-chefe chacoalharam ao avançar para destrancar a grade, e ele fez um sinal para que quatro guardas robustos que estavam por perto os seguissem. — Bem, vamos ver se a safra do dia é boa.

A safra consistia de menos de cem homens, todos em estágios variados de magreza, vestindo farrapos e sujos com uma camada de terra, sangue e imundície. Piscavam à luz do sol, olhando desconfiados para os guardas nas muralhas acima do pátio principal, cada um mirando uma besta carregada contra o grupo de prisioneiros.

— Isso é mesmo o melhor que você pode fazer? — perguntou cético o Sargento Krelnik ao carcereiro-chefe.

— Ontem foi dia de enforcamento — respondeu o homem, dando de ombros. — Não dá para ficar com eles para sempre.

O Sargento Krelnik sacudiu a cabeça com repugnância estoica e começou a enfileirar os homens à força.

— Quero ver alguma ordem aqui, sua corja! Vocês não servirão para a Guarda do Reino se não conseguirem ficar retos. — Continuou a insultá-los até ficarem dispostos em duas filas desiguais, e então virou-se para Vaelin, batendo continência. — Recrutas prontos para a inspeção, meu senhor.

Meu senhor. O título ainda lhe soava estranho aos ouvidos. Ele não se sentia um senhor, sentia-se e parecia-se com um irmão da Sexta Ordem. Não tinha

terras, criados ou riquezas, e ainda assim o Rei o proclamara um lorde. A sensação era a de uma mentira, uma de muitas.

Acenou com a cabeça para o Sargento Krelnik e caminhou ao longo da fila, tendo dificuldade em encontrar os muitos olhos assustados que o seguiam. Alguns homens estavam mais empertigados do que outros, alguns tão magros e debilitados que era impressionante ainda conseguirem se manter de pé. E todos fediam, um fedor pesado e nauseabundo que ele conhecia tão bem. Esses homens fediam às suas próprias mortes.

Continuou a percorrer a fila até que algo o fez parar, um par de olhos que não o seguia, mantendo-se fixos no chão. Vaelin parou e então se aproximou do homem. Era mais alto do que a maioria dos prisioneiros, mais largo também, a carne flácida no peito relevando um torso outrora musculoso enfraquecido por um longo período de subnutrição. Quase invisível debaixo da sujeira que lhe cobria o antebraço havia a marca funda de um ferimento mal cicatrizado.

— Ainda escalando? — perguntou Vaelin.

Gallis ergueu a cabeça, encontrando seus olhos com relutância.

— De vez em quando, irmão.

— O que foi dessa vez? Outro saco de especiarias?

Um traço de divertimento apareceu no rosto cansado de Gallis.

— Prata. De uma das casas grandes. Teria me safado, se meu vigia não tivesse perdido a cabeça.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Um ou dois meses. A gente perde a noção do tempo nas galerias. Eu devia ter sido enforcado ontem, mas a carroça estava cheia.

Vaelin acenou com a cabeça para o braço com a cicatriz.

— Isso lhe causa algum problema?

— Dói um pouco nos meses de inverno. Mas ainda consigo escalar uma parede melhor do que qualquer homem. Não se preocupe.

— Ótimo. Posso usar um escalador. — Vaelin aproximou-se um passo, mantendo o olhar fixo no do homem. — Mas saiba que não esqueci o que você tentou fazer com a Irmã Sherin, então se fugir...

— Nem pensaria nisso, irmão. Posso ser um ladrão, mas não quebro minha palavra. — Gallis fez um esforço para parecer um soldado, estufando o peito e endireitando os ombros. — Ora, seria uma honra marchar com...

— Está bem. — Vaelin fez sinal para que ele se calasse e afastou-se, erguendo a voz para que todos pudessem ouvir. — Meu nome é Vaelin Al Sorna, irmão da Sexta Ordem e comandante do Trigésimo Quinto Regimento de Infantaria pela Palavra do Rei. O Rei Janus teve a bondade de comutar sua pena para o privilégio de servir na Guarda do Reino. Em troca, vocês marcharão e lutarão conforme o desejo de Sua Alteza pelos próximos dez anos. Vocês serão alimentados, pagos e seguirão minhas ordens sem questionar. Qualquer homem culpado de indisciplina ou embriaguez será chicoteado. Qualquer homem que desertar será executado.

Ele examinou os rostos dos homens à procura de alguma reação às suas palavras, mas viu principalmente alívio silencioso. Mesmo as agruras da vida de um soldado eram preferíveis a outra hora nas masmorras.

— Sargento Krelnik.

— Meu senhor!

— Leve-os para a Casa da Ordem. Tenho negócios a tratar na cidade.

A sede da casa nobre de Al Hestian ficava no quadrante norte, o distrito mais rico da cidade. Era uma mansão imponente de arenito vermelho com muitas janelas e um terreno vasto cercado por uma muralha sólida encimada por pontas de ferro. O criado vestido impecavelmente junto ao portão escutou com desinteresse praticado a pergunta de Vaelin antes de pedir-lhe que esperasse e entrar para pedir instruções. Ele retornou após alguns minutos.

— O jovem mestre Al Hestian está no jardim nos fundos da casa, meu senhor. Ele lhe dá as boas-vindas e pede para que se junte a ele.

— E o Lorde Comandante?

— Lorde Al Hestian foi chamado ao palácio esta manhã. Ele não deve retornar antes do anoitecer.

Vaelin suspirou mentalmente de alívio. A provação que tinha pela frente seria mais árdua se tivesse de enfrentar tanto o pai quanto o irmão.

Após atravessar o portão, encontrou um pelotão de Guardas Reais andando pelo gramado, um deles segurando as rédeas de uma bela égua branca. Seu alívio desapareceu ao deduzir o significado da presença deles. Os guardas lhe fizeram uma reverência formal ao passar por eles. Parecia que as notícias de sua nova patente haviam se espalhado rapidamente. Vaelin retribuiu o cumprimento e apertou o passo, ansioso para acabar com aquilo e voltar para a Casa da Ordem, onde poderia se ocupar em treinar seu regimento. *Meu regimento.* Aquele fato o deixava perplexo. Mal tinha dezenove anos e o Rei lhe dera um regimento, e apesar de Caenis não ter demorado a apresentar uma lista de guerreiros famosos que chegaram a posições de comando ainda novos, para Vaelin aquilo ainda parecia absurdo. Tentara obter uma explicação do Aspecto na viagem de volta à Casa da Ordem após a reunião no palácio, mas suas perguntas foram recebidas com uma

simples instrução para que seguisse as ordens que lhe foram dadas. Entretanto, o modo como o Aspecto franzia preocupado o cenho indicava que as ações do Rei lhe deram muito o que pensar.

Os jardins formavam um longo labirinto de sebes e canteiros de flores que desabrochavam com a chegada da primavera. Vaelin os encontrou abrigados do sol sob um bordo. A princesa estava encantadora como sempre, com um sorriso radiante no rosto e jogando para os lados o cabelo vermelho-dourado enquanto ouvia o jovem sério sentado a seu lado no banco ler em voz alta trechos de um livro pequeno. Vaelin notou apenas uma leve semelhança com o irmão em Alucius Al Hestian, um garoto magro de uns quinze anos e feições joviais e delicadas, quase femininas, encimadas por uma cabeleira de cachos negros que lhe caíam sobre os ombros. O garoto vestia o preto do luto. Vaelin apertou a bainha da espada longa que carregava, respirou fundo e avançou com toda a confiança que conseguiu reunir. Ao se aproximar, pôde ouvir o refrão cadenciado das palavras do garoto:

—*“Rogo, meu amor, para que não chore mais, não derrame lágrimas pela minha partida, erga o rosto aos campos celestiais e deixe que o sol trate-lhe a ferida...”*

Calou-se quando a sombra de Vaelin caiu sobre eles.

— Meu Lorde Al Sorna! — Alucius levantou-se para cumprimentá-lo, estendendo a mão sem se preocupar com as formalidades de suas posições que Vaelin achava tão cansativas. — É realmente uma honra. As cartas de meu irmão falavam muito bem do senhor.

A confiança de Vaelin minguou e foi levada pelo vento.

— Seu irmão às vezes era um homem por demais generoso, senhor. — Apertou a mão do garoto e fez uma mesura curta para a Princesa Lyrna. — Alteza.

Ela inclinou a cabeça.

— É um prazer tornar a vê-lo, irmão. Ou prefere “meu

senhor” atualmente?

Encontrou o olhar da princesa, uma fúria crescente ameaçando fazer brotar-lhe dos lábios palavras insensatas.

— O que for do seu agrado, Alteza.

Ela coçou o queixo em uma contemplação exagerada; tinha as unhas pintadas de azul-claro e adornadas com joias incrustadas que reluziam à luz do sol.

— Acho que continuarei lhe chamando de “irmão”. Parece mais... apropriado.

Havia uma rispidez quase imperceptível na voz dela. Vaelin não sabia dizer se ela estava brava, ainda remoendo a rejeição, ou se simplesmente zombava de um homem que ela considerava um tolo por abrir mão da oportunidade de dividir o poder que ela tanto almejava.

— Um belo poema, senhor. — Virou-se para Alucius, procurando escapar. — Um dos clássicos?

— Dificilmente. — O garoto parecia um pouco embaraçado e deixou de lado o pequeno livro que segurava. — Apenas uma bobagem.

— Oh, não seja tão modesto, Alucius — repreendeu a princesa. — Irmão Vaelin, você tem a honra de testemunhar uma leitura de um dos poetas mais promissores do Reino. Tenho certeza de que nos próximos anos terá orgulho por ter estado presente.

Alucius encolheu os ombros, acanhado.

— Lyrna me lisonjeia. — Seus olhos caíram sobre a espada longa na mão de Vaelin e a tristeza cobriu-lhe o rosto. — É para mim?

— Seu irmão queria que o senhor ficasse com ela. — Vaelin ofereceu a espada para Alucius. — Ele pediu que a deixasse embainhada.

O garoto aceitou a espada após um momento de hesitação, apertando o punho com força, sua expressão subitamente feroz.

— Ele sempre foi mais clemente do que eu. Aqueles que o mataram pagarão. Eu juro.

Palavras de um garoto, pensou Vaelin, sentindo-se muito velho. *Palavras de uma história, ou de um poema.*

— O homem que matou seu irmão está morto, senhor. Não há vingança a ser buscada.

— Os cumbraelinos enviaram seus guerreiros para a Martishe, não? Estão tramando contra nós neste exato momento. Meu pai foi avisado sobre isso. O Senhor Feudal cumbraelino enviou os hereges que mataram Linden.

As notícias realmente voam do palácio.

— A questão está nas mãos do Rei. Tenho certeza de que ele colocará o Reino no caminho certo.

— O caminho da guerra é o único que seguirei. — A sinceridade do garoto era intensa, e lágrimas brilhavam em seus olhos.

— Alucius. — A Princesa Lyrna colocou com gentileza a mão no ombro do garoto, falando em um tom calmante. — Sei que Linden jamais teria desejado que você carregasse ódio em seu coração. Escute as palavras do Irmão Vaelin. Não há vingança a ser executada. Lembre-se de Linden com carinho e deixe a espada na bainha, como ele desejava.

A preocupação da princesa soava tão genuína que Vaelin quase esqueceu a raiva que sentia, mas a imagem vívida do rosto pálido de Linden quando ele pressionou a faca contra o pescoço do nobre desfez qualquer ilusão. Ainda assim, as palavras de Lyrna pareceram acalmar o garoto: a raiva desapareceu de seu rosto, embora as lágrimas permanecessem.

— Peço que me perdoe, meu senhor — balbuciou ele. — Preciso ficar sozinho agora. Eu... eu gostaria de tornar a falar com o senhor, sobre meu irmão e o tempo que passou com ele.

— Pode me encontrar na Casa da Sexta Ordem,

senhor. Ficarei feliz em responder quaisquer perguntas que tiver.

Alucius assentiu, virou-se para dar um beijo rápido no rosto da princesa e voltou para a casa, ainda chorando.

— Pobre Alucius — suspirou a princesa. — Ele sente as coisas com essa intensidade desde que éramos crianças. Sabia que ele pretende pedir por um posto em seu regimento?

Vaelin virou-se para ela e viu que o sorriso desaparecera, o rosto perfeito sério e determinado.

— Eu não sabia.

— Há rumores de guerra. Ele tem visões em que seguirá você até a capital cumbraelina, onde juntos punirão o Senhor Feudal. Eu ficaria muito feliz se você o recusasse. Ele é apenas um menino, e mesmo como homem não creio que ele sequer daria um bom soldado. Apenas acabaria como um cadáver bonito.

— Não há cadáveres bonitos. Se ele pedir, vou recusá-lo.

As feições da princesa se suavizaram e os lábios rosados curvaram-se em um sorriso delicado.

— Obrigada.

— Eu não poderia aceitá-lo mesmo que quisesse. Meu Aspecto decidiu que todos os oficiais no regimento serão irmãos da Ordem.

— Compreendo. — O sorriso dela tornou-se melancólico ao reconhecer a recusa de Vaelin em entrar no seu jogo de favores. — Acha que haverá guerra? Com os cumbraelinos?

— O Rei acha que não.

— O que você acha, irmão?

— Acho que devemos confiar no julgamento do Rei. — Fez uma mesura rígida e virou-se para ir embora.

— Recentemente tive a sorte de encontrar uma amiga sua — prosseguiu ela, fazendo-o parar. — Irmã Sherin, não é? Ela administra uma casa de cura da Quinta

Ordem em Warnsclave. Fui até lá fazer uma doação em nome de meu pai. Uma garota amável, embora terrivelmente dedicada. Mencionei que havíamos nos tornado amigos e ela pediu para que eu mandasse lembranças a você. Se bem que ela parecia achar que você podia ter se esquecido dela.

Não fale nada, disse a si mesmo. *Não conte nada a ela. A arma dela é o conhecimento.*

— Tem alguma resposta para ela? — insistiu a princesa. — Eu poderia mandar o Mensageiro do Rei entregá-la. Odeio ver amizades terminarem sem motivo.

O sorriso dela estava radiante agora, o mesmo sorriso do qual Vaelin se lembrava da conversa que tiveram no jardim particular, o sorriso que mostrava uma confiança inabalável e uma sabedoria que não condizia com a idade que ela tinha. O sorriso que lhe dizia que ela achava que conhecia sua mente.

— Fico feliz que o destino tenha feito com que voltássemos a nos encontrar — continuou ela quando Vaelin não respondeu. — Estive pensando, ponderando um problema que talvez lhe interesse.

Vaelin permaneceu calado, olhando-a nos olhos e recusando-se a jogar qualquer que fosse o jogo que ela tivesse em mente.

— Quebra-cabeças são um de meus passatempos — prosseguiu ela. — Certa vez resolvi um problema matemático que frustrara a Terceira Ordem por mais de um século. Nunca contei a ninguém, é claro. Não é adequado que uma princesa supere homens brilhantes. — A voz havia mudado mais uma vez, assumindo um viés amargurado.

— Sua perspicácia é digna de respeito, Alteza — disse Vaelin.

Ela inclinou a cabeça, aparentemente alheia ao cumprimento vazio.

— Mas o que tem me intrigado ultimamente é um

evento no qual você esteve intimamente envolvido: o massacre dos Aspectos, embora eu não consiga imaginar por que é chamado assim, visto que apenas dois deles morreram.

— E por que um evento tão desagradável a interessa, Alteza?

— É o mistério, é claro. O enigma. Por que os assassinos atacariam os Aspectos naquela noite em particular, uma noite em que irmãos noviços da Sexta Ordem estavam presentes em três das Casas das Ordens? Parece ser uma estratégia particularmente medíocre.

Vaelin não pôde deixar de ficar interessado. *Ela tem algo a dizer. Por quê? Que vantagem ela ganha com isso?*

— E a que conclusões chegou, Alteza?

— Existe um jogo alpirano chamado *keschet*, que significa “astúcia” em nosso idioma. É bastante complexo: vinte e cinco peças diferentes jogadas em um tabuleiro de cem casas. Os alpiranos têm grande amor por estratégias, nos negócios e nas guerras. Algo que espero que meu pai se lembre no futuro.

— Alteza?

Ela acenou com a mão.

— Não importa. Jogos de *keschet* podem durar dias e é sabido que sábios devotaram suas vidas inteiras ao domínio das complexidades do jogo.

— Uma tarefa que estou certo que Vossa Alteza já concluiu.

Ela encolheu os ombros.

— Não foi tão difícil. Está tudo no movimento de abertura. Há apenas umas duzentas variações, sendo que a mais eficaz é o Ataque do Mentiroso, uma série de movimentos designados para parecerem essencialmente defensivos, mas que na verdade escondem uma sequência ofensiva que leva à vitória

em apenas dez movimentos, se executada de forma correta. O sucesso do ataque depende de concentrar a atenção do oponente em um movimento evidente separado em outra região do tabuleiro. O ponto-chave está no foco restrito da ofensiva oculta, cujo único objetivo é remover o erudito, que não é a peça mais poderosa no tabuleiro, mas é crucial para uma defesa bem-sucedida. O oponente, no entanto, terá se convencido de que está enfrentando um ataque variado em uma frente ampla.

— Atacar todos os Aspectos foi uma distração — disse Vaelin. — Eles pretendiam matar apenas um deles.

— Talvez, ou talvez dois. Na verdade, aplicando essa teoria de forma mais ampla, é possível que você fosse a vítima pretendida e os Aspectos meramente secundários.

— É essa sua conclusão?

Ela sacudiu a cabeça.

— Todas as teorias necessitam de uma suposição, e nesse caso suponho que quem quer que tenha orquestrado esse ataque estava tentando causar danos às Ordens e à Fé. É evidente que simplesmente matar os Aspectos faria com que esse objetivo fosse alcançado, mas novos Aspectos podem ser nomeados para substituí-los, como o Aspecto Tendris Al Forne, e não é exagero concluir que a ascensão dele criou uma divisão entre as Ordens. O dano foi causado.

— Está dizendo que o ataque inteiro tinha como objetivo elevar Al Forne a Aspecto da Quarta Ordem?

A princesa ergueu o rosto para o céu, fechando os olhos enquanto o sol lhe esquentava a pele.

— Estou.

— Está dando voz a palavras perigosas, Alteza.

Ela sorriu, de olhos ainda fechados.

— Apenas para você, e gostaria que me chamasse de Lyrna.

A promessa de poder não foi suficiente, pensou. *Então agora ela me tenta com conhecimento.*

— Como Linden a chamava?

Houve apenas uma pausa breve antes que ela desviasse o rosto do sol e olhasse nos olhos de Vaelin.

— Ele me chamava de Lyrna, quando ficávamos a sós. Éramos amigos desde a infância. Enviou-me muitas cartas da floresta, então sei como ele o admirava. Doeu-me o coração ao ouvir...

— O amor precisa arriscar tudo ou perecer. — Vaelin estava ciente de que a raiva deixara sua voz mais ríspida e que tinha no rosto um olhar furioso. Também estava ciente de que a princesa parara de sorrir. — Não foi o que disse a ele?

Durou apenas um momento, mas Vaelin estava certo de que algo como pesar passara pelo rosto de Lyrna, e pela primeira vez havia incerteza na voz da princesa.

— Ele sofreu?

— O veneno que tinha nas veias fez com que gritasse de agonia e suasse sangue. Ele disse que a amava. Disse que havia ido para a Martishe para ganhar a aprovação de seu pai para que vocês pudessem se casar. Antes que eu cortasse a garganta dele, Al Hestian me pediu para entregar-lhe uma carta. Quando o entregamos ao fogo, eu a queimei.

Lyrna fechou os olhos por um segundo, uma figura de beleza e pesar, mas quando tornou a abri-los tudo desapareceu, e não havia emoção em sua resposta:

— Sigo os desejos de meu pai em todas as coisas, irmão. Assim como você.

A verdade da afirmação o atingiu em cheio. Eles eram cúmplices. Estavam unidos por um assassinato. Vaelin pode ter resistido para soltar a corda do arco, mas havia colocado Linden no caminho da flecha fatal, tal como ela o colocara no caminho para a Martishe. Ocorreu-lhe que esse podia ter sido o plano do Rei desde o início:

que um assassinato sórdido os unisse na culpa.

Sabia que sua inimizade com a princesa era um engodo, uma tentativa de evitar sua própria parte da culpa, mas ainda assim se viu prendendo-se a ela. *Ela é fria, calculista e indigna de confiança.* Porém, mais do que isso, Vaelin odiava a influência contínua que a princesa exercia sobre ele, a habilidade natural de lhe despertar o interesse.

Houve um breve lampejo de algo por trás dos olhos de Lyrna quando ele notou a intensidade com que ela o encarava. *Medo*, concluiu. *O único homem que conseguia deixá-la com medo.*

Vaelin tornou a curvar-se, a culpa misturando-se com a satisfação em seu peito.

— Com sua licença, Alteza.

A Irmã Gilma era rechonchuda e amigável, sorria com facilidade e tinha brilhantes olhos azuis que cintilavam sem parar de jovialidade.

— Em nome da Fé, irmão, anime-se! — disse ela quando se encontraram pela primeira vez, virando o queixo de Vaelin para o lado com um soco de brincadeira. — Até parece que você carrega o Reino nos ombros. Eles o chamam de Irmão Carrancudo.

— Tem certeza que quer uma curandeira vinculada ao regimento? — perguntara Nortah.

A Irmã Gilma riu.

— Oh, estou vendo que vou gostar de você! — disse ela em seu pesado sotaque nilsaelino, dando um soco menos brincalhão no braço de Nortah.

Vaelin escondera sua decepção com o fato de a Aspecto Elera não ter achado apropriado designar a Irmã Sherin em resposta ao seu pedido, embora não tivesse ficado surpreso.

— Você receberá o que for preciso, irmã.

— Acho bom mesmo. — Ela riu. No mês que se passara desde sua chegada, Vaelin notara que ela costumava rir quando estava sendo séria e empregava um tom sem graça ao fazer uso do fraco que tinha por zombarias leves, mas eficazes.

— Mais dois braços quebrados hoje — disse ela com uma gargalhada e sacudindo a cabeça quando ele entrou na tenda grande que ela usava como sala de tratamento. Quatro homens estavam acamados, enfaixados e adormecidos. Outros dois estavam sendo tratados pelos assistentes que ela insistira em recrutar das fileiras. Para surpresa de Vaelin, Gilma escolhera dois dos homens recrutados à força das masmorras, sujeitos magros de mente ligeira e mãos cuidadosas que provavelmente teriam dado soldados ruins, de qualquer forma.

— Continue exigindo tanto desses homens e daqui a um mês restarão poucos para encarar uma batalha. — Ela deu seu sorriso radiante, com um brilho nos olhos azuis.

— Batalhas exigem esforço dos soldados, irmã. Um treinamento menos exigente criará soldados menos esforçados, que por sua vez se tornarão cadáveres sem muito esforço.

O sorriso dela diminuiu um pouco.

— Então a batalha se aproxima? Haverá uma guerra?

Guerra. A pergunta estava nos lábios de todos. Haviam se passado quatro semanas desde que o Rei convocara o Senhor Feudal de Cumbrael, e nenhuma resposta havia sido dada. A Guarda do Reino fora confinada aos quartéis e as licenças canceladas. Rumores se espalhavam com velocidade alarmante. Cumbraelinos estavam se reunindo na fronteira. Arqueiros cumbraelinos foram vistos na Urlish. Seitas ocultas de Negadores tramavam toda espécie de vilanias hediondas inspiradas pelas Trevas. Por todos os

lados o ar estava repleto de expectativa e incerteza, fazendo com que Vaelin exigisse dos homens o máximo que ousava. Se uma tempestade arrebentasse, eles tinham que estar prontos.

— Sei tanto quanto você, irmã — disse Vaelin. — Algum outro caso de sífilis?

— Não desde minha última visita ao acampamento das moças.

Determinou-se que um surto de sífilis entre os homens teve como origem um acampamento de prostitutas corajosas, erguido na floresta a apenas três quilômetros de distância. Temendo a reação do Aspecto diante da notícia de que havia um antro de prostitutas tão perto da Casa da Ordem, Vaelin ordenara que o Sargento Krelnik reunisse um pelotão composto pelos homens mais confiáveis para expulsar as mulheres e mandá-las de volta à cidade. Entretanto, o velho soldado o surpreendeu ao hesitar.

— Tem certeza disso, meu senhor?

— Tenho vinte homens sifilíticos demais para treinar, Sargento. Este regimento está sob o comando da Ordem. Não podemos ter homens escapando para... entregarem-se ao prazer dessa forma.

O sargento piscou e manteve impassível o rosto grisalho e marcado, mas Vaelin tinha certeza de que ele estava segurando um sorriso. Às vezes, quando falava com o sargento, ele se sentia como uma criança dando ordens ao avô.

— Hã, com todo o respeito, meu senhor. O regimento pode pertencer à Ordem, mas os homens não pertencem. Eles não são irmãos, são soldados, e soldados esperam encontrar uma mulher de vez em quando. Tire o... prazer deles e haverá problemas. Não estou dizendo que os homens não o respeitam, meu senhor, sem dúvida respeitam, nunca vi um bando com mais medo do seu comandante que esse, mas esses

sujeitos não são exatamente a nata do Reino, e temos exigido muito deles. Se ficarem desapontados demais, eles podem começar a desertar, com forca ou não.

— E quanto à sífilis?

— Oh, a Quinta Ordem tem remédios de sobra para isso. A Irmã Gilma dará um jeito. Faça com que ela visite essas mulheres e ela resolverá o problema sem demora.

Assim, foram até Irmã Gilma e Vaelin balbuciou um pedido enquanto ela o encarava com um olhar glacial.

— Você quer que eu vá até um acampamento cheio de prostitutas para curá-las de sífilis? — perguntou ela com frieza.

— Escoltada, irmã, é claro.

Gilma desviou o olhar, fechando os olhos enquanto Vaelin lutava contra o desejo de fugir dali.

— Cinco anos de treinamento na Casa da Ordem — disse ela em voz baixa. — Mais quatro na fronteira setentrional, atacada por selvagens e tempestades de gelo. E qual é a minha recompensa? Viver entre a escória do Reino e cuidar de suas amantes. — Ela sacudiu a cabeça. — Os Finados sem dúvida me amaldiçoaram.

— Irmã, não quis ofender!

— Oh, ótimo! — disse ela, sorrindo de repente. — Vou pegar minha mala. A escolta não será necessária, mas vou precisar de alguém para me mostrar o caminho. — Ela ergueu uma sobrancelha para Vaelin. — Você não o conhece, não é, irmão?

Ele fez uma careta ao se lembrar da negação gaguejada. O Sargento Krelnik tinha razão: os incidentes de sífilis diminuíram rapidamente e os homens continuaram contentes, ou tão contentes quanto podiam ficar após semanas de treinamento sob a tutela dolorosa de seus irmãos. Vaelin optou por esquecer-se de notificar o Aspecto sobre o incidente, e havia um acordo implícito de não discutir esse assunto

entre os irmãos.

— Precisa de alguma coisa? — perguntou a Gilma. — Posso enviar uma carroça até sua Casa da Ordem para trazer suprimentos.

— Meus estoques são suficientes por ora. O jardim de ervas de Mestre Smentil tem sido de grande ajuda. Ele é tão querido. Tem me ensinado a língua dos sinais, veja. — Ela fez uma série de sinais com as mãos gordas, porém ágeis, que podem ser traduzidos aproximadamente como: *Sou uma porca irritante.* — Significa "Meu nome é Gilma".

Vaelin assentiu, impassível.

— Mestre Smentil é um professor talentoso.

Ele a deixou com os feridos e saiu da tenda. Havia homens treinando por toda parte, agrupados em companhias ao redor de irmãos que se esforçavam para transmitir em poucos meses habilidades aprendidas no decorrer de uma vida. Geralmente era uma tarefa frustrante; os recrutas pareciam lentos e desajeitados demais, e desconheciam os princípios mais básicos de combate. Tanto que seus irmãos reclamaram indignados quando Vaelin proibiu o uso da vara.

— Não dá pra treinar um cão sem bater nele — comentou Dentos.

— Eles não são cães — retorquiu Vaelin. — Tampouco são garotos, ou pelo menos a maioria deles não é. Usem treinamentos extras ou trabalhos braçais, cortem a ração de rum se acharem apropriado. Mas nada de surras.

O regimento agora estava com força total, a quantidade de membros aumentada pelos homens recrutados das masmorras e por um fluxo constante de novos recrutas que, tal como previra o Rei, foram atraídos à vida militar pela lenda de Vaelin, alguns inclusive percorrendo grandes distâncias para alistarem-se.

— Na maioria das vezes, é o ronco na barriga de um homem que faz com que se aliste — observou o Sargento Krelnik. — Esses sujeitos parecem querer apenas a glória de servir sob as ordens do Jovem Falcão.

À medida que as semanas passavam, o treinamento começou a fazer efeito: os homens ficavam visivelmente mais fortes, auxiliados por uma dieta saudável, coisa que muitos jamais haviam experimentado. Ficavam mais empertigados e moviam-se mais rápido, manuseando as armas com maior destreza, embora ainda tivessem muito a aprender. Gallis, o Escalador, logo recuperou boa parte do porte físico, animado por visitas constantes ao acampamento das prostitutas. Ele se tornou um dos personagens do regimento, sempre pronto com um gracejo cínico para fazer os companheiros rirem, embora fosse sábio o bastante para controlar a língua durante as sessões de treinamento. Os irmãos podiam ter sido proibidos de usar a vara, mas conheciam mil formas de machucar um homem no calor de uma luta de treino. O mais gratificante para Vaelin era a disciplina dos homens: raramente brigavam entre si, jamais questionavam uma ordem e não houve tentativas de deserção. Ainda não havia ordenado uma chicotada ou enforcamento sequer, e temia que chegasse o dia em que não teria outra opção. *A guerra será o teste*, concluiu, lembrando-se dos meses miseráveis na Martishe e dos muitos homens que escolheram arriscar uma fuga pela floresta infestada de cumbraelinos a encarar outro dia na paliçada.

Vaelin encontrou Nortah ensinando o uso do arco a um grupo de recrutas mais robustos. Todos os soldados recém-alistados foram testados em suas capacidades de acertar o alvo e a maioria deixara a desejar; os que tinham melhor pontaria foram reunidos em uma companhia de besteiros, mas alguns mostraram

destreza e força suficientes para darem prosseguimento ao treinamento. Somavam apenas cerca de trinta, mas até mesmo um número pequeno de arqueiros habilidosos seria uma aquisição valiosa ao regimento. Nortah mais uma vez provou-se um professor competente; todos os seus alunos conseguiam agora cravar uma flecha no meio do alvo a uma distância de quarenta passos, e um ou dois conseguiam repetir o feito com a rapidez geralmente exibida somente por irmãos da Ordem.

— Não beije a corda — disse Nortah a um aluno, um sujeito musculoso de quem Vaelin se lembrava da ida até as masmorras. Seu nome era Drak ou Drax, um renomado caçador, até que os Mateiros do Rei o pegaram esquartejando um veado recém-abatido na Urlish. — Coloque a flecha atrás da orelha em cada disparo.

Drak ou Drax forçou os músculos ainda mais e disparou, e a flecha atingiu o alvo a poucos centímetros acima do centro.

— Nada mau — disse Nortah. — Mas você ainda está deixando a vara balançar depois que solta a corda. Lembre-se: este é um arco de guerra. Você não está caçando animais com ele. Estique aquela corda de novo o mais rápido que puder. — Ele notou Vaelin aproximando-se e bateu palmas para ter a atenção da companhia. — Muito bem. Afastem os alvos mais dez passos. O primeiro homem que acertar na mosca ganha dois dedos extras de rum esta noite.

Virou-se e fez uma reverência extravagante para Vaelin enquanto os homens afastavam os alvos.

— Saudações, meu senhor.

— Não faça isso. — Vaelin olhou para os homens, que faziam piadas e riam enquanto arrancavam as flechas dos alvos. — Eles estão de bom humor.

— Com razão. Muita comida, rum todos os dias e

prostitutas baratas a alguns minutos de caminhada floresta adentro. Mais do que a maioria deles jamais esperaria.

Vaelin examinou atentamente o irmão, vendo a mesma expressão assombrada que continuava a lhe anuviar os olhos desde o tempo que passaram na Martishe. Ele parecia cansado e distante quando estava de folga, interessando-se de modo excessivo nas diversas misturas baseadas em rum que os homens preparavam à noite. Não foi a primeira vez que Vaelin se viu à beira de lhe contar o destino de sua família, mas como sempre a ordem do Rei segurava-lhe a língua. *Ele parece tão envelhecido*, pensou Vaelin. *Ainda não tem vinte anos e já tem os olhos de um velho.*

— Onde está Barkus? — perguntou Vaelin. — Ele devia estar ensinando a usarem a alabarda.

— Na ferraria, de novo. Quase não tem saído de lá nesses dias.

Desde que retornaram da Martishe, Barkus perdera a relutância de trabalhar com metal. Apresentou-se a Mestre Jestin e passou muitas horas na ferraria ajudando a fabricar as novas armas de que o regimento precisava. O arsenal de Mestre Grealin era vasto, mas mesmo os cavaletes de armas nas galerias eram insuficientes para armar todos os homens e ainda atender as necessidades da Ordem. Vaelin não era contra Barkus voltar a usar o martelo, ainda mais porque isso parecia deixá-lo tão feliz, mas lhe incomodava o fato de que os trabalhos na ferraria o afastavam de seus deveres com o regimento. Teria que falar com ele, assim como tinha que falar com Nortah.

— Quanto você bebeu ontem à noite?

Nortah deu de ombros.

— Parei de contar depois do sexto copo. Mas dormi bem.

— Aposto que sim. — Suspirou, odiando a necessidade

de dizer o que tinha que dizer. — Não tenho nada contra um homem beber, irmão, mas você é um oficial neste regimento. Se precisa ficar bêbado, faça isso onde os homens não possam vê-lo, por favor.

— Mas os homens gostam de mim — protestou Nortah com sinceridade fingida. — "Vem beber com a gente, irmão", eles dizem. "Você não é como o Jovem Falcão. A gente não se caga de medo de você, não mesmo". Até me convidaram para ir pegar umas prostitutas com eles. Fiquei comovido. — Ele riu da expressão horrorizada de Vaelin. — Não se preocupe, ainda não me rebaixei tanto assim. Além do mais, pelo que ouvi, o mais provável é que uma visita ao acampamento deixe um homem com as calças ardendo.

Vaelin achou melhor não dar a Nortah a notícia de que o surto de sífilis agora estava sob controle. Indicou os arqueiros com a cabeça.

— Quanto tempo até ficarem prontos?

— Em uns sete anos eles estarão tão bons quanto nós. Acha que os cumbraelinos vão esperar tudo isso?

— Espero que sim. Digo, vão ficar onde estão? Vão lutar?

Nortah olhou para seus homens, os olhos assombrados distantes, sem dúvida imaginando-os em batalha, mortos e sangrando.

— Eles vão lutar — disse por fim. — Pobres coitados. Eles vão lutar, sim.

CAPÍTULO CINCO

Ele estava sonhando com a Martishe, de volta à clareira, onde escutava o enigma enlouquecedor de Nersus Sil Nin, quando Frentis apareceu para acordá-lo. Mas agora os olhos de mármore vermelho eram de um negrume profundo, como a pedra na órbita vazia do homem caolho. O sol quente de verão que banhara a clareira em sua visão agora havia desaparecido, o solo estava coberto de neve, o ar gelado e cortante. E as palavras dela, embora misteriosas, eram cruéis.

— Você matará e matará novamente, Beral Shak Ur — disse ela com um sorriso repugnante, pequenos pontos de luz reluzindo nos orbes negros dos olhos. — Você testemunhará a colheita da morte sob um sol vermelho-sangue. Matará por sua fé, por seu Rei e pela Rainha do Fogo quando ela surgir. Sua lenda cobrirá o mundo e será uma canção de sangue.

Vaelin estava ajoelhado na neve, as mãos em volta do punho da adaga, a lâmina lustrosa de sangue que tinha um brilho negro ao luar. Às costas havia um cadáver, cujo calor ele podia sentir esvaindo-se para a neve. Conhecia o rosto do cadáver, sabia que era alguém que ele amava. E sabia que o matara.

— Eu não pedi isso — disse ele. — Jamais quis algo assim.

— Querer não é nada. O destino é tudo. Você é um joguete do destino, Beral Shak Ur.

— Escolherei meu próprio destino — disse ele, mas as palavras eram fracas, vazias, a rebeldia de uma criança contra um pai indiferente.

A risada da mulher era um cacarejo escarnecedor.

— A escolha é uma mentira. A maior das mentiras.

As feições cheias de malícia da mulher desapareceram quando uma mão lhe sacudiu o ombro.

— Irmão! — Acordou com um sobressalto, e o rosto pálido e preocupado de Frentis dançava na claridade diante dos olhos anuviados. — Chegou um mensageiro — disse o irmão. — Do palácio. O Aspecto quer ver você.

Vaelin vestiu-se depressa e afastou da mente o pesadelo ainda vívido no caminho até o torreão. Encontrou o Aspecto em seus aposentos, lendo um pergaminho que trazia o selo do Rei.

— O Senhor Feudal de Cumbrael está morto — contou-lhe o Aspecto sem preâmbulo. — Parece que seu filho, seu segundo filho, assassinou-o e reivindicou a suserania do Feudo. Ele clama a todos os cumbraelinos leais e verdadeiros servos de seu deus para que se juntem a ele e livrem-se do odiado opressor e herege Rei Janus. Ordenou a todos os adeptos da Fé que deixem o Feudo ou sofram execuções justificadas. Há relatos de que alguns já estão queimando nas fogueiras. — Ele fez uma pausa, observando atentamente o rosto de Vaelin. — Sabe o que isso significa, Vaelin?

A conclusão era óbvia, ainda que assustadora.

— Haverá guerra.

— De fato. Batalhas e banhos de sangue, vilas e cidades serão incendiadas. — Havia amargura na voz do Aspecto quando jogou a mensagem do Rei na mesa. — Sua Alteza ordenou que a Guarda do Reino fosse reunida. Nosso regimento deve se apresentar no portão norte ao meio-dia de amanhã.

— Cuidarei disso, Aspecto.

— Eles estão prontos?

Vaelin lembrou-se das palavras de Nortah e de sua própria avaliação da disciplina dos homens.

— Eles lutarão, Aspecto. Se tivéssemos mais tempo, eles lutariam melhor, mas lutarão.

— Muito bem. O Irmão Makril comandará uma tropa batedora de trinta irmãos que acompanhará o regimento e fará reconhecimentos. Eu teria preferido um contingente maior, mas nossas tropas estão espalhadas pelo Reino e não há tempo para chamar de volta os soldados necessários.

O Aspecto aproximou-se, o rosto mais sério do que Vaelin jamais o vira.

— Lembre-se disto acima de tudo: o regimento está sob a Palavra do Rei, mas é uma parte desta Ordem e esta Ordem é a espada da Fé. A espada da Fé não pode ser manchada com sangue inocente. Em Cumbrael você verá muitas coisas, muitas coisas terríveis. Eles são um povo que nega a Fé e entrega-se à falsidade da adoração de outro deus, mas ainda são súditos deste Reino. A tentação será grande para que você se entregue à fúria, para que permita seus homens abusarem das pessoas que encontrar lá. Você deve resistir a ela. Estupradores, ladrões e qualquer um que abusar da população devem ser açoitados e enforcados. Você será gentil com o povo de Cumbrael. Mostrará a ele que a Fé não é vingativa.

— Assim farei, Aspecto.

O Aspecto voltou para a mesa e largou-se na cadeira, com os longos dedos entrelaçados no colo, o rosto magro cansado, os olhos pesarosos.

— Eu esperava não ver esse Reino mais uma vez assolado pela guerra durante minha vida — disse o Aspecto. — Foi por isso que nos unimos a ele, compreende? O motivo de termos ligado a Fé à Coroa. Pela paz e — um leve sorriso surgiu nos lábios estreitos — por união.

— Eu... duvido que o Rei desejasse que essa crise terminasse em guerra, Aspecto — disse Vaelin.

O Aspecto virou-se bruscamente para ele e o pesar desapareceu em um instante, substituído pela certeza inabalável que Vaelin conhecia desde a infância.

— Os desejos do Rei não nos dizem respeito. Não se esqueça das minhas instruções, Vaelin. Siga a Fé e que os Finados guiem sua mão.

O regimento marchava debaixo de um céu cinzento, o sol do fim do verão oculto por nuvens ameaçadoras que combinavam com o humor sombrio dos homens. Levou mais tempo para reuni-los e colocá-los em marcha do que Vaelin gostaria, e acabou perdendo a paciência diversas vezes durante a marcha até a cidade.

— Junte a arma, idiota! — rosnou ele para um infeliz soldado que deixara cair sua alabarda. — Ela vale mais do que você. Sargento, nada de rum para este homem esta noite.

— Sim, meu senhor! — O Sargento Krelnik estava sempre ao seu lado, olhando-o com um respeito cauteloso. Vaelin suspeitava que o sargento podia nem sempre ser meticuloso na execução das punições, algo que ele optara por ignorar, embora hoje se sentisse bem menos inclinado a tal coisa.

Chegaram ao portão norte uma hora antes do meio-dia e os homens desabaram na beira da estrada, alguns resmungando pela falta de descanso na marcha, mas não muito alto.

— Onde estão todos? — perguntou Barkus, olhando para a planície deserta. — A Guarda do Reino inteira não deveria estar aqui?

— Talvez estejam atrasados — sugeriu Dentos. — Chegamos primeiro porque marchamos mais rápido.

— O Irmão Comandante Makril pode ter algumas respostas. — Caenis acenou com a cabeça para o portão, onde Makril havia aparecido, conduzindo a

galope sua pequena companhia de batedores montados.

— A Guarda do Reino está se reunindo na Estrada Oeste — informou o Irmão Comandante ao se aproximar e puxar as rédeas, espalhando poeira à frente. — O Senhor da Batalha ordenou que esperássemos aqui.

— Senhor da Batalha? — perguntou Vaelin. Não havia um Senhor da Batalha no Reino desde que seu pai deixara o cargo.

— O Lorde Comandante Al Hestian recebeu as honrarias do Rei. Está conduzindo a Guarda do Reino a Cumbrael com ordens de tomar a capital com urgência.

Al Hestian... O Rei colocou a Guarda do Reino nas mãos do pai de Linden. Vaelin desejava agora que tivesse encontrado o Lorde Comandante quando entregou a espada ao irmão de Linden. Daria tudo para avaliar o temperamento do homem, para saber se ele ainda ansiava por vingança. Caso ansiasse, os temores do Aspecto pela gente inocente de Cumbrael seriam bem fundamentados.

Virou-se para o Sargento Krelnik.

— Certifique-se para que os homens poupem a água. Sem fogueiras. Não sabemos quanto tempo ficaremos aqui.

— Sim, meu senhor.

Aguardaram sob o céu ameaçador, os homens reunidos para jogar dados ou facas; o jogo da Ordem havia sido adotado com entusiasmo pelo regimento. Tal como na Ordem, facas de arremesso tornaram-se uma forma de moeda corrente e um sinal de prestígio entre os soldados, embora Vaelin tivesse se empenhado em garantir que outras tradições da Ordem, como roubos e brigas frequentes durante as refeições, não fossem parar entre as fileiras.

— Pela Fé, Barkus! O que é isso?

Dentos olhava para o objeto que Barkus desenrolara

de seu alforje. Tinha cerca de um metro de comprimento com uma haste de ferro espiralada e uma lâmina dupla que parecia brilhar de modo anormal à parca luz do dia.

— Machado de batalha — respondeu Barkus. — Mestre Jestin me ajudou a forjar.

Olhando para a arma, Vaelin experimentou um murmúrio de inquietação vindo da canção do sangue, sua preocupação aumentada pelo que sabia da afinidade das Trevas que Barkus tinha com metais.

— Prata estelar na lâmina? — perguntou Nortah ao se aproximarem para inspecionar a arma.

— É claro, mas só nos gumes. A haste é oca para deixá-lo mais leve. — Ele jogou o machado para o alto, que deu uma volta completa antes de pousar em sua palma. — Viram? Daria para abater um pardal em pleno voo com isso. Experimente.

Entregou a arma a Nortah, que desferiu alguns golpes e ergueu as sobrancelhas diante da passagem fluída da lâmina pelo ar.

— Parece que está cantando. Escutem. — Girou mais uma vez o machado e ouviu-se uma nota suave, quase musical no ar. Vaelin sentiu a canção do sangue ficar mais alta com o som e se pegou afastando-se de modo involuntário, sentindo uma náusea crescente.

— Quer tentar, irmão? — Nortah ofereceu-lhe o machado.

O olhar de Vaelin foi atraído para a lâmina do machado, o gume cintilante de prata estelar e o centro largo da lâmina marcados por uma inscrição.

— Deu um nome à arma? — perguntou a Barkus, sem aceitar o machado.

— Bendra. Por minha... Uma mulher que conheci.

Nortah olhou atentamente para a lâmina.

— Não consigo ler. Que língua é essa?

— Mestre Jestin disse que era volariano antigo. É uma

tradição de ferreiro usar essa língua para fazer inscrições nas lâminas. Não sei por quê.

— Os ferreiros volarianos são considerados os melhores do mundo — disse Caenis. — Dizem que foram a primeira raça a fundir ferro. A maioria dos segredos das ferrarias surgiu com eles.

— Chega de brincadeira, irmãos — disse Vaelin, assaltado por um desejo de ficar longe da arma. — Vejam como estão suas companhias. Certifiquem-se de que elas não tenham dado um jeito de perder qualquer equipamento pesado durante a marcha.

Passou-se uma hora até outro grupo sair pelo portão, vinte homens da Guarda Real montada liderados por um jovem alto e ruivo em um imponente garanhão negro. Vaelin reconheceu a figura impecavelmente asseada do Capitão Smolen cavalgando ao seu lado.

— Coloque-os em formação! — Vaelin gritou para o Sargento Krelnik. — Façam com que mantenham a ordem. Temos um visitante real.

Ele avançou para saudar o príncipe enquanto o regimento formava companhias rapidamente e se colocava em posição de sentido, levantando uma nuvem espessa de poeira no processo. O grupo do príncipe puxou as rédeas e Vaelin colocou um joelho no chão e curvou a cabeça.

— Alteza.

— Levante-se, irmão — disse o Príncipe Malcius. — O tempo é curto para cerimônias. Aqui. — Ele jogou para Vaelin um pergaminho com o selo do Rei. — Suas ordens. Este regimento está à minha disposição até segunda ordem. — Olhou sobre o ombro e o olhar de Vaelin foi atraído até a figura curvada montada na fileira dianteira dos guardas, um homem de rosto emaciado com olhos vermelhos e fronte pesada, que indicavam um longo período de excessos. — Creio que já conheceu Lorde Mustor — disse o Príncipe Malcius.

— Sim. Minhas condolências pela morte de seu pai, meu senhor. — Se o herdeiro de Cumbrael notou o gesto de compaixão, ele não deu sinal algum, remexendo-se pouco à vontade na sela e bocejando.

— Lorde Mustor nos acompanhará — informou o príncipe. Olhou ao redor para as fileiras habilmente organizadas. — Eles estão prontos para marchar?

— Ao seu comando, Alteza.

— Então não percamos tempo. Seguiremos pela Estrada Norte e chegaremos à ponte do Rio Salgado ao anoitecer.

Vaelin fez uma estimativa da distância. *Quase trinta e três quilômetros, e na Estrada Norte, longe da rota da Guarda do Reino.* Deixou a torrente de perguntas de lado e deu um aceno formal com a cabeça.

— Muito bem, Alteza.

— Vou na frente e acamparei. — O príncipe lhe deu um leve sorriso. — Conversaremos à noite. Sem dúvida você gostará de uma explicação para tudo isso.

Esporeou o cavalo e saiu a galope, seguido de perto pela companhia de guardas. Ao passarem, Vaelin notou outro rosto familiar entre os cavaleiros, um rosto jovem e magro emoldurado por uma cabeleira de cachos negros. Seus olhos encontraram os de Vaelin por um breve momento com uma expressão determinada em busca de reconhecimento, aprovação. *Alucius Al Hestian. Então ele cavalgará para a guerra, afinal.* Vaelin virou-se e começou a gritar ordens.

A noite já se aproximava quando o regimento chegou à ponte de madeira sobre o trecho largo do Rio Salgado. Vaelin ordenou que acampassem e que piquetes fossem montados.

— Sem ração de rum até isto acabar — disse ao Sargento Krelnik, desmontando de Cuspe e esfregando

as costas doloridas. — Suponho que haverá muitos outros dias de marcha forçada. Não quero que os pés dos homens fiquem lentos por causa do álcool. Qualquer homem que reclamar pode vir falar comigo pessoalmente.

— Não haverá reclamações, meu senhor — assegurou-lhe Krelnik antes de se afastar, a voz áspera e irritada cuspindo uma torrente de ordens.

Deixando Cuspe aos cuidados de um irmão da companhia de Makril, Vaelin encontrou o grupo do príncipe acampado próximo a um salgueiro ao lado da ponte.

— Lorde Vaelin. — O Capitão Smolen o cumprimentou formalmente, batendo uma continência precisa. — É bom vê-lo de novo.

— Capitão. — Vaelin ainda via o capitão com cautela após o papel que desempenhara para colocá-lo na companhia da Princesa Lyrna. No entanto, parecia grosseiro culpá-lo por isso; Vaelin sabia como um homem acharia fácil demais ser persuadido por ela.

— Devo dizer que estou feliz com a oportunidade de ser um soldado novamente. — O Capitão Smolen inclinou a cabeça para a fogueira, onde uma figura encolhida de manto olhava fixamente para as chamas, tomando goles ocasionais de uma garrafa de vinho. — Acho que já fui babá do novo Senhor Feudal por tempo suficiente.

— É uma incumbência difícil, então?

— Na verdade, não. Meus deveres consistem em mantê-lo abastecido com vinho e recusar-me a procurar uma prostituta para ele. Quando não está pedindo uma dessas coisas, ele raramente fala alguma coisa. — O capitão acenou para a tenda erguida ali perto. — Sua Alteza mandou que entrasse assim que você chegasse.

Vaelin encontrou o príncipe curvado sobre uma mesa, com o olhar fixo no mapa aberto à sua frente. Sentado

no canto da tenda, Alucius Al Hestian ergueu os olhos do pergaminho em que estava escrevendo.

— Irmão — o príncipe cumprimentou-o calorosamente, avançando para apertar-lhe a mão. — Seus homens foram rápidos. Não esperava vocês por mais uma ou duas horas.

— O regimento marcha bem, Alteza.

— Fico muito feliz em saber. Eles terão que marchar muitos outros quilômetros antes que terminemos. — Ele voltou à mesa, olhando para Alucius. — Um pouco de vinho para o Irmão Vaelin, Alucius.

— Obrigado, Alteza, mas prefiro água.

— Como quiser.

O jovem poeta encheu uma taça com água de um cantil e a entregou a Vaelin; a expressão era cautelosa, mas ainda ávida por reconhecimento.

— Alegra-me vê-lo de novo, meu senhor.

— Igualmente, senhor. — O tom era neutro, mas pela forma como Alucius recuou, ele sabia que seu rosto devia ter traído o que pensava.

— Pode ir ver os cavalos, Alucius? — perguntou o príncipe. — Andarilho fica irritado quando não é escovado direito.

— Vou agora mesmo, Alteza. — Alucius fez uma mesura e partiu, lançando outro olhar cauteloso na direção de Vaelin antes que a aba da tenda se fechasse às suas costas.

— Ele me implorou — disse o Príncipe Malcius. — Disse que nos seguiria mesmo se eu ordenasse que não fizesse isso. Tornei-o meu escudeiro, o que mais poderia fazer?

— Escudeiro, Alteza?

— Um costume renfaelino. Jovens mais novos viram aprendizes de cavaleiros experientes para aprender o ofício. — Ele fez uma pausa, notando a expressão de Vaelin. — Vejo que você desaprova, tal como minha

irmã.

— Seu irmão não queria isso para ele. Foi seu último desejo.

— Então sinto muito. Mas um homem precisa tomar seu próprio caminho na vida.

— Um homem, sim. Mas ele ainda é um garoto. Tudo o que sabe sobre guerras vem de um livro.

— Eu mal tinha catorze anos quando acompanhei nossa frota até as Ilhas Meldeneanas. Achava que a guerra era uma grande brincadeira. Logo aprendi que estava errado. Assim como Alucius aprenderá. São as lições que aprendemos que nos transformam de garotos em homens.

— Ele ao menos foi treinado?

— O pai dele tentou ensinar-lhe a usar a espada, mas aparentemente ele era um aluno ruim. Pedi ao Capitão Smolen que lhe desse alguma instrução.

— O Capitão Smolen parece ser um belo oficial, Alteza, mas eu consideraria um favor se o senhor me permitisse treinar o garoto.

O Príncipe Malcius pensou por um momento.

— Então, a amizade com um irmão estende-se ao outro?

— É mais uma obrigação.

— Obrigação. Sei um pouco sobre isso. Muito bem, treine o garoto, se quiser. Embora não sei onde você encontrará tempo para isso. Olhe aqui. — Voltou-se para o mapa. — Nossa missão provavelmente se provará árdua.

O mapa era uma representação detalhada da fronteira entre Cumbrael e Asrael, da costa meridional até as montanhas que formavam a fronteira setentrional com Nilsael.

— Atualmente estamos acampados aqui. — O príncipe apontou para um caminho no lado ocidental do Rio Salgado. — Enquanto o Senhor da Batalha Al Hestian

conduz a Guarda do Reino pela Estrada Oeste até o vau ao norte da Martishe. De lá ele seguirá para a capital cumbraelina, sem dúvida deixando um rastro de fogo e terror. O mais provável é que chegue à capital em vinte dias, talvez vinte e cinco se os cumbraelinos reunirem forças suficientes para enfrentá-lo no campo de batalha. Quando chegar a Alltor, a cidade queimará, e muitas almas inocentes queimarão com ela, não tenha dúvida. — O Príncipe Malcius encontrou os olhos de Vaelin, concentrando-se neles sem piscar. — As Ordens de nossa Fé se regozijariam ou lamentariam esse desfecho, irmão? Tanto Negadores mandados para a fogueira que não nos incomodariam mais.

— Um Fiel verdadeiro jamais se regozijaria com o derramamento de sangue inocente, Alteza. Negador ou não.

— Então concorda que devemos aproveitar qualquer oportunidade que temos para impedir tal massacre antes que comece?

— É claro.

— Excelente! — O príncipe bateu com o punho na mesa e foi até a aba da tenda. — Senhor Feudal Mustor! Sua atenção, por favor.

O Senhor Feudal de Cumbrael levou algum momento para responder ao chamado, o semblante por barbear ainda mais emaciado e debilitado do que Vaelin se lembrava. O homem ainda estava nitidamente bêbado e Vaelin ficou surpreso com a firmeza de sua voz.

— Irmão Vaelin. Suponho que sejam necessárias congratulações.

— Congratulações, meu senhor?

— Você foi elevado a Espada do Reino, não? Parece que sua ascensão coincide com a minha. — Sua risada foi repleta de ironia.

— Eu estava familiarizando o Irmão Vaelin com nosso plano, Lorde Mustor — informou-lhe o Príncipe Malcius.

— Ele concorda com o objetivo da nossa missão.

— Isso muito me alegra. Eu não gostaria de herdar um Feudo composto principalmente de cinzas e cadáveres.

— De fato — murmurou o príncipe, voltando ao mapa. — O Senhor Feudal Mustor teve a bondade de nos fornecer o que ele crê serem informações confiáveis a respeito das inclinações de seu irmão usurpador. Embora o Senhor da Batalha sem dúvida espere encontrá-lo na capital cumbraelina, Lorde Mustor está certo de que na verdade o encontraremos aqui. — Ele bateu com o dedo em um ponto ao norte, uma passagem estreita nos Picos Cinzentos, a cadeia de montanhas que formava a fronteira natural entre Cumbrael e Asrael.

Vaelin olhou atentamente para o mapa.

— Não há nada ali, Alteza.

O Senhor Feudal Mustor bufou.

— Não vai encontrar em mapa algum, irmão. Meu pai e todos os seus antepassados certificaram-se disso. É chamado de Forte Alto, e com razão, acredite. A fortificação mais impregnável do Feudo, se não do Reino. Muralhas de granito de trinta metros de altura e vistas impressionantes sobre todos os pontos de acesso. Jamais foi capturado. Meu pobre e iludido irmãozinho estará lá, sem dúvida cercado por centenas de fanáticos leais. Provavelmente passando o tempo citando os Dez Livros a plenos pulmões e chicoteando uns aos outros por terem pensamentos ímpios. — Ele fez uma pausa para olhar esperançoso pela tenda. — Por acaso teria algo para beber, Príncipe Malcius? Estou sedento.

Vaelin viu o príncipe engolir uma resposta atravessada ao apontar para a garrafa de vinho em uma mesinha.

— Ah, obrigado.

— Perdão, meu senhor — disse Vaelin. — Mas se esse forte é inexpugnável, como conseguiremos chegar até o Usurpador?

— Por meio do segredo mais estimado de minha família, irmão. — O Senhor Feudal Mustor estalou os lábios ao provar um gole generoso de vinho. — Ah, um belo tinto do Vale Werlishe. Meus cumprimentos à sua adega, Alteza. — Ele tomou outro gole, ainda mais generoso.

— Segredo, meu senhor? — perguntou Vaelin.

O Senhor Feudal franziu a testa, confuso por um momento.

— Oh, o forte. Sim, um segredo de família, confiado apenas ao primogênito. O único ponto fraco do forte. Há muitos anos, quando o forte era a sede de nossa casa, um de meus antepassados passou a temer os próprios súditos e ficou convencido de que os Guardas da Casa estavam de conluio com conspiradores para derrubá-lo. Necessitando de uma rota de fuga em um momento de crise, mandou escavar um túnel através da montanha e, após envenenar discretamente todos os mineiros que trabalharam na escavação, confiou o segredo da localização do túnel ao seu primogênito. Ironicamente, parece que seu medo constante de conspiradores era apenas um sintoma da varíola, que pode afetar a mente de um homem tanto quanto seu membro, e da qual morreu alguns meses depois. — Ele esvaziou a taça de vinho — Essa é uma safra realmente excelente.

— Então, como pode ver — disse o Príncipe Malcius —, o Senhor Feudal nos levará ao túnel, seus homens atacarão o forte e o Usurpador será preso para encarar a justiça do Rei.

— Bastante improvável, Alteza — disse Lorde Mustor, pegando mais uma vez a garrafa. — Tenho certeza de que meu irmão fará tudo o que for possível para tornar-se um mártir a serviço do Pai do Mundo. Ainda assim, imagino que o Irmão Vaelin e seu bando de saqueadores estejam mais do que à altura da tarefa.

— Estou confuso, Lorde Mustor — disse Vaelin. — Seu

irmão assassinou seu pai para reivindicar para si o Feudo, mas se isola em um castelo remoto enquanto a Guarda do Reino marcha até sua capital.

— Meu irmão Hentes é um fanático — respondeu Lorde Mustor, encolhendo os ombros. — Quando ficou claro que meu pai se curvaria diante do Rei Janus, ele o chamou para uma reunião secreta e cravou a espada em seu coração como um serviço ao Pai do Mundo. Sem dúvida os sacerdotes e seguidores mais fervorosos teriam aprovado, mas Cumbrael não é uma terra que pode tolerar um Senhor Feudal que assuma o poder através do assassinato do próprio pai. O que quer que pensem os plebeus, os vassalos que seguiam meu pai não seguiriam Hentes. Eles enfrentarão seu exército, têm pouca escolha, afinal, mas apenas em defesa do Feudo. Meu irmão estará no forte, já que não há outro lugar para onde possa ir.

— E quando o Usurpador for... desalojado? — Vaelin perguntou ao Príncipe Malcius.

— A razão para esta guerra desaparecerá. Porém, tudo depende de tempo. — Voltou a atenção para o mapa, percorrendo com o dedo a rota da ponte do Rio Salgado até a passagem onde o Forte Alto ficava situado. — Na melhor das estimativas, a passagem fica a trezentos e vinte quilômetros de distância. Se quisermos atingir nosso objetivo, devemos chegar lá em tempo suficiente para que as notícias possam ser levadas ao Senhor da Batalha. — Ele estendeu a mão para um pergaminho selado na mesa. — O Rei já redigiu uma ordem para que a Guarda do Reino retorne a Asrael no caso de sermos bem-sucedidos.

Vaelin calculou rapidamente a distância entre a passagem e a capital cumbraelina. *Quase cento e sessenta quilômetros, uma cavalgada de dois dias para um cavalo ligeiro. Nortah poderia conseguir, talvez Dentos também. A parte difícil é chegar ao forte a*

tempo. O regimento terá que percorrer pelo menos trinta quilômetros por dia.

— É possível ser feito, irmão? — perguntou o príncipe.

O olhar de Vaelin recaiu nas aldeias cumbraelinas dispostas no mapa em linhas precisas. Ele se perguntava quantas pessoas naqueles vilarejos ao longo da Estrada Oeste tinham alguma noção da tempestade que logo arrebentaria. Quando a guerra estiver terminada, talvez outro mapa tenha que ser desenhado. *Em Cumbrael você verá muitas coisas. Muitas coisas terríveis.*

— Será feito, Alteza — respondeu ele com uma certeza nítida. *Vou chicoteá-los o caminho inteiro se for preciso.*

E assim marcharam, quatro horas seguidas, doze horas por dia. Eles marcharam. Por pastos ao norte do Rio Salgado, pelas colinas e vales além e os contrafortes que assinalavam o início das terras fronteiriças. Homens que saíam de forma durante a marcha eram colocados na linha a pontapés, os que desmaiavam ganhavam meio dia em um carroção e depois eram colocados de volta na estrada. Vaelin havia decretado que os únicos homens deixados para trás seriam os prontos para se unirem aos Finados, e contava com o medo que tinham dele para mantê-los em movimento. Até então havia funcionado. Eles estavam mal-humorados, sobrecarregados por armas e provisões, aborrecidos pelo cancelamento da ração de rum até segunda ordem, mas ainda tinham medo, e ainda marchavam.

Todas as noites Vaelin encontrava Alucius Al Hestian para duas horas de treinamento. A princípio, o garoto ficou encantado com a atenção.

— Sinto-me honrado, meu senhor — disse Alucius com gravidade, parado com a espada longa estendida à frente como se estivesse segurando um esfregão. Vaelin

a arrancou da mão do garoto com um leve toque.

— Não fique honrado, fique atento. Pegue a espada.

Uma hora mais tarde ficara óbvio que como espadachim Alucius era um ótimo poeta.

— Levante — disse Vaelin após derrubá-lo com um golpe de prancha nas pernas. Ele repetira o mesmo movimento quatro vezes e o garoto não havia conseguido notar o padrão.

— Eu, hã, preciso de mais prática — começou Alucius, o rosto corado, lágrimas de humilhação brilhando nos olhos.

— O senhor não tem dom para isso — disse Vaelin. — É lento, desajeitado e não tem vontade de lutar. Imploro para que peça ao Príncipe Malcius que o libere e vá para casa.

— *Ela* o convenceu a fazer isso. — Pela primeira vez, havia alguma hostilidade no tom de Alucius. — Lyrna. Tentando me proteger. Bem, não serei protegido, meu senhor. A morte de meu irmão exige um ajuste de contas, e eu o terei. Nem que eu tenha que andar o caminho todo até o forte do Usurpador sozinho.

Mais palavras de um garoto. Contudo, ainda assim havia uma força nelas, uma convicção.

— Sua coragem é digna de respeito, senhor. Mas continuar com isso apenas acabará na sua morte...

— Então me ensine.

— Eu tentei...

— Não tentou! Tentou me fazer partir, isso sim. Ensine-me direito, e então não haverá o que ser recriminado.

Era verdade, claro. Ele pensara que uma ou duas horas de humilhação seriam o bastante para convencer o garoto a ir para casa. Será que realmente podia treiná-lo no tempo que restava? Olhou para o modo como Alucius segurava a espada, como a mantinha perto do corpo para conseguir equilibrar o peso da

arma.

— A espada de seu irmão — disse ele, reconhecendo o pomo de vitríolo azul.

— Sim. Achei que poderia honrá-lo se a levasse para a guerra.

— Ele era mais alto do que você, mais forte também. — Vaelin pensou por um momento e então entrou na sua tenda, retornando com a espada curta volariana que o Rei Janus lhe dera. — Aqui. — Ele jogou a arma para Alucius. — Um presente real. Vamos ver se você se sai melhor com ela.

Ele ainda era desajeitado, ainda era facilmente enganado, mas pelo menos ganhara alguma velocidade, aparando duas estocadas e até mesmo conseguindo um ou dois contra-ataques.

— Já basta por ora — disse Vaelin, notando o suor na testa de Al Hestian e a respiração pesada. — Melhor amarrar a espada do seu irmão na sua sela de agora em diante. Levante-se cedo de manhã e pratique os movimentos que lhe mostrei durante uma hora. Treinaremos de novo amanhã à noite.

Eles treinaram por nove noites; após um dia de marcha árdua, Vaelin tentava transformar um poeta em um espadachim.

— Não bloqueie a lâmina, afaste-a — disse a Alucius, irritado por soar tanto como Mestre Sollis. — Desvie a força do golpe, não a absorva.

Ele fingiu dar uma estocada na barriga do garoto, então moveu a lâmina para o alto e a desceu em um golpe lateral contra as pernas. Alucius recuou, a lâmina errou por centímetros, e contra-atacou com uma estocada própria: foi desajeitada, desequilibrada e facilmente aparada, mas foi rápida. Apesar do receio contínuo, Vaelin ficou impressionado.

— Muito bem. Já chega por hoje. Afie o gume e vá descansar.

— Foi melhor, não foi? — perguntou Alucius. — Estou ficando melhor?

Vaelin embainhou a espada e deu um tapinha no ombro do garoto.

— Parece que há um guerreiro em você, afinal de contas.

No décimo dia, um dos batedores do Irmão Makril relatou que a passagem estava a apenas meio dia de marcha à frente. Vaelin ordenou que o regimento acampasse e cavalgou adiante com o Príncipe Malcius e Lorde Mustor para localizar a entrada do túnel, a companhia de Makril servindo como escolta. As colinas verdejantes logo deram lugar a encostas repletas de rochedos, onde os cavalos tinham dificuldade de pisar. Cuspe ficou irascível, balançando a cabeça e bufando alto.

— Que animal genioso você tem aí, irmão — observou o Príncipe Malcius.

— Ele não gosta do terreno. — Vaelin desmontou, pegando o arco e a aljava da sela. — Deixaremos os cavalos aqui com um dos homens do Irmão Makril e seguiremos a pé.

— Precisamos mesmo? — perguntou Lorde Mustor. — Ainda faltam quilômetros. — As feições flácidas do homem exibiam sinais de mais uma noite de excessos e Vaelin ficou surpreso por ele ter conseguido se manter na sela durante o trajeto.

— Então é melhor não perdermos tempo, meu senhor.

Subiram com esforço por mais uma hora; a majestade sombria dos Picos Cinzentos era uma presença opressora e dominante acima. Os picos pareciam estar sempre envoltos por neblina, ocultando o sol, a luz pálida deixando a paisagem cinzenta por completo. Apesar de estarem no fim do verão, o ar era gelado e

saturado de uma umidade que penetrava nas roupas.

— Pelo Pai, odeio este lugar — arfou Lorde Mustor quando pararam para descansar. Ele se encostou em uma saliência rochosa e escorregou para o chão, destampando um cantil. — Água — disse ele, notando o olhar de desaprovação do príncipe. — A verdade é que eu jamais esperava tornar a ver Cumbrael.

— O senhor é o herdeiro de direito desta terra — observou Vaelin. — Parece uma ambição improvável jamais retornar.

— Oh, eu não estava destinado a assumir o poder. Essa honra teria sido conferida a Hentes, meu irmão assassino, a quem meu pai tanto amava. Perdê-lo para os sacerdotes deve ter partido o coração do velho desgraçado. Ele sempre foi seu filho favorito, veja bem. O melhor com o arco, o melhor com a espada, inteligente, alto e belo. Aos vinte e cinco anos já era pai de três bastardos.

— Ele não parece um homem dos mais devotos — comentou o Príncipe Malcius.

— Ele não era. — Lorde Mustor tomou um longo gole do cantil, fazendo Vaelin suspeitar que houvesse mais do que água ali. — Mas isso foi antes de ser atingido no rosto por uma flecha durante uma escaramuça com alguns foras da lei. O cirurgião de meu pai removeu a ponta da flecha, mas meu irmão contraiu uma febre e ficou à beira da morte por vários dias. Dizem até que seu coração parou em determinado momento. Contudo, o Pai achou apropriado poupá-lo e, quando se recuperou, Hentes era um homem mudado. O belo guerreiro farrista e mulherengo tornou-se um devoto desfigurado dos Dez Livros. O chamaram de Hentes Lâmina Fiel. Cortou os laços com seus velhos amigos, evitou suas muitas amantes, buscou a companhia dos sacerdotes mais fervorosos e radicais. Começou a pregar, fazendo sermões arrebatados onde descrevia as

visões que tivera à beira da morte. Dizia que o Pai do Mundo havia falado com ele, que havia lhe mostrado o caminho glorioso para a redenção. Boa parte dela aparentemente envolve converter pagãos estrangeiros aos ensinamentos dos Dez Livros, na ponta da espada, se necessário. Meu pai não teve escolha a não ser mandá-lo embora, junto com seu bando cada vez maior de seguidores.

— E você diz que Hentes acredita que seu deus ordenou que ele assassinasse seu pai? — perguntou o príncipe.

— As crenças de meu irmão nem sempre são facilmente compreendidas, nem mesmo por seus discípulos. Porém, a simples ideia do Senhor Feudal de Cumbrael humilhando-se diante do Rei Janus teria sido anátema, ainda mais por isso ser resultado do que ele vê como a perseguição dos guerreiros sagrados na Martishe por parte do Irmão Vaelin. Assim, ele convidou meu pai para um encontro, sob o pretexto de pedir para retornar do exílio, e lá, sem guardas para protegê-lo, ele o matou.

Fez uma pausa para beber de novo, mantendo o olhar em Vaelin.

— Minhas fontes dizem que seu nome agora é conhecido em Cumbrael, irmão. Hentes pode ser o Lâmina Fiel, mas você é o Lâmina Negra. É do Quinto Livro, o Livro da Profecia. Séculos atrás, um profeta falou de um espadachim herege quase invencível: “Ele punirá os santos e destruirá aqueles que labutam a serviço do Pai do Mundo. Conheçam-no por sua lâmina, pois foi forjada em um fogo sobrenatural e guiada pela voz das Trevas”.

Lâmina Negra? Vaelin pensou na canção do sangue e no que Nersus Sil Nin lhe contara sobre as origens dela. *Talvez eles tenham razão.* Ele levantou-se.

— É melhor continuarmos em frente.

— Mas que bosta inútil! — O Irmão Comandante Makril cuspiu no chão perto dos pés de Lorde Mustor.

O Senhor Feudal recuou com um brilho de medo nos olhos.

— Estava aberto dez anos atrás — disse ele, a voz alterada por um leve choramingo.

Vaelin olhou para a entrada do túnel, uma fenda estreita na face da montanha fustigada pelo vento que mal teriam notado se Lorde Mustor não a tivesse apontado. Na penumbra da entrada do túnel ele mal conseguia ver a causa da fúria de Makril: uma pilha de enormes pedregulhos bloqueava a passagem do chão ao teto. As rochas eram pesadas demais para serem movidas pela pequena companhia. Makril estava certo: o túnel era inútil.

— Não compreendo — estava dizendo Lorde Mustor. — Foi construído da melhor maneira possível. Ninguém além de meu pai e eu sabia de sua existência.

Vaelin entrou no túnel e passou a mão pela superfície de uma das pedras, sentindo como era lisa em um ponto e áspera em outro, os dedos encontrando as quinas deixadas por um cinzel.

— Essa pedra foi solta. Recentemente, ao que tudo indica.

— Parece que seu maior segredo foi revelado, meu senhor — comentou o Príncipe Malcius. — Se, como diz, seu pai preferia seu irmão ao senhor, ele pode ter achado apropriado dividir o segredo com Hentes.

— O que faremos? — perguntou Lorde Mustor com tristeza. — Não há outro modo de entrar no Forte Alto.

— Exceto através de um cerco — disse o príncipe. — E não temos o tempo, homens ou máquinas para isso.

Vaelin saiu do túnel.

— Há algum local por perto de onde podemos ver o forte sem sermos vistos?

Era uma subida perigosa por um caminho estreito

repleto de rochas, mas a concluíram em pouco tempo, apesar dos constantes resmungos de Lorde Mustor sobre seus pés estarem cheios de bolhas. Finalmente chegaram a um patamar protegido do vento por uma grande saliência de rocha.

— É melhor ficarmos abaixados — aconselhou Lorde Mustor. — Duvido que alguma sentinela tenha olhos aguçados o bastante para nos avistar, mas não devemos contar com a sorte. — Esgueirou-se até a borda da saliência e apontou. — Lá está. A arquitetura não é exatamente das mais elegantes, não é?

Era difícil não ver o Forte Alto; suas muralhas erguiam-se da montanha como uma ponta de lança cega atravessada na rocha. Lorde Mustor estava certo ao notar a falta de elegância da construção. Não tinha qualquer decoração, sem esculturas ou minaretes, a superfície lisa das muralhas interrompida apenas por algumas seteiras espalhadas. Um único estandarte que exibia a chama branca sagrada do deus cumbraelino tremulava no alto de uma lança comprida no bastião acima do portão. O único acesso ao forte era uma estrada estreita que subia íngreme da base da passagem. Eles estavam ao nível do topo da muralha e Vaelin podia ver os pontos pretos das sentinelas nas ameias.

— Vê, Lorde Vaelin? — perguntou Mustor. — É inexpugnável.

Vaelin aproximou-se mais da borda e olhou para a base do forte; a rocha irregular dava lugar a muralhas lisas. *As rochas não serão problema, mas e a muralha?*

— Que altura o senhor disse que as muralhas tinham?

— Tem certeza de que consegue fazer isso?

Gallis, o Escalador, ergueu o rolo de corda sobre a cabeça, apoiando o peso nos ombros e olhou para o

forte que se erguia acima.

— Gosto de um desafio, meu senhor.

Vaelin procurou deixar as dúvidas de lado e entregou uma adaga ao homem.

— Faça isso por mim e talvez eu esqueça que estou bravo com você.

— Eu me contento com aquele jarro de vinho que o senhor me prometeu. — Gallis sorriu, enfiou a adaga na bota e virou-se para a face rochosa, explorando o granito com as mãos em busca de pontos de apoio, os dedos ágeis passando sobre a superfície irregular com precisão intuitiva. Após alguns segundos, ele agarrou uma saliência e começou a escalar, o corpo movendo-se de forma fluida sobre o despenhadeiro, as mãos e os pés encontrando onde se apoiar aparentemente por conta própria. A uns três metros do chão, Gallis parou e olhou para Vaelin, com um sorriso largo no rosto. — É de longe mais fácil do que a casa de um mercador.

Vaelin ficou observando-o subir do despenhadeiro para a muralha, ficando cada vez menor quanto mais alto escalava, até parecer uma formiga no tronco de uma grande árvore. Gallis não vacilou ou escorregou uma vez sequer. Satisfeito que o homem não cairia mesmo, Vaelin virou-se para os irmãos e soldados agachados ao seu redor na escuridão. Eram uma mistura dos melhores arqueiros de Nortah com irmãos da companhia de Makril, vinte homens ao todo. O grupo era pequeno diante das tropas que protegiam o Usurpador, mas um número maior de pessoas aumentaria o risco de serem detectados. O resto do regimento aguardava no sopé da colina, onde uma longa estrada levava até o portão do forte. Makril estava no comando e lideraria um ataque montado com Príncipe Malcius quando o portão fosse aberto. Caenis seguiria a pé com o grosso das tropas. Vaelin tivera de suportar vigorosas objeções sobre liderar o ataque ao

portão; Caenis afirmara secamente que seu lugar era com os homens.

— Fui enviado para dar um jeito no Usurpador — retorquiu Vaelin. — Pretendo capturá-lo, se possível vivo. Além disso, gostaria de falar com ele. Estou certo de que tem muitas coisas interessantes para dizer.

— Ou seja, está dizendo que quer é testar a espada dele — disse Makril. — As histórias sobre Sua Senhoria o deixariam curioso, é? Quer saber se ele é tão bom quanto você.

Será isso?, pensou Vaelin consigo mesmo. Na realidade, ele não sentia vontade de cruzar espadas com o Lâmina Fiel. Não tinha dúvida de que poderia derrotar o homem quando o encontrasse. Porém, queria confrontá-lo, ouvir sua voz. A história de Lorde Mustor de fato o deixara curioso. O Usurpador acreditava que estava executando a obra de seu deus, como os cumbraelinos que Vaelin vira morrerem na Martishe. *O que os leva a fazer isso? O que faz um homem matar por seu deus?* Mas havia algo mais, desde que tivera o primeiro vislumbre do Forte Alto: a canção do sangue. Era fraca no início, mas cresceu em intensidade à medida que anoitecia. Não era exatamente um sinal de aviso, e sim mais uma urgência, uma necessidade de descobrir o que aguardava do lado de dentro.

Vaelin fez sinal para que Nortah e Dentos se aproximassem, suas palavras sussurradas fazendo fumaça no ar frio da montanha sombria.

— Nortah, leve seus homens para as ameias. Matem as sentinelas e protejam o pátio. Dentos, leve os irmãos até a casa da guarda, levante o portão e o proteja até o regimento chegar.

— E você, irmão? — perguntou Nortah, erguendo uma sobrancelha.

— Tenho que cuidar de alguns assuntos no forte. — Ele olhou para cima e viu a forma de Gallis, que ficava cada

vez menor. — Nortah, diga a seus homens para não gritarem se tombarem. Os Finados não aceitarão um covarde no Além. Boa sorte, irmãos.

Ele foi o primeiro a seguir Gallis corda acima; o vento era um monstro invisível que uivava, ameaçando arrancá-lo da muralha a qualquer momento. Seus braços já estavam queimando com o esforço e as mãos agarravam a corda com dedos adormecidos quando alcançou Gallis. O ex-ladrão estava parado logo abaixo da borda da ameia, as pontas dos dedos agarradas à beirada da pedra, as pernas grudadas na parede. Vaelin ficara assombrado com a força que devia ser necessária para se permanecer naquela posição por tanto tempo. Quando Vaelin se içou até a altura do gancho de ferro preso na ameia, Gallis acenou para ele com a cabeça, a saudação “meu senhor” engolida pelo vento. Vaelin agarrou o gancho com uma mão e flexionou os dedos da mão direita para recuperar um pouco da sensibilidade. Virou-se para Gallis com uma pergunta no olhar.

— Um — Gallis articulou a palavra com os lábios, inclinando a cabeça na direção da ameia. — Parece entediado.

Vaelin ergueu-se um pouco para dar uma olhada por cima da muralha. O guarda estava a poucos metros de distância, enrolado em seu manto e abrigado em um pequeno recanto nas ameias; uma tocha ardia ao vento acima da cabeça do homem, lançando fagulhas para a escuridão do vazio. A lança e o arco da sentinela estavam encostados na muralha enquanto o homem esfregava vigorosamente as mãos, a respiração saindo como fumaça. Vaelin passou a mão sobre o ombro para sacar a espada, respirou fundo e então saltou sobre a muralha com um movimento gracioso. Ele contara com

a surpresa para evitar que o guarda desse o alarme, mas ficou espantado quando o homem sequer tentou pegar as armas, simplesmente permanecendo imóvel e em choque quando a lâmina de prata estelar o atingiu na garganta.

Vaelin deitou o corpo do guarda no parapeito e fez sinal para Gallis por sobre a muralha.

— Aqui — sussurrou ele, tirando o manto encharcado de sangue do cadáver e jogando-o para o escalador. — Coloque isto e ande um pouco de um lado para o outro. Tente parecer cumbraelino. Se algum dos outros guardas falar com você, mate-o.

Gallis olhou com asco para o sangue que pingava do manto, mas o colocou nos ombros sem reclamar, puxando o capuz sobre a cabeça de modo que seu rosto ficasse oculto pelas sombras. Ele saiu devagar do abrigo do pequeno recanto e andou pelas ameias, esfregando as mãos sob o manto, dando toda a impressão de nada mais ser do que uma sentinela entediada dando uma caminhada em uma noite fria.

Vaelin foi até o gancho e deu um puxão forte na corda, seguido de outros dois puxões. Passou-se muito tempo até a cabeça de Nortah aparecer sobre a muralha e mais tempo ainda até que fosse seguido pelos homens. Dentos foi o último, passando com dificuldade por sobre a ameia e sentando-se no chão; o tremor que tinha nas mãos não era apenas um sintoma do frio: ele jamais gostara de lugares altos.

Vaelin fez uma contagem, dando um suspiro de satisfação por ninguém ter caído.

— Não há tempo para descanso, irmão — sussurrou para Dentos, ajudando-o a se levantar. — Sabem o que fazer. Façam o mínimo de barulho possível.

Os dois grupos se separaram para realizar suas missões: Nortah conduziu seus arqueiros ao longo das ameias à esquerda, de flechas a postos; Dentos levou

os irmãos na direção oposta até a casa da guarda. Logo se ouviu o estalo de cordas de arco enquanto os homens de Nortah lidavam com as sentinelas. Houve alguns gritos abafados de alarme, mas nenhum berro ou qualquer estrépito de resposta vindo do forte. Vaelin encontrou os degraus até o pátio e desceu correndo. A descrição que Lorde Mustor fizera do forte fora vaga, a memória do homem para os detalhes era um pouco falha, mas havia sido claro em uma coisa: seu irmão estaria na Câmara do Senhor, o centro do Forte Alto, onde se era possível chegar através da porta diretamente oposta ao portão principal.

Vaelin moveu-se depressa, a canção do sangue estava mais alta agora, com uma ponta de advertência na melodia: *encontre-o*. Deparou-se com dois homens ao abrir a porta: sujeitos musculosos inclinados sobre uma vela, cuja chama compartilhavam, envoltos pela fumaça de cachimbos. Estavam sentados em uma mesa pequena, uma garrafa de licor pela metade e um livro aberto entre os dois. O primeiro morreu ao se levantar, a espada passando em um golpe lateral sobre o peito, atravessando carne e osso em um borrão prateado. O segundo conseguiu levar a mão à adaga que tinha no cinto antes que Vaelin o abatesse com um talho no pescoço. O golpe não foi tão preciso e o homem resistiu por um momento, um grito subindo-lhe pela garganta destroçada. Vaelin tapou a boca do homem com a mão para abafar o som, o sangue escorrendo por seus dedos, e então enfiou a lâmina com força no ventre do homem. Abaixou-o enquanto ele estrebuchava e viu a vida se apagar nos olhos dele.

Vaelin limpou a mão ensanguentada no colete do homem e olhou ao redor. Era uma sala pequena com uma passagem que levava para o interior do forte e a uma escadaria à esquerda. Lorde Mustor lhe dissera que a Câmara do Senhor ficava ao nível do chão, de modo

que Vaelin seguiu pela passagem, movendo-se devagar agora, cada canto escuro uma ameaça em potencial. Logo chegou a uma grande porta de carvalho, levemente entreaberta, delineada pela luz de tochas na câmara à frente.

Quantos guardas estão com ele?, ponderou, já estendendo a mão para abrir a porta. *Isso é uma estupidez. Eu deveria esperar pelos outros...* Mas a canção do sangue estava alta demais agora, impelindo-o adiante. *ENCONTRE-O!*

Não havia guardas, apenas uma grande câmara de pedra, as paredes envoltas em sombras para além dos seis pilares de pedra que sustentavam o teto. O homem sentado em uma plataforma do outro lado da câmara era alto e de ombros largos, seu belo rosto desfigurado por uma cicatriz funda na face esquerda. Tinha pousada nos joelhos uma espada desembainhada, uma arma simples de lâmina estreita que Vaelin reconheceu como renfaelina pela ausência de guarda; os cumbraelinos eram renomados fabricantes de arcos, mas supostamente não dominavam o forjamento de aço. O homem não disse nada quando Vaelin entrou, permanecendo sentado e encarando-o fixamente em silêncio, sem medo no olhar.

Agora que estava diante de seu alvo, a canção do sangue havia perdido sua estridência, diminuindo a um murmúrio suave, porém constante no fundo de sua mente. *Estou onde ela quer que eu esteja? Ou onde preciso estar?* De qualquer forma, ele não via razão para preâmbulos.

— Hentes Mustor! — gritou Vaelin, avançando. — Você foi intimado pela Palavra do Rei a responder por acusações de traição e assassinato. Entregue sua espada e prepare-se para ser agrilhoado.

Hentes Mustor permaneceu sentado enquanto Vaelin aproximava-se, calado e sem tentar pegar a espada.

Apenas quando Vaelin chegou a poucos metros do homem que ele notou uma corrente enrolada no pulso esquerdo de Hentes, de onde os elos de ferro estendiam-se até as sombras entre os pilares. Mustor fez um movimento rápido e preciso com a mão e a corrente estalou como um chicote, arrancando faíscas das lajes, e da escuridão foi arrastada uma figura esguia, amordaçada e com grilhões nos pulsos. Ela caiu de joelhos diante de Mustor e Vaelin teve tempo de notar o manto cinzento que ela usava e o cabelo escuro antes que o Usurpador se levantasse com a espada na garganta dela.

— Irmão — disse ele em uma voz suave e quase pesarosa. — Creio que você conhece esta jovem.

Os olhos dela brilhavam, temerosos, suplicantes. Os gritos eram impedidos pela mordaça, mas o significado estava claro pelo modo enfático e frenético com que ela sacudia a cabeça. Olhou nos olhos de Vaelin, que os leu claramente: *Não se sacrifique por mim!* A mordaça e a passagem dos anos não tinham a menor importância. Ele a teria reconhecido em qualquer lugar.

Sherin!

CAPÍTULO SEIS

— Sua espada, irmão — disse Hentes Mustor naquela voz suave.

Devia haver uma fúria, uma fúria desesperada e sanguinária que fizesse com que uma faca de arremesso fosse cravada no braço de Mustor e uma espada entrasse fundo em seu pescoço. Contudo, algo a sufocou ao subir pelo peito de Vaelin. Não era apenas cautela, apesar de o homem ser rápido, muito mais rápido do que Gallis, o Escalador, havia sido tantos anos antes; era algo mais. A confusão o deixou desnorteado por um segundo, mas então percebeu: a melodia da canção do sangue não mudara. O mesmo murmúrio suave e constante ainda ressoava em sua cabeça, sem o aviso ou anormalidade que conhecia tão bem.

A espada de Vaelin caiu com estrépito aos pés de Mustor, o som fundindo-se com o soluço abafado e desesperado de Sherin.

— E assim — Mustor chutou a espada para as sombras, o tom cheio de reverência. — A verdade de Sua palavra é demonstrada. — Ele fitou Vaelin. — Livre-se das outras armas. Devagar.

Vaelin obedeceu e lançou as facas e a adaga para as sombras.

— Agora estou desarmado — disse ele. — Há alguma razão para ameaçar minha irmã dessa forma?

Mustor olhou para o rosto vermelho de Sherin, como que se lembrando de que ela estava ali.

— Sua irmã. Ele me disse que não é assim que você pensa nela. Ela é sua amada, não? A chave com a qual

sua fé pode ser destrancada.

— Minha fé não pode ser destrancada, meu senhor. Eu lhe dei minha espada, nada mais.

— Sim. — Mustor assentiu, com uma certeza grave na voz. — Como Ele disse que você faria.

Ele está louco?, pensou Vaelin consigo mesmo. O homem era um evidente fanático, mas isso o tornava insano? Lembrou-se da história contada por Sentes Mustor a respeito da conversão do irmão. *Dizia que o Pai do Mundo havia falado com ele...*

— O seu deus? Ele lhe disse que eu viria?

— Ele não é *meu* deus! Ele é o Pai do Mundo, é quem criou tudo, e tudo conhece em Seu amor, até mesmo hereges como você. E fui abençoado por Sua voz. Ele me avisou de sua chegada e de que sua habilidade das Trevas com a espada seria minha perdição, embora em meu orgulho pecaminoso eu ansiasse por enfrentá-lo sem este ardil. Ele me guiou à missão onde esta mulher pôde ser encontrada. E foi tudo como Ele previu.

— Ele previu que o senhor mataria seu pai?

— Meu pai... — A certeza desapareceu dos olhos de Mustor e ele piscou, e surgiu no rosto uma expressão cautelosa. — Meu pai se perdeu. Deu as costas ao amor do Pai do Mundo.

— Ele não deu as costas ao senhor. Ele lhe entregou este forte, não? Ele lhe deu cartas de livre-trânsito para garantir que o senhor pudesse vir para cá sem ser incomodado. Até lhe contou o segredo mais estimado de sua família: a passagem através da montanha. Ele fez tudo isso para garantir que o senhor ficaria a salvo. É de se invejar que tenha sido tão amado. E o senhor retribuiu com uma lâmina no coração de seu pai.

— Ele deixou de seguir a lei dos Dez Livros. A tolerância dele por seu domínio herege não podia continuar para sempre. Eu não tive escolha, a não ser agir...

— Deus estranho esse que o ama tanto que ordena que o senhor mate seu próprio pai.

— CALE-SE! — Mustor berrou em uma voz que quase soluçava de tristeza, empurrou Sherin para longe e avançou contra Vaelin, apontando a espada. — Cale a boca! Sei quem você é. Não pense que Ele não me contou. Você é um praticante das Trevas. Esquiva-se do amor do Pai. Você não sabe de *nada*.

A melodia da canção do sangue continuou inalterada, mesmo quando a lâmina do Usurpador chegou a um palmo do peito de Vaelin.

— Está pronto? — perguntou Mustor. — Está pronto para morrer, Lâmina Negra?

Vaelin notou o modo como a ponta da espada de Mustor tremia, a vermelhidão úmida de seus olhos e o maxilar cerrado.

— Está pronto para me matar?

— Farei o que devo fazer. — A voz estava áspera agora, forçada por entre os dentes que ele rangia. O corpo inteiro do Usurpador parecia estremecer, a respiração saía pesada; aos olhos de Vaelin, era como um homem em guerra consigo mesmo. A ponta da espada vacilou, mas não se moveu para frente ou para trás.

— Perdão, meu senhor — disse Vaelin. — Mas duvido que lhe reste vontade de matar mais alguém.

— Só mais um — sussurrou Mustor. — Só mais um, Ele me disse. Então finalmente poderia descansar. Os Campos Eternos se abririam para mim, onde antes me foram negados.

Do outro lado da porta vieram os primeiros sons de batalha, muitas vozes sobressaltadas logo abafadas pelo estrépito de ferraduras e o retinir de aço entrechocando-se.

— O quê? — Mustor parecia desnorteado, olhando sem parar de Vaelin para a porta. — O que é isso? Pretende

me distrair com alguma ilusão das Trevas?

Vaelin sacudiu a cabeça.

— Meus homens estão atacando o forte.

— Seus homens? — Uma expressão de profunda confusão tomou conta de seu rosto. — Mas você veio sozinho. Ele disse que você viria sozinho. — O braço com a espada pendeu ao seu lado e ele cambaleou para trás alguns passos com o olhar distante e desfocado. — Ele disse que você viria sozinho...

Mate-o agora! Uma voz gritou na mente de Vaelin, uma voz que pensara ter perdido na Martishe, a voz que escarnecera incessantemente de seus preparativos para o assassinato de Al Hestian. *Ele está ao seu alcance. Arranque a espada e quebre o pescoço dele!*

A voz estava certa. Seria fácil matá-lo. Qualquer que fosse a loucura ou perturbação que nublara a mente de Mustor, ela o deixara indefeso. No entanto, a melodia da canção do sangue permanecia a mesma... E as palavras do usurpador levantavam muitas questões.

— O senhor foi enganado — disse Vaelin a Mustor calmamente. — Seja qual for a voz que fale em sua mente, ela o ludibriou. Vim aqui com um regimento inteiro de infantaria e uma companhia de irmãos montados. E duvido que minha morte, ou qualquer morte, garantirá um lugar para o senhor no Além.

Mustor cambaleou, quase caindo no chão. Ele estacou, apenas por um momento, mas foi um momento de completa imobilidade, como se tivesse sido esculpido em gelo. Quando voltou a se mover, a profunda confusão que lhe distorcia as feições havia desaparecido, substituída pelo rosto de um homem em pleno domínio de suas faculdades mentais, uma sobrancelha erguida em uma demonstração de consternação jocosa, mas com ódio no olhar. Uma voz que Vaelin ouvira antes saiu dos lábios de Mustor em um tom de certeza tranquila.

— Você continua a me surpreender, irmão. Mas isso não acaba nada.

Então a voz sumiu, o rosto de Mustor novamente a máscara de confusão de um segundo antes. Ficou claro para Vaelin que Mustor não tinha conhecimento do que acabara de acontecer. *Algo vive em sua mente*, compreendeu. *Algo que pode falar com sua voz. E ele não tem consciência disso.*

— Hentes Mustor — disse ele. — Você foi intimado pela Palavra do Rei a responder por acusações de traição e assassinato. — Ele estendeu a mão. — Sua espada, meu senhor.

Mustor olhou para a espada que empunhava, virando a lâmina para que cintilasse à luz das tochas.

— Eu a lavei diversas vezes. Afiei a lâmina na pedra durante horas. Mas ainda posso ver o sangue...

— Sua espada, meu senhor — repetiu Vaelin, dando um passo adiante com a mão estendida.

— Sim — Mustor em voz baixa. — Sim. É melhor você ficar com ela... — Segurou a espada ao contrário e a ofereceu a Vaelin.

Ouviu-se o som como o do bater de asas de um falcão, um deslocamento de ar junto à face de Vaelin e um borrão de aço rodopiante. A canção do sangue rimbombou, repleta de anormalidades e avisos, fazendo-o cambalear com sua intensidade. Levou a mão por instinto à bainha vazia nas costas e sentiu um instante de completa e absoluta impotência quando Hentes Mustor foi atingido em cheio no peito pelo machado. O impacto arremessou-o para longe e fez com que tombasse com os braços estendidos no chão da câmara.

— Peguei o desgraçado! — gritou Barkus, saindo das sombras. — Um belo arremesso, modéstia à...

O soco de Vaelin o atingiu no queixo e ele desabou no chão.

— Ele estava desistindo! — Sentia a raiva fervendo dentro de si, instigado pela canção do sangue, fazendo as mãos coçarem de vontade de pegar as armas. — Ele estava se rendendo, seu idiota estúpido!

— Eu pensei... — Barkus soltou um cuspe vermelho no chão. — Pensei que ele ia matá-lo... Tinha uma espada, você não... Vi a irmã caída ali. Eu não sabia. — Ele parecia mais confuso do que bravo.

A terrível e incontestável verdade de que Vaelin estivera disposto a matar Barkus naquele momento fez com que a raiva o abandonasse de súbito. Estendeu a mão para o irmão.

— Aqui.

Barkus olhou para ele por um momento, um inchaço avermelhado já se formando no queixo.

— O soco doeu mesmo, sabia?

— Desculpe.

Barkus apertou a mão e ficou de pé. Vaelin olhou para o corpo de Mustor e a mancha escura que se espalhava em volta dele.

— Veja como está nossa irmã — disse a Barkus, aproximando-se do corpo, que ainda tinha o machado odioso cravado no peito. *Foi por isso que não consegui tocá-lo? A canção sabia que seria usado para isso?*

Vaelin esperava que houvesse algum vestígio de vida no peito de Mustor, o suficiente para dar uma resposta final ao mistério de seu deus assassino e enganador. Porém, já não havia luz nos olhos de Mustor, nenhum movimento nas feições flácidas. O machado de Barkus fizera bem demais o serviço.

Ajoelhou-se ao lado do corpo, lembrando-se das palavras febris do homem: *Os Campos Eternos se abririam para mim, onde antes me foram negados.* Colocou a mão sobre o peito de Mustor e recitou em voz baixa:

— O que é a morte? A morte é apenas uma passagem

para o Além. É início e fim. Tema-a e receba-a de bom grado.

— Não acho que isso seja apropriado. — Sentes Mustor, Senhor Feudal incontestável de Cumbrael, olhava para o corpo do irmão com uma mistura de raiva e asco. Uma espada sem manchas pendia de sua mão e tinha a respiração pesava devido ao esforço a que não estava habituado. Vaelin ficou impressionado por ele ter chegado ali tão depressa, aparentemente por não se dar ao trabalho de se preocupar com qualquer parte da batalha. — Ele gostaria da Prece da Partida do Décimo Livro — disse Lorde Mustor. — As palavras do Pai do Mundo...

— Um deus é uma mentira — citou Vaelin, ríspido. Levantou-se, oferecendo uma mesura rápida ao Senhor Feudal. — Creio que seu irmão sabia disso.

— Quantos?

— Oitenta e nove ao todo. — Caenis indicou com a cabeça os corpos caídos no pátio abaixo. — Não pediram misericórdia e nenhuma foi concedida. Assim como na Martishe. — Virou-se para Vaelin, sua expressão sombria. — Perdemos nove homens. Outros dez estão feridos. A Irmã Gilma está cuidando deles.

— Impressionante — comentou o Príncipe Malcius. Estava enrolado em um manto de pele, os cabelos ruivos esvoaçavam ao vento gélido que cortava as ameias. — Perder tão poucos contra tantos.

— Com nossas alabardas e os arqueiros do Irmão Nortah nas muralhas... — Caenis encolheu os ombros. — Eles não tinham muita chance, Alteza.

— O Senhor Feudal deu alguma instrução a respeito dos mortos cumbraelinos? — Vaelin perguntou ao príncipe. Lorde Mustor estivera notavelmente ausente desde a conclusão da batalha, aparentemente ocupado

com uma inspeção minuciosa da adega do forte.

— Queime-os ou jogue-os das muralhas. Duvido que ele esteja sóbrio o suficiente para se importar muito. — Havia um tom severo na voz do príncipe naquela manhã. Vaelin sabia que ele estivera na vanguarda da investida pelo portão, seguido de perto por Alucius Al Hestian. Houve uma breve, porém desesperada defesa do pátio por cerca de vinte dos seguidores do Usurpador, onde Alucius caiu do cavalo e desapareceu na aglomeração. Após a batalha, ele foi tirado de baixo de uma pilha de corpos, vivo, mas inconsciente, sua espada curta escurecida com sangue seco, e tinha na cabeça um inchaço grande. Estava agora aos cuidados da Irmã Gilma e ainda não despertara.

Fiz com que brincasse com uma espada por dez dias e menti dizendo que ele era um guerreiro, pensou Vaelin com tristeza. *Teria sido melhor se eu o tivesse amarrado na sela no primeiro dia e mandado o cavalo pela estrada de volta à cidade.* Vaelin deixou a culpa de lado e voltou-se para Caenis.

— Sabe alguma coisa sobre como os cumbraelinos cuidam de seus mortos?

— Geralmente os enterram. Pecadores são esquartejados e deixados ao ar livre para apodrecerem.

— Parece justo — resmungou o Príncipe Malcius.

— Forme um grupo — disse Vaelin a Caenis. — Leve os corpos em uma carroça até o sopé da montanha e enterre-os. O mapa mostra uma aldeia oito quilômetros ao sul da passagem. Mande um cavaleiro ir atrás de um sacerdote local. Ele poderá dizer as palavras apropriadas.

Caenis lançou um olhar incerto para o príncipe.

— O Usurpador também?

— Ele também.

— Os homens não vão gostar...

— Não dou a mínima para que raios eles gostam ou

deixam de gostar! — Vaelin ficou ruborizado, lutando com a raiva que sabia que vinha de sua culpa com relação a Alucius. — Peça voluntários — disse a Caenis com um suspiro. — Ração dupla de rum e uma moeda de prata para os vinte primeiros que se oferecerem. — Fez uma mesura para o Príncipe Malcius. — Com sua licença, Alteza. Tenho outros assuntos...

— Suponho que tenha despachado seus melhores cavaleiros? — perguntou o príncipe.

— O Irmão Nortah e o Irmão Dentos. Com vento favorável, a ordem do Rei estará nas mãos do Senhor da Batalha dentro de dois dias.

— Ótimo. Eu odiaria que tudo isso não tivesse servido de nada.

Vaelin pensou no rosto determinado de Alucius, vermelho de esforço após outra hora desajeitada tentando dominar a espada.

— Assim como eu, Alteza.

A pele dele estava pálida e pegajosa, os cabelos negros grudados na cabeça encharcada de suor. A respiração regular em nada amenizava a culpa que Vaelin sentia.

— Logo ele ficará bem de novo. — A Irmã Sherin colocou uma mão na testa de Alucius. — A febre baixou depressa e o inchaço na cabeça já diminuiu. E veja. — Ela apontou para os olhos fechados de Alucius e Vaelin percebeu que eles se moviam debaixo das pálpebras.

— O que isso significa?

— Ele está sonhando, então seu cérebro provavelmente não sofreu lesões. Despertará em algumas horas, sentindo-se péssimo, mas despertará. — Ela encontrou seu olhar, com um sorriso radiante no rosto. — É muito bom vê-lo de novo, Vaelin.

— Igualmente, irmã.

— Parece que sua maldição é ser meu salvador.

— Se não fosse por minha causa, você não teria ficado em perigo. — Ele olhou em volta do salão de jantar que a Irmã Gilma transformara em um hospital temporário. Ela estava perto da lareira, rindo com Janril Norin, o outrora aprendiz de menestrel, costurando um ferimento no braço do homem enquanto ele a deleitava com alguns de seus versos mais indecentes.

— Podemos conversar? — perguntou Vaelin a Sherin. — Gostaria de saber mais sobre o tempo que você ficou presa.

O sorriso dela diminuiu um pouco, mas ela assentiu.

— É claro.

Vaelin a levou até as ameias, longe de ouvidos curiosos. No pátio abaixo, homens estavam ocupados colocando os corpos dos cumbraelinos em carroças, trocando piadas forçadas, mas animadas entre o sangue que secava e os membros enrijecidos. Pelos passos incertos de alguns, Vaelin suspeitava que Caenis já havia sido generoso demais com a ração de rum.

— Vai enterrá-los? — perguntou Sherin. Ele ficou surpreso pela ausência de choque ou repugnância na voz dela, mas compreendeu que uma vida como curandeira a deixara acostumada com a visão da morte.

— Pareceu ser a coisa certa a se fazer.

— Duvido que o próprio povo deles faria isso. Eles pecaram contra o deus deles, não?

— Eles achavam que não. — Vaelin encolheu os ombros. — Além disso, o ato não é para eles. Notícias do que aconteceu aqui logo se espalharão pelo Feudo. Muitos fanáticos cumbraelinos não tardarão em chamar de massacre. Se as pessoas souberem que mostramos respeito a seus costumes ao cuidarmos de seus mortos, talvez isso atenue o ódio que os fanáticos querem instigar.

— Você fala quase como um Aspecto. — O sorriso de Sherin era tão radiante, tão franco, que fez com que ele

sentisse uma dor antiga e familiar no peito. Ela estava diferente; a garota cautelosa e severa que Vaelin conhecera quase cinco anos antes era agora uma jovem mulher confiante. Contudo, a essência de seu ser continuava a mesma: vira no modo como ela colocara a mão na testa de Alucius e na súplica desesperada por trás da mordaça quando pensou que Vaelin estava dando sua vida por ela. A compaixão ardia dentro dela.

— Parece que sempre estamos em pontas diferentes do Reino — continuou ela. — Tive a sorte de conhecer a Princesa Lyrna ano passado. Ela disse que vocês eram amigos. Pedi que mandasse lembranças a você.

Amigos. A mulher mente como os outros respiram.

— Ela fez isso. — Estava claro que ela não sabia; a Aspecto Elera jamais contara a Sherin por que eles estavam sempre tão separados. Vaelin decidiu de súbito que ela jamais saberia.

— Ele feriu você? — perguntou ele. — Mustor. Ele...?

— Um machucado aqui e ali quando fui capturada. — Ela mostrou as marcas dos grilhões nos pulsos. — Mas nada além disso.

— Quando Mustor capturou você?

— Há sete ou oito semanas. Talvez mais. Perdi a noção do tempo dentro das muralhas do forte. Finalmente havia sido chamada para voltar de Warnsclave para a Casa da Ordem, estava ansiosa para voltar ao meu antigo trabalho, mas a Aspecto Elera me colocou para trabalhar na pesquisa de novos curativos. É uma tarefa terrivelmente enfadonha, Vaelin. Uma infinidade de ervas para moer e misturas para criar, sendo que a maioria fede demais. Cheguei a reclamar com a Aspecto, mas ela me disse que eu precisava ampliar meus conhecimentos a respeito do funcionamento da Ordem. De qualquer forma, fiquei feliz quando apareceu um mensageiro vindo da minha antiga missão com notícias de um surto da Mão Vermelha. Eu estava

trabalhando em um composto que poderia oferecer alguma esperança de cura, ou pelo menos um alívio dos sintomas. Então o mestre local pediu minha ajuda.

A Mão Vermelha. A praga que se espalhara pelos quatro Feudos antes de o Rei forjar o Reino, tirando a vida de milhares nos dois anos infernais de seu domínio. Nenhuma família escapou incólume e nenhuma outra doença era mais temida. No entanto, a doença não era vista no Reino há quase cinquenta anos.

— Era uma armadilha — disse Vaelin.

Ela assentiu.

— Fui sozinha por temer que a doença tivesse se espalhado. Mas não havia doença, apenas morte. A missão estava silenciosa, e achei que estivesse vazia. Só havia cadáveres no interior, mas não por causa da Mão Vermelha. Haviam sido passados ao fio da espada, inclusive os doentes em seus leitos. Os seguidores de Mustor estavam à espera, e não haviam poupado ninguém. Tentei fugir, mas me pegaram, é claro. Fui colocada a ferros e trazida para cá.

— Sinto muito.

— Você não tem culpa alguma nisso. Eu ficaria triste se você achasse isso.

Seus olhos voltaram a se encontrar e Vaelin sentiu de novo o aperto no peito.

— Mustor lhe disse alguma coisa? Algo que pudesse explicar suas ações?

— Ele ia até a minha cela quase todos os dias. A princípio ele parecia preocupado com meu bem-estar, certificando-se de que eu tinha comida e água suficientes, e até mesmo trazia livros e pergaminhos quando eu pedia. Porém, ele sempre falava, como se fosse impelido a fazê-lo, mas suas palavras raramente faziam sentido. Tagarelava sobre seu deus, citando passagens inteiras dos Dez Livros que os cumbraelinos tanto veneram. No início, pensei que ele estava

tentando me converter, mas acabei percebendo que ele na verdade não estava falando comigo, não se importava com a minha opinião. Ele simplesmente precisava falar palavras que não podia falar aos seus seguidores.

— Que palavras?

— Palavras de dúvida. Hentes Mustor tinha dúvidas sobre seu deus. Não sobre a existência dele, mas sobre seus motivos, suas intenções. Eu não sabia ainda que ele havia assassinado o pai, aparentemente a mando de seu deus. Talvez a culpa o tenha enlouquecido. Eu lhe disse isso. Disse que se ele pensava que podia me usar para matar você, então estava louco de fato. Eu lhe disse que você o mataria num instante. Parece que me enganei. — Ela o olhou atentamente. — Ele *era* louco, Vaelin? Era isso que o guiava? Ou era... outra coisa? Tenho a impressão de que você sabe mais do que está contando.

Vaelin queria contar a ela, o impulso ardia em seu peito, a necessidade de compartilhar tudo com alguém. O lobo na Urlish e na Martishe, o encontro com Nersus Sil Nin, Aquele Que Aguarda e a voz, a mesma voz que ouvira dos lábios de dois homens mortos. Mas algo o deteve. Dessa vez não foi a canção do sangue; era algo mais fácil de compreender. *Conhecimento desse tipo é perigoso. E ela já esteve em perigo demais por minha causa.*

— Sou apenas um irmão com uma espada, irmã. À medida que os anos passam, percebo que sei muito pouco.

— Você sabia o suficiente para salvar minha vida. Sabia que Mustor não aguentava mais matar. Eu tinha tanta certeza de que você o mataria quando viu que ele tinha me aprisionado... Fiquei orgulhosa de você, orgulhosa por não tê-lo matado. Louco ou não, assassino ou não, não pude sentir maldade alguma

nele. Apenas pesar e culpa.

Ouviu-se o barulho de uma comoção vindo do pátio. Vaelin olhou para baixo e viu o Senhor Feudal Mustor repreendendo Caenis, derramando vinho da garrafa que segurava nas pedras do pátio. O Senhor Feudal estava desgrenhado, tinha a barba por fazer e, a julgar pelo modo como arrastava as palavras, estava consideravelmente mais embriagado do que de costume.

— Deixe que apodreçam! Está me ouvindo, irmão? Pecadoresh não são enterrados em Cumbrael, oh, não! Cortem as cabeças e deixem eles para os corvosh... — Ele cambaleou até uma mancha de sangue ainda úmida, escorregou e caiu no chão, ensopando-se de vinho. Praguejou com exagero, afastando com um tapa as mãos de Caenis, que tentava ajudá-lo. — Digo para deixar esses pecadores apodrecerem! Este é o meu forte. Príncipe Malsiush? Lorde Vaelin? Este é o meu forte!

— Quem é aquele homem? — perguntou Sherin. — Ele parece... perturbado.

— O legítimo Senhor Feudal dos cumbraelinos, que a Fé os ajude. — Ele deu um sorriso de desculpas. — Preciso ir. Meu regimento permanecerá aqui à espera de ordens do Rei. Pedirei ao Irmão Comandante Makril que providencie uma escolta para levá-la de volta à sua Ordem.

— Prefiro esperar aqui por enquanto. Acho que a Irmã Gilma ficaria feliz com a ajuda. Além disso, mal tivemos tempo para trocar novidades. Tenho muito para contar.

O mesmo sorriso franco, a mesma dor no peito. *Mande-a embora*, ordenou sua voz interior. *Só haverá dor se você a mantiver aqui.*

— Lorde Vaelin! — O grito do Senhor Feudal Mustor atraiu sua atenção de volta ao pátio. — Onde está você? Detenha essesh homensh!

— Também tenho muito para contar — disse ele antes de se virar.

A princípio, o Senhor Feudal Mustor ficou furioso com a recusa de Vaelin de impedir o enterro dos corpos, tornando a declarar em voz alta que o forte era seu e a primazia de sua autoridade em suas próprias terras. Quando Vaelin simplesmente respondeu que era um servo da Fé e, portanto, não recebia ordens de um Senhor Feudal, Mustor ficou de muito mau humor. Depois que seus apelos ao Príncipe Malcius receberam apenas um olhar severo de desaprovação, ele retirou-se para os aposentos de seu falecido irmão, onde reunira boa parte da adega do forte.

Permaneceram no Forte Alto por mais oito dias, aguardando ansiosos notícias do fim da guerra. Vaelin ocupava os homens com treinamentos e patrulhas constantes nas montanhas. Havia poucos resmungos e a moral estava alta, aumentada pelo triunfo e pelos espólios do forte e dos mortos que, apesar de escassos, satisfaziam o desejo básico dos soldados por saque.

— Dê a eles vitória, ouro nos bolsos e uma mulher de vez em quando e eles o seguirão para sempre — disse o Sargento Krelnik a Vaelin certa noite.

Como a Irmã Sherin prometera, Alucius Al Hestian teve uma recuperação ligeira, despertando no terceiro dia e passando nos testes básicos que indicavam que seu cérebro não havia sofrido danos permanentes, embora não pudesse se lembrar de nada da batalha ou de como recebera o ferimento.

— Então ele está morto? — perguntou a Vaelin. Eles estavam no pátio, assistindo os homens executarem os exercícios da noite. — O Usurpador.

— Sim.

— Acha que ele deu as cartas de livre-trânsito a

Flecha Negra?

— Não vejo de que outra maneira elas poderiam ter ido parar nas mãos dele. Parece que o velho Senhor Feudal não mediu esforços para proteger o filho.

Alucius enrolou bem o manto nos ombros, os olhos encovados fazendo com que parecesse um velho espiando por trás do rosto de um jovem.

— Todo esse sangue derramado por causa de algumas cartas. — Ele sacudiu a cabeça. — Linden teria chorado ao ver isso. — Enfiou a mão dentro do manto e soltou do cinto a espada de Vaelin. — Aqui — disse ele, oferecendo o punho da arma. — Não precisarei mais dela.

— Fique com ela. É um presente. Precisa ter uma lembrança de seu tempo como soldado.

— Não posso. O Rei lhe deu a espada...

— E agora a estou dando a você.

— Eu não... Ela não deveria ser dada a alguém como eu.

Vendo o modo como o garoto agarrava o punho da espada, o tremor nos dedos, Vaelin lembrou-se da mancha vermelha que cobria a lâmina quando Alucius foi tirado de baixo da pilha de cadáveres perto do portão. *A face da batalha é sempre mais horrenda quando vista pela primeira vez.*

— Quem melhor para recebê-la? — disse ele, colocando a mão sobre o punho e afastando-a devagar. — Pendure-a na parede quando chegar em casa. Deixe-a lá. Não a aceitarei de volta.

O garoto pareceu prestes a dizer algo mais, mas se conteve, e recolocou a espada no cinto.

— Como quiser, meu senhor.

— Escreverá sobre o que ocorreu? Acha que é digno de um poema?

— É digno de uma centena, tenho certeza, mas duvido que eu venha a escrever algum deles. Desde que

acordei, as palavras parecem não vir com a facilidade de antes. Eu tentei. Sento com uma pena e um pergaminho, mas não me vem nada.

— Leva algum tempo para um homem voltar ao que era depois de receber um ferimento. Descanse e coma bem. Tenho certeza de que seu talento retornará.

— Espero que sim. — O garoto deu um leve sorriso. — Talvez eu escreva para Lyrna. Sei que consigo encontrar algumas palavras para ela.

Vaelin, que tinha muitas palavras de sua própria autoria para a princesa, assentiu e voltou para os exercícios, descontando a raiva súbita em um homem que segurava a alabarda alta demais na formação defensiva.

— Abaixe-a, idiota! Como vai estripar um cavalo com a arma virada para o alto? Sargento, mais uma hora de treinamento para este homem.

Todas as noites eram passadas na companhia de Sherin. Sentavam-se na Câmara do Senhor e trocavam histórias de suas experiências nos últimos anos. Vaelin descobriu que ela viajara muito mais do que ele, visitando missões da Quinta Ordem em todos os quatro Feudos do Reino, e até mesmo embarcando em um navio para o enclave nos Confins do Norte, onde o Senhor da Torre Vanos Al Myrna governava em nome do Rei.

— Um lugar agitado, apesar do frio — contou Sherin. — E lar de tanta gente diferente. A maioria dos fazendeiros é exilada do Império Alpirano no sul. Gente alta e bonita de pele negra. Aparentemente irritaram o Imperador e tiveram que zarpar, ou seriam executados, e chegaram aos Confins do Norte há mais de cinquenta anos. A maioria da Guarda do Senhor da Torre é composta de eLivross, e eles têm uma reputação espantosa.

— Encontrei o Senhor da Torre uma vez, e a filha dele.

Acho que ela não gostou muito de mim.

— A famosa lonak abandonada? Ela ficou ausente durante o tempo que estive lá. Havia ido para a floresta com os seordah. Parece que eles reverenciam muito pai e filha. Algo a ver com a grande batalha contra a Horda do Gelo.

Vaelin contou a ela sobre os meses que passou na Martishe, compartilhou a lembrança dolorosa da morte de Al Hestian e sentiu-se um covarde e um mentiroso por omitir sua trama de assassinato.

— Foi misericordioso, Vaelin — disse ela, tomando-lhe a mão e vendo a culpa em seu rosto. — Deixá-lo sofrer teria sido errado, contra a Fé.

— Fiz muita coisa em nome da Fé. — Olhou para a carne marcada por cicatrizes de sua mão ao lado da suavidade pálida da mão dela. *Mãos de matador, mãos de curandeira. Pela Fé, por que ela parece tão quente?*

— Tudo o que podemos fazer é nos perguntar se fizemos algo errado em nome da Fé — disse Sherin. — Você fez, Vaelin?

— Matei homens, homens que eu não conhecia. Alguns eram criminosos, alguns assassinos, realmente uma corja. Mas alguns, como os fanáticos iludidos que viviam aqui, eram homens que simplesmente seguiam outra crença. Homens que poderiam ter sido meus amigos se tivéssemos nos conhecido em uma época ou um lugar diferente.

— Os homens que viviam aqui eram assassinos. Eles massacraram uma missão inteira da minha Ordem apenas para me capturar. Você conseguiria fazer o mesmo?

Ela não enxerga, compreendeu. *Não enxerga o assassino em mim.*

— Não — disse ele, por alguma razão sentindo-se mais uma vez um mentiroso. — Não. Eu não conseguiria.

À medida que os dias passavam, Vaelin começou a levar em consideração o sonho de que o Rei e a Ordem poderiam permitir que eles continuassem ali, como uma guarnição permanente em terras cumbraelinas. Ele seria mestre do forte, um lembrete a qualquer fanático cumbraelino do preço de uma rebelião. Sherin poderia estabelecer uma missão para tratar dos enfermos nessa terra remota e cruel, e poderiam servir a Fé e o Reino em feliz isolamento por anos. Embora reconhecesse a impossibilidade, o sonho permanecia em sua mente, uma esperança reluzente e atraente que aumentava com cada ideia ilusória. Caenis assumiria a biblioteca do forte, estabeleceria uma escola para as crianças locais, ensinaria elas a escrever e a verdade da Fé. Barkus ficaria com a ferraria, Nortah com os estábulos, Dentos se tornaria Mestre de Caça. Traria Arranhão e Frentis da Casa da Ordem para se juntarem a eles. Sabia que era uma ilusão, uma mentira que contava a si mesmo após cada manhã passada na companhia de Sherin. Porque não queria que aquilo acabasse, porque queria que a paz que sentia na presença dela durasse o máximo possível. Começou até mesmo a compor em sua cabeça uma proposta formal ao Aspecto Arlyn, reformulando-a vezes sem conta, mas adiando o momento em que pediria a Caenis que a colocasse no papel. Pronunciá-la em voz alta revelaria o absurdo da coisa toda, e ele preferia o sonho.

O tamanho de sua ilusão tornou-se aparente na manhã do nono dia. Vaelin despertara cedo, inspecionara rapidamente a guarda no portão e estava passando em revista as sentinelas nas ameias antes de ir fazer o desjejum. As sentinelas estavam com frio, porém bastante animadas, fazendo com que suspeitasse que tivessem tomado um ou dois goles de Amigo de Irmão durante o serviço. Ele parou por um momento antes de descer para o pátio, admirando a

majestade melancólica da paisagem. *Um lugar desagradável no qual servir o resto da vida. Mas silencioso, abençoadamente silencioso.*

Durante anos ele se lembraria claramente do brilho do sol matutino refletido em tons de azul-prateado na neve recém-caída que cobria os picos das montanhas circundantes, do azul intenso do céu, do vento cortante no rosto. Ele jamais se esqueceu do momento em que tudo mudou.

Estava prestes a se virar quando seu olhar foi atraído para a longa estrada estreita que subia do vale abaixo: um cavaleiro vinha por ela. Pôde ver mesmo daquela distância a fumaça brilhante da respiração do cavalo ao subir com esforço a estrada a galope. *Dentos*, percebeu quando o cavaleiro aproximou-se. *Dentos sem Nortah.*

O rosto de Dentos estava cinza pela fadiga quando desmontou no pátio, um machucado roxo na face.

— Irmão. — Ele cumprimentou Vaelin com uma voz cheia de pesar e exaustão. — Preciso falar com você. — Cambaleou um pouco e Vaelin estendeu a mão para segurá-lo.

— O que houve? — perguntou Vaelin. — Onde está Nortah?

Dentos deu um sorriso sem a menor alegria.

— A muitos quilômetros daqui, imagino. — Seu rosto ficou sombrio e ele abaixou a cabeça, como se temesse encontrar o olhar de Vaelin. — Nosso irmão tentou matar o Senhor da Batalha. É um fugitivo com metade da Guarda do Reino em seu encalço.

— Houve uma batalha — disse Dentos, com um copo de leite quente batizado com conhaque nas mãos, ao sentar-se junto à lareira do salão de jantar. Vaelin chamara Barkus e Caenis para ouvir a história com o Príncipe Malcius e a Irmã Sherin, que aplicara um

bálsamo ao machucado de Dentos. — Os cumbraelinos tinham reunido uns cinco mil homens para enfrentar a Guarda do Reino no Vau da Água Verde. Não era lá uma força expressiva para resistir a tantos, mas acho que eles estavam tentando ganhar tempo para que a cidade deles preparasse as defesas. Poderiam ter matado muitos guardas enquanto vadeavam o rio, mas o Senhor da Batalha foi astuto demais para eles. Ele reuniu toda a cavalaria na margem sul para atrair a atenção deles e enviou metade da infantaria rio abaixo para atravessar pelas águas fundas nas primeiras horas da manhã. Perdeu cinquenta homens para a correnteza com isso, mas conseguiram atravessar. Caíram sobre o flanco direito dos cumbraelinos enquanto ainda estavam colocando as flechas nas aljavas. Estava quase terminado quando eu e Nortah chegamos lá. O lugar parecia um matadouro, o rio estava vermelho de sangue.

Dentos fez uma pausa para tomar um gole de leite, o rosto mais sombrio do que Vaelin jamais vira.

— Capturaram algumas centenas na última investida — continuou ele. — Encontramos o Senhor da Batalha lendo a sentença de morte deles. Acho que ele não gostou de ouvir nossas notícias.

— Vocês entregaram a ele a ordem assinada do Rei? — perguntou o Príncipe Malcius.

— Entregamos, Alteza. Ele olhou para o selo e então nos chamou para sua tenda. Quando leu a ordem, ele quis saber se tínhamos visto pessoalmente o corpo do Usurpador, se a morte dele era certa, e assim por diante. Nortah garantiu que sim, mas o Senhor da Batalha o interrompeu. “As palavras do filho de um traidor valem menos do que bosta de porco para mim”, ele disse.

— Nortah tentou matá-lo por isso? — perguntou Barkus.

Dentos sacudiu a cabeça.

— Nortah sem dúvida ficou furioso, parecia pronto para matar o desgraçado ali mesmo, mas não tentou isso. Apenas rangeu os dentes e disse, “Não sou filho de ninguém, meu senhor. Foi lhe dada a Palavra do Rei de que esta guerra terminou. Vai cumpri-la?”. — Dentos calou-se, os olhos estavam distantes.

— Irmão? — perguntou Caenis. — O que foi?

— O Senhor da Batalha disse que não precisava de conselhos sobre como servir o Rei. Antes de marchar a Guarda do Reino através dessa terra de ímpios, ele tinha que administrar a justiça àqueles que pegaram em armas contra a Coroa.

— Ele pretendia continuar com a execução dos prisioneiros — disse Vaelin. Lembrou-se de Nortah depois que retornaram da Martishe, do desespero exausto que o irmão exibia nos olhos enquanto bebia para afogar as dores do coração. *Levaremos a Fé a todos os malditos Negadores.*

— É. — Dentos suspirou. — Nortah disse que ele não podia fazer aquilo. Disse que era contra a Palavra do Rei. O Senhor da Batalha riu e disse que a mensagem do Rei não falava nada sobre como lidar com a corja de Negadores capturados. Disse para Nortah ir embora ou o enviaria para o Além com o pai traidor, fosse ele irmão ou não.

Vaelin fechou os olhos, forçando-se a perguntar.

— O Senhor da Batalha ficou muito ferido?

— Bem — disse Dentos. — Ele vai ter que limpar a bunda com a mão esquerda de agora em diante.

— Pela Fé! — sussurrou Caenis.

— Merda! — exclamou Barkus.

— Por que ele não deu cabo do homem? — perguntou Vaelin.

— Eu o impedi, não é óbvio? — respondeu Dentos. — Consegui bloquear o golpe seguinte. Implorei para que

ele entregasse a espada. Acho que ele nem estava me ouvindo. Nortah tinha perdido a cabeça, pude ver nos olhos dele. Era como um cachorro raivoso, desesperado para se atracar com o Senhor da Batalha. O maldito tava de joelhos, só conseguia olhar para o toco que restava no lugar da mão, vendo o sangue jorrar. Nortah e eu lutamos. — Ele esfregou a face machucada. — Eu perdi. Para sorte do Senhor da Batalha, seus guardas entraram para ver o que era todo aquele tumulto. Nortah matou dois e feriu os outros. Chegaram mais correndo. Ele matou mais dois e correu para o cavalo. Conseguiu atravessar a galope todo o acampamento da Guarda do Reino. Afinal, quem iria imaginar que um irmão havia acabado de cortar fora a mão do Senhor da Batalha? Saí de fininho no meio da confusão. Achei que eu não ia ser muito popular quando a poeira baixasse. Passei um dia escondido na mata e então voltei em disparada para o forte. Ouvi rumores na estrada sobre o irmão louco, sobre como metade da Guarda do Reino estava perseguindo ele. Dizem que foi visto pela última vez indo para o oeste.

— O que significa que ele na verdade vai para qualquer outra direção — disse Barkus. — Nunca vão pegá-lo.

— É uma situação séria, irmão — disse o Príncipe Malcius a Vaelin, o rosto grave. — A Ordem fornece muita proteção a seus irmãos, mas isso... — Ele sacudiu a cabeça. — O Rei não terá escolha a não ser emitir uma sentença de morte.

— Então vamos esperar que nosso irmão consiga chegar depressa a terras mais seguras — disse Caenis. — Ele é possivelmente o melhor cavaleiro da Ordem e tem grande habilidade em terrenos selvagens. Não será capturado com facilidade pela Guarda do Reino...

— Ele não será capturado pela Guarda do Reino de modo algum — disse Vaelin. Ele foi até a mesa onde

havia deixado a espada e a afivelou rapidamente, apertando bem as amarras antes de jogar o manto sobre os ombros. Podia sentir os olhos de Sherin lhe seguindo, mas não conseguiu olhar para ela. — Irmão Caenis, o regimento é seu. Envie uma mensagem ao Aspecto Arlyn informando que estou perseguindo o Irmão Nortah e o levarei à justiça. O regimento aguardará aqui as ordens do Rei.

— Você vai atrás dele? — Barkus parecia atônito. — Você ouviu o príncipe. Se o trouxer de volta, vão enforcá-lo. Ele é nosso irmão...

— Ele é um fugitivo da justiça do Rei e uma desgraça para a Ordem. E duvido que ele me dará uma chance de trazê-lo de volta. — Forçou-se a olhar para Sherin, procurando algumas palavras de despedida, mas nada lhe ocorreu. Os olhos dela brilhavam e Vaelin viu que ela estava quase chorando. *Sinto muito*, ele quis dizer, mas não conseguiu; o peso do que tinha de fazer era grande demais.

— Afinal, por que acha que pode ir atrás dele? — perguntou Barkus. — Ele é de longe melhor cavaleiro do que você, e também é melhor em terreno selvagem.

Ele não tem uma canção do sangue para guiá-lo. Começara no momento em que Dentos deu início a sua história, uma melodia monótona que ficava mais intensa sempre que Vaelin voltava os pensamentos para o norte.

— Vou encontrá-lo.

Virou-se e fez uma mesura para o Príncipe Malcius.

— Com sua licença, Alteza.

— Não vai sozinho, vai? — perguntou o príncipe.

— Receio que eu deva insistir nisso. — Olhou para seus irmãos: Barkus furioso, Caenis confuso, Dentos pesaroso, e se perguntou se eles algum dia o perdoariam. — Cuidem dos homens — disse ele, e saiu da câmara.

CAPÍTULO SETE

A cidade renfaelina de Cardurin fora construída em um dos contrafortes das montanhas setentrionais. Aproximando-se das muralhas com Cuspe a passo lento, Vaelin ficou espantado pela complexidade de sua construção, onde cada rua de paralelepípedos subia no que pareciam ser curvas cada vez mais fechadas e íngremes. Construções altas e retangulares de arenito encimadas por telhados de telhas de barro erguiam-se de ambos os lados. A cidade era um todo interligado, cada quadra ligada a outra por um passadiço, arcos elevados curvando-se elegantes entre as paredes. Vaelin tinha a impressão de estar olhando para uma floresta de pedras.

Um lanceiro que lhe dera um aceno respeitoso com a cabeça o deixara atravessar o portão. A Ordem sempre fora muito estimada em Renfael, uma estima que permanecera intocada apesar das Guerras de Unificação, quando os Aspectos tomaram o partido do Rei. Pessoas nas ruas além do portão lhe lançavam alguns olhares curiosos, mas ninguém o encarava abertamente ou o reconhecera, coisas que temera ao atravessar as ruas de Varinshold.

Deixou Cuspe com um cavalariço próximo ao portão, que lhe disse como chegar até a missão da Sexta Ordem.

— É uma subida uma pouco puxada, irmão — disse o homem, segurando as rédeas de Cuspe e tentando coçar o focinho do cavalo.

— Não! — Vaelin afastou a mão do homem, e os

dentes de Cuspe encontraram apenas ar. — Ele é genioso e cavalgamos muito nas últimas duas semanas.

— Oh. — O cavalariço recuou um pouco, sorrindo para Vaelin. — Acha que você é o único que consegue lidar com ele, é?

— Não, ele também me morde.

A casa da missão da Sexta Ordem ficava perto do topo da cidade e o cavalariço não exagerara sobre a subida; as pernas de Vaelin doíam do esforço quando tocou o sino pendurado ao lado da porta. O irmão que a abriu era grande e barbudo, e encarou Vaelin com olhos azuis perspicazes debaixo de sobrancelhas grossas.

— Irmão Vaelin? — perguntou ele.

Vaelin franziu a testa, surpreso.

— Estão me esperando, irmão?

— Um mensageiro chegou da capital há dois dias. O Aspecto informou sobre sua missão e ordenou que eu lhe fornecesse toda a assistência necessária caso aparecesse aqui. Suponho que missivas similares tenham sido enviadas a missões em todo o Reino. Situação infeliz. — O irmão ficou de lado, dando passagem. — Por favor, você deve estar faminto.

Vaelin foi conduzido por um corredor pouco iluminado e subiu um lance de escadas, depois outro, e mais outro depois deste.

— Irmão Comandante Artin — apresentou-se o homem barbudo enquanto subiam. — Desculpe pelas escadas. Os renfaelinos chamam Cardurin de a cidade de muitas pontes. Na verdade, deveriam chamá-la de a cidade das escadas incontáveis.

— Posso perguntar por que não há guarda na porta, irmão? — indagou Vaelin.

— Não precisamos de um. É a cidade mais segura em que já estive. Também não há foras da lei nas regiões ao redor. Os Lonaks não os toleram.

— Mas os próprios Lonaks não são uma ameaça?

— Ah, eles nunca vêm aqui. Não gostam do fedor da cidade. Aparentemente cheiro ruim significa má sorte. Quando resolvem saquear, atacam os assentamentos menores perto da fronteira. A cada dois anos, um dos Chefes de Guerra consegue persuadir alguns milhares deles para uma incursão em larga escala, mas mesmo nessas ocasiões eles raramente chegam perto das muralhas da cidade. Os lonaks não são muito afeitos a cercos.

Vaelin foi levado a uma sala grande que servia como o salão de jantar da missão e comeu um prato de cozido que o Irmão Artin trouxe da cozinha. Após a refeição, o Irmão Comandante desenrolou um mapa na mesa.

— O trabalho mais recente dos nossos irmãos cartógrafos na Terceira Ordem — explicou. — Uma representação detalhada das regiões fronteiriças. Aqui. — Ele apontou para um pictograma de uma cidade murada. — Cardurin. Seguindo diretamente para o norte se chega ao Passo Skellan, fortificado e guarnecido de forma permanente por três companhias de irmãos. Uma barreira de fato inexpugnável para qualquer fugitivo. Os lonaks desistiram dela décadas atrás.

— Como eles chegam ao sul? — perguntou Vaelin.

— Pelos contrafortes a oeste e a leste. É uma jornada longa e ficam vulneráveis a perseguições, mas têm pouca escolha se quiserem continuar a saquear. Como pode ter certeza de que seu irmão se arriscará a entrar nas terras dos lonaks?

Ele não é mais meu irmão, Vaelin quis dizer, mas permaneceu calado. Sentia uma raiva profunda sempre que pensava em Nortah e não serviria de nada dar voz a ela.

— É um caminho seguro até lá? — perguntou ao Irmão Comandante, evitando dar uma resposta. — Um caminho onde um homem viajando sozinho não seria visto?

O Irmão Artin sacudiu a cabeça.

— Os lonaks sabem quando nos aventuramos em suas terras, sozinhos em pleno inverno ou com uma companhia inteira no auge do verão, não faz diferença. Eles sempre sabem. Suponho que tenha algo a ver com as Trevas. Acredite, irmão: se o seguir até lá, você os encontrará, mais cedo ou mais tarde.

Vaelin examinou o mapa, do aglomerado de picos escarpados que formavam as montanhas setentrionais e o coração das terras dos lonaks até o Passo Skellan, fortificado um século antes quando o Senhor Feudal renfaelino decidiu que os lonaks eram uma ameaça real e não apenas um incômodo contínuo. A canção do sangue disparou quando ele voltou a atenção para os contrafortes ocidentais. Colocou o dedo sobre um pictograma pequeno e desconhecido no mapa.

— O que é isto?

— A Cidade Caída? Ele não vai para lá. Nem mesmo os lonaks vão até lá.

— Por quê?

— É um lugar ruim, irmão. Apenas ruínas e rocha nua. Só avistei o lugar de longe e me deu arrepios. Há algo no ar... — Ele sacudiu a cabeça. — A sensação simplesmente é ruim. Os lonaks o chamam de *Maars Nir-Uhlin Sol*, o Lugar das Almas Roubadas. Eles têm muitas histórias sobre pessoas que foram até lá e jamais voltaram. Há cerca de um ano, um grupo de irmãos da Quarta Ordem apareceu aqui à procura de Negadores que fugiram para o norte. Foi após a nomeação do novo Aspecto e da recusa da nossa Ordem em continuar auxiliando na perseguição da Quarta a Negadores. Eles insistiram em ir até a Cidade Caída, dizendo que tinham informações que os conduzia até lá, embora não dissessem de onde vieram as informações. Não deram ouvidos aos avisos. “Os servos da Fé não precisam temer superstições selvagens”,

disseram. Só conseguimos encontrar um deles, ou melhor, parte dele, congelado na neve três meses depois. Algo o atacara. Algo faminto.

— Talvez eles simplesmente tenham se perdido e congelado até a morte. Um lobo ou um urso poderia ter encontrado o corpo.

— O rosto do homem estava congelado durante um grito, irmão. Jamais vi expressão semelhante em algum homem, vivo ou morto. Ele foi comido vivo por algo maior e mais cruel do que um lobo. E ursos não deixam marcas como aquelas.

Vaelin voltou-se para o mapa.

— Quantos dias de cavalgada até a Cidade Caída?

O Irmão Artin observou Vaelin atentamente.

— Está realmente pensando em ir até lá?

Sei que ele está lá.

— Quantos dias de cavalgada?

— Três, se apertar o passo. Enviarei um pássaro até a muralha pedindo que um grupo o acompanhe. Pode levar alguns dias. Você pode descansar aqui...

— Vou partir sozinho, irmão. Pela manhã.

— Sozinho para as terras dos lonaks? Irmão, seria um grande eufemismo dizer que isso é insensato.

— A missiva do Aspecto continha alguma ordem que me impedisse de viajar sozinho?

— Não. Apenas ordens para que você recebesse toda a ajuda possível.

— Bem — Vaelin afastou-se da mesa e bateu no ombro do Irmão Artin —, uma boa noite de sono, provisões para a viagem e você terá me ajudado muito.

— Se for sozinho até lá, você morrerá — disse o Irmão Artin, seco.

— Então esperemos que eu complete minha missão antes disso.

Os contrafortes ocidentais eram rochosos e estéreis, cortados por uma série aparentemente interminável de ravinas, pelas quais Vaelin foi obrigado a seguir para o norte. O inverno aproximava-se depressa e uma chuva pesada e gelada caía sobre as colinas com uma regularidade medonha. Cuspe estava mais irascível do que nunca, agitando a cabeça e bufando toda vez que Vaelin o montava, e nem o suprimento regular de torrões de açúcar dos depósitos da missão melhorava seu humor. Vaelin mal percorreu vinte e quatro quilômetros no primeiro dia e acampou sob uma saliência de rocha, enrolando-se no manto e resistindo à tentação de ignorar o aviso sério do Irmão Artin de não acender uma fogueira. O sono, quando chegou, foi agitado e afligido por sonhos dos quais mal conseguiu se lembrar ao despertar com a claridade melancólica do alvorecer. A canção do sangue estava mais calma agora, mas ainda era nítida, ainda o conduzia até a Cidade Caída, onde sabia que Nortah estaria esperando.

Nortah... A raiva retornou, intensa e implacável. *Como ele pôde fazer isso? COMO ELE PÔDE?* Ela vinha crescendo desde que Dentos contou sua história, desde a compreensão repugnante de que teria que ir atrás de seu irmão e matá-lo. Viu-se incapaz de lastimar muito a mão cortada do Senhor da Batalha Al Hestian; era difícil ter pena de um homem determinado a descontar suas mágoas em prisioneiros indefesos. Mas Nortah... *Ele lutará.* Vaelin sabia com uma certeza terrível. *Ele lutará, e eu o matarei.*

Fez um desjejum de carne seca e partiu com uma garoa matutina fina, levando Cuspe a pé, uma vez que o solo era rochoso demais para cavalgar. Havia percorrido apenas alguns quilômetros quando o lonak atacou.

O garoto saltou das rochas acima em uma exibição de acrobacias impressionantes, girando em pleno ar e

caindo de pé diante de Vaelin, um porrete de batalha em uma mão e uma faca longa e curva na outra. Tinha o peito nu e era esguio como um galgo; Vaelin estimou que tivesse entre catorze e dezesseis anos. A cabeça era raspada, com uma tatuagem elaborada sobre a orelha esquerda. O rosto liso e angular estava tenso de expectativa pelo combate quando anunciou seu desafio em uma língua que Vaelin nunca tinha ouvido.

— Desculpe — disse Vaelin. — Não conheço sua língua.

O garoto lonak evidentemente entendeu isso como um insulto ou uma aceitação do desafio, visto que atacou sem mais demora, saltando no ar, com o porrete acima da cabeça, a mão da faca para trás, pronta para desferir um golpe. Era um movimento praticado, executado com precisão elegante. Vaelin desviou do porrete quando a arma desceu, agarrou a mão da faca no meio do golpe e fez o garoto desmaiar com um golpe de mão aberta na têmpora.

Levou a mão à espada ao olhar em redor à procura de mais inimigos, examinando as rochas acima. *Onde há um, há mais*, advertira o Irmão Artin. *Sempre há mais.* Não havia nada, nenhum som ou cheiro no ar, nada para perturbar as batidas suaves da chuva nas rochas. Cuspe evidentemente também não sentia nada, pois começou a mordiscar os pés com calçados de couro do garoto inconsciente.

Vaelin o puxou para longe, quase recebendo um coice de uma pata dianteira, e agachou-se para examinar o garoto. A respiração do lonak estava regular e não havia sangue saindo das orelhas ou do nariz. Vaelin o posicionou de modo que não engasgasse com a língua e conduziu Cuspe adiante.

Passada uma hora, as ravinas deram lugar ao que o Irmão Artin chamara de Bigorna de Pedra. Era a paisagem mais estranha e incomum que Vaelin já vira,

uma vasta extensão de rochas estéreis, salpicada por pequenas poças de água da chuva e outeiros rochosos que se erguiam da superfície ondulante como grandes cogumelos deformados. Vaelin imaginava estupefato que desígnio da natureza teria produzido tal cenário. Os cumbraelinos afirmavam que seu deus havia feito o mundo e tudo que havia nele com um piscar de olhos, mas ao ver os canais entalhados pelas intempéries nos outeiros que se erguiam acima, Vaelin soube que aquele lugar levara muitos séculos para atingir semelhante estado de estranheza profunda.

Tornou a montar em Cuspe e seguiu para o norte a passo lento, percorrendo outros dezesseis quilômetros antes do anoitecer. Acampou ao abrigo do maior outeiro que conseguiu encontrar, mais uma vez enrolado no manto enquanto tentava dormir. Suas pálpebras já estavam pesadas quando o garoto lonak atacou de novo.

O garoto vociferava em uma língua incompreensível enquanto Vaelin amarrava-lhe uma corda em volta do peito, as mãos já presas atrás das costas. Uma contusão lívida marcava a têmpora e outra estava se formando debaixo do nariz, onde os nós dos dedos de Vaelin encontraram o nervo que o deixou inconsciente.

— *Nisha ulniss ne Serantim!* — gritava o garoto para Vaelin, o rosto contundido rígido de ódio. — *Herin! Garnin!*

— Ah, cale a boca — disse Vaelin cansado, enfiando um trapo na boca do garoto.

Deixou-o contorcendo-se nas amarras e conduziu Cuspe adiante, tendo cuidado onde pisava no escuro, embora a meia-lua estivesse brilhante o suficiente para enxergar o caminho sem pisar em falso. Continuou andando até não conseguir ouvir mais os gritos abafados do garoto; encontrou abrigo ao lado de um pedregulho enorme e deitou-se para ser tragado pelo

sono.

O dia seguinte trouxe o primeiro vislumbre de luz do sol; raios intermitentes atravessavam as nuvens e atingiam as rochas congeladas da Bigorna, arrancando sombras imensas dos outeiros, cujas superfícies castigadas pelo tempo pareciam cintilar. *É lindo*, pensou, desejando que tivesse ido até lá em uma missão diferente. O coração pesado parecia proibi-lo de sentir prazer com as coisas simples.

A Bigorna estendia-se por outros oito quilômetros, finalmente dando lugar a uma série de colinas baixas ponteadas de pinheiros mirrados, que pareciam proliferar no norte. Cuspe disparou em um galope espontâneo assim que seus cascos tocaram na relva, resfolegando de alívio por deixar as rochas duras da Bigorna. Vaelin deixou que corresse. Cuspe sempre fora um animal genioso e era uma novidade vê-lo tão contente ao correr para cima e para baixo das colinas, revirando a terra por onde passava. Ao anoitecer, Vaelin avistou o planalto vasto onde a Cidade Caída aguardava. Encontrou um lugar para acampar no alto da última das colinas, que fornecia uma vista dos arredores e abrigo em um aglomerado de pinheiros perto do topo.

Amarrou Cuspe a um galho baixo e recolheu lenha, colocou a madeira dentro de um círculo de pedras e acrescentou agulhas de pinheiro para servir de combustível. Bateu a pederneira e soprou as chamas até o fogo pegar e a fogueira estar pronta. Sentado de pernas cruzadas, a espada ainda nas costas e o arco à mão, com uma flecha já preparada, ele esperou. Percebera que estava sendo seguido no início da noite, de modo que não havia muito sentido em seguir o conselho de Artin de não acender uma fogueira.

A noite caiu depressa e o céu nublado deixava a escuridão densa e impenetrável para além da luz do fogo. Passou-se mais uma hora até que o barulho de cascos na terra anunciassem um visitante. O homem que caminhou para o acampamento tinha pelo menos dois metros de altura, ombros largos e braços musculosos, o peito envolto em uma túnica de pele de urso que chegava à cintura, onde um porrete de batalha e uma machadinha de lâmina de aço pendiam de um cinto. Vestia calças de pele de veado e botas de couro. Assim como o garoto que atacara Vaelin mais cedo, tinha a cabeça raspada e tatuada, um padrão complexo e labiríntico que lhe circundava a cabeça de têmpora a têmpora. Mais tatuagens lhe cobriam os braços, espirais estranhas e formas pontiagudas que iam dos ombros aos pulsos. O rosto era fino e angular, dificultando julgar sua idade, mas os olhos, escuros e hostis debaixo de fronte franzida, indicavam muitos anos e, se Vaelin não estava enganado, muitas batalhas. Ele conduzia um pônei robusto que carregava algo no dorso, algo que se contorcia e gemia em cordas bem apertadas.

O Lonak tirou a machadinha e o porrete do cinto com um movimento ligeiro e hábil que Vaelin quase não conseguiu ver. Observou o homem girar as armas com destreza por um ou dois segundos, sentindo o deslocamento de ar e resistindo ao impulso de sacar a espada. Os olhos do homem continuavam a encará-lo, estudando-o de forma calculada. Após um momento, ele grunhiu com aparente satisfação e depositou as duas armas no chão perto da fogueira. Deu um passo para trás com as mãos erguidas, o semblante não menos hostil.

Vaelin soltou a espada das costas e a depositou à sua frente, também erguendo as mãos. O Lonak grunhiu de novo e foi até o pônei, tirando o garoto amarrado de cima do animal e jogando-o sem cerimônia ao lado da

fogueira.

— Isto é seu — disse ele a Vaelin com um sotaque carregado, mas com clareza.

Vaelin olhou para o garoto, que tinha na boca uma mordaça de couro e os olhos embaçados de exaustão.

— Eu não o quero — disse ao lonak.

O homenzarrão encarou-o em silêncio por um momento e então caminhou até o outro lado da fogueira, estendendo as mãos para as chamas.

— Entre meu povo, quando um homem vem até sua fogueira em paz, é costume oferecer a ele carne e algo para matar a sede.

Vaelin enfiou as mãos nos alforjes, pegou um pouco de carne seca e um cantil e os jogou para o lonak do outro lado da fogueira. O homem tirou uma faca pequena da boca e cortou uma tira da carne, mastigando e engolindo depressa. Porém, quando bebeu do cantil, fez uma careta e cuspiu no chão.

— Onde está o vinho que vocês *merim her* amam tanto? — perguntou.

— Raramente bebo vinho. — Vaelin olhou para o garoto. — Não vai deixá-lo comer também?

— Você é quem decide se ele come. Ele lhe pertence.

— Porque eu o derrotei?

— Se você derrota um homem e não o mata, ele é seu.

— E se eu não ficar com ele?

— Ele permanecerá aqui até morrer de fome ou os animais virem para reivindicá-lo.

— Eu poderia apenas cortar as amarras, deixá-lo livre.

O lonak deu uma gargalhada rouca.

— Não há liberdade para ele. Ele é *varnish*, derrotado, destruído, tem menos valor do que bosta de cachorro para meu povo. — O homem agora fitava o garoto com um olhar feroz e implacável. — Uma punição apropriada para alguém que desobedece a palavra *Dela* e permite

que seu orgulho o cegue para a obediência que deve prestar. Corte as amarras e ele vagará por aqui sem armas e sem amigos, meu povo o evitará e ele não encontrará abrigo.

Voltou o olhar para Vaelin; a tensão no maxilar e nos lábios transmitiam outra coisa além de raiva, algo forte demais para ser escondido. *Preocupação. Ele teme pelo garoto.*

— Se ele é meu, posso fazer o que quiser com ele? — perguntou Vaelin.

Os olhos do lonak voltaram-se por um instante para o garoto. Ele assentiu.

— Então o dou a você. Um presente de agradecimento por permitir que eu atravesse suas terras.

O rosto do lonak permaneceu impassível, mas Vaelin podia ver o alívio em seus olhos.

— Vocês *merim her* são moles — desdenhou ele. — Fracos e covardes. A única força de vocês está na quantidade de sua gente, e isso não durará para sempre. Um dia os mandaremos de volta para o mar e as ondas ficarão vermelhas com seu sangue. — Ele levantou-se e foi até o garoto, usando a faca da bota para cortar a corda. — Aceitarei seu presente imprestável, já que é tudo o que tem a oferecer.

— De nada.

Livre das cordas, o garoto estava apático, sem firmeza nos membros quando o lonak o colocou de pé, e choramingou quando o homem o acordou a tapas com uma série de xingamentos em sua própria língua. Reanimado, o garoto olhou para Vaelin, as feições alteradas pelo mesmo ódio e sede de sangue de antes. Empertigou-se, preparando-se para outro ataque. O grande lonak acertou-lhe uma bofetada no rosto, arrancando sangue do lábio, e então o empurrou para o pônei, ergueu-o no dorso do animal e apontou com severidade para o sopé da colina. O garoto lançou um

último olhar de hostilidade para Vaelin antes de sair a galope escuridão adentro.

O lonak voltou para a fogueira e pegou outro pedaço de carne seca, o rosto sombrio enquanto comia.

— Um bom pai sofre muito por seu filho — comentou Vaelin.

O lonak ergueu de pronto os olhos para ele, a hostilidade reluzindo mais uma vez.

— Não pense que há uma dívida entre nós. Não pense que comprou a passagem por nossas terras com a vida do meu filho. Você vive porque *Ela* assim deseja.

— Ela?

O lonak sacudiu a cabeça, indignado.

— Vocês nos enfrentam há séculos e sabem tão pouco sobre nós. *Ela* é a nossa guia e a nossa proteção. *Ela* é a nossa sabedoria e a nossa alma. *Ela* nos governa e nos serve.

Vaelin lembrou-se do encontro onírico com Nersus Sil Nin na Martishe. O que ela dissera sobre os lonaks? *Eu devia saber que a Suma Sacerdotisa encontraria uma maneira.*

— A Suma Sacerdotisa. Ela é a sua líder?

— Suma Sacerdotisa. — O lonak pronunciou as palavras como se provasse um alimento desconhecido. — Um nome tão bom quanto qualquer outro. Sua língua degenerada não serve com facilidade aos nossos modos.

— Você fala muito bem a minha língua degenerada. Onde a aprendeu?

O lonak encolheu os ombros.

— Quando saqueamos, fazemos prisioneiros, embora não sirvam para muita coisa. Os homens são fracos demais para trabalhar nas minas por mais de uma estação sem perecer e as mulheres parem crianças debilitadas. Porém, uma vez capturamos um homem de manto cinzento. Dizia que se chamava Irmão Kellin.

Sabia curar e sabia aprender. Aprendeu a falar a nossa língua como se fosse a dele, então fiz com que me ensinasse a dele.

— Onde ele está agora?

— Ficou doente no último inverno. Era velho, nós o deixamos na neve.

Vaelin começava a compreender por que os lonaks eram tão desprezados.

— Então sua Suma Sacerdotisa mandou que vocês me deixassem passar?

— A ordem veio da Montanha. Um dos *merim her* viria sozinho até nossas terras, o maior guerreiro deles, em busca do sangue de seu irmão. Nada de mau lhe acontecerá.

O sangue de seu irmão... A Suma Sacerdotisa parece saber bastante.

— Por quê?

— *Ela* não explica. Ordens que vêm da Montanha não são questionadas.

— E ainda assim seu filho tentou me matar.

— Garotos buscam renome com feitos proibidos. Ele imaginava derrotá-lo e receber glórias por isso, a espada mais afiada dos *merim her* vencida por sua faca. O que eu fiz para irritar os deuses para que me dessem um tolo como filho? — Ele pigarreou e cuspiu no fogo, olhando para Vaelin. — Por que o poupou?

— Não havia por que matá-lo. Matar sem necessidade é contra a Fé.

— O Irmão Kellin falava com frequência da sua Fé, mentiras intermináveis. Como pode um homem ter uma crença, mas nenhum deus para puni-lo se violá-la?

— Um deus é uma mentira, e um homem não pode ser punido por uma mentira.

O lonak mastigou mais um pouco de carne seca e sacudiu a cabeça, parecendo quase triste.

— Já ouvi a voz do deus do fogo, Nishak, nas

profundezas de lugares escuros debaixo da montanha fumegante. Não há mentira nela.

Deus do fogo? Obviamente o homem confundira o eco de uma caverna com a voz de um de seus deuses.

— O que ele lhe disse?

— Muitas coisas. Nenhuma delas para seus ouvidos, *merim her*. — Jogou a carne e o cantil de volta para Vaelin. — É má sorte para um homem buscar a morte de seu irmão. Por que faz isso?

Vaelin ficou tentado a ignorar a pergunta e permanecer sentado em silêncio até o lonak partir; havia pouco sobre o que conversar e ele sem dúvida não gostava da companhia do homem, mas algo fez com que desse voz aos sentimentos que tanto lhe afligiam. *É mais fácil se abrir com um estranho.*

— Ele não é meu irmão de sangue, mas de Fé. Somos da mesma Ordem e ele cometeu uma grande ofensa.

— E então você vai matá-lo?

— Será preciso. Ele não me deixará levá-lo de volta para ser julgado. A Suma Sacerdotisa também lhe disse para deixá-lo passar?

O lonak assentiu.

— O cabelo amarelo passou a cavalo há sete dias, indo na direção do *Maars Nir-Uhlin Sol*. Pretende segui-lo até lá?

— Eu preciso.

— Então o mais provável é que encontre um cadáver de cabelo amarelo esperando por você. Só há morte naquelas ruínas.

— Foi o que ouvi. Sabe o que causa a morte na Cidade Caída?

O rosto do lonak se crispou, incomodado. O medo era claramente um assunto delicado.

— Nosso povo não vai lá. Faz mais de cinco invernos que ninguém vai lá. Não gostávamos do lugar mesmo antes disso. Há algo pesado no ar que se abate sobre a

alma de um homem. Então os corpos começaram a aparecer. Caçadores e guerreiros experientes feitos em pedaços por algo invisível, os rostos congelados de medo. É um fim vergonhoso ser morto por uma fera, mesmo uma fera mágica. — Ergueu os olhos para Vaelin. — Se for até lá, você logo estará tão morto quanto seu irmão.

— Meu irmão não está morto. — Ele sabia disso, sentia na melodia constante da canção do sangue. Nortah ainda estava vivo. Esperando.

O lonak recolheu as armas de súbito e pôs-se de pé, fitando Vaelin com um olhar hostil.

— Já falamos demais, *merim her*. Não continuarei a me sujar com sua companhia.

— Vaelin Al Sorna — disse Vaelin.

O lonak apertou os olhos na direção dele.

— O quê?

— Meu nome. Você tem um?

O lonak o encarou em silêncio por um longo tempo, a hostilidade desaparecendo do olhar. Por fim sacudiu a cabeça.

— Esse não é o seu nome.

Então partiu para a escuridão além da fogueira sem o menor barulho.

A torre devia ter mais de sessenta metros de altura e Vaelin só podia imaginar o quão impressionante ela devia ter sido antigamente: uma seta de mármore vermelho e granito cinzento apontando diretamente para o céu. Agora era uma estrada arruinada e fendida de rochas cobertas de ervas daninhas que o conduzia até o centro da Cidade Caída. Olhando mais de perto, notou que os escombros eram adornados com belos entalhes em relevo que exibiam uma miríade de animais e humanos nus saltitantes. Os frisos de pedra

que decoravam as construções mais antigas da capital eram todos de caráter militar, com guerreiros lutando batalhas esquecidas com armamento arcaico. Ali, no entanto, não havia batalhas; os entalhes pareciam alegres, frequentemente carnais, mas jamais violentos.

O sol da manhã despontou por trás de uma densa camada de nuvens, trazendo pancadas de neve impelidas por um vento constante que ele sabia que ficaria cada vez mais forte à medida que o dia avançasse. Enrolou-se no manto para se proteger do frio e incitou Cuspe a seguir em frente. Embora estivesse menos irascível do que de costume, havia uma tensão no animal que Vaelin não sentira antes: tinha os olhos arregalados e relinchava nervoso ao menor ruído. Era a cidade, ele sabia. O Ionak e o Irmão Artin não haviam exagerado sobre a sensação de opressão no ar. Aumentava conforme ele se aproximava das ruínas adiante, e começou a sentir uma dor na base do crânio. A canção do sangue também estava diferente, menos constante em seu tom, mais urgente em seu aviso.

Vaelin começou a guiar Cuspe até uma arcada central próxima de onde parecia ter sido a fundação da torre caída. Tinham dado apenas alguns passos quando Cuspe começou a tremer, arregalando ainda mais os olhos, empinando e sacudindo a cabeça, alarmado.

— Calma! — Vaelin tentou acalmá-lo esfregando o pescoço do animal, mas o cavalo estava descontrolado pelo medo, deu um relincho agudo e derrubou Vaelin da sela com um pinote brusco, e saiu em disparada antes que Vaelin conseguisse agarrar as rédeas.

— Volte aqui, seu pangaré maldito! — A única resposta foi o estrépito distante de cascos. — Eu devia ter cortado a garganta dele anos trás — resmungou Vaelin.

— Não se mexa, irmão.

Nortah estava parado debaixo da arcada parcialmente

desmoronada. O cabelo louro estava mais longo, quase chegando aos ombros, e havia indícios de uma barba rala em seu queixo. Em vez do traje da Ordem, vestia calça de zibelina e um colete de couro. Fora a faca de caça no cinto, ele estava desarmado. Vaelin esperava que houvesse resistência, além de um pouco da zombaria e escárnio usuais, de modo que ficou surpreso ao ver que a expressão de Nortah era de grave preocupação.

— Irmão — dirigiu-se a Nortah com formalidade —, o Aspecto Arlyn ordena que volte imediatamente...

Nortah mal parecia ouvi-lo, aproximando-se com as mãos erguidas, e Vaelin notou como o irmão olhava para o lado, concentrando-se em algo mais atrás...

Vaelin girou nos calcanhares, a espada saindo da bainha em um borrão.

— NÃO! — O grito de Nortah foi dado tarde demais, pois algo imenso e incrivelmente forte chocou-se contra o flanco de Vaelin, a força da investida arrancando-lhe a espada da mão e arremessando-o para o alto, indo cair a três metros de distância e perdendo o ar com o impacto.

Vaelin tateou em busca da adaga na bota, respirando fundo e tentando ignorar a dor lancinante no peito, sinal de pelo menos uma costela quebrada. Ficou de pé, gritando de dor, e desabou de imediato quando uma onda de náusea lhe turvou a visão e arrancou o chão debaixo de seus pés. *Mais do que apenas uma costela quebrada.* Agitava a adaga furiosamente, lutando para se levantar e dando com Nortah parado sobre seu corpo. Vaelin recuou esperando um ataque, invertendo a adaga para aparar um golpe...

Nortah estava de costas para ele, parado com as mãos erguidas acima da cabeça, acenando freneticamente.

— NÃO! Não! Deixe-o em paz!

Ouviu-se um som, como um rosnado misturado com um rugido. Mas não era um som que cão algum faria.

Vaelin vira linces na Urlish e na Martishe, mas a fera que o encarava agora era tão diferente em tamanho e forma que quase concluiu que se tratasse de outra espécie. Tinha mais de um metro e vinte de altura, o corpo esguio e forte coberto por um pelo branco como a neve com listras negras. Patas pesadas raspavam o chão com garras de mais de cinco centímetros, e os olhos, de um verde brilhante em meio à máscara listrada que era seu rosto, pareciam cintilar com um propósito malevolente. Encontrando os olhos de Vaelin, o animal sibilou, arreganhando presas que pareciam adagas de marfim.

— NÃO! — berrou Nortah, colocando-se entre o gato e Vaelin. — Não!

O gato rosnou de novo, erguendo uma pata para golpear o ar, irritado, e então se moveu para a esquerda, tentando desviar de Nortah. Vaelin estava espantado. *Ele tem medo de Nortah?*

Ouviram-se mãos batendo uma palma, alta e aguda no ar gelado da montanha. Vaelin desviou o olhar do gato rosnador e viu uma mulher jovem parada a pouca distância, uma mulher jovem e esbelta de cabelos ruivos e um rosto oval familiar e muito bonito.

— Sella? — disse ele, contorcendo-se quando uma nova onda de dor percorreu seu corpo, fazendo a visão embaçar. Quando clareou, Vaelin viu que ela estava parada sobre ele, com um sorriso afetuoso nos lábios, o gato ao seu lado, roçando-lhe a perna enquanto ela passava a mão em seu pelo. Pôde ver outras figuras saindo das ruínas atrás dela, dezenas de pessoas, jovens e velhas, homens e mulheres.

— Irmão? — Nortah estava ajoelhado ao seu lado, o rosto pálido de preocupação. — Está ferido?

— Eu... — Encontrando o olhar de Nortah e vendo a

preocupação em seus olhos, Vaelin sentiu uma vergonha intensa subir-lhe pelo peito. *Vim aqui para matá-lo, meu amigo. Que tipo de homem eu sou?* — Estou bem — respondeu ele, forçando-se a sentar e em seguida desmaiando com a dor agonizante no peito.

CAPÍTULO OITO

Ele foi despertado por vozes, baixas, mas tensas pela discordância.

— ... um perigo para todos nós — sussurrava um homem, exaltado.

— Não mais do que eu — respondeu uma voz familiar.

— Você é tão fugitivo quanto nós, irmão. *Ele* é membro de uma Ordem que mata a nossa gente.

— Esse homem está sob a minha proteção. Nada de mau lhe acontecerá.

— Não estou falando sobre machucá-lo de alguma forma. Há outros modos, podemos mantê-lo adormecido...

— Um pouco tarde para isso — disse Vaelin, abrindo os olhos.

Ele estava deitado em uma cama de peles em um quarto grande e sem mobília, as paredes e o teto ricamente decorados com pinturas esmaecidas de animais e estranhas criaturas marinhas que não conhecia. O chão era coberto por um mosaico elaborado que exibia uma pereira carregada de frutos cercada por símbolos desconhecidos e intricados padrões espiralados. Nortah estava parado junto à porta, acompanhado por um homem robusto de cabelos grisalhos e olhos cautelosos.

— Irmão — disse Nortah, com um sorriso. — Você está bem?

Vaelin levou a mão ao flanco, esperando encontrá-lo sensível ao toque, mas não havia dor. Afastando as peles, viu que a contusão lívida que esperava não

estava ali: a carne estava lisa e sem marcas.

— Parece que sim. Pensei que aquela fera havia me quebrado pelo menos uma costela.

— Ela fez mais do que isso — disse o homem grisalho. — Artesão teve que passar metade da noite com você. Dança da Neve não é um animal fácil de se controlar, mesmo para Sella.

— Dança da Neve?

— A gata — explicou Nortah. — Uma gata guerreira deixada para trás pela Horda do Gelo. Parece que alguns deles cometeram o erro de entrar nas terras dos lonaks depois que o Senhor da Torre os expulsou. Sella a encontrou quando era um filhote. Aparentemente ainda não cresceu tudo o que tem para crescer.

— Cresceu e era feroz o suficiente para nos manter a salvo — disse o outro homem, fitando Vaelin com frieza. — Até agora.

— Este é Harlick — disse Nortah. — Ele tem medo de você. A maioria deles tem.

— Deles?

— As pessoas que vivem aqui, e posso dizer que são uma gente bem estranha. — Ele foi até um canto onde as roupas e armas de Vaelin estavam arrumadas e lhe jogou uma camisa. — Vista-se e vou lhe mostrar a Cidade Caída.

Do lado de fora, o sol brilhava no alto, aquecendo o ar e afastando as sombras das ruínas. Saíram do que parecia ter sido um edifício oficial de algum tipo, o seu tamanho e o aglomerado de símbolos entalhados no lintel acima da entrada o identificavam como um local de importância.

— Harlick acha que era uma biblioteca — disse Nortah. — Ele deve estar certo. Costumava ser um homem importante na Grande Biblioteca de Varinshold. Porém, que fim tiveram todos os livros... — Ele encolheu os ombros.

— Provavelmente viraram pó eras atrás — disse Vaelin. Olhando em volta, ficou impressionado com o ar de beleza maculada. A elegância das construções, evidente em cada linha e entalhe, fora desalojada e desfigurada pela ruína da cidade. Seus olhos perceberam marcas nas fachadas de pedra e nas estátuas quebradas: não eram rachaduras de idade, mas escoriações talhadas na pedra. Em outros pontos, notou o modo como todas as construções mais altas haviam caído em direções diferentes, como se derrubadas de forma aleatória. Havia uma violência na destruição que indicava mais do que as privações da passagem dos anos e da severidade do clima.

— Este lugar foi atacado — murmurou. — Foi arrasado séculos atrás.

— Sella disse a mesma coisa. — O rosto de Nortah ficou um pouco anuviado. — Ela sonha às vezes. Tem pesadelos sobre o que aconteceu aqui.

Vaelin virou-se para encará-lo, procurando em seu rosto sinais de algo anormal. Nortah certamente estava diferente: o cansaço que lhe embotara os olhos desde o período na Martishe desaparecera, substituído por algo que Vaelin levou um momento para reconhecer. *Ele está feliz.*

— Irmão — disse ele. — Eu preciso saber. Ela o tocou?

A expressão de Nortah era ao mesmo tempo jocosa e cautelosa.

— Meu pai me disse uma vez que há algumas coisas que um verdadeiro nobre não comenta.

Por um momento Vaelin permaneceu indeciso sobre se deveria estar com inveja ou irritado com o fato de Nortah conseguir deixar de lado seus votos com tamanha facilidade. Ficou surpreso ao ver que não sentia nenhuma das duas coisas.

— Eu quis dizer...

Ouviu-se o som de garras sendo raspadas depressa na

pedra e Vaelin lutou para conter o pânico ao ver a gata guerreira Dança da Neve aproximando-se aos saltos, pulando sobre uma coluna caída e quase derrubando Nortah ao esfregar contra ele a grande cabeça, ronronando alto.

— Olá, criatura cruel — cumprimentou Nortah, coçando atrás das orelhas do animal como se estivesse acariciando um filhote de gato. Vaelin não pôde evitar de se afastar. A força óbvia do animal fazia até mesmo Arranhão parecer fraco em comparação.

— Ela não vai machucá-lo — garantiu Nortah, coçando o queixo da gata, que virava a cabeça. — Sella não vai deixar.

Nortah o conduziu por entre as ruínas até um agrupamento de construções que pareciam mais intactas do que as outras. Havia pessoas ali, por volta de trinta de idades variadas, com algumas crianças correndo ao redor. A maioria dos adultos encarou Vaelin com uma mistura de medo e suspeita, outros foram abertamente hostis. Curiosamente, não demonstravam ter medo de Dança da Neve, e duas crianças chegaram a correr para acariciar a gata.

— Por que não pegou a espada dele? — perguntou um homem alto de barba negra a Nortah. Ele segurava um bastão pesado, e uma garotinha espiava de trás de suas pernas com os olhos arregalados de medo e curiosidade.

— Não é minha para pegar — respondeu Nortah em um tom plácido. — E eu não o aconselharia a tentar, Rannil.

Vaelin ficou espantado pelo modo como as pessoas evitavam seu olhar enquanto andavam pelo acampamento; duas chegaram a cobrir os rostos, embora ele não conhecesse nenhuma delas. Havia também um murmúrio que vinha da canção do sangue, um tom que não ouvira antes, uma sensação quase de

reconhecimento.

Nortah parou ao lado de um rapaz corpulento que, ao contrário dos outros, não deu a mínima atenção a eles. Estava sentado cercado por pilhas de junco e movia as mãos com destreza enquanto trabalhava com eles, entrelaçando as longas hastes com uma habilidade inconsciente. Havia algumas cestas cônicas terminadas ali perto, cada uma aparentemente idêntica.

— Este é Artesão — disse Nortah a Vaelin. — É graças a ele que você não tem costelas quebradas.

— O senhor é um curandeiro? — Vaelin perguntou ao rapaz.

Artesão ergueu a cabeça para Vaelin com olhos vazios e um sorriso vago no rosto largo. Após um momento piscou, como se reconhecesse Vaelin pela primeira vez.

— Todo quebrado por dentro — disse ele, pronunciando as palavras com tamanha rapidez que Vaelin quase não conseguiu compreendê-las. — Ossos e veias e músculos e órgãos. Precisava ser consertado. Muito tempo para consertar.

— Você me consertou? — perguntou Vaelin.

— Consertou — repetiu Artesão. Piscou de novo e voltou ao trabalho, os dedos dando prosseguimento ao entrelaçamento com maestria. Ele não ergueu os olhos quando Nortah e Vaelin se afastaram.

— Ele é lento de raciocínio? — perguntou Vaelin.

— Ninguém sabe ao certo. Fica sentado o dia inteiro trançando suas cestas e raramente fala. A única hora em que não está trançando é quando está curando.

— Como ele aprendeu as artes da cura?

Nortah parou e enrolou a manga esquerda da camisa. Havia uma cicatriz fina ao longo do antebraço, esmaecida e quase imperceptível.

— Quando abri caminho com a espada para fora da tenda do Senhor da Batalha, um de seus Falcões me atingiu com uma lança. Costurei o melhor que pude,

mas não sou curandeiro. Quando cheguei às montanhas, já estava gangrenando, a carne em volta do corte estava preta e fedendo. Assim que me vi entre essas pessoas, Artesão largou os juncos, aproximou-se e colocou as mãos no meu braço. Foi uma sensação... quente, quase como se estivesse queimando. Quando ele removeu as mãos, o ferimento estava assim.

Vaelin virou-se e olhou para Artesão, sentado e cercado por seus juncos e cestas, e sentiu a canção do sangue murmurar outra vez.

— As Trevas — disse ele. Ele olhou em volta para os rostos cautelosos dos outros, e o significado do novo tom da canção ficou claro. — Todos eles têm ligação com elas.

Nortah inclinou-se para ele, falando em voz baixa.

— Assim como você, irmão. De que outro modo conseguiria me encontrar? — Ele sorriu diante do choque no rosto de Vaelin. — Você escondeu bem durante todos esses anos. Nenhum de nós desconfiava. Mas você não pode esconder isso dela. Ela me contou o que você fez por ela, e aceite meus humildes agradecimentos por isso. Afinal, do contrário jamais teríamos nos conhecido. Venha, ela está esperando.

Encontraram Sella acampada em uma grande praça no centro da cidade; subia fumaça de uma fogueira, sobre a qual uma panela fumegante de cozido estava pendurada. Ela não estava sozinha: Cuspe bufava de satisfação enquanto ela passava a mão por seus flancos. As bufadas se transformaram em um relincho familiar de irritação quando Vaelin aproximou-se, como se o cavalo ficasse ressentido com a intromissão.

O abraço de Sella foi caloroso e o sorriso largo, mas Vaelin notou que ela usava luvas e evitava contato com sua pele. As mãos delas moveram-se com a fluência de que ele se lembrava. *Você está mais alto*, disse ela.

— Você também. — Vaelin indicou Cuspe com a

cabeça, que agora fuçava em um arbusto, propositalmente indiferente ao seu senhor. — Ele gosta de você. Geralmente ele odeia todo mundo em que coloca os olhos.

Não é ódio, disseram as mãos dela. *É raiva. A memória dele é longa para um cavalo. Ele se lembra das planícies onde cresceu. Capim interminável, céu infinito. Ele anseia por voltar para lá.*

Ela fez uma pausa para dar um beijo nos lábios de Nortah quando ele a puxou para perto de si com familiaridade, provocando um momento de mal-estar. *Então ela o tocou.*

Cuspe soltou um relincho súbito de alarme quando Dança da Neve apareceu aos saltos, e teria fugido se Sella não o tivesse acalmado, passando a mão em seu pescoço. Ela voltou o olhar para a gata guerreira, detendo o animal no meio de um pulo. Vaelin sentiu um sussurro da canção do sangue enquanto o olhar de Sella permaneceu fixo na gata. Após uma breve pausa, Dança da Neve piscou, sacudiu a cabeça, confusa, e então partiu saltando em outra direção, desaparecendo rapidamente entre as ruínas.

Ela quer brincar com seu cavalo, disse Sella. *Ficará longe dele agora.* Ela foi até a fogueira e tirou a panela do tripé.

— Come conosco, irmão? — perguntou Nortah.

Vaelin percebeu que estava faminto.

— Com prazer.

O cozido era de carne de cabra temperada com tomilho e sálvia, que aparentemente cresciam em abundância entre as ruínas. Vaelin devorou uma tigela com a costumeira falta de boas maneiras, notando o modo como Nortah fez uma careta de desculpa para Sella. Ela apenas sorriu e sacudiu a cabeça.

— Como está Dentos? — perguntou Nortah.

— Machucado. Você quase quebrou o malar dele.

— E ele quase quebrou o meu. Então os Falcões não o pegaram?

— Ele conseguiu voltar a salvo para o Forte Alto.

— Fico feliz. Ele e os outros estavam bravos?

— Não, estavam preocupados. *Eu* estava bravo.

Nortah apertou os lábios num sorriso quase cauteloso.

— Veio aqui para me matar, irmão?

Vaelin olhou-o diretamente nos olhos.

— Eu sabia que você não me deixaria levá-lo de volta.

— Tinha razão. E agora?

Vaelin apontou para a corrente do medalhão no pescoço de Nortah e fez sinal para que ele lhe entregasse. Nortah hesitou por um instante, então tirou de dentro da camisa o pequeno ícone de metal do guerreiro cego, passou a corrente pela cabeça e largou o medalhão na palma de Vaelin.

— Agora não há necessidade — disse Vaelin, colocando a corrente no próprio pescoço. — Já que você teve a imprudência de fugir para o território dos lonaks debilitado pelo seu ferimento. Depois de repelir vários ataques dos lonaks, você infelizmente foi vítima de uma besta sem nome, porém notoriamente selvagem que habita os arredores da Cidade Caída. — Levou uma mão ao medalhão. — Mal consegui reconhecer seus restos mortais, exceto por isto.

Eles acreditarão em você?, perguntou Sella.

Vaelin encolheu os ombros.

— Acreditam no que contei sobre você. Além do mais, o que importa é o que o Rei acredita, e imagino que ele optará por aceitar minha palavra sem maiores investigações.

— Então sua palavra tem peso com o Rei — ponderou Nortah. — Sempre suspeitamos. O Senhor da Batalha sobreviveu?

— Parece que sim. A Guarda do Reino retornou a Asrael e Lorde Mustor agora está empossado como

Senhor Feudal na capital cumbraelina.

— E os prisioneiros cumbraelinos?

Vaelin hesitou. Ouvira a história pelo Irmão Artin e não tinha certeza de como Nortah reagiria à notícia, mas decidiu que ele merecia ouvir a verdade.

— O Senhor da Batalha é popular com os Falcões, como sabe. Depois do que você fez com ele, eles se revoltaram e todos os prisioneiros foram massacrados.

O rosto de Nortah ficou abatido pela tristeza.

— Então foi tudo à toa.

Sella apertou-lhe rapidamente a mão. *Não à toa. Você me encontrou.*

Nortah forçou um sorriso e levantou-se.

— É melhor eu ir caçar. — Deu um beijo no rosto de Sella e colocou o arco e a aljava no ombro. — Estamos ficando sem carne, e imagino que vocês dois têm muito a conversar.

Vaelin observou-o afastar-se em direção ao limite norte da cidade. Pouco depois, Dança da Neve apareceu e seguiu ao lado dele.

Sei o que você está pensando, disse Sella quando Vaelin virou-se para frente.

— Você o tocou — retorquiu Vaelin.

Não como você imagina, insistiram as mãos dela. *Você está com algo meu.*

Vaelin assentiu, puxando de dentro da gola o lenço de seda que ela havia lhe dado. Desamarrou-o do pescoço e entregou a Sella, sentindo uma estranha relutância. O lenço fora seu talismã por tanto tempo que sua ausência era inquietante.

Sella sorriu tristemente ao colocar o lenço sobre os joelhos, os dedos traçando o padrão delicado de fios de ouro. *Minha mãe o usou a vida inteira*, sinalizou ela. *Eu o recebi quando ela morreu. A mensagem que há nele é preciosa para aqueles que acreditam como nós. Veja.* Ela apontou para o emblema bordado na seda, um

crescente circundado por estrelas. *A lua, o símbolo de reflexão serena, de onde se originam a razão e o equilíbrio. Aqui.* Ela apontou para um círculo dourado envolto em chamas. *O sol, fonte da paixão, do amor, da raiva.* Passou o dedo pela árvore no meio do lenço. *Existimos aqui, entre os dois. Crescemos da terra, aquecidos pelo sol, resfriados pela noite enluarada. O coração do seu irmão foi puxado para dentro do reino do sol, incendiado pela raiva e o remorso. Agora ele esfriou e olha para a lua em busca de orientação.*

— Por vontade própria ou pelo seu toque?

O sorriso dela tornou-se tímido. *Eu o temi quando Dança da Neve me trouxe notícias de sua chegada. Nós o encontramos caído do cavalo, delirando de febre devido ao ferimento. Os outros queriam matá-lo, mas eu não deixei. Eu sabia o que ele era: um homem com habilidades que poderiam nos ser úteis, então o toquei.* Ela fez uma pausa, abaixando os olhos para as mãos enluvadas. *Nada aconteceu. Pela primeira vez não havia nenhum poder fluindo, nenhuma sensação de controle.* Um rubor subiu-lhe às faces. *Eu posso tocá-lo.*

Algo pelo qual ele é muito grato, tenho certeza, pensou Vaelin, lutando contra uma pontada de inveja.

— Ele não faz o que você ordena? Ele não está... — atrapalhou-se à procura das palavras certas — dominado?

Minha mãe me disse que seria assim. Que um dia eu encontraria alguém que seria imune ao meu toque, e ficaríamos unidos. É sempre dessa forma para aqueles que têm o nosso dom. Seu irmão é tão livre agora quanto antes. O sorriso dela desapareceu, os olhos tomados de compaixão. *Mais livre do que você, creio.*

Vaelin desviou o olhar.

— Nortah me contou o que Artesão fez por ele — disse Vaelin, desejando mudar de assunto. — Todas as pessoas aqui são tocadas pelas Trevas, não?

Sella retorceu as mãos incomodada e franziu o cenho. *Trevas é uma palavra para os ignorantes. As pessoas aqui são Dotadas. Poderes diferentes, habilidades diferentes. Mas Dotadas. Como você.*

Ele assentiu.

— Foi isso o que você viu em mim, todos aqueles anos atrás. Soube antes de mim.

O seu dom é raro e precioso. Minha mãe o chamava de Chamado do Caçador. Na época dos Quatro Feudos, era conhecido como a Visão da Batalha. Os seordah...

— Canção do sangue — disse ele.

Ela assentiu. *Aumentou desde o nosso último encontro. Posso senti-la. Você a aprimorou, aprendeu bem sua música. Mas ainda há muito a aprender.*

— Você pode me ensinar? — Ele ficou surpreso com a esperança evidente em sua voz.

Ela sacudiu a cabeça. *Não, mas há outros, mais velhos e mais sábios, com o mesmo dom. Eles podem guiá-lo.*

— Como posso encontrá-los?

Sua canção o liga a eles. Ela os encontrará. Tudo o que você precisa fazer é seguir. Lembre-se, é um dom raro o que você tem. Pode levar anos até que encontre alguém que possa guiá-lo.

Vaelin hesitou antes de fazer a próxima pergunta; mantivera o segredo por tanto tempo que era um hábito difícil de deixar de lado.

— Há algo que preciso saber. Como é possível que eu tenha encarado dois homens, agora mortos, que falavam com a mesma voz?

O rosto de Sella retraiu-se de repente, e passou-se um momento até que suas mãos voltassem a falar. *Esses homens queriam lhe fazer mal?*

Vaelin pensou no assassino na Casa da Quinta Ordem e no desespero homicida de Hentes Mustor.

— Sim, eles queriam me fazer mal.

As mãos de Sella se moveram com uma hesitação

estranha que ele não tinha visto antes. *Há histórias entre os Dotados... Histórias antigas... Mitos... De Dotados que podiam retornar...*

Vaelin franziu o cenho.

— Retornar de onde?

Do lugar de onde todas as jornadas terminam... Do Além... Da morte. Eles têm os corpos dos vivos, usam-nos como se fosse um manto. Se tal coisa realmente é possível eu não sei. Suas palavras são... perturbadoras.

— Outrora eram sete. Sabe o que isso significa?

Já houve sete Ordens da sua Fé. Uma história antiga.

— Uma história verdadeira?

Ela encolheu os ombros. *Sua Fé não é minha, sei pouco da história dela.*

Vaelin olhou para o acampamento e seus habitantes temerosos.

— Todas essas pessoas seguem suas crenças?

Ela riu baixo e sacudiu a cabeça. *Somente eu sigo o caminho do sol e da lua aqui. Entre nós há Questionadores, Ascendentes, seguidores do deus cumbraelino e até mesmo alguns adeptos da sua Fé. Não é a crença que nos use, mas nossos dons.*

— Erlin guiou todas essas pessoas até aqui?

Algumas. Apenas Harlick e alguns outros estavam aqui quando ele me trouxe para cá. Outros chegaram depois, fugindo de medos e ódios que nossa gente atrai, atraídos por seus dons. Este lugar. Ela fez um gesto abarcando as ruínas ao redor. *Antigamente havia um grande poder aqui. Os Dotados estavam protegidos nessa cidade, até mesmo se vangloriavam disso. O eco daquela época ainda é forte o bastante para nos chamar. Você pode senti-lo, não?*

Ele assentiu, e a atmosfera parecia menos opressora agora que conhecia seu significado.

— Nortah disse que tem tido pesadelos sobre esta cidade. Sobre o que aconteceu aqui.

Nem todos os sonhos são ruins. Às vezes vejo como a cidade era antes da queda. Havia muitas maravilhas aqui, era uma cidade de artistas, poetas, cantores, escultores. Eles dominaram tantas coisas, aprenderam tanto, sentiam-se invulneráveis, achando que os Dotados que havia entre eles eram toda a proteção de que precisavam. Viveram em paz por várias gerações e não tinham guerreiros, então quando veio a tempestade eles estavam nus diante dela.

— Tempestade?

Há muitos séculos, antes que a nossa raça chegasse a essas praias, antes mesmo dos lonaks e dos seordah, havia muitas cidades como esta. Esta terra era rica em pessoas e belezas. Então a tempestade arrebentou e colocou tudo abaixo. Uma tempestade de aço e poder deturpado. Aniquilaram os Dotados que os enfrentaram e deram vazão a todo seu ódio sobre esta cidade, a cidade que odiavam mais do que todas. Ela fez uma pausa, um estremecimento fazendo-a puxar o xale sobre os ombros. *Estupros e massacres, crianças queimadas vivas, homens comendo a carne de outros homens. Todo horror imaginável ocorreu aqui.*

— Quem eram eles? Os homens que fizeram isso?

Ela sacudiu vagamente a cabeça. *Os sonhos não me dizem nada sobre quem eles eram ou de onde vieram. Acho que é porque as pessoas que viviam aqui também não sabiam. Os sonhos são um eco da vida delas, e mostram apenas o que elas sabiam.*

Sella fechou os olhos por um momento, deixando a lembrança de lado, então dobrou com esmero o lenço sobre os joelhos e ofereceu a Vaelin.

— Não posso — disse ele. — Era de sua mãe.

Ela segurou as mãos dele com as suas enluvadas e colocou o lenço nelas. *Um presente. Tenho muito a lhe agradecer e apenas isso para mostrar o quanto.*

À noite eles dividiram dois coelhos que Nortah havia trazido da caçada, deleitando Sella com histórias engraçadas de seus dias na Ordem. As histórias pareciam estranhamente datadas, como se eles fossem dois velhos inventando lorotas que se passaram há muito tempo. Ocorreu-lhe que para Nortah a Ordem agora era parte do passado: ele seguira em frente, e Vaelin e seus irmãos não eram mais sua família. Ele tinha Sella agora, Sella e os outros Dotados, reunidos em suas ruínas.

— Você sabe que não é seguro ficar aqui — disse a Sella. — Os lonaks não vão tolerar sua gata guerreira para sempre. E, mais cedo ou mais tarde, o Aspecto Tendris acabará enviando uma expedição mais forte para solucionar o mistério deste lugar.

Ela assentiu, movendo as mãos à luz do fogo. *Teremos que partir em breve. Há outros refúgios que podemos buscar.*

— Venha conosco — sugeriu Nortah. — Afinal, você tem mais direito do que eu de se juntar a essa companhia estranha.

Vaelin sacudiu a cabeça.

— Pertenço à Ordem, irmão. Você sabe disso.

— Sei é que não há nada além de guerra e matança em seu futuro se continuar com eles. E o que acha que farão quando descobrirem seu segredo?

Vaelin encolheu os ombros para disfarçar o desconforto. Nortah tinha razão, é claro, mas sua convicção era inabalável. Apesar do fardo de muitos segredos e do sangue que derramara, apesar da dor que sentia por Sherin e pela irmã que jamais conheceria, ele sabia que seu lugar era com a Ordem.

Hesitou antes de dizer o que sabia que tinha de dizer em seguida; o segredo fora mantido por tempo demais e a culpa era muito pesada.

— Sua mãe e suas irmãs estão nos Confins do Norte —

contou a Nortah. — O Rei encontrou um lugar para elas lá após a execução do seu pai.

O rosto de Nortah era indecifrável.

— Há quanto tempo você sabe disso?

— Desde o Teste da Espada. Eu devia ter lhe contado antes. Sinto muito. Ouvi dizer que o Senhor da Torre Al Myrna é tolerante com outras crenças em suas terras. Vocês podem encontrar refúgio lá.

Nortah olhou para o fogo, o rosto tenso. Sella passou o braço por seus ombros e encostou a cabeça em seu peito. O rosto de Nortah ficou mais relaxado ao passar a mão pelos cabelos dela.

— Sim, você deveria ter me contado — disse ele a Vaelin. — Mas obrigado por me contar agora.

Algumas crianças surgiram correndo da escuridão, rindo e aglomerando-se ao redor de Nortah.

— História! — gritaram. — História! História!

Nortah tentou acalmá-las, dizendo que estava cansado demais, mas elas insistiram ainda mais e ele cedeu.

— Que tipo de história?

— De batalhas! — gritou um menininho ao sentarem em volta da fogueira.

— Sem batalhas — insistiu uma garotinha que Vaelin reconheceu como a criança de olhos arregalados do acampamento. — Batalhas são chatas. Uma história de medo! — Ela subiu no colo de Sella e aconchegou-se nos braços dela.

As outras crianças gritaram o mesmo pedido e Nortah fez sinal para que ficassem em silêncio, o rosto assumindo uma expressão de seriedade fingida.

— Então que seja uma história de medo. Mas — ele ergueu um dedo — não é uma história para os covardes ou aqueles de bexiga fraca. É a mais terrível e assustadora das histórias e, quando eu a terminar, podem maldizer meu nome por tê-la narrado. — Baixou

a voz até um sussurro e as crianças inclinaram-se para frente para ouvir melhor. — Esta é a história do Bastardo da Bruxa.

Era uma história antiga que Vaelin conhecia bem: uma bruxa tocada pelas Trevas de uma aldeia renfaelina forçara o ferreiro local a se deitar com ela e dessa união nasceu uma criatura vil na forma de um menino humano, destinado a causar a destruição da aldeia e a morte do pai. Achou a história uma escolha peculiar para aquelas crianças, visto que geralmente era usada para advertir sobre os perigos de se mexer com as Trevas, mas elas escutavam arrebatadas e de olhos arregalados enquanto Nortah dava o tom do que estava por vir.

— Nos confins mais sombrios da floresta mais sombria do antigo Renfael, muito antes da época do Reino, havia uma aldeia. E nessa aldeia morava uma bruxa, agradável aos olhos, mas com um coração mais escuro do que a noite mais escura...

Vaelin levantou-se em silêncio e atravessou as ruínas escurecidas até o acampamento principal, onde olhos desconfiados o observaram de abrigos improvisados. Houve alguns acenos de cabeça cautelosos, mas nenhum dos Dotados lhe dirigiu a palavra. *Devem saber que sou um deles*, pensou. *Mas ainda têm medo de mim.* Ele seguiu para a construção onde despertara naquela manhã, o lugar que Nortah chamara de biblioteca. Havia um brilho fraco de luz de fogo na entrada e ele demorou-se do lado de fora por um momento para se certificar de que não havia vozes. Queria ter uma conversa particular com Harlick, o antigo bibliotecário.

Encontrou o homem lendo junto à fogueira, a fumaça saindo por um buraco no teto. Olhando com mais atenção para o fogo, Vaelin notou que era alimentado por um combustível incomum. Em vez de madeira, as

chamas envolviam páginas enegrecidas e encrespadas, enchendo de bolhas capas de couro. Suas suspeitas se confirmaram quando Harlick virou a última página do livro, fechou-o e jogou-o nas chamas.

— Certa vez me disseram que queimar um livro é um crime hediondo — comentou Vaelin, lembrando-se de um dos muitos sermões que sua mãe fazia sobre a importância do saber.

Harlick pôs-se de pé de um salto, recuando alguns passos.

— O que você quer? — perguntou ele, o tremor na voz mitigando qualquer ameaça que podia haver nas palavras.

— Conversar. — Vaelin entrou e agachou-se perto do fogo, aquecendo as mãos e vendo os livros queimarem. Harlick não disse nada, cruzou os braços e recusou-se a olhá-lo nos olhos.

— Você é Dotado — continuou Vaelin. — Deve ser, ou não estaria aqui.

Harlick olhou de repente para Vaelin.

— Não quer dizer *tocado*, irmão?

— Não precisa ter medo de mim. Tenho perguntas, perguntas que um homem erudito pode ser capaz de responder. Especialmente um homem com um dom.

— E se eu não puder responder?

Vaelin encolheu os ombros.

— Vou procurar respostas em outro lugar. — Indicou a fogueira com a cabeça. — Para um bibliotecário, você parece ter pouco respeito por livros.

Harlick empertigou-se, a raiva superando o medo.

— Dediquei minha vida a serviço do conhecimento. Não vou me justificar a alguém que só faz cobrir o Reino de cadáveres.

Vaelin inclinou a cabeça.

— Como queira, senhor. Mas eu gostaria de fazer minhas perguntas. Pode respondê-las ou não, a escolha

é sua.

Harlick ponderou em silêncio por um momento e então retornou ao banco coberto de pele ao lado do fogo, sentando-se e encontrando o olhar de Vaelin com cautela.

— Então as faça.

— A Sétima Ordem da Fé realmente não existe mais?

O homem baixou os olhos de imediato, o medo mais uma vez lhe anuviando o rosto. Não falou durante um longo tempo, e quando o fez as palavras saíram num sussurro.

— Você veio aqui para me matar?

— Não é por você que estou aqui. Você sabe disso.

— Mas está à procura da Sétima Ordem.

— Minha busca é a serviço da Fé e do Reino. — Franziu o cenho, compreendendo o significado do que Harlick dissera. — *Você* faz parte da Sétima Ordem?

Harlick pareceu chocado.

— Quer dizer que não sabe? Por qual outra razão você estaria aqui?

Vaelin não sabia se ria ou se esbofeteava o homem em frustração.

— Vim aqui atrás de meu irmão fugitivo — disse impaciente a Harlick. — Sem saber o que encontraria. Sei pouco sobre a Sétima Ordem e desejo saber mais. Isso é tudo.

O rosto de Harlick ficou rígido, como se temesse que qualquer demonstração de emoção pudesse traí-lo.

— Você revelaria os segredos de sua Ordem, irmão?

— É claro que não.

— Então não espere que eu revele os segredos da minha. Sei que pode me torturar. Mas não lhe contarei nada.

Vaelin viu como as mãos do homem tremiam em seu colo e não pôde deixar de admirar sua coragem. Pensara na Sétima Ordem, caso ainda existisse, como

um grupo maligno de conspiradores tocados pelas Trevas, mas esse homem assustado e sua coragem simples davam indícios de algo diferente.

— A Sétima Ordem orquestrou o assassinato dos Aspectos Corlin e Morvin? — perguntou, com mais rispidez do que pretendia. — Por que ela tentou me assassinar durante o Teste da Corrida? Ela enganou Hentes Mustor para que matasse o próprio pai?

Harlick recuou, soltando algo que era parte soluço e parte risada.

— A Sétima Ordem guarda os Mistérios — disse ele, as palavras soando como citação. — Pratica suas artes a serviço da Fé. Sempre foi assim.

— Houve uma guerra, séculos atrás. Entre as Ordens, uma guerra iniciada pela Sétima Ordem.

Harlick sacudiu a cabeça.

— A Sétima entrou em guerra consigo mesma. Houve uma divisão interna e as outras Ordens foram arrastadas para o conflito. A guerra foi longa e terrível, milhares morreram. Quando chegou ao fim, os membros da Sétima que haviam sobrevivido passaram a ser temidos de forma irracional pelo povo e pela nobreza. O Conclave decidiu que a Sétima desapareceria dos Feudos e não seria mais vista pelo povo. Sua Casa foi destruída, seus livros queimados, seus irmãos e irmãs dispersados e escondidos. Contudo, a Fé necessita que haja uma Sétima Ordem, visível ou não.

— Quer dizer que a Sétima jamais foi destruída de fato? Que trabalha em segredo?

— Eu já lhe contei demais. Não me faça mais perguntas.

— Os Aspectos sabem?

Harlick fechou os olhos e não respondeu.

Subitamente furioso, Vaelin agarrou o homem, erguendo-o do banco, empurrando-o contra a parede.

— OS ASPECTOS SABEM?

Harlick encolheu-se, estremecendo nas mãos de Vaelin, e balbuciou as palavras tomado de pânico.

— É claro que sabem. Eles sabem de tudo.

As lembranças surgiram aos borbotões ao ouvir as palavras de Harlick. A mudança nos olhos de Mestre Sollis quando ouviu pela primeira vez “Outrora eram sete”, o momento de medo da Aspecto Elera ao ouvir as mesmas palavras, o modo como Sollis trocou olhares com ela ao ouvirem a história sobre as habilidades das Trevas de Caolho. E a compreensão por trás dos olhos do Aspecto Arlyn. *Sou um idiota? Por não ver tudo isso? Os Aspectos mentem aos Fiéis há séculos.*

Soltou Harlick e voltou para a fogueira. Os livros eram pouco mais do que cinzas agora, as capas de couro encrespadas e carbonizadas entre as brasas.

— Os outros Dotados não têm conhecimento disso, não é? — perguntou ele, olhando para Harlick. — Eles não sabem o que você é.

Harlick sacudiu a cabeça.

— Você tem uma missão aqui?

— Não posso lhe dizer mais nada, irmão. — A voz de Harlick saiu forçada, mas determinada. — Não me pergunte, por favor.

— Como quiser, irmão. — Caminhou até a entrada e olhou por sobre as ruínas iluminadas pelo luar. — Eu ficaria grato se você não mencionasse o fato de o Irmão Nortah ter sobrevivido em qualquer relatório que faça ao seu Aspecto.

Harlick encolheu os ombros.

— O Irmão Nortah não é da minha conta.

— Obrigado.

Vaelin andou pelas ruínas por horas, a cabeça cheia de lembranças que surgiam em torrentes. *Eles sabiam, todo esse tempo. Eles sabiam.* Não sabia dizer se sua

confusão era resultado da traição ou de algo mais profundo. *Os Aspectos personificam as virtudes da Fé. Eles* são *a Fé. Se mentiram...*

— Eu gostaria muito mesmo que você viesse conosco. — Ergueu a cabeça e viu Nortah empoleirado em um pedaço imenso de uma estátua caída. Vaelin levou um momento para perceber que era a cabeça de mármore de um homem barbado, com uma expressão esculpida de profunda contemplação. Sem dúvida um dos personagens famosos da cidade homenageado em pedra. Era um filósofo ou um rei? Talvez um deus. Vaelin inclinou-se contra a testa da estátua, passando a mão sobre as linhas fundas da fronte. Já haviam esquecido quem ou o que ele fora. Não era mais do que uma grande cabeça de pedra à espera de que as eras o transformassem em poeira em uma cidade onde não restava ninguém que lembrasse o seu nome.

— Eu... não posso — disse a Nortah, por fim.

— Você não parece tão certo agora.

— Talvez eu não esteja. Mesmo assim, há muito que preciso saber. Só encontrarei respostas na Ordem.

— Resposta para quê?

Há algo crescendo. Uma ameaça, um perigo, algo que ameaça a todos nós. É algo que venho sentindo há muito tempo, embora só perceba isso agora. Vaelin não respondeu. Nortah tinha um novo caminho agora, uma nova família. Responder-lhe só o sobrecarregaria.

— Estamos todos procurando por respostas, irmão — disse ele. — Apesar de parecer que você encontrou as suas.

— De fato encontrei. — Nortah desceu da estátua com um pulo e estendeu a espada. — É melhor você levá-la com o medalhão. A prova ficará mais convincente.

— Você pode precisar dela. A estrada para os Confins do Norte será longa e perigosa. Essas pessoas precisarão da sua proteção.

— Há outras formas de proteção. Já derramei sangue suficiente com isso. Pretendo viver o resto dos meus dias sem tirar outra vida.

Vaelin pegou a espada.

— Quando vocês vão partir?

— Não faz sentido esperar pelo inverno. Mas convencer os outros será difícil. Alguns estão aqui há anos. — Ele fez uma pausa, com uma expressão estranhamente embaraçada no rosto. — Eu não matei o urso.

— O quê?

— Durante o Teste da Natureza. Eu não o matei. O abrigo que construí desabou com o vento. Eu estava desesperado, congelando, vagando pela neve. Encontrei uma caverna e pensei que os Finados haviam me guiado a um abrigo. Infelizmente, o urso que vivia lá não gostava de visitantes. Ele me perseguiu por quilômetros, até a borda de um penhasco. Consegui me agarrar a um galho, mas o urso não teve tanta sorte. Mas me manteve alimentado por um tempo.

Vaelin gargalhou; o som era estranho entre as ruínas, deslocado.

— Seu maldito mentiroso.

Nortah sorriu.

— O meu maior talento, depois do arco. — O sorriso desapareceu. — Vou sentir saudades de você e dos outros. Só que não posso dizer que lamento pelo Senhor da Batalha.

Voltaram para o acampamento, alimentaram a fogueira quase apagada e falaram sobre a Ordem e seus irmãos durante horas. Quando Nortah finalmente foi para o abrigo que dividia com Sella, Vaelin deitou-se enrolado no manto, sabendo que pela manhã acordaria cedo e partiria sem se despedir. A razão lhe ocorreu pouco antes de adormecer: *Eu quero ficar.*

PARTE IV

Além de suas muitas mentiras acerca da suposta perfídia de intrusos alpiranos, o Rei Janus necessitava de um dispositivo legal para suplementar sua premissa de guerra. Assim, extensivas procuras no arquivo real trouxeram à tona um tratado obscuro de cerca de quatrocentos anos atrás. O que na verdade era um acordo comercial padrão, e que havia prescrito, a respeito de tarifas entre o Senhor de Asrael e as então independentes cidades-estado de Untesh e Marbellis permitiu ao Lorde de Justiça do Rei deter-se sobre uma cláusula menor que formalizava providências de cooperação na repressão de piratas meldeneanos. Por meio de uma mistura de traduções criativas do texto alpirano original com sofismas básicos, essa cláusula foi deturpada em um convite para se assumir uma soberania. Dessa forma foi fabricada a mentira de que a invasão era simplesmente um confisco de propriedades que já pertenciam ao Rei.

A frota invasora chegou à costa alpirana no nonagésimo sexto dia do reino do Imperador Aluran (louvadas sejam sua sabedoria e benevolência). Embora a recente deterioração das relações entre nosso Império (que ele possa perdurar para sempre) e o Reino Unificado tenha feito com que alguns conselheiros imperiais advertissem sobre uma possível invasão, a

comparativa insignificância da frota do Rei Janus levou muitos a desconsiderarem tais temores. O matemático imperial Rerien Alturs calculou que seria necessária uma frota de pelo menos mil e quinhentos navios para desembarcar a Guarda do Reino em nosso litoral, e o Reino tinha apenas quinhentos navios, dos quais metade eram belonaves. Infelizmente, não ficamos sabendo das ações traiçoeiras da nação pirata meldeneana (que o oceano se erga para engolir suas ilhas) em concordar em transportar as forças do Reino através do Mar Erineano. As fontes divergem sobre o preço pago por Janus por esse serviço, e as opiniões vão de não menos do que três milhões de peças de ouro até o oferecimento de sua filha em casamento a um meldeneano de posição apropriada, mas o custo deve ter de fato sido alto para que os piratas deixassem de lado o ódio que sentiam pelos nortistas desde a destruição de sua cidade, vinte anos antes.

Foi o maior dos infortúnios o Esperança estar naquele exato momento em uma visita cerimonial ao Templo da Deusa Muisil em Untesh, acompanhada por cem homens da Guarda Montada Imperial. Portanto, ele estava a apenas dezesseis quilômetros do local do desembarque quando um pescador aterrorizado apareceu com notícias de grupo de saqueadores meldeneanos de tamanho jamais visto. Esperança mobilizou de imediato a guarnição local, cerca de três mil cavaleiros e cinco mil lanceiros, partindo na calada da noite para confrontar os invasores e empurrá-los de volta ao mar. Foram necessárias várias horas para reunir o contingente e marchar para a costa. Se suas tropas tivessem se deslocado apenas um pouco mais depressa, Esperança teria tido uma oportunidade de desferir um golpe sério e possivelmente fatal às forças que ainda se reuniam na praia. Entretanto, o primeiro regimento da Guarda do Reino a desembarcar já havia

entrado em formação para defender a faixa estreita de terreno entre as dunas que levavam até a praia. À frente dos invasores estava o mais fanático e feroz sacerdote guerreiro da fé herege do Reino Unificado: Vaelin Al Sorna (maldito seja seu nome para todo o sempre).

— Verniers Alishe Someren,
A Grande Guerra da Salvação,
vol. 1 (texto não revisado),
arquivos imperiais alpiranos


MAR ERINEANO
LINESH
OÁSIS LEHLUN
UNTESH
A COLINA SANGRENTA
MARBELLIS
IMPÉRIO ALPIRANO

RELATO DE VERNIERS

— Deve ter sido doloroso para você encontrar o corpo de seu irmão — eu disse. — Vê-lo tão... mutilado.

O nortista levantou-se, esfregando as pernas rígidas e gemendo ao se espreguiçar.

— Não foi uma visão das mais agradáveis — concordou ele. — Entreguei o que sobrou ao fogo e levei sua espada e seu medalhão de volta para a Ordem. O Rei e o Aspecto Arlyn aceitaram minha palavra sem questionamentos. O Senhor da Batalha, compreensivelmente, foi menos crédulo, chamando-me de traidor e mentiroso. Creio que ele teria me desafiado também, caso o Rei não tivesse ordenado que se calasse.

— E a fera misteriosa que matou Nortah? — perguntei. — Chegou a descobrir que tipo de criatura ela era?

— Dizem que os lobos são enormes no norte. Nos penhascos do leste há macacos ferozes com o dobro da altura de um homem e rostos como o de cães. — Ele encolheu os ombros. — Há muitos perigos na natureza.

Dirigiu-se até a escada que levava ao convés e começou a subir.

— Preciso de um pouco de ar puro.

Segui-o e a noite já havia caído. O céu estava limpo e a lua brilhante, pintando o cordame do navio de azul-claro enquanto balançava na contínua brisa marinha. Os únicos tripulantes que avistei foram o timoneiro e a forma vaga de um rapaz empoleirado no alto do mastro principal.

— O capitão mandou vocês ficarem no porão —

rosnou o timoneiro.

— Então vá acordá-lo — sugeri, antes de me juntar a Al Sorna. Ele estava com os braços apoiados na amurada, olhando para o mar enluarado, uma expressão distante no rosto.

— Os Dentes de Moesis — disse ele, apontando para um aglomerado de pontos brancos ao longe, onde as ondas quebravam em uma série de rochas pontiagudas. — Moesis é o deus meldeneano da caça, uma grande serpente que lutou com Margentis, o gigantesco deus-orca, durante um dia e uma noite. O combate foi tamanho que fizeram o mar ferver e separaram os continentes. Quando a luta terminou e Moesis flutuava morto sobre as ondas, seu corpo apodreceu, mas seus dentes permaneceram como lembrança de sua morte. Seu espírito uniu-se ao mar, e quando os meldeneanos lançaram-se às ondas, foi a ele que recorreram em busca de orientação, pois seus dentes indicam o caminho para sua terra natal. Estamos em águas meldeneanas agora. Onde creio que seus navios nunca se aventuram.

— Os meldeneanos são uma corja de piratas — disse eu simplesmente. — Qualquer um dos nossos navios seria um prêmio valioso.

— E ainda assim a embarcação da Senhora Emeren foi trazida aqui.

Eu nada disse. Eu tinha minhas próprias perguntas inquietantes sobre essa questão, mas relutava em discuti-las com ele.

— Pelo que sei, o navio e a tripulação tiveram permissão para seguir viagem — prosseguiu ele. — Apenas a senhora foi levada.

Tossi.

— Os piratas sem dúvida reconheceram o valor de um resgate por ela.

— Só que eles não pediram resgate. Apenas que eu

viesse e lutasse com o campeão deles. — Ele deu um leve sorriso e compreendi que estava me provocando.

Lembrei-me da audiência penosa de Emeren com o Imperador após o julgamento do nortista, onde ela implorou que a sentença fosse alterada. “Uma morte demanda uma morte”, ralhara ela, as belas feições desfiguradas pela fúria. “Os deuses demandam. O povo demanda. Meu filho sem pai demanda. E eu *demando, Majestade, como viúva do Esperança assassinado deste Império.”*

No silêncio sepulcral que se seguiu ao seu discurso, o Imperador permaneceu calado e imóvel em seu trono, os guardas e cortesãos presentes chocados e tensos de perturbação, os olhos fixos no chão. Quando o Imperador finalmente falou, o tom de sua voz estava apático e destituído de raiva ao decretar que a Senhora Emeren havia ofendido sua pessoa e estava banida da corte até segunda ordem. Até onde eu sabia, eles não haviam trocado uma única palavra desde então.

— Suspeite do que quiser — disse eu a Al Sorna. — Mas saiba que o Imperador não faz maquinações, jamais se entregaria a uma vingança. Todas as suas ações são a serviço do Império.

Ele riu.

— O seu Imperador me enviou às Ilhas para morrer, meu senhor. Assim, os meldeneanos podem se vingar de meu pai e a senhora pode testemunhar a morte do homem que matou seu marido. Pergunto-me se a ideia foi dela ou deles.

Não vi o que criticar em seu raciocínio. Esperava-se que ele morresse, é claro. A morte do Matador do Esperança seria o ato final no trauma de nossa guerra com seu povo, o epílogo do épico do conflito. Se o Imperador tinha isso em mente quando aceitou a oferta dos meldeneanos, eu realmente não sei. Seja como for, Al Sorna parecia não ter medo e resignado ao seu

destino. Eu me perguntava se ele na verdade esperava sobreviver ao duelo com o Escudo, supostamente o maior espadachim a empunhar uma lâmina. A história do Matador do Esperança deixara-me com poucas dúvidas quanto às suas próprias habilidades mortais, mas elas sem dúvida teriam sido afetadas pelos anos de cativeiro. Mesmo que ele vencesse, era improvável que os meldeneanos simplesmente deixassem que o filho do Queimador da Cidade partisse em paz. Al Sorna era um homem que ia de encontro ao seu destino. Eu sabia, assim como ele, aparentemente.

— Quando o Rei Janus lhe contou sobre os planos de atacar o Império? — perguntei, ansioso por extrair o máximo possível de sua história antes de avistarmos terra.

— Cerca de um ano antes da Guarda do Reino embarcar para as costas alpiranas. Durante três anos o regimento percorreu o Reino, eliminando rebeldes e foras da lei. Contrabandistas na costa sul, bandos de saqueadores em Nilsael, cada vez mais fanáticos em Cumbrael. Passamos um inverno no norte enfrentando os lonaks quando eles decidiram que era hora de outra temporada de pilhagens. O regimento aumentou, e duas companhias foram incorporadas ao nosso rol. Após nossa aventura cumbraelina, o Rei nos deu um estandarte próprio: um lobo correndo sobre o Forte Alto. E assim os homens começaram a chamar a si mesmos de Lobos Corredores. Sempre achei que soava tolo, mas eles pareciam gostar do nome. Por alguma razão, jovens surgiam para se juntar a nós, e nem todos eram pobres, e não tivemos mais necessidade de recrutar homens das masmorras. Tantos apareciam na Casa da Ordem que o Aspecto foi forçado a instigar uma série de testes, principalmente de força e velocidade, mas também havia testes sobre a Fé. Apenas aqueles de Fé mais sólida e com os corpos mais fortes eram

admitidos. Quando chegou o momento de embarcarmos na frota para a invasão, eu comandava mil e duzentos homens, provavelmente os homens mais bem treinados e experientes do Reino. — Ele olhou para a espuma branco-azulada do oceano que se chocava contra o casco, sua expressão sombria. — Quando a guerra terminou, restava menos de dois terços deles. Foi ainda pior para a Guarda do Reino. Talvez um homem a cada dez tenha voltado para casa.

Merecidamente, *pensei, mas não falei.*

— O que ele lhe disse? — perguntei. — Que razão Janus deu para a invasão?

Al Sorna ergueu a cabeça, mirando os Dentes de Moesis enquanto desapareciam no horizonte distante.

— Vitríolo azul, especiarias e seda — respondeu ele, com um tom levemente amargurado. — Vitríolo azul, especiarias e seda.

CAPÍTULO UM

Vaelin segurava na mão o vitríolo azul, um presente de rei, a luz suave da lua crescente reluzindo na superfície lisa, um veio fino e prateado marcando o azul que, fora isso, era imaculado. Era o maior vitríolo azul já encontrado; a maioria era pouco maior do que uma uva, e Barkus lhe informara, com uma cobiça mal disfarçada, que a pedra podia ser vendida por ouro suficiente para comprar a maior parte de Renfael.

— Está ouvindo isso? — A voz de Dentos era firme, mas Vaelin notou o tremor abaixo do olho. Começara um ano antes, quando encurralaram um grupo de saqueadores lonaks em um desfiladeiro no norte. Como sempre, os lonaks recusaram-se a se render e investiram diretamente contra a fileira, bradando canções de morte. Foi uma luta breve, mas encarniçada, e Dentos esteve no meio dela, de onde saiu ileso, exceto pelo tremor. Costumava se manifestar antes de uma batalha. — Parece um trovão. — Ele sorriu, o olho ainda tremendo.

Vaelin guardou o vitríolo e olhou sobre a vasta planície que se estendia para além da praia, o capim e os arbustos esparsos quase invisíveis na penumbra. Parecia que a costa setentrional do Império Alpirano não era particularmente abençoada com vegetação. Atrás dele, o estrépito de milhares de homens da Guarda do Reino reunindo-se na praia mesclava-se ao estrondo das ondas e ao rangido de incontáveis remos enquanto a frota de mercenários meldeneanos levava mais homens até as areias. Apesar do barulho, Vaelin conseguiu ouvir

claramente: um trovão distante, vindo da escuridão.

— Não demoraram muito — comentou Barkus. — Talvez soubessem que estávamos vindo.

— Malditos meldeneanos. — Dentos pigarreou e cuspiu na areia. — Nunca confiei neles.

— Talvez simplesmente tenham visto a frota chegando — sugeriu Caenis. — Seria difícil não perceber oitocentos navios. Não são nem duas horas de cavalgada daqui até a guarnição em Untesh.

— Pouco importa como eles sabem — disse Vaelin. — O que importa é que sabem e que temos uma noite agitada à nossa frente. Irmãos, às suas companhias. Dentos, quero os arqueiros naquela elevação. — Virou-se para Janril Norin, ex-menestrel malsucedido e agora corneteiro regimental e porta-estandarte. — Formar pelotões em companhias.

Janril assentiu, levando a corneta aos lábios e tocando o chamado urgente às armas. Os homens responderam de pronto, levantando-se de onde descansavam entre as dunas e correndo para seus pelotões, mil e duzentos homens entrando em formação em fileiras alinhadas em meros cinco minutos, as ações ligeiras e inconscientes de soldados profissionais. Havia pouca conversa e nada de pânico. A maioria havia feito aquilo muitas vezes antes e os novos recrutas acompanhavam os veteranos.

Vaelin esperou que os homens se reunissem e então andou ao longo do regimento, conferindo lacunas, acenando de forma encorajadora ou repreendendo aqueles que encontrava com armaduras soltas ou elmos afivelados sem firmeza. Os Lobos Corredores eram os soldados com menor proteção na Guarda do Reino, abrindo mão de peitorais de aço e elmos de abas largas em favor de cotas de malhas e gorros de couro revestidos com lâminas de ferro. A armadura leve era apropriada para uma força geralmente empregada na perseguição de pequenos bandos de saqueadores

lonaks ou foras da lei por terrenos acidentados ou florestas densas.

A inspeção de Vaelin na verdade era trabalho do Sargento Krelnik, mas se tornara uma espécie de ritual antes das batalhas, dando aos homens uma oportunidade de ver seu comandante antes que começasse o caos, uma distração da carnificina iminente, e poupava-o da tarefa de um discurso inflamador como outros comandantes costumavam fazer. Sabia que a lealdade dos homens para consigo vinha principalmente do medo e de um respeito cauteloso por sua reputação, que continuava a aumentar. Não o amavam, mas Vaelin jamais teve dúvidas de que eles o seguiriam, com ou sem discurso.

Ele parou diante de um homem outrora conhecido como Gallis, o Escalador, agora Sargento Gallis da Terceira Companhia. Gallis o cumprimentou com uma continência.

— Meu senhor!

— Precisa se barbear, Sargento.

Gallis sorriu. Era uma velha piada: ele sempre precisava se barbear.

— Preparar a cavalaria, meu senhor?

Vaelin olhou por sobre o ombro, a escuridão ainda envolvendo a paisagem, mas o trovão cada vez mais alto.

— De fato, Sargento.

— Espero que eles sejam mais fáceis de matar do que os lonaks.

— Logo descobriremos.

Vaelin foi para a retaguarda, onde Janril Norin aguardava com Cuspe, segurando as rédeas com mãos nervosas e mantendo-se o mais afastado possível dos mal-afamados dentes do cavalo. Cuspe bufou quando Vaelin aproximou-se, permitindo que o montasse sem o costumeiro estremecimento de irritação. Era sempre

assim antes de uma luta: a violência iminente parecia acalmá-lo, por alguma razão. Quaisquer que fossem seus defeitos como uma montaria obediente, os últimos quatro anos mostraram que Cuspe era um cavalo de guerra formidável.

— Pangaré maldito — disse Vaelin, acariciando-lhe o pescoço. Cuspe relinchou alto e arrastou um casco no solo arenoso. O confinamento e o desconforto da viagem pelo Erineano foram difíceis para o animal, e ele parecia desfrutar do espaço e da promessa de batalha.

Posicionados ali perto havia cinquenta homens montados da tropa de reconhecimento, na frente um irmão jovem e musculoso, com feições esguias e belas e brilhantes olhos azuis. Ao ver Vaelin, Frentis deu um sorriso breve e ergueu a mão em saudação. Vaelin retribuiu com um aceno de cabeça, afastando uma pontada de culpa. *Eu devia ter dado um jeito de poupá-lo disso.* Porém, não houve como manter Frentis no Reino; um irmão quase confirmado com habilidades que já eram famosas era uma adição excelente ao regimento.

Janril Norin montou depressa no próprio cavalo e parou ao lado de Vaelin.

— Toque “preparar a cavalaria” — informou Vaelin. O toque ressoou rapidamente, três sopros curtos da corneta seguidos por um longo. Houve uma agitação nas fileiras enquanto os homens manuseavam os estrepes que levavam nos cintos. Havia sido ideia de Caenis, quando os lonaks haviam se acostumado a investir contra as patrulhas do regimento em seus pôneis robustos. Os estrepes funcionaram muito bem, tão bem que os lonaks abandonaram aquela tática, mas funcionaria agora contra esses alpiranos?

Na escuridão ao longe, o trovão cessou. Vaelin podia vê-los agora, difíceis de serem distinguidos na luz antes da alvorada, uma longa fileira de homens montados, as

respirações dos cavalos virando fumaça no ar gelado em meio ao brilho de sabres desembainhados e pontas de lanças. Um cálculo rápido dos números do inimigo não ajudou a melhorar seu humor.

— Devem ser bem mais de mil, meu senhor — disse Janril, a voz possante e melodiosa exibindo a tensão da espera. Provara ser um soldado corajoso muitas vezes nos últimos quatro anos, mas a espera antes da matança podia abalar o coração mais determinado.

— Quase dois mil — resmungou Vaelin. — E esses são os que conseguimos ver. — Uma cavalaria treinada de dois mil ou mais homens contra uma infantaria de mil e duzentos. As chances não eram boas. Vaelin olhou por sobre o ombro para as dunas, esperando que as pontas das lanças da Guarda do Reino surgissem de repente da areia. Os cavaleiros que enviara ao Senhor da Batalha já deviam tê-lo alcançado àquela altura, embora tivesse ressalvas sobre a diligência de Al Hestian em enviar reforços. A inimizade do homem permanecia inabalada; cintilava em seus olhos toda vez que Vaelin tinha o azar de se encontrar na presença dele, assim como no cravo de aço farpado que o Senhor da Batalha agora usava no lugar da mão. *Ele perderia uma guerra apenas para me ver morto?*

A fileira de cavaleiros alpiranos parou, luzindo na penumbra enquanto se alinhavam em preparação para a investida. Uma voz solitária podia ser ouvida gritando ordens ou encorajamento, respondida pelos cavaleiros ao bradarem uma única palavra em uníssono:

— SHALMASH!

— Significa "vitória", meu senhor — disse Janril, o suor reluzindo no lábio superior. — Shalmash. Conheci alguns alpiranos no meu tempo.

— Bom saber, Sargento.

Os alpiranos estavam se movendo agora, a princípio a trote, e então aumentando o passo para um meio-

galope, três fileiras avançando em ordem, cada homem trajando uma cota de malha, um elmo pontudo e um manto branco. A disciplina deles era impressionante; não havia um cavaleiro fora de formação e as fileiras avançavam a um passo controlado com precisão. Foram raras as vezes que Vaelin viu uma execução tão perfeita, e até mesmo a Guarda Montada do Rei teria muita dificuldade de igualar o feito longe do campo de treinamento. Quando chegaram a duzentos passos de distância, um novo tumulto de gritos e toques de corneta ressoou e investiram a galope, de lanças abaixadas, cada cavaleiro curvado para frente, esporeando as montanhas, a precisão de suas fileiras fragmentando-se, tornando-se uma massa de carne de cavalo e aço, descendo sobre o regimento como uma manopla gigantesca.

Não havia necessidade de outras ordens, os Lobos Corredores haviam feito isso antes, embora nunca em tamanha escala. A primeira fileira avançou e lançou os estrepes o mais longe possível, ajoelhando enquanto a segunda fileira repetia a manobra, seguida pela terceira, o solo diretamente à frente delas agora repleto de metais pontiagudos que os cavaleiros em disparada não conseguiriam evitar. O primeiro cavalo caiu a menos de cinquenta metros das fileiras, derrubando outro ao tombar aos gritos, com sangue nos cascos, e os cavaleiros que vinham atrás tiveram que puxar as rédeas para não acabarem caindo também. Ao longo da fileira alpirana a investida vacilava à medida que cavalos tombavam ou empinavam de dor, o avanço perdendo intensidade, embora o ímpeto de tantos cavalos a galope os mantivesse em movimento.

Nas dunas atrás, Dentos julgou que era a hora certa e deu a ordem para seus arqueiros dispararem. Com o passar dos anos, a companhia de arqueiros aumentara para duzentos homens, as bestas de recarga lenta há

muito abandonadas em favor do arco composto da Ordem. Veteranos habilidosos e experientes, eles derrubaram pelo menos cinquenta cavaleiros com a primeira saraivada antes de dar início à chuva de flechas, disparando o mais rápido que podiam. A investida alpirana ficou lenta e então parou por completo debaixo da implacável chuva de flechas, as três linhas orgulhosas agora transformadas em uma massa desordenada de lanças sacudidas e cavalos que empinavam.

Vaelin acenou mais uma vez com a cabeça para Janril e o corneteiro deu três toques longos, que era o sinal para que o regimento inteiro atacasse. Um brado subiu das fileiras e as quatro companhias avançaram em disparada, alabardas erguidas para golpear os cavaleiros, muitos dos quais largavam as lanças para sacar os sabres no calor da luta, e o som de aço se entrechocando juntava-se ao alarido da batalha. Vaelin avistou Barkus no meio da refrega, o odioso machado de lâmina dupla subindo e descendo em meio ao caos, abatendo homens e cavalos com o mesmo fervor. Pela esquerda, Caenis conduzira sua companhia em uma investida oblíqua contra o flanco da fileira alpirana, cercando-a e evitando uma manobra em torno do flanco do regimento.

Enquanto os dois lados se digladiavam, Vaelin observava com o olhar experiente, à espera do momento inevitável de crise, quando a maré da batalha viraria em favor dos amigos ou dos inimigos. Vira acontecer muitas vezes: homens engalfinhavam-se com uma ferocidade aparentemente ilimitada, e então davam meia-volta e fugiam, como se algum instinto primitivo os avisasse da derrota iminente. Vendo o modo como a cavalaria alpirana em seus mantos brancos continuava a atacar os Lobos Corredores apesar das baixas cada vez maiores que sofriam e da

chuva de flechas contínua, Vaelin soube instintivamente que não haveria uma debandada repentina ali. Esses homens eram resolutos, disciplinados e, ao que tudo indicava, decididos a lutar até a morte, se necessário. O regimento matara muitos, mas continuava em desvantagem numérica, e os alpiranos começaram a se aglomerar no flanco direito, onde a companhia do Irmão Inish começara a ceder diante da pressão e cavaleiros forçavam suas montarias através da turba para desferir golpes contra a infantaria sobrecarregada. Os disparos dos arqueiros de Dentos continuavam com a mesma intensidade, mas logo as flechas acabariam, enquanto os alpiranos ainda tinham homens de sobra.

Vaelin olhou mais uma vez para trás, não vendo qualquer sinal de reforços encimando as dunas. *Posso acabar matando Lorde Al Hestian se eu sobreviver a isso.* Desembainhando a espada, tornou a passar os olhos pelo campo de batalha, avistando a flâmula tremulando acima da massa alpirana, seda azul brasonada com uma roda prateada. Acenou para chamar a atenção de Frentis e apontou a espada para a flâmula. Frentis assentiu e sacou a própria espada, berrando uma ordem aos seus homens para que o seguissem.

— Fique perto — disse Vaelin a Janril, e então disparou a galope, Frentis e sua tropa de batedores logo atrás. Ele os conduziu ao redor da companhia vacilante do Irmão Inish, mantendo uma boa distância da luta para não serem atraídos tão cedo, e então virou de repente na direção do flanco alpirano desprotegido. *Cinquenta cavalos contra dois mil. Ainda assim, uma víbora pode matar um boi se encontrar a veia certa.*

O primeiro alpirano que ele matou era um homem corpulento de pele escura como ébano e uma barba bem cuidada que aparecia por baixo da correia do queixo do elmo. Era um excelente cavaleiro e bom

espadachim, fazendo a montaria virar com agilidade e erguendo o sabre para um bloqueio impecável quando Vaelin atacou. A lâmina de prata estelar cortou fora o braço do homem acima do cotovelo. Cuspe empinou e mordeu a montaria do alpirano, pisoteando o cavaleiro quando ele caiu da sela, o sangue negro jorrando do toco do braço. Vaelin seguiu em frente, matando um segundo cavaleiro, dando-lhe um talho na perna e então golpeando-lhe o rosto até o homem cair com o maxilar pendurado, seu grito um silencioso esguicho de sangue. Um terceiro cavaleiro investiu contra ele a galope, de lança baixa, o rosto lívido de fúria e sede de sangue. Vaelin puxou as rédeas até Cuspe parar, girou na sela, fazendo com que a ponta da lança o errasse por centímetros, erguendo e então cravando a espada no pescoço do cavalo atacante. O animal desabou espalhando sangue, o cavaleiro rolou para longe da sela e parou de pé, com o sabre desembainhado. Cuspe empinou de novo, jogando o alpirano para um lado e seu elmo para o outro.

Vaelin parou para avaliar o impacto da investida. Ali perto, Frentis trespassava com a espada um alpirano desmontado, enquanto o resto da tropa de batedores abria caminho a aço pelos inimigos, embora Vaelin pudesse ver três corpos de manto azul caídos no meio da carnificina. Olhando para a companhia do Irmão Inish, percebeu que as fileiras haviam se firmado, alinhando-se conforme o ataque alpirano perdia o ímpeto.

Um grito de aviso de Frentis fez com que voltasse a atenção para a batalha. Outro alpirano avançava, apontando o sabre, e então tombou de repente da sela ao ter atingido no peito por uma flecha certeira dos arqueiros do regimento nas dunas. Contudo, o cavalo do homem não parou, os olhos arregalados de pânico e medo, chocou-se contra o flanco de Cuspe e a força do

impacto mandou os dois para o chão.

Cuspe levantou depressa, bufando indignado, escoiceando e mordendo o cavalo inimigo, e saiu atrás do animal aterrorizado quando este fugiu. Vaelin se viu desviando de estocadas determinadas de sabre de um alpirano montado em um garanhão cinzento, aparando desesperado até Frentis se enfiar entre os dois a todo galope e abater o homem.

— Espere aí, irmão! — gritou ele acima do tumulto, puxando as rédeas para desmontar. — Pegue meu cavalo.

— Fique na sua sela! — gritou Vaelin de volta, voltando a apontar para a flâmula acima do centro da hoste alpirana. — Continue lutando!

— Mas, irmão...

— VÁ! — Ouvindo a nota implacável da ordem, o jovem irmão hesitou antes de cavalgar relutante para longe, e foi rapidamente engolido pelo turbilhão da batalha.

Olhando em volta, Vaelin viu que Janril também estava desmontado, seu cavalo jazia morto próximo de onde se encontrava. A perna do menestrel tinha um corte fundo e ele se apoiava no estandarte regimental, brandindo a espada desajeitado contra qualquer alpirano que se aproximava. Vaelin correu para colocar-se ao seu lado, esquivando-se de lanças, arremessando uma faca no rosto de um cavaleiro que erguera o sabre para golpear o menestrel: o homem rodopiou com o projétil de aço cravado na face.

— Janril! — Segurou o homem antes que caísse, notando a palidez da pele e a dor estampada no rosto.

— Perdão, meu senhor — disse Janril. — Não sou um cavaleiro tão rápido quanto o senhor...

Vaelin empurrou-o para o lado quando um alpirano investiu, a ponta da lança varando a terra. Vaelin cortou a lança do meio e então decepou a perna do cavaleiro

com um golpe circundante para trás e agarrou as rédeas para fazer o animal parar, enquanto o homem tombava aos gritos. Acalmou o cavalo apavorado o melhor que pôde e então colocou Janril no dorso do animal.

— Volte para a praia — ordenou. — Encontre a Irmã Gilma. — Bateu com a prancha da espada no flanco do cavalo para mandá-lo embora, o menestrel balançando perigosamente enquanto saíam em disparada pelo meio da confusão de carne e metal.

Vaelin agarrou o estandarte e o fincou na terra, deixando-o ereto, e o emblema do falcão tremulou na brisa matutina. *Defender a flâmula*, pensou, dando um sorriso irônico. *Teste da Luta, sem dúvida.*

Cerca de vinte metros ao longe, Vaelin viu uma convulsão súbita nas fileiras alpiranas, homens puxando os cavalos para o lado para que um homem montado em um magnífico cavalo de guerra branco passasse, brandindo o sabre para que abrissem caminho, erguendo a voz em comando. O cavaleiro vestia um peitoral branco laqueado, adornado com ouro, com um padrão circular intricado que lembrava o emblema da roda na flâmula ainda no alto do centro alpirano. Não usava elmo e suas feições morenas e barbadas estavam tensas de fúria. Estranhamente, os homens à sua volta pareciam tentar detê-lo, sendo que um inclusive esticou o braço para agarrar as rédeas, para em seguida afastar-se em deferência servil quando o homem de branco o repreendeu com severidade. Avançou a trote, parando brevemente para apontar o sabre para Vaelin em desafio, e então esporeou o cavalo e saiu em disparada.

Vaelin aguardou com a espada abaixada, firmando as pernas e respirando devagar e no mesmo ritmo. O homem de branco se aproximava, os dentes arreganhados, a ira deixando os olhos em chamas. *Ira.*

Vaelin lembrou-se das palavras ditas por Mestre Sollis em uma lição, muitos anos antes. *A ira o matará. Um homem que ataca irado um inimigo preparado está morto antes de desferir o primeiro golpe.*

Como sempre, Sollis estava certo. Este homem com sua bela armadura branca e cavalo excelente, este homem corajoso e irado já estava morto. Sua coragem, suas armas e sua armadura não significavam nada. Ele se matara no momento em que começara a investida.

Foi uma das lições mais perigosas que aprenderam nas mãos do velho e louco Mestre Rensial: como derrotar uma investida precipitada de um inimigo montado. “Quando se está a pé, um inimigo montado tem apenas uma vantagem”, o mestre de olhar desvairado lhes contara no campo de treinamento anos antes. “O cavalo. Remova o cavalo e ele se torna um homem como qualquer outro”. Dito isso, o mestre passara a hora seguinte correndo atrás deles pelo campo de treinamento montado em um cavalo ligeiro, tentando atropelá-los. “Joguem-se e rolem!”, gritava ele, com sua voz aguda e ensandecida. “Joguem-se e rolem!”

Vaelin esperou até que o sabre do homem de branco estivesse a um braço de distância e então se moveu para a direita, atirando-se para longe dos cascos ribombantes, ficando de joelhos após rolar e girando a espada para atravessar com um golpe a pata traseira do cavalo. Foi banhado pelo sangue quando o cavalo gritou desabando no chão, e o homem de branco lutou para conseguir se levantar no momento em que Vaelin saltou sobre o animal que se debatia, a espada desviando o sabre para o lado e então baixando em um arco descendente, o peitoral laqueado partindo-se com a força do golpe. O homem de branco caiu, tossiu sangue e morreu.

E os alpiranos pararam.

Eles pararam. Os sabres erguidos ficaram suspensos e então penderam frouxos das mãos dos homens que os empunhavam. Os cavaleiros que atacavam puxaram as rédeas para olharem estarrecidos. Cada alpirano à vista da cena simplesmente parou de lutar e olhou para Vaelin e para o corpo do homem de branco. Alguns ainda olhavam fixamente quando foram abatidos por flechas ou mortos pelos Lobos Corredores.

Vaelin baixou os olhos para o corpo do homem; a roda dourada rachada no peitoral ensanguentado emitia uma luz fraca na aurora que despontava. *Um homem de certa importância, talvez?*

— *Eruhin Makhtar!* — Palavras ditas por um alpirano desmontado que cambaleava por perto, agarrando o braço ferido, lágrimas escorrendo pelo rosto ensanguentado. Havia algo em seu tom, algo além de fúria ou acusação, um desespero profundo que Vaelin ouvira poucas vezes. — *Eruhin Makhtar!* — Palavras que ele ouviria milhares de vezes nos anos que viriam.

O homem ferido avançou aos tropeços e Vaelin preparou-se para nocauteá-lo com o punho da espada, visto que ele estava desarmado. Porém, o homem não tentou atacar, passou por Vaelin e desabou ao lado do corpo do homem de branco, soluçando como uma criança.

— *Eruhin ast forgallah!* — urrou ele. Vaelin assistiu horrorizado quando o homem sacou uma adaga do cinto e a cravou sem hesitar na própria garganta, caindo sobre o cadáver de branco, o sangue jorrando aos borbotões do ferimento.

O suicídio pareceu quebrar o feitiço que detinha os alpiranos; um grito furioso e repentino subiu de suas fileiras, cada olhar voltado para Vaelin, sabres e lanças apontados para ele ao se aproximarem correndo, um ódio assassino estampado em cada rosto.

Ouviu-se um som como o de mil martelos batendo em

mil bigornas e as fileiras alpiranas tornaram a convulsionar, e Vaelin podia ver homens sendo arremessados para o alto pelo impacto do que quer que tivesse atingido sua retaguarda. Os alpiranos lutaram para virar as montarias e enfrentar a nova ameaça, porém tarde demais, uma vez que uma cunha de aço polido atravessou seu exército.

Uma figura imensa, trajando armadura da cabeça aos pés e montada em um alto cavalo de guerra negro, abriu caminho em meio às montarias menores dos alpiranos, sua maça uma borrão ao arrancar a vida de homens e cavalos, sem distinção. Atrás dele, centenas de outros homens de armadura causavam um estrago similar, espadas longas e maças subindo e descendo com ferocidade mortal. Os alpiranos enfurecidos revidaram com selvageria e não foram poucos os soldados que desapareceram debaixo da massa de cascos, mas não tinham número nem aço para enfrentar tamanho ataque. Logo a batalha estava terminada, e cada alpirano morto ou ferido. Nenhum havia fugido.

A figura imensa no cavalo negro prendeu a maça na sela e aproximou-se de Vaelin, levantando a viseira e revelando um rosto largo e envelhecido, onde se destacavam um nariz quebrado duas vezes e olhos profundamente marcados pela idade.

Vaelin fez uma mesura formal.

— Senhor Feudal Theros.

— Lorde Vaelin. — O Senhor Feudal de Renfael olhou para a carnificina ao redor e deu uma gargalhada. — Aposto que nunca ficou tão feliz em ver um renfaelino, hein, garoto?

— De fato, meu senhor.

Um jovem cavaleiro parou ao lado do Senhor Feudal, o rosto belo sujo de suor e sangue, os escuros olhos azuis encarando Vaelin com clara, porém silenciosa

malevolência.

— Lorde Darnel — cumprimentou Vaelin. — Meus agradecimentos e os de meus homens, ao senhor e a seu pai.

— Então ainda vive, Sorna? — retorquiu o jovem cavaleiro. — Pelo menos o Rei ficará satisfeito.

— Olha essa língua, garoto! — exclamou Lorde Theros, ríspido. — Minhas desculpas, Lorde Vaelin. O garoto sempre foi mimado. Culpo a mãe dele. Ela me deu três filhos e este é o único que não nasceu morto, que a Fé me ajude.

Vaelin notou como as mãos do jovem cavaleiro se crisparam no punho da espada longa e o rubor furioso que lhe subiu às faces. *Outro filho que odeia o pai. Uma aflição comum.*

— Se me der licença, meu senhor. — Tornou a fazer uma mesura. — Preciso ver meus homens.

Caminhando de volta à praia, passando por cima dos mortos e dos moribundos enquanto o sol da manhã erguia-se sobre o campo de sangue, Vaelin pegou mais uma vez o vitríolo azul, erguendo-o para que a luz do sol nascente iluminasse a superfície da pedra, pensando no dia em que o Rei a havia lhe entregado, o dia em que Lorde Darnel começou a odiá-lo, o dia em que a Princesa Lyrna chorou.

O dia em que a canção do sangue parou de soar.

— Vitríolo azul, especiarias e seda — disse ele em voz baixa.

CAPÍTULO DOIS

A inclusão de competições renfaelinas de cavalaria na Feira de Verão era uma inovação relativamente recente, mas não tardara a se tornar muito popular entre a população. A multidão bradava sua aprovação por uma justa particularmente espetacular enquanto Vaelin seguia para o pavilhão real, o capuz puxado sobre o rosto para evitar o fardo do reconhecimento. No campo, um cavaleiro voava da sela em meio a uma nuvem de lascas de madeira, enquanto seu oponente jogava a lança estilhaçada para o público.

— Eis aí um desgraçado arrogante que não vai se levantar de novo! — comentou um homem de tez rosada, fazendo com que Vaelin se perguntasse se eles apreciam o espetáculo dos combates ou a chance de testemunhar a gente rica sendo aleijada.

Os guardas na entrada do pavilhão o cumprimentaram com uma mesura mais longa do que exigia sua posição e passaram rapidamente os olhos pela ordem do Rei que ele apresentou, puxando a aba de lado e pedindo-lhe que entrasse, mal fazendo uma pausa. Voltara do norte há apenas dois dias, mas a lenda de sua suposta grande vitória sobre os lonaks já havia se espalhado.

Após entregar as armas, Vaelin foi conduzido até o camarote real, onde não ficou surpreso ao encontrar a Princesa Lyrna, sozinha.

— Irmão. — Ela o cumprimentou com um sorriso, estendendo a mão para que ele a beijasse. Vaelin ficou desconcertado por um momento: ela não havia feito isso antes, um sinal de favorecimento raras vezes

conferido, e feito diante da população reunida da capital. Contudo, ele colocou um joelho no chão e tocou-lhe os nós dos dedos com os lábios. A pele dela era mais quente do que imaginava e ficou bravo consigo mesmo por apreciar a sensação.

— Alteza — disse ele, endireitando-se e tentando um tom neutro, sem muito sucesso. — Fui chamado à presença de seu pai...

Ela acenou com a mão.

— Ele virá logo. Parece que esqueceu onde colocou o manto favorito. Ultimamente não sai ao ar livre sem ele. — Ela indicou o assento ao lado do dela. — Quer sentar-se?

Ele se sentou, distraindo-se com o torneio dos cavaleiros. Havia dois grupos reunidos em lados opostos do campo, cerca de trinta homens em cada, um sob uma bandeira quadriculada vermelha e branca com o emblema de uma águia, o outro sob uma bandeira que exibia uma raposa vermelha sobre um fundo verde.

— O combate é o ponto alto do torneio renfaelino — explicou a princesa. — A raposa vermelha é a bandeira do Barão Hughlin Banders. É ele naquela armadura enferrujada, e já foi o principal servidor do Senhor Feudal Theros. A águia pertence a Lorde Darnel, herdeiro do Senhor Feudal. O combate aparentemente resolverá um desentendimento de longa data entre os dois. — Ela pegou um lenço branco de seda de uma mesa ao lado. — Pediram-me que entregasse isto ao pateta que eu achar que foi mais violento do que os outros. Aparentemente, a visão de homenzarrões em trajes de metal digladiando-se até desmaiarem tem como objetivo fazer meu coração feminino bater mais forte.

— Uma ideia peculiarmente errônea, Alteza.

A princesa virou-se para ele e sorriu.

— Uma que seria improvável que você tivesse, irmão.

— Assim espero. — Vaelin observou os dois lados se perfilarem, trocarem cumprimentos e então investirem a todo galope um contra o outro, brandindo espadas e maças. Encontraram-se com um choque de metal e carne de cavalo que fez tanto Vaelin quanto a princesa se encolherem. A luta subsequente foi uma confusão de cavaleiros caindo e armas se entrechocando. Vaelin sabia que os cavaleiros só deviam golpear com as pranchas das lâminas, mas a maioria parecia estar ignorando essa regra e ele viu pelo menos três figuras de armaduras deitadas imóveis em meio ao caos.

— Então isso é uma batalha — comentou Lyrna.

— De certa forma.

— Então, o que acha dele? Do herdeiro do Senhor Feudal.

Vaelin viu Lorde Darnel golpear o elmo de um oponente com o punho da espada; o homem escorregou para a terra pisoteada com sangue brotando de sua viseira.

— Ele luta bem, Alteza.

— Mas não tão bem quanto você, tenho certeza. E ele não tem nada do seu discernimento ou da sua integridade. Mulheres se deitarão com ele pela influência e riqueza que tem, não por amor. Homens o seguirão por dinheiro ou dever, não por devoção. — Ela fez uma pausa, com uma expressão de leve irritação no rosto. — E meu pai acha que ele dará um excelente marido.

— Estou certo de que seu pai só deseja o melhor...

— Meu pai deseja que eu procrie. Quer o palácio cheio dos gritos de fedelhos Al Neiren, todos compartilhando o sangue do Senhor Feudal renfaelino. O selo final em sua aliança. Tudo o que já fiz a serviço deste Reino e meu pai ainda me vê apenas como uma porca reprodutora.

— O Catecismo da União é claro, Alteza. Ninguém,

homem ou mulher, pode ser forçado a se casar contra sua própria vontade.

— Minha vontade. — Ela riu com amargura. — A cada ano que passa sem um casamento, minha vontade esmorece um pouco mais. Você tem sua espada, facas e arco. Minhas únicas armas são a minha inteligência, o meu rosto e a promessa de poder em meu ventre.

A franqueza da conversa era desconcertante. Onde estava a tensão, o consciência da culpa compartilhada? *Não se esqueça*, advertiu-se. *Não se esqueça do que ela é. Do que fizemos.* Vaelin notou o modo como os olhos da princesa buscavam Lorde Darnel no combate, avaliando, julgando; notou como ela mal escondia o sorriso de desprezo.

— Alteza — disse ele. — Não creio que tenha planejado este encontro para pedir minha opinião sobre um homem com o qual pretende jamais se casar. Talvez a senhora tenha outra teoria para mim?

— Se está falando do massacre dos Aspectos, receio que minha opinião continue a mesma. Embora eu tenha descoberto outro fator. Diga-me, já ouviu falar da Sétima Ordem?

Ela observava atentamente seu rosto e Vaelin soube que a princesa perceberia uma mentira.

— É uma história. — Vaelin encolheu os ombros. — Uma lenda, na verdade. Antigamente havia uma Ordem da Fé dedicada ao estudo das Trevas.

— Não acredita nisso, então?

— Deixo a história a cargo do Irmão Caenis.

— As Trevas. — A princesa considerou com cuidado a palavra. — Um assunto fascinante. Pura superstição, é claro, mas incrivelmente persistente nos registros históricos. Fui até a Grande Biblioteca e requisitei todos os livros que havia sobre o assunto. Acabei causando um certo rebuliço, pois se descobriu que a maioria dos volumes mais antigos haviam sido roubados.

Vaelin lembrou-se do Irmão Harlick atirando livros ao fogo na Cidade Caída.

— E como essa lenda está ligada ao massacre dos Aspectos?

— Há inúmeras histórias sobre o infeliz evento. Resolvi reunir todas as que eu pudesse, de forma discreta, é claro. As histórias em sua maioria são bobagens, exageros que aumentam cada vez que são contados, especialmente no que diz respeito a você, irmão. Sabia que você matou sozinho dez assassinos, cada um deles armado com lâminas mágicas que bebiam o sangue dos mortos?

— Não posso dizer que me lembro disso, Alteza.

— Não esperava que se lembrasse. Essas histórias podem ser bobagens, mas todas compartilham de um mesmo tema: há um elemento das Trevas em cada uma, e as mais fantásticas incluem referências à Sétima Ordem.

Apesar de toda sua cautela, ele não podia negar a perspicácia da mente da princesa. O que antes ele havia considerado ser astúcia mesquinha era apenas uma faceta de um intelecto notável. Muitas vezes nos últimos três anos ele ponderou sobre o significado da confissão de Harlick na Cidade Caída, tentando ligar as diferentes ramificações das informações. Mas nada se encaixava; a aparente traição dos Aspectos para com os Fiéis, o poder de Caolho, a voz familiar do que quer que estivesse por trás dos olhos de Hentes Mustor. Por mais que tentasse, Vaelin não conseguia ver uma ligação. Havia uma sensação incessante de algo pairando quase ao alcance, uma conclusão profunda à qual nem mesmo a canção do sangue conseguia chegar. *Mas a princesa pode? E se puder, será possível confiar a ela esse conhecimento?* A ideia de confiar nela era absurda, é claro. Mas mesmo os que não eram dignos de confiança podiam ser úteis.

— Diga-me, Alteza. Por que um homem devotado à erudição leria um livro e logo em seguida o lançaria ao fogo?

Ela franziu o cenho, intrigada.

— Isso é relevante?

— Eu perguntaria se não fosse?

— Não. Duvido que você fosse me perguntar algo se não fosse necessário.

No campo, o número de cavaleiros havia sido reduzido a cerca de uma dúzia, e Lorde Darnel agora trocava golpes com o Barão Banders, a rigidez da armadura enferrujada aparentemente não contribuindo para o abrandamento de sua ferocidade.

— Se tal homem fosse de fato devotado à erudição — continuou a princesa, como se não tivesse feito o comentário anterior —, então ele veria a queima de um livro como um crime terrível. Livros já foram queimados antes. O Rei Lakril, o Louco, ficou famoso por certa vez fazer uma fogueira com todos os livros de Varinshold, declarando desleal e passível de execução qualquer súdito que soubesse ler. Felizmente, a Sexta Ordem o depôs pouco depois. Porém, havia sabedoria na loucura de Lakril. O valor de um livro está no conhecimento nele contido, e conhecimento é sempre algo perigoso.

— Logo, queimar o livro elimina o perigo representado pelo conhecimento.

— Talvez. Você disse que esse homem era erudito. Quão erudito?

Vaelin hesitou, não querendo revelar o nome.

— Ele já foi um estudioso na Grande Biblioteca.

— Erudito, de fato. — Ela apertou os lábios. — Sabia que nunca leio um livro duas vezes? Não preciso. Lembro-me perfeitamente de cada palavra.

O tom dela era tão trivial que Vaelin soube que ela não estava se vangloriando.

— Assim, um homem com a mesma habilidade não

teria necessidade de ficar com um livro, um livro perigoso. Uma vez lido, ele fica de posse do conhecimento.

Ela balançou a cabeça.

— Talvez esse homem estivesse tentando preservar tal conhecimento, não destruí-lo.

Então essa era a missão de Harlick. Ele roubou os livros sobre as Trevas da Grande Biblioteca. Estava destruindo-os para ocultar o conhecimento que continham, lendo-os primeiro para guardá-lo, protegê-lo. Mas por quê?

— Você não vai me contar, não é? — perguntou a princesa. — Quem era ele. Onde o encontrou.

— Foi apenas um incidente curioso que testemunhei...

— Sei que a estima que tenho por você não é recíproca, irmão. Sei que sua opinião sobre mim não é das melhores. Mas minha opinião sobre você sempre foi baseada no fato de você não mentir para mim. A sua verdade pode ser dura, mas é sempre a verdade. Conte-me a verdade agora, por favor.

Vaelin a olhou nos olhos e ficou chocado ao ver lágrimas brilhando neles. *São reais? Podem ser reais?*

— Não sei se posso confiar em você — disse ele, simplesmente. — Certa vez, fizemos algo terrível juntos...

— Eu não sabia! — sussurrou ela com veemência. Inclinou-se para perto de Vaelin, um tom urgente na voz. — Linden veio até mim com sua ideia ensandecida de uma expedição até a Martishe. Meu pai ordenou que eu abençoasse essa empreitada. Não fiz promessas a Linden. Eu o amava, mas como uma irmã ama um irmão. Mas ele me amava mais do que a qualquer irmã e ouviu o que queria ouvir. Juro que eu não tinha conhecimento das verdadeiras intenções de meu pai. Afinal, *você* estava indo junto, e eu sabia que você não seria capaz de cometer assassinato. — As lágrimas

brotaram-lhe dos olhos e escorreram ao longo do rosto perfeito. — Fiz minhas próprias pesquisas, Vaelin. Sei que você não o assassinou, sei que o poupou de um fim horrível. Estou lhe contando essas verdades porque precisa acreditar em mim agora. Deve prestar atenção às minhas palavras. Você *deve* recusar-se a fazer o que meu pai lhe pedir hoje.

— O que ele vai me pedir?

— Princesa Lyrna Al Nieren! — Uma voz possante. Uma voz de comando. A voz de um rei. Vaelin não via Janus há mais de um ano e o achou ainda mais envelhecido, as rugas no rosto ainda mais fundas, mais fios grisalhos na cabeleira avermelhada, os ombros ainda mais curvados. Contudo, ele ainda tinha a voz de um rei. Os dois se levantaram e curvaram-se, subitamente cientes do silêncio da multidão.

— Filha da linhagem real de Al Nieren — continuou o Rei. — Princesa do Reino Unificado e segunda na linha de sucessão ao trono. — Uma mão magra e manchada surgiu de baixo do manto de arminho do Rei e apontou para o campo atrás deles. — Está se esquecendo de seu dever.

Vaelin virou-se e viu Lorde Darnel, com um joelho no chão diante do pavilhão real. Atrás do nobre, os cavaleiros que tombaram no combate afastavam-se cambaleantes ou carregados, o Barão Banders em sua armadura enferrujada entre eles. Apesar do servilismo da mesura, a cabeça de Lorde Darnel não estava abaixada e ele segurava o elmo debaixo do braço. Tinha os olhos fixos nos de Vaelin, brilhando com uma fúria intensa e desconcertante.

Lyrna enxugou depressa as lágrimas do rosto e curvou-se de novo.

— Perdoe-me, pai — disse ela em um tom de frivolidade forçada. — Fazia muito tempo que eu não conversava com Lorde Vaelin...

— Lorde Vaelin não demanda sua atenção aqui, minha senhora.

Um lampejo de raiva passou pelo rosto da princesa, mas ela o escondeu rapidamente antes de forçar um sorriso.

— É claro. — Virando-se, ela estendeu o lenço e fez sinal para que Lorde Darnel se aproximasse. — Lutou bem, meu senhor.

Lorde Darnel fez uma mesura rígida e formal, estendendo o braço para pegar o lenço com a manopla, ficando visivelmente sobressaltado quando a princesa retirou a mão antes que ele pudesse beijá-la. Recuando, tornou a lançar o olhar furioso a Vaelin.

— Suponho, Lorde Vaelin — disse ele, com um tremor na voz devido à raiva —, que irmãos da Sexta Ordem são proibidos de aceitar desafios.

— Está correto, meu senhor.

— Uma grande pena. — O cavaleiro curvou-se mais uma vez para Lyrna e o Rei e retirou-se do campo sem olhar para trás.

— Parece que você despertou a antipatia do garoto lustroso — observou o Rei.

Vaelin encontrou o olhar do Rei, notando aquela mesma maquinação ardilosa da qual ele se lembrava de sua primeira barganha odiosa.

— Estou acostumado a não gostarem de mim, Alteza.

— Bem, nós gostamos de você, não gostamos, filha? — perguntou o Rei a Lyrna.

O rosto da princesa estava impassível quando assentiu, e ela nada disse.

— Possivelmente demais, ao que parece. Quando ela era pequena, minha preocupação era de que seu coração acabasse sendo gelado demais para se afeiçoar a qualquer homem. Vejo-me agora desejando que tornasse a congelar.

Vaelin não estava acostumado a embaraços e achava

difícil suportá-los.

— Vossa Alteza mandou me chamar.

— Sim. — O Rei olhou para Lyrna por mais um segundo. — Sim, mandei. — Virou-se e indicou a entrada do pavilhão. — Há alguém que eu gostaria que você conhecesse. Filha, fique, por favor, e tente lembrar às pessoas aqui reunidas que, apesar das aparências, somos de fato superiores a elas.

A voz da princesa soou sem qualquer emoção ao responder:

— É claro, pai.

Vaelin colocou um joelho no chão, aceitando a mão de Lyrna quando lhe foi estendida, dando outro beijo na pele quente. *Mesmo os que não eram dignos de confiança podem ser úteis.*

— Alteza — Vaelin dirigiu-se a ela ao se levantar, bastante ciente da presença do Rei —, creio que esteja enganada.

— Enganada?

Era errado de muitas maneiras, uma quebra de protocolo, mas ele se aproximou e lhe deu um beijo no rosto, sussurrando-lhe ao ouvido.

— As Trevas não são uma superstição. Procure no quadrante oeste pela história do homem caolho.

— Está tentando me testar, Jovem Falcão?

Eles estavam caminhando atrás do pavilhão, sozinhos, exceto por dois guardas. O Rei pisava forte na lama, a barra do manto de arminho já bastante manchada. Ele parecia mais baixo, de alguma forma, atrofiado pela idade, e sua cabeça mal alcançava o ombro de Vaelin.

— Testá-lo, Alteza? — perguntou Vaelin.

O Rei voltou-se para ele.

— Não brinque comigo, garoto! — Fixou irritado os olhos nele. — Não brinque!

Vaelin olhou-o diretamente nos olhos. O Rei podia ainda ser uma coruja, mas ele não era mais um camundongo.

— Minha amizade com a Princesa Lyrna o ofende, Alteza?

— Você não tem amizade alguma com ela. Não suporta sequer vê-la, com razão. — O Rei inclinou a cabeça, os olhos apertados em contemplação. — Ela queria lhe mostrar o garoto lustroso, despertar seu ciúme. Não é?

Keschet. Vaelin lembrou-se das palavras da princesa no jardim de Al Hestian. *O Ataque do Mentiroso. Ocultar um estratagema dentro de outro.* Lorde Darnel era uma distração, algo que seu pai esperava. *Você deve recusar-se a fazer o que meu pai lhe pedir hoje.*

Vaelin encolheu os ombros.

— Suponho que sim.

— O que você disse a ela? Sei que não estava roubando um beijo.

Vaelin deu um sorriso irônico.

— Disse-lhe que a beleza desaparece, junto com a oportunidade.

O Rei resmungou, continuando a caminhar curvado na lama.

— Não devia provocá-la assim. É necessário que vocês não se tornem inimigos. Pelo Reino, compreende?

— Compreendo, Alteza.

— Ela não vai se casar com ele, não é?

— Duvido muito.

— Eu sabia que não iria. — O Rei suspirou de frustração, cansado. — Se ao menos o sujeito não fosse tão estúpido. Que fardo é ter uma filha inteligente. Vai contra a natureza haver inteligência com tanta beleza. Sei por experiência própria que mulheres verdadeiramente bonitas são dotadas de grandes encantos ou de um despeito colossal. A mãe dela,

minha querida e finada rainha, era de uma beleza renomada e tinha todo o despeito que se pudesse imaginar, mas misericordiosamente pouca inteligência.

Isso não é sinceridade, concluiu Vaelin. *Apenas outra máscara. Ele faz da honestidade uma mentira para me enredar em outro plano.*

Chegaram a uma carruagem ornamentada, a madeira intricadamente esculpida com folhas de ouro, as janelas com cortinas de veludo negro. Duas juntas de tordilhos aguardavam para puxar a carruagem. O Rei fez sinal para que ele abrisse a porta e entrou, gemendo com o esforço, chamando-o para dentro. O Rei sentou-se em um assento de couro macio e bateu com o punho ossudo na parede às suas costas.

— Palácio! Não tão rápido.

Ouviu-se o estalo de um chicote do lado de fora e a carruagem foi sacudida e foi posta em movimento quando os quatro tordilhos começaram a puxá-la.

— Foi um presente — explicou o Rei. — A carruagem, os cavalos. De Lorde Al Telnar, lembra-se dele?

Vaelin recordou-se do homem bem vestido na Câmara do Conselho.

— O Ministro das Obras Reais.

— Sim, um velhaco maldito, não? Queria que eu confiscasse um quarto das terras do Senhor Feudal cumbraelino, como punição pela rebelião de seu irmão. Claro, ele assumiria de forma magnânima o fardo da administração, assim como todo arrendamento resultante. Agradeci-lhe pela carruagem e confisquei um quarto de suas próprias terras, arrendei-as ao Senhor Feudal Mustor. Deve mantê-lo com vinhos e prostitutas por algum tempo. Um lembrete a Lorde Al Telnar de que um verdadeiro rei não pode ser comprado.

O Rei enfiou a mão dentro do manto e tirou de lá uma algibeira de couro do tamanho de uma maçã.

— Aqui. — Ele jogou a algibeira para Vaelin. — Sabe o que é isso?

Vaelin abriu a algibeira e encontrou uma pedra grande e azul, com veios cinzentos.

— Vitríolo azul. Grande.

— Sim, o maior já encontrado, escavado das minas nos Confins do Norte há uns setenta anos, quando meu avô, o vigésimo Senhor de Asrael, construiu a torre e estabeleceu a primeira colônia. Sabe quanto vale?

Vaelin olhou de novo para a pedra; a luz da lamparina reluziu na superfície lisa.

— Uma grande quantia de dinheiro, Alteza. — Fechou o saco e o ofereceu ao Rei.

O velho manteve as mãos dentro do manto.

— Fique com ele. Um presente do rei à sua espada mais valiosa.

— Não tenho necessidade de riquezas, Alteza. *Também não posso ser comprado.*

— Até mesmo um irmão da Sexta Ordem pode um dia precisar de riquezas. Por favor, pense nela como um talismã.

Vaelin devolveu a pedra para o saco e o prendeu no cinto.

— Vitríolo azul — prosseguiu o Rei — é o mineral mais precioso do mundo, muito estimado por povos de todas as nações, alpiranos, volarianos, os Reis Mercadores do Extremo Ocidente. Vale mais do que prata, ouro ou diamantes, e boa parte dele é encontrada nos Confins do Norte. O Reino possui outras riquezas, é claro, como vinho cumbraelino, aço asraelino e assim por diante, mas foi com vitríolo azul que construí minha frota e foi com vitríolo azul que criei a Guarda do Reino, os dois pinos que mantêm este Reino unido. E o Senhor da Torre Al Myrna informou-me que os veios de vitríolo azul estão começando a ficar escassos. Dentro de vinte anos não haverá o suficiente para pagar os mineiros que o

escavam. E então o que faremos, Jovem Falcão?

Vaelin deu de ombros; comércio não era um assunto familiar.

— Como disse, Alteza, o Reino possui outras riquezas.

— Mas não suficientes, não sem taxar os nobres e o povo de tal forma que eles de bom grado veriam a mim e a meus filhos pendurados nas muralhas do palácio. Você viu como essa terra pode ser problemática, mesmo com a Guarda do Reino para mantê-la unida. Imagine o sangue que será derramado se a guarda desaparecer. Não, precisamos de mais, precisamos de especiarias e seda.

— Especiarias e seda, Alteza?

— A principal rota comercial de especiarias e seda passa pelo Mar Erineano: as especiarias das províncias meridionais do Império Alpirano e a seda do Extremo Ocidente passam pelos portos alpiranos na costa setentrional do Império. Cada navio que atraca deve pagar ao Imperador pelo privilégio, além de entregar uma parte da carga. Os mercadores alpiranos enriqueceram com esse comércio, alguns são mais ricos do que os Reis Mercadores do Oeste, e todos eles pagam tributo ao Imperador.

A inquietação de Vaelin aumentou. *Ele não pode estar pensando nisso.*

— Vossa Alteza deseja atrair esse comércio aos nossos portos?

O velho sacudiu a cabeça.

— Temos poucos portos, nossas enseadas são pequenas. Tempestades demais assolam nosso litoral e estamos muito ao norte para atrair tamanho comércio. Se o quisermos, teremos que tomá-lo.

— Alteza, sei pouco de história, mas não me recordo de qualquer ocasião em que este Reino ou qualquer um dos Feudos tenha sido ameaçado de invasão ou mesmo saque pelos alpiranos. Não há sangue entre os nossos

povos. Os catecismos nos dizem que a guerra só é justificada na defesa da terra, da vida ou da Fé.

— Os alpiranos são adoradores de deuses, não? Um império inteiro em negação da Fé.

— A Fé só pode ser aceita, não forçada, principalmente sobre um império.

— Mas eles planejam trazer seus deuses aqui, enfraquecer nossa Fé. Seus espiões estão por toda parte, disfarçados de mercadores, sussurrando ideias de negação, corrompendo os nossos jovens com rituais das Trevas. E enquanto isso o exército deles cresce e o Imperador constrói mais navios.

— Alguma parte disso tudo é verdadeira?

O Rei deu um sorriso contido, os olhos de coruja cintilando.

— Será.

— Vossa Alteza espera que o Reino inteiro acredite nesses absurdos?

— As pessoas sempre acreditam no que querem, seja verdade ou não. Lembre-se do massacre dos Aspectos, de todos aqueles Negadores ou suspeitos de serem Negadores mortos nos tumultos com base em meros rumores. Dê a elas a mentira certa e acreditarão.

Vaelin encarou o Rei em silêncio enquanto a carruagem chacoalhava sobre as ruas de paralelepípedos do quadrante norte, e a certeza de sua compreensão lhe deu arrepios. *Não há mentira aqui, ele realmente pretende fazer isso.*

— O que quer de mim, Alteza? Por que dividir isso comigo?

O Rei estendeu as mãos ossudas.

— Preciso da sua espada, é claro. Eu não poderia ir para a guerra sem o guerreiro mais famoso do Reino, poderia? O que o povo pensaria se você se recusasse a levar a espada da Fé ao Império dos Negadores?

— Vossa Alteza espera que eu entre em guerra com

um povo com o qual este Reino não tem disputas, baseado em mentiras?

— Certamente que espero.

— E por que eu faria isso?

— A lealdade é sua força.

O rosto de Linden Al Hestian, cada vez mais lívido à medida que o sangue escorria do corte no pescoço...

— A lealdade é outra mentira que Vossa Alteza usa para enredar os incautos nos seus planos.

O Rei franziu o cenho; a princípio pareceu irritado, mas acabou gargalhando.

— Claro que é. Para o que você acha que serve o poder real? — O júbilo desapareceu rapidamente. — Você se esquece da barganha que fizemos. Eu ordeno, você obedece. Lembra-se?

— Já quebrei nossa barganha, Alteza. Não fiz o que me mandou fazer na Martishe.

— E, mesmo assim, Linden Al Hestian ainda está no Além, para onde foi por intermédio da sua faca.

— Ele estava sofrendo. Tive que dar um fim à sua dor.

— Sim, muito conveniente. — O Rei balançou a mão irritado, aparentemente cansado daquele assunto. — Não importa, você fez uma barganha. Você é meu, Jovem Falcão. Sabe tão bem quanto eu que esse vínculo à Ordem é uma ficção. Eu ordeno, você obedece.

— Não para ir ao Império Alpirano. Não sem uma razão melhor do que uma escassez de vitríolo azul.

— Você se recusa a me obedecer?

— Sim. Execute-me, se quiser. Não declararei nada em minha defesa. Mas estou cansado das suas maquinações.

— Executá-lo? — Janus deu outra gargalhada, ainda mais alta do que a primeira. — Quão nobre, ainda mais porque você sabe muito bem que não posso fazer tal coisa sem instigar uma rebelião entre o povo e uma guerra com a Fé. E acho que minha filha já me odeia o

bastante.

O Rei puxou de forma abrupta a cortina de veludo que cobria a janela e seu rosto se iluminou de repente.

— Ah, a padaria da viúva Nornah. — Ele tornou a bater no teto da carruagem, erguendo sua voz régia. — PARE!

Ao descer da carruagem, ele dispensou a ajuda dos dois soldados da Guarda Montada que cavalgaram como escolta e sorriu para Vaelin, quase como uma criança grande.

— Junte-se a mim, Jovem Falcão. Os melhores doces e pães da cidade, possivelmente do Feudo. Perdoe a fraqueza de um velho.

A padaria da viúva Nornah estava quente e tomada pelo cheiro de pão recém-saído do forno. Ao ver o Rei, ela saiu correndo de trás do balcão, uma mulher alta e robusta, com faces vermelhas e cabelo sujo de farinha.

— Alteza! Senhor! Mais uma vez Vossa Alteza abençoa meu humilde empreendimento! — disse ela num arroubo, curvando-se desajeitada e empurrando fregueses estupefatos para os lados. — Abram caminho! — Abram caminho para o Rei!

— Minha senhora. — O Rei tomou a mão da mulher e a beijou, fazendo com que o vermelho das faces ficasse mais intenso. — Não se pode jamais ignorar uma oportunidade de desfrutar de seus produtos. Além do mais, Lorde Vaelin aqui está curioso. Suas oportunidades de comer bolos são escassas, não é mesmo, irmão?

Vaelin notou o modo como os olhos da mulher percorriam seu rosto, fascinada por vê-lo ali, e como os fregueses, agora curvados sobre um joelho, lançavam olhares furtivos, quase os odiando por sua adulação.

— Meu conhecimento sobre bolos realmente é escasso, Alteza — respondeu ele, esperando que a irritação não transparecesse no seu tom.

— Por acaso você tem uma sala de fundos onde

possamos desfrutar de seus artigos? — perguntou o Rei à viúva. — Odiaria atrapalhar ainda mais seus negócios.

— É claro, Alteza. É claro.

Ela os levou até os fundos da padaria, conduzindo-os ao que parecia ser um depósito, com prateleiras abarrotadas de jarros e sacos de farinha nas paredes, mobiliado com uma mesa e cadeiras. Sentada à mesa havia uma moça de seios avantajados em um vestido espalhafatoso de material barato, com cabelos tingidos de ruivo, lábios escarlates e a blusa aberta no pescoço, deixando à mostra um amplo decote. Ela levantou-se quando o Rei entrou, executando uma mesura perfeita.

— Alteza. — A voz dela era rouca, as vogais comidas. Uma voz das ruas.

— Derla — cumprimentou o Rei antes de se voltar para a padeira. — Acho que vou querer os biscoitos de maçã, Senhora Nornah. E um pouco de chá, se possível.

A viúva fez uma mesura e saiu da sala, fechando a porta com firmeza às suas costas. O Rei sentou-se em uma cadeira e fez sinal para que a mulher se erguesse.

— Derla, este é Lorde Vaelin Al Sorna, renomado irmão da Sexta Ordem e Espada do Reino. Vaelin, esta é Derla, prostituta não renomada e espiã de alta distinção ao meu serviço.

A mulher deu um longo olhar de avaliação a Vaelin, com um sorriso enviesado nos lábios.

— Uma honra, meu senhor.

Vaelin respondeu com um aceno de cabeça.

— Senhora.

O sorriso dela alargou-se.

— Dificilmente.

— Não desperdice seus encantos com ele, Derla — advertiu o Rei. — O Irmão Vaelin é um verdadeiro servo da Fé.

Ela ergueu uma sobrancelha pintada e fez beicinho.

— Uma pena. Faço alguns dos meus melhores

trabalhos com gente das Ordens. Especialmente da Terceira. Aqueles tipos estudiosos são um bando bem assanhado.

— Ela é encantadora, não? — perguntou o Rei. — Uma mulher de mente aguçada, mas sem qualquer escrúpulo moral. E um temperamento violento ocasional. Quantas vezes você apunhalou aquele mercador, Derla? Sempre me esqueço.

Vaelin observou com atenção o rosto de Derla e não viu qualquer falsidade na falta de expressão.

— Umas cinquenta, Alteza. — Ela piscou para Vaelin. — Queria me espancar até a morte e foder meu cadáver.

— Sim, um canalha pervertido, de fato — admitiu o Rei. — Mas rico, e uma figura popular na corte. Assim que vi quão útil você podia ser, não poupei esforços para providenciar seu suposto suicídio e libertação efetiva.

— Pelos quais serei eternamente grata, Alteza.

— E deve mesmo. Como vê, Vaelin, é dever de um rei procurar talentos entre seus súditos, para que possa fazer bom uso deles. Tenho alguns como Derla escondidos pelos quatro Feudos, todos respondendo diretamente a mim. Recebem uma boa quantidade de ouro e têm a satisfação de saber que seus esforços preservam a segurança desse Reino. — O Rei pareceu cansado de repente, apoiando o queixo na palma da mão e esfregando os olhos. — O relatório da semana passada — disse ele a Derla. — Repita-o para Lorde Vaelin.

Ela assentiu e começou a falar em um tom formal e experiente.

— No sétimo dia de prensur, eu estava no beco atrás da taverna Leão Rampante, observando uma casa que eu sabia ser frequentada por Negadores da seita dos Ascendentes. Perto da meia-noite, algumas pessoas

entraram na casa, inclusive um homem alto, uma mulher e uma garota de uns quinze anos, que chegaram juntos. Depois que entraram na casa, adentrei o local pela calha de carvão no porão. Do porão, pude ouvir os rituais hereges sendo realizados na sala acima. Após cerca de duas horas, deduzi que a reunião estava prestes a terminar e saí do porão, voltando para o beco, onde observei as mesmas três pessoas partindo juntas. Algo no homem alto parecia familiar, de modo que resolvi segui-los. Dirigiram-se ao quadrante norte, onde entraram em uma casa grande que dava para o moinho na Esquina do Vigia. Quando o homem entrou na casa, a luz das lamparinas lá dentro iluminou seu rosto e pude confirmar sua identidade como Lorde Kralyk Al Sorna, ex-Senhor da Batalha e Primeira Espada do Reino.

Ela observou Vaelin com um olhar indiferente, desprovido de medo ou preocupação. O Rei coçou a barba por fazer no queixo.

— Não foi sempre assim, sabia? — disse ele. — Com os Negadores. Quando eu era menino, eles viviam entre nós. Desconfiavam deles, mas eram tolerados. Meu primeiro tutor de esgrima era um Questionador, e um homem muito bom. As Ordens advertiam sobre eles, mas nunca defenderam a proibição de suas práticas. Éramos uma terra de eLivross, afinal de contas, forçados a vir até essas praias séculos atrás por aqueles que nos matariam por nossa Fé e nossos deuses. A Fé sempre foi dominante, claro, a primeira na hierarquia das crenças, mas outras existiam lado a lado, e embora houvesse muitos entre os Fiéis que não gostassem disso, a maioria da população parecia não se importar muito. Então surgiu a Mão Vermelha.

O Rei levou a mão até as marcas vermelhas e lívidas que tinha no pescoço, os olhos recordando eventos distantes.

— Chamaram-na de Mão Vermelha por causa das marcas que deixa, como se uma garra arranhasse a carne do seu pescoço. Quando as marcas apareciam, a pessoa já podia se considerar morta. Imagine uma terra arrasada em poucos meses, Vaelin. Pense em todas as pessoas que conhece, homem, mulher, criança, rico ou pobre, não importa. Pense neles e então imagine que metade desaparecesse. Imagine-os mortos por uma doença debilitante que os faz delirar, se debater e gritar, enquanto vomitam as próprias entranhas. Os corpos eram empilhados feito palha. Ninguém estava a salvo, e o medo tornou-se a única fé. Aquilo não podia ser apenas outra praga qualquer. Tinha que ser obra das Trevas. E assim voltamos nossos olhos para os Negadores. Eles sofriam como nós, mas por serem em menor número, parecia que sofriam menos. Turbas percorreram as cidades e os campos, perseguindo, matando. Algumas seitas foram dizimadas e suas crenças perdidas para todo o sempre, o resto foi empurrado para as sombras. Quando a Mão Vermelha desapareceu, tudo o que restava era a Fé e o deus cumbraelino. Os outros estavam escondidos, adorando seus deuses na escuridão, com um medo constante de serem descobertos.

O foco voltou aos olhos do Rei, que os fixou em Vaelin com uma intenção friamente calculada.

— Parece que seu pai desenvolveu interesses pouco saudáveis, Jovem Falcão.

A canção do sangue retornou, alta e dissonante, mais forte do que nunca, o significado mais claro do que conseguia se lembrar. Havia um grande perigo naquela sala. Perigo do conhecimento que aquela prostituta espiã tinha. Perigo da intenção do Rei. Mas, acima de tudo, o perigo da canção do sangue, dizendo-lhe para matar os dois.

— Eu não tenho pai para odiar — disse ele, ríspido.

— Talvez. Mas você tem uma irmã. Um pouco jovem demais para ficar pendurada nas muralhas com a língua arrancada, após ser tratada pela Quarta Ordem na Fortaleza Negra. O mesmo com a mãe dela. Enjauladas lado a lado, falando coisas desconexas uma para a outra até a fome enfraquecê-las e os corvos aparecerem para arrancar-lhes a carne enquanto ainda estiverem vivas. Você queria uma razão melhor. Agora tem uma.

Olhos escuros, como os seus, mãos pequenas segurando invernálias. *Mamãe disse que você iria morar conosco e ser meu irmão...*

A canção do sangue uivava. Suas mãos se crisparam. *Nunca matei uma mulher*, pensou. *Ou um rei.* Observando o velho bocejar e esfregar os joelhos doloridos, ele viu como seria fácil agarrar aquele pescoço frágil e quebrá-lo feito um graveto. Como lhe daria *satisfação*...

Cerrou os punhos, contendo o tremor, e largou-se sobre a mesa.

E a canção do sangue parou.

— Acho que não ficarei para os bolos, afinal de contas — disse o Rei, colocando-se de pé. — Aproveite-os, por favor, com meus cumprimentos. — Colocou uma mão ossuda no ombro de Vaelin. *A garra de uma coruja.* — Suponho que eu não precise lhe instruir sobre o que dizer quando o Aspecto Arlyn lhe perguntar algo.

Vaelin recusou-se a olhar para ele, receoso de que a canção do sangue pudesse voltar, e assentiu com rigidez.

— Excelente. Derla, fique mais um pouco, por favor. Tenho certeza de que Lorde Vaelin tem mais perguntas.

— É claro, Alteza. — Ela fez outra mesura perfeita quando o Rei partiu. Vaelin permaneceu sentado.

— Posso sentar, meu senhor? — perguntou Derla.

Vaelin não respondeu, de modo que ela se sentou

diante dele.

— É um prazer imenso conhecer um lorde tão ilustre quanto o senhor — prosseguiu ela. — Já lidei com vários lordes, é claro. Sua Alteza está sempre interessado nos hábitos deles. Quanto mais bestiais, melhor.

Vaelin nada disse.

— Sempre me pergunto se todas as histórias sobre o senhor são verdadeiras — continuou ela. — Vendo-o agora, acho que podem ser. — Esperou que Vaelin falasse e se mexeu inquieta quando não houve resposta. — A viúva padeira está demorando com aqueles bolos.

— Os bolos não virão — disse Vaelin. — E eu não tenho perguntas. Ele deixou você aqui para que eu a matasse.

Vaelin encontrou os olhos dela, vendo neles uma emoção genuína pela primeira vez: medo.

— A viúva Nornah sem dúvida tem prática em se livrar discretamente de corpos — continuou ele. — Imagino que no decorrer dos anos ela tenha trazido até aqui vários tolos que não desconfiavam de nada. Tolos como nós dois.

Derla olhou depressa para a porta e logo voltou a encará-lo. Ela mordeu os lábios, engolindo desafios e provocações. Sabia que não podia lutar com ele.

— Não sou indefesa.

— Você tem uma faca no corpete e outra na cintura, atrás. Suponho que o grampo no seu cabelo também seja bastante afiado.

— Servi bem e com lealdade o Rei Janus por cinco anos...

— Ele não se importa. O conhecimento que você tem é perigoso demais.

— Eu tenho dinheiro...

— Não tenho necessidade de riquezas. — O saco com o vitríolo azul pesava em seu cinto. — Nenhuma

necessidade.

— Bem. — Ela afastou-se da mesa e ergueu a saia, exibindo as pernas abertas com outro sorriso enviesado nos lábios, não mais genuíno do que o primeiro. — Pelo menos tenha a gentileza de me foder antes e não depois.

Uma risada morreu nos lábios de Vaelin. Ele desviou o olhar, juntando as mãos no topo da mesa.

— Você está a salvo de mim, mas não dele. Deveria deixar a cidade, o Reino, se puder. Não volte nunca mais.

Ela levantou-se devagar, indo com cautela na direção da porta, segurando a maçaneta com uma mão e levando a outra às costas, sem dúvida para agarrar a faca. Girando a maçaneta, parou.

— Seu pai é afortunado por ter um filho assim, meu senhor. — E ela se foi, a porta fechando-se nas dobradiças pouco lubrificadas.

— Eu não tenho pai — disse ele em voz baixa para a sala vazia.

CAPÍTULO TRÊS

Longe da costa alpirana, a vegetação rasteira dava lugar ao vasto deserto, varrido por um vento constante vindo do sul que erguia as areias em funis de poeira, que pairavam sobre as dunas como espectros. O exército se mantinha na orla do deserto, avançando em direção a Untesh em uma coluna com mais de três quilômetros de comprimento. Observando o exército, Vaelin lembrou-se de uma cobra enorme que certa vez vira escapar de uma gaiola em um navio do Extremo Ocidente: o animal estendera-se de lado a lado do convés, as escamas reluzindo ao sol tal como as lanças da Guarda do Reino agora.

Ele estava no alto de uma elevação rochosa, alguns quilômetros à frente da coluna principal, bebendo do cantil enquanto Cuspe mastigava as poucas folhas de um arbusto próximo. Frentis e sua tropa de batedores, o que restara dela após a batalha perto da praia, estavam acampados ao redor da elevação, vigiando o horizonte a leste.

Vaelin pensou na batalha de dois dias antes, no homem de branco e no grupo que aparecera para pedir seu corpo, quatro homens de rostos graves da Guarda Imperial que vieram do deserto e exigiram ver o Senhor da Batalha. Al Hestian apareceu a cavalo para cumprimentá-lo, seguido pelas figuras ilustres do exército, dando um espetáculo de etiqueta formal que os alpiranos ignoraram ao permanecer nas selas. Ele estava lendo em voz alta a proclamação do Rei sobre a anexação das três cidades de Untesh, Linesh e

Marbellis, quando um dos guardas o interrompeu no meio de uma frase, um homem corpulento de cabelo grisalho, falando a língua do Reino quase à perfeição:

— Poupe o fôlego, nortista. Viemos pelo corpo do *Eruhin*. Entregue-nos ou mate-nos, não iremos embora sem ele.

A compostura de Al Hestian vacilou, seu rosto ficando vermelho de raiva.

— O que é esse *Eruhin*?

— O homem de branco — disse Vaelin. Ele não havia sido convidado a se juntar à negociação, mas parara o cavalo perto deles, de qualquer forma, sabendo que o Senhor da Batalha não gostaria de fazer uma cena ao mandá-lo embora, não em um momento tão auspicioso quanto seu primeiro encontro com o inimigo. — O *Eruhin*, não é? — perguntou ao guarda.

O guarda fitou-o, examinando-o da cabeça aos pés, e analisando seu rosto.

— Foi você? Você o matou?

Vaelin assentiu. Com os dentes arreganhados, um dos outros guardas começou a sacar seu sabre antes que o homem grisalho o detivesse com uma ordem ríspida.

— Quem era ele? — perguntou Vaelin.

— Seu nome era Seliesen Maxtor Aluran — respondeu o guarda. — O *Eruhin*, o Esperança, na sua língua. Herdeiro escolhido do Imperador.

— Nossos pêsames ao seu Imperador — interrompeu o Senhor da Batalha, com polidez. — Uma perda tão dolorosa é uma lástima, mas viemos apenas pelo que é de direito...

— Vocês vêm para conquistar e saquear, nortista — disse o homem grisalho. — Encontrarão apenas morte nestas terras. Não haverá mais negociações ou conversas, mataremos todos vocês, como mataram nosso Esperança. Não esperem misericórdia. Agora, entreguem-nos o corpo.

Lorde Darnel tomou um gole de um cantil e enxaguou a boca com o vinho antes de cuspi-lo nos cascos do cavalo do guarda.

— Ele está quebrando as regras de negociação com suas grosserias, meu senhor — comentou a Al Hestian. — Claramente deve pagar com a vida.

— Não, não deve. — Vaelin avançou o cavalo entre os dois grupos, dirigindo-se ao guarda. — Vou escoltá-los até o corpo.

Ele podia sentir a fúria do Senhor da Batalha ao cavalgarem até o cadáver, assim como o ódio de Lorde Darnel, lembrando-se de algo que o Aspecto Arlyn lhe dissera: *Homens que amam a si mesmos odeiam aqueles que ofuscam sua glória*.

Os guardas desmontaram e colocaram o corpo de seu Esperança no dorso de um cavalo de carga. O guarda grisalho apertou as correias que prendiam o corpo ao cavalo e virou-se para Vaelin, com lágrimas brilhando nos olhos.

— Qual o seu nome? — perguntou ele, com voz rouca.

Não conseguiu pensar em uma razão para não lhe contar.

— Vaelin Al Sorna.

— Sua consideração não diminui meu ódio, Vaelin Al Sorna, *Eruhin Makhtar*, Matador do Esperança. Minha honra me diz que eu deveria tirar minha própria vida, mas meu ódio me manterá vivo. De agora em diante, todo meu fôlego será dedicado a um único propósito: vê-lo morto. Meu nome é Neliesen Nester Hevren, Capitão da Décima Coorte da Guarda Imperial. Não se esqueça.

Dito isso, ele e seu companheiros montaram e cavalgaram para longe.

Às vezes a Fé exige tudo o que temos. Novamente as palavras do Aspecto, ditas no inverno passado, quando caminhou com Vaelin pelo campo de treinamento

coberto de neve, escutando o que ele tinha a dizer sobre os planos do Rei. Fora um dia frio, mais frio do que de costume para weslin, e os irmãos noviços tropeçavam na neve ao correrem e lutarem e ao receberem as varadas dos mestres.

— Esta será uma guerra diferente de todas que já vimos — dissera o Aspecto, a respiração virando fumaça no ar. — Um grande sacrifício será feito. Muitos de nossos irmãos não voltarão. Compreende isso?

Vaelin assentiu; ouvira o Aspecto por um longo tempo e se viu sem mais palavras.

— Mas você precisa voltar, Vaelin. Lute o quanto tiver que lutar, mate o quanto tiver que matar. Não importa quantos de seus homens e irmãos tombem, você retornará a este Reino.

Vaelin assentiu mais uma vez e o Aspecto sorriu, a única vez que Vaelin o vira fazer isso desde aquele primeiro dia no portão da Casa da Ordem, tantos anos antes. Aquilo de alguma forma o deixava mais velho, o modo como aumentava as linhas em volta dos olhos e dos lábios finos. Ele jamais pareceu velho antes.

— Às vezes você me lembra muito sua mãe — disse o Aspecto com tristeza, então se virou e foi embora, o corpo alto movendo-se pela neve com passos firmes.

Arranhão subiu aos pulos a elevação, deixando como rastro uma nuvem de poeira, uma lebre balançando em sua boca. Lebres grandes e de patas largas pareciam proliferar naquele ambiente e, como Arranhão, a Guarda do Reino logo se aproveitou da caça fácil. O cão largou a lebre aos pés de Vaelin e deu um de seus latidos curtos e rascantes.

— Obrigado, cachorro doido. — Vaelin coçou-lhe o pescoço. — Mas pode ficar com ela. — Ele pegou a lebre e a jogou colina abaixo, e Arranhão correu atrás dela com um latido de alegria.

— Você costuma deixá-lo para trás quando sai em

campanha — disse Frentis, sentando-se e tirando a tampa do cantil.

— Achei que ele apreciaria um novo lugar para caçar.

— Então ele era o filho do Imperador, hein? — perguntou Frentis. — O homem de armadura branca.

— O herdeiro escolhido. Parece que o Imperador escolhe seu sucessor dentre seus súditos.

Frentis franziu o cenho.

— Como ele faz isso, então?

— Algo relacionado com os deuses deles, creio.

— Então devia escolher alguém que pudesse lutar melhor. O idiota não conseguia nem ficar sentado direito no cavalo. — Apesar da leviandade do irmão mais novo, Vaelin podia sentir sua preocupação. — Não tinha nada o que fazer lá, na verdade.

— Não se preocupe comigo, irmão. — Sorriu para Frentis. — Não tenho tanto peso assim no coração.

Frentis assentiu e voltou o olhar para a vasta extensão do deserto ao sul.

— Não tenho bem certeza de por que o Rei quer tanto esse lugar. É só poeira e moitas. Não vi uma árvore desde que desembarcamos.

— Viemos em busca do que é nosso por direito segundo um tratado antigo e para nos vingarmos dos males que o Império Negador nos causou.

— É, andei pensando nisso. Sabe, os únicos alpiranos que já vi eram marinheiros e mercadores ao redor das docas. Eles se vestiam de um jeito engraçado, mas não pareciam diferentes de todos os outros marinheiros e mercadores, indo atrás de prostitutas e dinheiro da maneira que essa gente faz, mas eram um pouco mais educados do que a maioria. Não me lembro de nenhum dos meus companheiros moleques de rua ter sido raptado e torturado em rituais das Trevas, fora eu, claro, e Caolho não era alpirano.

— Está questionando a Palavra do Rei, irmão?

Frentis levou as mãos para dentro do manto, sem dúvida mais uma vez explorando o padrão das cicatrizes.

— A dele e a de todo mundo, se eu achar que devo.

Vaelin riu.

— Ótimo, continue fazendo isso.

— Meu senhor! — chamou um dos batedores, levantando-se e apontando para o horizonte a leste.

Vaelin foi até o outro lado da elevação e olhou para longe, vendo um brilho tênue na onda de calor que se erguia das areias ensolaradas.

— O que procuro?

— Estou vendo. — Frentis levara sua luneta ao olho. Era um artigo caro, tubos de bronze envolvidos por pele de tubarão. Vaelin achou melhor não perguntar onde ele havia conseguido aquilo, embora se lembrasse de que o capitão da galé meldeneana que os trouxera até essas praias possuía um item similar. Tal como Barkus, os instintos de gatuno de Frentis nunca desapareceram por completo.

— Quantos?

— Não sou bom com estimativas, irmão, como sabe. Mas duvido que não haja pelo menos a mesma quantidade de tropas que temos e mais um terço.

— Eu sei que você sabe onde ele está. — O olhar do Senhor da Batalha era sombrio, de uma inimizade sem limites.

— Meu senhor? — Vaelin estava distraído com o espetáculo na planície diante deles, onde milhares de soldados alpiranos entravam em formação ofensiva, avançando em uma marcha constante na direção da elevação em que eles se encontravam. O Senhor da Batalha ordenara a Vaelin que trouxesse o regimento para a elevação e colocasse o estandarte no mastro

mais alto que pudesse ser encontrado. Na encosta oeste, fora da vista dos alpiranos, havia cinco mil arqueiros cumbraelinos. Os arqueiros eram oficialmente a contribuição do Senhor Feudal Mustor à campanha, uma amostra de lealdade depois do que passara a ser conhecida como a Revolta do Usurpador, mas na verdade eram mercenários que venderam ao Rei suas habilidades com o arco, e não havia nenhum nobre cumbraelino entre eles. Do outro lado da elevação, a infantaria da Guarda do Reino estava dividida em regimentos, de três fileiras cada. O contingente nilsaelino de cinco mil soldados de infantaria leve aguardava na retaguarda, flanqueado por dez mil homens da cavalaria da Guarda do Reino à direita e pelos soldados renfaelinos à esquerda. Atrás deles estavam posicionadas quatro companhias montadas da Sexta Ordem ao lado do Príncipe Malcius, que comandava três companhias da Guarda Montada do Rei. Era o maior exército já reunido pelo Reino Unificado e estava prestes a lutar seu primeiro grande combate, algo que parecia não preocupar muito o Senhor da Batalha.

— O desgraçado que me deixou com isto. — Al Hestian ergueu o braço direito, onde o cravo farpado saía do couro que cobria o toco e reluzia ao sol brilhante do meio-dia. Olhava fixamente para Vaelin, aparentemente alheio à hoste alpirana que avançava. — Al Sendahl. Sei que você não o encontrou morto por alguma fera imaginária.

Vaelin ficara surpreso quando o Senhor da Batalha escolhera se posicionar na elevação, embora talvez lhe proporcionasse uma boa vista do campo de batalha. Porém, ficou ainda mais surpreso pela hora que o homem escolhera para trazer à tona uma mágoa.

— Meu senhor, talvez essa discussão possa esperar…

— Sei que a morte de meu filho não ocorreu por meio

de um golpe misericordioso — continuou o Senhor da Batalha. — Sei quem lhe queria mal e sei que você foi o instrumento deles. Encontrarei Al Sendahl, pode estar certo disso. Vou resolver minhas pendências com ele. Vencerei esta guerra para o Rei, e então resolverei minhas pendências com você.

— Meu senhor, se o senhor não estivesse tão determinado a massacrar prisioneiros inocentes, talvez ainda tivesse sua mão e eu, meu irmão. Seu filho era meu amigo e lhe tirei a vida para poupá-lo da dor. O Rei está satisfeito com meu relato em ambos os casos e, como servo da Coroa e da Fé, nada mais tenho a dizer sobre qualquer um desses assuntos.

Os dois encararam-se em silêncio, a fúria do Senhor da Batalha estremecendo-lhe o rosto.

— Esconda-se atrás da Ordem e do Rei se quiser — disse ele por entre os dentes. — Isso não o salvará quando esta guerra estiver vencida. Você ou qualquer um dos seus irmãos. As Ordens são uma praga para o Reino, colocando uma escória nascida na sarjeta para dar ordens àqueles que lhes são superiores...

— Pai! — Um jovem alto e bonito estava parado próximo dali, o embaraço estampado no rosto. Trajava um uniforme de capitão da Vigésima Sétima Cavalaria, uma pluma negra esvoaçando no alto do peitoral, uma espada longa com pomo de vitríolo azul atravessada nas costas. Levava uma espada curta volariana no cinto. — O inimigo — disse Alucius Al Hestian, inclinando a cabeça para a hoste que avançava pela planície — não parece inclinado a perder tempo.

Vaelin esperava que o Senhor da Batalha explodisse com seu filho, mas ele quase pareceu envergonhado, engolindo a raiva, as narinas dilatadas em frustração. Com um último olhar de ódio para Vaelin, afastou-se pisando forte para se posicionar debaixo do próprio estandarte, uma elegante rosa escarlate que destoava

do caráter de seu dono, sua guarda pessoal de Falcões Negros colocando-se em posição defensiva de ambos os lados, lançando olhares desconfiados aos Lobos Corredores que os cercavam. Os dois regimentos partilhavam de uma repulsa mútua e costumavam transformar tavernas e ruas em campos de batalha quando se encontravam na capital. Vaelin certificara-se para que se mantivessem bem longe uns dos outros durante a marcha.

— Dia quente de trabalho à frente, meu senhor — disse Alucius, e Vaelin notou o humor forçado em sua voz. Ficara desapontado ao descobrir que Alucius assumira uma posição no regimento do pai, pois esperava que o jovem poeta tivesse visto matanças suficientes no Forte Alto. Encontraram-se com pouca frequência nos anos seguintes, trocando gentilezas no palácio quando o Rei o chamava lá para alguma cerimônia sem sentido. Sabia que Alucius recuperara seu dom, que sua obra agora era bastante lida e que moças ansiavam por sua companhia. Contudo, ainda havia tristeza em seus olhos, a mácula do que testemunhara no Forte Alto.

— Seu peitoral devia estar mais apertado — disse Vaelin. — E você consegue sacar essa coisa das suas costas?

Alucius forçou um sorriso.

— Sempre o professor, não é?

— Por que está aqui, Alucius? Seu pai o forçou a isso?

O sorriso falso do poeta desapareceu.

— Na verdade, meu pai disse que eu deveria ficar com meus rabiscos e minhas rameiras de alta classe. Às vezes penso que devo a ele meu jeito com as palavras. Entretanto, ele foi persuadido de que uma crônica de sua campanha gloriosa, ainda mais escrita pelo jovem poeta mais celebrado do Reino, melhoraria em muito a sorte de nossa família. Não se preocupe comigo, irmão.

Estou proibido de me aventurar a uma distância além do alcance do braço dele.

Vaelin olhou para o exército alpirano que se aproximava, a miríade de bandeiras de suas tropas erguendo-se da multidão como uma floresta de seda, as trombetas e cânticos de guerra uma cacofonia cada vez mais alta.

— Não haverá lugar seguro neste campo de batalha — disse ele, indicando com a cabeça a espada curta no cinto de Alucius. — Ainda sabe como usar isso?

— Pratico todos os dias.

— Ótimo. Fique perto de seu pai.

— Ficarei. — Alucius estendeu a mão. — É uma honra servir mais uma vez com você, irmão.

Vaelin apertou-lhe a mão, com mais firmeza do que pretendia, olhando o poeta nos olhos.

— Fique perto de seu pai.

Alucius assentiu, deu um último sorriso acanhado e voltou para o grupo do Senhor da Batalha.

Trama dentro de trama, concluiu Vaelin, ponderando sobre as palavras do Senhor da Batalha. *Janus lhe prometeu minha morte em troca da vitória. Salvo minha irmã, o Senhor da Batalha vinga o filho.* Calculou quantas barganhas e engodos o Rei devia ter tramado para levá-los àquelas praias. Os pedidos feitos ao Senhor Feudal Theros para que trouxesse tantos de seus melhores cavaleiros. O preço desconhecido pago aos meldeneanos para que transportassem o exército através do mar. Imaginou se Janus perdia de vista a teia que tecia, se a aranha alguma vez tecia um dos fios no lugar errado, mas a noção era absurda. Janus esquecia tanto as suas tramas quanto a Princesa Lyrna esquecia as palavras que lia. Pensou mais uma vez no Aspecto, sobre as ordens que recebera e como, apesar de toda complexidade, a teia do velho não valia de nada.

— *ERUHIN MAKHTAR!*

O grito foi dado por todos os homens do regimento, alto o bastante para chegar aos ouvidos dos alpiranos que avançavam, alto o bastante para ser ouvido acima dos seus próprios cânticos e exortações.

— *ERUHIN MAKHTAR!* — Os homens brandiam as alabardas, o aço refletindo o sol, gritando em uníssono as palavras que lhes foram ensinadas. — *ERUHIN MAKHTAR!* — No topo da elevação, Janril agitava o estandarte em um mastro de mais de seis metros, o lobo corredor ondulando ao vento à vista de toda a planície. — *ERUHIN MAKHTAR!*

As tropas alpiranas mais próximas da colina já começavam a reagir, as fileiras oscilaram enquanto os soldados aumentavam o passo, ignorando a batida regular dos tambores ao serem instigados pelos insultos dos Lobos Corredores.

— *ERUHIN MAKHTAR!*

O Senhor da Batalha tinha razão, concluiu Vaelin, vendo a disciplina da tropa alpirana mais à frente se esfacelar por completo, as fileiras se dissolvendo à medida que os homens começavam a correr, investindo contra a colina, seus próprios gritos dando lugar a um rugido de fúria. *O guarda nos deu uma arma. As palavras e a bandeira. Eruhin Makhtar. O Matador do Esperança está aqui, venham pegá-lo.*

E eles vieram. As tropas de ambos os lados dos homens que investiam saíram de forma e também começaram a correr, a loucura espalhando-se em direção à retaguarda à medida que mais e mais formações esqueciam a disciplina e atiravam-se contra a colina.

— Não adianta esperar — disse Vaelin a Dentos. Havia se posicionado com os arqueiros, seu próprio arco preparado, a flecha na corda. — Disparem assim que eles ficarem ao alcance. Pode fazer com que corram

mais depressa.

Dentos ergueu o arco, mirou com cuidado, seus homens fizeram o mesmo, então puxou a corda e disparou, a seta partindo em um arco descendente sobre os alpiranos atacantes, seguida de perto por uma nuvem de duzentas flechas. Homens caíram, alguns se levantaram e continuaram atacando, outros permaneceram imóveis no chão. Vaelin achou ter visto alguns tentando ainda rastejar adiante, apesar de terem flechas cravadas no peito ou no pescoço. Disparou quatro flechas, uma atrás da outra, quando a chuva de flechas dos arqueiros começou de fato, e o tempo inteiro o regimento continuava a escarnecer.

— *ERUHIN MAKHTAR!*

Pelo menos cem alpiranos deviam ter tombado quando conseguiram chegar na metade da colina, mas não mostravam sinais de hesitação; na verdade, a investida foi acelerada, e o sopé da colina estava agora apinhado de homens lutando para subir e dar cabo do Matador do Esperança. Vaelin viu como toda a fileira alpirana havia sido desmantelada pela investida, como as tropas flanqueadoras vacilavam, indecisas quanto a atacar a Guarda do Reino à frente ou virar e tentar subir a colina. *Essa batalha já está vencida*, percebeu. O exército alpirano era como um boi atraído para o matadouro por um fardo de feno. *Tudo o que resta é a matança.* Quaisquer que fossem seus defeitos, era óbvio que o Senhor da Batalha tinha um dom para táticas.

Quando os atacantes alpiranos chegaram a duzentos passos, o Senhor da Batalha ordenou aos seus próprios sinaleiros que dessem o sinal para que os arqueiros cumbraelinos se movessem até o topo. Eles chegaram correndo, arcos longos a postos, agarrando as inúmeras flechas já fincadas no solo arenoso do topo, disparando sem demora conforme lhes era ordenado.

Vaelin enfrentara os cumbraelinos em muitas ocasiões, familiarizando-se com as habilidades mortais deles com o arco longo, mas até então não os vira executar uma chuva concentrada de flechas. O ar sibilou como a respiração de uma grande serpente quando cinco mil flechas caíram sobre a turba atacante, causando um gigantesco gemido de espanto e dor ao atingirem o alvo. Era como se todos os alpiranos nas companhias dianteiras tombassem ao mesmo tempo, quinhentos ou mais homens, derrubados na areia pela massa de flechas. O ar acima da cabeça de Vaelin ficou tomado de flechas conforme os cumbraelinos continuavam a disparar. Olhando para trás, ficou espantado com a velocidade com que eles arrancavam as flechas do solo, colocavam nas cordas e disparavam, vendo um homem colocar cinco flechas no ar antes que a primeira caísse no chão.

Diante da tempestade, a investida alpirana perdia velocidade à medida que os homens lutavam para passar por cima dos corpos de companheiros mortos e feridos, braços e escudos erguidos para se protegerem da chuva mortal, embora parecesse não adiantar muito. Porém, eles continuavam a avançar, impelidos pela fúria, alguns ainda tropeçando adiante sobre o tapete cada vez mais grosso de mortos, com múltiplas flechas cravadas nas armaduras. Quando chegaram com dificuldade a cinquenta passos do topo, o Senhor da Batalha deu o sinal para que os regimentos da Guarda do Reino que flanqueavam a colina avançassem. Precipitaram-se a toda velocidade, apontando as lanças, repelindo a desordenada fileira alpirana. As tropas alpiranas oscilaram, mas logo se recuperaram, e sua fileira resistiu enquanto arqueiros montados respondiam da retaguarda, galopando ao longo da linha de batalha para disparar as flechas contra a Guarda do Reino sobre as cabeças de seus companheiros pressionados.

À direita, uma nuvem de poeira se ergueu quando cavaleiros alpiranos se prepararam para revidar com uma investida contra o flanco da Guarda do Reino. O Senhor da Batalha percebeu o perigo e os sinais frenéticos foram dados para que sua própria cavalaria se colocasse em movimento. As fileiras organizadas dos cavaleiros da Guarda do Reino se mexeram, levantando mais poeira ao manobrarem para enfrentar a massa da cavalaria alpirana. O toque dissonante de uma centena de trombetas sinalizou a investida, e dez mil cavaleiros lançaram-se na direção dos lanceiros alpiranos que avançavam, encontrando-se de frente em uma colisão ensurdecedora. Através da poeira era possível se ter vislumbres do espetáculo rodopiante da refrega, homens e cavalos caindo e empinando em meio ao alarido de armas entrechocando-se, até que a nuvem tornou-se tão espessa que ficou impossível determinar o curso da luta, embora estivesse claro que a investida alpirana havia sido detida. A infantaria da Guarda do Reino continuou a atacar sem interferência, e a fileira alpirana à direita começou a ceder à pressão.

Quem quer que comandasse o exército alpirano começou a assumir tardiamente o controle sobre suas forças, enviando o que havia de reservas da infantaria para apoiar a fileira que se desintegrava, cinco tropas correndo adiante para refrear o ímpeto do avanço da Guarda do Reino. Mas era tarde demais: a fileira alpirana curvou-se, oscilou e foi rompida, e a Guarda do Reino atravessou a brecha para atacar os alpiranos pela retaguarda, a fileira inteira sendo destruída pela pressão em questão de minutos. Não sendo homem de perder uma oportunidade, o Senhor da Batalha soltou os cavaleiros do Senhor Feudal Theros, a massa de armadura e carne de cavalo atravessando com um estrondo o que sobrara da direita alpirana e então dando a volta, passando ao fio da espada os alpiranos

que ainda se aglomeravam no sopé da colina, apesar da chuva de flechas cumbraelina.

À esquerda, a fileira alpirana começou a ruir quando os soldados viram os companheiros serem massacrados na colina. O pânico tomou conta de uma tropa, e o contingente inteiro debandou, apesar das exortações de seus líderes. A Guarda do Reino atravessou a fenda e mais tropas fugiram à medida que a fileira inteira ruía. Logo milhares de alpiranos fugiam pela planície, levantando uma nuvem de poeira tão alta a ponto de encobrir o sol e deixar a batalha às sombras.

Na encosta diante de Vaelin, os alpiranos sobreviventes finalmente tentavam escapar da fúria combinada da chuva de flechas e do massacre dos cavaleiros renfaelinos. Aparentemente exaustos demais para correr, muitos simplesmente cambaleavam para longe, agarrando ferimentos ou flechas fincadas, cansados demais até para se defenderem quando cavaleiros passaram a galope por eles, abatendo-os com maças ou espadas longas. Aqui e ali aglomerados de homens continuavam a lutar, ilhas de resistência obstinada em meio à maré de aço e cavalos, mas não demorou para que fossem subjugados. Nenhum homem sequer conseguiu chegar ao alcance de uma espada do topo e os Lobos Corredores não perderam um único soldado.

À direita, a nuvem de poeira cada vez maior evidenciava a fúria inabalada da cavalaria alpirana, e o Senhor da Batalha ordenou que as companhias da Ordem juntassem-se à refrega. Os irmãos de manto azul foram logo engolidos pela poeira e foi apenas uma questão de minutos até que os cavaleiros alpiranos começassem a aparecer, galopando para o oeste, a espuma escorrendo pelos flancos e bocas de seus cavalos. Havia apenas algumas centenas de sobreviventes dentre os milhares de cavaleiros que

tentaram romper o flanco da Guarda do Reino.

Vaelin ergueu a cabeça para o pálido disco do sol, tingido de vermelho pela poeira. *Você testemunhará a colheita da morte sob um sol vermelho-sangue…* Palavras de um sonho, faladas pelo espectro de Nersus Sil Nin. A ideia de que o presságio do sonho pudesse ter algo a ver com seu futuro deixou-o com uma sensação de aperto no peito. O corpo esfriando na neve, o corpo de alguém que ele amara, alguém que ele matara...

— Pela Fé! — exclamou Dentos ao lado de Vaelin, assistindo ao espetáculo diante deles com uma mistura de assombro e repulsa. — Nunca vi algo assim.

— Não espere ver novamente — retorquiu Vaelin, sacudindo a cabeça para deixar de lado os vestígios do sonho. — O que enfrentamos aqui hoje foram apenas as guarnições reunidas da costa setentrional. Quando o verdadeiro exército do Imperador vier para o norte, não creio que eles nos oferecerão um triunfo tão fácil.

CAPÍTULO QUATRO

A mansão do governador em Untesh ficava localizada no alto de uma colina pitoresca com vista para a baía, onde os mastros da frota mercantil afundada da cidade brotavam da água como uma floresta submersa. Os jardins da mansão eram ricos em olivais, estátuas e alamedas de acácias, cuidados por um pequeno exército de jardineiros que deram prosseguimento sem interrupções aos seus afazeres diários após o Senhor da Batalha tomar posse da residência. O resto dos criados da mansão agia de forma semelhante, realizando suas tarefas com um servilismo mudo, que pouco servira para aliviar a insegurança do Senhor da Batalha. Seus guardas vigiavam de perto os criados de modo ameaçador e suas refeições eram provadas duas vezes antes de irem para a mesa. A obediência silenciosa dos criados da mansão no geral se refletia na população da cidade. Houve alguns problemas com algumas dezenas de soldados feridos, sobreviventes do que se tornou conhecida como a Colina Sangrenta, que realizaram um ataque desordenado no portão principal quando os primeiros regimentos da Guarda do Reino marcharam por ele, e tiveram um fim previsível. Porém, a maior parte dos alpiranos permaneceu tranquila, aparentemente por ordem de seu governador que, antes de beber veneno junto com a família, fizera uma proclamação ordenando que não houvesse resistência. O homem, ao que tudo indica, estivera no comando das forças alpiranas no dia da Colina Sangrenta e, sentindo que já tinha mortes demais na consciência, não

desejara encarar os deuses com mais um peso contra ele na balança.

Apesar da falta de resistência, Vaelin podia ver o ressentimento do povo em cada olhar furtivo que lhe lançavam, notando a vergonha que os fazia cuidar de seus afazeres em silêncio e evitar o olhar dos vizinhos. Muitos sem dúvida haviam perdido filhos e maridos na Colina Sangrenta e alimentariam seu rancor em silêncio, à espera da resposta inevitável do Imperador. A atmosfera na cidade era opressiva, piorada pelo ânimo da Guarda do Reino, que azedara no momento em que marcharam pelo portão, o júbilo da vitória desaparecendo diante da decisão do Senhor da Batalha de deixar aqueles gravemente feridos para trás e pela escassez de espólios na cidade mais nova do Reino. No dia seguinte à chegada deles, uma forca aparecera na praça central e três corpos pendiam do patíbulo, todos da Guarda do Reino, com placas penduradas nos pescoços que declaravam um como ladrão, um como desertor e o outro como estuprador. As ordens do Rei haviam sido claras: eles deveriam capturar as cidades, não arruiná-las, e o Senhor da Batalha não sentia qualquer remorso ao garantir que suas ordens fossem seguidas sem objeção. Os homens passaram a chamá-lo de Rosa Sangrenta, em um escárnio sinistro do emblema de sua família. Parecia que a facilidade de Al Hestian em conseguir vitórias igualava-se ao seu talento de fazer com que seus homens o odiassem.

Vaelin conduziu Cuspe ao longo da alameda de acácias que ia do portão da mansão até o pátio, desmontou e ofereceu as rédeas para um cavalariço que se encontrava por perto. O homem ficou parado, de cabeça baixa, sem erguer os olhos, o suor brilhando-lhe na pele no sol quente da tarde. Vaelin notou o modo como as mãos dele tremiam. Olhando em volta, viu que os outros cavalariços haviam assumido a mesma

posição: estavam todos imóveis, recusando-se a olhá-lo ou cuidar de seu cavalo, aceitando as consequências. *Eruhin Makhtar*, pensou ele com um suspiro, amarrando Cuspe a um poste com espaço suficiente para que o cavalo alcançasse a gamela.

O conselho já estava em andamento no salão principal da mansão, uma câmara grande de mármore, decorada de maneira impressionante com mosaicos nas paredes e no chão que ilustravam cenas das lendas dos principais deuses alpiranos. Como de costume, as deliberações do conselho logo se tornaram uma discussão exaltada. O Barão Banders, que Vaelin certa vez vira ser nocauteado por Lorde Darnel na Feira de Verão e que desde então recuperara sua posição de principal servidor do Senhor Feudal Theros, trocava insultos com o Conde Marven, capitão do contingente nilsaelino. As palavras “plebeu arrivista” e “bronco fodedor de cavalos” podiam ser ouvidas em meio ao tumulto enquanto os dois homens sacudiam dedos um para o outro e desvencilhavam-se das mãos de seus companheiros, que tentavam contê-los. Os ânimos estavam exaltados entre os nilsaelinos e o resto do exército desde a Colina Sangrenta; seu contingente não recebera ordens de avançar até o inimigo já estar quase em debandada e a maioria parecera mais interessada em pilhar cadáveres alpiranos do que em perseguir o exército desordenado.

— Está atrasado, Lorde Vaelin. — A voz do Senhor da Batalha foi ouvida acima do alvoroço, silenciando a discussão.

— Tive que cavalgar uma longa distância, meu senhor — respondeu Vaelin. Al Hestian ordenara que seu regimento acampasse em um oásis a uns oito quilômetros das muralhas da cidade, sob o pretexto de vigiarem um suprimento de água doce para a próxima marcha, mas também como uma precaução sensata à

reação potencialmente violenta da população da cidade diante da presença contínua de Vaelin dentro das muralhas. Também dava ao Senhor da Batalha uma oportunidade de repreendê-lo por atrasos todas as vezes que ele convocava um conselho.

— Bem, cavalgue mais depressa — disse o Senhor da Batalha, ríspido. — Já basta disso — ordenou ele aos dois lordes irascíveis, que agora se encaravam furiosamente em silêncio. — Poupem suas energias para o inimigo. E antes que pergunte, Barão Banders, não, não revogarei as restrições aos desafios. Voltem aos seus lugares.

Vaelin sentou-se na única cadeira restante e passou os olhos pelo resto do conselho. O Príncipe Malcius e o Senhor Feudal Theros estavam presentes, assim como a maioria dos capitães mais antigos do exército, aos quais se juntou uma figura comparativamente nova da Sexta Ordem, embora ele ainda estivesse acima de Vaelin na hierarquia da Ordem. Mestre Sollis estava esguio como sempre, com apenas mais algumas linhas marcando-lhe a testa e alguns fios grisalhos no cabelo curto como mostra da passagem dos anos. Os olhos cinzentos e frios encaravam Vaelin sem afeto ou inimizade. Haviam se encontrado apenas uma vez desde o Teste da Espada, uma breve e tensa troca de cumprimentos na Casa da Ordem quando o Aspecto o chamara para apresentar um relato dos saques mais recentes dos lonaks. Vaelin sabia que ele agora comandava uma companhia de irmãos, mas não o procurou, não confiando em si mesmo para manter sob controle a raiva diante da inevitável torrente de lembranças provocada pelo simples fato de ver o mestre espadachim. *Minha esposa*, o último suspiro de Urlian Jurahl. *Minha esposa...*

— Chamei-os aqui — começou o Senhor da Batalha — para dar as ordens para a próxima fase de nossa

campanha. — Ele falava com um ar levemente teatral, pronunciando as palavras com grave importância, embora a impressão tenha sido um pouco estragada quando olhou para o filho, sentado a uma mesa fora do círculo, para certificar-se de que ele estava tomando notas. Alucius sorriu para o pai e escreveu uma ou duas linhas em seu caderno de capa de couro. Vaelin notou que ele parou assim que Al Hestian voltou-se para o conselho.

— Obtivemos o que talvez seja a maior vitória na história de nosso Reino — continuou o Senhor da Batalha. — Mas apenas um tolo imaginaria que esta guerra está terminada. Devemos atacar depressa se pretendemos cumprir as ordens de nosso rei. Dentro de seis meses, as tempestades de inverno varrerão o Erineano e nossa linha de provisões será tênue, na melhor das hipóteses. Linesh e Marbellis devem estar em nossas mãos antes que isso aconteça. Recebemos notícias do Rei de que reforços desembarcarão em Untesh dentro de um mês, cerca de sete regimentos recém-formados, cinco de infantaria e dois de cavalaria. Eles compensarão nossas baixas e vão guarnecer a cidade em caso de cerco. Quando chegarem aqui, marcharemos. Só nos resta decidir para onde. Felizmente, temos novas informações com as quais formular uma estratégia. — Virou-se para Sollis. — Irmão?

A voz de Sollis estava mais rouca do que Vaelin se lembrava, um som áspero em seu tom, acrescentado por anos de ordens gritadas.

— Por ordem do Senhor da Batalha, fiz um reconhecimento das defesas de Linesh e Marbellis — começou Sollis. — Pelo tamanho das fortificações adicionais e a quantidade de tropas visíveis, parece que os remanescentes do exército derrotado na Colina Sangrenta estão concentrados em Marbellis, que por ser

a maior cidade na costa setentrional oferece a maior oportunidade de defesa. A julgar pela quantidade de casas e aldeias abandonadas nos arredores, tudo indica que o povo também se refugiou lá, sem dúvida aumentando as forças da cidade, mas também exaurindo provisões. Em comparação, Linesh parece estar menos preparada. Contei apenas algumas dúzias de sentinelas nas muralhas e sua guarnição permanece na cidade, sem fazer patrulhas. As muralhas estão em péssimas condições, embora alguns esforços pareçam ter sido feitos para remediar isso. No entanto, não há fortificações novas e o fosso ao redor da muralha não foi aumentado.

— Pronta para ser depenada, hein? — comentou o Senhor Feudal Theros. — Linesh primeiro, e então seguimos para Marbellis.

— Não — disse o Senhor da Batalha. Ele assumiu uma pose pensativa, esfregando o queixo com um dedo, embora estivesse claro para Vaelin que a estratégia já havia sido decidida muito antes daquela reunião. — Não. Parece que Linesh pode ser capturada com facilidade, mas isso acrescentaria semanas preciosas à nossa marcha. A estrada entre Untesh e Marbellis é mais direta, e Marbellis é a peça-chave para a vitória definitiva, sem a qual nossos esforços não terão valido de nada. Nosso caminho está claro. Devemos dividir o exército. Lorde Vaelin.

Vaelin encontrou o olhar do Senhor da Batalha, desejando talvez pela milésima vez que a canção do sangue não o tivesse abandonado. Em momentos como aquele, os conselhos dela faziam muita falta.

— Meu senhor?

— Você comandará três regimentos de infantaria, as forças de Conde Marven e um quinto dos arqueiros cumbraelinos. Partirá para Linesh imediatamente, conquistará a cidade e a defenderá contra um cerco. O

Príncipe Malcius e sua guarda permanecerão em Untesh para governar a cidade de acordo com a Lei do Reino. A força principal seguirá para Marbellis quando os reforços do Rei chegarem. Assim, teremos as três cidades em nossas mãos muito antes da chegada do inverno.

Houve um momento de silêncio desconfortável, vários dos presentes mostraram estar surpresos ou confusos, mas o Príncipe Malcius foi o primeiro a expressar preocupação.

— Serei deixado aqui enquanto a Guarda do Reino marcha em direção a um perigo ainda maior?

— A decisão não é minha, Alteza. O Rei Janus deu-me ordens específicas antes de zarparmos. Tenho cópias por escrito, caso queira vê-las.

O príncipe cerrou o maxilar e Vaelin viu como ele lutava para controlar a fúria e a humilhação que sentia. Voltou a falar após um momento, a emoção quase transparecendo na voz.

— O senhor espera que Lorde Vaelin capture uma cidade com apenas oito mil homens?

— Uma cidade de poucas defesas, ao que tudo indica — rebateu o Senhor da Batalha. — E tenho certeza de que um comandante tão alardeado como Lorde Vaelin está à altura da tarefa.

O Conde Marven tossiu várias vezes, o rosto ruborizado. De acordo com o costume nilsaelino, tinha a cabeça raspada, o que, somado à argola de ouro que usava na orelha esquerda mutilada, dava-lhe a aparência de um fora da lei, um traço que era compartilhado pela maioria de seus homens.

— Meu senhor — dirigiu-se a Al Hestian. — Sem querer desrespeitar Lorde Vaelin, mas gostaria de salientar minha posição...

— Posição é irrelevante diante de habilidade e experiência — interrompeu o Senhor da Batalha. — Lorde Vaelin lutou e venceu muitas batalhas, enquanto

acredito que o senhor apenas participou de escaramuças contra os muitos bandos de foras da lei que infestam as estradas do seu Feudo.

O Conde Marven encarou-o, mas sua boca permaneceu fechada, apesar da fúria evidente.

— Não posso crer que meu pai aprovaria este plano — disse o Príncipe Malcius.

— O Rei Janus entregou o comando deste exército a *mim*, Alteza. — O tom de Al Hestian era de civilidade forçada, mas a aversão que tinha pelo príncipe, inteiramente recíproca, era palpável.

A discussão continuou, aumentando de volume enquanto Vaelin ponderava sobre o plano. De acordo com o que Sollis dissera, capturar a cidade poderia não ser um grande problema, mas defendê-la era outra história. Até então não houvera menção às forças alpiranas, que provavelmente já marchavam para o norte, sem dúvida em número considerável, e Linesh estava localizada no fim da rota principal que passava pelas colinas que ladeavam a orla oriental do deserto. Era quase certo que a cidade seria o primeiro alvo antes que os alpiranos se voltassem para Marbellis, ainda mais tentador pela presença do Matador do Esperança. Chamar aquilo de posição vulnerável era um eufemismo considerável, como bem sabia o Senhor da Batalha.

Ele quer se livrar de um rival pela glória, pensou Vaelin. *Sabe que os alpiranos atacarão Linesh com todas as suas forças para se vingarem do Matador do Esperança, o que diminuirá suas fileiras no processo, enquanto ele conquista fama eterna ao capturar Marbellis e defendê-la contra um cerco. E ao me deixar tão vulnerável, ele fornece aos alpiranos amplas oportunidades para que lhe deem a vingança que tanto deseja.* Vaelin franziu o cenho, lembrando-se das instruções do Aspecto. *Vulnerável... Longe do grosso do exército, longe de tantos olhos curiosos. Um alvo*

tentador...

— Acredito que este é um plano excelente — disse ele, animado, acabando com a balbúrdia que tomava forma.

O Príncipe Malcius olhou para ele, pasmado.

— Meu senhor?

— O Senhor da Batalha Al Hestian tem escolhas difíceis para fazer. No entanto, ninguém pode duvidar de seus dons para estratégias após nossa vitória recente. Não devemos deixar de ter fé nele agora. Aceitarei de bom grado essa missão, e — fez uma reverência respeitosa a Al Hestian — agradeço ao Senhor da Batalha pela honra.

— Presumo que vê a armadilha nisso tudo?

Vaelin desamarrou as rédeas de Cuspe do poste e o conduziu até o caminho de cascalho, sem olhar para Sollis.

— Vejo muitas coisas atualmente, mestre.

— Irmão — corrigiu Sollis. — Irmão Comandante, se quiser. Foi-se há muito a época em que você me chamava de mestre.

— E ainda assim — Vaelin conferiu a correia da sela e espalmou a poeira do flanco de Cuspe — parece que foi ontem.

— Você não é mais uma criança, irmão. Não convém a um Espada do Reino ficar emburrado.

Vaelin então se voltou para ele, a raiva subindo-lhe no peito. Sollis encarou-o e não deu um passo para trás. Um dos poucos homens que jamais teriam medo dele. Sabia que devia receber bem a companhia de um homem assim, mas o Teste da Espada pairava sobre eles como uma maldição.

— Tenho minhas ordens que recebi do Aspecto — disse a Sollis. — Assim como você, tenho certeza. Estou apenas tentando segui-las.

— O Aspecto ordenou que eu trouxesse minha companhia para este festival de tolos. Ele não disse por quê.

— É mesmo? Ele me contou mais do que eu queria ouvir. — Fixou os olhos no rosto de Sollis, pronto para decifrar a reação às suas palavras. — O que você conhece sobre a Sétima Ordem, irmão? O que pode me dizer sobre Aquele Que Aguarda? O que você tem de informações sobre o massacre dos Aspectos?

Sollis piscou. Foi sua única reação.

— Nada. Nada que você já não saiba.

— Então me deixe com a minha armadilha. — Ele colocou um pé no estribo e subiu na sela. Olhando para baixo na direção de Sollis, viu algo no rosto do homem que jamais esperara ver: incerteza. — Se você voltar para o Reino e eu não — disse Vaelin —, diga ao Aspecto que fiz o que pude. Os Aspectos, todos os sete, devem se aconselhar com a Princesa Lyrna. Ela é a esperança do Reino.

Saiu em disparada com Cuspe a galope, deixando como rastro uma nuvem de cascalhos, exultante com a finalidade de seu caminho. *Linesh, terei respostas em Linesh.*

— Foi um plano astuto.

Holus Nester Aruan, governador de Linesh, era um homem corpulento de uns cinquenta anos, com um anel de joia em cada um dos dedos gordos e uma expressão no rosto que era uma mistura de medo e raiva. Eles o haviam encontrado em um pequeno estúdio que dava para o corredor principal da mansão, e o homem teve o pulso contundido quando Frentis arrancara-lhe a adaga com uma torção. Não respondeu às palavras de Vaelin e cuspiu no intrincado mosaico do chão, fechando os olhos e dando um longo suspiro, obviamente à espera

da morte.

— Sujeitinho valente, hein? — comentou Dentos.

— Deixar uma brecha na muralha — continuou Vaelin. — Apenas fingindo realizar reparos enquanto preparava um fosso de espetos por trás para cairmos nele. Astuto.

— Mate-me e acabe logo com isso — disse o governador por entre os dentes. — Já estou desonrado o suficiente sem ter que aguentar sua ladainha. — Ele fungou visivelmente, franzindo o nariz. — Os nortistas têm um aroma natural de merda?

Vaelin olhou para as roupas imundas que vestia. Frentis e Dentos também estavam sujos e exalavam um fedor igualmente hediondo.

— Seus esgotos precisam de cuidados — respondeu Vaelin. — Há várias obstruções.

O governador soltou um pequeno gemido e fez uma careta ao compreender.

— O cano no porto.

— De fato, facilmente acessível na maré baixa, uma vez removidas as barras. O Irmão Frentis aqui passou quatro noites rastejando pelas areias na maré baixa para remover a argamassa. — Vaelin foi até a janela e gesticulou para a torre acima do portão principal. Era possível ver uma tocha movendo-se de um lado para o outro na escuridão. — O sinal que confirma nosso sucesso. As muralhas estão em nossas mãos e sua guarnição foi capturada. A cidade é nossa, meu senhor.

O governador olhou atentamente para Vaelin, examinando-lhe o rosto e as roupas.

— Um guerreiro alto de manto azul — murmurou ele, apertando os olhos. — Olhos negros com a astúcia de um chacal. Matador do Esperança. — Suas feições foram tomadas por uma profunda expressão de tristeza. — Você condenou a todos nós vindo aqui. Quando o Imperador souber que você está dentro das muralhas, suas tropas incendiarão a cidade apenas para queimá-

lo.

— Isso não vai acontecer — assegurou-lhe Vaelin. — Meu rei ficará bravo se eu estiver à frente da destruição de seu mais novo domínio.

— Seu rei é um louco e você é o cão raivoso dele.

Frentis empertigou-se.

— Olha essa boca...

Vaelin ergueu a mão para silenciá-lo.

— Se me insultar alivia sua culpa, então sinta-se à vontade para fazê-lo. Mas ao menos me permita apresentar nossos termos.

O governador franziu o cenho, confuso.

— Termos? Que termos pode haver? Vocês nos derrotaram.

— O senhor e seus concidadãos são agora súditos do Reino Unificado, com todos os direitos e privilégios que isso implica. Não estamos aqui como traficantes de escravos ou ladrões. Este é um porto próspero e o Rei Janus deseja que permaneça assim, com o mínimo de distúrbios possível no tocante à atual administração.

— Seu rei é realmente louco se espera que eu o sirva. O Imperador espera que eu tome a atitude honrada, com razão, e pagarei com a vida.

— *Hasta!*

Ouviu-se um grito vindo da porta e uma garota irrompeu na sala. Aparentava ter uns quinze anos e usava um traje branco de algodão. Tinha os olhos arregalados de medo e uma faca pequena na mão. Frentis moveu-se para interceptá-la, mas Vaelin fez sinal para que ele recuasse e a garota correu para o lado do governador, posicionando-se entre eles, brandindo a faca contra Vaelin, com um desafio no olhar. Ela falava com um sotaque carregado e Vaelin levou um momento para compreendê-la.

— Deixem meu pai em paz!

O governador colocou as mãos nos ombros dela e

falou-lhe ao ouvido em voz baixa. A garota estremeceu, os olhos encheram-se de lágrimas e ela quase deixou a faca cair. Vaelin notou a ternura com que o governador a acalmara, tirando-lhe a faca da mão e apertando-a junto a si quando ela desabou em lágrimas.

— Em Untesh, a família do governador foi obrigada a juntar-se a ele na morte — disse Vaelin. — Esta terra tem alguns costumes estranhos.

O governador lançou-lhe um olhar cauteloso de ressentimento e continuou a abraçar a filha.

— Qual a idade dela? — perguntou Vaelin. — Ela é sua única filha?

O governador não respondeu, mas abraçou a garota com mais força.

— Ela não tem nada a temer de mim ou de qualquer um de meus homens — disse Vaelin. — Eles têm ordens de evitar derramamento de sangue sempre que possível. Ficarão aquartelados dentro de limites bem estipulados e não patrulharão as ruas. Pagaremos por qualquer comida ou bens que necessitarmos. Se algum de meus homens abusar de um de seus cidadãos, informe-me e ele será executado. O senhor continuará a administrar a cidade e cuidará das necessidades da população. Os impostos existentes continuarão a ser coletados. Um de meus oficiais, Irmão Caenis, o encontrará amanhã para discutir os detalhes. Estamos de acordo, meu senhor?

O governador acariciou os cabelos da filha e assentiu bruscamente, os olhos enchendo-se de lágrimas pela vergonha. Vaelin fez uma mesura formal de respeito.

— Por favor, perdoe a intromissão. Voltaremos a nos falar em breve.

Estavam se dirigindo para a porta quando foi tomado por um sobressalto: a canção do sangue, uma martelada em sua cabeça, mais alta e mais nítida do que jamais a ouvira. Vaelin sentiu um gosto metálico na

boca e passou a língua pelo lábio superior, vendo o que o sangue escorria grosso do nariz. Sentiu ficar cada vez mais frio e caiu de joelhos, Dentos tentou ampará-lo enquanto o sangue respingava no mosaico. Uma sensação de umidade nas faces lhe disse que seus ouvidos também estavam sangrando.

— Irmão? — A voz de Dentos saiu aguda e assustada. Frentis quase entrou em pânico, desembainhou a espada e olhava furioso para o governador, que fitava Vaelin com uma mistura de terror e estupefação.

A visão de Vaelin oscilou e a mansão desapareceu, sendo envolvido por névoa e sombras. Havia um som na escuridão, uma batida ritmada de metal na pedra e uma imagem vaga de um cinzel arrancando lascas de um bloco de mármore. O cinzel movia-se sem parar, cada vez mais rápido, mais rápido do que qualquer mão humana poderia movê-lo, e um rosto começou a surgir da pedra...

BASTA!

A voz era uma canção do sangue. Soube por instinto. Outra canção do sangue. O tom era diferente da sua, mais forte e mais controlado. Outra voz falando em sua mente. O rosto de mármore dissolveu-se e foi levado como areia ao vento, o som do cinzel cessou e não recomeçou.

A sua canção é indisciplinada, disse a voz. *Ela o torna vulnerável. Você devia ter cuidado. Nem todo Cantor é um amigo.*

Tentou responder, mas as palavras não vinham. *A canção*, compreendeu. *Ele só consegue ouvir a canção.* Lutou para trazer a música à tona, cantar sua resposta, mas tudo o que conseguiu produzir foi um trinado tênue de alarme.

Não tenha medo de mim, disse a voz. *Encontre-me quando se recuperar disso. Tenho algo para você.*

Vaelin reuniu todas as forças que lhe restavam,

forçando a canção em uma única palavra. *Onde?*

A imagem do cinzel e da pedra retornou, mas dessa vez o bloco de mármore estava inteiro, o rosto que havia nele ainda oculto, e o cinzel repousava no topo, à espera. *Você sabe onde.*

CAPÍTULO CINCO

Ele despertou com um fedor mais horrendo do que os esgotos de Linesh. Algo úmido e áspero foi passado em seu rosto e ele tomou consciência de um peso esmagador no peito.

— Saia de cima dele, seu bruto imundo! — A ordem severa da Irmã Gilma fez com que abrisse os olhos, vendo-se face a face com Arranhão, e o cão de escravos lhe cumprimentou com um latido de felicidade.

— Olá, cachorro doido — gemeu Vaelin em resposta.

— FORA! — O grito de Irmã Gilma fez Arranhão sair cabisbaixo da cama, indo encolher-se em um canto com um ganido petulante. O cão sempre tratara a irmã com um respeito cauteloso, talvez por ela jamais demonstrar o menor sinal de que tinha medo dele.

Vaelin passou os olhos pelo quarto, cujos únicos móveis eram a cama e uma mesa, onde Irmã Gilma colocara a variedade de frascos e caixas que continham seus curativos. Pela janela aberta entravam os lamentos de gaivotas e uma brisa que trazia uma combinação de odores de sal e peixe.

— O Irmão Caenis requisitou os antigos escritórios da Guilda Mercantil de Linesh — explicou a Irmã Gilma, colocando a mão na testa de Vaelin e segurando seu braço para tomar-lhe o pulso. — Todas as ruas da cidade levam às docas e o edifício estava vazio, então pareceu ser uma boa escolha para um quartel-general. Seu cão estava indócil para que o deixássemos entrar no quarto. Ele ficou aqui o tempo todo.

Vaelin gemeu e passou a língua pelos lábios secos.

— Quanto tempo?

Os brilhantes olhos azuis o encararam com prudência por um momento antes que ela fosse até a mesa, enchendo uma taça com um líquido esverdeado e acrescentando um pó branco.

— Cinco dias — disse ela, sem se virar. — Você perdeu muito sangue. Na verdade, mais do que pensei que um homem podia perder e sobreviver. — Ela deu uma risada enviesada, com o inevitável sorriso radiante nos lábios quando se virou, levando a taça aos lábios de Vaelin. — Beba isto.

A mistura tinha um gosto amargo, mas não ruim, e ele sentiu o cansaço diminuir quase que de imediato. *Cinco dias.* Não tinha recordação alguma desses dias, nenhuma lembrança de sonhos ou ilusões. *Cinco dias perdidos. Para quê?* A voz, a outra canção do sangue; ainda podia ouvi-la, um chamado tênue, porém persistente. Sua própria canção respondendo, a visão do bloco de mármore e do cinzel vívida em sua mente. As palavras de Sella na Cidade Caída tornando-se mais claras. *Há outros, mais velhos e mais sábios, com o mesmo dom. Eles podem guiá-lo.*

— Eu tenho que... — Ele se ergueu, tentando afastar as cobertas.

— Não! — O tom de Gilma não admitia discussões, e a mão rechonchuda da irmã o empurrou de volta à maciez da cama. Vaelin descobriu que não tinha forças para resistir. — De modo algum. Vai ficar deitado aí e descansar, irmão. — Ela subiu as cobertas e as prendeu abaixo do queixo dele. — A cidade está calma. O Irmão Caenis tem as coisas sob controle. Não há nada que necessite de sua atenção.

Ela recuou, desta vez com o rosto sério.

— Irmão, tem alguma ideia do que lhe aconteceu?

— Nunca viu algo assim, não?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, nunca vi. Quando alguém sangra, tem que haver algum ferimento, um corte, uma lesão, alguma coisa. Você não tem sinais de qualquer ferimento. Um inchaço no cérebro que poderia fazer com que sangrasse daquele jeito o teria matado, mas aqui está você. Os homens disseram algumas sandices sobre o Governador Aruan tentar matá-lo com uma maldição das Trevas ou algo assim. Caenis teve que colocar uma guarda na mansão e distribuir algumas chicotadas até se acalmarem.

Chicotadas? Eu *nunca precisei chicoteá-los.*

— Eu não sei, irmã — disse a ela com honestidade. — Não sei por que isso aconteceu. *Só sei o que causou.*

Passaram-se outros dois dias até a Irmã Gilma o liberar, ainda que com severas advertências sobre passar dos limites e certificando-se de que ele tomasse pelo menos um litro de água por dia. Vaelin reuniu um conselho de capitães no alto da casa da guarda, de onde podiam observar o progresso das defesas. Uma espessa nuvem de poeira subia das obras à medida que os homens trabalhavam para aprofundar o fosso que circundava a cidade e compensar as décadas de negligência das muralhas.

— Terá quatro metros e meio quando estiver terminado — disse Caenis. — Até agora temos dois metros e setenta de fosso. O trabalho nas muralhas é mais lento. Não há muitos pedreiros habilidosos neste pequeno exército.

Vaelin cuspiu poeira de sua garganta seca e tomou um gole d’água do cantil.

— Quanto tempo? — perguntou ele, odiando o grasnido em sua voz. Sabia que sua aparência não inspirava muita confiança: tinha olheiras grandes de fadiga e a pele pálida e pegajosa. Podia ver a

preocupação nos olhos de seus irmãos e a incerteza do Conde Marven e dos outros capitães. *Estão se perguntando se estou em condições de comandar*, concluiu. *Talvez com razão.*

— Pelo menos mais duas semanas — respondeu Caenis. — Seria mais rápido se pudéssemos recrutar trabalhadores da cidade.

— Não. — O tom de Vaelin foi enfático. — Temos que ganhar a confiança dessas pessoas se formos governar este lugar. Empurrar uma pá nas mãos deles e forçá-los a um trabalho árduo não ajudará em nada nisso.

— Meus homens vieram aqui para lutar, meu senhor — disse o Conde Marven em um tom suave, mas Vaelin podia ver a maquinação em seu olhar. — Cavar não é exatamente trabalho de soldado.

— Eu diria que com certeza é trabalho de soldado, meu senhor — respondeu Vaelin. — Quanto a lutar, eles farão muito isso em breve. Diga aos que estiverem resmungando que têm minha permissão para partir. São apenas cem quilômetros de deserto até Untesh. Talvez lá encontrem um navio para casa.

Vaelin foi tomado por uma onda de exaustão e apoiou-se em uma ameia para disfarçar a falta de firmeza nas pernas. Estava achando o fardo do comando, com todas as preocupações mesquinhas de aliados e subordinados, cada vez mais cansativo. Sua irritação era ainda maior devido à insistência da canção do sangue em chamá-lo para a voz e o bloco de mármore, que sabia estar em algum lugar da cidade.

— Está se sentindo mal, meu senhor? — perguntou o Conde Marven, enfático.

Vaelin resistiu à tentação de dar um murro no rosto do nilsaelino e virou-se para Bren Antesh, o arqueiro robusto que comandava os arqueiros cumbraelinos. Era o mais taciturno de seus capitães, quase não falava nas reuniões e era o primeiro a ir embora quando Vaelin

encerrava as sessões. Tinha sempre uma expressão cautelosa no rosto e era evidente que não queria ou necessitava da aprovação ou da aceitação deles, embora qualquer ressentimento que pudesse ter por estar a serviço do homem que os cumbraelinos ainda chamavam de Lâmina Negra permanecesse bem oculto.

— E os seus homens, capitão? — perguntou ele. — Alguma reclamação sobre a carga de trabalho?

A expressão de Antesh permaneceu inalterada quando respondeu com o que Vaelin suspeitava ser uma citação dos Dez Livros:

— O trabalho honesto nos aproxima do amor do Pai do Mundo.

Vaelin grunhiu e virou-se para Frentis.

— Alguma coisa das patrulhas?

Frentis sacudiu a cabeça.

— Nada, irmão. Todos os pontos de acesso continuam desertos. Nenhum batedor ou espião nas colinas.

— Talvez estejam indo para Marbellis, afinal de contas — sugeriu Lorde Al Cordlin, comandante do Décimo Terceiro Regimento de Infantaria, conhecido como Gaios Azuis devido às penas azuis pintadas em seus peitorais. Era um homem forte, mas um tanto nervoso, e ainda tinha o braço em uma tipoia após ter sido quebrado na Colina Sangrenta, onde perdera um terço de seus homens na luta encarniçada no flanco direito. Vaelin suspeitava que ele pouco ansiava pela batalha que estava por vir, e não podia culpá-lo.

Virou-se para Caenis.

— Como estão as coisas com o governador?

— Está cooperando, mas não muito satisfeito com isso. Tem mantido a população calma até agora, fez discursos à guilda mercantil e ao conselho cívico, pedindo-lhes que não se exaltassem. Ele me informou que os tribunais e os coletores de imposto estão operando da melhor forma possível devido às

circunstâncias. O comércio diminuiu, é claro. A maioria dos navios alpiranos zarpou quando se espalharam as notícias de que tínhamos capturado a cidade, e os restantes recusam-se a navegar e ameaçam botar fogo nos navios se tentarmos confiscá-los. Contudo, os volarianos e os meldeneanos parecem dispostos a aproveitar a oportunidade. Os preços das especiarias e da seda subiram de forma considerável, o que significa que provavelmente dobraram no Reino.

Lorde Al Trendil, comandante do Décimo Sexto Regimento, reprimiu um bufo de irritação. Vaelin proibira o exército de tomar qualquer parte no comércio local por temer acusações de corrupção, desapontando em muito os poucos nobres sob seu comando com dinheiro para gastar e tino para lucros.

— E quanto aos depósitos de mantimentos? — perguntou Vaelin, optando por ignorar Al Trendil.

— Completamente cheios — assegurou-lhe Caenis. — Suficiente para dois meses de cerco, no mínimo, e mais, se houver um racionamento cuidadoso. O suprimento de água da cidade vem principalmente de poços e fontes dentro das muralhas da cidade, de modo que é improvável que fiquemos sem.

— Contanto que a população não os envenene — disse Bren Antesh.

— Bem lembrado, Capitão. — Vaelin acenou com a cabeça para Caenis. — Coloque uma guarda nos principais poços. — Empertigou-se, vendo que a tontura diminuíra. — Voltaremos a nos reunir em três dias. Obrigado por sua atenção.

Os capitães partiram, deixando Caenis e Vaelin sozinhos nas ameias.

— Você está bem, irmão? — perguntou Caenis.

— Um pouco cansado, só isso. — Olhou para o vasto deserto. O horizonte ondulava no mormaço do meio-dia. Sabia que um dia olharia para aquele cenário e

assistiria o espetáculo de uma hoste alpirana. A única dúvida era quanto tempo ela levaria para chegar. Ele teria tempo suficiente para realizar sua tarefa?

— Acha que Al Cordlin pode estar certo? — perguntou Caenis. — O Senhor da Batalha já deve ter Marbellis sob cerco a essa altura. É a maior cidade da costa setentrional.

— O Matador do Esperança não está em Marbellis — disse Vaelin. — O Senhor da Batalha elaborou bem seus planos. Ele terá carta branca em Marbellis enquanto o exército do Imperador lida conosco. É melhor não nos iludirmos.

— Nós os deteremos — disse Caenis com uma certeza nítida.

— Seu otimismo é digno de respeito, irmão.

— O Rei precisa desta cidade para realizar seus planos. Estamos dando apenas o primeiro passo em uma jornada gloriosa rumo a um Reino Unificado Maior. No devido tempo, as terras que obtivemos se tornarão o quinto Feudo do Reino, unidas sob a proteção e liderança do Rei Janus e de seus descendentes, livre da ignorância de suas superstições e da opressão de vidas vividas aos caprichos de um Imperador. Temos que resistir.

Vaelin tentou discernir alguma ironia nas palavras de Caenis, mas só conseguiu detectar a familiar lealdade cega ao Rei. Não era a primeira vez que ficava tentado a fazer um relatório completo ao irmão dos seus encontros com Janus, imaginando se a devoção de Caenis ao velho resistiria se conhecesse sua verdadeira natureza, mas Vaelin se conteve, como sempre. Caenis era definido por sua lealdade, envolvia-se nela como uma proteção contra as muitas incertezas e mentiras que abundavam no serviço que prestavam à Fé. Vaelin nunca conseguiu adivinhar exatamente por que Caenis era tão devoto, mas relutava em privá-lo disso, por mais

que fosse uma ilusão.

— É claro que resistiremos — assegurou a Caenis com um sorriso sinistro, pensando, *Se isso fará a menor diferença é outra história*.

Ele se dirigiu à escadaria na parte de trás das ameias.

— Acho que vou dar uma volta pela cidade, quase não a vi ainda.

— Vou buscar alguns guardas. Você não deveria andar sozinho pelas ruas.

Vaelin sacudiu a cabeça.

— Não se preocupe, irmão. Não estou tão enfraquecido que não possa me defender sozinho.

Caenis ainda tinha dúvidas, mas assentiu, relutante.

— Como quiser. Ah — disse ele quando Vaelin começou a descer a escada. — O governador pediu que enviássemos um curandeiro até sua casa. Parece que sua filha adoeceu e os médicos locais não têm as habilidades necessárias para ajudá-la. Mandarei a Irmã Gilma de manhã. Talvez ela possa promover um pouco de boa vontade.

— Bem, se alguém pode fazer isso, esse alguém é ela. Diga ao governador que desejo melhoras a sua filha, sim?

— É claro, irmão.

A mulher que atendeu a porta da oficina do escultor o encarou com franca hostilidade, franzindo o cenho e apertando os olhos escuros ao ouvir o cumprimento de Vaelin. Ela parecia ter quase trinta anos, os longos cabelos escuros presos em um rabo de cavalo e um avental de couro empoeirado cobrindo-lhe o corpo esguio. Detrás dela vinha a batida ritmada de metal na pedra.

— Bom dia, senhora — disse ele. — Desculpe incomodá-la.

Ela cruzou os braços e deu uma resposta brusca em alpirano. Pelo tom dela, Vaelin imaginou que não o estava convidando para entrar e tomar chá gelado.

— Disseram... para eu vir aqui — prosseguiu ele, o olhar severo da mulher não dando qualquer indicação de que estava compreendendo, a boca fechada com lábios retesados não oferecia nada.

Vaelin olhou ao redor da rua quase vazia, perguntando-se se havia interpretado errado a visão de alguma forma. Mas a canção do sangue havia sido tão implacável, o tom tão certo ao impelir seu caminho pelas ruas, diminuindo somente quando chegou àquela porta abaixo da placa com um cinzel e um martelo. Ele resistiu ao impulso de entrar sem ser convidado e forçou um sorriso.

— Tenho negócios a tratar aqui.

O cenho dela ficou ainda mais franzido e ela falou com um sotaque bastante carregado, mas suas palavras eram inconfundíveis:

— Não há negócios aqui para nortistas.

Vaelin sentiu um murmúrio tênue da canção do sangue e as marteladas no interior da oficina cessaram. A voz de um homem chamou em alpirano e a mulher fez uma careta de irritação antes de fulminar Vaelin com os olhos e deixá-lo passar.

— Coisas sagradas aqui — disse ela quando Vaelin entrou. — Deuses amaldiçoam se você roubar.

O interior da oficina era cavernoso, com teto alto e um piso de mármore com vários metros de lado. A luz do sol entrava por claraboias abertas, iluminando um espaço repleto de estátuas. Elas variavam de tamanho, umas com trinta ou sessenta centímetros de altura, outras de tamanho natural; uma delas tinha pelo menos três metros de altura, um homem incrivelmente musculoso lutando com um leão. Vaelin ficou espantado com a vitalidade da obra, com a precisão com que fora

esculpida, aparentemente congelando o gigante e o leão no momento de maior violência. Ao lado havia outra estátua, uma mulher em tamanho natural e de uma beleza impressionante, os braços estendidos em súplica e as belas feições congeladas em uma expressão de profundo pesar.

— Herlia, deusa da justiça, chorando ao dar seu primeiro julgamento. — Ao ouvir a voz, a canção do sangue aumentou de volume, não em alerta, mas em boas-vindas. O homem estava parado com as mãos na cintura, um cinzel e um martelo pendendo dos bolsos de seu avental. Ele era baixo, mas corpulento, os braços nus com músculos nodosos. O rosto era angular, com maçãs do rosto elevadas, olhos amendoados, e as partes de sua pele que não estavam cobertas de poeira tinha um tênue brilho dourado.

— Você não é alpirano — disse Vaelin.

— Nem você — retorquiu o homem com uma gargalhada. — E, ainda assim, aqui estamos. — Ele virou-se para a mulher e disse algo em alpirano. Ela lançou um último olhar penetrante na direção de Vaelin e desapareceu nos fundos da oficina.

Vaelin acenou com a cabeça para a estátua.

— Por que ela está tão triste?

— Ela se apaixonou por um homem mortal, mas a paixão dele por ela fez com que ele cometesse um crime terrível, e então ela o julgou, confinando-o às profundezas da terra, acorrentado a uma rocha, onde sua carne é comida para todo o sempre por vermes.

— Deve ter sido um crime e tanto.

— De fato. Ele roubou uma espada mágica e matou um deus com ela, achando que era um rival pelos sentimentos de Herlia. Na verdade, era o irmão dela, Ixtus, deus dos sonhos. Agora, sempre que temos pesadelos, é o espírito do deus caído vingando-se da raça humana.

— Um deus é uma mentira. Mas é uma boa história. — Ele estendeu a mão. — Vaelin Al Sorna...

— Irmão da Sexta Ordem, Espada do Reino Unificado e agora comandante do exército estrangeiro que ocupa nossa cidade. Um sujeito interessante, de fato, mas nós Cantores costumamos ser. A canção nos conduz por muitos caminhos. — O homem apertou a mão dele. — Ahm Lin, humilde escultor, às suas ordens.

— Todas são obras suas? — perguntou Vaelin, gesticulando para as estátuas.

— De certa forma. — Ahm Lin virou-se e foi para dentro da oficina, seguido por Vaelin, que admirava o festival de formas fantásticas, a aparente variedade ilimitada de formatos e poses.

— São todos deuses?

— Nem todos. Veja. — Ahm Lin parou ao lado do busto de um homem de rosto grave, nariz aquilino e fronte pesada e enrugada. — O Imperador Cammuran, o primeiro homem a ocupar o trono do Império Alpirano.

— Ele parece preocupado.

— Tinha boas razões para isso. Seu filho tentou matá-lo quando compreendeu que não seria o próximo imperador. A ideia de escolher um sucessor entre a população, com a ajuda dos deuses, é claro, foi um rompimento dramático com a tradição.

— O que aconteceu ao filho?

— O Imperador tirou-lhe seus bens, mandou cortar sua língua e cegá-lo, e então o mandou embora para viver o resto da vida como um mendigo. A maioria dos alpiranos acha que ele foi muito leniente. São uma boa gente, corteses e generosos por demais, mas implacáveis quando provocados. É bom que se lembre disso, irmão. — Olhou Vaelin de lado quando este não disse nada. — Devo dizer que estou surpreso que sua canção o tenha trazido aqui. Você deve saber que essa invasão está condenada.

— Minha canção tem sido... inconstante ultimamente. Durante muito tempo me contou poucas coisas. Ela estava silenciosa há mais de ano quando ouvi sua voz.

— Silenciosa. — Ahm Lin parecia chocado, e a curiosidade transpareceu em seu olhar. — Qual era a sensação? — Ele parecia quase invejoso.

— Como de perder um membro — respondeu Vaelin com honestidade, percebendo pela primeira vez o tamanho da perda que sentira quando sua canção silenciara. Somente agora que ela havia retornado que ele aceitou a verdade: a canção não era uma doença. Sella estava certa; era um dom, e ele se acostumou a estimá-lo.

— Aqui estamos. — Ahm Lin abriu os braços ao chegarem aos fundos da oficina, onde um banco grande estava coberto por uma série desconcertante e bem organizada de ferramentas, martelos, cinzéis e implementos de formatos estranhos dos quais Vaelin não conhecia os nomes. Perto dali uma escada estava encostada em um bloco grande de mármore, de onde uma estátua parcialmente terminada emergia. Vaelin estacou chocado ao vê-la. O focinho, as orelhas, o pelo esculpido à perfeição e os olhos, aqueles olhos inconfundíveis. Sua canção estava emitindo uma nota nítida e calorosa de reconhecimento. O lobo. O lobo que o salvara na Urlish. O lobo que dera um uivo de aviso do lado de fora da Casa da Quinta Ordem, quando a Irmã Henna aparecera para matá-lo. O lobo que o impedira de cometer assassinato na Martishe.

— Ah... — Ahm Lin esfregou as têmporas com uma expressão de dor no rosto. — Sua canção é realmente forte, irmão.

— Desculpe. — Vaelin se concentrou, tentando acalmar a canção, mas foram necessários alguns segundos até que ela diminuísse de intensidade. — É um deus? — perguntou a Ahm Lin, olhando para o lobo.

— Não exatamente. Um dos que os alpiranos chamam de Inomináveis, espíritos dos mistérios. O lobo aparece em muitas das histórias dos deuses que têm nomes, como guia, protetor, guerreiro ou espírito vingativo. Mas ele nunca é nomeado. É sempre apenas o lobo, temido e respeitado da mesma forma. — Ele observou Vaelin com atenção. — Você já o viu antes, não? E não em uma pedra.

Vaelin teve um receio momentâneo de revelar demais a esse homem, um estranho com uma canção que quase o matara. Mas o ardor da receptividade de sua própria canção superava sua desconfiança.

— Ele me salvou. Duas vezes da morte, uma vez de algo pior.

A expressão de Ahm Lin mostrou um lampejo de algo próximo ao medo, mas ele apressou-se em forçar um sorriso.

— “Interessante” parece ser um termo inadequado para você, irmão. Isto é para você. — Ele indicou uma bancada próxima onde estava depositado um bloco de mármore com um cinzel em cima. O bloco era um cubo perfeito de mármore branco, o mesmo bloco da visão quando a canção de Ahm Lin o derrubara, sua superfície lisa ao toque de Vaelin.

— Você o obteve para mim? — perguntou ele.

— Há muitos anos. A minha canção foi bastante enfática. O que quer que esteja aí dentro, está aguardando há muito tempo para que você o liberte.

Aguardando... Vaelin colocou a palma contra a pedra, sentindo uma oscilação na canção do sangue, a melodia um misto de aviso e certeza. *Aquele Que Aguarda.*

Ele ergueu o cinzel e tocou a pedra com a lâmina, incerto.

— Nunca fiz isso — disse a Ahm Lin. — Não consigo esculpir nem uma bengala decente.

— Sua canção guiará suas mãos, assim como a minha

me guia. Essas estátuas são tanto obras da minha canção quanto das minhas habilidades.

Ele estava certo, a canção estava aumentando, forte e nítida, guiando o cinzel sobre a pedra. Vaelin pegou um martelo do banco e bateu de leve na extremidade do cinzel, arrancando um pedaço pequeno de mármore do canto do cubo. A canção aumentou de intensidade e suas mãos se moveram, Ahm Lin e a oficina desapareceram à medida que o trabalho o consumia. Não havia pensamentos em sua cabeça, nenhuma distração; havia apenas a canção e a pedra. Não tinha noção de tempo, nenhuma percepção do mundo além da canção, e foi apenas uma sacudida brusca em seu ombro que o trouxe de volta.

— Vaelin! — Barkus o sacudiu de novo quando ele não respondeu. — O *que* você está fazendo?

Vaelin olhou para as ferramentas em suas mãos empoeiradas, notando que o manto e suas armas estavam largados ao lado, sem conseguir lembrar-se de tê-los removido. A pedra estava bastante alterada: a metade superior agora era uma abóbada parcialmente esculpida com dois entalhes rasos no centro e um traço de um queixo formando-se na base.

— Martelando feito louco aqui sem armas e sem guardas. — Barkus parecia mais chocado do que bravo. — Qualquer alpirano que passasse poderia ter apunhalado você sem o menor esforço.

— Eu... — Vaelin piscou confuso para ele. — Eu estava... — Calou-se, percebendo que qualquer explicação seria inútil.

Ahm Lin e a mulher que atendera à porta estavam parados de pé não muito longe, a mulher fulminando os dois soldados que Barkus trouxera consigo. Ahm Lin estava mais relaxado, passando despreocupado uma pedra de amolar na ponta de um dos seus cinzeis, dando a Vaelin um leve sorriso que poderia ter sido de

admiração.

Barkus voltou o olhar para a pedra e depois para Vaelin, franzindo o cenho.

— Isso é para ser o quê?

— Não importa. — Vaelin pegou um pedaço de linho e o jogou sobre a pedra. — O que você quer, irmão? — Ele foi incapaz de esconder a irritação na voz.

— A Irmã Gilma precisa de você. Na mansão do governador.

Vaelin sacudiu a cabeça com impaciência, tornando a pegar as ferramentas.

— Caenis está lidando com o governador. Mande ele.

— Ele já foi chamado. Ela também precisa de você.

— Tenho certeza de que isso pode esperar... — Barkus segurou seu pulso com força e sussurrou duas palavras no ouvido de Vaelin que fizeram com que ele largasse as ferramentas e recolhesse o manto e as armas sem mais demora, apesar do uivo imediato de protesto da canção do sangue.

— A Mão Vermelha. — A Irmã Gilma estava parada do outro lado do portão da mansão, tendo proibido que se aproximassem mais. Desta vez não havia sinal de contentamento em seu tom ou em sua postura. O rosto estava pálido, os olhos, normalmente brilhantes, turvos pelo medo. — Por enquanto é apenas a filha do governador, mas haverá outros.

— Tem certeza? — perguntou Vaelin.

— Todos os membros da minha Ordem aprendem a procurar os sinais no momento em que ingressamos na Casa. Não há dúvida, irmão.

— Você examinou a garota? Tocou nela?

Gilma assentiu, calada.

Vaelin suprimiu a tristeza que lhe apertava o peito. *Não há tempo para fraqueza agora.*

— Do que você precisa?

— A mansão precisa ser isolada e vigiada. Ninguém pode entrar ou sair. Vocês precisam ficar atentos para quaisquer outras vítimas na cidade. Meus assistentes sabem o que procurar. Os que forem descobertos com a doença devem ser trazidos para cá, à força, se necessário. Devem usar máscaras e luvas ao lidar com eles. Vocês precisam também isolar a cidade. Nenhum navio pode zarpar, nenhuma caravana pode partir.

— Haverá pânico — advertiu Caenis. — A Mão Vermelha matou tantos alpiranos quanto gente do Reino quando ocorreu antes. Quando a notícia se espalhar, eles ficarão desesperados para fugir.

— Então vocês terão que impedi-los — disse a Irmã Gilma, seca. — Não podemos permitir que essa praga se espalhe novamente. — Ela olhou fixamente para Vaelin. — Compreende, irmão? Você precisa fazer o que for necessário.

— Compreendo, irmã. — Em meio à tristeza, uma lembrança distante começou a vir à tona: Sherin, no Forte Alto. Ele procurava evitar pensar naquela época, a sensação de perda era grande demais, mas agora se esforçou para lembrar-se das palavras dela naquela manhã após a morte de Hentes Mustor. Os seguidores do Usurpador a haviam atraído para uma armadilha com um relatório falso de um surto da Mão Vermelha em Warnsclave. *Eu estava trabalhando em uma cura...*

— A Irmã Sherin — disse ele. — Ela me disse uma vez que tinha uma cura para a doença.

— Uma possível cura, irmão — retorquiu Gilma. — Baseada apenas em teorias e além de minhas capacidades de formulá-la, de qualquer forma.

— Onde a Irmã Sherin está postada atualmente? — insistiu Vaelin.

— Da última vez que tive notícias, ela estava na Casa da Ordem. Ela é mestra de curativos agora.

— Vinte dias de navio com vento bom — disse Caenis. — E vinte para voltar.

— Para uma embarcação alpirana ou do Reino — ponderou Vaelin em voz baixa. — Virou-se para Gilma. — Irmã, peça ao governador que escreva um decreto confirmando suas medidas e ordenando que a população colabore. O Irmão Caenis cuidará para que seja copiada e distribuída pela cidade. — Virou-se para Caenis. — Irmão, cuide da vigilância dos portões e da mansão. Dobre a guarda nas muralhas. Use nossos homens apenas onde for possível. — Vaelin olhou de novo para a Irmã Gilma e forçou um sorriso encorajador. — O que é a esperança, irmã?

— A esperança é o coração da Fé. Perder a esperança é uma negação da Fé. — O próprio sorriso dela foi discreto. — Tenho certos instrumentos e curativos em meus aposentos. Gostaria que me fossem trazidos.

— Cuidarei disso — assegurou-lhe Caenis.

Vaelin virou-se para ir, partindo apressado pelo caminho de pedras.

— E quanto às docas? — gritou Caenis, às suas costas.

Vaelin não olhou para trás.

— Cuidarei das docas.

O capitão meldeneano era compacto e rijo, sentado do outro lado da mesa diante de Vaelin com um olhar desconfiado no rosto magro. Usava luvas de couro macio e estava com as mãos entrelaçadas em cima da mesa. Eles estavam na sala de mapas do antigo edifício da guilda mercantil, sozinhos, exceto por Frentis, que vigiava a porta. Lá fora, a noite caía rapidamente e a cidade logo estaria adormecida, ainda alheia à crise que encontraria pela manhã. Se o capitão tinha alguma reclamação sobre o modo como ele e sua tripulação haviam sido tirados da cama, forçados a se despirem e

submeterem-se a um exame pelos assistentes da Irmã Gilma antes de serem trazidos até ali, ele claramente achara melhor guardá-la para si mesmo.

— Você é Carval Nurin? — perguntou Vaelin. — Capitão do *Falcão Vermelho*?

O homem assentiu lentamente. Seus olhos iam sem cessar de Vaelin para Frentis, de vez em quando se detendo em suas espadas. Vaelin não tinha o menor desejo de aliviar o desconforto do homem; mantê-lo assustado servia aos seus propósitos.

— Seu navio tem a reputação de ser a embarcação mais veloz deste porto — continuou Vaelin. — As melhores linhas de qualquer casco já construído nos estaleiros meldeneanos, é o que dizem.

Carval Nurin inclinou a cabeça, mas permaneceu em silêncio.

— Você não tem reputação por pirataria ou desonestidade, algo incomum para um capitão das suas ilhas.

— O que você quer? — A voz do homem era rouca e Vaelin notou a ponta pálida de uma cicatriz saindo do lenço preto de seda que ele tinha amarrado no pescoço. Pirata ou não, ele parecia ter tido sua dose de problemas nos mares.

— Contratar seus serviços — respondeu Vaelin com calma. — Quão rápido você pode chegar a Varinshold?

A inquietação do capitão diminuiu, mas a suspeita ainda era aparente em seu rosto.

— Já fiz o trajeto em quinze dias. Udonor foi bondoso com os ventos boreais.

Udonor, Vaelin sabia, era um dos deuses meldeneanos, que diziam ter domínio sobre os ventos.

— Pode ser feito em menos tempo?

Nurin deu de ombros.

— Talvez. Com um porão vazio e algumas mãos a mais para lidar com o cordame. E duas cabras para Udonor, é

claro.

Era prática comum dos meldeneanos sacrificar animais aos deuses preferidos antes de uma viagem perigosa. Vaelin já testemunhara um sacrifício em massa de gado antes da frota invasora içar âncora; o sangue jorrou tão livremente que as águas do porto ficaram vermelhas.

— Providenciaremos as cabras — disse ele e fez sinal para Frentis aproximar-se. — O Irmão Frentis e dois de meus homens serão seus passageiros. Você os levará até Varinshold, onde buscarão outro passageiro. Então você retornará para cá. A viagem inteira não pode levar mais de vinte e cinco dias. É possível?

Nurin pensou por um momento e assentiu.

— Possível, sim. Mas não para o meu navio.

— Por que não?

Nurin descruzou as mãos e removeu as luvas devagar, revelando uma pele sarapintada e descorada dos dedos ao punho.

— Diga-me, marinheiro de água doce — disse ele, erguendo as mãos para que Vaelin as examinasse. A luz da lamparina iluminou a carne deformada e pálida. — Já tentou apagar chamas com as mãos nuas enquanto sua irmã e sua mãe morriam queimadas? — Um sorriso sinistro surgiu nos lábios do meldeneano. — Não, meu navio não viajará ao seu serviço. Os alpiranos o chamam de Matador do Esperança. Para mim você é a cria do Queimador da Cidade. Os Senhores Marinhos podem ter se vendido ao seu rei, mas não farei o mesmo. Quaisquer ameaças ou torturas que você usar não farão...

Ouviu-se um baque suave quando Vaelin colocou o vitríolo azul na mesa, girando-o, a luz da lamparina bruxuleando na superfície de veios prateados. Carval Nurin olhou para a pedra atônito e com evidente cobiça.

— Lamento sobre sua mãe e sua irmã — disse Vaelin.

— E por suas mãos. Deve ter sido muito doloroso. — Continuou a girar o vitríolo. Os olhos de Nurin não deixavam a pedra. — Mas tenho a impressão de que, acima de tudo, você é um homem de negócios, e sentimentalismo não é algo muito lucrativo.

Nurin engoliu em seco e as mãos cheias de cicatrizes se crisparam.

— Quanto eu ganho?

— Se voltar dentro de vinte e cinco dias, ela inteira.

— Você mente!

— De vez em quando, mas não neste momento.

Os olhos de Nurin finalmente deixaram o vitríolo e encontraram os de Vaelin.

— Que garantias eu tenho?

— Minha palavra como irmão da Sexta Ordem.

— Vá para o raio que o parta com sua palavra e sua Ordem. A sua baboseira de adoração de fantasmas não significa nada para mim. — Nurin vestiu as luvas, franzindo o cenho, pensativo. — Quero uma garantia por escrito, testemunhada pelo governador.

— O governador está... indisposto. Mas tenho certeza de que o Grão-Mestre da Guilda Mercantil terá o maior prazer em testemunhar. É bom o suficiente?

O *Falcão Vermelho* era notavelmente diferente de qualquer outro navio que Vaelin já vira. Era menor do que a maioria, com um casco estreito e três mastros em vez dos dois usuais. Havia apenas dois conveses e levava uma tripulação de apenas vinte homens.

— Foi construído para transportar chá — explicou Carval Nurin com rispidez quando Vaelin comentou sobre o formato incomum. — Quanto mais fresco, mais se lucra. Uma carga pequena de chá fresco consegue três vezes o preço do produto transportado em grandes quantidades. Quanto mais rápido se vai de um porto a

outro, mais dinheiro se faz.

— Não tem remos? — perguntou Frentis. — Achei que todos os navios meldeneanos tinham remos.

— Tem sim. — Nurin apontou para as portinholas fechadas no convés inferior. — Só usamos quando não há vento, o que é raro em águas setentrionais. Seja como for, o *Falcão* se move mesmo com a brisa mais fraca.

O capitão parou para passar os olhos pelas docas, percebendo as fileiras de navios silenciosos e vazios e o cordão de Lobos Corredores que guardava o cais. As tripulações receberam ordens para deixar as embarcações durante a noite, não sem alguns distúrbios, e agora estavam lambendo as feridas sob forte vigilância nos armazéns ao redor.

— Não me lembro de já ter visto as docas de Linesh tão silenciosas — comentou Nurin.

— A guerra é ruim para o comércio, Capitão — respondeu Vaelin.

— Há um mês os navios iam e vinham como bem queriam e agora estão atracados, vazios, e as tripulações foram presas. E, apesar disso, somente o *Falcão* tem permissão para zarpar...

— Cuidado nunca é demais. — Vaelin lhe deu um tapinha nas costas, provocando um estremecimento de repugnância temerosa. — Há muitos espiões por aí. Quando vai zarpar, Capitão?

— Daqui a uma hora, quando a maré estiver boa.

— Então não quero atrasar seus preparativos.

Nurin engoliu uma resposta escarnecedora e assentiu, subindo pela prancha para bombardear sua tripulação com ordens praguejadas.

— Acha que ele sabe? — perguntou Frentis.

— Ele suspeita de alguma coisa, mas não sabe. — Deu a Frentis um sorriso de desculpas. — Eu enviaria mais homens com você, mas isso levantaria ainda mais

suspeitas. Os assistentes da Irmã Gilma lhe disseram o que procurar?

Frentis assentiu.

— Inchaço no pescoço, suores, tontura e brotoejas nos braços. Se alguém tem a doença, começa a mostrar os sintomas dentro de três dias.

— Ótimo. Compreende, irmão, que se algum membro da tripulação, incluindo você mesmo, mostrar sinais da Mão Vermelha este navio não poderá atracar em Varinshold ou em qualquer outro lugar?

Frentis assentiu. Vaelin não detectou qualquer medo ou relutância nele. A canção do sangue indicava apenas uma confiança fundamental e inabalável, uma lealdade quase irracional. O menino magro e esfarrapado que implorara sua ajuda tantos anos atrás na sala do Aspecto já não existia, tendo sido transformado em um guerreiro experiente e extremamente habilidoso que jamais questionaria suas ordens. Havia momentos em que poder comandar Frentis parecia mais um fardo do que uma bênção. Ele era uma arma a ser usada apenas com grande cuidado, pois não havia como contê-lo uma vez que fosse solto.

— Eu... lamento a necessidade disso, irmão — disse Vaelin. — Se houvesse outra maneira...

— Você nunca me deu aquela lição — disse Frentis.

Vaelin franziu o cenho.

— Lição?

— Você me disse que me ensinaria a usar a faca de arremesso. Achei que tinha aprendido o suficiente sozinho. Estava enganado.

— Você aprendeu muito desde então. — Vaelin sentiu uma pontada súbita de culpa. Todas as batalhas que esse jovem de fé cega lutou, os ferimentos que recebeu. Todas as vidas que tirou. — Você queria ser um irmão — disse ele, sem conseguir manter a culpa longe da voz. — Agimos bem com você?

Para sua surpresa, Frentis riu.

— Se agiram bem? Quando foi que agiram mal?

— Caolho lhe deu cicatrizes. Os Testes o feriram. Você me seguiu até aqui para encontrar guerra e dor.

— O que mais me restava? Fome, medo e uma faca em um beco para me deixar sangrando em uma sarjeta. — Frentis apertou-lhe o ombro. — Agora tenho irmãos que morreriam para me defender, assim como eu morreria por eles. Agora tenho uma Fé. — Seu sorriso era ardente, resoluto em sua convicção. — O que é a Fé?

— A Fé é tudo. A Fé nos consome e nos liberta. A Fé molda minha vida, neste mundo e no Além. — Ao pronunciar as palavras, Vaelin ficou surpreso pela convicção na própria voz, pela profundidade de sua própria crença. Já tinha visto tanto do mundo a essa altura, tantos deuses, e ainda assim as palavras saíram de seus lábios com absoluta convicção. *Ouvi a voz de minha mãe...*

CAPÍTULO SEIS

Os dias após a partida do *Falcão Vermelho* logo adquiriram uma tensa monotonia. Vaelin ia todas as manhãs falar com a Irmã Gilma no portão da mansão. Até então o único caso novo havia sido a criada da filha, uma mulher de meia-idade que não se esperava que sobrevivesse àquela semana. A própria garota, graças à sua juventude, sofria dos sintomas com grande fortitude, mas era improvável que chegasse ao fim do mês.

— E você, irmã? — perguntava Vaelin todas as manhãs. — Está bem?

Ela dava seu sorriso radiante e assentia. Vaelin temia o dia em que subiria o caminho até o portão e ela não estaria lá para recebê-lo.

Assim que a notícia do surto se espalhou, a atmosfera na cidade passou a ser de um temor palpável, embora as reações fossem variadas. Algumas pessoas, principalmente os cidadãos mais ricos, juntaram seus pertences e parentes mais próximos antes de rumar de imediato para o portão mais próximo, exigindo que as deixassem partir e recorrendo a ameaças e subornos quando a passagem lhes era negada. Quando os subornos não surtiram efeito, alguns conspiraram para tomar de assalto os portões ao anoitecer com guarda-costas e criados armados. Os Lobos Corredores repeliram o ataque com facilidade, afastando as pessoas a golpes de varas que Caenis teve a previdência de providenciar antes do início da crise. Felizmente, não houve mortes, mas a elite da cidade

permaneceu ressentida e com frequência desesperadamente temerosa. Alguns se entrincheiraram em suas casas, recusando-se a receber qualquer visitante e até mesmo disparando flechas ou virotes de besta contra invasores.

Os menos abastados também estavam assustados, mas eram mais estoicos ao lidar com seus medos e até o momento não havia ocorrido tumultos. As pessoas em geral continuavam a viver normalmente, embora passassem o menor tempo possível nas ruas ou na companhia de vizinhos. Todos se submetiam a exames regulares para os sintomas da doença com uma ansiedade resignada. Até então não haviam ocorrido casos na cidade em si, apesar de a Irmã Gilma parecer certa de que era apenas uma questão de tempo.

— A Mão Vermelha sempre começa nas cidades portuárias — disse ela uma manhã. — Levada por navios do outro lado do mar. Sem dúvida foi como chegou aqui. O Governador Aruan me disse que a garota gostava de ir até as docas observar a chegada e a partida dos navios. Se você encontrar outro caso, o mais provável é que seja um marinheiro.

Por mais assustada que a população da cidade estivesse, Vaelin se viu mais preocupado com seus próprios soldados. A disciplina dos Lobos Corredores continuava boa, mas os outros estavam mais inquietos. Havia ocorrido diversas brigas feias entre os nilsaelinos do Conde Marven e os arqueiros cumbraelinos, resultando em alguns ferimentos sérios de ambos os lados e forçando-o a chicotear os piores transgressores. As únicas deserções foram da Guarda do Reino: cinco dos Gaios Azuis de Lorde Al Cordlin pularam a muralha com provisões roubadas, na esperança de chegar a Untesh. Vaelin ficou tentado a deixar que morressem no deserto, mas sabia que precisava que houvesse um exemplo, de modo que enviou Barkus atrás deles com

uma tropa de batedores. Dois dias depois ele voltou com os corpos; Vaelin o instruíra a administrar a sentença de imediato para evitar o espetáculo de um enforcamento público. Mandou os corpos serem queimados à vista do portão principal para garantir que os guardas na muralha entendessem o recado e o passassem para os companheiros: ninguém iria a lugar algum.

Durante as tardes ele andava pelas muralhas e portões, forçando conversas com os homens apesar do óbvio desconforto deles. A Guarda do Reino estava rigidamente respeitosa, mas assustada, os nilsaelinos carrancudos e os cumbraelinos evidentemente não suportavam sequer ver o Lâmina Negra, mas ele passava tempo com todos eles, perguntando sobre suas famílias e suas vidas antes da guerra. As respostas eram as respostas curtas de costume que soldados sempre davam na troca de gentilezas ritualística com seus comandantes, mas Vaelin sabia que sua distância deles não importava: eles precisavam vê-lo e saber que ele não estava com medo.

Certo dia, encontrou Bren Antesh perto do portão oeste, protegendo os olhos do sol com a mão enquanto olhava para um pássaro que voava acima.

— Abutre? — perguntou Vaelin.

Como de costume, o líder cumbraelino não fez nenhuma saudação formal, algo que não incomodava Vaelin nem um pouco.

— Falcão — respondeu ele. — De um tipo que nunca vi. Parece um pouco com o asa-rápida da minha terra.

De todos os capitães, Antesh reagira à crise com a maior calma, aplacando seus homens e assegurando-lhes que não corriam perigo. Era evidente que sua palavra tinha um peso considerável, visto que não houve nenhuma tentativa de deserção da parte dos arqueiros.

— Queria agradecê-lo — disse Vaelin. — Pela disciplina de seus homens. Eles devem confiar muito em você.

— Eles também confiam em você, irmão. Quase tanto quanto o odeiam.

Vaelin não viu muito motivo para discutir a questão. Parou ao lado de Antesh, apoiando-se em uma ameia.

— Tenho de dizer que fiquei surpreso por o Rei ter conseguido recrutar tantos homens do seu Feudo.

— Quando Sentor Mustor assumiu a posição de Senhor Feudal, seu primeiro ato foi abolir a lei que exigia práticas diárias com o arco longo e o ordenado mensal que as acompanhavam. A maioria dos meus homens são fazendeiros, o ordenado os ajudava a complementar a renda, e sem ele muitos não podiam alimentar suas famílias. Eles podem odiar o Rei Janus, mas o ódio não põe comida na boca de seus filhos.

— Eles realmente acreditam que sou esse Lâmina Negra dos seus Dez Livros?

— Você matou Flecha Negra e o Lâmina Fiel.

— Na verdade, o Irmão Barkus matou Hentes Mustor. E até hoje não sei se o homem que matei na Martishe era mesmo Flecha Negra.

O capitão cumbraelino encolheu os ombros.

— De qualquer modo, o Quarto Livro relata como nenhum homem devoto pode matar o Lâmina Negra. Tenho de dizer que você parece se encaixar muito bem nessa descrição, irmão. E quanto ao uso das Trevas... Bem, quem sabe? — O rosto de Antesh estava cauteloso, como se esperasse alguma espécie de repreensão ou ameaça.

Vaelin decidiu que uma mudança de assunto era apropriada.

— E você, senhor. Alistou-se para alimentar seus filhos?

— Não tenho filhos. Nem esposa. Só meu arco e as roupas que estou vestindo.

— E quanto ao ouro do Rei? Certamente também o tem.

Antesh pareceu agitado e desviou o olhar, erguendo mais uma vez os olhos para o céu à procura do falcão.

— Eu... o perdi.

— Pelo que sei, cada homem recebeu vinte moedas de ouro como adiantamento. É muito para se perder.

Antesh não se virou.

— Precisa de algo de mim, irmão?

A canção do sangue emitiu um murmúrio de inquietação, não o aviso agudo de um ataque iminente, mas a insinuação de logro. *Ele está escondendo alguma coisa.*

— Gostaria de ouvir mais sobre o Lâmina Negra — disse Vaelin. — Se quiser me contar.

— Isso significaria aprender mais sobre os Dez Livros. Não tem medo que sua alma seja maculada por esse conhecimento? Que destrua a sua Fé?

As palavras do cumbraelino trouxeram à tona a lembrança de Hentes Mustor, e Vaelin viu novamente a culpa e a loucura nos olhos do Usurpador. O murmúrio da canção do sangue aumentou de volume. *Ele o conhecia? Foi um de seus seguidores?*

— Não creio que qualquer conhecimento possa macular a alma de um homem. E como eu disse ao seu Lâmina Fiel, minha Fé não pode ser destruída.

— O Primeiro Livro nos diz para ensinarmos a verdade do amor do Pai do Mundo a qualquer um que deseje ouvi-la. Venha me ver de novo e eu lhe contarei mais, se desejar.

Ao anoitecer Vaelin ia até a oficina de Ahm Lin, onde sua esposa franzia o cenho de modo assustador ao servir-lhe chá e o escultor lhe orientava nos aspectos da canção.

— Ela é chamada de Música do Céu entre meu povo — explicou Ahm Lin certa noite. Estavam bebendo chá em pequenas tigelas de porcelana ao lado da estátua do lobo que, de forma alarmante, parecia mais real a cada visita de Vaelin. A esposa do escultor não permitia que Vaelin entrasse na casa em si, onde ela invariavelmente se confinava após servir o chá. Uma vez ele cometera o erro de sugerir que eles mesmos servissem o chá, o que provocou um olhar de tamanho ultraje que ele esperou até que Ahm Lin tomasse um gole da própria tigela por temer que ela tivesse envenenado a bebida.

— Seu povo? — perguntou Vaelin. Deduzira que o escultor era oriundo do Extremo Ocidente, mas conhecia pouco do lugar além das histórias de marinheiros, histórias fantásticas de uma terra vasta de campos sem fim e grandes cidades, dominada pelos Reis Mercadores.

— Nasci na província de Chin-Sah durante o reinado benevolente do grande Rei Mercador Lol-Than, um homem que sabia bem o valor daqueles com dons incomuns. Quando meu dom chegou ao conhecimento dos anciões da aldeia, fui tirado de minha família aos dez anos e levado para a corte do rei, para ser instruído sobre a Música do Céu. Lembro-me de que sentia muita saudade de casa, mas jamais tentei fugir. Era lei que a traição do filho se estendia ao pai, e eu não queria que ele sofresse por minha desobediência, embora eu ansiasse por retornar à sua oficina e trabalhar de novo nas pedras. Ele também era escultor.

— Não há vergonha relacionada às Trevas na sua terra natal?

— Dificilmente, já que são vistas como uma bênção, uma dádiva dos céus. Uma família com uma criança Dotada recebe grandes honras. — A expressão de Ahm Lin se anuviou. — Ou era o que se dizia.

— Então lhe ensinaram a canção? Você sabe como

usá-la, sabe de onde ela vem.

Ahm Lin deu um sorriso melancólico.

— A canção não pode ser ensinada, irmão, e não vem de lugar algum. É simplesmente o que você é. Sua canção não é um outro ser que vive dentro de você. Ela *é* você.

— A canção do meu sangue — murmurou ele, lembrando-se das palavras de Nersus Sil Nin na Martishe.

— Já a ouvi ser chamada assim, é um nome bastante apropriado.

— Então, se ela não pode ser ensinada, o que eles poderiam lhe ensinar?

— Controle, irmão. É como qualquer outra canção: para cantá-la bem, deve ser praticada, refinada, aperfeiçoada. Minha tutora era uma velha chamada Shin-La, tão velha que tinha de ser carregada pelo palácio em uma liteira e não via mais do que um ou dois palmos diante do nariz. Mas a canção dela... — Ele sacudiu a cabeça, lembrando-se com estupefação. — A canção dela era como o fogo, queimava tão intensamente e tão alto que você se sentia cegado e ensurdecido por ela ao mesmo tempo. A primeira vez que ela cantou para mim eu quase desmaiei. Ela gargalhou e me chamou de Rato, Pequeno Rato Cantor, *Ahm Lin*, na língua do meu povo.

— Ela parece ter sido uma professora severa — comentou Vaelin, lembrando-se de Mestre Sollis.

— Severa, sim, ela era, mas ela tinha muito mais para me ensinar e pouco tempo para fazê-lo. O nosso dom é extremamente raro, irmão, e durante toda a vida dela a serviço do Rei Mercador e de seu pai antes dele, ela jamais encontrou outro Cantor. Eu fui seu substituto. Suas lições eram duras, dolorosas. Ela não precisava me golpear com uma vara, pois a canção dela me machucava o suficiente. Começamos com como

distinguir a verdade. Eram trazidos dois homens, sendo que um havia cometido algum tipo de crime. Cada um se declarava inocente e ela me perguntava quem era culpado. Toda vez que eu errava, e no início isso acontecia com frequência, a canção dela me açoitava com seu fogo. “A verdade é a essência da canção, Rato”, dizia ela. “Se não puder ouvir a verdade, não poderá ouvir nada.”

“Quando dominei a arte de ouvir a verdade, as lições tornaram-se mais complexas. Um servo recebia um item, uma joia preciosa ou um ornamento, que devia esconder em algum lugar dentro do palácio. Se eu não o encontrasse até o anoitecer, o servo podia ficar com ele, e eu era punido pela perda do item. Posteriormente, um grupo grande de pessoas perambulava pelos pátios do palácio, falando a plenos pulmões, e uma delas levava uma adaga debaixo do manto. Eu tinha apenas cinco minutos para encontrar a arma antes que a canção de Shin-La me apunhalasse como a adaga teria apunhalado nosso senhor. Pois, como ela nunca cansava de me lembrar, eu devia tudo a ele, e falhar em servi-lo seria minha vergonha eterna.”

— O Rei Mercador usou a sua canção?

— De fato usou. O comércio é a força vital do Extremo Ocidente. Aqueles que fazem bons negócios tornam-se grandes homens, até mesmo reis de homens, e para um comércio bem-sucedido é necessário conhecimento, em particular conhecimento que outros desejam manter oculto.

— Você foi um espião?

Ahm Lin sacudiu a cabeça.

— Apenas uma testemunha dos negócios de homens mais importantes e mais ricos. No início Lol-Than me mandava sentar em um canto de sua sala do trono, brincando com seus filhos; se alguém perguntasse, eu devia dizer que era um protegido seu, filho órfão de um

primo distante. Muitos naturalmente supunham que eu era seu filho bastardo, uma posição sem importância na corte, mas ainda assim honrada. Conforme eu brincava, homens iam e vinham com graus variados de cerimônia e prolongadas efusões de respeito ou pesar por macular o palácio do rei com suas presenças desprezíveis. Notei que quanto mais finas as roupas de um homem ou quanto maior seu séquito, mais ele declarava o quanto era desprezível, e então Lol-Than os assegurava de que nenhum insulto havia sido cometido e oferecia suas desculpas por não proporcionar uma recepção mais pomposa. Podia levar uma hora ou mais até que a verdadeira razão da visita ficasse aparente, e quase sempre era a respeito de dinheiro. Alguns queriam emprestado, outros deviam, e todos desejavam mais dele. E conforme eles falavam, eu escutava. Quando iam embora, com garantias de que o rei não tardaria em lhes dar um retorno e com uma desculpa pela terrível descortesia em postergar a resposta aos seus pedidos, ele me perguntava qual canção a Música do Céu havia cantado durante a conversa.

“Por ser apenas um garoto, eu não tinha muita noção da importância desses negócios, mas minha canção não precisava saber por que um homem mentia ou ludibriava, ou ocultava o ódio atrás de sorrisos e grande respeito. Lol-Than sabia por que, é claro, e por saber via o caminho para o lucro ou para o prejuízo, ou, ocasionalmente, para o machado do executor.

“E assim vivi no palácio do Rei Mercador, aprendendo com Shin-La, contando a verdade da minha canção a Lol-Than. Eu tinha poucos amigos, somente aqueles que os cortesãos apontados como meus guardiões permitiam. A maioria era enfadonha, crianças felizes, mas que não questionavam nada, de famílias mercantis menores que haviam comprado um lugar na corte para sua prole. Com o tempo, compreendi que meus colegas

de brincadeiras foram escolhidos por serem enfadonhos e não serem maliciosos ou astutos. Amigos com mentes aguçadas teriam aguçado meus próprios pensamentos, feito com que eu pensasse que aquela vida agradável de luxo e abundância na verdade não passava de uma gaiola ornamentada e que eu era um escravo dentro dela.

“Houve recompensas, é claro, à medida que eu me tornava adulto e era dominado pelos desejos da juventude. Garotas, se eu quisesse; garotos, se eu quisesse. Bons vinhos e toda sorte de elixires prazerosos se eu pedisse, embora nunca suficientes para abafar o som da minha canção. Quando fiquei velho demais para brincar com os filhos de Lol-Than, tornei-me um de seus escribas. Havia sempre pelo menos três em cada audiência e ninguém parecia notar que minha caligrafia era desajeitada e com frequência quase ilegível. A vida na minha gaiola era simples, sem ser perturbada pelas agruras do mundo além das muralhas altas que me cercavam. Então Shin-La morreu.”

Seu olhar ficou distante, perdido em lembranças, toldado pela tristeza.

— Não é fácil para um Cantor ouvir a canção derradeira de outro. Era tão alta que fiquei espantado pelo mundo inteiro não conseguir ouvi-la. Um grito de tamanha fúria e arrependimento que me fez perder os sentidos. Às vezes penso que Shin-La estava tentando me levar com ela, não por despeito, mas por dever. Ao ouvir sua canção final, compreendi que a devoção dela para com Lol-Than era uma mentira, a maior das mentiras, já que ela conseguiu mantê-la longe de sua própria canção durante todos os anos que me ensinou. Sua canção final foi o grito de uma escrava que jamais escapara de seu senhor e que não queria me deixar sozinho. E ela me mostrou algo, uma visão, nascida da

canção: uma aldeia, destruída e fumegante, apinhada de cadáveres. Minha aldeia.

Ele sacudiu a cabeça, a voz tão embargada pelo pesar que Vaelin compreendeu que era a primeira pessoa a ouvir aquela história.

— Eu fui tão cego — continuou Ahm Lin após um momento. — Não percebi que o valor de meu dom estava no fato de ninguém saber de sua existência. Ninguém, exceto Lol-Than e a velha que eu substituiria. Lembrei-me de todas as pessoas que Shin-La usara em suas lições, todos os supostos criminosos e criados. Deve ter havido centenas com o passar dos anos. Sabia que eles jamais poderiam continuar vivendo tendo conhecimento de meu dom. Eu os matara simplesmente por ficar em sua presença.

“Quando despertei do sono para o qual Shin-La me arrastara, descobri que eu tinha uma nova sensação ardendo em minha alma”. Virou-se para Vaelin com um brilho estranho no olhar, como o de um homem que se lembrasse da própria loucura. “Conhece o ódio, irmão?”

Vaelin pensou no pai desaparecendo na neblina da manhã, nas lágrimas da Princesa Lyrna e em sua vontade quase descontrolada de quebrar o pescoço do Rei.

— O nosso Catecismo da Fé diz que o ódio é um fardo para a alma. Descobri que há muita verdade nisso.

— É verdade que pesa na alma de um homem, mas também pode libertá-lo. Armado com meu ódio, comecei a prestar atenção nas audiências que Lol-Than me obrigava a comparecer, a anotar com extremo cuidado o que era dito. Comecei a compreender quão vastos eram seus domínios, a tomar conhecimento dos milhares de navios que ele possuía e dos outros milhares em que tinha interesse. Tomei conhecimento das minas onde ouro, pedras preciosas e minérios eram arrancados da terra, dos imensos campos onde se

encontrava sua verdadeira riqueza, os incontáveis acres de trigo e arroz que asseguravam cada transação que fazia. E à medida que eu tomava conhecimento, eu pesquisava, esmiuçando meus papéis atrás de alguma brecha na grande teia de comércio. Passaram-se mais quatro anos e aprendi e pesquisei, pouco me distraindo com os confortos da corte, deixado aos meus esforços pelos guardiões que eu agora sabia serem meus carcereiros, que não viam ameaça em minha recém-descoberta diligência. E durante todo esse tempo a verdade de minha canção jamais esmoreceu e eu relatei com exatidão a Lol-Than tudo o que ela me contava, cada trapaça e cada segredo, e sua confiança em mim crescia com cada trama ou fraude revelada, de modo que me tornei mais do que seu contador de verdades. Com o tempo, tornei-me um secretário tão confiável quanto um homem como ele podia ter, recebi mais conhecimentos, mais fios da teia, o tempo todo procurando, esperando, mas sem encontrar nada. O Rei Mercador conhecia muito bem seus negócios, sua teia era perfeita. Qualquer mentira que eu lhe contasse seria desmascarada rapidamente e minha morte viria logo a seguir.

“Havia momentos em que eu considerava simplesmente pegar uma adaga e enfiar em seu coração, não me faltavam amplas oportunidades para isso, afinal, mas eu ainda era jovem e, embora meu ódio me consumisse, eu ainda ansiava pela vida. Eu era um covarde, um prisioneiro cujo cativeiro era agravado por saber o quão grande era sua prisão. O desespero começou a devorar meu coração. Voltei a me entregar a excessos, buscando libertação no vinho, em drogas e na carne, excessos que teriam me matado em pouco tempo caso os estrangeiros não tivessem chegado.

“Em todos os meus anos no palácio de Lol-Than, eu nunca havia visto um estrangeiro. Eu ouvira histórias, é

claro. Histórias de pessoas estranhas de peles brancas ou negras que vinham do oriente e eram tão bárbaras que sua própria presença no domínio do Rei Mercador era um insulto, toleradas apenas por causa do valor das cargas que traziam. O grupo que chegara para negociar com Lol-Than sem dúvida me pareceu estranho com suas roupas exóticas e língua incompreensível, para não falar de suas tentativas desajeitadas de etiqueta. E, para meu espanto, um dos membros do grupo era uma mulher, uma mulher com uma canção.

"As únicas mulheres que tinham permissão de ficar na presença do Rei Mercador eram suas esposas, filhas e concubinas. Na minha terra natal, elas não participam dos negócios e são proibidas de possuir propriedades. Entendi pelo intérprete que essa mulher era de estirpe nobre e que recusar sua presença seria um grave insulto à sua gente. Os prováveis lucros de quaisquer que fossem as propostas que aqueles estrangeiros tinham em mente deviam ser de fato muito grandes para que Lol-Than permitisse a entrada dela na sala de audiências.

"O intérprete continuou, mas eu mal conseguia acompanhar as palavras, pois a canção da mulher preenchia minha mente e eu não podia tirar os olhos dela. Era uma mulher bonita, irmão, mas bonita do modo como um leopardo é bonito. Seus olhos cintilavam, o cabelo negro reluzia como ébano polido e seu sorriso foi de um deleite cruel quando ouviu minha canção.

"'Então o porco de olhos puxados tem um Cantor só seu', disse a canção dela, e a risada vazia que a acompanhou fez com que eu tremesse. Ela era poderosa, eu podia sentir. A canção dela era mais forte do que a minha. Shin-La talvez pudesse equiparar-se a ela, mas não eu; o rato encontrara um gato e estava indefeso diante dele. 'O que será que você pode me

contar?’, cantou ela em minha mente, a canção indo cada vez mais fundo, alcançando lembranças e sentimentos com uma facilidade brutal, trazendo à tona todo o meu ódio e minhas maquinações. Minha intenção de traição pareceu deixá-la exultante, ameaçadoramente triunfante. ‘E o Conselho me disse que isso seria difícil’, cantou ela. Seu olhar deteve-se no meu por mais um momento. ‘Se você quer ver o Rei Mercador morto, diga-lhe para rejeitar nossa oferta’. E então desapareceu: a intrusão em minha mente cessou, deixando para trás um arrepio de incerteza. Ela estava ali para matar Lol-Than se ele recusasse o que quer que propusessem, e ela *queria* matá-lo. O resultado das negociações não significava nada para ela. Viajara meio mundo em busca de sangue e isso não lhe seria negado.”

O rosto de Ahm Lin estava tenso com a lembrança da dor.

— Às vezes a canção nos deixa tocar as mentes de outros, e em todos os anos desde então eu devo ter tocado milhares, mas jamais senti algo que se comparasse à mancha negra dos pensamentos daquela mulher. Tive pesadelos durante anos depois daquele encontro, visões de carnificinas, de assassinatos praticados com precisão sádica, de rostos gritando ou paralisados de medo, de homens, mulheres, crianças. E visões de lugares que eu nunca tinha visto, de línguas que eu não podia compreender. Achei que estava enlouquecendo até perceber que ela deixara algumas de suas lembranças comigo, por indiferença ou por uma malícia casual. A maioria desapareceu com o passar do tempo. Mas mesmo agora há noites em que acordo gritando e minha esposa me conforta enquanto choro.

— Quem era ela? — perguntou Vaelin. — De onde ela tinha vindo?

— O nome falado pelo intérprete era uma mentira,

senti isso antes mesmo de ouvir a canção dela, e as lembranças que ele me deixou não davam indícios de nome ou família. Quanto ao lugar de origem dela, na época não significava nada para mim, mas a delegação apresentou os cumprimentos do Alto Conselho do Império Volariano. O que aprendi sobre os volarianos desde então me leva à conclusão de que ela teria se sentido em casa lá.

— E você fez aquilo? Disse ao Rei Mercador para rejeitar a proposta deles?

Ahm Lin assentiu.

— Sem a menor hesitação. Por mais que eu estivesse chocado, meu ódio continuava inabalado. Eu disse a Lol-Than que eles eram mentirosos, que o plano deles era uma tentativa de gastar seu tesouro e poupar o deles. Na verdade, eu mal compreendia o que eles haviam proposto ou se estavam falando a verdade. Contudo, ele confiou implicitamente no meu veredito, como sempre.

— E ela manteve a palavra?

— A princípio pensei que ela havia me traído. Lol-Than deu sua resposta a eles na manhã seguinte, e depois disso eles embarcaram em seu navio e partiram. Ele pareceu estar bem de saúde e dava toda impressão de continuar assim. O desapontamento e o medo tomaram conta de mim. Eu mentira para o Rei Mercador pela primeira vez. Sem dúvida eu seria descoberto e uma morte horrível estaria a minha espera. Passou-se um mês enquanto eu me preocupava e lutava para ocultar meu medo, e então Lol-Than começou a adoecer lentamente. No início não era nada, uma pequena tosse, porém persistente, que obviamente ninguém ousaria mencionar, então sua pele ficou mais pálida, as mãos começaram a tremer, e dentro de algumas semanas ele tossia sangue e tinha acessos de delírios. Quando morreu, era um saco de ossos e pele que mal conseguia lembrar-se do próprio nome. Não senti a

menor pena.

"Ele tinha um sucessor, é claro, seu terceiro filho, Mah-Lol. Os dois irmãos mais velhos foram discretamente envenenados no início da idade adulta quando ficou claro que não herdaram a perspicácia do pai. Mah-Lol era mesmo filho de seu pai, muito inteligente, excepcionalmente bem educado, e tinha toda a astúcia e crueldade necessárias para se sentar no trono de um Rei Mercador. Porém, para minha grande alegria, ele não tinha o menor conhecimento de meu dom. A doença de Lol-Than não o deixou em condições de instruir o filho quanto à natureza do meu papel na corte. Para Mah-Lol, eu era apenas um secretário de confiança incomum, e ele tinha seu próprio homem para esse cargo. Fui transferido para um cargo de escriturário nos depósitos do palácio, saí de meus belos aposentos e passei a receber uma fração do salário que recebia antes. Aparentemente esperavam que eu me matasse pela vergonha de não estar mais nas graças reais, como muitos dos servos de Lol-Than fizeram no momento em que se tornaram redundantes. Em vez disso, eu simplesmente parti, dizendo ao guarda no portão do palácio que tinha assuntos a tratar na cidade. Ele mal olhou para mim quando saí. Eu estava com vinte e dois anos e pela primeira vez era um homem livre. Foi o momento mais doce de minha vida.

"A liberdade transformou minha canção, fez com que aumentasse de intensidade, buscando maravilhas e novidades. Segui sua música por toda a extensão do reino de Mah-Lol e além. Ela me guiou até um escultor em uma pequena aldeia no alto das montanhas, o qual, por não ter filhos ou aprendizes, concordou em me ensinar sua arte. Acho que ele ficou perturbado com a rapidez com que eu aprendia, para não falar na qualidade incomum do meu trabalho, e pareceu aliviado quando ficou claro que ele não tinha mais nada a me

ensinar e segui em frente.

"A canção me guiou até um porto, onde embarquei em um navio para o leste. Passei os vinte anos seguintes viajando e trabalhando, de cidade em cidade, de vila em vila, deixando minha marca em casas, palácios e templos. Passei um ano no seu Reino, esculpindo gárgulas para o castelo de um lorde nilsaelino. Nunca me faltou nada. Em tempos de escassez, a canção me guiava até comida e trabalho; quando eu ficava sobrecarregado, ela buscava paz e solidão. Nunca a questionei, nunca resisti a ela. Cinco anos atrás ela me guiou até aqui, onde Shoala, minha adorável esposa, estava lutando para manter aberta a oficina de seu falecido pai. Ela tinha as habilidades, mas os alpiranos mais ricos não gostam de negociar com mulheres. Estou aqui desde então. Minha canção nunca indicou uma necessidade de seguir em frente, pela qual sou grato."

— Nem mesmo agora? — admirou-se Vaelin. — Com a Mão Vermelha na cidade?

— Sua canção ficou mais intensa quando você soube que a doença estava aqui?

Vaelin lembrou-se do desespero que sentiu ao contemplar o destino provável da Irmã Gilma, mas percebeu que não havia sido influenciado pela canção do sangue.

— Não. Não, não ficou. Isso significa que não há perigo?

— Não exatamente. Significa que, por qualquer que seja a razão, é aqui que nós dois devemos estar.

— Este é... — Vaelin procurou as palavras certas. — Nosso destino?

Ahm Lin encolheu os ombros.

— Quem pode dizer, irmão? De destinos só sei dizer que vi muitas coisas aleatórias e inesperadas na minha vida a ponto de duvidar que exista tal coisa. Nós fazemos o nosso próprio caminho, mas com a canção

para nos guiar. Lembre-se de que sua canção é você. Você pode cantá-la assim como ouvi-la.

— Como? — Vaelin reclinou-se para frente, embaraçado pela sede de conhecimento que sabia estar evidente em sua voz. — Como eu canto?

Ahm Lin gesticulou para a bancada, onde ainda se encontrava o bloco parcialmente esculpido de Vaelin, intocado desde sua primeira visita.

— Você já começou. Tenho a impressão de que você vem cantando há muito tempo, irmão. A canção pode nos fazer ir em busca de muitas ferramentas diferentes: a pena, o cinzel... ou a espada.

Vaelin olhou para sua espada, apoiada na borda da mesa, ao seu alcance. *É isso o que tenho feito todos esses anos? Abrindo à força meu caminho pela vida? Todo o sangue derramado e todas as vidas tiradas, apenas versos em uma canção?*

— Por que você não terminou a escultura? — perguntou Ahm Lin.

— Se eu pegar de novo o martelo e o cinzel, não vou largá-los até que esteja terminada. E nossa situação atual exige minha total atenção. — Ele sabia que isso era verdade apenas em parte. As feições parcialmente entalhadas que brotavam do bloco começaram a assumir uma familiaridade perturbadora, ainda não reconhecível, mas suficiente para que chegasse à conclusão de que a versão finalizada seria um rosto que ele conhecia. Com certa perversidade, a chegada da Mão Vermelha fora uma desculpa bem-vinda para adiar o momento da clareza derradeira.

— Não é aconselhável ignorar a canção, irmão — advertiu Ahm Lin. — Lembra-se das dores que eu causei quando o chamei pela primeira vez? Por que acha que aquilo aconteceu?

— A minha canção estava silenciosa.

— Isso mesmo. E por que ela estava silenciosa?

O pescoço frágil do Rei... Os segredos perigosos da prostituta...

— Ela me pediu para fazer algo, algo terrível. Quando não pude fazê-lo, minha canção silenciou. Achei que ela havia me abandonado.

— Sua canção é sua proteção assim como seu guia. Sem ela, você é vulnerável a outros que podem fazer o mesmo que nós, como a mulher volariana. Acredite, irmão, você não gostaria de estar vulnerável a ela.

Vaelin olhou para o bloco de mármore, observando o perfil irregular do rosto ainda informe.

— Quando o *Falcão Vermelho* retornar — disse ele. — Será quando a terminarei.

Vinte dias após a partida do *Falcão Vermelho*, os marinheiros se rebelaram, escapando das prisões improvisadas no distrito dos armazéns, matando os guardas que os vigiavam e rumando para as docas em um ataque bem planejado. A resposta de Caenis foi imediata: ordenou que duas companhias de Lobos Corredores defendessem as docas e destacou os homens do Conde Marven para isolar as ruas ao redor. Os arqueiros cumbraelinos foram colocados nos telhados, de onde mataram dezenas de marinhos enquanto o ataque às docas vacilava diante da resistência disciplinada, fazendo com que voltassem aos tropeços para a cidade. Caenis ordenou um contra-ataque imediato, e a breve porém sangrenta revolta estava praticamente encerrada quando Vaelin chegou ao local.

Encontrou Caenis lutando com um meldeneano imenso; o homenzarrão brandia um porrete tosco contra o ágil irmão que dançava à sua volta, deixando cortes nos braços e no rosto do oponente enquanto dançava em volta dele.

— Desista! — ordenou, a lâmina cortando o braço do homem. — Está acabado!

O meldeneano deu um urro de fúria e dor e redobrou os esforços, seu porrete ineficaz encontrando apenas o ar enquanto Caenis continuava sua dança implacável. Vaelin tirou o arco do ombro, colocou uma flecha na corda e atravessou o pescoço do meldeneano com ela a uma distância de quarenta passos. Um de seus melhores disparos.

— Não é hora para meias medidas, irmão — disse a Caenis, passando por cima do corpo do meldeneano e desembainhando a espada. Dentro de uma hora estava tudo acabado; quase duzentos marinheiros estavam mortos e no mínimo a mesma quantidade estava ferida. Os Lobos Corredores perderam quinze homens, dentre eles o ex-batedor de carteiras conhecido como Dedos Leves, um dos trinta escolhidos originais da época que passaram na Martishe. Levaram os marinheiros de volta aos armazéns e Vaelin ordenou que os capitães sobreviventes fossem levados até as docas. Cerca de quarenta homens, todos com as feições embrutecidas e curtidas comuns a capitães marinhos. Foram enfileirados no cais, ajoelhados diante dele com os braços amarrados, e a maioria o encarava com medo ressentido ou franco desafio.

— Suas ações foram estúpidas e egoístas — disse-lhes Vaelin. — Se vocês tivessem chegado aos seus navios, teriam levado a praga para uma centena de outros portos. Perdi homens bons nesta farsa patética. Eu poderia executar todos vocês, mas não farei isso. — Ele gesticulou para o porto, onde os muitos navios da frota mercantil da cidade estavam ancorados. — Dizem que a alma de um capitão está em seu navio. Vocês mataram quinze dos meus homens. Exijo quinze almas como compensação.

Foi necessário muito tempo para que diversos

membros da Guarda do Reino rebocassem a remo as embarcações para longe do porto e as ancorassem em alto-mar, espalhando piche nos conveses e encharcando as velas e cordames com óleo de lamparina. Os arqueiros de Dentos terminaram o serviço com saraivadas de flechas incendiárias, e ao cair da noite quinze navios queimavam, as chamas altas expelindo brasas na direção do céu estrelado e iluminando o mar num raio de quilômetros.

Vaelin olhou para os capitães, sentindo uma satisfação aborrecida pela tristeza em seus rostos curtidos, alguns com lágrimas brilhando nos olhos.

— Repitam essa tolice — disse ele — e mandarei amarrá-los e suas tripulações aos mastros antes de queimar o resto da frota.

Pela manhã, Vaelin encontrou o Governador Aruan no portão da mansão. Não havia sinal de Irmã Gilma e ele sentiu uma garra gélida de medo agarrar-lhe as entranhas.

— Onde está minha irmã? — perguntou.

O rosto do governador que já fora gordo agora estava flácido devido à preocupação e uma perda de peso repentina, embora não exibisse sinais da Mão Vermelha. Seu olhar estava cauteloso e a voz seca.

— Ela sucumbiu ontem ao anoitecer, muito mais depressa do que minha filha ou sua criada. Lembro-me de minha mãe dizer que era assim que acontecia com a doença, anos atrás. Alguns resistem por dias, até mesmo semanas, outros definham em questão de horas. Sua irmã não deixou que eu chegasse perto de minha filha, insistiu em cuidar dela sozinha. Meus criados e eu fomos proibidos até mesmo de pisarmos naquela ala da mansão. Ela disse que era necessário para deter a disseminação da doença. Na noite

passada, encontrei-a caída nas escadas, quase inconsciente. Ela me proibiu de tocá-la e arrastou-se sozinha de volta para o quarto de minha filha... — Sua voz sumiu à medida que o rosto de Vaelin foi ficando sombrio.

— Eu falei com ela ontem — disse ele, estupidamente. Procurou no rosto do governador algum sinal de que o homem podia estar enganado, encontrando apenas pesar. — Ela está morta?

O governador assentiu.

— A criada também. No entanto, minha filha ainda resiste. Queimamos os corpos, como sua irmã havia instruído.

Vaelin se viu agarrando o portão de ferro batido com tanta força que os nós dos dedos ficaram esbranquiçados. *Gilma... Gilma dos olhos brilhantes, sorridente. Morta e entregue ao fogo em questão de horas, enquanto eu perdia tempo com aqueles marinheiros idiotas.*

— Ela disse alguma coisa? — perguntou. — Deixou algum testamento?

— Ela definhou muito rápido, meu senhor. Pediu para lhe dizer que continuasse a seguir suas instruções e que o senhor tornará a vê-la no Além.

Vaelin olhou atentamente para o rosto do governador. *Ele está mentindo. Ela não disse nada. Apenas adoeceu e morreu.* Entretanto, sentiu-se grato pelo engodo.

— Obrigado, meu senhor. Necessita de alguma coisa?

— Um pouco mais de unguento para as brotoejas de minha filha. Talvez algumas garrafas de vinho. Mantêm os criados felizes, e nosso estoque está acabando.

— Cuidarei disso. — Soltou as mãos do portão e se virou para partir.

— Houve um grande incêndio durante a noite — disse o governador. — Em alto-mar.

— Os marinheiros se rebelaram, tentaram escapar.

Queimei alguns navios como punição.

Ele esperava algum tipo de censura, mas o governador simplesmente balançou a cabeça.

— Uma resposta adequada. Contudo, aconselho-o a compensar a Guilda Mercantil. Comigo confinado aqui, ela é a única autoridade civil na cidade, e é melhor não hostilizá-la.

Vaelin estava mais inclinado a açoitar qualquer mercador que cometesse o erro de erguer a voz onde ele pudesse ouvir, mas, em meio ao torpor da tristeza, viu a sabedoria nas palavras do governador.

— Vou compensá-la. — Por alguma razão ele parou, sentindo-se compelido a acrescentar algo, alguma recompensa pelas mentiras bondosas do governador. — Não ficaremos aqui por muito tempo, meu senhor. Talvez mais alguns meses. Haverá sangue e fogo quando o exército do Imperador chegar, mas, vencendo ou perdendo, partiremos logo e essa cidade será sua novamente.

A expressão do governador era uma mistura de perplexidade e raiva.

— Então por que, em nome de todos os deuses, vocês vieram para cá?

Vaelin voltou o olhar para a cidade. A luz do sol matutino caía sobre as casas e ruas vazias lá embaixo. O oceano cintilava com ondas douradas de topos brancos que iam de encontro à costa e o céu acima era de um azul sem nuvens... e Irmã Gilma estava morta, junto com milhares de outros e milhares que ainda morreriam.

— Há algo que preciso fazer — disse ele, indo embora.

Vaelin encontrou Dentos no alto do farol na extremidade do molhe que formava a ponta esquerda da entrada do porto. Ele estava sentado com as pernas penduradas

para fora da borda do topo plano do farol, olhando para o mar e bebendo de um cantil de Amigo de Irmão. Seu arco estava largado ao lado, a aljava vazia. Vaelin sentou-se ao lado dele e Dentos lhe passou o cantil.

— Você não apareceu para ouvir as palavras por nossa irmã — disse ele, tomando um pequeno gole e devolvendo o cantil, fazendo uma careta quando a mistura de licor e flor rubra desceu queimando pela garganta.

— Falei minhas próprias palavras — murmurou Dentos. — Ela me ouviu.

Vaelin olhou para a base do farol, onde numerosas gaivotas mortas boiavam na água, cada uma trespassada por uma única flecha.

— Parece que as gaivotas também ouviram.

— Tava praticando — disse Dentos. — Mas são uns carniceiros imundos. Fazem um barulho maldito, não suporto elas. Meu tio Groll chamava elas de falcões cagões. Ele era marinheiro. — Deu uma risada grunhida e tomou outro gole. — Posso ter matado ele ontem à noite. Não lembro direito da aparência do desgraçado.

— Quantos tios você tem, irmão? É algo que sempre me perguntei.

O rosto de Dentos se anuviou e ele não disse nada por um longo tempo. Quando finalmente falou, havia um tom melancólico em sua voz que Vaelin não tinha ouvido antes.

— Nenhum.

Vaelin franziu o cenho, surpreso.

— E quanto àquele dos cães de luta? E o que ensinou você a usar o arco...

— Aprendi a usar o arco sozinho. Havia um mestre caçador na nossa aldeia, mas ele não era meu tio, nem aquele bosta cruel dos cachorros. Nenhum deles era. — Olhou para Vaelin e deu um sorriso triste. — Minha querida mãe era a prostituta da aldeia, irmão. Ela

chamava os muitos homens que vinham até a nossa porta de meus tios, fazia eles serem gentis comigo, ou não iriam para a cama com ela. Qualquer um deles podia ser meu pai, afinal de contas. Nunca descobri qual deles era, e não dou a mínima. Eram um bando de imprestáveis.

“Prostituta ou não, minha mãe sempre fez o melhor que pôde por mim. Nunca passei fome e sempre tinha alguma roupa no corpo e sapatos nos pés, ao contrário da maioria das outras crianças da aldeia. Já era ruim ser o filho de prostituta, pior ainda ser um filho de prostituta invejado. Todos sabiam que meu pai podia ser um dos trinta e tantos homens da aldeia, então as outras crianças me chamavam de ‘Bastardo de quem?’. Eu tinha quatro anos quando ouvi pela primeira vez. ‘Bastardo de quem? Bastardo de quem? Onde conseguiu esses sapatos, Bastardo de quem?’ Isso continuou ano após ano. Havia um garoto, o filho do Tio Bab; era um merdinha, sempre o primeiro a começar a gritar. Um dia, ele e a turma dele começaram a jogar coisas em mim, algumas afiadas. Me cortei todo, fiquei furioso. Então peguei meu arco e meti uma flecha na perna daquele garoto. Não posso dizer que senti pena vendo ele sangrar e chorar e se debater. Depois disso...”, ele encolheu os ombros, “eu não podia ficar mais lá. Ninguém ia aceitar como aprendiz o bastardo da prostituta, ainda mais um bastardo perigoso, então minha mãe me mandou pra Ordem. Ainda me lembro dela chorando quando a carroça me levou embora. Nunca voltei pra lá.”

Vendo-o beber do cantil, Vaelin ficou espantado com o quão envelhecido Dentos parecia estar. Linhas fundas marcavam sua testa e o cabelo curto tinha alguns fios grisalhos prematuros nas têmporas. Anos de batalhas e uma vida árdua o envelheceram, e sua tristeza pela Irmã Gilma era palpável. De todos os irmãos, era dele

que ela havia sido mais próxima. *Quando voltarmos para o Reino, vou pedir ao Aspecto que lhe dê um posto na Casa da Ordem*, decidiu Vaelin, e então percebeu que eram grandes as chances de nenhum deles voltar a ver o Reino. Tudo o que tinha para oferecer a Dentos eram ainda mais oportunidades de um fim sangrento. Seus pensamentos se voltaram para o bloco de mármore que o aguardava na oficina de Ahm Lin e ele soube que havia postergado por tempo demais. Era hora de fazer aquilo para o qual havia sido enviado ali. Se pudesse terminar antes que o exército alpirano chegasse, então talvez outra carnificina poderia ser evitada, se estivesse disposto a pagar o preço.

Levantou-se, tocando no ombro de Dentos em despedida.

— Tenho assuntos...

Os olhos cansados de Dentos se iluminaram de repente de excitação e ele apontou um dedo para o horizonte.

— Uma vela! Está vendo, irmão?

Vaelin levou as mãos aos olhos e olhou para o mar. Era um ponto minúsculo, uma mancha cinzenta entre a água e o céu, mas não havia dúvida de que era uma vela. O *Falcão Vermelho* retornara.

O Capitão Nurin foi o primeiro a desembarcar, a exaustão visível no rosto magro e curtido, mas a luz do triunfo ardia nos olhos, junto com a cobiça da qual Vaelin se lembrava tão bem do primeiro encontro com o homem.

— Vinte e um dias! — disse ele, exultante. — Achei que não seria possível tão perto do fim do ano, mas Udonor ouviu nossas preces e nos presenteou com os ventos. Teriam sido dezoito dias se não tivéssemos que ficar tanto tempo em Varinshold ou transportar tantos

passageiros na volta.

— Tantos passageiros? — perguntou Vaelin. Tinha o olhar fixo na prancha de desembarque, esperando que uma forma esguia de cabelos escuros aparecesse a qualquer momento.

— Nove, ao todo. Embora eu não faça ideia por que uma garota que mal chega aos meus ombros precisa de sete homens para vigiá-la.

Vaelin virou-se para ele, franzindo o cenho.

— Guardas?

Nurin encolheu os ombros, gesticulando para a prancha.

— Veja você mesmo.

O homem corpulento que descia a prancha tinha um rosto largo e bruto, não melhorado pela careta que fez ao olhar para Vaelin e os Lobos Corredores ao redor. Ainda mais desconcertante era o fato de que ele usava o manto negro da Quarta Ordem e uma espada no cinto.

— Irmão Vaelin? — perguntou ele em um tom seco, sem qualquer civilidade.

Vaelin assentiu, a crescente inquietação acabando com qualquer vontade de oferecer um cumprimento.

— Irmão Comandante Iltis — apresentou-se o homem de manto negro. — Companhia de Proteção da Fé da Quarta Ordem.

— Nunca ouvi falar de você — disse Vaelin. — Onde está a Irmã Sherin e o Irmão Frentis?

O Irmão Iltis piscou, claramente não acostumado a ser desrespeitado.

— A prisioneira e o Irmão Frentis estão a bordo. Temos alguns assuntos a discutir, irmão. Certos preparativos precisam ser feitos...

Vaelin ouviu apenas uma palavra.

— Prisioneira? — Sua voz saiu baixa, mas estava ciente da ameaça contida nela. O Irmão Iltis piscou mais

uma vez, a carranca dando lugar a um cenho franzido pela incerteza. — Que... prisioneira?

O som de madeira rangendo fez com que voltasse a olhar para o navio. Outro irmão da Quarta Ordem, também armado com uma espada, conduzia uma jovem mulher de cabelos escuros por uma corrente presa a manilhas nos pulsos dela. Sherin estava mais pálida do que ele se lembrava, e também um tanto mais magra, mas o sorriso franco e radiante que iluminou seu rosto quando seus olhos se encontraram continuava o mesmo. Outros cinco irmãos a seguiram até o cais, posicionando-se de cada lado dela e encarando Vaelin e os Lobos Corredores com uma fria desconfiança. O último a descer foi Frentis, com o rosto tomado pela vergonha, evitando olhar diretamente para Vaelin.

— Irmã. — Vaelin andou na direção de Sherin, mas viu seu caminho ser bloqueado de repente por Iltis.

— A prisioneira está proibida de falar com os Fiéis, irmão.

— Saia da minha frente! — ordenou Vaelin, pronunciando cada palavra com precisão.

Iltis empalideceu a olhos vistos, mas não saiu do lugar.

— Tenho minhas ordens, irmão.

— O que é isso? — perguntou Vaelin, a fúria lhe subindo ao peito. — Por que nossa irmã está acorrentada assim?

Atrás de Iltis, Sherin ergueu os punhos com os ferros, fazendo uma careta pesarosa.

— Lamento que você tenha que me ver a ferros de novo...

— A prisioneira não falará sem permissão! — berrou Iltis, voltando-se para ela e puxando a corrente com força, as manilhas esfolando a pele de Sherin, produzindo uma careta de dor. — A prisioneira não macular os ouvidos dos Fiéis com suas heresias ou

traições!

Sherin olhou para Vaelin, implorando.

— Não o mate, por favor!

CAPÍTULO SETE

Vaelin podia ver que ela estava brava. Sherin tinha uma expressão rígida no rosto e evitou olhar nos olhos dele enquanto subiam o caminho até a mansão do governador, o baú carregado de curativos dela pesando em seu ombro.

— Eu não o matei — disse Vaelin, quando o silêncio ficou insuportável.

— Porque o Irmão Frentis deteve você — retorquiu ela, olhando para ele.

Ela estava certa, é claro. Se Frentis não o tivesse detido, ele teria continuado a espancar o Irmão Iltis até a morte no cais. Os outros irmãos da Quarta Ordem tiveram a insensatez de tentar sacar suas armas quando o primeiro soco de Vaelin derrubara o homem no chão, e logo se viram desarmados pelos Lobos Corredores que os cercavam. Eles só podiam assistir impotentes enquanto Vaelin continuava a socar o rosto cada vez mais ensanguentado e deformado de Iltis, surdo aos apelos de Sherin e desistindo apenas quando Frentis o puxou para longe.

— O que significa isso? — rosnou ele, soltando-se. — Como você pôde permitir isso?

Frentis parecia mais envergonhado e miserável do que Vaelin podia se lembrar.

— Ordens do Aspecto, irmão — respondeu ele com um sussurro.

— Com licença! — Sherin sacudiu as correntes, olhando irritada para Vaelin. — Acha que pode me soltar para que eu possa cuidar de nosso irmão antes que ele

sangre até a morte?

E assim ela cuidou do Irmão Comandante Iltis, ordenando que pegassem seu baú no navio e aplicando bálsamos e unguentos nos cortes antes de costurar o talho que Vaelin deixara em sua fronte quando bateu sua testa contra os paralelepípedos. Ela trabalhou em silêncio, as mãos habilidosas agindo com a eficiência de que Vaelin se lembrava, mas havia uma severidade em seus movimentos que indicavam uma raiva contida.

Ela não gostou de ver, compreendeu Vaelin. *Não gostou de ver o matador em mim.*

— Leve esses homens para a prisão — disse a Frentis, gesticulando para os irmãos da Quarta Ordem. — Se causarem algum problema, chicoteie-os.

Frentis assentiu, hesitante.

— Irmão, sobre a irmã...

— Conversaremos mais tarde, irmão.

Frentis assentiu de novo e afastou-se para cuidar dos prisioneiros.

Ali perto, o Capitão Nurin pigarreou.

— O quê? — perguntou Vaelin.

— Sua palavra, meu senhor — disse o capitão. Ficara enervado pela demonstração de violência, mas se recusava a ser intimidado, forçando-se a encontrar o olhar de Vaelin. — O nosso acordo, feito diante de testemunhas.

— Oh. — Vaelin arrancou do cinto o saco com o vitríolo azul e o jogou para Nurin. — Gaste-o com sabedoria. Sargento!

O sargento dos Lobos Corredores ficou em posição de sentido.

— Meu senhor!

— O Capitão Nurin e sua tripulação ficarão detidos com os outros marinheiros. Vasculhe bem o navio para se certificar de que não há ninguém escondido a bordo.

O sargento bateu continência e se afastou, gritando

ordens.

— Detido, meu senhor? — Nurin tirou relutante os olhos do vitríolo azul que agora segurava bem firme na mão. — Mas eu tenho negócios urgentes...

— Tenho certeza que tem, capitão. Contudo, devido à presença da Mão Vermelha na cidade, é preciso que você fique conosco mais um pouco.

A cobiça nos olhos do capitão transformou-se de súbito em medo, e ele recuou alguns passos.

— A Mão Vermelha? Aqui?

Vaelin voltou-se para a Irmã Sherin, observando ela amarrar a sutura e cortar a sobra dos fios com uma tesoura pequena.

— Sim — murmurou ele. — Mas suspeito que não por muito tempo.

— Eu lhe disse uma vez — continuou Sherin, quando pararam no caminho para a mansão do governador — que ninguém vai morrer por minha causa. E eu falava sério, Vaelin.

— Sinto muito — disse ele, surpreso com sua sinceridade. Ele a magoara, fizera ela sentir cada golpe que acertou em Iltis, fizera ela ver o matador.

Sherin suspirou, e um pouco da raiva desapareceu de seu rosto.

— Fale-me sobre a Mão Vermelha. Quantos morreram?

— Até agora, apenas a Irmã Gilma e uma criada na mansão do governador. A filha dele ainda resiste, embora possa ter morrido a essa altura.

— Nenhum outro caso? Nenhum sinal da doença em outras partes da cidade?

Ele sacudiu a cabeça.

— Seguimos as instruções da Irmã Gilma ao pé da letra.

— Então ela pode ter salvado a cidade por agir tão depressa.

Eles chegaram ao portão da mansão, onde um dos

guardas tocou o sino para chamar o governador. Vaelin olhou para as janelas escuras da mansão enquanto esperavam. Desde a morte de Irmã Gilma, o lugar passara a ter um aspecto sinistro, piorado pela aparência desmazelada dos jardins abandonados. Chegou a imaginar que ninguém responderia ao toque do sino, pois a Mão Vermelha finalmente saíra de controle na casa, deixando-a uma casca vazia à espera do fogo. Sentiu vergonha ao se pegar quase esperando que estivesse acabado: sem surtos em outras partes da cidade, o flagelo poderia terminar ali e não haveria necessidade de colocar Sherin em perigo.

— Aquele é o governador? — perguntou ela.

— O próprio. — A esperança vergonhosa de Vaelin desapareceu quando a forma corpulenta do Governador Aruan saiu da mansão. — Ele nos odeia, mas ama a filha. Foi como o convenci a entregar a cidade.

— Você ameaçou a menina? — Sherin olhou boquiaberta para ele. — Pela Fé, essa guerra transformou você em um monstro.

— Eu não iria machucá-la...

— Não diga mais nada, Vaelin. — Ela sacudiu a cabeça, os olhos fechados de desgosto, e deu as costas para ele. — Apenas pare de falar, por favor.

Permaneceram em um silêncio glacial enquanto o governador se aproximava, os guardas tendo o escrúpulo de olhar para outro lado e Vaelin sentindo a raiva de Sherin como uma faca. Quando o governador chegou, Vaelin fez as apresentações e enfiou a chave no cadeado pesado que trancava o portão.

— Ela está enfraquecendo — disse Aruan, abrindo o portão, a voz tomada de esperança e desespero. — Ontem à noite ela ainda estava falando, mas esta manhã...

— Então é melhor não perdermos tempo, meu senhor. Se puder me ajudar com isto.

Vaelin colocou o baú no chão e a Irmã Sherin e o governador o ergueram juntos e voltaram para a mansão. Ela não se despediu.

— Quanto tempo isso vai levar, irmã? — perguntou Vaelin.

Ela parou e olhou para trás, sem qualquer emoção no rosto.

— Os curativos necessitam de várias horas de preparação. Assim que forem administrados, a melhora deve ser imediata. Volte de manhã. — Ela lhe deu as costas de novo.

— Por que você estava acorrentada? — perguntou ele, antes que ela pudesse ir embora. — Por que estava sob vigia?

Sherin não se virou, e sua resposta foi tão baixa que ele quase não a ouviu.

— Porque eu tentei salvar você.

Ele dispensou os guardas e sentou-se para esperar, acendendo uma fogueira e enrolando-se no manto; a chegada do inverno trazia um vento frio do mar. As horas se arrastaram enquanto ponderava sobre as palavras de Sherin e lamentava a raiva da irmã. *Eu tentei salvar você...*

Frentis apareceu quando o sol estava se pondo, sentou-se do outro lado da fogueira e botou mais lenha no fogo. Vaelin ergueu a cabeça, mas não disse nada.

— O Irmão Comandante Iltis vai viver — disse Frentis, com um tom deliberadamente brando. — Uma pena. Ainda não consegue falar, só grunhir e gemer, por causa do maxilar. Não se perde muito. Ouvi o suficiente da conversa fiada dele durante a viagem.

— Você disse que o Aspecto ordenou que você permitisse que ela fosse tratada daquela maneira — disse Vaelin. — Por quê?

A expressão de Frentis era de dor, relutando em compartilhar o que sabia que seriam informações indesejáveis.

— A Irmã Sherin foi condenada como traidora do Reino e Negadora da Fé.

Sherin na Fortaleza Negra. A simples ideia fez com que fosse dominado por ondas de culpa e preocupação. *O que ela sofreu lá?*

— Fui direto ver a Aspecto Elera quando atracamos — continuou Frentis. — Como você mandou. Quando ela ouviu o que eu tinha para dizer, fomos até o Aspecto Arlyn. Ele conseguiu convencer o Rei a libertar a irmã do palácio.

— Do palácio? Ela não estava na Fortaleza Negra?

— Parece que ela foi mantida lá quando a Quarta Ordem a prendeu, mas a Princesa Lyrna a tirou do lugar. Aparentemente ela simplesmente entrou pisando firme e exigiu a libertação da irmã sob custódia dela. O diretor pensou que ela estava agindo sob ordens do Rei, então entregou a Irmã Sherin. Segundo rumores, o Aspecto Tendris teve um acesso quando ficou sabendo, mas não havia muito o que pudesse fazer. A Irmã Sherin ainda era prisioneira, de qualquer forma. Apenas tinha uma prisão melhor.

— O que ela poderia ter feito que pudesse ser considerado traição, o que dirá negação da Fé?

— Ela falou contra a guerra. E não só uma vez. Muitas vezes, para qualquer um que escutasse. Disse que a guerra era baseada em mentiras e contrária à Fé. Disse que você e todos nós fomos mandados para as nossas mortes por nenhuma razão decente. Não teria importado muito se tivesse sido uma pessoa qualquer berrando essas coisas, mas ela é bem conhecida nas partes mais pobres da cidade, além de gostarem muito dela por todas as pessoas que ajudou. Quando ela falava, as pessoas escutavam. Parece que nem o Rei,

nem a Quarta Ordem gostaram do que ela tinha para dizer.

Mais maquinações do velho? Vaelin pensou consigo mesmo. Talvez ele soubesse de sua ligação com Sherin e a prisão dela tenha sido outro modo de fazer pressão. Achou improvável; Janus já havia garantido sua obediência. A prisão de Sherin parecia um ato que teve origem simplesmente no medo. A guerra do Rei não podia ser comprometida por uma voz discordante. Vaelin conhecia bem a crueldade do Rei, mas prender publicamente uma irmã estimada da Quinta Ordem estava longe de ser o tipo de atitude sutil e insidiosa que preferia tomar. *Ele deve ter tentado outra coisa,* concluiu Vaelin. *Outro modo de silenciá-la ou de comprar sua lealdade. Então ela tivera a força para resistir ao Rei, ao contrário de mim.*

— O Rei só concordou em soltar Sherin com a condição de que ela fosse acorrentada e vigiada constantemente — prosseguiu Frentis. — Ela também foi proibida de falar com qualquer pessoa sem permissão. — Frentis tirou um envelope do manto e o estendeu a Vaelin. — Os detalhes estão aqui. O Aspecto Arlyn disse que devíamos segui-los...

Vaelin pegou o envelope e o jogou no fogo, assistindo a cera do selo real borbulhar e escorrer por entre as chamas.

— Parece que o Rei suspendeu a sentença da Irmã Sherin e ordenou sua soltura imediata — disse a Frentis, em um tom que não dava brechas para discussões. — Em reconhecimento por seus longos anos de serviço ao Reino e à Fé.

Os olhos de Frentis fitaram o envelope agora carbonizado, mas não se demoraram nele.

— É claro, irmão. — Ele se agitou, nervoso, claramente considerando se devia dizer algo mais.

— Qual o problema, irmão? — perguntou Vaelin,

cansado.
— Teve uma garota que foi até o porto quando estávamos nos preparando para partir. Perguntou se eu podia lhe entregar isto. — Tirou de novo a mão do manto, segurando um pequeno pacote envolto em papel simples. — Ela era uma belezinha. Quase me fez lamentar ter entrado para a Ordem.
Vaelin pegou o pacote, abriu e encontrou dois blocos finos de madeira, amarrados juntos com uma fita de seda azul. Dentro havia uma invernália, achatada em um cartão branco.
— Ela disse algo?
— Apenas que queria lhe agradecer. Não disse pelo quê.
Vaelin ficou surpreso ao encontrar um sorriso nos lábios.
— Obrigado, irmão. — Amarrou de novo a fita e guardou os blocos no bolso. — Por acaso trouxe alguma comida com você? Estou faminto.
Frentis desceu a colina e voltou meia hora depois com Caenis, Barkus e Dentos, cada um carregando provisões e sacos de dormir.
— Faz semanas que não durmo sob as estrelas — comentou Caenis. — Sinto falta disso.
— Oh, e como — disse Barkus, arrastando as palavras. — Minhas costas sem dúvida sentiram falta dos prazeres da terra dura e das chuvas repentinas.
— Vocês não têm trabalho a fazer? — indagou Vaelin.
— Decidimos fugir dele, *meu senhor* — respondeu Dentos. — Vai nos chicotear?
— Vai depender do tipo de comida que trouxeram.
Eles assaram um pernil de cabra sobre a fogueira e dividiram pão e tâmaras. Dentos abriu uma garrafa de vinho tinto cumbraelino e a passou entre eles.
— É a última — disse ele, com voz pesarosa. — Fiz o Sargento Gallis empacotar vinte garrafas antes de

partirmos.

— Os homens parecem beber mais em épocas de guerra — comentou Caenis.

— Não imagino por quê — resmungou Barkus.

Por um momento, quase pareceu como há tantos anos, quando Mestre Hutril os levava para a floresta e acampavam, e os garotos contavam histórias e piadas em volta da fogueira. Mas agora restavam poucos deles, e o humor tinha um toque de amargura. Até mesmo Frentis, que ao seu modo era a alma mais sem malícia entre eles, começava a ficar propenso ao cinismo, deleitando os irmãos com a notícia de que as masmorras estavam mais uma vez vazias, na tentativa do Rei de acrescentar ainda mais regimentos à Guarda do Reino.

— Mais degoladores prontos para serem degolados.

— Parece apropriado — disse Caenis. — Aqueles que violaram a paz do Rei devem ser obrigados a pagar por isso. Que melhor maneira de fazer isso do que servir na guerra? E tenho que dizer que antigos foras da lei dão soldados excelentes.

— Não têm ilusões — concordou Barkus. — Não têm expectativas. Quando se passa a vida toda vivendo com dificuldade, a vida de soldado não parece tão ruim.

— Pergunte aos pobres coitados que deixamos para trás na Colina Sangrenta o quanto gostaram de terem tido uma vida de soldado — disse Dentos.

Barkus deu de ombros.

— Vida de soldado geralmente significa morte de soldado. Pelo menos eles são pagos. O que ganhamos?

— A chance de servir a Fé — interveio Frentis. — É o suficiente para mim.

— Ah, mas você ainda é jovem, de mente e corpo. Mais um ou dois anos e você vai atrás do Amigo de Irmão para calar aquelas perguntas desagradáveis, como o resto de nós. — Barkus virou a garrafa na boca,

fazendo uma careta de desapontamento quando as últimas gotas pingaram do gargalo. — Pela Fé, queria estar bêbado — resmungou ele, arremessando a garrafa para a escuridão.

— Você não acredita, então? — prosseguiu Frentis. — Pelo o que estamos lutando?

— Estamos lutando para que o Rei possa dobrar o que recebe de impostos, ó moleque inocente. — Barkus tirou do manto um frasco de Amigo de Irmão e tomou um longo gole. — Assim está melhor.

— Não pode ser isso — protestou Frentis. — Digo, sei que toda aquela conversa sobre os alpiranos roubarem crianças era besteira, mas estamos trazendo a Fé para cá, certo? Essa gente precisa de nós. Foi por isso que o Aspecto nos enviou. — Ele olhou para Vaelin. — Não é?

— É claro que é — respondeu Caenis, com a certeza de costume. — O nosso irmão vê os motivos mais ignóbeis nas ações mais puras.

— Puras? — Barkus deu uma gargalhada longa e estrondosa. — O que há de puro nisso tudo? Quantos corpos estão caídos lá no deserto por nossa causa? Quantas viúvas, órfãos e aleijados nós criamos? E quanto a este lugar? Acha que a Mão Vermelha aparecer aqui depois de capturarmos a cidade é apenas uma enorme coincidência?

— Se tivéssemos trazido a doença conosco, também teríamos sido afetados por ela — retorquiu Caenis, ríspido. — Às vezes você fala cada bobagem, irmão.

Vaelin olhou para a mansão enquanto eles continuavam a bater boca. Uma luz fraca brilhava em uma das janelas do andar superior, sombras vagas movendo-se por trás das cortinas. Sherin trabalhando, provavelmente. Sentiu uma pontada súbita de preocupação, sentindo a vulnerabilidade dela. Se o curativo dela não funcionasse, ficaria exposta à Mão Vermelha, como a Irmã Gilma. Ele a teria enviado para a

morte... e ela estava tão brava.

Vaelin levantou-se e foi até o portão, os olhos fixos no quadrado amarelo da janela, a impotência e a culpa fazendo-o sentir um aperto no peito. Viu que já estava girando a chave no cadeado. *Se funcionar, então não há perigo. Se não funcionar, não posso ficar parado aqui enquanto ela morre...*

— Irmão? — disse Caenis, com voz preocupada.

— Eu preciso... — A canção do sangue ressoou, um grito em sua mente, fazendo-o cair de joelhos. Agarrou o portão para não cair no chão, e sentiu as mãos fortes de Barkus erguê-lo.

— Vaelin? É uma recaída do que você teve antes?

Apesar da dor que fazia sua cabeça latejar, Vaelin viu que podia ficar de pé sem ajuda e que não sentia gosto de sangue na boca. Passou a mão pelo nariz e olhos, percebendo que estavam secos. *Não foi igual, mas era a canção de Ahm Lin.* Foi tomado por uma compreensão súbita, e soltou-se de Barkus, os olhos esquadrinhando a massa escura da cidade, encontrando-o rapidamente, um farol de chamas que brilhava no bairro dos artesãos. A oficina de Ahm Lin estava pegando fogo.

As chamas subiam para o céu quando eles chegaram. O teto da oficina havia desaparecido, e as vigas enegrecidas estavam envoltas em chamas. O calor era tão intenso que não conseguiam chegar a menos de dez metros da porta. Uma fileira de pessoas passava de mão em mão baldes com água tirada de um poço próximo, embora a água que jogavam naquele inferno surtisse pouco efeito. Vaelin andou pela multidão, procurando freneticamente.

— Onde está o escultor? — perguntou. — Ele está lá dentro?

As pessoas se afastavam dele, medo e hostilidade

visíveis em cada rosto. Disse a Caenis para perguntar a elas sobre o escultor e algumas mãos apontaram para um aglomerado de pessoas ali perto. Ahm Lin estava deitado na rua, a cabeça apoiada no colo da esposa, que chorava. Queimaduras lívidas reluziam em seu rosto e nos braços. Vaelin se ajoelhou ao lado dele, tocando gentilmente seu peito com a mão para ver se ele ainda respirava.

— Vá embora! — A esposa lhe deu um tapa, atingindo-o no queixo, e afastou sua mão. — Deixe-o em paz! — Ela tinha o rosto sujo de fuligem e pálido de pesar e fúria. — Culpa sua! Culpa sua, Matador do Esperança!

Ahm Lin tossiu, retorcendo-se no chão ao lutar para tomar fôlego, e abriu os olhos.

— *Nura-lah!* — soluçou sua esposa, abraçando-o. — *Erha ne almash.*

— Agradeça ao Inominável, não aos deuses — disse Ahm Lin, com a voz áspera. Seus olhos encontraram Vaelin e fez sinal para que ele se aproximasse, sussurrando-lhe no ouvido. — Meu lobo, irmão... — Suas pálpebras estremeceram e ele desmaiou; Vaelin suspirou de alívio ao ver o peito do escultor subindo e descendo.

— Leve-o para a casa da guilda — ordenou a Dentos. — Encontre um curandeiro.

Caenis se aproximou de Vaelin quando carregaram Ahm Lin dali, a esposa agarrada à mão do marido.

— Encontraram o homem que fez isso — disse ele, gesticulando para outro aglomerado de pessoas. Vaelin correu para lá, atravessou o cordão e encontrou um cadáver coberto de lesões caído no chão. Virou o corpo de barriga para cima com o pé e viu um rosto machucado e completamente desconhecido. Um rosto alpirano.

— Quem é ele? — perguntou Vaelin, passando os olhos pela multidão enquanto Caenis traduzia. Após um

momento, um homem moreno deu um passo à frente e falou algumas palavras, olhando nervoso para Vaelin.

— O escultor era estimado — informou Caenis. — Seu trabalho é considerado sagrado. Este homem não devia esperar misericórdia.

— Perguntei quem ele é — disse Vaelin por entre os dentes.

Caenis fez a pergunta ao homem em seu alpirano hesitante, mas preciso, recebendo apenas uma sacudida de cabeça como resposta. As perguntas feitas para o resto da multidão só conseguiram extrair algumas poucas informações.

— Ninguém parece saber seu nome, mas ele era criado de uma das grandes casas. Recebeu uma pancada na cabeça durante a tentativa de fuga há algumas semanas e não foi o mesmo desde então.

— Eles sabem por que ele fez isso?

A pergunta produziu um murmúrio de respostas aparentemente unânimes.

— Ele foi encontrado parado na rua, com uma tocha acesa na mão — disse Caenis. — Gritando que o escultor era um traidor. Parece que a amizade do escultor com você causou alguma indignação, mas ninguém esperava isso.

O escrutínio que Vaelin fazia da multidão foi intensificado com o auxílio da canção do sangue. *A ameaça continua. Alguém aqui teve parte nisso.*

O som de alvenaria caindo fez com que se virasse para a oficina. As paredes estavam desmoronando enquanto o fogo consumia as madeiras no interior. Sem as paredes, as diversas estátuas que havia lá dentro foram reveladas: deuses, heróis e imperadores, serenos em meio às chamas. O murmúrio da multidão tornou-se um silêncio respeitoso, com algumas vozes proferindo preces e súplicas.

Não está aqui, percebeu Vaelin, o suor acumulando

em sua testa ao se aproximar para examinar o incêndio. *O lobo desapareceu.*

Pela manhã ele procurou entre os escombros, revirando as cinzas sobre o olhar impassível dos enegrecidos, porém intactos deuses de mármore. O fogo levara horas para diminuir, apesar dos incontáveis baldes de água jogados pela população e pelos soldados. Finalmente, quando ficou claro que as casas ao redor não corriam perigo, Vaelin mandou que os esforços cessassem e deixou a oficina queimar. À medida que o alvorecer iluminava a cidade, ele procurou o bloco com seu segredo vital, encontrando apenas cinzas e alguns pedaços espalhados de mármore que podiam ter sido qualquer coisa. A canção do sangue era uma pulsação pesarosa e constante na base de seu crânio. *Nada*, pensou. *Isso tudo não serviu de nada.*

— Você parece cansado. — Sherin estava parada ali perto, envolta em um manto cinzento e pálida em meio à fumaça que ainda subia das ruínas carbonizadas. O rosto dela ainda estava cauteloso, mas Vaelin não viu raiva nele, apenas fadiga.

— Assim como você, irmã.

— O curativo funcionou. A garota vai se recuperar totalmente em alguns dias. Achei que você devia saber.

— Obrigado.

Ela fez um aceno quase imperceptível com a cabeça.

— Ainda não terminou. Precisamos ficar atentos sobre novos casos, mas estou confiante de que o surto foi contido. Mais uma semana e a cidade poderá ser reaberta.

Sherin passou os olhos pelas ruínas e então pareceu notar as estátuas pela primeira vez, detendo-se na forma imensa do homem e do leão engalfinhados em combate.

— Martual, deus da coragem — disse a ela. — Enfrentando o grande leão Inominável que devastou as planícies do sul.

Ela esticou a mão para acariciar o antebraço de musculatura irreal do deus.

— Lindo.

— Sim, é lindo. Sei que está cansada, irmã, mas eu ficaria grato se você pudesse dar uma olhada no homem que o esculpiu. Ele ficou gravemente ferido no incêndio.

— É claro. Onde posso encontrá-lo?

— Na casa da guilda, perto das docas. Providenciei aposentos para você lá. Vou lhe mostrar onde fica.

— Tenho certeza de que posso achá-la. — Ela se virou para ir e então parou. — O Governador Aruan me contou sobre a noite em que vocês tomaram a cidade, como você garantiu a cooperação dele. Acho que minhas palavras podem ter sido duras demais.

Ela o olhou nos olhos e Vaelin sentiu a dor familiar no peito, mas dessa vez ela o acalentou, desfazendo a melodia triste da canção do sangue e levando um sorriso aos seus lábios, embora os Finados soubessem que ele tinha pouco pelo que sorrir.

— Você foi libertada por ordem do Rei — disse ele. — O Irmão Frentis trouxe o documento real com as instruções.

— É mesmo? — Ela ergueu uma sobrancelha. — Posso vê-lo?

— Infelizmente, ele foi perdido. — Ele gesticulou para o caos fumegante ao redor deles como explicação.

— Não é comum você ser tão desajeitado, Vaelin.

— Não, sou desajeitado com frequência, nos meus atos e nas minhas palavras.

Um breve sorriso iluminou o rosto de Sherin antes que ela lhe desse as costas.

— Melhor eu ir ver esse seu amigo artista.

Os portões foram abertos sete dias depois. Vaelin também ordenou que os marinheiros fossem soltos, ainda que apenas uma tripulação por vez. Não causou muita surpresa quando a maioria optou por zarpar na primeira maré, e o *Falcão Vermelho* foi um dos primeiros a partir, com o Capitão Nurin instigando sua tripulação com uma urgência desesperada, como se temesse que Vaelin tentasse recuperar o vitríolo azul no último momento.

Alguns dos cidadãos mais ricos também decidiram ir embora. O medo da Mão Vermelha não desapareceu rapidamente. Vaelin conseguiu deter o antigo empregador do homem que colocou fogo na oficina de Ahm Lin, um mercador de especiarias de trajes finos, ainda que um tanto sujos, irritado por ser mantido sob vigilância no portão leste enquanto Vaelin o interrogava. Sua família e criados restantes estavam por perto, com cavalos carregados com diversos objetos de valor.

— Pelo que sei, o nome dele era Carpinteiro — disse o mercador. — Não podem esperar que eu me lembre de cada criado ao meu serviço. Pago pessoas para se lembrarem por mim. — O domínio que o homem tinha da língua do Reino era impecável, mas havia um desdém arrogante em seu tom do qual Vaelin não gostou. Contudo, o medo evidente do sujeito fez com que controlasse o ímpeto de lhe dar uma bofetada encorajadora no meio do rosto.

— Ele tinha esposa? — perguntou Vaelin. — Uma família?

O mercador encolheu os ombros.

— Acho que não. Parecia que ele passava a maior parte do tempo livre esculpindo imagens de madeira dos deuses.

— Ouvi dizer que ele se machucou, que levou um golpe na cabeça.

— A maioria de nós se machucou naquela noite. — O

mercador arregaçou uma manga de seda para mostrar um corte suturado no antebraço. — Seus homens foram bem generosos com os porretes.

— O ferimento do carpinteiro — insistiu Vaelin.

— Ele levou um golpe na cabeça, que parece que foi sério. Meus homens o carregaram de volta para casa, inconsciente. Achamos que ele já estava morto, na verdade, mas resistiu por vários dias, mal respirando. Então simplesmente acordou, sem nenhum efeito colateral. Meus criados acharam que foi obra dos deuses, uma recompensa por todas as suas esculturas. Partiu na manhã seguinte, sem dizer nada desde o momento que despertou. — O mercador olhou para trás, para onde sua família esperava, a impaciência e o medo aparentes no tremor que tinha nas mãos.

— Sei que você não foi cúmplice do ato — disse Vaelin ao mercador, saindo da frente do homem. — Boa sorte em sua viagem.

O homem já estava se afastando, gritando ordens para colocar a família na estrada.

Resistiu por dias, ponderou Vaelin, e a canção do sangue ressoou, emitindo uma nota clara de reconhecimento. Teve a sensação familiar de tatear em busca de algo, alguma resposta aos muitos mistérios de sua vida, mas mais uma vez estava além do seu alcance. Foi tomado pela frustração e a canção do sangue vacilou. *A canção é você*, dissera Ahm Lin. *Você pode cantá-la assim como ouvi-la.* Procurou acalmar-se, tentando ouvir a canção com mais clareza, tentando focalizá-la. *A canção sou eu, meu sangue, minha necessidade, meu objetivo.* A canção aumentou dentro dele, ribombando em seus ouvidos, uma cacofonia de emoções, visões borradas passando depressa demais por sua mente para serem compreendidas. Palavras ditas e inauditas surgiram em um vozerio incompreensível, mentiras e verdades misturando-se

em um redemoinho confuso.

Preciso do conselho de Ahm Lin, pensou, tentando focalizar a canção, forçando uma harmonia sobre o alarido discordante. A canção aumentou mais uma vez, e então recuou a uma única nota nítida, e houve um breve vislumbre do bloco de mármore, o cinzel continuando a tarefa com rapidez impossível, guiado por uma mão invisível, o rosto surgindo, as feições tomando forma... E então sumiu: o bloco estava enegrecido e despedaçado nas ruínas do lar do escultor.

Vaelin andou até um degrau próximo e sentou-se, cansado. Pareceu ter havido apenas uma chance de conhecer a mensagem contida no bloco. Esse verso estava concluído e ele precisava de uma nova melodia.

CAPÍTULO OITO

Vaelin foi chamado ao portão à meia-noite. Janril Norin fora mancando até seu quarto na casa da guilda para acordá-lo.

— Um número enorme de cavaleiros na planície, meu senhor — disse o menestrel. — O Irmão Caenis pediu sua presença.

Afivelou depressa a espada e montou em Cuspe, galopando até a casa da guarda em poucos minutos. Caenis já estava lá, ordenando que mais arqueiros se posicionassem nas muralhas. Subiram as escadas até as ameias superiores, onde um dos nilsaelinos do Conde Marven apontou para a planície.

— Quase quinhentos deles, meu senhor — disse o homem com uma voz estridente, alarmado.

Vaelin o acalmou com um tapinha no ombro e foi até a ameia, olhando para uma pequena hoste de cavaleiros em armaduras, o aço reluzindo em um tom claro de azul na luz fraca da lua crescente. À frente vinha uma figura corpulenta em uma armadura enferrujada, que olhou irritado para ele no alto da muralha.

— Quando é que você vai abrir esse maldito portão? — perguntou o Barão Banders. — Meus homens estão com fome e eu tenho bolhas no traseiro.

Sem a armadura, o barão era menor, mas não menos espevitado.

— Bah! — Ele cuspiu um gole de vinho no chão da sala da casa da guilda que servia como salão de jantar. — Mijo alpirano. Não tem nenhum vinho cumbraelino para

oferecer a um convidado de honra, meu senhor?

— Receio que meus irmãos e eu sejamos culpados de acabar com as nossas reservas, Barão — respondeu Vaelin. — Minhas desculpas.

Banders encolheu os ombros e voltou a atenção para outro frango assado na mesa, arrancando uma coxa e dando uma mordida na carne.

— Vejo que conseguiu deixar de pé a maior parte deste lugar — comentou ele de boca cheia. — Os habitantes não devem ter resistido muito.

— Conseguimos capturar a cidade sorrateiramente. O governador se mostrou um homem pragmático. Houve pouco derramamento de sangue.

O rosto do barão ficou sombrio, e ele parou por um momento antes de tomar outro gole e continuar a comer.

— Não posso dizer o mesmo de Marbellis. Achei que o lugar queimaria para sempre.

A inquietação de Vaelin aumentou. A aparição inesperada do barão era perturbadora, e o homem parecia ter notícias graves para dar.

— O cerco foi difícil?

Banders bufou, enchendo outra taça de vinho.

— Quatro semanas bombardeando com as máquinas antes de conseguirmos uma brecha que podia ser usada. Faziam sortidas todas as noites, grupos pequenos de homens com adagas, esgueirando-se entre nossas fileiras para cortar gargantas e furar os barris de água. Cada maldita noite uma provação sem se poder dormir. Os Finados sabem quantos homens perdemos. Então o Senhor da Batalha enviou três regimentos inteiros para a brecha. Talvez cinquenta homens tenham conseguido voltar, todos feridos. Os alpiranos haviam colocado armadilhas na brecha, fossos de espetos e assim por diante. Quando a Guarda do Reino foi detida pelos fossos, os malditos rolaram na

direção deles montes de fenos, todos embebidos em óleo. Seus arqueiros atearam fogo nos montes com flechas incendiárias. — Ele fez uma pausa, fechou os olhos e estremeceu. — Era possível ouvir os gritos a quase dois quilômetros de distância.

— A cidade não foi tomada?

— Oh, está tomada. Foi tomada repetidas vezes, como uma puta barata. — Banders arrotou. — O Rosa Sangrenta se recuperou e elaborou bem seu plano. Na verdade, acho que o ataque na brecha foi um grande embuste, um sacrifício para convencer os alpiranos de que estavam enfrentando um tolo. Duas noites depois, ele enfileirou quatro regimentos diante da brecha, preparando-se para atacar. Ao mesmo tempo, ele enviou a Guarda do Reino remanescente inteira contra a muralha leste com escadas. Ele apostou que os alpiranos estavam concentrando suas forças na brecha e não haviam deixado homens suficientes para defender as muralhas. Ele tinha razão. Levou a noite toda e o custo foi alto, mas pela manhã a cidade era nossa. Ou o que restava dela.

Banders se calou, concentrando-se na refeição. Vaelin deixou-o comer e se viu admirando a armadura perenemente enferrujada do barão. Vendo-a de perto pela primeira vez, notou que as partes das chapas de aço que não estavam manchadas pela corrosão reluziam com um lustre polido, e a própria ferrugem tinha uma textura estranha e semelhante à cera.

— É tinta — disse ele, em voz alta.

— Hmmm? — Banders olhou para sua armadura e grunhiu. — Ah, isso. Um homem deve tentar viver à altura de sua lenda, não acha?

— A lenda do cavaleiro enferrujado? — perguntou Vaelin. — Não posso dizer que já a tenha ouvido, meu senhor.

— Ahá, mas você não é renfaelino. — Banders sorriu.

— Meu pai era um sujeito tempestuoso e bondoso, mas gostava demais de dados e meretrizes e, como consequência, não conseguiu me deixar mais do que um forte caindo aos pedaços e uma armadura enferrujada, que eu era obrigado a usar ao atender os chamados para guerra feitos pelo Senhor. Felizmente, meu pai conseguira transmitir um pouco de sua habilidade com a lança, e assim minha posição foi melhorando a cada batalha e torneio. Fiquei conhecido como o Cavaleiro Enferrujado, amado pelo povo devido a minha pobreza. A armadura se tornou meu estandarte, fazia com que fosse fácil me avistar nos combates, algo pelo qual os plebeus torcerem e em volta do qual meus homens se reunirem, assim que consegui dinheiro suficiente para contratar alguns, é claro.

— Então essa não é a armadura original?

Banders deu uma risada estrondosa.

— Pela Fé, irmão, não! Aquela se tornou completamente inútil por causa da ferrugem anos atrás. De qualquer modo, mesmo as melhores armaduras raramente duram mais do que alguns anos, já que as batalhas e as intempéries cobram seu preço. Temos um ditado em Renfael: se quiser ser mais rico do que um lorde, vire um ferreiro. — Ele gargalhou e se serviu de mais vinho.

— Por que está aqui, Barão? — perguntou Vaelin. — Traz alguma mensagem do Senhor da Batalha?

A expressão do barão voltou a ficar sombria.

— Sim. Também trago a mim mesmo e meus homens. Trezentos cavaleiros e duzentos servidores armados e escudeiros variados, se nos receber.

— O senhor e seus homens são muito bem-vindos, mas o Senhor Feudal Theros não vai precisar de seus serviços?

Banders colocou o vinho de lado e suspirou fundo,

lançando um olhar firme para Vaelin.

— Fui dispensado do serviço do Senhor Feudal, irmão. Não pela primeira vez, mas suspeito que seja a última. O Senhor da Batalha me mandou oferecer minhas forças a você.

— O senhor brigou com o Senhor Feudal?

— Não, com ele não. — Fechou a boca, retesando os lábios, e Vaelin achou que era melhor não insistir no assunto.

— E a mensagem do Senhor da Batalha?

Banders tirou uma carta selada de dentro da camisa e a jogou na mesa.

— Sei o conteúdo, para poupá-lo de lê-la. Suas ordens são para preparar a cidade para um cerco iminente. Patrulhas da Ordem em Marbellis avistaram um grande exército de alpiranos rumando para o norte. Parecem determinados a ignorar Marbellis e capturar Linesh o quanto antes. — Ele tomou outro gole longo de vinho, limpando a boca com a mão e arrotando de novo. — Meu conselho, irmão, é que requisite a frota mercantil e leve seus homens de volta para o Reino. Não há esperança de se defender neste lugar contra tantos alpiranos.

— Pelo menos dez tropas de infantaria, outras cinco de cavalaria e uma variedade de selvagens das províncias meridionais do Império. Quase vinte mil ao todo. — A voz de Banders estava animada, mas todos os presentes podiam sentir o peso por trás da frivolidade. Vaelin convocara um conselho de capitães na casa da guilda, depois de mandar que Caenis vasculhasse os arquivos da cidade atrás do maior e mais preciso mapa da costa alpirana setentrional que pudesse encontrar.

— Pensei que haveria mais — disse Caenis. — O exército do Imperador supostamente é impossível de

ser contado.

— De fato há mais, irmão — assegurou-lhe Banders. — Essa é apenas a vanguarda. Os poucos prisioneiros que fizemos em Marbellis ficarem felizes em confirmar isso. As forças que estão marchando para esta cidade são a elite do exército alpirano. As melhores infantarias e cavalarias que ele pode reunir, todas veteranas das guerras fronteiriças com os volarianos. Também não subestime os selvagens, pois são todos guerreiros natos. Dizem que passam a vida adorando o Imperador como um deus e que lutam entre si pelos insultos mais triviais, os quais deixam de lado de bom grado quando o homem os chama para a guerra. Parece que eles gostam do sabor dos inimigos derrotados.

— Máquinas de cerco? — perguntou Vaelin.

Banders assentiu.

— Dez delas, muito maiores e mais pesadas do que qualquer coisa que temos. Podem lançar um pedregulho do tamanho de um boi-almiscarado a mais de duzentos metros.

Vaelin olhou ao redor da mesa, avaliando a reação dos outros capitães às palavras do barão. O Conde Marven controlava-se com rigidez, aparentemente receoso de revelar qualquer emoção que pudesse debilitar seu prestígio protegido com desconfiança. O Lorde Comandante Al Cordlin empalidecera a olhos vistos e continuava a segurar o braço que fora curado recentemente, o lábio superior começando a brilhar de suor. O Lorde Comandante Al Trendil parecia perdido em pensamentos, coçando o queixo com olhos distantes. Vaelin supôs que ele estava calculando se conseguiria escapar com todos os espólios que obtivera em Untesh. Apenas Bren Antesh parecia inabalado, de braços cruzados e observando Banders com um leve interesse.

— Quanto tempo temos? — perguntou Caenis ao barão.

— O Irmão Sollis disse que estavam aqui. — Banders bateu com o dedo no mapa aberto na mesa diante deles, escolhendo um ponto cerca de trinta quilômetros a sudoeste de Marbellis. — Isso foi há doze dias.

— Um exército desse tamanho não poderia percorrer mais de vinte e cinco quilômetros por dia — ponderou o Conde Marven, em um tom deliberadamente controlado. — Menos que isso no deserto.

— Isso talvez nos dê outras duas semanas — disse o Lorde Comandante Al Cordlin, a voz um pouco alta, e ele tossiu antes de prosseguir. — Tempo de sobra, meu senhor.

Vaelin franziu o cenho para ele.

— Tempo de sobra para o quê?

— Ora, para a evacuação, é claro. — Os olhos de Al Cordlin percorreram a mesa, procurando apoio. — Sei que não restam navios suficientes para transportar todo o exército, mas os oficiais mais graduados poderiam escapar com facilidade. Os homens podem marchar para Untesh...

— Recebemos ordens de defender esta cidade — disse Vaelin.

— Contra vinte mil? — Al Cordlin deu uma risada curta e um tanto histérica. — Mais de três vezes nossos números, e ainda por cima são tropas de elite. Seria loucura tentar...

— Lorde Comandante Al Cordlin, o senhor está dispensado de seu posto. — Vaelin acenou com a cabeça para a porta. — Saia desta sala. Pela manhã o senhor será escoltado até o porto, onde embarcará para o Reino. Até lá, fique em seus aposentos. Não quero que os homens sejam infectados pela sua covardia.

Al Cordlin cambaleou para trás como se tivesse sido golpeado, e começou a balbuciar.

— Isto é... Não há razão para esses insultos. Recebi meu regimento do Rei...

— Apenas saia.

O lorde abalado olhou uma última vez para os outros capitães, encontrando indiferença ou desconforto cauteloso, antes de se dirigir até a porta e sair da sala.

— Qualquer outra sugestão de evacuação será respondida da mesma forma — disse Vaelin ao conselho. — Espero que isso tenha ficado claro.

Ele voltou a atenção para o mapa, ignorando o coro de afirmações. Mais uma vez ficou perplexo com a aridez da região, admirado com o fato de que três cidades grandes como Untesh, Linesh e Marbellis pudessem existir na orla de um deserto tão vasto. *Só poeira e moitas*, como Frentis dissera. *Não vi uma árvore desde que desembarcamos...*

— Sem árvores.

— Meu senhor? — perguntou o Barão Banders.

Vaelin não respondeu e continuou olhando para o mapa enquanto algo tomava forma, a semente de um estratagema alimentada por um murmúrio suave da canção do sangue, elevando-se a um coro quando seus olhos distinguiram um pictograma cerca de cinquenta quilômetros ao sul da cidade: um arvoredo de palmeiras circundando uma lagoa.

— O que é isso? — perguntou a Caenis.

— O Oásis Lehlun, irmão. A única fonte de água de tamanho considerável na rota meridional de caravanas.

— O que significa que o exército alpirano terá que parar lá no caminho para o norte — disse o Conde Marven.

— Pretende envenenar a água, meu senhor? — perguntou o Lorde Comandante Al Trendil. — Uma ideia excelente. Poderíamos estragá-la com carcaças de animais...

— Não pretendo fazer isso — retorquiu Vaelin, continuando a deixar a canção do sangue alimentar seu plano. *Os riscos são grandes, e o custo...*

— Devíamos fechar a cidade, meu senhor — disse o Conde Marven, rompendo o silêncio, que Vaelin percebeu ter durado vários minutos. — As caravanas que rumam para o sul sem dúvida informarão a quantidade de nossas tropas ao inimigo.

— As pessoas têm partido às dezenas desde que a ameaça da Mão Vermelha desapareceu — disse Vaelin. — Eu ficaria muito surpreso se o comandante alpirano já não tivesse uma ideia completa de nossas tropas e preparativos. Além disso, deixar que ele pense que somos fracos pode nos ser vantajoso. Um inimigo confiante demais é propenso a ser descuidado.

Deu uma última olhada para o mapa e afastou-se da mesa.

— Barão Banders, peço desculpas por pedir que volte à sela pouco depois de chegar aqui, mas precisarei do senhor e de seus homens pela manhã. — Virou-se para Caenis. — Irmão, reúna a tropa de batedores ao amanhecer. Assumirei o comando pessoalmente. Na minha ausência, a cidade é sua. Faça o possível para deixar mais fundo o fosso ao redor das muralhas e dobrar sua largura.

— Pretende emboscar um exército de vinte mil com algumas centenas de homens? — O Conde Marven estava incrédulo. — O que espera conseguir?

Vaelin já estava se encaminhando para a porta.

— Um machado sem uma lâmina é apenas uma vara.

Mais para o interior, as areias do deserto setentrional erguiam-se em dunas altas, estendendo-se até o horizonte como um mar revolto congelado em ouro sob um céu sem nuvens. O sol era forte demais para que fosse possível marchar de dia, e eles eram obrigados a viajar de noite, abrigando-se em tendas durante o dia, enquanto cavaleiros resmungavam e seus cavalos de

guerra relinchavam e batiam os cascos, irritados com o calor ao qual não estavam acostumados.

— Bando barulhento — comentou Dentos no segundo dia além das muralhas.

Vaelin olhou para um grupo de cavaleiros que batiam boca e se empurravam por causa de um jogo de dados. Perto dali, outro cavaleiro repreendia severamente seu escudeiro pela falta de polimento no seu peitoral. Ele teve que concordar que os cavaleiros dificilmente eram os soldados mais sorrateiros e teria trocado de bom grado todos eles por uma única companhia da Ordem, mas não havia irmãos disponíveis e Vaelin precisava de uma cavalaria para esse serviço.

— Não deve fazer diferença — respondeu ele. — Eles só precisam fazer um ataque. *Embora eu não possa dizer quantos restarão depois disso.*

— E quanto às patrulhas? — perguntou Frentis. — Os alpiranos seriam estúpidos de não terem batedores em seus flancos.

— A essa distância da cidade, espero que eles sejam estúpidos o bastante para fazer exatamente isso. Se não forem, só teremos que nos demorar por um dia, de qualquer forma. Qualquer patrulha que nos encontrar terá de ser silenciada e vamos esperar que não sintam falta deles ao anoitecer.

Passaram-se mais duas noites até avistarem o oásis, reluzindo entre as dunas escaldantes. Vaelin ficou surpreso com o tamanho dele, esperando pouco mais do que um açude e algumas palmeiras, mas na verdade encontrando um pequeno lago cercado por uma vegetação viçosa, uma joia quase irresistível de verde e azul.

— Nenhum sinal dos alpiranos, irmão — disse Frentis, posicionando-se com a tropa de batedores na base de uma duna, onde parara para examinar o oásis. — Parece que chegamos primeiro, como você disse.

— Caravanas? — perguntou Vaelin.

— Nada em um raio de quilômetros.

— Vimos poucos sinais de mercadores em nossa viagem para o norte, meu senhor — comentou o Barão Banders. — A guerra nunca é boa para o comércio. A não ser que esteja negociando aço, claro.

Vaelin observou o deserto, avistando uma duna alta, quase gigantesca, três quilômetros a oeste.

— Lá — disse ele, apontando. — Acamparemos na encosta oeste. Sem fogueiras, e eu agradeceria muito, Barão, se seus homens evitassem fazer muito barulho.

— Farei o que puder, meu senhor. Mas eles não são plebeus, o senhor sabe. Não posso simplesmente chicoteá-los como seus homens.

— Talvez devesse, meu senhor — sugeriu Dentos. — Para que se lembrem de que sangram como nós plebeus.

— Eles sangrarão muito bem quando os alpiranos chegarem, irmão — retorquiu Banders, ríspido, o rosto já ruborizado ficando ainda mais vermelho.

— Basta — interrompeu Vaelin. — Irmão Dentos, vá com o Irmão Frentis. Peguem tanta água quanto conseguirem carregar e deixem o mínimo de sinais possível. Não quero que nossos inimigos pensem que qualquer coisa maior do que uma caravana de especiarias passou por aqui em semanas.

Passaram-se mais dois dias até o exército do Imperador aparecer, anunciado por uma coluna alta de poeira que se erguia acima do horizonte ao sul. Vaelin, Frentis e Dentos estavam deitados no topo de uma duna alta para observar o avanço deles até o oásis. A cavalaria apareceu primeiro, grupos pequenos de batedores seguidos por longas colunas duplas. Vaelin contou quatro regimentos de lanceiros, mais uma quantidade

igual de arqueiros montados. A disciplina e eficiência deles era impressionante, evidentes na velocidade com que acamparam, tendas e fogueiras aparecendo entre as palmeiras do oásis dentro de uma hora após sua chegada. Ele pegou emprestada a luneta de Frentis e avistou oficiais e sargentos entre a multidão, notando seus semblantes severos e autoridade natural enquanto montavam piquetes em um perímetro bem estabelecido. *Veteranos, de fato*, concluiu, lamentando não ter tido tempo para se despedir de Sherin antes de partirem. Embora tivesse sentido que ela estava menos brava na última vez que se viram, ele ainda tinha muito o que explicar.

Virou a luneta para longe do oásis e focalizou uma segunda nuvem de poeira que se erguia ao sul, as figuras finas e oscilantes da infantaria alpirana se materializando no calor do deserto com uma nitidez indesejada.

Levou mais de uma hora para a infantaria marchar para o oásis e acampar. A estimativa de Mestre Sollis havia sido moderada; na verdade, havia doze tropas de infantaria, aumentando as forças alpiranas para pelo menos trinta mil e fazendo Vaelin pensar, por uma fração de segundo, se o Lorde Comandante Al Cordlin não estava certo, afinal de contas.

— Vê lá? — apontou Frentis, tirando o olho da luneta. — Senhor da Batalha, talvez?

Vaelin pegou a luneta e seguiu o dedo até uma tenda grande erguida ao norte do oásis. Um grupo de soldados estava erguendo um estandarte alto com uma flâmula vermelha adornada com um emblema de dois sabres negros cruzados. Eram supervisionados por um homem alto de manto dourado e feições duras da cor do ébano e cabelo com alguns fios grisalhos. *Neliesen Nester Hevren, Capitão da Décima Tropa da Guarda Imperial. Veio cumprir uma promessa.*

Observou o capitão se virar e fazer uma mesura para um homem robusto que mancava bastante. Usava uma armadura velha, mas útil e um sabre de cavalaria no cinto. Sua pele tinha o tom moreno das províncias setentrionais e a cabeça era raspada. Escutou Hevren por alguns momentos enquanto o capitão parecia fazer algum tipo de relatório, então o interrompeu com um aceno de desdém com a mão, mancando de volta para a tenda sem olhar para trás.

— Não, o Senhor da Batalha é o homem manco — disse Vaelin. Notou como os ombros de Hevren caíram antes que ele se empertigasse e fosse embora pisando firme. *Envergonhado*, concluiu. *Evitado por ter perdido o Esperança. O que você estava sugerindo? Mais patrulhas, mais guardas? Mais preocupação com a astúcia do Matador do Esperança? Não quis lhe ouvir, não é?* Pela primeira vez desde que saiu da cidade, Vaelin sentiu seu humor começar a melhorar.

Era o início da noite quando as máquinas de cerco apareceram. Vaelin estivera alimentando a leve esperança de que Banders tivesse exagerado o relatório de Sollis, mas via agora que o barão tinha falado a verdade. A Guarda do Reino tinha máquinas à sua disposição, manganelas e catapultas para arremessar pedras e bolas de fogo nas muralhas de castelos, ou sobre elas, mas mesmo as maiores e de melhor fabricação não se comparavam ao poder evidente dos mecanismos que o Imperador enviara para botar abaixo as muralhas de Linesh. Gigantes adormecidos na escuridão que se adensava, seus braços pesados balançavam enquanto grandes juntas de bois os puxavam adiante.

As máquinas eram escoltadas por talvez três mil homens, e por sua formação casual e a ausência de uniformes eram obviamente os selvagens que Banders descrevera. Os trajes deles variavam nas cores, das

extravagantes sedas vermelhas e penachos azuis aos sóbrios mantos negros ou azuis sem qualquer decoração. Suas armas e armaduras eram igualmente diversificadas. Vaelin avistou alguns peitorais e cotas de malha, mas a maioria parecia não usar armadura alguma, exceto por escudos redondos de madeira decorados com emblemas incompreensíveis. As armas pareciam consistir principalmente de lanças longas com lâminas de ferro serrilhadas, acompanhadas de porretes cravejados e maças enfiados nos cintos junto com adagas e espadas curtas.

Vaelin observou enquanto os bois puxavam as máquinas até a borda sul do oásis, onde os condutores soltaram os animais para levá-los até a água, e os membros das tribos acampavam ao redor das estruturas altas.

— São muitos selvagens para se passar pelo meio, irmão — comentou Dentos.

— Se der certo, não teremos que fazer isso. — Vaelin entregou a luneta para Frentis. — Vamos preparar os cavalos. Partimos quando a lua surgir.

Cuspe, para total falta de surpresa de Vaelin, provou-se inadequado para o papel de cavalo de carga, e o temperamento irascível do garanhão tomou um rumo perigoso quando ele tentou colocar a carga em seu dorso, os cascos pisoteando sem a menor consideração por dedos e pés. Foram necessários vários minutos preciosos de adulação, ameaças e subornos com torrões de açúcar até que o cavalo ficasse calmo o suficiente para permitir que o fardo fosse amarrado no lugar, e então o crescente brilhante da lua já ia alto no céu.

— Por que você continua com esse animal é um mistério, irmão — comentou Dentos, a voz um pouco abafada pelo lenço de musselina que lhe cobria a parte

inferior do rosto.

— Ele é um guerreiro — respondeu Vaelin. — Compensa os machucados. — Olhou para a tropa de batedores reunida, cada homem trajado de forma semelhante com os mantos brancos dos comerciantes que transportavam especiarias e outros produtos através do deserto até os portos do norte. Cada montaria estava carregada com fardos, salientes pelos potes redondos de barro vermelho usados para armazenar especiarias, embora nesta noite estivessem cheios com um produto diferente. Vaelin sabia que era improvável que enganassem um olho experiente; as montarias eram altas demais e os trajes tinham detalhes incomuns em demasia, sem falar no volume estranho das armas escondidas. Porém, por alguns momentos vitais, deviam ser convincentes o bastante no escuro. Esperava que fosse suficiente.

Olhou para o norte, divisando a trilha sinuosa da rota das caravanas, que passava por entre as dunas do oásis. O deserto era um cenário estranho sob a lua, a areia pintada de prata ao luar. Com o frio noturno do deserto, era quase como olhar para um campo nevado, avivando mais uma vez o sonho quase esquecido, a zombaria cruel de Nersus Sil Nin, um corpo esfriando na neve...

— Irmão? — perguntou Frentis, interrompendo o devaneio.

Vaelin sacudiu a cabeça para livrar-se da visão, virou-se para a tropa e ergueu a voz.

— Todos vocês sabem da importância de nossa missão hoje. Assim que estiver concluída, cavalguem para Linesh e não olhem para trás. Eles estarão em nossos calcanhares como lobos famintos, então não se demorem, por nada. — Voltou-se para o norte e sacudiu as rédeas de Cuspe. — Vamos, pangaré maldito.

Acenderam tochas e se aproximaram a passos firmes,

saudando com palavras alpiranas memorizadas os membros das tribos que vigiavam o perímetro meridional. Eram todos homens altos e esguios de barbas pontudas e pele como mogno polido, seus trajes uma mistura de tecidos tingidos de vermelho e armaduras frouxas feitas de marfim. Cada um carregava uma das lanças longas de lâminas serrilhadas que Vaelin notara ao inspecionar o campo mais cedo. Ficaram claramente desconfiados, mas não alarmados demais, e Vaelin ficou aliviado quando nenhum tumulto teve início diante da aparição de um grupo pequeno, mas desconhecido. Cinco deles se reuniram para bloquear o caminho quando se aproximaram do acampamento, apontando-lhes as lanças, mas seus modos não eram muito ameaçadores.

— *Ni-rehl ahn!* — Dentos saudou os homens. Depois de Caenis, ele tinha o melhor ouvido para a língua alpirana, embora não fosse exatamente fluente. Apesar de ter sido bastante instruído por Caenis nas poucas horas antes de partirem de Linesh, era improvável que ele enganasse um nativo do Império do norte. Felizmente, os membros das tribos vinham das províncias do sul e era provável que conhecessem ainda menos o dialeto local do que eles.

Um dos homens sacudiu a cabeça, confuso, dizendo algo em sua própria língua para os companheiros, que responderam encolhendo os ombros em perplexidade.

— *Unterah.* — Dentos disse a palavra para “comerciante”, batendo no peito, e então gesticulou para a caravana improvisada. — *Onterish.* — Especiarias.

O homem que falara passou por Dentos, examinando a companhia com olhos atentos. Aproximou-se de Vaelin, ignorando o aceno amigável de cabeça e dando uma boa olhada em Cuspe, estreitando os olhos ao ver as muitas cicatrizes que cobriam os flancos e as patas

do cavalo de guerra.

Um dos outros selvagens deu um grito e o homem confrontando Vaelin recuou depressa, agarrando firme a lança e agachando-se em uma posição de batalha. Vaelin ergueu as mãos em um gesto conciliatório, apontando para o oeste. O homem arriscou uma olhada sobre o ombro, empertigando-se confuso ao ver uma quantidade enorme de tochas aparecendo no deserto, cerca de trezentos pontos de luz cintilando na escuridão, acompanhado pelo estrondo crescente e revelador de uma investida de cavalaria a todo galope e toque de múltiplas trombetas.

O homem se virou para os companheiros, abrindo a boca para dar uma ordem, e morreu quando a faca de arremesso de Vaelin entrou na base de seu crânio. O estalo de cordas de arcos e o zunido de lâminas arremessadas encheram o ar quando a tropa de batedores disparou suas armas para dar cabo das sentinelas restantes.

— Apaguem as tochas! Vão para as máquinas! — berrou Vaelin, saindo a galope com Cuspe.

A cacofonia da batalha irrompeu quando eles entraram no acampamento, o estampido retumbante dos cavaleiros do Barão Banders investindo contra a fileira de selvagens formada às pressas logo substituído pelo alarido familiar de gritos de cavalos e o choque de metais. Por todo lado, os membros das tribos pegavam em armas e corriam para se juntar à batalha, sendo chamados pelos gritos de guerra e pelo toque áspero e discordante de seus próprios cornos. Quando o grupo de Vaelin chegou às tendas, a maioria já havia ido se juntar à refrega e os poucos que restavam para atrapalhá-los foram despachados rapidamente.

Encontraram as máquinas sem defensores, salvo os artífices que cuidavam de sua manutenção, a maioria homens de meia-idade com aventais de couro e poucas

armas, a não ser por ferramentas de carpintaria. Vaelin lamentou eles não terem tido o bom senso de fugir, matando um que o atacou com uma marreta e deixando outro agarrando uma mão parcialmente decepada.

— Saia daqui! — ordenou ao homem, embainhando a espada e soltando o fardo de potes de barro do dorso de Cuspe. O homem apenas o olhou mudo de perplexidade, antes que a perda de sangue o fizesse desabar na areia. Vaelin praguejou e o deixou ali, abrindo o fardo e arremessando os potes contra a máquina mais próxima o mais rápido que podia. Eles se quebraram nas resistentes estruturas de madeira e espalharam o líquido claro e viscoso que continham sobre toda a superfície. Vaelin acabou depressa com o conteúdo de um fardo e levou outro até uma segunda máquina, já parcialmente ensopada por Frentis, que tinha um sorriso feroz no rosto.

— Vai ser um espetáculo e tanto, irmão.

— Vai mesmo. — Ele esvaziou o segundo fardo e avaliou o progresso do resto do grupo, notando com satisfação os restos estilhaçados de numerosos potes em todas as dez máquinas. — Está bem, já basta! — gritou ele. — Ponham fogo nelas!

Afastaram-se cerca de vinte metros, Vaelin arrastando o artífice ferido, relutante em deixá-lo morrer queimado. Dentos e Frentis pegaram seus arcos, acenderam flechas e as dispararam contras as máquinas e o óleo de lamparina pegou fogo de imediato, e logo dez grandes fogueiras ardiam no meio do acampamento, as chamas engolfando as máquinas altas em poucos momentos, cordas e amarras se desintegrando no calor, os grandes braços das máquinas caindo como pinheiros em um incêndio florestal.

As chamas eram brilhantes o suficiente para iluminar a batalha que ocorria no perímetro oeste, onde o Barão Banders agora reagrupava seus homens para a retirada,

embora os selvagens enlouquecidos não estivessem com vontade de deixá-los partir. Vaelin viu vários cavaleiros serem puxados rapidamente de cima dos cavalos e lanceados até a morte enquanto tentavam em vão sair do meio do combate.

Vaelin montou em Cuspe e sacou a espada.

— Cavalguem para a cidade! — gritou para a tropa de batedores.

— E você, irmão? — perguntou Frentis.

Vaelin acenou com a cabeça para a batalha.

— O barão precisa de ajuda. Logo me juntarei a vocês.

— Deixe eu...

Vaelin lançou um olhar para Frentis que não permitia discussões.

— Leve seus homens para casa, irmão.

Frentis engoliu o que sem dúvida eram palavras amarguradas e assentiu.

— Se você não voltar em dois dias...

— Então não voltarei e você seguirá as ordens do Irmão Caenis. — Vaelin saiu a galope com Cuspe e atirou-se à batalha, sentindo o cavalo de guerra ficar tenso na expectativa do combate. Ele ladeou a turba, golpeando selvagens descuidados, afastando-se quando o atacavam em grupo, galopando e então repetindo o processo, procurando atrair sua fúria por tempo suficiente para dar algum alívio aos cavaleiros. — *Eruhin Makhtar!* — gritou ele várias vezes, esperando que soubessem o que significava. — Eu sou o *Eruhin Makhtar*! Venham me matar!

As palavras foram claramente compreendidas por pelo menos alguns dos selvagens, a julgar pela ferocidade com que o perseguiram, arremessando lanças e machadinhas com uma precisão às vezes enervante. Um deles demonstrou ser bastante veloz, correndo atrás de Vaelin ao afastar-se com Cuspe antes de outra investida, saltando para a garupa do cavalo com o

porrete erguido, e então caindo na areia com uma flecha atravessada no peito.

— Acho que é bom não demorarmos mais, irmão! — gritou Dentos, disparando outra flecha enquanto galopavam lado a lado, derrubando um selvagem a pouca distância dali.

— Achei que tinha mandado você de volta para a cidade — gritou Vaelin.

— Não, você mandou Frentis. — Dentos disparou outra flecha e abaixou-se para desviar de uma lança. — Precisamos mesmo ir!

Vaelin olhou para a turba principal, vendo uma figura grande de armadura manchada de vermelho cavalgar para longe da luta; o barão decidira ser o último a partir. Apontou para o oeste e eles viraram naquela direção, esporeando os cavalos para correrem ainda mais, as máquinas ainda em chamas lançando longas sombras sobre a areia, desaparecendo ao serem engolidas pelo deserto.

Cavalgaram noite adentro, seguindo para oeste até o nascer do sol e então virando para o norte, desmontando apenas para conduzir os cavalos quando o calor começou a fazê-los cambalear. Tiraram todo o excesso de peso das montarias, jogando fora as armaduras, mas mantendo as armas e os cantis restantes de água.

— Nenhum sinal deles — disse Dentos, protegendo os olhos com a mão ao perscrutar o horizonte ao sul. — Pelo menos não ainda.

— Eles virão — assegurou-lhe Vaelin. Levou um cantil até a boca de Cuspe; o animal agarrou o gargalo com os dentes e engoliu a água em poucos goles. Vaelin não tinha certeza de quanto mais tempo o garanhão poderia aguentar no calor: o deserto era um ambiente cruel

para um animal nascido no norte, evidenciado pela espuma que cobria seus flancos e as piscadas cansadas dos olhos normalmente brilhantes e desconfiados.

— Com sorte estão seguindo o rastro do barão — prosseguiu Dentos. — Tem mais deles para seguirem, afinal.

— Acho que esgotamos nossa cota de sorte ontem à noite, não acha? — Vaelin esperou que Cuspe terminasse de beber, e então voltou a segurar as rédeas. — Continuamos andando. Não podemos cavalgar nesse calor, nem eles.

Começava a anoitecer quando viram, pequena e indistinta a distância, mas inegavelmente real.

— Vinte e cinco quilômetros, talvez? — ponderou Dentos, observando a nuvem de poeira.

— Está mais para quinze. — Vaelin subiu na sela, fazendo uma careta ao ouvir o bufo de irritação de Cuspe. — Parece que eles conseguem cavalgar no calor, afinal de contas.

Seguiram a meio-galope a maior parte da noite, receosos que pudessem cansar os cavalos até desabarem, olhando seguidamente para o sul e vendo apenas o deserto e o céu estrelado, mas cientes de que seus perseguidores estavam se aproximando a cada quilômetro.

Avistaram a costa setentrional ao amanhecer, o deserto dando lugar a uma vegetação rasteira e, a dez quilômetros a leste, as muralhas brancas de Linesh reluziam à luz matutina.

— Irmão — disse Dentos em voz baixa.

Vaelin olhou para o sul, onde a nuvem de poeira estava maior agora e os cavaleiros que a levantavam claramente visíveis. Inclinou-se para frente e deu um tapinha no pescoço de Cuspe, sussurrando em seu ouvido.

— Desculpe. — Aprumando-se, bateu os calcanhares

nos flancos do cavalo e dispararam a galope. Esperara que Cuspe já não corresse tão rápido, mas na verdade o animal pareceu encontrar certo alívio no galope, balançando a cabeça e bufando de prazer ou raiva. Os cascos batiam no terreno empoeirado e deixaram rapidamente Dentos e sua montaria cansada para trás, tanto que Vaelin foi forçado a puxar as rédeas após seis quilômetros. Haviam chegado ao topo de uma pequena elevação que dava para a planície diante das muralhas da cidade. Os portões estavam abertos e uma fileira de cavaleiros estava entrando, a luz do sol refletindo nas armaduras.

— Parece que o barão conseguiu voltar — comentou Vaelin quando Dentos parou ao seu lado.

— Que bom que alguém conseguiu. — Dentos virou um cantil de cabeça para baixo e deixou a água lhe banhar o rosto. Vaelin podia ver que os perseguidores estavam se aproximando depressa, a pouco mais de um quilômetro e meio atrás deles. Dentos tinha razão, eles não conseguiriam.

— Aqui — disse ele, preparando-se para desmontar. — Fique com o cavalo mais rápido. Sou eu quem eles querem.

— Não seja estúpido, irmão — disse Dentos, cansado. Ele soltou seu arco da sela e colocou uma flecha na corda, virando o cavalo para ficar de frente para os cavaleiros que avançavam. Vaelin sabia que não havia como dissuadi-lo.

— Sinto muito, irmão — disse ele, a voz cheia de culpa. — Essa guerra de tolos, eu...

Dentos não estava escutando e olhava para o sul, franzindo o cenho, intrigado.

— Não sabia que tinha deles aqui. É um bem grande, não acha?

Vaelin olhou para a mesma direção e sentiu a canção do sangue ressoar com um ímpeto de reconhecimento

quando seus olhos avistaram a forma de um grande lobo cinzento sentado não muito longe dali. O animal o encarava com os olhos verdes impassíveis de que ele se lembrava tão bem do primeiro encontro na Urlish.

— Você pode vê-lo? — perguntou.

— Claro, é difícil de não ver.

A canção do sangue estava ribombando agora, uma cacofonia aguda de aviso.

— Dentos, cavalgue para a cidade.

— Eu não vou a lugar algum...

— Alguma coisa vai acontecer! Apenas vá, por favor!

Dentos ia continuar a discutir, mas seu olhar foi atraído a outra coisa, uma grande nuvem negra que se erguia do horizonte ao sul, subindo do deserto a pelo menos um quilômetro e meio até o céu, engolindo o sol em sua fúria crescente à medida em que seguia na direção da cidade, as dunas desaparecendo ao serem levadas ao seio faminto.

Uma flecha caiu no chão a alguns metros de distância. Vaelin se virou para ver que os perseguidores agora estavam a menos de cinquenta metros deles, pelo menos cem homens, precedidos por uma chuva de flechas disparadas a galope, uma tentativa desesperada de dar fim à perseguição antes que a tempestade de areia caísse sobre eles.

— CAVALGUE! — berrou Vaelin, agarrando as rédeas de Dentos e o levando de arrasto ao fazer Cuspe encetar um galope, as flechas caindo enquanto desciam a elevação e corriam para a cidade. A tempestade arrebentou antes que percorressem um terço da distância, a areia atingindo-lhe o rosto e os olhos como uma nuvem de agulhas cruéis. A montaria de Dentos empinou em meio à fúria arenosa e as rédeas escaparam das mãos de Vaelin, cavalo e cavaleiro desaparecendo na névoa vermelha e rodopiante. Tentou chamá-lo, mas engasgou no mesmo instante com a

areia, que tentava lhe encher a boca. Fez o melhor que pôde para proteger o rosto e agarrar-se enquanto Cuspe corria às cegas pela tempestade.

Em desespero, voltou-se para a canção do sangue, tentando acalmá-la, dominá-la o suficiente para guiar sua música, para cantar. A princípio havia apenas o som agudo e discordante de anormalidade e alarme que irrompera ao avistar o lobo, mas à medida que exercia sua vontade, a balbúrdia começou a diminuir e algumas notas nítidas se formaram em meio ao tumulto de sua mente. *Dentos*, chamou ele, procurando lançar a canção na tempestade como um gancho. *Encontre-o!*

A canção mudou de novo, mais notas se formaram, a música foi ficando mais melodiosa, quase serena, mas com toques de algo mais, um tom tão estranho a ponto de ser completamente desconhecido. A compreensão o atingiu com um golpe. *Esta não é a minha canção. Não é a canção de homem algum!*

Quem?, cantou. *Quem é você?*

A outra canção mudou de novo, toda música desaparecendo para ser substituída por um único rosnado impaciente.

Por favor!, implorou. *Meu irmão...*

O rosnado do lobo transformou-se em um grito em sua mente, forte o bastante para fazê-lo balançar na sela. Cuspe relinchou e empinou assustado quando Vaelin se aprumou, sentindo o sangue começar a escorrer do nariz. *NÃO!*, gritou ele com todas as forças que conseguiu colocar na canção. *NÃO QUERO SUA AJUDA!*

O vento diminuiu na mesma hora, as rajadas ásperas de areia que lhe acertavam o rosto se dissipando em uma brisa suave, as areias baixando com um som como o de mil vozes sussurrantes. Em meio à nevoa que desaparecia, ele avistou a figura escura de um cavaleiro, a menos de dez metros de distância, reconhecendo Dentos pela espada nas costas. O alívio

tomou conta de Vaelin enquanto trotava até ele, estendendo a mão para agarrar o ombro do irmão.

— Não é uma boa hora para nos demorarmos, irmão...

Dentos escorregou da sela e tombou no solo. Seus olhos estavam abertos, o rosto com uma palidez familiar, a flecha que o matara saindo pelo peito, a ponta de metal ensanguentada.

Mais tarde lhe contaram como ele havia ficado sentado lá, paralisado, como uma das criações de Ahm Lin, surgindo da tempestade que desaparecia, fazendo as sentinelas gritarem das muralhas e Caenis se esforçar desesperado para reabrir o portão. Os perseguidores alpiranos, espalhados pela tempestade, recuperaram-se depressa e se aproximavam da forma imóvel do Matador do Esperança. Um deles galopou e chegou a menos de vinte metros, curvando-se sobre o pescoço do cavalo, a corda puxada e a flecha preparada, os dentes arreganhados de ódio e triunfo. Bren Antesh subiu com um pulo nas ameias da casa da guarda e atravessou o peito do cavaleiro com uma flecha, em seguida gritando uma ordem para seus arqueiros. Milhares de flechas deixaram as muralhas e foram cair sobre os alpiranos em uma chuva negra. Quase cem cavaleiros abatidos com uma única saraivada.

Vaelin não tomou conhecimento de nada disso. Havia apenas Dentos, seu rosto relaxado e vazio, e a ponta da flecha, o metal reluzindo em meio ao sangue vermelho. Vozes o chamaram das muralhas, mas ele nada ouviu. Caenis e Barkus saíram correndo pelo portão reaberto, parando de súbito em choque. Vaelin não conseguia ouvir os lamentos ou as perguntas deles. *Dentos e a flecha...*

— Vaelin.

Era a única voz que ele poderia ter ouvido. Sherin

estava ao seu lado, estendendo a mão para segurar seu pulso, os nós de seus dedos esbranquiçados enquanto ainda agarravam as rédeas.

— Vaelin, por favor.

Ele olhou para baixo na direção dela, absorvendo a compaixão da irmã, a dor familiar tomando o lugar do torpor com uma necessidade desesperada e uma vergonha irreparável.

— Sou um assassino — disse ele, pronunciando cada palavra com uma precisão fria.

— Não...

— Sou um assassino. — Afastou a mão dela com delicadeza e afastou-se a passo lento com Cuspe, guiando-o pelo portão para dentro da cidade.

CAPÍTULO NOVE

Vaelin ficou em seu quarto por dois dias, atirado na cama ainda vestido. Janril bateu e deixou comida do lado de fora da porta, mas ele a ignorou. Caenis, Barkus e Frentis apareceram um de cada vez para lhe chamar através da porta, mas ele mal os ouviu. Não sentia vontade de dormir, nem fome ou sede. Havia apenas Dentos e a ponta da flecha, e a canção, a grande canção incompreensível do lobo, como um eco ensurdecedor em sua mente. E a verdade, é claro, a odiosa verdade. *Sou um assassino.*

Lembrou-se de quando havia procurado Dentos para pedir sua presença na missão.

— Você é o melhor arqueiro montado que temos... — começara ele, mas Dentos já estava preparando seu equipamento.

— Nortah era melhor — disse ele, apertando a corda do arco.

— Nortah está morto.

Dentos simplesmente sorriu e pela primeira vez Vaelin percebeu que o irmão jamais acreditara em sua mentira sobre o destino de Nortah. Quanto mais ele soubera? Que outros segredos guardara? Tudo o que sabia desapareceu num instante, roubado por uma flecha disparada por um estranho que provavelmente pensou que havia derrubado o próprio Matador do Esperança. Vaelin imaginou se o homem morrera feliz sob a chuva das flechas cumbraelinas, talvez esperando ser recebido como herói pelos deuses. Deve ter sido uma decepção terrível.

Por volta do anoitecer do segundo dia, sua atenção finalmente foi atraída pelo som de algo arranhando a porta, seguido de um ganido triste. Ele piscou, olhando para o quarto escuro com olhos embaçados, passando os dedos pela barba por fazer no queixo, sentindo o próprio fedor.

— Preciso de um banho — murmurou ele, levantando-se para abrir a porta.

O peso de Arranhão o derrubou sem dificuldade, a língua áspera raspando sobre seu rosto e queixo com desesperada afeição.

— Está bem, cachorro doido! — gemeu ele, empurrando o cão para longe com alguma dificuldade. — Eu estou bem.

— É mesmo? — Sherin estava parada na porta de braços cruzados, sua expressão um eco da severidade de que ele se lembrava do primeiro encontro. — Porque você parece péssimo.

Ela lhe deu as costas e desceu as escadas, voltando alguns minutos depois com um pano e uma bacia com água fumegante. Fechou a porta e se sentou na cama enquanto Vaelin se despia até a cintura e se lavava, a cabeça de Arranhão em seu colo, coçando-lhe o pelo atrás das orelhas. Vaelin podia sentir o olhar dela em seu torso, ciente de que os olhos se demoravam nas cicatrizes, sentindo o pesar dela.

— Nada que eu não merecesse, irmã — disse ele, pegando uma navalha. — Todas elas, e muitas mais.

— Então agora você se odeia? — Havia uma ponta de raiva no tom dela. Era óbvio que a amargura de Sherin pelo espancamento do Irmão Comandante Iltis estava demorando para desaparecer.

— As coisas que fiz. Esta guerra... — Ficou em silêncio, fechando os olhos por um tempo antes de ensaboar o rosto e levar a navalha até a pele.

— Aqui. — Sherin se levantou e foi para o lado de

Vaelin, tirando a navalha dele. — Você não dormiu, suas mãos não estão firmes. — Puxou um banco e o fez se sentar. — Relaxe, já fiz isso mais vezes do que consigo me lembrar. — Ele teve de admitir que muitos barbeiros invejariam a destreza com que ela manuseava a navalha, passando a lâmina sobre sua pele com precisão, as mãos de curandeira gentis e calmantes. Por um momento ele se perdeu no perfume e na proximidade dela, a tristeza e o ódio de si mesmo desaparecendo com essa nova intimidade. Sabia que devia pedir para ela parar, que era inapropriado, mas se viu inebriado demais para se importar.

— Pronto. — Ela se afastou, sorrindo para ele, passando um dedo pelo seu queixo. — Muito melhor.

Dominado por um impulso súbito e quase irresistível de puxá-la para perto de novo, ele em vez disso pegou o pano para limpar o sabão que restara.

— Obrigado, irmã.

— O Irmão Dentos era um bom homem — disse ela. — Sinto muito.

— Ele era filho de uma prostituta que cresceu em um lugar onde todos o odiavam. Para ele não havia outro papel neste mundo a não ser lutar e morrer a serviço da Ordem. Mas você tem razão, ele era um bom homem e merecia uma vida mais longa e uma morte melhor.

— Por que você veio para cá, Vaelin? — A voz dela era suave, a raiva havia desaparecido, o tom apenas pesaroso. — Posso sentir que você detesta esta guerra. As suas habilidades, como as minhas, não deviam ser usadas para isso. Supostamente deveríamos servir uma Fé que defende contra cobiça e crueldade. O que estamos defendendo aqui? O que o Rei prometeu ou ameaçou fazer para forçá-lo a isso?

O impulso de mentir, de continuar a chafurdar em segredos como fez durante anos, era apenas um sussurro tênue agora, uma sensação incômoda de estar

indo muito longe por um caminho desconhecido, facilmente superada pela necessidade de contar para ela. Se não podia abraçá-la, ao menos podia encontrar algum consolo na confidência.

— Ele descobriu que meu pai se tornou um Negador. Da seita dos Ascendentes, creio. O que quer que seja isso.

— Deixamos nossos lanços de sangue para trás quando nos entregamos a serviço da Fé.

— Deixamos? Você deixou? Sua compaixão nasceu em algum lugar, irmã. Naquelas ruas de onde você veio, entre aquela gente empobrecida que você tenta salvar com tanto empenho. Chegamos mesmo a deixar algo para trás?

Ela fechou os olhos e abaixou a cabeça, permanecendo em silêncio.

— Desculpe — disse ele. — Seu passado é só seu. Eu não pretendia...

— Minha mãe era uma ladra — disse ela, abrindo os olhos e encontrando os dele, um sotaque áspero e desconhecido na voz. — A melhor larápia que o quadrante já viu. As mãos eram como raios, podia tirar um anel do dedo de um comerciante mais rápido do que uma cobra pega um rato. Nunca conheci meu pai, ela disse que ele era um soldado, que morreu nas guerras, mas eu sabia que ela havia sido prostituta por um tempo antes de aprender o ofício. Ela me ensinou, sabe? Disse que eu tinha as mãos para a coisa. — Ela olhou para as próprias mãos, dobrando os dedos ágeis e esguios. — Eu era a ladrazinha dela, ela dizia, e uma ladra jamais precisa ser uma prostituta.

“No final das contas, eu não era bem a ladra que ela pensava que eu fosse. Um velho gordo e rico com uma esposa velha e gorda conseguiu me encurralar quando roubei o broche dela. Estava me dando bengaladas quando minha mãe o apunhalou. ‘Ninguém bate na

minha Sherry!’, disse. Ela podia ter corrido, mas ficou.” Cruzou os braços, abraçando-se. “Ela ficou por mim. Ainda estava apunhalando o homem quando a Guarda apareceu. Enforcaram ela no dia seguinte. Eu tinha onze anos.

“Depois do enforcamento, eu me sentei e queria morrer. Não podia roubar mais, sabe, simplesmente não podia. E era tudo o que eu sabia fazer. Sem mãe, sem profissão. Eu estava acabada. Na manhã seguinte, uma mulher bonita de manto cinzento perguntou se eu precisava de ajuda.”

Ele não se lembrava de ter levantado ou de tê-la puxado para perto, mas encontrou a cabeça dela em seu peito, segurando a respiração enquanto ela segurava as lágrimas.

— Sinto muito, irmã...

Ela respirou fundo e os soluços diminuíram, ergueu o rosto e, com um sorriso enviesado nos lábios, sussurrou “Não sou sua irmã”, antes de pressioná-los contra os dele.

— Você tem gosto — a língua de Sherin movia-se em seu peito — de areia e suor. — Ela franziu o nariz. — E tem cheiro de fumaça.

— Desculpe...

Ela riu um pouco, erguendo-se para beijar seu rosto antes de encostar de novo o corpo nu no dele, apoiando a cabeça em seu peito.

— Não estou reclamando.

As mãos de Vaelin deslizavam pela maciez dos ombros dela, causando um suspiro de prazer.

— Eu tinha ouvido dizer que era preciso ser experiente nisso para achar agradável — disse ele.

— Eu tinha ouvido dizer que uma devoção verdadeira pela Fé me deixaria cega à tentação de tais prazeres. —

Ela o beijou novamente, por mais tempo dessa vez, passando a língua por seus lábios. — Parece que não dá para acreditar em tudo que se ouve.

Ficaram deitados por horas, fazendo amor com uma intimidade urgente e sussurrada, com Arranhão postado do lado de fora da porta para desencorajar visitantes. A sensação maravilhosa e eletrizante de tê-la junto a si, a respiração de Sherin em seu pescoço enquanto se movia dentro dela era irresistível, extraordinária. Apesar da tristeza, da culpa e do conhecimento do que o aguardava fora daquele quarto, no momento, talvez pela primeira vez que conseguia se lembrar, ele estava verdadeiramente feliz.

A luz fraca do amanhecer estava entrando pelas folhas da janela e Vaelin pôde ver o rosto dela com clareza, o sorriso de felicidade serena quando ela se afastou.

— Amo você — disse ele, passando os dedos pelos cabelos dela. — Sempre amei.

Sherin se aninhou nele, passando a mão pelos músculos rígidos do peito e da barriga dele.

— É mesmo? Depois de todos esses anos separados?

— Não acho que um amor assim pode realmente desaparecer. — Segurou a mão dela, entrelaçando os dedos. — A Fortaleza Negra. Você foi... eles a machucaram?

— Só se o terror for um tipo de tortura. Fiquei apenas uma noite lá, mas as coisas que ouvi... — Ela estremeceu e Vaelin lhe deu um beijo na testa.

— Desculpe, eu tinha que saber. Suas palavras devem ter tido um grande peso para que o Rei e o Aspecto Tendris ficassem tão preocupados assim.

— Essa guerra é mais do que um simples erro, Vaelin. Ela macula as nossas almas. É contra a Fé de todas as formas possíveis. Eu tive que me manifestar. Ninguém mais faria isso, nem mesmo a Aspecto Elera, embora eu

tenha implorado a ela. Comecei indo a mercados e gritando para qualquer um que ouvisse. Para minha surpresa, alguns ouviram, especialmente nos lugares mais pobres. Minhas palavras foram anotadas, reproduzidas com aquele aparelho novo de tinta e bloco que a Terceira Ordem usa. Panfletos foram distribuídos em grande quantidade, dizendo coisas como “Acabem com a Guerra e Salvem a Fé”.

— Soa bem.

— Obrigada. Levou duas semanas até virem atrás de mim. O Irmão Iltis e seus homens invadiram a Casa da Ordem com uma ordem do Rei para minha prisão. O Irmão Iltis não é o mais gentil dos homens, como você notou, e teve muito prazer em explicar em detalhes o que me aguardava na Fortaleza Negra. Fiquei acordada a noite toda, ouvindo os gritos. Quando a porta da cela se abriu, eu quase desmaiei de medo, mas era a Princesa Lyrna, com roupas limpas e uma ordem do Rei para que eu fosse solta sob sua custódia.

Lyrna. Que estratagema estará por trás disso?

— Então estou em dívida com ela.

— Eu também. Uma alma tão bondosa e corajosa é algo raro. Ela se certificou para que eu tivesse tudo de que precisasse, um quarto próprio, livros e pergaminhos. Passamos muitas horas conversando no jardim secreto dela. Sabe, acho que ela é um pouco solitária. Quando parti após receber seu chamado, ela chegou a chorar. A propósito, ela me pediu que desse a você seus mais sinceros cumprimentos.

— Bondade dela. — Vaelin estava ansioso para mudar de assunto. — O que ele lhe ofereceu? Janus. Sei que ele deve ter tentado enredar você em alguma espécie de barganha.

— Na verdade, só o encontrei uma vez. O Capitão da Guarda, Smolen, me levou até a sala dele. Havia rumores pela cidade e pelo palácio de que ele não

andava bem ultimamente, e pude comprovar que era verdade no tom cinzento de sua pele, no modo como a carne pendia dos ossos. Provavelmente a chegada da velhice, somada a alguma doença debilitante. Eu me ofereci para examiná-lo, mas ele disse que já tinha médicos de sobra. Depois disso, ele me encarou por um momento e me fez apenas uma pergunta. Quando respondi ele riu e disse ao capitão para me levar de volta aos aposentos da Princesa Lyrna. Foi uma risada triste, cheia de pesar.

— O que ele perguntou?

Ela se mexeu, ficando de joelhos, os lençóis escorregando e revelando seu corpo esbelto; seus olhos brilhavam e Vaelin percebeu que ela estava chorando.

— Ele perguntou se eu amava você. Eu disse que amava. E amo. — Sherin acariciou seu rosto com dedos trêmulos. — Eu amo. Eu devia ter partido com você quando me pediu, há tantos anos.

Na manhã em que ele despertou após a agonia de sua cura, após o massacre dos Aspectos, após ela ter salvado sua vida.

— Achei que tinha sido um sonho.

— Então foi um que compartilhamos. — As mãos dela pararam no meio de uma carícia, seu tom hesitante de súbito. — Um que ainda podemos compartilhar. Não há mais lugar para mim no Reino, e há um mundo inteiro que ainda preciso ver. Podíamos vê-lo juntos. Talvez encontrar um lugar onde não haja reis, nem guerras, nem pessoas se matando por fé, deuses e dinheiro.

Vaelin a puxou para perto, abraçando-a, deleitando-se com o calor dela, inalando o cheiro de seus cabelos.

— Há algo que preciso fazer aqui. Algo que precisa acontecer.

Ele a sentiu ficar rígida.

— Se pretende ganhar essa guerra, você precisa saber que é uma esperança tola. O Império se estende por

milhares de quilômetros, de desertos a montanhas congeladas, com mais pessoas do que há de estrelas no céu. Rechace um exército e o Imperador sem dúvida mandará outro, e outro depois desse.

— Não, não a guerra. Uma tarefa que me foi dada pelo meu Aspecto. E eu não posso fugir dela, apesar de querer. Quando estiver terminada, nossos sonhos serão só nossos.

Sherin apertou seu corpo contra o dele, tocando com os lábios sua orelha, sussurrando.

— Promete?

— Prometo. — Ele falava sério, com toda sua alma, e não conseguia compreender por que parecia uma mentira.

O momento foi interrompido por um rosnado alto no corredor. Janril Norin o chamou do outro lado da porta, a voz nervosa por estar diante do cão de escravos bravo.

Sherin cobriu a boca com as mãos para conter uma risada e afundou nos lençóis quando Vaelin pegou sua calça.

— O que é? — perguntou, abrindo a porta.

— Há um alpirano nos portões exigindo que o senhor apareça e o enfrente, meu senhor. — Os olhos de Janril deixaram o rosto de Vaelin para dar uma olhada rápida no quarto atrás dele, antes de se fixarem em Arranhão, que ainda rosnava. — O Capitão Antesh se ofereceu para meter uma flecha nele, mas o Irmão Caenis achou que o senhor poderia querê-lo vivo.

— Como ele se parece, esse alpirano?

— Um sujeito grande, de cabelos grisalhos. Vestido como um daqueles cavaleiros que enfrentamos na praia. Parece não estar muito bem, tem dificuldade de se manter na sela. Passou muito tempo no deserto, acho.

— Há quantos com ele?

— Nenhum, meu senhor. Está completamente sozinho,

se é que é possível acreditar em tal coisa.

— Diga para o Irmão Frentis reunir a tropa de batedores e informe o Irmão Caenis que irei até lá imediatamente.

— Meu senhor.

Vaelin fechou a porta e começou a se vestir.

— Vai enfrentá-lo? — perguntou Sherin, saindo de baixo dos lençóis.

— Você sabe que não vou. — Vestiu a camisa e se abaixou para beijá-la. — Preciso que você faça uma coisa por mim.

O Capitão Neliesen Nester Hevren estava curvado em sua sela, uma fadiga desoladora desfigurando seu rosto por barbear. Contudo, quando os portões se abriram e ele avistou Vaelin, a exaustão evidente deu lugar a uma satisfação sinistra.

— Encontrou coragem para me enfrentar, nortista? — gritou ele enquanto Vaelin se aproximava.

— Não tive escolha, meus homens estavam começando a perder todo o respeito por mim. — Olhou além do capitão para o deserto vazio. — Onde está seu exército?

— Tolos liderados por um covarde! — gritou Hevren. — Não têm estômago para o que precisa ser feito aqui. Que os deuses amaldiçoem Everen, escória nascida no deserto. O Imperador cortará sua cabeça. — Fixou em Vaelin um olhar de puro ódio. — Mas terei a sua primeiro, Matador do Esperança.

Vaelin inclinou a cabeça.

— Como quiser. Importa-se de desmontar? Ou quer que digam que teve uma vantagem injusta?

— Não preciso de vantagem alguma. — Hevren desceu da sela com dificuldade, a areia do deserto caiu de suas roupas, o cavalo deu um bufo de alívio. Vaelin

deduziu que ele devia ter estado na sela durante dias e notou como suas pernas se curvaram por um momento antes que ele se empertigasse.

— Aqui. — Vaelin tirou o cantil do ombro, removendo a tampa e tomando um gole. — Mate sua sede, para que as pessoas não digam que *eu* tive a vantagem. — Fechou o cantil e o jogou para Hevren.

— Não preciso nada de você — disse Hevren, mas Vaelin viu como a mão do homem tremia enquanto segurava o cantil.

— Então fique aqui e apodreça — retorquiu ele, dando-lhe as costas.

— Espere! — Hevren destampou o cantil e bebeu, engolindo a água até esvaziá-lo, e então jogando-o de lado. — Sem mais conversas, Matador do Esperança. — Ele desembainhou o sabre, firmando os pés em uma posição de luta, sacudindo a cabeça para se livrar do suor repentino que lhe escorria na testa.

— Sinto muito, Capitão — disse Vaelin. — Sinto muito pelo Esperança, por termos vindo aqui, por não poder lhe dar a morte pela qual anseia.

— Eu disse sem mais conversas! — Hevren deu um passo para frente, o sabre afastado para uma estocada, e então parou, piscando confuso, os olhos subitamente desfocados.

— Duas partes valeriana, uma parte raiz-da-coroa e uma pitada de camomila, para disfarçar o gosto. — Vaelin ergueu a tampa do cantil que havia trocado por uma contendo o sonífero de Sherin. — Sinto muito.

— Você... — Hevren cambaleou alguns passos para frente antes de tombar. — Não! — gemeu antes, tentando desesperadamente se levantar. — Não... — Ele se contorceu por mais algum tempo, então ficou imóvel.

Vaelin gritou para os soldados nilsaelinos posicionados no portão.

— Encontrem para ele um lugar confortável, mas

seguro, e certifiquem-se de tirar todas as suas armas.

Frentis chegou com a tropa de batedores, parando o cavalo debaixo do arco da casa da guarda.

— Não teria sido uma luta difícil — comentou ele enquanto os nilsaelinos carregavam o corpo desacordado de Hevren.

— Já tirei o suficiente dele — retorquiu Vaelin. — O exército dele não está por perto. Sigam para o oeste, vejam se conseguem achar o rastro deles.

— Acha que eles estão indo para Untesh?

— Para lá ou de volta para Marbellis. Fiquem fora só por um dia e não se arrisquem. Se forem avistados, voltem para a cidade.

Frentis assentiu e esporeou o cavalo adiante, seguido de perto pela tropa de batedores. Vaelin observou os homens cavalgarem para o oeste e tentou ignorar o trinado tênue de inquietação que vinha da canção do sangue.

A noite caiu sem sinal de Frentis. Vaelin esperava no alto da casa da guarda, olhando para o deserto, ficando mais uma vez espantado com a clareza do céu ali, o vasto aglomerado de estrelas cintilando acima das escuras areias noturnas.

— Está preocupado com ele. — Sherin apareceu ao seu lado, seus dedos tocando rapidamente o dorso da mão de Vaelin antes de cruzar os braços debaixo do manto.

— Ele é meu irmão — respondeu. — O capitão ainda dorme?

— Feito uma criança. Ele está tão bem quanto é possível um homem estar depois de dias no deserto com pouca água.

— Não fique muito perto dele quando ele acordar, ele estará bravo.

— Ele odeia muito você. — A voz dela estava cheia de pesar. — Todos eles odeiam, essas pessoas, apesar do que você fez por elas...

— Eu matei o herdeiro do Imperador deles e trouxe um exército estrangeiro para sua cidade. E a Mão Vermelha também, pelo que sei. Deixe-os com seu ódio, eu fiz por merecer.

Sherin se aproximou mais, lançando um olhar cauteloso para o guarda ali perto, que parecia mais preocupado com a sujeira debaixo das unhas dos dedos.

— O escultor está se recuperando bem, mas seu sono é agitado. As queimaduras ainda lhe causam dor. Eu a alivio o melhor que posso, mas ele ainda delira em seus sonhos, na maior parte do tempo falando em línguas que nunca ouvi, mas às vezes na nossa. — O olhar dela era intenso, questionador. — Algumas das coisas que ele diz...

Vaelin ergueu uma sobrancelha.

— O que ele diz?

— Ele fala de uma canção, de Cantores, de um lobo vivo feito de pedra, de uma mulher cruel e mortal, e fala de você, Vaelin. Talvez sejam apenas bobagens, ilusões e sonhos causados pelas drogas e dores, mas me assustam. E você sabe que não me assusto fácil.

Vaelin passou o braço em volta dos ombros dela e a puxou para perto, ignorando o olhar alarmado que Sherin lançou para o guarda.

— O que importa agora? — perguntou ele.

— Sua posição, seu papel aqui.

— Que se amotinem, que me deponham, se quiserem. — Erguera a voz para que o guarda pudesse ouvir, embora o homem agora estivesse muito interessado em olhar para qualquer lugar, menos para ele. Se conhecia bem as fofocas dos soldados, pela manhã todos nas casernas já saberiam. Vaelin percebeu que não dava a mínima.

— Pare. — Ela se afastou dele, ruborizada, mas também segurando uma risada.

O guarda pigarreou e Vaelin virou-se para vê-lo apontando para o deserto.

— Tropa retornando, meu senhor.

Os portões se abriram para receber a tropa de batedores, que vinha em um trote cansado, e Vaelin ficou alarmado no mesmo instante por Frentis não estar entre eles.

— O exército alpirano estava a menos de dezesseis quilômetros de Untesh quando demos com ele, meu senhor — explicou o Sargento Halkin, o segundo em comando de Frentis. — O Irmão Frentis decidiu cavalgar adiante para avisar o Príncipe Malcius do perigo. Ordenou que voltássemos para cá para avisar o senhor.

Vaelin apertou rapidamente a mão de Sherin e saindo pisando firme na direção do estábulo, gritando por sobre o ombro.

— Tragam o Irmão Barkus e o Irmão Caenis!

CAPÍTULO DEZ

— Bem, então é isso — disse Barkus.

— Astuto — murmurou Caenis. — Parece que não demos crédito suficiente a esse alpirano.

Uma grossa coluna de fumaça se erguia da cidade de Untesh para manchar o céu da manhã. Centenas de corpos apinhavam o solo diante das muralhas, onde escadas chegavam até as ameias como lenha empilhada. Vaelin pôde ver através da fumaça um estandarte tremulando na brisa, sabres negros cruzados sobre um fundo vermelho, o mesmo estandarte que vira no oásis. O Senhor da Batalha alpirano deixara de lado o cerco em favor de um ataque total, aceitando as terríveis baixas para reivindicar a cidade para o Imperador. Untesh caíra. O Príncipe Malcius e Frentis estavam mortos ou capturados.

Sou um assassino.

— É melhor não avisarmos os homens sobre isso — disse Caenis. — O efeito na moral...

— Não — disse Vaelin. — Contaremos a verdade. Sabem que não mentirei para eles. A confiança é mais importante do que o medo.

— Ele pode ter escapado — sugeriu Barkus, embora faltasse convicção em seu tom. — Embarcado num navio, talvez.

Vaelin fechou os olhos, tentando acalmar seus pensamentos, tentando projetar a canção do sangue como fizera quando perdera Dentos na tempestade de areia. A nota era regular, firme, e não teve resposta.

— Ele não está lá — sussurrou ele, a esperança

brotando no peito. Chegara a cogitar a ideia meio insana de esperar até escurecer para então encontrar um caminho por sobre as muralhas a fim de procurar por Frentis na cidade, embora estivesse ciente de que o resultado mais provável seria uma morte rápida. *Mas se ele não está lá, então onde está? Ele não teria abandonado o príncipe.*

— Batedores — disse Caenis, apontando para a planície diante da cidade, onde uma tropa de cavaleiros levantava uma espessa nuvem de poeira ao galoparem em sua direção.

— Não devem ser mais do que uma dúzia. — Barkus soltou o machado da sela e tirou as proteções de couro de cima das lâminas. — Uma pequena compensação, pelo príncipe e nosso irmão.

— Esqueça. — Vaelin puxou as rédeas de Cuspe, dando as costas para a cidade. — Vamos.

Outro mês se passou enquanto esperavam pela tempestade. Vaelin treinou os homens com afinco, fazendo com que se exercitassem até se curvarem de exaustão, garantindo que cada homem soubesse seu lugar nas muralhas e estivesse apto e preparado o bastante para ao menos sobreviver ao primeiro ataque, quando acontecesse. Sentia o medo e o ressentimento crescente deles, mas não tinha resposta para isso além de mais treinamento e uma disciplina mais severa. Para sua surpresa, a mistura de medo e respeito dos homens os manteve firmes e não houve deserções, mesmo após Barkus voltar de um reconhecimento a Marbellis com notícias de que a cidade também caíra.

— O lugar é quase uma ruína — relatou ele, desmontando do cavalo. — Muralhas com brechas em seis lugares, metade das casas destruídas pelo fogo e perdi a conta dos alpiranos acampados fora da cidade.

— Prisioneiros? — perguntou Vaelin.

O semblante geralmente animado do irmão ficou totalmente sério.

— Havia estacas nas muralhas, muitas estacas, cada uma com uma cabeça fincada. Se pouparam alguém, eu não os vi.

O Senhor da Batalha... Alucius... Mestre Sollis...

— Como fomos idiotas em deixar o velho desgraçado nos mandar para cá — estava dizendo Barkus.

— Vá descansar, irmão — disse Vaelin.

À noite Sherin o encontrava e eles faziam amor, encontrando um alívio abençoado na intimidade, permanecendo deitados juntos no escuro quando terminavam. Às vezes ela chorava baixinho, com soluços que tentava esconder.

— Não chore — sussurrava ele. — Tudo vai acabar logo.

Os soluços diminuíam após algum tempo e Sherin se agarrava a Vaelin, os lábios cobrindo o rosto dele com uma urgência desesperada. Ela, como todas as outras almas na cidade, sabia o que estava por vir. Os alpiranos passariam pelas muralhas como uma onda e ele e todos os outros súditos do Reino que pegassem em armas morreriam ali.

— Podemos partir — disse ela uma noite, implorando. — Ainda há navios no porto. Podemos simplesmente navegar para longe.

Ele passou a mão pela testa lisa dela, pela curva delicada da face e pela linha elegante do queixo. Era maravilhoso tocar o rosto dela, senti-la estremecer ao seu toque antes que um calor lhe subisse pela pele.

— Lembre-se da minha promessa, meu amor — disse ele, enxugando uma lágrima do olho dela.

Vaelin estava inspecionando as muralhas na manhã seguinte quando Caenis apareceu com uma mensagem de que embarcações do Reino se aproximavam do

porto.

— Quantas?

— Quase quarenta. — Seu irmão não parecia surpreso pelo rumo dos acontecimentos. A ideia de que o Rei os deixaria apodrecerem sem auxílio parecia nunca ter lhe ocorrido. — Vamos receber reforços.

— Tem havido boatos — disse Caenis, enquanto esperavam no cais, observando o primeiro navio atravessar o molhe e entrar no porto. Seu tom era de incômodo, mas determinado. — Sobre a Irmã Sherin.

Vaelin encolheu os ombros.

— Não duvido. Não fomos muito discretos. — Olhou para Caenis, arrependendo-se de sua frivolidade diante do desconforto do irmão. — Eu a amo, irmão.

Caenis evitou seu olhar, e seu tom era grave.

— De acordo com as doutrinas da Fé, você agora não é meu irmão.

— Excelente. Sinta-se livre para me depor. Entregarei de bom grado esta cidade para você...

— Sua posição como Lorde Comandante do regimento e desta guarnição foi lhe dada pelo Rei, não pela Ordem. Não tenho poder para depô-lo. Tudo o que posso fazer é relatar sua... transgressão ao Aspecto para que seja julgada.

— Se eu viver para ser julgado.

Caenis gesticulou para o navio que se aproximava.

— Estamos recebendo reforços. O Rei não falhou conosco. Acho que todos nós viveremos mais um pouco.

Vaelin podia ver ao longe o resto da frota balançando lentamente nas ondas. *Por que estão se demorando lá?*, perguntou-se, compreendendo quando o navio chegou mais perto e ele viu como o casco estava alto na água. Aquela embarcação não transportava reforços.

Marinheiros jogaram cordas para os soldados no cais

quando o navio chegou à doca e uma prancha de desembarque foi logo baixada. Vaelin esperava que algum comandante graduado da Guarda do Reino desembarcasse e ficou surpreso com a aparição de uma figura trajando as vestes caras da nobreza do Reino que descia de modo incerto do navio para o porto. Levou um momento para que Vaelin puxasse da memória o nome do homem: Kelden Al Telnar, ex-Ministro das Obras Reais. O homem que seguia Al Telnar estava mais de acordo com as expectativas de Vaelin, alto e trajando com simplicidade um manto azul e branco, com uma barba aparada e pele escura cor de mogno.

— Lorde Vaelin. — Al Telnar fez uma mesura quando Vaelin se adiantou para cumprimentá-los.

— Meu senhor.

— Deixe-me apresentar Lorde Merulin Nester Velsus, Grão-Promotor do Império Alpirano, atualmente servindo como Embaixador na Corte do Rei Janus.

Vaelin fez uma reverência para o homem.

— Promotor, é?

— Uma tradução ruim — respondeu Merulin Nester Velsus quase com perfeição na língua do Reino, seu tom frio e os olhos examinando Vaelin de forma predatória. — Mais precisamente, sou o Instrumento da Justiça do Imperador.

Vaelin não tinha certeza por que começou a rir, mas demorou para se controlar. Finalmente se recompôs e virou-se para Al Telnar.

— Imagino que o senhor tenha uma ordem real para mim?

— Essas ordens lhe estão claras, meu senhor? — Al Telnar estava nervoso, o lábio superior brilhava de suor e tinha as mãos entrelaçadas com força sobre a mesa à sua frente. Porém, sua evidente satisfação por estar

envolvido em um momento de tal importância parecia superar qualquer receio que pudesse ter tido sobre entregar essas ordens a um homem com tamanha fama de perigoso.

Vaelin assentiu.

— Bastante claras. — Eles estavam na sala do conselho na Guilda Mercantil, e o alto Grão-Promotor alpirano era o único outro ocupante. A falta de testemunhas aborrecera Al Telnar, que indagou a respeito de um escriba que pudesse registrar o encontro. Vaelin não se incomodou em responder.

— Tenho a Palavra do Rei por escrito. — Al Telnar pegou uma bolsa de couro e tirou um maço de papéis com o selo do Rei. — Se o senhor pudesse...

Vaelin sacudiu a cabeça.

— Ouvi dizer que o Rei não se encontra bem. Ele lhe deu essas ordens pessoalmente?

— Bem, não. A Princesa Lyrna foi designada Regente, até que o Rei se recupere, é claro.

— Mas a enfermidade não o impede de emitir ordens?

— A Princesa Lyrna me passou a imagem de uma filha muito escrupulosa e obediente — interrompeu Lorde Velsus. — Se serve de consolo, percebi uma relutância considerável nela ao relatar as ordens do pai.

Vaelin se viu incapaz de conter uma gargalhada.

— Já jogou *keschet*, meu senhor?

Velsus apertou os olhos, crispando os lábios de raiva, e inclinou-se sobre a mesa.

— Não sei o que pretende dizer, seu selvagem ignorante. Tampouco me importo. O seu rei deu sua palavra. Você vai obedecê-la ou não?

— Erm — Al Telnar pigarreou. — A Princesa Lyrna me pediu para informar-lhe sobre seu pai, meu senhor. — Ele recuou diante da intensidade do olhar que Vaelin lhe lançou, mas prosseguiu com coragem. — Parece que ele também não se encontra bem. As várias enfermidades

da idade, pelo que soube. Embora ela desejasse lhe assegurar que está fazendo todo o possível para ajudá-lo. E espera continuar a fazê-lo.

— Sabe por que ela o escolheu, meu senhor? — perguntou Vaelin.

— Supus que ela reconheceu o bom serviço que prestei...

— Ela o escolheu porque não será uma perda para o Reino se eu matar o senhor. — Virou-se para o alpirano. — Espere lá fora. Tenho assuntos a tratar com Lorde Velsus.

Sozinho com o Grão-Promotor alpirano, ele podia sentir o ódio do homem como um fogo, refletido em seus olhos. Al Telnar pode ter apreciado a importância do momento, mas ele podia ver que Lorde Velsus não dava a mínima para a história, apenas para a justiça. Ou seria para a vingança?

— Disseram-me que ele era um homem bom — disse Vaelin. — O Esperança.

Os olhos de Velsus faiscaram e sua voz era rouca e firme.

— Você jamais poderia compreender a grandeza do homem que matou, a enormidade do que tirou de nós.

Ele se lembrava do ataque desajeitado do homem de armadura branca, a negligência cega com a própria segurança ao correr de encontro à morte. Aquilo havia sido grandeza? Coragem, sem dúvida, a não ser que o homem esperasse que os lendários favores dos deuses o protegessem. De qualquer forma, o frenesi da batalha deixava pouco espaço para admiração ou reflexão. O Esperança fora apenas outro inimigo que precisava ser morto. Ele lamentava o fato, mas ainda não encontrava espaço para culpa na lembrança, e a canção do sangue sempre permanecera silenciosa sobre essa questão.

— Comecei esta guerra com quatro irmãos — disse a Velsus. — Agora um está morto e o outro perdido nas

brumas da batalha. Os dois que restam... — Sua voz sumiu. *Os dois que restam...*

— Não me importo com seus irmãos — retorquiu Velsus. — A misericórdia do Imperador é uma grande agonia para mim. Se dependesse de mim, eu esfolaria seu exército e o mandaria para o deserto para servir de banquete aos abutres.

Vaelin olhou-o diretamente nos olhos.

— Se houver a menor tentativa de interferir com o salvo-conduto dos meus homens...

— A Palavra do Imperador foi dada, escrita e testemunhada. Não pode ser quebrada.

— Seria contra a vontade dos deuses?

— Não, contra a lei. Somos um Império de leis, selvagem. Leis que afetam até mesmo o maior de nós. A Palavra do Imperador está dada.

— Então parece que não tenho escolha a não ser confiar nela. Peço para que fique registrado que o Governador Aruan não deu qualquer assistência às minhas forças durante nossa estada aqui. Ele permaneceu um servo leal ao Imperador.

— Estou certo de que o governador dará seu próprio testemunho.

Vaelin assentiu.

— Muito bem. — Levantou-se da mesa. — Amanhã ao amanhecer, então, um quilômetro e meio ao sul do portão principal. Suponho que haja tropas alpiranas por perto aguardando sua mensagem. Seria melhor que o senhor passasse a noite com elas.

— Se pensa que o deixarei fora da minha vista até...

— Quer que eu lhe expulse da cidade a chicotadas? — Seu tom era suave, mas ele sabia que o alpirano podia ouvir a sinceridade que havia nele.

O rosto de Velsus estremeceu com uma mistura de fúria e medo.

— Sabe o que o aguarda, selvagem? Quando você for

meu...

— Preciso confiar na Palavra do seu Imperador. Você terá que confiar na minha. — Vaelin virou-se para a porta. — Há um capitão da Guarda Imperial sob nossa custódia. Pedirei a ele para que seja sua escolta. Esteja fora da cidade em uma hora, por favor. E sinta-se livre para levar Lorde Al Telnar com você.

Ele reuniu os homens na praça principal: cavaleiros e escudeiros renfaelinos, arqueiros cumbraelinos, nilsaelinos e a Guarda do Reino, todos enfileirados à espera de suas palavras. Continuava não gostando de fazer discursos e não via muito sentido em preâmbulos.

— A guerra acabou! — disse a eles, de pé em cima de uma carroça e erguendo a voz para que todos pudessem ouvir com clareza. — Sua Alteza, o Rei Janus, assinou um tratado com o Imperador alpirano há três semanas. Temos ordens de deixar a cidade e retornar para o Reino. Navios estão atracando no porto agora para nos levar para casa. Vocês seguirão para as docas em companhias, com apenas suas mochilas e armas. Nenhuma propriedade alpirana será removida, sob pena de execução. — Passou rapidamente os olhos pelas fileiras. Não houve gritos de vivas, nenhuma comemoração, apenas alívio surpreso em quase todos os rostos. — Em nome do Rei Janus, agradeço a vocês por seus serviços. Fiquem à vontade e aguardem ordens.

— Acabou mesmo? — perguntou Barkus quando ele desceu da carroça.

— Totalmente — garantiu Vaelin.

— O que fez o velho tolo desistir?

— O Príncipe Malcius jaz morto em Untesh, o grosso do exército foi destruído em Marbellis e há problemas surgindo no Reino. Suponho que ele queira preservar o

que puder do exército.

Notou Caenis parado ali perto, possivelmente o único homem cuja voz não se juntou ao burburinho de alívio. O rosto esguio do irmão revelava uma mistura de perplexidade com o que só podia ser descrito como pesar.

— Parece que não haverá um Reino Unificado Maior, irmão — disse Vaelin, mantendo o tom gentil.

O olhar de Caenis estava distante, como que em profundo choque.

— Ele não comete erros — disse em voz baixa. — Ele nunca comete erros...

— Vamos para casa! — Vaelin colocou as mãos em seus ombros, sacudindo-o. — Você estará de volta à Casa da Ordem em duas semanas.

— Dane-se a Casa da Ordem — disse Barkus. — Vou para a taverna mais próxima no porto, onde pretendo ficar até que toda essa farsa maldita se torne um sonho ruim.

Vaelin apertou as mãos dos dois.

— Caenis, sua companhia pegará o primeiro navio. Barkus, pegue o segundo. Manterei as coisas em ordem enquanto o resto dos homens embarca.

Lorde Al Telnar optou por pegar o primeiro navio para casa em vez de esperar pelo clímax deste momento histórico, o rosto rígido de ressentimento quando Vaelin o deteve na rampa de embarque.

— Não diga nada ao meu irmão sobre o tratado até chegarem ao Reino. — Olhou para a proa do navio, onde Caenis estava parado, ainda muito abatido. Todos haviam perdido mais do que deviam naquela guerra, amigos e irmãos, mas Caenis perdera sua ilusão, seu sonho sobre a grandeza de Janus. Vaelin se perguntava se a desolação dele se transformaria em ódio quando

ouvisse todos os detalhes do tratado.

— Como quiser — respondeu Al Telnar, ríspido. — Algo mais, meu senhor, ou posso partir?

Sentia que devia pedir que ele levasse alguma mensagem para a Princesa Lyrna, mas percebeu que não tinha nada a dizer. Assim como não podia sentir culpa por ter matado o Esperança, ficou surpreso ao descobrir que também não sentia mais raiva dela.

Vaelin deu passagem para que Al Telnar embarcasse e acenou para Caenis quando a rampa foi recolhida e o navio começou a se afastar do cais. Caenis respondeu com um aceno breve e distraído antes de dar as costas.

— Adeus, irmão — sussurrou Vaelin.

Barkus foi o próximo a partir, incitando os homens a embarcarem com ameaças bem-humoradas que não conseguiam disfarçar o olhar assombrado que tinha desde que retornara de Marbellis.

— Vamos, mais depressa. As prostitutas e os taverneiros não vão esperar para sempre. — A máscara quase caiu por completo quando Vaelin se aproximou, o rosto tenso enquanto lutava para segurar as lágrimas. — Você não vem, não é?

Vaelin sorriu e sacudiu a cabeça.

— Não posso, irmão.

— A Irmã Sherin?

Vaelin assentiu.

— Há um navio esperando para nos levar ao Extremo Ocidente. Ahm Lin conhece um canto sossegado do mundo onde podemos viver em paz.

— Paz. Me pergunto como será isso. Acha que vai gostar?

Vaelin riu.

— Não faço ideia. — Ele estendeu a mão, mas Barkus a ignorou e o envolveu com um abraço apertado.

— Alguma mensagem para o Aspecto? — perguntou ele, recuando.

— Apenas que decidi sair da Ordem. Ele pode ficar com as moedas.

Barkus assentiu, ergueu o machado odioso e subiu a rampa sem olhar para trás. Ele permaneceu imóvel na proa, como uma das estátuas de Ahm Lin, um grande e nobre guerreiro esculpido em pedra. Vaelin sempre preferiria lembrar-se dele assim nos anos seguintes.

Permaneceu no cais para ver todos partirem. Lorde Al Trendil instigando seu regimento para os navios com uma enxurrada de insultos irascíveis, fazendo uma mesura apressada para Vaelin antes de embarcar. Aparentemente ele nunca o havia perdoado por lhe privar da chance de lucrar com a guerra. Os nilsaelinos do Conde Marven embarcaram nos navios com uma avidez descarada, alguns gritando despedidas jocosas para Vaelin enquanto o navio se afastava. O próprio conde parecia inusitadamente animado; agora que qualquer chance de glória havia desaparecido, ele parecia não ter mais motivos para inimizades.

— Perdi mais homens em brigas pessoais do que nas batalhas — disse ele, estendendo a mão a Vaelin. — Por isso acho que meu Feudo precisa lhe agradecer, meu senhor.

Vaelin apertou a mão dele.

— O que fará agora?

Marven deu de ombros.

— Voltar a perseguir foras da lei e esperar pela próxima guerra.

— Perdoe-me por torcer para que sua espera seja longa.

O conde deu uma risada grunhida e subiu no navio, aceitando uma garrafa de vinho de seus homens, que cantavam entusiasmados à medida que o navio navegava para longe,

Sinto no rosto os ventos do deserto

Até chegarmos ao mar aberto.
E pelas ondas para longe sou levado
Onde a vida de minha amada a defender estou fadado.

O Barão Banders e seus cavaleiros embarcaram com dificuldades nos navios sob o peso das armaduras desmontadas. De todos os regimentos, o ânimo deles era o mais variado: alguns choravam abertamente pela perda dos grandes cavalos de guerra, que tiveram de ser deixados para trás, outros estavam visivelmente bêbados e riam a plenos pulmões.

— Não parecem lá grandes coisas sem armadura e cavalos, não é? — perguntou Banders, sua própria armadura com ferrugem falsa equilibrada nos ombros de um infeliz escudeiro que tropeçou várias vezes antes de conseguir embarcar.

— São bons homens — disse Vaelin. — Sem eles, esta cidade teria caído e nenhum de nós voltaria para casa.

— É verdade. Quando você voltar para o Reino, espero que me visite. A mesa é sempre farta em minha casa.

— Irei com prazer. — Apertou a mão do barão. — Você deve saber que Al Telnar trouxe detalhes dos eventos em Marbellis. Parece que o Senhor da Batalha e alguns outros conseguiram lutar para chegar até as docas quando as muralhas vieram abaixo. Cerca de cinquenta homens ao todo conseguiram escapar. O Senhor Feudal Theros não estava entre eles, mas seu filho estava.

A risada do barão foi rouca e seu rosto estava sombrio.

— Pragas sempre encontram um jeito de sobreviver, ao que parece.

— Perdoe-me, Barão, mas o que aconteceu em Marbellis para que o Senhor Feudal o dispensasse? O senhor nunca me contou.

— Quando finalmente conseguimos entrar na cidade,

a carnificina foi terrível, e não apenas confinada aos soldados alpiranos. Homens e mulheres... — Fechou os olhos e suspirou. — Encontrei Darnel e dois de seus cavaleiros estuprando uma garota ao lado dos corpos de seus pais. Ela não devia ter mais que treze anos. Eu matei os dois outros e estava tentando castrar Darnel quando a maça do Senhor Feudal me derrubou. “Ele é escória, sem dúvida”, ele me disse no dia seguinte. “Mas também é o único filho que tenho”. Então me enviou para você.

— Tenha cuidado quando voltar para suas terras. Lorde Darnel não me parece ser uma alma inclinada a perdoar.

Banders respondeu com um sorriso sinistro.

— Eu também não, irmão.

Os Sargentos Krelnik, Gallis e Janril Norin foram os últimos dos Lobos Corredores a partir. Vaelin apertou as mãos de cada um deles e os agradeceu pelos serviços prestados.

— Faz menos de dez anos — disse a Gallis. — Mas se quiser ser dispensado, tenho liberdade para providenciar isso.

— Nos veremos no Reino, meu senhor! — disse Gallis, batendo uma continência impecável e marchando para o navio, seguido rapidamente por Krelnik e Norin.

Os arqueiros cumbraelinos foram o último contingente a embarcar. Vaelin se dispusera a colocá-los antes dos renfaelinos, por temer que suspeitassem de alguma trama pérfida do Lâmina Negra para abandoná-los aos alpiranos, mas Bren Antesh o surpreendeu ao insistir que esperassem até que todos os outros tivessem partido. Supôs que havia uma possibilidade de emboscada; estava sozinho com mil homens que o viam como um inimigo de seu deus, afinal de contas, mas todos eles marcharam para os navios sem problemas, a maioria ignorando-o ou acenando com a cabeça com

um respeito cauteloso.

— São gratos por suas vidas — disse Antesh, decifrando sua expressão. — Mas nunca vão dizer isso. Então eu direi. — Ele se curvou, e Vaelin percebeu que era a primeira vez que ele fazia isso.

— De nada, Capitão.

Antesh se empertigou, olhou para o navio à espera e de volta para Vaelin.

— Este é o último navio, meu senhor.

— Eu sei.

As sobrancelhas de Antesh se ergueram ao compreender.

— O senhor não pretende retornar ao Reino.

— Tenho assuntos a tratar em outro lugar.

— É melhor não se demorar aqui. Tudo o que essa gente tem a lhe oferecer é uma morte horrível.

— É isso o que acontece ao Lâmina Negra na profecia?

— Não exatamente. Ele é seduzido por uma feiticeira, que se torna uma rainha com o poder de conjurar fogo do ar. Juntos eles causam uma destruição terrível pelo mundo, até que o fogo dela o consome na agonia da paixão pecaminosa dos dois.

— Bem, pelo menos tenho isso para esperar que aconteça. — Ele retribuiu a mesura de Antesh. — Boa sorte, Capitão.

— Tenho algo para lhe contar — disse Antesh, suas feições geralmente plácidas agora sombrias. — Nem sempre usei o nome de Antesh. Antigamente eu tinha outro nome, um que o senhor conhece.

A canção do sangue ressoou, não em aviso, mas em um triunfo nítido e estridente.

— Conte-me — disse Vaelin.

As queimaduras de Ahm Lin haviam sarado, mas as cicatrizes permaneceriam pelo resto da vida. Um

grande pedaço de tecido enrugado e descorado desfigurava o lado direito de seu rosto da bochecha ao pescoço, e cicatrizes igualmente feias eram visíveis nos braços e no peito. Apesar disso, ele parecia tão afável como sempre, embora a tristeza pelo que Vaelin lhe pedira fosse óbvia.

— Ela me curou, tem cuidado de mim — disse ele. — Fazer algo assim...

— Você faria menos por sua esposa? — perguntou Vaelin.

— Eu seguiria minha canção, irmão. E você? Está seguindo a sua?

Vaelin lembrou-se da nota pura e triunfante da canção do sangue quando ouviu o que Antesh tinha para dizer.

— Mais atentamente do que nunca. — Olhou o escultor nos olhos. — Fará o que lhe pedi?

— Parece que nossas canções estão de acordo, então não tenho muita escolha.

Sherin bateu na porta e entrou, trazendo uma tigela de sopa.

— Ele precisa comer — disse ela, colocando a tigela ao lado da cama do escultor e virando-se para Vaelin. — E você precisa me ajudar a fazer as malas.

Vaelin tocou rapidamente a mão de Ahm Lin para agradecer e a seguiu para fora do quarto. Sherin havia se instalado nos antigos aposentos da Irmã Gilma no porão da casa da guilda, e estava ocupada escolhendo quais das inúmeras garrafas e caixas de curativos levaria consigo.

— Consegui um pequeno baú para suas coisas — disse ela, indo até uma prateleira onde passou a mão ao longo de uma fileira de garrafas, escolhendo algumas, deixando outras.

— Só tenho isto — disse Vaelin, tirando um embrulho do manto e entregando a ela, os blocos de madeira que Frentis lhe trouxera, enrolados no lenço de Sella. — Não

é grande coisa como dote, eu sei.

Ela desamarrou o lenço com cuidado e passou os dedos sobre o padrão intrincado.

— Muito bonito. Onde conseguiu isto?

— Um presente de uma linda donzela.

— Devo ficar com ciúmes?

— Acho que não. Ela está a meio mundo de distância, casada com um belo sujeito louro que conhecíamos.

Sherin separou os blocos.

— Invernália.

— Da minha irmã.

— Você tem irmã? Uma irmã de sangue?

— Sim. Encontrei-a apenas uma vez. Falamos sobre flores.

Sherin agarrou sua mão, trazendo à tona uma necessidade irresistível por ela, tão intensa e poderosa a ponto de quase fazê-lo esquecer do que tinha pedido a Ahm Lin, esquecer o Aspecto, a guerra, toda a história miserável e banhada de sangue. Quase.

— O Governador Aruan está preparando o navio, mas ainda temos algumas horas — disse ele, indo até a mesa onde ela preparava suas misturas, sentando-se e abrindo uma garrafa de vinho. — É bem provável que seja a última garrafa de tinto cumbraelino que resta na cidade. Quer beber com um ex-Lorde Comandante do Trigésimo Quinto Regimento de Infantaria, ex-Espada do Reino e ex-Irmão da Sexta Ordem?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Será que fui amarrar meu burro a um bêbado?

Vaelin pegou duas taças e as encheu.

— Apenas beba, mulher.

— Sim, meu senhor — disse ela, fingindo ser servil, sentando-se diante dele e pegando uma taça. — Contou a eles?

— Apenas para Barkus. Os outros acham que pegarei o último navio.

— Ainda poderíamos voltar. Com a guerra terminada...

— Não há lugar para você lá, agora. Você mesma disse isso.

— Mas você está perdendo tanto...

Ele estendeu o braço sobre a mesa e segurou a mão dela.

— Não estou perdendo nada e estou ganhando tudo.

Sherin sorriu e bebeu o vinho.

— E a tarefa de que o Aspecto o incumbiu? Está concluída?

— Não exatamente. Quando partimos daqui, estará.

— Pode me contar agora? Tenho finalmente permissão para saber?

Vaelin apertou a mão dela.

— Não vejo por que não.

Havia sido um dia frio, mais frio do que o normal para o mês de weslin. O Aspecto Arlyn estava na beira do campo de treinamento, observando Mestre Haunlin ensinar a um grupo de irmãos noviços como usar o bastão. Vaelin deduziu que eram sobreviventes do terceiro ano a julgar pela idade e tamanho comparativamente pequeno do grupo. Ao longe, o louco Mestre Rensial tentava atropelar outro grupo de garotos, a voz estridente ecoando pelo ar gelado.

— Irmão Vaelin — cumprimentou o Aspecto.

— Aspecto. Solicito alojamentos para o Trigésimo Quinto Regimento de Infantaria durante os meses de inverno. — Por insistência do Aspecto, tornara-se um ritual entre eles solicitar formalmente alojamentos toda vez que o regimento retornava para a Casa da Ordem, um reconhecimento do fato de que, apesar do financiamento e do equipamento, ele permanecia parte da Guarda do Reino.

— Concedidos. Como estava Nilsael?

— Frio, Aspecto. — Haviam passado a maior parte de três meses na fronteira nilsaelina com Cumbrael, perseguindo um grupo particularmente selvagem e fanático de adoradores de deuses que se denominava como os Filhos do Lâmina Fiel. Um dos hábitos menos agradáveis desse bando era o rapto e conversão forçada de crianças nilsaelinas, muitas das quais haviam sido submetidas a várias formas de abuso para forçar sua adesão, e algumas eram mortas de imediato quando se mostravam irascíveis demais. A perseguição pelas colinas e vales do sul de Nilsael fora difícil, mas o regimento atacara o bando com tamanha ferocidade que este estava reduzido a trinta homens quando foi encurralado em uma ravina profunda. Mataram de imediato os prisioneiros restantes, um irmão e uma irmã de oito e nove anos, raptados de uma fazenda nilsaelina poucos dias antes, e então dispararam flechas contra os Lobos Corredores enquanto entoavam preces ao seu deus. Vaelin deixou a cargo de Dentos e seus arqueiros a eliminação de todos eles, algo que não lhe pesava na consciência de modo algum.

— Baixas? — perguntou o Aspecto.

— Quatro mortos, dez feridos.

— Lastimável. E o que descobriu sobre esses, como eram mesmo, Filhos do Lâmina Fiel?

— Eles se consideram seguidores de Hentes Mustor, que muitos cumbraelinos acreditam ser a personificação do Lâmina Fiel profetizado em seu Quinto Livro.

— Ah, sim. Aparentemente há um décimo primeiro livro circulando em Cumbrael, O Livro do Lâmina Fiel, que conta a história da vida e do martírio do Usurpador. Os bispos cumbraelinos o condenaram como herético, mas muitos de seus seguidores estão clamando para que seja lido. É sempre assim com essas coisas: queime um livro e as cinzas dão origem a milhares de cópias. Parece que ao matar um lunático nós acrescentamos

outro ramo à igreja deles. Irônico, não acha?

— Muito, Aspecto. — Hesitou, juntando forças para o que tinha de dizer, mas, como sempre, o Aspecto estava à frente dele.

— O Rei Janus quer meu apoio para sua guerra.

Algo alguma vez o surpreende?, pensou Vaelin consigo mesmo.

— Sim, Aspecto.

— Diga-me, Vaelin. Você acredita que espiões alpiranos estão à espreita em cada beco e moita, preparando um modo de seus exércitos invadirem nossas terras?

— Não, Aspecto.

— E acredita que Negadores alpiranos raptam nossas crianças para corrompê-las em rituais indescritíveis de adoração?

— Não, Aspecto.

— Nesse caso, você acha que a futura riqueza e prosperidade deste Reino dependem da captura dos três principais portos alpiranos no Mar Erineano?

— Não acho, Aspecto.

— E ainda assim você vem pedir meu apoio em nome do Rei?

— Venho pedir orientação. O Rei deixou meu pai e sua família sob ameaça para garantir minha obediência, mas percebo que não posso protegê-los enquanto milhares morrem em uma guerra sem sentido. Deve haver um modo de desviar o Rei desse caminho, alguma pressão que possa ser feita contra ele. Se todas as Ordens falassem como uma...

— A época em que as Ordens falavam como uma se foi há muito tempo. O Aspecto Tendris anseia por uma guerra contra os Infiéis como um bêbado sedento por cerveja, enquanto nossos irmãos na Terceira Ordem perdem-se em seus livros e assistem aos eventos do mundo com frio desprendimento. A Quinta Ordem não

toma parte na política por costume, e, no que diz respeito à Primeira e Segunda Ordens, elas consideram que a comunhão de suas almas com as almas dos Finados têm prioridade sobre todas as questões terrenas.

— Aspecto, fui levado a crer que existe outra Ordem, possivelmente com mais poder do que todas as outras juntas.

Vaelin esperava algum sinal de choque ou alarme, mas a única expressão do Aspecto foi uma sobrancelha levemente erguida.

— Vejo que este é o dia de se revelar todos os segredos, irmão. — Ele uniu as mãos e as enfiou no manto, virando-se e acenando com a cabeça. — Venha, ande comigo.

A neve era triturada sob seus pés enquanto caminhavam juntos, em silêncio. Do campo de treinamento vinham os gritos e gemidos de dor e triunfo dos quais Vaelin se lembrava tão bem. Teve uma sensação intensa e inesperada de nostalgia; apesar de toda a dor e perda nos seus anos dentro dessas muralhas, havia sido uma época mais simples, antes que as maquinações de reis e os segredos da Fé trouxessem escuridão e confusão para sua vida.

— Como você tomou conhecimento disso? — perguntou o Aspecto, finalmente.

— Encontrei um homem no norte, um irmão de uma Ordem que os Fiéis há muito acreditam ser um mito.

— Ele lhe contou sobre a Sétima Ordem?

— Não sem persuasão, e apenas até certo ponto. Ele confirmou que o fato de a Sétima Ordem continuar a existir é um segredo conhecido por todos os Aspectos. Porém, dados os recentes atritos com a Quarta Ordem, suspeito que o Aspecto Tendris continue a ignorar essa informação.

— De fato ele ignora, e é vital que sua ignorância

continue. Não concorda?

— Certamente, Aspecto.

— O que você sabe sobre a Sétima Ordem?

— Que ela está para as Trevas como nós estamos para a guerra e a Quinta Ordem está para a cura.

— De fato, embora nossos irmãos e irmãs na Sétima Ordem não se refiram às Trevas. Consideram a si mesmos como guardiões e praticantes de conhecimentos perigosos e arcanos, boa parte do qual desafia conceitos mundanos como nomes ou categorias.

— E eles usariam esse conhecimento para nos ajudar?

— É claro, eles sempre fizeram isso e continuam a fazê-lo até hoje.

— O homem que encontrei no norte falou de uma guerra dentro da Fé, de alguns dentro da Sétima Ordem sendo corrompidos por seus poderes.

— Corrompidos ou iludidos. Quem pode dizer? Há muitas coisas para as quais as respostas encontram-se apenas no passado. O que está claro é que membros da Sétima Ordem adquiriram um conhecimento que era melhor que permanecesse oculto, que eles de alguma forma entraram em contato com o Além e tocaram em algo, algum espírito ou ser de tamanho poder e malícia que quase destruiu nossa Fé e o Reino com ela.

— Mas ele foi derrotado?

— “Contido” seria uma palavra mais apropriada. Mas ainda está à espreita, no Além, aguardando, e há aqueles que são chamados para fazer suas vontades, planejando e matando conforme são ordenados.

— O massacre dos Aspectos.

— Isso e mais.

Vaelin pensou em seu confronto com Caolho abaixo da cidade, no que ele dissera a Frentis enquanto gravava o padrão complexo de cicatrizes em seu peito.

— Aquele Que Aguarda.

Dessa vez, a surpresa do Aspecto foi evidente.

— Você andou ocupado, não?

— Quem é ele?

O Aspecto parou, virando-se para observar os garotos no campo de treinamento.

— Talvez ele seja Mestre Rensial, sua aparente loucura todos esses anos apenas uma máscara para seu verdadeiro propósito. Ou talvez seja Mestre Haunlin, que nunca disse como conseguiu aquelas queimaduras. Ou quem sabe é você? — Havia uma intensidade enervante no olhar do Aspecto quando ele se virou para Vaelin. — Que melhor disfarce poderia haver, afinal? Filho do Senhor da Batalha, corajoso em todas as coisas, aparentemente sem defeitos, amado pelos Fiéis. Realmente, que melhor disfarce.

Vaelin assentiu.

— De fato. Seria superado apenas pelo senhor, Aspecto.

O Aspecto piscou lentamente e virou-se para continuar a caminhada.

— A questão é que ele continua muito bem escondido e nenhum dispositivo ou medida da Sétima Ordem foi capaz de revelá-lo. Ele poderia ser um irmão da Ordem ou um soldado em seu regimento. Ou mesmo alguém sem nenhuma ligação com a Ordem. As profecias são vagas sobre o método, mas são claras quanto ao fato de que Aquele Que Aguarda tem como propósito destruir esta Ordem.

Vaelin franziu o cenho, surpreso. O conceito de profecia não era uma característica da Fé. Profetas e suas visões eram da alçada de crenças falsas, de adoradores de deuses e de Negadores que se agarravam a superstições que confundiam com sabedoria.

— Profecias, Aspecto?

— Aquele Que Aguarda foi previsto há muitos anos pela Sétima Ordem. Há alguns entre eles que têm o

dom de ver o futuro, ou pelo menos as sempre inconstantes nuvens de sombras que constituem o futuro, pelo que dizem. É raro as visões produzidas por tais pessoas coincidirem, as sombras se juntarem em um todo reconhecível, mas todas elas concordam em duas coisas: teremos apenas uma chance para encontrar Aquele Que Aguarda e se fracassarmos esta Ordem será destruída, e sem esta Ordem também serão destruídos a Fé e o Reino.

— Mas temos alguma chance de detê-lo?

— Uma chance, sim. O último irmão a fazer uma profecia sobre esse assunto viveu há mais de cem anos. Dizem que ele entrava em um transe e escrevia suas visões com uma letra mais precisa e refinada do que o escriba mais habilidoso da terra, embora fosse incapaz de ler ou escrever quando não estava em transe. Pouco antes de morrer, ele pegou mais uma vez a pena e deixou uma mensagem curta. "A guerra revelará Aquele Que Aguarda quando um rei enviar seu exército para lutar sob o sol de um deserto. Ele buscará a morte de seu irmão e talvez encontrará sua própria morte."

A morte de seu irmão...

— Você sobreviveu a duas tentativas de assassinato enquanto ainda estava em treinamento — prosseguiu o Aspecto. — Acreditamos que ambas foram realizadas por aqueles a serviço de qualquer coisa maligna que esteja à espreita no Além. Por alguma razão, deseja muito sua morte.

— Se Aquele Que Aguarda está escondido dentro da Ordem, por que simplesmente não fazer com que ele me mate?

— Ou porque tal oportunidade ainda não surgiu, ou porque ao fazer isso haveria o risco de revelar seu rosto, e ele ainda tem muito o que fazer. Porém, entre o caos da guerra, cercado por tanta morte, ele pode muito bem se arriscar.

Vaelin sentiu um calafrio que não tinha a ver com os ventos gelados que varriam o campo de treinamento.

— A guerra do Rei é nossa chance?

— Nossa única chance.

— Prevista por um homem que escreveu durante um transe há mais de cem anos. O senhor está disposto a envolver a Ordem na guerra apenas com base nisso?

— Depois de tudo o que viu, de tudo o que aprendeu, você ainda pode duvidar? Essa guerra acontecerá com ou sem nosso apoio. O Rei está decidido e não será dissuadido.

— Se acontecer, o Reino poderia sucumbir, de qualquer forma.

— E se não acontecer, ele certamente sucumbirá. Não mais uma vez a Feudos rivais, mas à ruína completa, e a terra será devastada, as florestas queimarão até virarem cinzas e todos os povos, gente do Reino, seordah e lonaks, morrerão. O que mais você esperaria que fizéssemos?

— Não consegui pensar em nada para dizer — disse Vaelin a Sherin, passando o polegar pela pele macia da mão dela. — Ele tinha razão. Foi horrível, terrível, mas ele tinha razão. Ele me disse que essa seria uma guerra diferente de todas que já vimos. Um grande sacrifício seria feito. Mas eu preciso retornar. Não importa quantos dos meus homens e dos meus irmãos tombaram, eu preciso retornar ao Reino assim que tiver completado minha tarefa. Quando eu estava indo embora, ele me disse que eu o lembrava de minha mãe. Sempre me perguntei como eles se conheceram. Agora acho que nunca vou descobrir.

A cabeça dela estava deitada na mesa, os olhos fechados, a boca aberta, a mão ainda segurando a taça de vinho que Vaelin lhe dera.

— Duas partes valeriana, uma parte raiz-da-coroa e uma pitada de camomila, para disfarçar o gosto — disse ele, afagando o cabelo de Sherin. — Tente não me odiar.

Vaelin colocou o manto nela, enfiando o lenço e os blocos nas dobras, e a carregou até o porto. Ela era leve em seus braços, frágil. Ahm Lin aguardava no cais ao lado de uma enorme embarcação mercantil, de mãos dadas com sua esposa Shoala, o rosto dela tenso pelas lágrimas contidas enquanto lançava um olhar desconsolado à cidade que ela provavelmente jamais veria de novo. O Governador Aruan estava negociando com o capitão do navio, um homem corpulento do Extremo Ocidente que ficou alarmado ao ver Vaelin. Talvez ele tenha sido um dos capitães que foram forçados a assistir os navios queimarem após a tentativa de fuga dos marinheiros, Vaelin não conseguia se lembrar, mas o homem concluiu rapidamente a negociação com o governador e subiu depressa a rampa.

— O preço foi acertado — disse o governador a Ahm Lin. — Navegarão direto para o Extremo Ocidente, e o primeiro porto em que pararão...

— É melhor que eu não saiba — interrompeu Vaelin.

Ahm Lin adiantou-se para tirar Sherin dele, erguendo-a com facilidade em seus braços musculosos de trabalhar em pedras.

— Diga a ela que eles me mataram — disse Vaelin. — Quando o navio se afastou da doca, a Guarda do Imperador chegou e me matou.

O escultor assentiu, relutante.

— Como deseja a canção, irmão.

— Ela poderia ficar aqui — sugeriu o Governador Aruan. — A cidade tem uma grande dívida com ela, afinal de contas. Ela não correria perigo.

— Acha mesmo que Lorde Velsus será tão grato quanto o senhor, governador? — perguntou Vaelin.

O governador suspirou.

— Talvez não. — Ele tirou uma bolsa de couro do cinto e entregou a Shoala. — Para ela, quando acordar. Com os meus agradecimentos.

A mulher assentiu, lançou um último olhar de ódio para Vaelin e outro triste para a cidade, antes de dar as costas e subir a rampa.

Vaelin estendeu a mão para passar os dedos pelo cabelo de Sherin, tentando apagar da memória a imagem de seu rosto adormecido.

— Cuide dela — disse a Ahm Lin.

Ahm Lin sorriu.

— Minha canção não admitiria que fosse de outra forma. — Ele se virou para ir e então hesitou. — Minha canção não está emitindo nenhuma nota de adeus, irmão. Não posso deixar de pensar que um dia voltaremos a cantar juntos.

Vaelin assentiu, recuando enquanto Ahm Lin carregava Sherin para o navio. Ele permaneceu com o governador enquanto o navio afastava-se da doca, seguindo a maré até a entrada do porto, as velas sendo içadas para pegarem os ventos boreais, levando-a para longe. Aguardou e ficou observando até as velas se tornarem uma mancha tênue no horizonte, até desaparecerem por completo e restar apenas o mar e o vento.

Vaelin desafivelou a espada e a ofereceu a Aruan.

— Governador, a cidade é sua. Fui ordenado a esperar por Lorde Velsus além das muralhas.

Aruan olhou para a espada, mas não se moveu para pegá-la.

— Falarei por você, tenho alguma influência na corte do Imperador. Ele é famoso por sua misericórdia... — Vacilou e então parou, talvez ouvindo o tom vazio de

suas palavras. Voltou a falar após um momento. — Obrigado pela vida de minha filha, meu senhor.

— Pegue-a — insistiu Vaelin, tornando a oferecer a espada. — Prefiro que o senhor fique com ela, não Lorde Velsus.

— Como quiser. — O governador pegou a espada com as mãos gordas. — Não há nada que eu possa fazer pelo senhor?

— Na verdade, quanto ao meu cão...

PARTE V

Em jogos mais longos, onde o Ataque do mentiroso ou uma das outras aberturas descritas acima tenha falhado, a complexidade do keschet *é revelada em sua plenitude. Os capítulos seguintes examinarão os estratagemas mais eficazes para serem empregados no jogo longo, começando com a Virada do Arqueiro, que recebe este nome da manobra empregada por arqueiros montados alpiranos. Assim como o Ataque do Mentiroso, a Virada do Arqueiro faz uso de desorientação, mas também mantém o potencial para que oportunidades imprevistas sejam exploradas. Um jogador habilidoso pode se mover ofensivamente contra dois objetivos, deixando o oponente sem saber qual é o alvo final até que a oportunidade mais apropriada se apresente.*

— autor desconhecido, *keschet — regras e estratégias*,
grande biblioteca do reino unificado

RELATO DE VERNIERS

— E?

Al Sorna se calara após relatar suas últimas palavras ao governador.

— E o quê? — perguntou ele.

Reprimi minha irritação. Estava ficando cada vez mais aparente que o nortista sentia prazer em me atormentar.

— E o aconteceu?

— Você sabe o que aconteceu. Esperei do lado de fora das muralhas e pela manhã Lorde Velsus apareceu com uma tropa imperial para me levar em custódia. O Príncipe Malcius foi devidamente entregue ao Reino, ileso. Janus morreu logo depois. Sua história descreveu em detalhes meu julgamento. O que mais posso lhe contar?

Percebi que ele tinha razão; de acordo com a história registrada, até então ele contara toda a sua trajetória, fornecendo uma quantidade considerável de informações até então desconhecidas e esclarecimentos sobre as origens da guerra e a natureza do Reino que a deflagrou. No entanto, vi-me dominado pela convicção de que havia mais, uma sensação inabalável de que a história dele estava incompleta. Lembrei-me de momentos em que sua voz vacilara, apenas levemente, mas o bastante para que eu tivesse certeza de que ele estava omitindo algo, talvez escondendo verdades que não desejava revelar. Ao olhar para a profusão de palavras que adornavam as folhas que agora cobriam o convés ao redor do meu saco de dormir, meu humor

piorou quando pensei no trabalho envolvido na verificação daquela narrativa, as pesquisas extensas que seriam necessárias para corroborar tal história. Onde se encontra a verdade em meio a tudo isso?, *pensei comigo mesmo.*

— Então — disse eu, juntando meus papéis, tomando cuidado para mantê-los em ordem. — É essa a resposta para a guerra? Simplesmente a tolice de um velho desesperado?

Al Sorna havia se deitado em seu saco de dormir, com as mãos atrás da cabeça, olhos fixos no teto, sua expressão sombria e distante. Ele bocejou.

— Isso é tudo o que posso lhe contar, meu senhor. Agora, agradeço se puder me permitir algum descanso. Tenho que enfrentar uma morte certa amanhã e gostaria de encontrá-la revigorado.

Examinei as folhas, minha pena destacando as passagens onde eu suspeitava que ele havia sido um tanto reticente. Para meu espanto, vi que havia mais do que gostaria, inclusive algumas contradições.

— Você disse que nunca a encontrou de novo — disse eu. — Contudo, você disse que a Princesa Lyrna estava presente na Feira de Verão em que Janus o envolveu em sua trama belicosa.

Ele suspirou, sem se virar.

— Trocamos apenas um cumprimento rápido. Não achei que valia a pena mencionar.

Lembrei-me de algo, um fragmento distante de minhas próprias pesquisas, realizadas enquanto preparava minha história da guerra.

— E quanto ao escultor?

Houve uma hesitação quase imperceptível, mas aquilo revelava muito.

— Escultor?

— O escultor com o qual fez amizade em Linesh. A casa dele foi incendiada por causa disso. Era uma

história bem conhecida quando pesquisei sua ocupação da cidade. Porém, você não faz nenhuma menção a ele.

Ele se virou e encolheu os ombros.

— Não chamaria de amizade. Eu queria que ele esculpisse uma estátua de Janus para a praça principal. Algo para confirmar a posse da cidade por parte dele. Não preciso dizer que o escultor se recusou. Porém, isso não impediu que alguém incendiasse sua casa. Creio que ele e a esposa saíram da cidade quando a guerra acabou, com uma boa razão, ao que parece.

— E a irmã de sua fé que impediu que a praga vermelha devastasse a cidade — insisti, mais irritado agora. — O que houve com ela? Os habitantes da cidade que entrevistei contaram muitas histórias sobre a bondade dela e a proximidade que tinha com você. Alguns até pensavam que vocês eram amantes.

Ele sacudiu a cabeça, cansado.

— Isso é absurdo. Quanto ao que houve com ela, imagino que tenha retornado para o Reino com o exército.

Ele estava mentindo, eu tinha certeza.

— Por que relatar essa história se você não tem intenção de me contar ela inteira? — perguntei. — Pretende me fazer de tolo, Matador do Esperança?

Al Sorna deu uma risada grunhida.

— Um tolo é qualquer homem que acha que não é tolo. Deixe-me dormir, meu senhor.

Nos vinte anos desde sua destruição, os meldeneanos esforçaram-se muito para reconstruir sua capital em uma escala maior e mais ornamentada, talvez buscando uma posição de desafio na realização arquitetônica. A cidade se aglomerava ao redor do vasto porto natural na margem sul de Ildera, a maior ilha do arquipélago, um panorama de paredes de mármore reluzente e telhados de telhas vermelhas entremeados por colunas altas em homenagem à miríade de deuses marinhos

dos ilhéus. Eu lera como o igualmente formidável pai de Al Sorna supervisionara a derrubada das colunas quando seu exército desembarcou em terra firme, trazendo fogo e destruição. Os sobreviventes falavam da Guarda do Reino urinando nas estátuas caídas que ficavam no alto das colunas, embriagada pelo sangue e pela vitória, entoando "Um deus é uma mentira!" enquanto a cidade queimava à sua volta.

Se Al Sorna sentia algum pesar pela destruição causada por seu pai, ele não demonstrava, observando a cidade cada vez mais próxima com apenas um leve interesse, a espada odiosa em punho, ignorado pelos marinheiros, encostado na amurada. Era um dia claro e sem nuvens e o navio cortava com facilidade as águas calmas com velas recolhidas, e os marinheiros remavam sob as exortações severas do contramestre.

Não nos cumprimentamos quando me juntei a ele na amurada. Eu ainda tinha a cabeça cheia de perguntas, mas meu coração estava endurecido pela certeza de que ele não me daria respostas. Qualquer que fosse o propósito de me contar sua história, ele já havia sido cumprido. Ele não me contaria mais nada. Permaneci acordado a maior parte da noite, repassando sua história em minha mente, procurando respostas e encontrando apenas mais perguntas. Perguntei a mim mesmo se sua intenção fora de certa forma se vingar de modo cruel pela dura condenação dele e de seu povo que transparecia em quase todas as linhas da minha história da guerra, mas, apesar do fato de que eu jamais poderia sentir simpatia por ele, eu sabia que ele não era realmente vingativo. Um inimigo mortal, sem dúvida, mas dificilmente vingativo.

— Ainda sabe usar isto? — perguntei por fim, cansado do silêncio.

Ele olhou para a espada que segurava.

— Logo saberemos.

— Aparentemente, o Escudo está insistindo em um combate justo. Imagino que lhe darão alguns dias para praticar. Tantos anos de inatividade dificilmente fariam de você o mais terrível oponente.

Seus olhos negros voltaram-se para meu rosto, levemente jocosos.

— O que o faz pensar que estive inativo?

Encolhi os ombros.

— O que mais há para se fazer em uma cela durante cinco anos?

Ele se voltou para a cidade, sua resposta um sussurro vago quase perdido ao vento.

— Cantar.

Todos os negócios no porto cessaram de forma gradual enquanto atracávamos no cais. Cada estivador, pescador, marinheiro, vendedora de peixes e prostituta parou de trabalhar para ver o filho do Queimador da Cidade. O silêncio tornou-se pesado e opressivo de imediato, e até mesmo o lamento constante das inúmeras gaivotas pareceu desaparecer na atmosfera agora tomada por um ódio inaudito e universal. Apenas uma figura em meio à multidão parecia imune àquele estado de espírito, um homem alto de braços abertos para dar as boas-vindas na base da rampa de desembarque, dentes perfeitos brilhando em um sorriso largo.

— Bem-vindos, amigos, bem-vindos! — gritou ele em um barítono melodioso e grave.

Contemplei sua plena estatura ao descer para o cais, notando a cara camisa de seda azul que cobria o torso largo e o sabre de punho dourado no cinto. O cabelo, longo e louro, esvoaçava ao vento como a juba de um leão. Era simplesmente o homem mais belo que eu já havia visto. Ao contrário de Al Sorna, sua aparência

estava totalmente de acordo com sua lenda e eu soube seu nome antes que ele me dissesse, Atheran Ell-Nestra, Escudo das Ilhas, o homem que o Matador do Esperança viera enfrentar.

— Lorde Verniers, não? — cumprimentou-me ele, sua mão envolvendo a minha. — Uma honra, senhor. Suas histórias têm lugar de honra em minhas prateleiras.

— Obrigado. — Virei-me quando Al Sorna desceu pela rampa. — Este...

— É Vaelin Al Sorna — concluiu Ell-Nestra, fazendo uma longa mesura para o Matador do Esperança. — A história de suas proezas o precede, é claro...

— Quando lutamos? — interrompeu Al Sorna.

Os olhos de Ell-Nestra se estreitaram um pouco, mas seu sorriso não esmoreceu.

— Daqui a três dias, meu senhor. Se lhe convier.

— Não convém. Desejo concluir essa farsa o mais rápido possível.

— Eu tive a impressão de que o senhor estava ficando debilitado à mercê do Imperador nos últimos cinco anos. Não precisa de tempo para restaurar suas habilidades? Eu me sentiria desonrado se o povo dissesse que eu tive uma vitória fácil demais.

Observando os dois se encararem, fiquei surpreso pelo contraste entre eles. Embora quase da mesma altura, a beleza masculina e o sorriso radiante de Ell-Nestra deveriam ter eclipsado o semblante severo e angular de Al Sorna. Entretanto, havia algo no Matador do Esperança que desafiava a presença imponente do ilhéu, uma incapacidade inata de ser diminuído. Eu sabia por que, é claro. Podia ver no humor falso de Ell-Nestra pintado em seu rosto, no modo como seus olhos examinavam o oponente da cabeça aos pés. O Matador do Esperança era o homem mais perigoso que enfrentaria, e ele sabia disso.

— Posso lhe assegurar que ninguém jamais dirá que

você teve uma vitória fácil — disse Al Sorna.

Ell-Nestra inclinou a cabeça.

— Amanhã ao meio-dia, então. — Ele indicou um grupo de homens armados ali perto, marinheiros de olhar firme com uma variedade de armas, todos fitando o Matador do Esperança com antipatia evidente. — Minha tripulação os escoltará até seus aposentos. Aconselho-os a não se demorarem no caminho.

— A Senhora Emeren — disse eu, antes que ele partisse. — Onde ela está?

— Confortavelmente instalada em minha casa. Você a verá amanhã. Ela manda seus mais sinceros cumprimentos, é claro.

Era uma mentira deslavada e perguntei-me o que ela havia contado a ele sobre mim e quão íntima era a parceria dos dois. Poderia haver mais do que apenas uma conveniência entre duas almas vingativas?

Nossos aposentos ficavam em uma construção coberta de fuligem perto do centro da cidade. A alvenaria modelada e os mosaicos arruinados no chão indicavam que provavelmente havia sido uma moradia de prestígio considerável.

— A casa do Senhor Marinho Otheran — explicou com aspereza um dos marinheiros em resposta à minha indagação. — O pai do Escudo. — Fez uma pausa para lançar um olhar furioso a Al Sorna. — Ele morreu no incêndio. O Escudo ordenou que fosse deixada assim, como lembrete para ele e para o povo.

Al Sorna parecia não estar ouvindo, e seus olhos percorriam as paredes enegrecidas arruinadas, os olhos estranhamente distantes.

— A comida está servida — disse o marinheiro. — Na cozinha, desça as escadas ali adiante para os andares inferiores. Estarei aqui fora se precisarem de algo.

Comemos em uma grande mesa de mogno na sala de jantar, um móvel estranhamente em perfeito estado em

uma casa tão arruinada. Encontrei queijo, pão e uma variedade de carnes defumadas na cozinha, assim como um vinho bastante agradável que Al Sorna reconheceu como originário dos vinhedos meridionais de Cumbrael.

— Por que o chamam de Escudo? — perguntou ele, enchendo uma taça de água. Notei que ele mal tocara no vinho.

— Após a visita de seu pai, os meldeneanos decidiram que precisavam cuidar das defesas. Cada Senhor Marinho precisa contribuir com cinco navios a uma frota que patrulha constantemente as Ilhas. O capitão que recebe a honra de comandar a frota é conhecido como o Escudo das Ilhas. — Fiz uma pausa, observando-o com atenção. — Acha que pode vencê-lo?

Seu olhos percorreram a sala de jantar, detendo-se nos restos descascados de uma pintura na parede, o que quer que outrora representasse agora perdido em meio a uma mancha de cores que já foram vibrantes e estavam cobertas por listras negras.

— O pai dele foi um homem rico, que trouxe um artista do Império para pintar um mural da família. O Escudo tinha três irmãos, todos mais velhos, e ainda assim ele sabia que seu pai o amava mais do que os outros.

Havia uma certeza enervante em suas palavras, provocando a suspeita de que ele comia sentado entre os fantasmas da família assassinada do Escudo.

— Você vê muito em um pedaço de tinta gasta.

Ele largou a taça e empurrou o prato para longe. Se aquela era sua última refeição, pareceu-me que ele a fizera com pouco entusiasmo.

— O que você fará com a história que lhe contei?

A história inacabada que você me contou, *pensei, mas respondi:*

— Ela me deu muito em que pensar. Porém, se eu

fosse publicá-la, duvido que muitos ficariam convencidos pela imagem da guerra como sendo simplesmente o ato iludido de um velho tolo.

— Janus era maquinador, mentiroso e, de vez em quando, assassino. Mas era de fato um tolo? Apesar de todo o sangue e riquezas derramados na areia naquela guerra odiosa, ainda não estou convencido de que tudo não tenha sido parte de algum propósito maior, algum plano final complexo demais para que eu possa compreender.

— Ao falar sobre Janus, você fala sobre um velho insensível e desonesto, e ainda assim não ouço raiva alguma em sua voz. Nenhum ódio pelo homem que o traiu.

— Que me traiu? A única coisa a qual Janus alguma vez foi leal foi ao seu legado: um Reino Unificado governado por toda a eternidade pela Casa de Al Nieren. Era sua única ambição verdadeira. Odiá-lo por suas ações seria como odiar o escorpião que lhe pica.

Esvaziei minha taça de vinho e peguei a garrafa. Descobri que gostava do fruto de Cumbrael e senti uma vontade repentina de me embriagar. A tensão do dia e a perspectiva de testemunhar um combate sangrento na manhã seguinte deixaram uma sensação incômoda no meu estômago que eu estava ansioso para afogar. Eu já vira homens morrer antes, criminosos e traidores executados por ordem do Imperador, mas por mais que eu odiasse este homem, descobri que não conseguia mais sentir prazer pela violência iminente de sua morte.

— O que fará se vencer amanhã? — perguntei, ciente de que arrastava um pouco as palavras. — Retornará ao seu Reino? Acha que o Rei Malcius o receberá?

Ele empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

— Acho que nós dois sabemos que não haverá vitória para mim aqui, independentemente do que ocorra amanhã. Boa noite, meu senhor.

Tornei a encher minha taça, escutando-o subir as escadas e segui para um dos quartos. Fiquei espantado que ele conseguisse dormir, sabendo que sem a assistência do vinho era improvável que eu encontrasse algum descanso aquela noite. Porém, eu sabia que ele dormiria profundamente, não molestado por pesadelos terríveis ou pela culpa.

— Você o teria odiado, Seliesen? — perguntei em voz alta, esperando que ele estivesse entre os fantasmas que enchiam aquela casa. — Duvido. Material para outro poema, sem dúvida. Você sempre apreciou a companhia deles, desses brutos empunhadores de espadas, embora você jamais pudesse ser um deles de fato. Aprendeu os truques deles, aprendeu a cavalgar, a fazer movimentos bonitos com aquele sabre que eles lhe deram. Mas você nunca aprendeu a lutar, não é? — As lágrimas escorriam agora. Ali estava eu, um escriba embriagado chorando em uma casa de fantasmas. — Você nunca aprendeu a lutar, seu desgraçado.

Entre as poucas atrações que as Ilhas Meldeneanas têm a oferecer ao visitante culto estão as muitas ruínas impressionantes que podem ser encontradas no litoral das ilhas maiores. Apesar de variarem em escala e propósito, apresentam uma uniformidade de traços e articulações, o que serve como claro indício de que foram construídas por uma única cultura, uma raça antiga possuidora de uma sofisticação e elegância estéticas inteiramente ausente nos habitantes contemporâneos do arquipélago.

De longe o exemplo existente mais impressionante dessa outrora grande arquitetura é o anfiteatro situado a cerca de três quilômetros da capital meldeneana. Entalhado em uma depressão nos penhascos de mármore amarelo raiado de vermelho na margem sul

da ilha, o anfiteatro mostrou-se imune às depredações causadas por sucessivas gerações de ilhéus que demonstram pouca relutância em desmantelar outros sítios em busca de materiais de construção. Uma grande concha de assentos em escadaria voltados para um largo palco oval onde sem dúvida grandes oratórios, poemas e peças teatrais foram antigamente desfrutados por uma plateia mais esclarecida, o anfiteatro era agora o local perfeito para os ilhéus atuais executarem publicamente criminosos ou assistirem homens lutarem até a morte.

Fomos despertados pela tripulação do Escudo quando a aurora despontou sobre a cidade. Eles explicaram que seria melhor se nos dirigíssemos ao local antes que a população despertasse para encher as ruas e lançasse seu ódio contra a cria do Queimador da Cidade.

Como eu já esperava, Al Sorna não demonstrou qualquer preocupação ao esperarmos que o sol atingisse o ponto mais alto no céu. Permaneceu sentado na arquibancada mais baixa, a espada pousada ao lado enquanto olhava para o mar. Uma brisa constante soprava do sul, embora a ausência de nuvens pressagiasse um dia sem chuvas. Perguntei a mim mesmo se Al Sorna achava que era um bom dia para morrer.

A Senhora Emeren chegou uma hora antes do meio-dia, acompanhada por mais dois membros da tripulação do Escudo, vestida de forma simples em um manto branco e preto, as belas feições sem o adorno de pinturas ou joias. Exceto pelo anel de safira em seu dedo, não havia qualquer outro sinal exterior de sua posição. No entanto, sua dignidade e altivez interiores permaneciam inalteradas. Levantei-me para cumprimentá-la quando ela entrou na arena oval e fiz uma mesura formal.

— Minha Senhora Emeren.

— Lorde Verniers. — Sua voz não perdera o timbre melodioso de que eu me lembrava, no qual se ouvia um leve traço do peculiar sotaque cadenciado exclusivo àqueles criados na corte do Imperador. Fiquei mais uma vez espantado por sua beleza, a pele perfeita, os lábios carnudos e os brilhantes olhos verdes. Há muito era vista como a perfeição da feminilidade alpirana, tão obediente quanto graciosa, filha de uma linhagem nobre e nas graças do Imperador desde a infância, educada na corte ao lado de seus próprios filhos, uma filha para ele em tudo, exceto no nome. Quando Seliesen atendeu ao chamado do destino, tornou-se inevitável que se casassem. Quem mais era digno dela, afinal de contas?

— A senhora está bem? — perguntei. — Não sofreu quaisquer maus-tratos?

— Meus captores foram mais do que generosos. — Seu olhar recaiu sobre o Matador do Esperança e vi mais uma vez a expressão de malícia fria e insondável que maculava seus traços perfeitos sempre que falava dele. Al Sorna retribuiu o olhar inclinando levemente a cabeça, apenas o mais leve interesse aparente no rosto.

— Não há guardas com vocês? — comentou a Senhora Emeren.

— O prisioneiro deu sua palavra ao Imperador que aceitaria o desafio do Escudo. Guardas foram considerados desnecessários.

— Compreendo. Meu filho está bem?

— Muito bem. Brincava feliz na última vez que o vi. Sei que ele anseia por seu retorno. Assim como todos nós.

Seus olhos voltaram-se para mim, ardendo com quase a mesma chama de ódio que demonstrava ao Matador do Esperança, e não consegui encará-los. Ela sempre soube, *lembrei-me.* Por que ela também não me odiaria?

— Quando eu regressar ao Império, meu filho e eu

continuaremos a viver em reclusão — disse-me a Senhora Emeren. — Não desejo retornar à corte. Não espero agradecimentos por finalmente conseguir que houvesse justiça para meu marido.

Dei um longo suspiro.

— Então é verdade? Esse acontecimento é obra sua.

— Os meldeneanos também desejam justiça. O Escudo assistiu seus pais e irmãos queimarem até a morte com os próprios olhos. Não foi necessária muita persuasão para que eu tivesse sua assistência. Esses nortistas têm um raro dom de atiçar o ódio em outros.

— E a senhora realmente acredita que seu ódio morrerá com ele? E se não morrer? Que consolo terá, então?

Os olhos verdes se estreitaram.

— Não me faça sermões, escriba. Você é um homem ímpio, ambos sabemos disso.

— Então é aos deuses que a senhora se volta agora em busca de consolo? Implorando dádivas de pedras indiferentes. Seliesen teria chorado...

O anel de safira deixou um corte em meu rosto quando ela me esbofeteou. Cambaleei um pouco. Ela era uma mulher forte e não sentia necessidade de se conter.

— Não fale o nome de meu marido!

Muitas palavras me ocorreram parado ali, segurando meu rosto que sangrava, muitas palavras venenosas e repugnantes que sem dúvida a atingiriam em cheio com uma verdade dilacerante. Porém, ao encontrar os olhos ardentes, senti as palavras morrerem em meu peito, minha raiva murchando e sendo levada para longe pelo vento marinho, substituída por uma pena e um pesar profundos que eu sabia sempre terem espreitado em minha alma.

Fiz outra mesura formal.

— Lamento ter-lhe causado alguma mágoa, senhora.

— Dei-lhe as costas e me dirigi até onde se encontrava o Matador do Esperança, sentando-me ao lado dele, dois homens culpados à espera da sentença.

— Posso suturar isso, se quiser — ofereceu Al Sorna, enquanto eu pressionava um lenço rendado contra o corte em meu rosto. — Do contrário, deixará uma cicatriz.

Sacudi a cabeça, observando a Senhora Emeren tomar seu lugar na extremidade da primeira fileira da arquibancada, evitando de forma deliberada olhar para mim.

— Eu mereci.

O Escudo chegou pouco depois, diante de uma companhia de tripulantes com lanças, que logo assumiram suas posições ao redor da arena. Ele sem dúvida desejava que seu momento de vingança prosseguisse sem qualquer assistência do púbico que agora começava a ocupar os assentos. O ânimo deles era mais de tensão do que de comemoração; muitos pares de olhos cravavam-se nas costas de Al Sorna, mas não houve imprecauções ou vaias, fazendo com que eu me perguntasse se o Escudo havia tomado providências para garantir que o evento tivesse uma aparência no mínimo civilizada.

Que comédia absurda é tudo isso, pensei. Perdoar um homem por um crime que ele não cometeu para que possa enfrentar uma vingança por um crime no qual não tomou parte.

Os últimos a chegarem foram os Senhores Marinhos, oito homens de meia ou avançada idade, trajados com o que supus serem considerados trajes finos nas Ilhas. Esses eram os homens mais ricos das Ilhas, elevados ao conselho governante por virtude da quantidade de navios que possuíam, uma forma singular de governo que sobrevivera surpreendentemente bem por mais de quatro séculos. Tomaram seus lugares na longa

plataforma elevada de mármore na extremidade da arena, onde oito grandes cadeiras de carvalho já haviam sido colocadas para seu conforto.

Um dos Senhores Marinhos permaneceu de pé, um homem rijo, vestido com mais simplicidade do que os outros, mas com luvas de couro macio nas mãos. Senti Al Sorna se mexer ao meu lado.

— Carval Nurin — disse ele.

— O capitão do Falcão Vermelho — lembrei-me.

Al Sorna assentiu.

— Parece que vitríolo azul compra muitos navios.

Nurin esperou que o barulho da multidão cessasse. Seu olhar impassível se deteve em Al Sorna por um momento antes que erguesse a voz para falar.

— Viemos aqui para testemunhar a resolução do desafio para um duelo. O Conselho dos Senhores Marinhos reconhece formalmente que esse desafio é justo e legítimo. Não haverá punição para qualquer sangue derramado hoje. Quem fala pelo desafiante?

Um dos membros da tripulação do Escudo deu um passo à frente, um homem grande e barbado com um lenço azul na cabeça que indicava sua posição de imediato.

— Eu, meus senhores.

Nurin olhou para mim.

— E pelo desafiado?

Levantei-me e caminhei até o centro da arena.

— Eu.

A expressão de Nurin vacilou um pouco pela ausência de um honorífico na minha resposta, mas ele prosseguiu com calma.

— Pela lei, somos obrigados a perguntar a ambos os lados se esta questão pode ser resolvida sem derramamento de sangue.

O imediato falou primeiro, erguendo a voz, dirigindo-se à multidão em vez dos Senhores Marinhos.

— A desonra de meu capitão é grande demais. Embora ele seja um homem pacífico por natureza, as almas de sua família assassinada clamam por justiça!

O público concordou com um brado que quase se transformou em uma cacofonia de fúria, até que um olhar intenso de Carval Nurin fez com que diminuísse. Ele olhou para mim.

— E o desafiado deseja resolver esta questão de forma pacífica?

Virei-me para Al Sorna e vi que ele olhava para o céu. Seguindo seu olhar, avistei um pássaro voando em círculos acima, uma águia-marinha, a julgar pela envergadura das asas. Ela virava e girava no céu sem nuvens, carregada pelo ar quente que subia do penhasco, acima de tudo aquilo, acima do nosso sórdido assassinato público. Pois agora eu sabia que aquilo era assassinato. Não havia justiça ali.

— Meu senhor! — insistiu Carval Nurin, a voz severa pela irritação.

Observei a águia dobrar as asas e mergulhar abaixo da face do penhasco. Linda.

— Apenas acabem com isso — disse eu, dando meia-volta e caminhando para meu assento sem olhar para trás.

Uma expressão curiosa surgiu no rosto de Al Sorna quando retornei ao meu lugar. Talvez minha recusa em participar daquele espetáculo ridículo o divertisse. Posteriormente, em meus momentos de maior ilusão, eu imaginava se podia ter havido ali alguma admiração, algum sinal ínfimo de respeito. Mas isso, claro, é absurdo.

— Que os combatentes assumam seus lugares! — anunciou Carval Nurin.

Al Sorna ficou em pé, erguendo a espada odiosa. Houve uma breve hesitação quando ele colocou a mão no punho; notei que ele flexionou os dedos antes de

sacar a lâmina da bainha. Não havia o menor traço de diversão em seu rosto agora, os olhos escuros pareciam absorver a visão do aço reluzindo ao sol, uma expressão indecifrável no rosto. No instante seguinte ele colocou a bainha ao meu lado e caminhou até o centro da arena.

O Escudo adiantou-se com o sabre desembainhado, o cabelo louro amarrado atrás com uma tira de couro, vestindo apenas um traje de marinheiro que consistia de uma camisa simples de algodão, calça de zibelina e botas de couro resistente. Suas roupas podiam ser simples, mas ele as vestia como um príncipe, eclipsando sem dificuldade os trajes finos dos Senhores Marinhos, exalando uma nobreza grave e força física, um leão em busca de justiça por seu orgulho assassinado. O bom humor que demonstrara no porto desaparecera e ele encarava Al Sorna com uma atenção fria e predatória.

Al Sorna posicionou-se do outro lado, encontrando o olhar do Escudo sem hesitação. Mantinha a espada abaixada, as pernas afastadas e alinhadas com os ombros, as costas levemente inclinadas.

Carval Nurin ergueu mais uma vez a voz.

— Comecem!

Aconteceu quase antes de o comando de Nurin ter sido concluído, tão rápido que se passou um momento até que eu, e a multidão, compreendesse o que havia ocorrido. Al Sorna se moveu. *Moveu-se de um modo que jamais vi homem algum se mover, como a águia mergulhando no penhasco, ou as orcas saltando sobre os salmões quando deixamos Linesh, um borrão fluido de velocidade e um único lampejo de metal.*

O sabre do Escudo devia ser feito de aço de qualidade a julgar pelo som melodioso que fez ao deslizar pela arena, deixando-o ali desarmado e indefeso.

O silêncio era total.

Al Sorna se empertigou, oferecendo um sorriso

sombrio ao Escudo.

— Você o estava segurando errado.

Um breve espasmo de fúria ou medo pôde ser visto no rosto do Escudo, mas ele o controlou rapidamente. Sem dizer nada, aguardando a morte e recusando-se a implorar.

— Havia muito riso em sua casa — disse-lhe Al Sorna. — Quando seu pai retornava de praias distantes com presentes e histórias de aventuras, você e seus irmãos se reuniam em volta dele para ouvi-las, ansiosos para se tornarem adultos e exultantes com o amor dele. Mas ele nunca contava sobre os assassinatos que cometia, marinheiros jogados aos tubarões dos conveses dos próprios navios, nem sobre as mulheres que estuprava quando atacavam a costa meridional do Reino. Você amou seu pai, mas amava uma mentira.

O Escudo arreganhou os dentes, o rosto uma máscara selvagem de ódio.

— Apenas acabe com isso!

— Não era culpa sua — prosseguiu Al Sorna. — Você era apenas um menino. Não havia nada que pudesse fazer. Você fez a coisa certa ao fugir...

A compostura do Escudo ruiu, ele soltou um urro enfurecido e investiu, estendendo as mãos para agarrar a garganta de Al Sorna. O nortista desviou do ataque dando um passo para o lado e atingiu a têmpora do Escudo com a palma da mão, derrubando-o no chão da arena, onde ele permaneceu imóvel.

Al Sorna deu meia-volta e retornou ao seu assento, recolhendo a bainha e enfiando nela a espada. A multidão começava a reagir, principalmente em choque, mas com um toque de raiva que eu sabia que só aumentaria.

— Este desafio não está terminado, Lorde Vaelin! — gritou Carval Nurin acima do tumulto crescente.

Al Sorna se virou, andando até onde a Senhora

Emeren estava sentada, estarrecida e olhando para ele com uma frustração rígida.

— Minha senhora, está pronta para ir embora deste lugar?

— Este combate é até a morte! — berrou Nurin. — Se deixar este homem vivo, você o desonrará aos olhos das Ilhas para todo o sempre.

Al Sorna deu as costas para a Senhora Emeren com uma mesura graciosa.

— Honra? — perguntou ele a Nurin. — "Honra" é apenas uma palavra. Não se pode comê-la ou bebê-la e, ainda assim, onde quer que eu vá os homens falam dela sem parar, e todos eles contam uma história diferente sobre o que ela na verdade significa. Para os alpiranos, trata-se de dever. Os renfaelinos acham que é a mesma coisa que coragem. Nestas ilhas, parece que significa matar um filho por um crime cometido por seu pai e então massacrar um homem indefeso quando a pantomima não sai como esperado.

Era estranho, mas a multidão ficou em silêncio quando ele falou. Embora sua voz não fosse particularmente alta, o anfiteatro a levava com facilidade a todos os presentes, e de alguma forma a raiva e a sede de sangue desapontada que sentiam diminuíram.

— Não ofereço desculpas pelas ações de meu pai. Tampouco posso oferecer alguma contrição. Ele incendiou uma cidade por ordens de seu rei. Foi errado, mas eu não tive participação no ato. De qualquer modo, derramar meu sangue não deixaria qualquer marca em um homem que morreu há três anos, em paz em sua cama, com a esposa e a filha ao seu lado. Não há vingança a ser executada contra um cadáver que há muito foi entregue ao fogo. Agora, entreguem-me aquilo pelo qual vim, ou me matem e terminem logo com isso.

Olhei para os guardas com lanças, notando a

hesitação ao trocarem olhares e olharem com cautela para a multidão, agora tomada por um murmúrio crescente de confusão.

— MATEM-NO! — Era a Senhora Emeren, de pé agora, caminhando a passos largos na direção de Al Sorna, o dedo apontado em acusação e com os dentes arreganhados. — MATEM O SELVAGEM ASSASSINO!

— Você não tem voz aqui, mulher! — gritou-lhe Nurin, com uma repreensão severa. — Esse é um assunto de homens.

— Homens? — A risada dela foi rouca, quase histérica, quando se voltou para Nurin. — O único homem aqui está inconsciente e não foi vingado. Covardes, é o que vocês são. Corja pirata ímpia! Onde está a justiça que me foi prometida?

— Foi-lhe prometido um desafio — disse Nurin. Ele olhou para Al Sorna por um longo momento antes de voltar o olhar para a multidão e erguer a voz. — E ele está encerrado. Somos piratas, é verdade, pois os deuses nos deram todos os oceanos para neles caçarmos, mas também nos deram a lei com a qual governamos essas Ilhas, e a lei se aplica a todas as coisas, ou não significa nada. Vaelin Al Sorna é o vencedor deste desafio de acordo com os termos da lei. Ele não cometeu crime algum nas Ilhas e, portanto, é livre para partir. — Voltou-se de novo para a Senhora Emeren. — Somos piratas, mas não somos uma corja. E a Senhora também é livre para partir.

Fomos conduzidos até a ponta do molhe e pediram que esperássemos enquanto providenciavam passagem para nós nos poucos navios estrangeiros atracados. Um grande destacamento de lanceiros permanecia de guarda do outro lado do cais para desencorajar qualquer vingança de última hora por parte da

população, embora o ânimo da multidão diante do encerramento do desafio tenha me parecido contido, mais desapontado do que ultrajado. Os guardas nos ignoravam e estava óbvio que nossa partida não seria marcada por cerimônias. Devo dizer que foi uma situação estranha aguardar lá com os dois, a Senhora Emeren andando de um lado para o outro da doca, os braços cruzados com firmeza contra o peito, Al Sorna sentado em silêncio em um barril de especiarias, e eu, rezando pela virada da maré e a abençoada partida daquele lugar.

— Isso não termina aqui, nortista! — gritou a Senhora Emeren após uma hora andando em silêncio. Ela se aproximou até ficar a alguns metros dele, encarando-o com fúria, odiando. — Não sonhe que escapará de mim. Esse mundo não é grande o bastante para escondê-lo de...

— É uma coisa terrível — interrompeu Al Sorna. — Quando o amor se transforma em ódio.

O semblante terrível dela foi paralisado como se ele a tivesse apunhalado.

— Certa vez, conheci um homem que amava muito uma mulher — continuou Al Sorna. — Mas ele tinha um dever a cumprir, um dever que ele sabia que custaria sua vida, e a dela também, se continuasse com ele. Então ele a enganou e providenciou para que ela fosse levada para longe. Às vezes o homem tenta projetar seus pensamentos para o outro lado do oceano, para ver se o amor que tinham um pelo outro se transformou em ódio, mas ele encontra apenas ecos distantes da intensa compaixão dela, uma vida salva aqui, uma bondade feita acolá, como um rastro de fumaça deixado por uma tocha. E então ele se pergunta: ela me odeia? Pois ela tem muito a perdoar, e entre amantes — ele voltou seu olhar para mim — a traição é sempre o pior pecado.

O corte na minha face ardeu, culpa e pesar misturando-se no meu peito em meio a uma torrente de lembranças. Seliesen quando fora pela primeira vez até a corte; o modo como seu sorriso parecia sempre trazer o sol; o Imperador dando a mim a honra de sua educação nos assuntos da corte; suas primeiras tentativas desajeitadas de etiqueta; escutar seus poemas mais recentes até altas horas da noite; o ciúme ardente quando Emeren revelou seus sentimentos; e o triunfo envergonhado quando ele começou a trocar sua companhia pela minha. E sua morte... A dor interminável que pensei que me consumiria.

Al Sorna compreendera tudo, eu sabia. De algum modo, não havia nada que seus olhos negros não percebessem.

Al Sorna levantou-se e foi na direção da Senhora Emeren, fazendo-a se retrair, não de ódio, eu sabia, mas de medo. O que mais ele vira? O que mais diria? Ajoelhando-se diante dela, ele falou em um tom claro e formal.

— Minha senhora, ofereço minhas desculpas por tirar a vida de seu marido.

Levou um momento para que ela dominasse o medo.

— E você oferecerá a sua como compensação?

— Não posso, minha senhora.

— Então suas desculpas são vazias como seu coração, nortista. E meu ódio continua inabalado.

Encontraram uma embarcação dos Confins do Norte para Al Sorna; os navios das terras mais setentrionais do Reino Unificado aparentemente desfrutavam de direitos de ancoragem em águas meldeneanas que eram negados aos seus conterrâneos. Eu ouvira e lera um pouco sobre os Confins, sobre como era o lar de povos de origens variadas, e, portanto, não fiquei surpreso ao descobrir que a tripulação era composta principalmente por homens de pele escura com traços

largos, comuns nas províncias meridionais do Império. Caminhei com Al Sorna até onde o navio estava atracado, deixando a Senhora Emeren rigidamente imóvel na ponta do molhe. Ela olhava para o mar, recusando-se a agraciar o nortista com outra palavra.

— É melhor ter cuidado com ela — disse eu a ele ao nos aproximarmos da rampa de embarque. — A rixa dela não termina aqui.

Ele olhou para a forma ainda estática da Senhora, dando um suspiro pesaroso.

— Então ela é digna de pena.

— Pensamos que o estávamos enviando para sua morte aqui, mas tudo o que conseguimos foi libertá-lo. Como você sabia que aconteceria, tenho certeza. Ell-Nestra jamais teve chance. Por que você não o matou?

Os olhos negros encontraram os meus com aquele olhar penetrante e questionador que eu sabia que enxergava demais.

— No meu julgamento, Lorde Velsus me perguntou quantas vidas eu havia tirado. Eu não soube lhe responder, com toda a honestidade. Matei muitas vezes, homens bons, maus, covardes e heróis, ladrões e... poetas. — Ele baixou os olhos e me perguntei se essa era a minha desculpa. — Até mesmo amigos. E estou cansado disso. — Ele olhou para a espada embainhada que segurava. — Espero nunca mais sacá-la.

Ele não se demorou, não estendeu a mão ou disse qualquer palavra de despedida: simplesmente deu meia-volta e subiu a rampa. O capitão do navio o cumprimentou com uma longa mesura, o rosto iluminado por um assombro evidente compartilhado pela tripulação ao redor. A lenda do nortista chegara longe, ao que parecia. Apesar de esses homens serem de um lugar muito distante do coração do Reino, seu nome obviamente tinha muito significado. O que o aguarda?, *perguntei-me.* Em um Reino onde ele não é

mais um mero homem.

O navio partiu dentro de uma hora, deixando metade de sua carga nas docas, ansioso para levar embora seu prêmio. Permaneci na ponta do molhe com a Senhora Emeren, observando o Matador do Esperança navegar para longe. Pude vê-lo por algum tempo, uma figura alta na proa do navio. Imaginei que ele podia ter olhado para trás na nossa direção, apenas uma vez, talvez até mesmo erguido a mão em um aceno, mas ele estava longe demais para se ter certeza. Assim que saiu do porto, o navio desfraldou todas as velas e logo desapareceu para além do cabo, rumando para o leste a toda velocidade.

— A senhora devia esquecê-lo — disse eu à Senhora Emeren. — Essa obsessão será sua ruína. Vá para casa e crie seu filho. Eu lhe imploro.

Fiquei chocado ao ver que ela estava chorando, as lágrimas brotando-lhe dos olhos, embora o rosto permanecesse impassível. Sua voz saiu em um sussurro, mas feroz como sempre.

— Não até que eu seja chamada pelos deuses, e ainda assim encontrarei um modo de enviar minha vingança para este mundo.

CAPÍTULO UM

Vaelin pegou Cuspe e cavalgou para o oeste, mantendo-se junto ao litoral, encontrando um lugar para acampar ao abrigo de uma grande duna com capim no topo. Recolheu lenha para uma fogueira e cortou um tanto de capim para atiçar o fogo. Os caules estavam secos devido à brisa do mar e pegaram fogo ao primeiro toque da pederneira. As chamas aumentaram, altas e brilhantes, as brasas se erguendo como vagalumes no céu do entardecer. Ao longe, as luzes de Linesh pareciam ainda mais brilhantes e ele podia ouvir música misturada ao som de muitas vozes erguidas em celebração.

— Depois de tudo o que fizemos por eles — disse a Cuspe, segurando um torrão de açúcar para que o cavalo de guerra mordesse. — Guerra, praga e meses de medo. Difícil acreditar que eles estejam felizes por nos verem ir embora.

Se Cuspe se importava com ironias, demonstrou isso com um bufo alto de irritação e afastando a cabeça.

— Espere. — Vaelin segurou as rédeas e soltou o freio antes de retirar a sela do dorso do animal. Livre dos empecilhos, Cuspe galopou pelas dunas, batendo os cascos da areia e balançando a cabeça. Vaelin o observou brincar na espuma das ondas à medida que o céu escurecia e uma lua cheia e brilhante subia para pintar as dunas com um azul-prateado familiar. *Como neve no auge do inverno.*

Cuspe voltou trotando quando o último raio de luz do dia desapareceu, aguardando ansioso na luz lançada

pelo fogo o ritual noturno de escovadas e encilhamento.

— Não — disse Vaelin. — Terminamos. Hora de ir.

Cuspe relinchou confuso, batendo o casco da frente na areia.

Vaelin foi até ele e deu um tapa no flanco do cavalo, recuando depressa para evitar o coice retaliatório quando Cuspe empinou, relinchando de raiva com os dentes arreganhados.

— Vá embora, sua besta odiosa! — gritou Vaelin, gesticulando freneticamente. — VÁ!

E ele se foi, galopando para longe em um borrão de areia azul-prateada, o relincho de despedida ressoando no ar noturno.

— Vá embora, pangaré maldito — sussurrou Vaelin com um sorriso.

Havia pouco mais para ocupar seu tempo, então ele se sentou, alimentando o fogo, lembrando-se daquele dia no alto das ameias no Forte Alto, quando viu Dentos se aproximar do portão sem Nortah e soube que tudo estava prestes a mudar. *Nortah... Dentos... Dois irmãos perdidos e estou prestes a perder outro.*

Houve apenas uma leve mudança no vento, trazendo um odor suave de suor e maresia. Vaelin fechou os olhos, ouvindo o arrastar suave de pés na areia que se aproximavam pelo oeste, sem tentar se esgueirar. *E por que tentaria? Somos irmãos, afinal de contas.*

Abriu os olhos para encarar a figura parada à sua frente.

— Olá, Barkus.

Barkus sentou-se diante da fogueira, erguendo as mãos para as chamas. Os braços musculosos estavam descobertos, já que vestia apenas um colete e calça de algodão, os pés descalços e o cabelo molhado de água do mar. A única arma que trazia era seu machado, amarrado às costas com tiras de couro.

— Pela Fé! — grunhiu ele. — Não faz tão frio assim

desde a Martishe.

— Deve ter sido um nado difícil.

— Pode apostar. Já estávamos a cinco quilômetros de distância quando percebi que você tinha me enganado, irmão. O capitão do navio precisou de bastante persuasão para virar o navio de volta para a costa. — Ele sacudiu a cabeça e gotas de água voaram do cabelo longo. — Navegar para o Extremo Ocidente com a Irmã Sherin. Como se você fosse perder uma chance de se sacrificar.

Vaelin observou as mãos de Barkus, viu como não havia tremor algum nelas, embora estivesse frio o bastante para fazer a respiração sair como fumaça.

— Esse foi o acordo, certo? — prosseguiu Barkus. — Nós seríamos poupados e eles ficavam com você?

— E o Príncipe Malcius é devolvido ao Reino.

Barkus franziu o cenho.

— Ele está vivo?

— Fui econômico com a verdade para conseguir tirar todos vocês da cidade sem qualquer rebuliço.

O irmão grande grunhiu de novo.

— Quanto tempo até virem atrás de você?

— Ao raiar do dia.

— Tempo de sobra para descansar, então. — Ele soltou o machado das costas, colocando-o ao lado no chão. — Quantos você acha que eles vão mandar?

Vaelin encolheu os ombros.

— Não perguntei.

— Contra nós dois, é melhor que mandem um regimento inteiro. — Ergueu os olhos para Vaelin, intrigado. — Onde está sua espada, irmão?

— Dei para o Governador Aruan.

— Não foi a ideia mais brilhante que você já teve. Como pretende lutar?

— Não pretendo. De acordo com a Palavra do Rei, vou me entregar à custódia alpirana.

— Eles vão matar você.

— Acho que não. De acordo com o Quinto Livro do deus cumbraelino, ainda tenho muitas pessoas para matar.

— Bah! — Barkus cuspiu no fogo. — Profecias são besteira. Superstição para adoradores de deuses. Você tirou o Esperança deles, é claro que eles vão lhe matar. É apenas uma questão de quanto tempo vão levar. — Ele encontrou os olhos de Vaelin. — Não posso ficar parado e assistir eles prenderem você, irmão.

— Então vá embora.

— Você sabe que também não posso fazer isso. Não acha que eu já perdi muitos irmãos? Nortah, Frentis, Dentos...

— Basta! — A voz de Vaelin soou brusca, cortando a noite.

Barkus recuou alarmado e confuso.

— Irmão, eu...

— Apenas pare. — Vaelin examinou o rosto do homem sentando à sua frente com o maior cuidado possível, procurando por alguma fenda na máscara, algum lampejo de compostura perdida. Mas ela era perfeita, impenetrável e irritante. Lutou para dominar a raiva, sabendo que ela o mataria. — Você esperou tanto tempo por isso, por que não me mostra seu verdadeiro rosto? Aqui, no fim, que diferença faz?

Barkus fez uma careta em uma demonstração impecável de embaraço.

— Vaelin, você está bem?

— O Capitão Antesh me contou uma coisa antes de partir. Gostaria de ouvir?

Barkus estendeu as mãos, incerto.

— Se você quiser.

— Parece que Antesh não era seu nome verdadeiro. O que não era surpreendente. Tenho certeza que muitos dos cumbraelinos que contratamos acharam necessário

usar um nome falso, fosse pelo medo de um passado criminoso, fosse por vergonha por aceitar dinheiro de nós. O que era surpreendente é que nós dois já tínhamos ouvido o outro nome dele.

Ainda nenhuma mudança na máscara. Ainda nada além da preocupação de um verdadeiro irmão.

— Bren Antesh já foi um grande servo de seu deus — disse Vaelin. — Sua devoção era tão grande que o levou a matar, a reunir outros que também ansiavam por honrar seu deus com o sangue de hereges. Em determinado momento ele os conduziu até a Martishe, onde a maioria morreu em nossas mãos, levando-o a questionar sua crença, a abandonar seu deus, a aceitar o ouro do Rei e entregá-lo às famílias de seus homens que tombaram, e então a procurar a morte em uma guerra estrangeira, todo esse tempo tentando esquecer o nome que recebera na Martishe: Flecha Negra. Bren Antesh já se chamou Flecha Negra. E ele me garantiu que jamais possuiu quaisquer cartas de livre-trânsito do seu Senhor Feudal, nem seus homens.

Barkus permaneceu imóvel, o rosto agora inexpressivo.

— Lembra-se das cartas, irmão? — perguntou Vaelin. — As cartas que você encontrou no corpo do arqueiro que matei. As cartas que nos colocou em guerra com Cumbrael.

Foi apenas uma leve mudança no ângulo da cabeça, um pequeno reposicionamento dos ombros, uma nova curva nos lábios, mas de repente Barkus havia sumido, como fumaça ao vento. Quando falou, Vaelin não ficou surpreso ao ouvir uma voz familiar: a voz dos dois homens mortos.

— Você realmente acha que servirá a uma Rainha do Fogo, irmão?

Vaelin sentiu um aperto imenso no coração. Agarrara-se à vã esperança de que pudesse estar errado, que

Antesh mentira e que seu irmão ainda era o nobre guerreiro navegando para longe na maré da manhã. Agora ela se fora e restaram apenas os dois, sozinhos na praia com a morte aproximando-se depressa.

— Disseram-me que há outras profecias — respondeu ele.

— Profecias? — A coisa que fora Barkus deu uma risada áspera e horrenda. — Vocês sabem tão pouco. Todos vocês, anotando suas tentativas desajeitadas sobre o que seria sabedoria, chamando-a de escritura sagrada, quando na verdade são os devaneios dos loucos e dos sedentos pelo poder.

— O Teste da Natureza. Foi quando você o pegou?

A coisa usando o rosto de Barkus sorriu.

— Ele queria tanto viver. Encontrar Jennis foi uma dádiva de vida, mas seu senso de irmandade era tão forte que ele não conseguiu fazer o que era necessário.

— Ele encontrou o corpo de Jennis congelado, sem manto.

A coisa tornou a rir, uma risada áspera e discordante, deleitando-se com sua crueldade.

— Seu corpo e sua alma. Jennis ainda estava vivo, quase morto pelo frio, mas ainda respirava, sussurrando apelos para que Barkus o salvasse. Claro que não havia nada que ele pudesse fazer, estava tão faminto. A fome faz coisas estranhas a um homem, faz com que se lembre de que é apenas um animal, um animal que precisa se alimentar, e carne é apenas carne. A tentação o deixou enojado, a fome o estava levando além das raias da loucura, então ele saiu andando pela neve e deitou-se para morrer.

Hentes Mustor, Caolho, o carpinteiro que incendiou a casa de Ahm Lin... todos já estiveram à beira da morte.

— A morte é seu portão de entrada.

— Eles nos chamam, através do vazio odioso, o chamado lamentoso de uma alma à beira da morte,

como um cordeiro perdido atraindo um lobo. Nem todos podem ser tomados, apenas aqueles com a semente da malícia e o dom do poder.

— Barkus não era malicioso.

Outra gargalhada venenosa.

— Ainda tenho que encontrar um homem sem malícia no coração. Barkus ocultara a sua tão fundo que ele mal sabia que estava lá, apodrecendo como um verme em sua alma, esperando para ser alimentada, esperando por mim. Veja, foi o pai, o pai que o mandara embora, que odiava e invejava seu dom. Ele viu as coisas maravilhosas que o garoto podia fazer com metal e desejou aquele poder. É assim que as coisas são com aqueles que têm dons, como nós. Não concorda, irmão?

— Você foi sempre ele? Cada palavra dita desde então, cada feito, cada gentileza. Não posso acreditar que era você o tempo todo.

A coisa encolheu os ombros.

— Acredite no que quiser. Eles chegam às portas da morte, nós os tomamos, e a partir daquele momento eles são nossos. Sabemos o que eles sabem, o que faz com que seja tão fácil manter a máscara.

A canção do sangue sussurrou, um nota suave, mas dissonante.

— Você está mentindo. Hentes Mustor não estava totalmente sob seu controle, estava? Foi por isso que você o matou antes que ele pudesse me contar as mentiras que sussurrou para ele na voz de seu deus. E quando foi atrás da Aspecto Elera, você tinha três homens sob seu controle, mas eles atacaram separadamente. Sem dúvida seu assunto com o Aspecto Corlin na Casa da Quarta Ordem sobrecarregou suas habilidades. Não acho que você consiga controlar mais de uma mente por vez, e aposto que seu domínio pode ser rompido.

A coisa inclinou a cabeça de Barkus.

— A Visão da Batalha é de fato um dom poderoso. Logo você estará à beira da morte e um de nós virá pra reivindicá-lo. Lyrna o ama, Malcius confia em você. Quem melhor para guiá-los nos anos difíceis à frente? Que malícia estará à espreita em seu coração? Talvez seu Mestre Sollis? Janus e suas maquinações intermináveis? Ou será a Ordem? Afinal, ela o enviou até aqui para me atrair e com isso você foi privado da mulher que ama. Diga-me que não há malícia, irmão.

— Se é minha canção o que você quer, por que tentou me matar duas vezes? Enviando mercenários para a Urlish para me matar durante o Teste da Corrida, enviando a Irmã Henna ao meu quarto na noite do massacre dos Aspectos.

— Qual uso temos para mercenários? E a missão de Henna foi concebida às pressas. Tão inconveniente encontrá-lo na Casa da Quinta Ordem justo naquela noite, antes que soubéssemos que poder você poderia nos oferecer. A propósito, ela manda seus cumprimentos. Lamenta muito não poder estar aqui.

Ele buscou alguma orientação na canção do sangue, mas encontrou apenas silêncio. Essa coisa não estava mentindo.

— Se não você, então quem? — Sua voz desapareceu quando lhe ocorreu, trazido por um acorde desesperador da canção do sangue: o medo do Irmão Harlick na Cidade Caída. *Você veio para me matar?* — A Sétima Ordem — murmurou ele.

— Acha mesmo que eles eram apenas um bando de místicos inofensivos trabalhando a serviço da sua fé absurda? Eles têm seus próprios planos, seus próprios agentes. Não tenha ilusões de que eles hesitariam em matá-lo caso você se mostrasse um obstáculo.

— Então por que eles não me atacaram desde então?

A coisa moveu o corpo de Barkus com uma inquietação mal disfarçada.

— Estão ganhando tempo, esperando pela oportunidade.

Outra mentira, confirmada pela canção do sangue. *O lobo. A Sétima enviou seus mercenários atrás de mim, mas o lobo os matou.* Eles viram isso como evidência de alguma bênção das Trevas? Uma proteção concedida por um poder que temiam? Perguntas. Como de costume, havia sempre mais perguntas.

— Você já foi um homem? — perguntou Vaelin. — Já teve um nome?

— Nomes significam muito para os vivos, mas, para aqueles que sentiram o frio abissal do vazio, eles parecem vaidade de crianças.

— Então você já esteve vivo. Teve um corpo próprio.

— Um corpo? Sim, eu tive um corpo. Ferido em regiões selvagens e consumido pela fome, perseguido por ódio por todos os cantos. Eu tive um corpo nascido de uma mãe estuprada que chamaram de bruxa. Fomos expulsos porque o dom dela podia mudar o vento. O homem que me gerou mentiu e disse que ela havia usado as Trevas para forçá-lo a se deitar com ela. Mentiu que havia se recusado a ficar com ela quando o feitiço desapareceu. Mentiu que ela usara seu dom para arruinar as plantações como vingança. Com pedras e excrementos podres eles nos expulsaram para a floresta, onde vivemos como animais até que a fome e o frio a tiraram de mim. Mas eu sobrevivi, mais uma fera do que um garoto, esquecendo língua e costumes, esquecendo tudo, menos a vingança. E com o tempo eu a saciei, por completo.

— “O bastardo invocou um raio e a aldeia ardeu em chamas” — citou Vaelin. — “As pessoas fugiram para o rio, mas o bastardo o elevou com a chuva até que alagou as margens e levou os aldeões de arrasto. Contudo, sua vingança ainda não havia sido saciada e ele invocou uma rajada de vento do norte longínquo

para encerrá-los em gelo.”

A coisa abriu um sorriso, arrepiante por sua total falta de crueldade, um sorriso de recordações agradáveis.

— Ainda posso ver o rosto dele, de meu pai, congelado, olhando para mim das profundezas do rio. Mijei nele.

— “O Bastardo da Bruxa” — sussurrou Vaelin. — A história deve ter três séculos.

— O tempo é ilusão tanto quanto sua fé, irmão. Olhar para o vazio é ver a vastidão e pequenez de tudo ao mesmo tempo, em um instante de terror e deslumbramento.

— O que é isso? Esse vazio de que você fala.

O sorriso da coisa se tornou cruel mais uma vez.

— Sua fé o chama de Além.

— É mentira! — gritou ele, mesmo não havendo som nenhum vindo da canção do sangue. — O Além é um lugar de paz infinita, sabedoria completa, união sublime com as almas eternas dos Finados.

Os lábios da coisa se crisparam por um momento, e então ela começou a gargalhar, seu divertimento ecoando através da praia e do mar. Vaelin sentiu a mão coçar para puxar a adaga que tinha na bota enquanto ela continuava a gargalhar, resistindo à tentação com dificuldade. *Ainda não...*

— Oh. — A coisa sacudiu a cabeça, enxugando uma lágrima do olho. — Você é um completo idiota, irmão. — Ele se inclinou para frente, o rosto que havia sido de seu irmão uma máscara vermelha à luz do fogo, sibilando: — *Nós somos os Finados!*

Vaelin aguardou o chamado da canção do sangue, mas não ouviu nada além de um silêncio glacial. Era impossível, era blasfêmia, mas não havia mentira nas palavras da coisa.

— Os Finados nos esperam no Além — recitou ele, odiando o desespero em sua voz. — Almas enriquecidas

pela plenitude e bondade de suas vidas, elas oferecem sabedoria e compaixão...

A coisa estava gargalhando de novo, quase sufocada pelo júbilo.

— Sabedoria e compaixão. Há tanta sabedoria e compaixão entre as almas no vazio quanto há em uma alcateia de chacais. Sentimos fome e nos alimentamos, e a morte é a nossa carne.

Vaelin fechou os olhos com força, dando prosseguimento à recitação, as palavras saindo em profusão de seus lábios.

— O que é a morte? A morte é apenas uma passagem para o Além e a união com os Finados. É início e fim. Tema-a e receba-a...

— A morte nos traz almas novas para comandarmos, mais corpos para curvar à nossa vontade, saciar nossos desejos e servir ao propósito dele...

— O que é o corpo sem a alma? Carne corrompida, nada mais. Marque a passagem dos entes queridos entregando suas cascas ao fogo...

— O corpo é tudo. Uma alma sem corpo é um eco arruinado e miserável de uma vida...

— EU OUVI A VOZ DA MINHA MÃE! — Ele estava de pé, com a adaga na mão, agachando-se em uma posição de luta, os olhos agora fixos na coisa do outro lado da fogueira. — Ouvi a voz da minha mãe.

A coisa que fora Barkus se levantou devagar, erguendo o machado.

— Acontece de vez em quando, entre os Dotados. Eles conseguem nos ouvir, ouvir as almas chamando no vazio. Principalmente ecos breves de dor e medo. Foi assim como tudo começou, sabe. A sua fé. Vários séculos atrás, um volariano excepcionalmente Dotado ouviu um murmúrio de vozes do vazio, dentre elas a voz inconfundível de sua falecida esposa. Ele decidiu espalhar a palavra, as grandes e maravilhosas novas de

que havia vida além desta punição diária de pesar e trabalho pesado. As pessoas escutaram, a palavra se espalhou e assim começou a sua fé, tudo construído sobre a mentira de que há uma recompensa na vida após a morte para a obediência servil nesta.

Vaelin lutou para dominar a confusão, tentou parar de tentar fazer com que a canção do sangue falasse, para que mostrasse a mentira nas palavras dessa coisa. A lenha estalou no fogo, as ondas quebravam na praia com um estrondo incessante e Barkus o encarou com o olhar frio e impassível de um estranho.

— Que propósito? — perguntou Vaelin. — Você falou “ao propósito dele”. Quem é ele?

— Você o encontrará logo. — A coisa que fora Barkus agarrou o cabo do machado com ambas as mãos, segurando firme e erguendo-se para que o luar batesse no gume da lâmina. — Fiz isso para você, irmão, ou melhor, permiti que Barkus o fizesse. Ele sempre ansiou pelo martelo e pela bigorna, embora resistisse com bravura, até que eu me livrei da relutância. Belo, não é? Matei muitas vezes com muitas armas diferentes, mas devo dizer que esta é a melhor. Com ela posso deixá-lo às portas da morte tão facilmente como se eu estivesse empunhando a faca de um cirurgião. Você sangrará, definhará e sua alma irá para o vazio. Ele o estará esperando lá. — O sorriso da coisa agora era sombrio, quase pesaroso. — Você realmente não devia ter dado sua espada, irmão.

— Se eu não a tivesse dado, você não teria ficado tão disposto a falar.

O sorriso da coisa desapareceu.

— Chega de conversa.

Ele saltou sobre a fogueira, o machado erguido para trás, os dentes arreganhados de forma hedionda. Algo grande e negro o encontrou no meio do pulo, fechando suas mandíbulas no braço dele, rasgando e cortando ao

caírem juntos sobre o fogo, debatendo-se, espalhando as chamas. Vaelin viu o machado odioso subir e descer uma vez, então duas, e ouviu o uivo enraivecido de um cão de escravos quando a lâmina o atingiu, e então a coisa que fora Barkus estava se erguendo do que restava da fogueira, o cabelo e as roupas em chamas, o braço esquerdo pendendo arruinado e inútil, quase arrancado pela mordida de Arranhão. Porém, o direito ainda estava inteiro, e ele ainda segurava o machado.

— Eu pedi ao governador que o soltasse ao anoitecer — disse Vaelin.

A coisa rugiu de dor e fúria, o machado girando em um borrão prateado. Vaelin abaixou-se sob a lâmina, golpeando com a adaga, perfurando o peito da coisa, à procura do coração. Ela rugiu de novo, brandindo o machado com rapidez sobre-humana. Vaelin deixou a adaga cravada no peito da coisa e agarrou o cabo do machado no meio de um golpe e esbofeteou o rosto da coisa com as costas da mão, seguido de um chute na virilha. A coisa mal cambaleou e respondeu com uma cabeçada contundente, fazendo Vaelin tropeçar para trás e cair de costas na areia.

— Há algo que não lhe contei sobre Barkus, irmão! — gritou a coisa, saltando para mais perto, com o machado erguido. — Quando vocês treinavam juntos, eu sempre fazia ele se conter.

Vaelin rolou para o lado e o machado afundou na areia, girou e desferiu um chute na têmpora da coisa, levantando-se de um pulo enquanto ela se recuperava e tornava a golpear, a lâmina encontrando apenas o ar quando Vaelin mergulhou sobre o arco do golpe, agachou-se perto dela para arrancar a adaga do peito e a apunhalou de novo, recuando para deixar que o machado passasse a um centímetro de seu rosto.

A coisa que fora Barkus olhava para ele, chocada e imóvel, a fumaça subindo das queimaduras, o braço

arruinado sangrando na areia. Largou o machado e levou a mão boa à mancha que aumentava depressa na camisa. Olhou por um segundo para a camada de sangue que cobria sua palma e então caiu lentamente de joelhos.

Vaelin passou por ele e recolheu o machado da areia, lutando contra a repugnância ao senti-lo em suas mãos. *É por isso que sempre odiei tanto a arma? Por que este era seu propósito final?*

— Muito bem, irmão. — A coisa que fora Barkus mostrou os dentes manchados de sangue em um sorriso de malícia absoluta. — Talvez da próxima vez que me matar eu esteja usando o rosto de alguém que você ama ainda mais.

O machado era leve de modo incomum, fazendo apenas um zunido tênue quando o ergueu e golpeou, cortando pele e osso tão facilmente quanto o ar. A cabeça do que havia sido seu irmão rolou na areia e parou.

Vaelin jogou o machado de lado e tirou Arranhão dos restos da fogueira quase apagada. Jogou areia nas queimaduras borbulhantes, rasgou sua camisa para pressionar farrapos contra os cortes profundos no flanco do animal. O cão de escravos choramingou, lambendo sem forças a mão de Vaelin.

— Sinto muito, cachorro doido. — As lágrimas lhe turvaram a visão e ficou com a voz embargada pelos soluços. — Sinto muito.

Ele os enterrou separadamente. Pareceu ser a coisa certa a se fazer, por alguma razão. Não disse palavra alguma para Barkus, ciente de que seu irmão havia morrido anos antes e, de qualquer modo, não tinha mais certeza se poderia dizê-las sem se sentir um mentiroso. Quando o sol nasceu, ele pegou o machado

e foi até a beira do mar. A maré da manhã vinha rápida, as ondas ribombavam ao quebrarem no promontório. Ergueu o machado, surpreso por notar que a repugnância desaparecera; qualquer mancha das Trevas que a arma tinha parecia ter se dissipado com a morte do homem que a fabricara. Agora era apenas metal. Moldado com maestria e reluzindo ao sol, mas ainda apenas metal. Jogou o machado no mar com todas as forças que conseguiu reunir, observou ele cintilar ao rodopiar antes de afundar em meio às ondas, levantando pouca água.

Lavou-se no mar e retornou ao acampamento improvisado, cobrindo as manchas de sangue da melhor forma possível, e então partiu em direção à estrada, andando de volta na direção de Linesh. Passou-se cerca de uma hora até chegar ao local combinado, e o calor do deserto aumentava rapidamente. Escolheu um ponto próximo a um marcador da estrada e sentou-se para esperar.

A canção do sangue ressoou, uma melodia nova, mais forte e mais nítida do que antes. Enquanto os pensamentos rodopiavam em sua cabeça, percebeu que a música mudava: triste ao se lembrar do choramingo final de Arranhão, bombástica ao repassar a luta com a coisa que fora Barkus, e com a música vinham imagens, sons, sentimentos que ele sabia que não eram seus. Compreendeu que, pela primeira vez, estava realmente no controle de sua canção. Finalmente estava cantando.

Em alguma parte, em um lugar que não era um lugar, algo estava gritando, implorando perdão a uma mão invisível que punia com uma dor interminável, alheia à misericórdia ou malícia.

Em um palácio longe dali, no norte, uma jovem mulher compunha a saudação que daria ao irmão quando ele voltasse, um discurso elaborado com cuidado que combinava tristeza, arrependimento e lealdade com

precisão. Assim que ficou satisfeita, ela largou a pena, pediu algo para beber à criada e, quando teve certeza de que estava sozinha, levou as mãos ao rosto perfeito e chorou.

A oeste, outra jovem mulher olhava para o vasto oceano e recusava-se a chorar. Tinha nas mãos dois blocos de madeira enrolados em um lenço de seda finamente bordado. Abaixo dela, o mar batia contra o casco do navio, jogando espuma para o alto. Sentiu vontade de jogar o embrulho nas águas, a raiva ardendo em seu peito, uma dor lancinante da qual não podia escapar, fazendo-a odiar os pensamentos causados por ela. Um desejo de vingança não era algo que ela compreendia, pois jamais o sentiu antes. De trás dela veio um grito de dor e ela se virou, vendo um marinheiro estirado no convés após cair do cordame, agarrando uma perna quebrada e praguejando em profusão em uma língua que ela não compreendia. "Não se mexa!", ordenou ela, indo se colocar ao lado do marinheiro, guardando os blocos e o lenço nas dobras do manto.

A bordo de outro navio que navegava em outro oceano, um jovem estava sentado, em silêncio e imóvel, o rosto uma máscara vazia. Apesar de não se mover, ele causava medo naqueles ao seu redor; as ordens de seu mestre deixaram claro que despertar o interesse do jovem era um convite a uma morte rápida. Embora o jovem estivesse imóvel como uma estátua, dentro da camisa as cicatrizes em seu peito queimavam com uma agonia contínua e intensa.

Vaelin focalizou a canção em uma única nota pura, lançando-a através dos desertos, das selvas e do oceano que os separavam. *Vou encontrá-lo, irmão.*

O jovem se empertigou por um momento, atraindo olhares assustados daqueles que o vigiavam, e então retornou ao seu estado imóvel e inexpressivo.

A visão e a canção desapareceram, deixando-o sentado sob o sol escaldante. Uma nuvem de poeira se erguia no leste, logo se transformando em uma tropa de cavaleiros, a figura alta do Grão-Promotor Velsus à frente, cavalgando depressa, ansioso para reivindicar seu prêmio.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Dramatis Personae

O REINO UNIFICADO

A Casa Real de Al Nieren
Janus Al Nieren
Rei do Reino
Malcius Al Nieren
Filho de Janus, Príncipe do Reino, herdeiro do trono
Lyrna Al Nieren
Filha de Janus, Princesa do Reino

A Casa Nobre de Sorna
Kralyk Al Sorna
Primeira Espada do Reino, ex-Senhor da Batalha do Exército do Rei
Vaelin Al Sorna
Filho de Kralyk, irmão da Sexta Ordem
Alornis Dinal
Filha ilegítima de Kralyk

A Casa Nobre de Myrna
Vanos Al Myrna
Espada do Reino, Senhor da Torre dos Confins do Norte
Dahrena Al Myrna
Lonak abandonada, filha adotiva de Vanos

A Casa Nobre de Sendahl
Artis Al Sendahl
Primeiro-Ministro do Conselho da União
Nortah Al Sendahl
Irmão da Sexta Ordem, filho de Artis, companheiro de Vaelin

A Casa Nobre de Hestian
Lakrhil Al Hestian
Lorde Comandante do Vigésimo Sétimo Regimento de Cavalaria do Rei, posteriormente Senhor da Batalha do Exército do Rei
Linden Al Hestian
Lorde Comandante do Trigésimo Quinto Regimento de Infantaria, filho de Lakrhil, amigo de Vaelin
Alucius Al Hestian
Poeta e segundo filho de Lakrhil

AS ORDENS DA FÉ

A Sexta Ordem da Fé
Gainyl Arlyn
Aspecto da Sexta Ordem, superior de Vaelin
Sollis
Mestre espadachim e Irmão Comandante da Sexta Ordem, mestre de Vaelin
Caenis Al Nysa
Irmão da Sexta Ordem, terceiro filho da Casa de Nysa, companheiro de Vaelin
Barkus Jeshua
Irmão da Sexta Ordem, filho de um ferreiro nilsaelino, companheiro de Vaelin
Dentos
Irmão da Sexta Ordem, companheiro de Vaelin
Frentis Menino de rua e batedor de carteiras,

posteriormente irmão da Sexta Ordem, amigo de Vaelin
Makril
Irmão da Sexta Ordem, rastreador renomado e posteriormente Irmão Comandante
Rensial
Mestre dos Cavalos
Chekril
Mestre dos Cães
Hutril
Mestre de Caça
Jestin
Mestre da Forja

A Quinta Ordem da Fé
Elera Al Mendah
Aspecto da Quinta Ordem
Sherin
Irmã da Quinta Ordem, amiga de Vaelin, posteriormente Mestra dos Curativos
Gilma
Irmã da Quinta Ordem, vinculada ao Trigésimo Quinto Regimento de Infantaria
Harin
Mestre do Conhecimento dos Ossos da Quinta Ordem
Sellin
Irmão veterano da Quinta Ordem, porteiro da Casa da Ordem

OUTROS

Arranhão
Cão de escravos volariano, amigo de Vaelin
Cuspe
Cavalo de guerra de temperamento irascível, montaria

de Vaelin
Nirka Smolen
Capitão da Terceira Companhia da Guarda Montada do Rei
Sentes Mustor
Beberrão, herdeiro do Senhor Feudal de Cumbrael
Hentes Mustor
Irmão mais novo de Sentes, chamado de Lâmina Fiel
Lartek Al Molnar
Ministro das Finanças do Conselho da União
Dendrish Al Hendrahl
Aspecto da Terceira Ordem
Tendris Al Forne
Irmão da Quarta Ordem e servidor do Conselho para Transgressões Heréticas, posteriormente Aspecto da Quarta Ordem
Liesa Ilnien
Aspecto da Segunda Ordem
Theros Linel
Senhor Feudal de Renfael, vassalo de Janus
Darnel Linel
Filho de Theros, herdeiro do Senhor Feudal de Renfael
Banders
Cavaleiro e Barão de Renfael, servo de Theros
Gallis
Escalador, fora da lei e posteriormente sargento no Trigésimo Quinto Regimento de Infantaria
Janril Norin
Antigo aprendiz de menestrel, posteriormente porta-estandarte no Trigésimo Quinto Regimento de Infantaria
Bren Antesh
Capitão dos arqueiros cumbraelinos durante a Guerra Alpirana
Conde Marven
Capitão do contingente nilsaelino durante a Guerra

Alpirana

O IMPÉRIO ALPIRANO

Aluran Maxtor Selsus
Imperador
Seliesen Maxtor Aluran (***Eruhin***, **O Esperança**)
Filho adotivo de Aluran, herdeiro escolhido ao trono imperial
Emeren Nasur Ailers
Esposa de Seliesen
Verniers Alishe Someren
Cronista Imperial
Neliesen Nester Hevren
Capitão na Guarda Imperial
Holus Nester Aruan
Governador da Cidade de Linesh
Merulin Nester Velsus
Grão-Promotor Imperial
Ahm Lin
Escultor originário do Extremo Ocidente

APÊNDICE II

As Regras do Keschet

O *keschet* é jogado por dois jogadores em um tabuleiro de cem casas. Cada jogador começa o jogo com 1 imperador, 1 general, 1 erudito, 2 mercadores, 3 ladrões, 4 lanceiros, 5 arqueiros e 8 piqueiros.

No início do jogo, um jogador pode colocar qualquer peça em qualquer casa das três primeiras fileiras do seu lado do tabuleiro. O jogador oponente então colocará uma peça de sua própria escolha em qualquer casa das três primeiras fileiras do seu lado do tabuleiro. Todas as peças são então por sua vez colocadas no tabuleiro. O jogador que colocou a primeira peça faz o primeiro movimento.

Uma peça é tomada se a casa que ela ocupa for ocupada por uma peça adversária. O jogo é vencido se o imperador for tomado ou se o imperador for a única peça restante do jogador perdedor.

Qualquer peça em uma casa adjacente ao erudito fica protegida e não pode ser tomada.

- O erudito pode se mover uma ou duas casas em qualquer direção.

- O imperador pode se mover até quatro casas em qualquer direção.

- O general pode se mover até dez casas em qualquer direção.

- O arqueiro pode se mover até seis casas na vertical ou na horizontal.
- O ladrão pode se mover uma casa em qualquer direção. O jogador pode usar qualquer peça tomada pelo ladrão.
- O piqueiro pode se mover até duas casas na vertical ou na horizontal.
- O lanceiro pode se mover até dez casas na diagonal.
- O mercador pode se mover uma casa em qualquer direção ou até uma casa desocupada adjacente à casa ocupada pelo imperador na horizontal, na vertical ou na diagonal, se o caminho não estiver obstruído por outra peça.

AGRADECIMENTOS

Meus profundos agradecimentos a minha editora, Susan Allison, por arriscar-se como ninguém, e a Paul Field, que não me deixou pagá-lo pelo trabalho que teve em corrigir os muitos erros que entupiam o manuscrito original. Gostaria de mencionar também minha dívida imensa com os autores de todas as obras de fantasia que me divertiram durante os anos, ainda mais para com o grande e saudoso David Gemmell, sob cuja vasta sombra fico feliz em trabalhar.

Índice